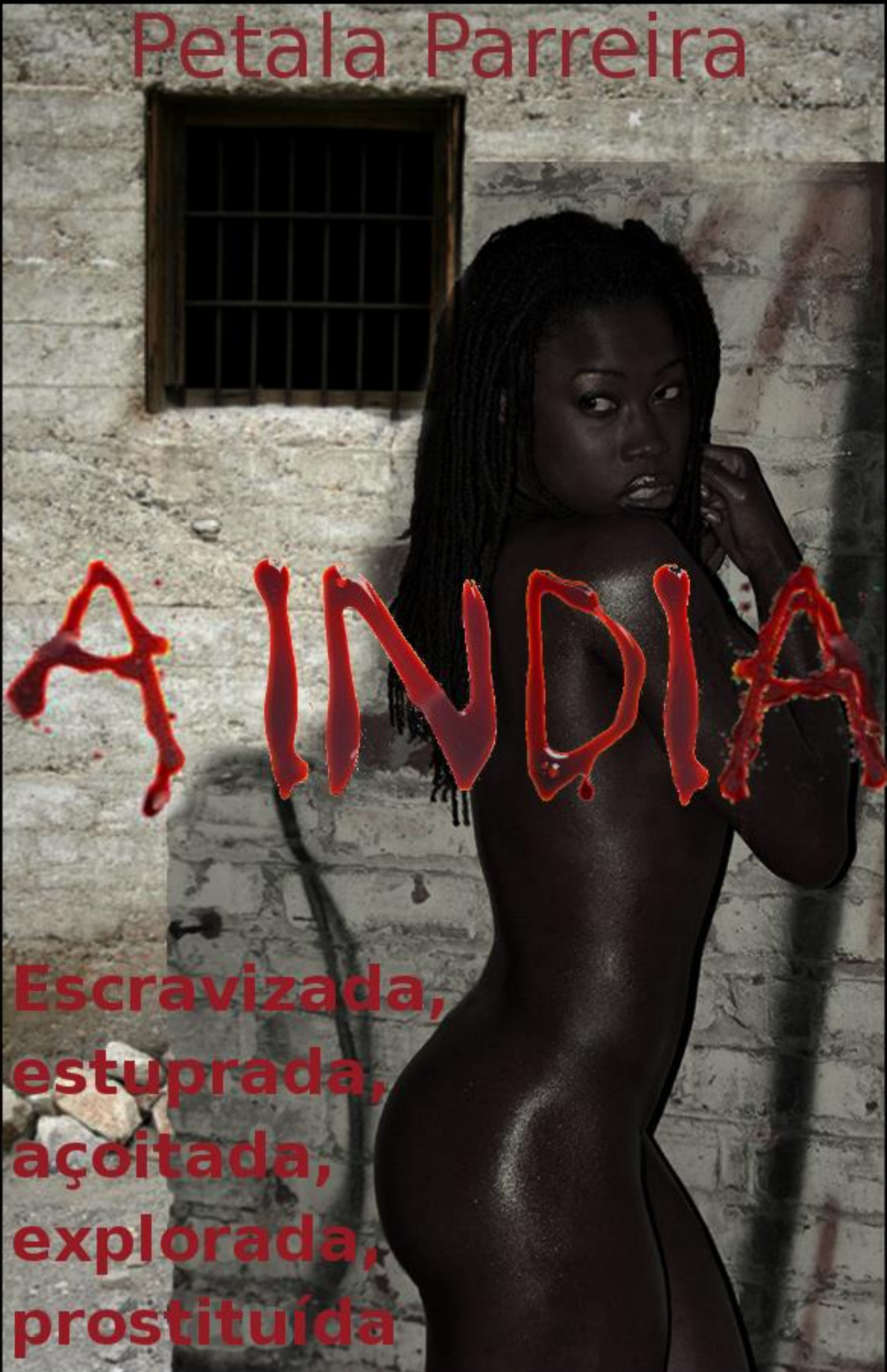

Petala Parreira
A INDIA
Escravizada,
estuprada,
açoitada,
explorada,
prostituída

Petala Parreira

A índia

A grande romance do auge da época da escravidão, sua crueldade sanguinolenta, sua hipocrisia, sua sexualidade pujante, prostituição ampla, política corrupta, submissão e paixão

Vila Velha, ES

2015

Agradecimentos:

Agradeço em primeiro lugar a minha amiga materna, mentora e colega falecida Gabriela Leite que sempre me encorajava e desenvolveu junto comigo a ideia para esse romance há muitos anos.

Em segundo lugar agradeço ao pessoal do Museu do Índio (RJ), do Museu do Estado de Pernambuco e da Fundação Joaquim Nabuco e a Elias Fonseca, Frederico Seider, Lúcia Pacheco Sampa e aos pescadores de Vila Velha, em cuja companhia escrevi parte desse livro.

"Se uma menina jovem é estuprada mais de 500 vezes ela para de ser ela mesma e vira puta de quem é responsável pelos estupros. Se sente escrava, objeto e propriedade dele, deixa de ser pessoa e vira mercadoria. Meninas liberadas de tão martírio voltam muitas vezes voluntariamente para o seu seviciador depois de serem liberadas porque a escravidão virou normal para elas e é a maneira de viver que elas conhecem e dominam."

(Ceyla de Wilka)

Meu irmão foi o primeiro a estranhar. Ainda com a mão encostada nas costas da capivara morta pelo tiro dele deu o sinal com a outra mão em riste para os colegas da caça, pasmando os olhos na moita. Segurou a sua espingarda, uma arma pesada que compramos há dois anos de um marinheiro, que chegou ao porto com um negreiro, que trouxe duzentos escravos e ficou por cinco dias.

O nosso cachorro não estava cheirando e investigando a capivara como os outros cães, mas ficou parado uns três metros antes da moita e latiu. Foi um grupo de uns seis arbustos, e na frente deles uma pequena rocha impedia o acesso e a visão. Quando ficamos em silêncio, olhando para a moita, também os outros cachorros estranharam o comportamento e foram ao lado do nosso cão, e encorajados pelo número maior avançaram por dentro da moita. Aí ouviu-se um grito e saiu uma moça ou garota. Foi uma índia, toda nua, mas logo pensei que deveria ser uma princesa, porque ela saiu com tanta majestade, irradiando uma autoridade muito grande. Além disso foi alta e de uma beleza impecável, com um corpo esbelto e escultural, cabelos lisos e longos e peitos firmes e altos.

Ao grito dela os cachorros recuaram, e ela levantou a mão como um juiz ou alto funcionário ou o próprio rei, e logo os cachorros emudeceram. Ela falou mais algumas palavras, e os cachorros recuaram mais uns cinco metros. Nesse momento saíram do outro lado da moita três jovens, certamente amigas, e começaram a correr em direção à mata. Certamente foram índias curiosas que se esconderam atrás dos arbustos para observar nos brancos na caça.

A líder bela, sem deixar os cachorros da vista, saiu mais da moita, foi ao redor dela e começou a seguir as amigas. Neste momento um de nossos companheiros, um garimpeiro jovem chamado Isidoro, pulou no cavalo e chamou a gente para seguir as meninas. Demorou pouco, e já todos estavam ao encalço das moças que por pouco ainda não alcançaram a mata densa. Vi um dos companheiros pegar no laço, e logo peguei também em meu. Sacudi-o e quis arremessá-lo em cima da moça bonita, mas neste momento ela caiu presa no laço do Isidoro.

Logo mudei a estratégia e aproximei-me às outras meninas. Dois dos nossos tentaram cortar-lhes o caminho, mas foi tarde, e duas escaparam. Aquela que sobrava virou-se para escapar dos dois e virou uma prenda fácil para mim. Puxei-a

com o laço para mais longe da beira da mata, pulei do cavalo e amarrei-a com ajuda dos dois outros.

Depois olhamos a outra moça. Mesmo jogada ao chão e sendo amarrada por mãos rudes que sem reverência tocaram-lhe os peitos e a fendinha dócil entre as pernas, não prescindiu de seu orgulho natural que mesmo neste estado deixou a perceber que deve ter sido uma princesa ou outra pessoa de destaque. Mas parecia que os outros não repararam nada disso. Pelo menos trataram-na como uma meretriz ou escrava, deram lhe tapas no rosto e amassavam-lhe os peitos, a bunda e as partes entre as pernas.

Mas Raimundo, o serralheiro, que estava com a gente, lembrou do perigo: "Se tiver essas garotas aqui, pode ser que toda a tribo delas fica escondida nesta mata e poderia atacar a gente."

Por isso colocamos a capivara depressa em um cavalo, fixamos as garotas com cordas de uns cinco metros na garupa das selas de dois cavalos e fomos embora. Cavalgamos rápido e as garotas tiveram que meter as pernas para não caírem e serem arrastadas. Fiquei mais para trás para puder observar os corpos nus em ação, as nádegas redondas e os seios em bamboleio

forçado pela correria danada. Assim passamos também o riacho, puxando as duas moças à força pelas águas, e depois de uns trinta minutos paramos em cima de um morro, de onde a vista se espraiava pelo longe.

As duas mulheres, ou seja, meninas, estavam suadas e arquejavam fortemente. A menor caiu ao chão, sucumbindo à exaustão, mas a outra continuava em pé como uma rainha em meio ao seu povo, como nós fossemos os soldados e servos dela. Isidoro mostrou ao chão e mandou para ela se deitar também. Talvez ela não entendesse a nossa língua, pelo menos continuava em pé e fitou o Isidoro sem raiva, mas continuando garbosa e com firmeza. Engoli seco reparando na beleza extraordinária dessa face. Os olhos pareciam de um anjo, tão limpos, claros e sinceros, e cheios de benignidade, mas também de vigor. Neste momento comecei a admirá-la e acho que me apaixonei dela.

Mas passado este momento Isidoro repetiu suas palavras, e quando a índia altiva não reagiu, bateu-lhe com a mão no rosto e empurrou-a até que caiu no chão. Já que ela estava com as mãos amarradas não teve defesa e enrolou-se no chão para se proteger. Mas Raimundo colocou o pé em cima da canela esquerda da índia, fixando-a

na terra, e outro homem segurou a outra perna da mesma maneira. Imobilizada a moça, Isidoro deu lhe mais dois tapas e pegou nos peitos, enquanto outros começaram a apalpar o corpo inteiro. Fiquei estarrecido, com dó da garota, mas logo o sentimento mais forte foi o medo de perder algo e apertei-me entre os outros tentando tocar neste corpo maravilhoso.

A pele foi quente, lisa e muito gostosa. Quando os outros liberaram um espaço podia sentir também os peitos e admirei a firmeza. O colo foi quase todo liso, e a pele era macia e gostosa como algo muito precioso. A grossura dos homens contrastou com a elegância e galhardia natural dessa princesa desconhecida e fiquei revoltado vendo estes homens ordinários e vis ofendendo a nobreza da moça com suas mãos curiosas, mas sendo eu o mais novo do grupo preferi dizer nada.

Não demorou e todos ficaram muito excitados pela nudez, a implacável beleza, o calor e a lisura dessa pele maravilhosa e a visão da vagina entreaberta entre as pernas forçadas aos lados pelos pés dos que pisavam nas canelas da moça. Isidoro começou a abrir caminho entre esses lábios lisos e dóceis do ventre, mergulhando seu indicador na carne quente e firme. Coloquei as

mãos nos peitos da princesa, querendo protegê-los dos ataques brutais dos outros, mas estes concentravam-se agora mais nas entradas entre as pernas. De repente senti como os mamilos ficaram duros e se erigiram.

Retirei as mãos para observar o espetáculo, mas neste momento Raimundo jogou-se em cima da índia e começou a estuprá-la. Mas logo Isidoro interveio reclamando o seu direito de propriedade na presa dele. Os homens começaram a brigar. Isidoro achava que a escrava seria dele e ele queria levá-la em casa. Mas os outros responderam que todos ajudaram e por isso a presa deveria ser de todos. Isidoro chegou a dizer que iria apelar ao juiz de paz no próximo município se os outros estuprassem a sua escrava. Aí meu irmão disse que ele nem teria condição de manter e vigiar uma escrava, e que ela fugiria logo. Aí Isidoro disse que queria usá-la pelo menos uma noite e depois iria vendê-la.

Ouvindo esta resposta meu irmão fez-lhe uma proposta: “Se você não deixa a gente transar com ela, embora que nem tiver condição de ficar com ela, quem sabe aceita uma troca. Eu te dou a capivara, que matei, e você me dá a selvagem. E eu garanto a vocês todos que podem transar

com ela. Até vou deixar que você seja o primeiro."

Todos aplaudiram a esse plano. Só Isidoro hesitou ainda porque não achou esse conluio vantajoso para ele, mas os outros o queriam convencer. Enquanto ele ainda discutiu, outro homem perguntou a meu irmão o que ele faria depois com a moça.

Realmente, eu também já pensara nisso. Meus pais eram donos de um barzinho, que andava bem. Não era difícil fazer sucesso em um vilarejo onde 80% dos homens não tiveram família e gastavam seu dinheiro suado com puteiros e barzinhos. Meu pai teve só duas prostitutas no barzinho dele, mas já a presença de minha mãe deu um toque diferente ao ambiente no bar e atraiu os homens. Ela nunca foi prostituta, mas é mulher, e em um povoado cheio de solteiros já a mera conversa com uma mulher tem um valor muito grande para os homens. Também os salgadinhos feitos de mãos femininas são muito mais gostosos.

Meu irmão disse que iria ver com meu pai, como a gente poderia usar a selvagem da melhor forma, seja como puta ou como ajudante no barzinho ou seja para outros fins. De qualquer

forma teria alguém para se aliviar até, quem sabe, um dia arranjar uma esposa de fora. Os outros gritaram logo que seria o melhor usá-la como puta, e que deveriam como amigos ter um preço especial. Meu irmão disse que quem decide seria o pai, mas que com certeza o preço seria bem mais barato do que nos puteiros e que a gente poderia fazer um pacote especial para a turma. Concluiu: “Vou pedir ao meu pai que o Isidoro possa comê-la sempre de graça.”

Ouvindo mais essa oferta generosa Isidoro finalmente aceitou o conluio e rendeu a presa. Todos aplaudiram e antes de mais nada Isidoro abaixou as calças e se deitou em cima da garota linda.

Fiquei chocado pelas duas razões, porque estuprou uma moça tão nobre que talvez fosse uma princesa, e porque não teve pejo de fazê-lo visto por nós todos. Observei a bunda cabeluda dele se mexer entre as coxas lindas e lisas da índia e virei-me enjoado. Vi a outra menina, que, recuperando-se da corrida, voltou a sentar e olhar a cena brutal. Ouvi a voz de Raimundo:

“Cuida de sua prenda, senão ela vai fugir.”

Só então me dei contas de que os outros consideravam a menina minha propriedade,

porque o laço fora meu. Fui ao encontro dela, e Raimundo seguiu-me. Ela estava com as mãos atadas, mas as pernas estavam soltas. Colocamos uma corda ao redor do pescoço dela e amarraram-na em um caule alto, atrelada como uma cadela. Depois Raimundo fez um nó muito apertado ao redor dos punhos e cotovelos dela e protestei: “Você está cortando a circulação do sangue.”

Raimundo riu e respondeu: “E quem se importa com as mãos dela?”

“Eu me importo, porque ela será minha escrava.”

Raimundo pegou nos peitos da menina e comentou: “Você está de parabéns que conseguiu prendê-la, mas não sei para que um bucho feio assim poderia servir.”

Realmente, os peitos ficavam esquisitos, muito longe um do outro e desiguais. Olhei o resto do corpo. Também as pernas não eram muito bonitas; foram magras e musculosas, mas de um jeito pouco feminil. A bunda era pequena e a bucetinha muito fechada e curta. Mas o pior era o rosto. Os olhos e a boca eram pequenos, e a bochecha direita foi cortada por uma cicatriz feia.

Raimundo começou a beliscar o peito e observou com interesse a face da menina. Ela mordeu o lábio inferior e fechou os olhos para lidar com a dor e Raimundo sorriu. Eu quis chamar a atenção por tratar-se de minha propriedade, mas de repente Raimundo perdeu o interesse e olhou para os outros.

Depois de Isidoro outro homem estuprara a índia, e quando este se esvaziou nela Raimundo me deixou e correu para ser o próximo a tomar posse da garota. Ela suportou tudo sem chorar, e eu sentava triste aos pés da minha presa olhando a bela princesa sendo sujada pela horda dos nossos e transformada de uma princesa pura e galharda em uma rameira suja e reles.

Olhei para o peito pequeno e triste de minha presa. Agora ele mostrou ainda o vestígio do beliscão, mas aproximou-se aos poucos da forma anterior. Pensei em tocar o peito só para marcar território, mas senti nas mãos ainda o toque gostoso dos peitos da princesa e não queria obscurecer a lembrança.

Depois de Raimundo chegou a vez de meu irmão, e depois os outros três homens ou rapazes presentes submeteram a índia. Finalmente chamaram a mim. Não quis ir, mas fui o mais

novo neste dia e os outros o tomaram por timidez e exortaram-me até eu ceder. A um lado achei muito bom ter a oportunidade de transar com uma moça tão bonita e elegante, que talvez fosse até uma princesa, mas ao outro lado tive medo de brochar ou fazer feio na frente dos homens adultos, e também tive dó da índia e tampouco queria que ela pensasse que eu fosse uma pessoa ruim.

Por isso esperei até os outros me exortarem muitas vezes, para a princesa reparar que sou diferente e só cedi pela pressão dos outros. Eles me desafiavam dizendo que eu deveria ser broxa ou bicha se não sentiria vontade de possuir uma puta linda igual a essa.

Cuidava que a índia entenderia que, assim desafiado, não tive escolha e tive que provar a minha virilidade transando com ela. Para a índia ouvir disse bem alto: “Realmente, ela é muito bonita.” E depois me deitei nela.

Mal tocado a pele divina senti uma excitação irresistível. Apertei meu corpo no da garota tão nobre e tão vil e lamentei que estava de camisa e não nu para sentir esse corpo real mais nitidamente. Beijei o rosto querido muitas vezes e apertei a menina em meus braços com força

quando esguichei minha carga fundo na barriga dela.

Meu irmão entregou a capivara a Isidoro e pegou a sua prenda. Mandou-a levantar-se e fixou o fim do laço novamente na sela. Porra misturada com sangue fluíram-lhe da vagina, passando as pernas até ao chão. A moça parecia muito enfraquecida e cambaleou nas pernas até sucumbir e ficou de joelhos no chão. Nada mais de princesa, agora era uma puta suja, pensei triste.

Isidoro colocou a capivara no cavalo, e meu irmão perguntou a mim: “O que você quer fazer com sua presa?”

Respondi: “Não sei, será que possa ser útil para o barzinho ou possa ser vendida?”

“Dificilmente alguém vai gastar dinheiro por uma bruxa feia dessas. E no barzinho... duvido que o pai quer uma bruaca no barzinho, mesmo para lavar e trabalhar. Afinal de contas essas selvagens são sempre perigosas e a gente tem que cuidar bem delas. Acho que nesse caso nem vale a pena. Já demos uma lição a elas, pode

soltá-la para ela contar na sua tribo o que acontece com índios curiosos e atrevidos demais.”

“Soltar?” Raimundo admirou-se. “Soltar sem mais, sem nem estuprar nem castigá-la?”

Meu irmão riu: “Bom, se você quiser, transa com ela. Eu, pelo menos, prefiro a outra.”

“Claro, a outra ganha dez vezes por cima desse bucho, mas deixá-la escapar sem lhe mostrar o que é um bom estupro e para que uma índia tem buracos...”

“Fica à vontade, a gente espera.”

E assim Raimundo e mais um homem estupraram a minha índia. Foram bem mais brutais do que com a outra. Sendo eu o dono deveria protestar, mas já que iria soltá-la de qualquer jeito não me importei mais.

Quando eles estavam prontos quis soltar a índia, mas um homem falou: “A gente falou em dar uma lição a elas para os índios saberem que curiosidade e travessia serão castigadas.”

“Pois é, essa puta feia vai contar que foram punidas devidamente.”

“Você acha que uma menina vai contar que foi estuprada? Uma menina tem vergonha disso e

não fala nada. E assim ninguém dos índios vai saber da lição que nós demos neles."

"Mas você pensa que as selvagens sem educação têm a mesma vergonha como as mocinhas brancas? Elas devem ser bem grossas e estúpidas."

Raimundo se intrometeu: "Pelo sim, pelo não seria bom infligir uma punição que fica visível para cada um. Que tal pespegar uma boa porrada de açoites na pele dela para as marcas contarem a todos os índios da nossa justiça. E cortar um dos peitos horríveis ou outras coisinhas para diminuir a feiura dessa bruaca."

Todos riram, mas Isidoro disse: "Cortar peito de mulher não é coisa de cristão não."

"E quem é cristão? Minha igreja é o barzinho, e minha eucaristia são as putas no prostíbulo," Raimundo gabou-se, mas meu irmão repreendeu-o:

"Cuidado. Parece que você é até muçulmano ou canibal com essas atitudes. Vamos só açoitar a cadela e deixá-la aqui para os índios a acharem deste jeito."

A moça foi novamente amarrada pelas mãos no caule, mas desta vez assim que só alcançou o

chão com as pontas dos pés. Os últimos raios do sol banharam a moça em uma luz vermelha, e assim tudo parecia com uma cena de um teatro.

Depois Raimundo pegou um chicote e começou a bater no corpo nu e indefeso. A índia mordeu os lábios para não gemer e chorar, e tentou defender-se contra as mordidas do chicote com as pernas e com mexidos do corpo. Esses movimentos grotescos animaram ou até excitaram outros e logo um dos outros homens postou se atrás da garota. Quando ela se concentrou para escapar ou diminuir a força de um açoite vindo da frente, outro homem descartou um golpe em sua bunda ou nas costas.

Com o tempo mais homens descobriram como era divertido arremessar uma tira de chicote ou relho na pele de uma menina nua. O crepúsculo com sua luz misteriosa deu à índia torturada até um laivo de beleza, e finalmente a garota abriu a boca e começou a gemer e chorar. Os gritinhos, gemidos e soluços, no entanto, tiveram o mesmo efeito dos estalos das tiras na pele nua: excitaram os homens mais e mais.

Imaginei que ela deveria estar sangrando, mas o crepúsculo não permitiu vislumbrar os detalhes. Não queria mais ver a agonia da garota e passei

para onde estava a outra índia. Ela estava agora sentada e olhou o chão. Peguei o cabelo lindo dela e senti a lisura encantadora. Queria consolar a menina, beijá-la, transformá-la de volta em uma princesa.

Infelizmente outros seguiram-me com os olhos, e Raimundo colocou uma mão entre as pernas e gritou exausto pelo flagelamento: “Santa Maria, estou duro como uma pedra. Preciso me esvaziar urgentemente.”

E com uns saltos estava comigo e jogou-se por cima de minha companheira linda. E quase todos seguiram o exemplo, flagelaram a jovem coitada até ficarem com tanta excitação que não aguentaram mais e correram para a outra jovem deitada com as pernas abertas no mato.

Alguns, no entanto, não acharam logo um espaço e sem puderem coibir o jato ejacularam por cima da face da ex-princesa.

Desta vez ninguém insistiu para eu participar. A confusão era muito grande, e meu irmão e Isidoro interpelavam para montar os cavalos porque a noite irrompeu.

Fiquei com dó da jovem que tinha que correr, nua, descalça e atrelada por uma corda ao redor de seu pescoço cujo outro fim estava preso na

sela do cavalo de meu irmão, e sem puder ver muito na escuridão. Normalmente se leva uma presa pelas mãos que seriam presas por cordas de uns metros em uma sela, mas ninguém se deu ao trabalho de desamarrar-lhe as mãos, que ficaram ainda amarradas nas costas, forçando-a a uma corrida com gingas desajeitadas. Justamente por isso os homens ficaram atrás dela observando a corrida desajeitada e caçoavam dela, e alguns mais atrevidos deram-lhe algumas chicotadas para melhorar a velocidade.

A colega dela ficou atrás, amarrada no caule. Imaginei-a cheia de sangue, uma vítima fácil de lobos, gralhas, onças e muitos pernilongos, moscas e outros insetos. Ninguém prestou atenção em mim, e fiquei atrás, voltei ao lugar do suplício e cortei o laço pendurado do caule. A garota caiu na terra. Iria liberar-lhe também as mãos, mas tive medo que ela poderia se recuperar e me atacar. Dei uma última olhada nela, como ela deitou tão frágil no chão e de repente nem a achei mais tão feia. Na escuridão parecia até aceitável. Pensei que eu era ainda o dono dela. Passei a mão no rosto dela e senti umidade. Pensei que foram lágrimas. Queria que

ela soubesse que sou um dono bom e dei um carinho nos cabelos dela.

Toquei até em um dos mamilos tortos. Como alguém podia ter a vontade de cortar um peito? Estremeci e tive a impressão de desvendar um segredo obscuro e terrível. Assustei e recuei, montei o cavalo e enterrei as esporas nele para ganhar tempo e alcançar os outros.

Quando chegamos em casa meus pais já ficaram assustados por nossa demora. Ficando ao par do assunto decidiram sobre o destino da presa. Meu pai reconheceu que era a escrava de meu irmão, mas achava que uma selvagem poderia ser perigosa como uma onça. Por isso não a deixou com nossas outras putas, que dormiram no quarto de fundo do bar, onde também atendiam a clientes, mas trancou-a em um estábulo.

Atrás da casa a gente teve um pequeno quintal, e ao redor dele estábulos para galinhas, patos, dois ou três porcos, uma vaca, dois cavalos, três cabras e um cachorro. Antes a gente teve também um bode enorme, mas ele ficou velho e morreu uns dias antes. Ele teve um estábulo minúsculo só para ele para ele não molestar as cabras o tempo todo. E neste lugar colocamos a selvagem.

O estábulo não era muito maciço, por isso o bode ficou sempre acorrentado, mas o tamanho do pescoço do bode não servia para a índia. Por isso tivemos que amarrá-la muito bem. Minha mãe morreu de medo por tiver que dormir tão perto de uma índia indomada e por isso amarramo-la com cuidado muito exagerado. Três cordas ao redor das mãos, três ao redor dos pés e um laço grande ao redor do corpo inteiro. Ao redor do pescoço colocamos uma tira de couro, e nela fixamos a corrente que antes segurou o pescoço do bode. Assim ela ficou toda imóvel e nós a deixamos em cima do feno escasso que ainda estava no estábulo. Para afugentar de vez todas as ideias controversas aos nossos planos, que talvez infestassem a cabeça da escrava nova, meu irmão despachou umas cinco chicotadas fortes na pele nua ou nas partes da pele, que não foram protegidas pelas cordas, trancou o portão e fomos dormir.

Sonhei que estivesse de novo com os companheiros naquele morro onde açoitaram minha escrava. Só que desta vez ela virou com cada golpe mais bonita. Os últimos raios do sol brilharam na pele da índia e ela gemia e sacudia o corpo, e os seios caíram e balançaram de um modo sedutor. Todos se excitaram e queriam

voltar à princesa índia para estuprá-la. Ela, no sonho, ficou novamente protegida por uma beleza impecável e uma aura nobre e virtuosa ainda indene. Parecia que os outros nem reparavam que também minha escrava virou mais bela e só tiveram olhos pela outra.

Queria proteger a princesa dos estupradores e chamei atenção para a beleza de minha escrava, e para melhorar ainda mais o efeito peguei um relho e comecei a chicoteá-la sem dó. Pensei que eu não deveria pensar em mim, mas deveria sacrificar minha propriedade para salvar a princesa. Minha escrava pediu por misericórdia, mas eu não parei. Pequenos sulcos abriram-se e o sangue começou a correr pelo seu corpo, reunindo-se com as correntes de lágrimas. Os outros ficaram admirados vendo a transformação, estacados no meio entre as duas moças, mas fitando os olhos em mim e na minha escrava.

Meus braços começaram a doer, mas tive medo que o feitiço acabaria assim que parasse de bater e continuei sacrificando-me, para ninguém tocar na princesa.

De repente apareceu meu pai, e ele ficou muito bravo comigo, pegou o relho das minhas mãos e

começou a bater em mim. Fechei os olhos e não me defendi, esperando que as chicotadas tivessem o mesmo fascínio para os espectadores, mas eles se voltaram e pegaram na índia. Gritei atrás deles e para meu pai tomar providência para proteger uma princesa, e acordei assustado.

A noite estava clara, de vez em quando ouviam-se latidos e um canto estranho e suave. Nosso cachorro, de vez em quando, acompanhava a melodia misteriosa cainhando baixinho. Achei estranho e desci para a porta do fundo. Percebi que o canto teve a sua origem em nosso quintal. Desconfiei logo da índia e pensei logo na minha mãe que costuma ter um sonho bem leve e acorda facilmente com ruídos incomuns. Por isso acordei logo meu irmão e disse: “A sua escrava canta.”

Ele murmurou um monte de palavras ininteligíveis, mas finalmente levantou-se e descemos para o quintal. Tive medo de encontrar a índia sem amarras, mas tudo estava como antes, quando abrimos o pequeno portão para o estábulo. Meu irmão pegou o relho e deu três vezes na presa, e ela emudeceu. Fomos embora para a casa, colocamos a fivela no portão da casa, mas quando chegamos ao quarto de meu irmão o canto recomeçou.

Voltamos então e meu irmão deu quatro vezes nela, e ela parou. Mas mal chegados à casa novamente a índia levantou seu canto melodioso e gostoso, que, porém, tivemos que interromper pelo amor a nossa mãe.

Meu irmão deu cinco golpes na presa, e depois entrou no barzinho e procurou as duas putas. Estavam acordadas porque a alcova delas encostava com o estábulo do bode.

Explicou a situação e mandou-as tomar previdência. Por isso colocaram-se de pé ao lado do estábulo, e quando a índia começou a cantar de novo, entraram logo e deram umas chicotadas nela. Deitei na minha cama e escutei. A um lado torci para ouvir mais vezes esse canto gostoso e suave, ao outro lado almejava que ela parasse para não receber a punição cruel. Ouvi-a só duas vezes. Adormeci, e por isso não sei, quantas vezes ela cantou ainda, mas nas outras noites nunca mais ouvimos o canto dela.

Na outra manhã meu pai informou ao meu irmão como era a decisão dele sobre a maneira de aproveitar a escrava. Já que era uma selvagem indomada que nem entendeu, ao que parecia, a nossa língua, não poderia trabalhar no barzinho

com as outras putas. A gente poderia dar um jeito no estábulo e ela ficaria presa nele e atenderia nele aos clientes. Claro que a gente não poderia cobrar o mesmo preço como pelas outras putas; meu pai pensou em um terço do preço do mercado.

Meu irmão, como dono da puta, iria receber 20% do dinheiro, e os companheiros que estavam juntos na caça receberiam 50% desconto.

Iriamos tentar reformar o estábulo em um ou dois dias para não perder tempo. Durante esse tempo a selvagem ficava exposta em uma gaiola para transportar animais, que meu pai emprestou e colocou no barzinho. A gaiola mediu um metro de comprimento, e meio metro de largura e altura e ela teve que dobrar-se para caber. Teve as mãos livres e agarrou-se na grade como uma macaca a não ser que ela tentou defender-se com as mãos, quando homens brincalhões e gaiatos a cutucaram ou picaram com chuços ou outras coisas para enfezá-la e divertir-se com as reações desajeitadas. A notícia que o povo podia ver uma selvagem presa por perto correu a cidade e quase todos chegaram. Muitos compravam algo no barzinho, mas mesmo assim ganhamos muito e minha mãe teve que trabalhar

muito fabricando salgadinhos, já que nós homens estávamos dando um toque no estábulo. Conseguimos muito em um só dia, também graças a alguns amigos que ajudaram, e meu pai anunciou que a inauguração seria na outra noite.

A gaiola encontrou-se no chão, portanto os espectadores tiveram que abaixar-se a ela para verem de perto, e se tiver muitos homens, a maioria não avistava nada. Por isso Raimundo trouxe uma corrente e penduramos a gaiola na trave forte no meio da sala como a gaiola de um papagaio. Agora a selvagem ficou numa altura bem alcançável e os homens divertiram-se muito com ela. Aconteceu que eles a cutucaram com um chuço e ela se defendeu, estendendo a mão pelas frestas pegando o chuço. Mas os homens aproveitavam para pegar em seus punhos e segurá-las, às vezes tirando todo o braço fora da gaiola, e assim a selvagem ficou sem defesa, a face apertada desajeitadamente contra as grades.

Em baixo teve também só as grades, e ela ajoelhava em cima delas como uma galinha engaiolada, e malandros galhofeiros, às vezes, agacharam ou sentaram-se em baixo da gaiola para atacar a índia também desse lado. Claro que assim suas chances de defesa eram bem diminuídas, porque os homens atacaram de seis

lados e ela teve só duas mãos, e quando conseguiram ainda por cima segurar seus punhos, ficava toda entregue às dezenas de mãos dos espectadores. De vez em quando meu pai gritou: “É só para olhar!”

Aí todos recuaram, mas geralmente não demorava e tudo continuava como antes. Os homens ficaram excitadíssimos e as nossas duas putas tiveram muito trabalho para dar conta do fogo entre as pernas dos homens, e nós ganhamos uma fortuna. Além disso, todos queriam experimentar uma boa foda com a selvagem e para acelerar os preparos, muitos colaboraram para o estábulo ficar pronto quanto antes.

Na noite meu pai testou a índia. Como dono de um barzinho com prostitutas era seu dever supervisionar as meninas, e para isso teve que testá-las. Minha mãe sabia que o trabalho de meu pai era assim e nunca reclamou. Mas com certeza tivesse feito escândalo se meu pai a traísse com uma mulher normal.

Ela é uma companheira muito boa para meu pai. Era órfã de Portugal e foi mandada para o Brasil para casar-se com 15 anos com meu pai. Seguiu-o para vários lugares até chegarem para esta

cidade recente. Construíram o barzinho há dez anos, que no início quase só vendeu bebidas. Depois de meu pai adquirir a sua primeira prostituta chegaram bem mais pessoas, não somente para se divertirem com ela mas também para comerem, aproveitando a presença de uma mulher que faz um ambiente diferente. Os homens em tais lugares já se emocionam se só ouvem a voz de uma mulher.

O barzinho andava bem, mas a puta foi morta por um pistoleiro que matou três homens e atingiu acidentalmente a garota. Já que sabiam agora quão importante fora a presença de uma mulher, minha mãe assumiu corajosamente a função e ficou mais no barzinho, assim que as comidas, que foram feitas na cozinha da nossa casa, foram feitas por mim e meu irmão, já que não teve outra menina em casa. Quero deixar bem claro, que não queria dizer, que minha mãe fez programas. Ela só fazia as comidas, vendia bebidas e conversava com os clientes.

Com o tempo meu pai arranjou duas putas novas, e a gente começou a viver melhor. Com o tempo elas ficavam bem dóceis e obedientes, e minha mãe podia se retirar muitas vezes do barzinho para cuidar da cozinha, que deu em maior liberdade para nós rapazes.

No outro dia terminamos os trabalhos, e à tarde chegou o serralheiro Raimundo para adaptar a corrente. Ele já forjou o aro para o pescoço antes, aproveitando o antigo aro do bode. Raimundo foi muito prestativo desde o primeiro dia e teve muitas ideias. O chão de tábuas grossas foi construído assim que o lado oposto à entrada ficou uns 10 centímetros mais alto. Desta maneira seria sempre muito fácil limpar o chão com água, que fluiria para fora. Na parede oposta à entrada foi fixada a corrente de pouco mais de um metro, que segurava o aro do pescoço. Assim a garota iria atender deitada com a cabeça para cima e os pés perto do portão, e ela poderia se sentar também neste lado. Se quisesse ficar em pé só poderia ficar perto da parede, para mais a corrente não dava.

Raimundo fez também braceletes e aros para os tornozelos, que deviam ser finos para excluir o risco de a selvagem ferir clientes, seja de propósito, seja por movimentos descontrolados no calor do sexo ou seja quando caipiras rudes causassem lhe dores ou sustos. As correntes, que seguravam os braceletes, ficavam presas nas paredes laterais e o comprimento delas foi limitado assim, que a moça teve só uma liberdade pequena e bem definida. Assim podia

cumprir certas tarefas, mas se queria atacar um cliente seria atrapalhada decisivamente. Tinha mais duas correntes nas paredes laterais. Por enquanto os pés da escrava ficavam livres, já que ela deveria ser capaz de mudar a posição segundo os desejos dos fregueses, mas se ela por acaso não abrisse devidamente as pernas para atender bem e mostrar aos clientes seu respeito, o cliente poderia usar o relho, que ficava sempre à disposição para tais casos, ou fixar os aros dos tornozelos nas correntes para as pernas ficarem bem abertas.

Raimundo não recebeu dinheiro por todo seu trabalho inteligente, mas ganhou o direito de poder usar a índia dez vezes de graça. À tarde, quando tudo ficou pronto, trouxemos a selvagem do barzinho para seu estábulo, e meu irmão e Raimundo testaram tudo, inclusive transaram com a escrava.

Mais exato: eles estupraram-na. Mas foi também a instrução necessária para ela aprender para não fazer feio com os clientes. Instruíram-na com ajuda do relho para abrir bem as pernas e fazer um programa razoável.

Depois convidaram também a mim. Na verdade, teria gostado ficar sem aceitar o convite, porque

queria lembrar-me da índia assim como ela era antes, uma princesa linda e forte da mata. Cada vez ela virava mais reles e torpe. Tentei ganhar tempo, mas por mais tempo que passou mais forte virou meu tesão, e não teve outras garotas. Sucumbi finalmente e estuprei a garota. Sei que foi um estupro, embora que tentei ser bom para com ela. Dei-lhe carinhos. Queria até beijá-la, mas ela não ofereceu a boca, e eu não queria usar o relho como os outros. Pelo menos abriu bem as pernas, mas não deu para saber se fez porque gostava de mim ou simplesmente porque teve medo do relho.

Quando saí encontrei os três irmãos Oliveira, que tiveram uma mina pequena no leste da cidade. Pensei que eles queriam visitar meu irmão, já que um deles era amigo dele, mas eles responderam que estavam fazendo fila para desde cedo garantir um lugar para experimentar a puta nova. Fui buscar meu pai para eles puderem comprar os bilhetes, mas quando voltei com ele já encontrei mais quatro homens querendo o mesmo. Meu pai perguntou logo se a índia já foi preparada, e quando confirmei resolveu liberar a nossa puta nova já logo, embora que estávamos uma hora e meia antes da inauguração anunciada no dia anterior.

Mas meu pai teve toda a razão, porque aos poucos chegaram cada vez mais homens interessados. Nova carne atrai sempre, ainda mais em uma cidade como nossa, quase sem mulheres e também ainda com poucas putas. Mas também o fato que eles podiam observar a selvagem antes na gaiola excitou muitos, e o preço muito barato convenceu os indecisos. Pouco depois do escurecer a gente já teve cem pessoas fazendo fila, e meu pai encerrou a venda de bilhetes para hoje.

Nem todos tiveram nessa altura do mês ainda dinheiro, mas alguns trouxeram produtos, e em casos muito vantajosos meu pai aceitava o cambalacho. E os mineiros e alguns outros pagaram com ouro. Além de um bom dinheiro que daria para comprar um armário ou uma vitela ou um porco ou um lindo vestido para minha mãe, ganhamos nesta noite ainda 16 galinhas e uma cabrita.

Mas o nosso lucro não ficou só nisso, porque a fila era muito grande e enquanto esperavam os homens compravam bebidas e também, às vezes, comida, e alguns dos que nem ganharam mais um bilhete para este primeiro dia compravam os serviços das outras duas putas. Assim a gente teve um lucro muito grande.

As duas putas praticamente não recebem nada. Uma delas era filha ilegítima de um fazendeiro com uma escrava negra, e meu pai a comprara. Sendo ela uma escrava não recebe nada do aluguel, que os fregueses pagam para poderem usar nossa escrava, mas se alguém lhe dá uma gorjeta, meu pai lhe permite ficar com a metade dela para incentivá-la a atender sempre com dedicação e boa vontade. Por isso ela tenta sempre agradar aos homens para ser considerada digna de uma gorjeta. A outra não era escrava, por isso recebia 25% do que os clientes pagavam. Mas desse dinheiro teve que pagar pela moradia, comida, roupa, e mais alguns postos menores, e juros pela dívida, que ela teve desde que a gente a comprou de um prostíbulo em Recife. Meu pai já ensinou ao meu irmão a arte de fazer as contas assim, que a puta nunca acaba com as dívidas, por mais que trabalhe com força e dedicação. Às vezes chega perto ao ponto de começar a ganhar e pagar aos poucos a dívida, e até consegue pagar uma pequena parte, mas depois fica doente e precisa de um médico e de uma puçanga, ou precisa de um novo vestido para atrair ainda mais clientes, ou precisa de um novo colchão, sempre se inventa algo quando ela se dá muito bem, porque assim ela jamais pode

pagar a dívida e há de trabalhar para sempre para pagar pelo menos os juros.

Se uma puta fica endividada desse jeito, a vida torna-se fácil para o dono e ele obtém o mesmo lucro com ela como com uma escrava. Às vezes até mais, porque a escrava não tem esperança e perde o brilho e quindim e murcha mais rápido do que uma puta livre. Se tudo vai bem, o dono tira muitos anos um lucro bom. Quando a prostituta vira velha, ela ganha menos, e as dívidas crescem cada vez mais, porque ela não ganha mais o suficiente para pagar os juros. Prostíbulos bons vendem tais putas a puteiros baratos, e muitas vezes a puta morre depois de poucos anos toda definhada.

Quem não tiver essa opção pode explorar a mulher até o último momento e depois chutá-la. Tem casos em que o dono fica até com as poucas roupas dela, alegando as dívidas, e manda a mulher nua para a rua, às vezes expelindo-a da rua ou do povoado com um chicote.

Outros alcoviteiros abaixam os juros na velhice, e a mulher paga aos poucos a dívida, e com quarenta ou cinquenta anos ela se torna livre.

E tem ainda os casos felizes em que a meretriz se casa com um cliente, ou que o alcoviteiro fica tão contente com ela que resolve contratá-la na velhice como faxineira ou ajudante na cozinha ou até cafetina-ajudante para observar e ensinar as meninas e cobrar dos clientes.

O mais difícil é endividar as putas novas no início da carreira. Existem vários métodos. Em caso da nossa puta, que se chama Verônica e nasceu na Silésia, estado no Nordeste à Áustria, foi fácil. Ela foi comprada dos pais com 12 anos pelo preço de 20 dinares. Fez dois anos de aprendizagem nos quais já fez muitos programas, mas disseram que o provento seria para as prostitutas e o homem que a instruíram. Com 14 anos as dívidas somaram 260 dinares. Foi vendida por 100 dinares a um traficante que a levou para a Espanha, onde trabalhou mais dois anos. Os 100 dinares e uma taxa de compra para o traficante e o custo pela viagem aumentaram as dívidas para mais de 400 dinares, mas na Espanha ela ganhou muito bem e conseguiu pagar uma parte, diminuindo a dívida para 330 dinares. Depois foi vendida por 170 dinares a um comerciante, que a levou para Recife. Embora que ela teve que fazer programas também ao bordo do navio e foi

também muitas vezes estuprada pelos marinheiros, cobraram 40 dinares pela viagem, e mais algo pelos documentos, e assim as dívidas chegaram a 580. Em Recife meu pai comprou-a por 500. Mas quem mexe com prostitutas deve dizer a ela que teve que assumir também a dívida, e assim suas dívidas chegaram a mais de 1100. Com as viagens para a nossa cidadezinha e mais uns postos inventados para documentos, colchão, roupas etc. chegaram quase a 1200, um equivalente a 8 contos de Mil Réis aqui no Brasil.

Prostitutas têm que pagar juros muito altos porque são consideradas não confiáveis. Pagam entre 8 e 20% por mês. Verônica paga 10%, que são 800 Mil Réis por mês. Além disso paga pela moradia e comida e outros serviços menores, que recebe de nós, o equivalente de 400 Mil Réis. Quem aluga um quarto a prostitutas, alega que alugar quartos a putas é ruim para a boa fama do arrendador e que o quarto pode também ser usado para fins comerciais, i.e., o trabalho dela, e por essas razões o aluguel teria que ser mais alto. Em soma dão 1 conto e 200 Mil Reis ao mês ou 40 Mil Réis ao dia.

Aqui no interior, em uma região onde mineiros acham ouro e diamantes o dinheiro rola e mulher

é coisa rara, sobretudo uma mulher europeia. Muitos pagam com ouro. Com um programa normal ganha 5 gramas de ouro ou 5 Mil Réis. Não acontece muito, mas se um cliente ganha uma fortuna e pede uns serviços diferentes que são mais ousados ou dolorosos, ela ganha 10 ou até 15. Na média ganha com uns 25 clientes uns 150 por dia. 25% ou 38 Mil Réis são a parte dela. Isso mal daria para pagar os custos correntes, mas nunca sobraria dinheiro para pagar aos poucos a dívida. Mesmo assim, ela sonha em acabar um dia com a dívida para ser livre.

Ela recebe, às vezes, gorjetas, e das gorjetas fica com a metade. É possível que ela até fica com mais, porque é ela que informa a gente sobre a quantidade de gorjetas que recebeu numa noite e entrega a metade a meus pais. Além disso faz trabalhos de artesanato. Ela conhece coisas da Silésia e improvisa-as com coisas que acha na natureza ou arranja com mercantes. Não dispõe de muito tempo, porque pela manhã, quando tiver poucos clientes ou nenhum, as putas têm que fazer a limpeza do barzinho. Mas com tudo ela ganha uns 100 Mil Réis no mês com gorjetas e outros trabalhos, e poderia destarte dentro de quatro anos acabar com a dívida.

Ou até mais rápido, porque acabada com a metade da dívida, também os juros cairiam só sobre a metade, e sobraria muito dinheiro. Por isso meu pai já explicou ao meu irmão como devemos fazer para aproveitar melhor os serviços de Verônica, porque depois dela a gente talvez não arranjaria facilmente uma menina tão branca, loira e bonita.

A gente tem que cuidar para a dívida ficar sempre neste nível. Pode acontecer, que ela paga uns meses bem e reduz a dívida para 7 mil ou 6 mil, mas então a gente tem que fazer algo. Muitas vezes acontece algo sem que a gente fazer nada. A puta pode adoecer e teria que pagar médico, medicamentos e talvez nem consegue trabalhar. Se ficasse um mês sem trabalhar, teria que pagar os 1200 sem ganhar nada e criaria logo muito mais dívidas. O pior seria se ela engravidasse. Aí as dívidas cresceriam muito.

Se, porém, nada acontecer, o empresário tem que inventar uma coisa, senão perderia depois de uns dois ou três anos a puta. Ele pode inventar ou provocar uma multa, ou ele aumenta simplesmente a taxa de juros sob pretexto qualquer.

Quando a Verônica chegou uma vez a diminuir sua dívida a 6 contos, meu pai investigou as gorjetas. Quase sempre as putas tentam burlar seus superiores para pagar mais rápido as dívidas. Se recebem 2 Mil Réis de um cliente generoso, falam que foi só 1 Mil Réis e passam só a metade disso ao responsável. Para testar a puta, meu pai combinou com um amigo para dar uma gorjeta gorda no valor de 15 Mil Réis, um tamanho descomunal. Em tudo Verônica recebeu nesta noite 19 Mil Réis, mas falou que teriam sido 10. Ele e minha mãe puxaram também conversa com outros clientes e chegaram a saber que recebeu no mínimo mais 2 Mil Réis.

Meu pai fez um escândalo, amarrou-a, chamou até o velho Reinaldo, considerado uma autoridade no vilarejo, um amigo da casa. Procuraram no quarto das putas, mas não acharam dinheiro escondido. Aí amarraram a menina nua em um poste e pela primeira vez ela recebeu chicotadas de meu pai. Depois picaram-na com um chuço quente até que ela confessar e mostrar onde ela escondeu o dinheiro. Meu pai disse que ela quis furtar evidentemente 9 Mil Réis. 4 e meio seriam a parte de meu pai que ela desviou. Se ela tivesse cometido todos os dias

uma fraude de pelo menos 5 Mil Réis, teria fraudado já mais de cinco contos nesses quase três anos que estava conosco, e a metade teria que ser nossa. Seriam então 2 contos e meio, que ela teria que dar à gente, mas fiscalizando seu quarto achamos só 1 conto e um pouco.

Meu pai exigiu os 2 contos e meio. Confiscou o conto achado e escreveu mais um e meio na dívida. A multa de Verônica foram mais um conto de Mil Réis e 100 açoites em cinco partes a 20. Assim ela teve novamente mais dívidas do que no início: 8 e meio contos.

Nos próximos cinco domingos ela recebeu respectivamente 20 golpes. No primeiro domingo meu pai e meu irmão dividiram a tarefa. A moça foi punida no barzinho, diante de todos os homens. E para não estragar as roupas é obvio que teve que ser nua. Os homens gostavam tanto do espetáculo que meu pai leiloou para os outros domingos o direito de flagelar a puta. O maior lance que alguém pagou foi 16 Mil Réis. Também o direito de transar com ela logo depois do açoitamento foi muito disputado, e por isso meu pai aumentou os preços. Uma vez ela teve que abrir suas pernas a 48 clientes na noite depois de ser chicoteada nua.

Outra vantagem da ação foi que ela nunca mais tentou burlar a gente, e virou uma puta bem mais sincera e submissa, e segundo os clientes, em geral mais macia, meiga e gostosa.

Pelo enorme aumento do fluxo de clientes nesta época meu pai ganhou bem mais do que normalmente e assim ele podia comprar a escrava negra e educá-la para ser uma boa prostituta. Parte da educação era responsabilidade de Verônica, outra parte de meu pai. A negra era de uma fazenda e foi vendida com 15 anos por uma intriga da patroa depois de a escrava virar favorita de seu patrão. Chamou-se Guilherma, mas com nome complicado assim não pode fazer carreira em puteiros e meu pai mudou o nome dela para Anuta. Na verdade, resultou de uma proposta da própria Verônica, que disse que Nute ou Nuta na língua dela significa puta. Já que a gente usa artigo, “a puta” seria “a nuta”, e disso virou Anuta, nome então bem culto no ramo do meretrício.

Já que meu pai sabia agora como um açoitamento de uma puta nua turbina os negócios, inventou um sistema de punição inteligente para Anuta. Sendo ela uma escrava negra deve ser açoitada de vez em quando. Eu

nunca vivia em uma fazenda e não tenho experiências com escravos, mas ouvi falar de muita gente que um patrão sensato deve chicotear os escravos de vez em quando. Se o escravo não cometer uma falha que faria jus a tal punição o dono prudente deve provocar uma falha, sobrecarregando-o com tarefas ou lhe dando tarefas difíceis, que o escravo não consegue. Assim mostraria ao escravo, que sempre está em perigo de se tornar soberbo, suas limitações e ganharia um pretexto para o punir. Falam que o flagelamento faz o escravo mais submisso e mais trabalhador. Um escravo tratado bem demais, segundo eles, fica ousado, furta, bebe e pode até fugir.

Já uma negra chicoteada seria também melhor na cama, segundo eles, e essa parte, pelo menos, posso confirmar da minha própria experiência modesta com Anuta. Imediatamente depois da punição ela é muito mais gostosa quando se dá aos homens, e meu pai pode cobrar mais caro. Meu pai vende a negra normalmente bem mais barata, mas em tais dias cobramos caro e a cabrocha arrecadava bem mais do que Verônica. Por isso ele continua leiloando ou vendendo o direito de chicotear a moça.

Meu pai é muito inteligente. Punir seus escravos ou suas putas é para muitos patrões um trabalho, que não rende. Nas capitais muitos donos preguiçosos mandam os escravos infratores para o pelourinho ou a prisão como o calabouço, o tenebroso cárcere para escravos, no Rio de Janeiro, onde são flagelados por funcionários ou escravos do governo, que cobra uma taxa pelo serviço. Em vez de pagar, meu pai conseguiu transformar esse dever em uma renda gorda. Já, já ele vai poder comprar mais uma garota, e, quem sabe, um dia vou poder estudar em uma faculdade.

Passou a meia noite, e a fila diante do estábulo estava ainda longa. Meu pai contou com a possibilidade que iria demorar até a manhã. Por isso ele me mandou dormir e voltar cedo na madrugada para revezar com meu irmão. Deitei-me logo na minha cama. Acostumado desde pequeno de dormir com barulho de barzinho peguei logo no sono e acordei por volta de seis horas. Teve ainda quatro pessoas na fila e o barzinho estava quase vazia. Meu pai estava com meu irmão, e eles se retiraram e mandaram também Verônica para dormir, deixando só a mulata Anuta fazer companhia para mim e os

quatro últimos fregueses da índia, que mataram o tempo de espera jogando sinuca.

Anuta não cuidou bem deles, já que não tinha mais chance de afreguesá-los. Eles já tiveram seu bilhete para a índia no bolso. Anuta ganha pouquíssimas gorjetas, mas quando recebe, pode ficar com a metade. Já que ela não tem dívidas, precisa só economizar até um dia puder comprar a si mesma e será livre. O preço de uma mulata gostosa geralmente fica por menos de um conto, bem pouco em comparação com as dívidas de Verônica.

Admirei como a vida de uma tal escrava negra é tão mais fácil do que a de uma prostituta europeia livre como Verônica, que tem que ser amarrada pelas dívidas que acabam ser mais opressivas do que a escravidão tradicional. A única desvantagem das negras é, ao meu ver, que são chicoteadas. Mas ao que parece aguentam bem esse tratamento. A pele delas já deve ser preparada pela natureza para aguentar melhor o chicote e a chibata, estando destarte em maior conformidade com o dia a dia de uma escrava.

Ninguém sabia quanto dinheiro Anuta já ajuntou, e alertamos ao meu pai que a gente

poderia perdê-la antes de pensar, mas meu pai disse: “Não há problema. Se ela comprar a si mesma, pegarei o dinheiro e comprarei outra cabrocha em uma das fazendas.”

Meu pai falou assim como tivesse fazendas por perto, mas na verdade seria uma viagem de dias ou semanas para visitar algumas fazendas para negociar a compra de uma negrinha ou mulatinha prometedora.

A garota sentiu meus olhares e se aproximou, oferecendo os peitos. Gostei sempre dos peitos dela, que pareciam mais quentes do que os de Verônica, e apalpei-os com carinho até os mamilos ficarem em pé. Ela sorriu e eu dei um beijo a ela: “Pode ir dormir, se quiser.”

“Posso te levar junto”, respondeu e riu, mas eu sabia que estava doida para descansar e só me convidou por cortesia ou para fazer média. Agradeci e ela foi até a porta do quarto, voltou-se mais uma vez, sorriu de novo e desapareceu.

Arrumei um pouco, fiz café e quando o último freguês foi para o estábulo da índia coloquei já as cadeiras em cima das mesas para as meninas depois poderem limpar mais fácil o chão. Tranquei o barzinho e fui dar comida aos animais e a ordenhar a vaca. Imaginei que as

mulheres iriam dormir ainda um bom tempo e adiantei a tarefa, porque as tetas pareciam já cheias. Pensei nos peitos gostosos da mulata. Os primeiros peitos que apalpei foram as de nossa primeira puta, mas aí foi só uma imitação do que vi dos outros homens, porque era menino e não senti ainda excitação sexual propriamente dita. Quando meu pai comprou a Verônica, incumbiu-a para cuidar de mim, e ela me fez admirar e brincar com os peitos alvos dela, até eu me interessar por mais e perder a minha virgindade. E depois desses seis peitos de nossas três putas conheci somente ainda os peitos das duas índias. Da princesa e do sapo feio. Nem me lembro mais se realmente toquei nos peitos feios daquela que foi minha escrava. A única garota que foi realmente minha, e eu não a aproveitei para pelo menos apalpar os peitos. Como ela, agora, se lembra de seu ex-patrão sem se lembrar de minhas mãos tomando posse dela. Pelo contrário, ela vai se lembrar só de Raimundo e do chicote dele.

Mas de qualquer jeito, os peitos mais gostosos foram os da princesa, que agora virou uma puta suja. Esses peitos divinos e galhardos não existiam mais, agora foram tetas sujas de porra,

suor e cuspe de mais de cem homens vis, desonradas por beliscões, puxões e mordidas.

Depois de ter abastecido todos os outros animais abri o estábulo da índia. O último cliente saíra há pouco e ela deitou em meio de uma sujeira nojenta. De longe parecia uma comida deitada em um prato e regada de um molho, mas de perto o cheiro de animal enjoativo prendeu o fôlego. Ela deitava nas costas, a uma posição que as correntes permitiam sem dificuldade, os cabelos lindos embaraçados ao redor da cabeça, e ela chorou. Tudo que era de princesa desaparecera sem deixar o menor vestígio. Os peitos maravilhosos estavam lá, mas cheios de um molho nojento.

Busquei um balde de água e joguei-o em cima dela, e agora se observou a inteligência do sistema. Pelas tábuas levemente inclinadas a sujeira começou a fluir in direção à porta, unindo-se na pequena valeta à sujeira que fluía dos outros estábulos. Mas precisei de mais baldes e de uma escova para dar conta da sujeira, e o mais difícil foi em baixo do corpo dela. Queria que ela se mexesse para um lado e depois para o outro, mas sem falar a língua dela nem tentei e resolvi assim mesmo. Agora já era bem mais aceitável, mas ela não parou de

chorar, mesmo que baixinho. Talvez minha mãe nem acordaria, mas quem dormiu do outro lado da parede fina foram as putas.

Agachei-me ao lado da cabeça da moça e dei um carinho no cabelo dela. Perguntei se esteve com frio por causa do banho forçado ou queria comer, mas ela não reagiu. Evidentemente não entendeu nada de nossa língua. Continuei alisando-lhe os cabelos. Depois fui para o barzinho para pegar algo de comida, que sobrara, e peguei também água e voltei para o estábulo.

Queria que se sentasse para comer e cutuquei-a, mas ela não reagiu, nem abriu os olhos e não parou de chorar. De repente Verônica apareceu. Ficou surpreendido que eu estive lá: “Ela vai acordar sua mãe com essa choraria.”

“Pois é, tentei já chamar a atenção dela.”

“Atenção de uma selvagem se chama com o chicote, né”, disse ela com firmeza e pegou o relho que deixamos no estábulo para uma eventualidade. Tocou com a ponta na barriga da selvagem, depois na bochecha, e quando ela não reagiu deu uns golpes nela. A índia se enrolou em si mesma sem parar de chorar. Por isso recebeu mais três chicotadas. Depois mais três e

aí a índia abriu os olhos e pasmou Verônica cheia de horror. Vi tanta dor nos olhos dela que assustei. Fiquei feliz que ela olhou a Verônica e não a mim, porque senti vergonha. Não sei por que, mas senti.

“Para de chorar, senta e come”, disse Verônica, e mostrou a comida e para o lugar onde ficaria a bunda da índia. “Bem”, disse quando a índia obedeceu, e empurrou o pão com o pé em direção da selvagem sem abaixar o chicote. Quando a moça começou a comer a gente viu a sujeira que estava antes ainda em baixo do corpo dela e eu peguei mais água. Verônica chegou com um pente e reclamou: “Ao que me disseram ontem alguns querem vir já pela manhã. Não pode apresentar nem uma índia desse jeito sujo. E ela começou a pentear o cabelo emaranhado.

“É uma vida”, gemeu. “Tomara que um dia eu possa viver com um rapaz bom igual a você e ser só a mulher dele e ter filhos.” Ela me olhou nos olhos, e depois de um momento aproximou-se para me beijar. E ela colocou minha mão em seus peitos, e apalpei também essa carne ebúrnea e gostosa. Ela passou a mão em cima de minha calça e sorriu, quando sentiu como meu pau se mexeu, mas depois me deixou e foi dormir mais.

Quando meu irmão acordou já teve fregueses e resolvemos abrir já as portas. Ele perguntou como ficou a presa, e contei do que fiz. Ele disse que em se tratando de uma selvagem indômita a gente deve lhe dar sempre algumas chicotadas pela manhã para ela acordar e prestar atenção e reverência à gente. Já que era propriedade de meu irmão, não perguntei, mas fiz daqui adiante assim como ele queria.

Muitos homens, que no primeiro dia ficaram na mão, deram um jeito e apareciam muito cedo, alguns já pela manhã. Até as 17 horas a índia já teve 36 homens e daqui para frente formou-se outra vez uma fila enorme. Desta vez a gente já teve uma base para calcular, e aos últimos que apareceram meu pai disse logo que poderiam ainda comprar um bilhete, mas que a sua vez seria por volta de seis ou sete horas da manhã.

Muitos não se importaram, e assim vendemos em tudo neste dia 150 bilhetes, fazendo uma fortuna. Falamos até para meu pai aumentar os preços, mas ele não quis. Mesmo assim foi uma farra gorda, porque além do que a índia ganhou para nós, vendemos muitas bebidas e comidas. Até eu e meu irmão ajudamos à minha mãe na fabricação, enquanto meu pai e as duas putas cuidaram do barzinho. Estas também se deram

bem com o aumento da freguesia, Verônica disse que teve 37 clientes.

Fizemos escala do mesmo jeito como antes: mandaram-me dormir mais cedo e tive que me levantar na madrugada para ficar com os últimos caras no barzinho, junto com Anuta.

Quando o sol apareceu, comecei a cuidar dos animais. Depois sentei no barzinho tomando um café. Anuta estava morta de cansaço, mas foi pegar o café e sentou depois comigo. Quando o último freguês foi para o estábulo do bode, ficamos a sós e aproveitei para enfiar minhas mãos no vestido de Anuta e brincar com seus peitos magníficos. Logo me senti bem melhor e disposto para mais um dia de trabalho duro. Ouvi um gritinho e perguntei: “O que?“

“Não fui eu, foi a princesa do bode.“

“Princesa do bode!“ ri. “Cada uma. Você inventa cada uma!“

“Não fui eu, querido. Os homens a chamam assim.“

“É mesmo?“ disse e sopesei os peitos nédios nas conchas das mãos.

“Pois é, mas qual é seu nome verdadeiro?“

“Sei lá. Não sei a linguagem estranha desses índios. Como vou saber?“

“Tem que ensiná-la falar alguma coisa. Quando trouxeram a minha mãe da África para cá, no início a ensinaram só com chicote, mas com o tempo lhe ensinaram falar.“

“Deve ter aprendido dos outros escravos. Mas aqui não tem outra puta índia.“

“Mas tem gente que tem um ou dois escravos índios trabalhando em sua mina.“

“E você acha que vou levar a princesa para lá? Ou chamar um índio para cá para depois gerar complicações?“

O último freguês foi embora. Vi o cansaço de Anuta e falei: “Vai dormir, meu bebê de chocolate.“

Dei-lhe um beijo de boa noite na boca esfregando seu sexo levemente e fui para o estábulo.

A índia estava com os tornozelos acorrentados e, portanto, com as pernas abertas. Não sabia se foi feito por ela não abrir as pernas devidamente ou porque alguém a preferiu amarrada. De qualquer forma foi bom para limpá-la. O fedor era quase

tão forte como antes o fedor do bode, um pouco diferente no sabor, é claro. Joguei uns baldes de água por cima dela, lavei o corpo todo com uma escova e um trapo e esfreguei o sexo dela até a pele ficar lisa e limpinha. Reparei que a lavagem do corpo foi gostosa e divertida e espalhei sabão com minhas mãos desprotegidas na pele dela. Apesar de ela não tiver mais aparência de princesa senti que os peitos tiveram uma excelente qualidade, e os lábios da buceta foram gostosas e lisas para roçar com os dedos entre eles.

Ainda estive excitado por ter brincado com Anuta, e senti meu pau endurecer novamente. Todo mundo estava dormindo. Por isso fechei a porta do estábulo e comecei a enterrar meus dedos nos buraquinhos dela para atilar o asseio e fazer meu pau endurecer mais.

De repente bateram na porta. Abri e vi Raimundo. Ele ficou surpreendido de achar tudo fechado: “Ainda não acabou com a puta?“

“Claro que não. O último freguês acabo saindo agora.“

“Caramba. Achei que agora seria um bom horário para pegar a cadelinha limpinha para

trepar com calma. Mas vou esperar você terminar.“

Já acabou minha excitação e falei: “Já estou pronto. Fique à vontade.“

“Esfregou-a bem entre as pernas? Quem sabe deve ser necessário encher os buracos com água. Ela já mijou?“

“Mijou? Pois é, sei lá. Só se tivesse mijado antes. Tirei toda a sujeira de vez.“

“Antes? Com freguês em cima dela? Acho que deveria puni-la se ela mijar acavalada com freguês em cima, hein?“

“Talvez ainda não mijou. Bebeu muita água?“

“Só dei um copo a ela pela manhã. Do resto não sei.“

“Ela vai ainda murchar, se vocês não a regam melhor,“ riu Raimundo e propus: “Vamos levá-la para mijar logo.“

Ele liberou os tornozelos, tirou as correntes dos ganchos e nós dois levamos a índia para fora da porta e agachamo-la em cima da valeta para as fezes dos animais, que estava ainda cheia da água da limpeza. Ela soltou imediatamente o mijo e Raimundo elogiou: “Parece que ela é mais inteligente do que outros animais. Com

cachorro demora uns dias ou semanas até ele aprender fazer xixi onde a gente quer. Ainda bem que estamos juntos para vigiá-la nisso, um animal silvestre escapa antes de a gente reagir. Devo construir algo para imobilizar as mãos da cadela quando levá-la para fora.“

No terreno teve um cepo grosso para rachar madeira e fazer lenha. Raimundo colocou a índia por cima para investigar o aro do colo. Reparei sangue nele e no colo:

“Viu, Raimundo? Parece que tem arestas cortantes.”

“Parece que a vaca mexeu a cabeça com força para tirar a coleira e fugir.“

“Será?”

“Uma selvagem dessas deve ser danada. Mas para você não se preocupar com a saúde de sua galinha de estimação vou limar as arestas. Também vou aproveitar para colocar uns ganchos ou anéis nele para poder engatar os braceletes para você poder levá-la para mijar sem correr risco de levar umas unhadas. Caramba, que bunda gostosa. Joga mais água nas costas dela.“

Joguei água e Raimundo aproveitou para limpar mais uma vez a região entre as pernas com seus dedos: “Já flagelou a vaca? Seu irmão não disse para cada dia lhe dar uns golpes para ela aprender disciplina?“

“Não.“

“Então vou fazê-lo agora.“

Falei nada, já que sabia que meu irmão falara assim. Raimundo ligou os dois braceletes com uma corrente e fixou-a em baixo do cepo. Depois fustigou a bunda da índia. Até dez golpes ela aguentou corajosa sem gemer, depois começou a soltar gritinhos.

“Meu irmão falou de uns poucos. Não é para estragar a pele“, falei, mas Raimundo continuou e disse: “Ela precisa. É uma selvagem, sabe?“

Quando ele chegou aos vinte, falei de novo, mas ele continuou, e quando ele chegou a 25, gritei para ele parar. Ele olhou-me meio hostil e perguntou: “O que tem? Ela precisa. Não acredita?“

“Já chega“, falei com firmeza.

“Selvagens precisam mais do que suas putas mimadas, né. Só esquentei a bunda um pouco para poder foder mais gostoso.“

“Quis dar comida primeiro.“

“Agora vou fodê-la enquanto a bunda estar quente e ela sentir dores ardentes, né. Depois pode alimentá-la, se quiser. Tenho o direito de transar dez vezes de graça, né?“

Com essas palavras levou a menina, acorrentou-a no estábulo e estuprou-a sem sequer fechar a porta direitinho. Depois de ter gozado nela levantou-se, enquanto a índia fechou as pernas choramingando, que não estavam acorrentadas. Raimundo gritou: “Abre as pernas, puta!“

Ela não reagiu e ele ensinou-a com a ajuda do relho, o que significa a frase “Abre as pernas“.

Em tudo ele ficou quase duas horas com ela, e quando ele estava pronto, já teve outro cliente chegando. Raimundo explicou-lhe como fazer a índia abrir as pernas e o mineiro gostou, quando a índia lhe abriu submissa as pernas. “Aié, és uma cadela boa”, comentou o mineiro encantado e deu lhe uns tapas amigáveis na buceta.

Falei que queria alimentá-la primeiro. O freguês pediu para eu esperar para ele poder voltar ao seu trabalho logo, e cedi. Ele pegou um balde de água no poço no meio do quintal e jogou a água por cima da índia. Depois fechou a porta e deitou se com ela.

Depois dele terminar tive finalmente a oportunidade de dar água à índia e um pouco de comida. Imitei Raimundo e gritei: „Senta.“ Mas ela abriu as pernas, e só quando bati com o relho ao lado dela no assoalho por várias vezes, ela entendeu e sentou-se. Dei-lhe o copo cheio de água na boca e ela bebeu da minha mão, o que achei emocionante, e depois mostrei com a ponta do relho na comida.

Pelas correntes fixadas nos braceletes podia alcançar a comida com uma mão, mas sentada a corrente não teve folga suficiente para levar a comida à boca. Ela teve que curvar-se pelo lado da comida para poder alcançar sua boca.

Quando ela comeu aproveitei para dar um jeito nos cabelos emaranhados dela escovando e penteando. Depois peguei uma fruta e ela comeu de novo de minha mão. Sabia que corri risco de ela me morder ou fazer algo imprevisto, mas gostei da sensação de ela comer da minha mão como quando a gente domar um animal selvagem e este comer da mão da gente.

Mostrei para mim e falei meu nome algumas vezes e depois mostrei para ela, mas não respondeu. Quando chegaram três homens para

foder, encerrei as tentativas para ninguém perceber a minha simpatia com a selvagem.

Expliquei a eles como fazê-la abrir as pernas sem precisar do relho nem das correntes e demonstrei-o gritando: “Abre as pernas!”

Funcionou maravilhosamente bem. Assim que ouviu a minha voz, ela se deitou e abriu as pernas. Os homens me bateram nos ombros pensando que fosse eu quem inventara esse jeitinho, e um deles jogou um balde de água por cima da índia, limpando assim também sua boca do suco da fruta. Vi que ela lambeu a água e concluí que tivesse ainda sede e planejei dar-lhe mais água depois de os homens acabarem com ela. Eles me pagaram a taxa e tiraram entre si a sorte, quem seria o primeiro a estuprar a princesa.

Quando voltei para o barzinho para fazer um café, vi que meu pai já acordara e estava no bar, contando dinheiro. Deitei as taxas dos três fregueses na mesa e tomei café com ele. Ele disse: “Raimundo mandou dizer que poderia fabricar um aro melhor para prender o colo da índia. Pediu que eu fosse lá, mas tenho que resolver algumas coisas. Acho você pode ir falar com ele e ver a proposta, o que você acha?”

“Pois não. Claro que o senhor pode contar comigo.“

„E como a macaca se comportou? Limpou o estábulo?“

„Sim. Está tudo certo. Ela já está prontinha para a próxima farra.“

„Tomara que continue assim ainda umas semanas, aí poderíamos comprar logo mais uma puta. Daqui a pouco vamos ganhar o suficiente para você poder estudar na capital, meu filho, o que me diz?“

„Ó pai, seria um sonho.“

Raimundo mostrou um aro: „Achei-o no fundo. Fi-lo para um negócio que depois não deu certo. É mais leve e não tem partes cortantes. Aí vou soldar dois anéis para poder fixar os braceletes e fazer uns seis furos com roscas para atarraxar parafusos.“

„Para que parafusos?“

„Puxa. Você pergunta cada coisa. Se o negócio fica menos cortante, quem sabe, ela tenta fugir ou comporta-se sem respeito. Aí é só apertar os parafusos até o lado pontiagudo sair do aço e

apertar contra a pele do pescoço. Aposto que ela logo se acalmará!“ Ele riu.

„Será que é necessário?“

„Sei lá. Como vou prever se ela resolve comportar-se? Pelo sim pelo não, agora tem jeito de dar conta dela, se precisar.“

„É mesmo.“

„Sabe que estou pensando nesta outra índia. Será que tem a possibilidade de ela estar ainda amarrada neste caule, onde a deixamos?“

Raimundo não sabia, que eu liberara a menina e nem quis contá-lo: „Acho que não. Certamente os índios a acharam e liberaram ou ela, com o tempo, conseguiu liberar a si mesma. Senão os animais predadores já deveriam tê-la devorada.“

„Pois é. Fomos idiotas por não tê-la trazido para cá.“

„Eu a traria, mas vocês disseram que não vale nada e que seria perigosa.“

„Pois é, pensamos. Mas veja, estou inventando cada vez coisas melhores para domar a selvagem. Se tivesse trazido a outra para cá, poderia colocar grilhões de todo tipo nela. Talvez algemas, que prendem os cotovelos, para ela poder mexer só o antebraço. Daria para fazer

alguns trabalhos aqui, mas impediria que ela fugisse ou atentasse contra mim. Poderia forjar também uma mordaça de ferro para ela não poder morder. Ela poderia viver acorrentada aqui na oficina como uma cachorra. Adoraria ter uma índia nua acorrentada aqui na oficina, por mais feia que seja, para ter alguém aqui, para limpar a oficina, para descartar uns golpes quando eu ficar azedo, para testar umas ferramentas aptas de domar escravas selvagens e também para deixar a porra, porque uma índia, por mais feia que seja, é melhor do que nada ou uma cabra ou uma galinha, né.“

„Se você tivesse falado algo, teria a levado para você“, falei, embora que pensei que seria bem melhor para a índia que eu a deixasse fugir do que viver como cachorra de Raimundo. Já sabia que ele teve um jeito meio cruel. „Se eu a tivesse trazido, você a compraria?“

„Bom, realmente não vale muita coisa, mas eu poderia fazer um favor para você ou forjar algo e você me daria a índia. E eu te garantiria que poderia usá-la sempre, quando quiser. - Ai, esqueci que você vive com putas e não precisaria de uma bunda de uma selvagem feia para descartar o excesso de porra.“

„Pois é.“

„Teria adorado se meu pai tivesse possuído putas ou escravas. Para um jovem que cresce assim, sempre tendo acesso a bucetas, a vida deve ser muito boa. E ao outro lado esse país está cheio de homens que não tem mulher nenhuma. Quem sabe, um dia vou arranjar uma índia para mim. Mas pelo sim, pelo não, gostaria de ver, o que aconteceu com a índia que deixamos para trás. Gostaria de acompanhar-me? Acho que vou agora mesmo.“

„Você sabe, que nesses dias temos trabalho demais no barzinho. Aí não posso fazer passeios.“

Claro que Raimundo não achou mais a índia. No outro dia ele nem apareceu e aproveitei a oportunidade para transar com a índia. Na noite já sonhei com ela, porque tive que esperar transar com ela por mais de um dia, já que Raimundo e os outros fregueses chegaram tão cedo que não ficou tempo para eu a usar. Ensinei-a de novo para dizer seu nome, mas não tive sucesso. Dormi mais uma vez com ela e comecei a beijá-la para mostrar, que sou diferente e gosto dela. Claro que tive medo de

ela não gostar e morder, mas tudo foi bem e até enfiei a língua um pouco na boca dela. O fato de ela o deixar considerei como prova de que ela sabe que sou simpático e quero seu melhor.

Vi Raimundo só dois dias depois, quando ele trouxe o aro novo cedo da manhã.

„Acabei de limpar e alimentar a índia. Quer usá-la?“

„Depois. Vamos trocar primeiramente o aro.“

Tiramos o aro do bode da princesa e colocamos o aro novo. Para testar Raimundo engatou os dois braceletes nos dois anéis embutidos na coleira.

„Agora será fácil conduzi-la. Seria ainda mais perfeito, se ela tivesse um anel de condução. Eu poderia forjar um anel que se coloca em seu nariz ou em um mamilo. O que acha?“

„Acho ruim, porque tem fregueses rudes que puxariam com força e rasgariam a carne.“

„É verdade. Os bêbados e os loucos. Bom, se não estivermos um anel de condução, você pega simplesmente na melena dela.“

Para demonstrar ele pegou rudemente nos cabelos da escrava e conduziu-a para a valeta e fê-la agachar-se em cima.

„Abre as pernas!“ gritou Raimundo e ela afastou os joelhos, mas não mijou.

„Ela já fez hoje“, expliquei.

„Então vai fazer de novo. Mija, puta. Mija, cadela!“ Sacudiu a menina pelos cabelos e de repente ela começou a cagar. „É isso, puta! Deita seu cocô na vala, princesa de merda.“

Depois de ela terminar ele a colocou por cima do cepo e quando eu joguei água nela e tirei a sujeira do cuzinho Raimundo buscou a corrente e fixou a puta no cepo. „Já recebeu hoje?“

„Não.“

„E ontem?“

„Não dei, porque no dia anterior ela recebeu demais e a bunda estava ainda inchada.”

“Seu irmão sabe disso? Acho que para uma selvagem não existe um demais, só existe o perigo de punir menos e provocar assim comportamento sem respeito e insubmisso. Vou chicoteá-la então.“

„Mas só cinco.“

„Quem disse cinco?“

„Eu.“

„E o que seu irmão disse?“

„Ele falou em algumas chicotadas. Então não podem ser 25.“

„Podem, mas não podem ser só cinco, porque se quisesse só cinco, teria falado em umas poucas.“

„Se quisesse 25, teria falado em muitas.“

„Então acorde-o para ele se esclarecer. Senão vou dar 25. Além disso, ontem ela não recebeu nada, por isso hoje deve receber o dobro do que em outros dias.“

Com isso Raimundo contou-lhe 25 chicotadas brutais. Depois de dez golpes ela começou a dar gritos, e já que meu irmão estava ainda dormindo, entupimos a boca da menina com um trapo.

„Pois é“, falou Raimundo. „Já pensei em algo para entupir a boca quando a levei para cagar. Porque se a gente se desperceber, ela poderia morder.“

„Será que ela morde?“

„Ela é uma selvagem. Nem com um cachorro bem domesticado e manso pode ter certeza que ele jamais morde.“

Depois dos 25 golpes ele a puxou pelos cabelos por dentro do estábulo, mandou abrir as pernas e estuprou-a. Depois ficou deitada por cima dela e teve vontade de beijá-la. Já que ela não abriu a boca, apertou um mamilo dela entre as mãos, e quando ela gemeu fechou sua boca com um beijo. Mas não confiou e não enfiou a língua. Vi tudo pela porta semiaberta quando arrumei as coisas no quintal, mas depois fui embora. Não sei, mas ver o Raimundo em cima da índia não me agradou.

Quando voltei, ele ensinou à menina a nossa língua, mandando as duas coisas que ela já entendeu: “Abre as pernas” e “Senta”. Raimundo logo me abordou: “Qual é o nome dela? Às vezes será necessário dizer o nome, quando tiver outras pessoas por perto.”

“Ainda não conseguimos saber o nome dela. Quem sabe, se ela aprender melhor a nossa língua, a gente consegue.”

“Mas não importa. Deve ser um nome esdrúxulo de selvagem. As escravas pretas também recebem seu nome novo pelo dono. Um nome de

nossa língua, um nome culto, que todo mundo sabe falar.”

“Então poderíamos escolher um para ela.”

“Que isso. Ela é uma puta. Puta é puta. Não precisa de outro nome. Abre as pernas, puta!”

Ela obedeceu. “Viu?” disse Raimundo. Vou ensiná-la a dizer seu nome.”

Falou-lhe várias vezes a frase “Sou puta”, deu sinais com o dedo, bateu com o chicote no chão e na índia até ela entender e falar “Sou puta”. Depois ensinou-lhe falar essas palavras sempre, quando alguém apertar seu mamilo esquerdo, como se ele fosse um botão de um aparelho. “Viu, como se ensina selvagens?”

À tarde falei com meu irmão e meu pai sobre a questão das chicotadas. Meu irmão e meu pai acharam, que geralmente cinco ou seis por dia seriam suficientes. Só no início para ela se acostumar à nossa soberania e depois de ela mostrar sinais de relaxamento ou insurreição a gente deveria dar dez ou mais. Concordaram que seria minha tarefa e não a de Raimundo, já que um freguês deve pagar se quiser chicotear uma puta.

Fiquei feliz com a resposta, mas demorou até o Raimundo discutir novamente comigo sobre o assunto, porque no outro dia ele saiu para uma fazenda, em que teve que trabalhar por alguns dias. Antes deixou comigo ainda um negócio para amordaçar a índia quando eu a levar sozinho para fazer xixi, para excluir qualquer risco de ela se rebelar e morder. Meu pai disse: “Vejo que você tem um coração bom e sente dó da selvagem. Mas não é bom mexer sentimentos e profissão. Se você tiver um cachorrinho de estimação, pode mimá-lo, se quiser, perdoando as falhas dele. Mas se você tiver um animal que trabalha como um cavalo ou boi, que puxa o arado, deve ser justo, mas rígido, domando-o até ele render o melhor resultado. Se você o domasse sem rigidez, não faria um favor a ele, porque o dono se aborreceria e o açoitaria muito ou o levaria ao açougueiro.

O mesmo vale para putas e escravas. Se você as educa sem rigidez, vão fazer coisas ruins, desobedecer, furtar, fugir e mais. Vai acabar com que levam uma flagelação quase mortal ou serão mortas por caçadores de fujonas. Por isso deve tratar um boi como boi e uma puta como puta e uma escrava como escrava. É para o próprio bem dela.

No exemplo da índia: Se você enganar seu irmão e não a chicotear devidamente, seu irmão vai pedir a Raimundo, cuidar dela, e assim seria pior para ela. Aí se vê, que será melhor se você a chicoteia devidamente. Não tão forte que abre sulcos, e não tão fraco que nem deixa marcas.”

Entendi e na outra manhã cumpri a tarefa. A índia dormiu e acordei-a com cinco golpes de relho. Depois joguei água e mandei abrir as pernas, depois sentar, depois apertei o mamilo e ela disse “Sou puta”. Depois mandei abrir as pernas e ela se deitou de novo e escancarou as pernas. Fiz assim como Raimundo me ensinara: Acorrentei os tornozelos para ela não tiver a chance de fugir, quando soltar as mãos. Depois coloquei a mordaça de aço na boca dela. Era um negócio esquisito com forma de uma pera, que se enfia com o lado mais estreito para frente e que enche a boca toda. O lado estreito aperta a garganta. Assim não só impede mordidas, mas também abafa qualquer emissão de gritinhos, gemidos ou outro som. Do lado de fora teve um aro para segurá-la ou puxá-la para fora da boca. Depois coloquei o cinto que fez parte do negócio. Ele fica ao redor da cabeça, passa pelo aro, segura a mordaça e aperta-a para dentro da boca e da garganta.

Esperei que ela entendesse que eu a bati bem menos do que Raimundo e que tive de batê-la justamente para impedir, que outros a chicotassem, mas não tive certeza de que ela o entendeu e tomei cuidado para não lhe dar uma chance de me atacar.

Depois soltei uma mão e fixei o bracelete na coleira, depois a outra. Depois soltei os pés. Mandei: “Senta.”

Depois a ensinei a obedecer a “em pé”, porque não quis pegar no cabelo dela e puxá-la à força como Raimundo o fizera. Peguei-a pelo braço e levei-a para fazer xixi. Depois levei-a de volta, acorrentei-a, tirei a mordaça, alimentei-a e lhe dei água para beber com minha mão, segurando o copo até ela terminar.

Depois fiquei feliz de poder deitar-me com ela sem pressa, já que o Raimundo não apareceria. Beijei-a na boca com cuidado, mas quando reparei, que ela se comportou meiga e mansa, enfiei a língua e perdi o medo de ela poder estar de raiva comigo por meu tratamento cruel. Esperei que ela entendesse que o fizera meramente por necessidade profissional e para seu próprio bem.

Não sabia, se uns dos fregueses também tinham coragem de beijar a menina, mas pensando bem deveria ser bom, limpar a boca dela depois de ela comer. Por isso, a partir do próximo dia, estabeleceu-se a seguinte ordem de minhas tarefas. Logo no início joguei água por cima dela para tirar a sujeira grossa, depois dei cinco chicotadas, depois agachei-me ao lado dela e fiz um carinho em sua face para ela saber que não estou mal com ela mas cumpro apenas meu dever, depois fiz os preparos e a levei para mijar e, se quiser, cagar, depois coloquei-a de volta no estabulo e nas correntes, mandei abrir as pernas para lavá-la com sabão, depois joguei mais água, depois a mandei sentar-se e lhe dei comida e água e finalmente mandei abrir a boca e limpei os dentes, a gengiva e a língua com um pano adequado para limpar dentes.

Assim o fazia todos os dias, e se ainda não tiver fregueses, aproveitava para treinar a fala dela, melhorando a pronúncia de „Sou puta“, a primeira frase, que aprendeu. Depois ensinei-lhe falar outra frase, quando alguém aperta seu outro mamilo, que seria a frase: „Sou uma cadela.“ Depois de uma semana a curiosidade da população diminuiu e ela teve mal 100 clientes por dia, mas quando certo dia um mineiro, que

chegou cedo, me flagrou no ensino de português, eu lhe mostrei, que a selvagem já sabia falar duas frases, e como se aperta os mamilos para ela pronunciar a primeira ou a segunda dica. O mineiro ficou deslumbrado e testou-o por várias vezes. Entusiasmou-se com o fato, que ele desta maneira conseguiu fazer a selvagem falar como se fosse uma boneca, que de um jeito miraculoso começasse a dizer coisas.

Depois ele divulgou a novidade na cidade inteira, e à tarde chegaram novamente bem mais homens do que antes, e meu pai teve que terminar a venda de bilhetes para esse dia e essa noite quando chegaram a 150, e começou já a venda de bilhetes para o próximo dia. Assim ela teve o maior sucesso e por três dias seguidos meu pai vendeu 150 bilhetes e me elogiou muito. Nesses dias não deu para ensinar mais palavras, porque os primeiros homens chegaram já cedo, e às vezes nem deu para alimentá-la direitinho e fazer-lhe a higiene bocal.

Em nossa vila teve uns 10 barzinhos, muitos deles baiucas bem pequenas, e só três ou quatro dispunham de putas. A maioria teve entre uma ou duas putas, só um barzinho teve quatro meninas vendáveis, duas negras e duas mulatas. Mas nenhum deles teve uma sensação como nós,

uma princesa índia nua e acorrentada à disposição de quem pagar. Por isso o fluxo para o nosso barzinho aumentou muito com a chegada da índia. Embora que a ofereçamos tão barata, ganhamos somente com ela em um dia o equivalente do que muitos homens nem ganham o mês inteiro. E também as nossas outras putas faziam bons negócios, e a venda de comida e bebidas quadruplicou.

Depois de voltar de seus trabalhos em uma fazenda Raimundo chegou logo na outra manhã para foder a índia. Trouxe um bom dinheiro e alguns produtos da fazenda, que recebeu como parte do pagamento. Ele contou, que além de receber seu salário e morar e comer de graça na fazenda teve também o direito, levar todos os dias uma negrinha para a sua cama. Pudera escolher entre todas as escravas, negras e mulatas, com exceção de duas mucamas, que evidentemente estavam reservadas para alguém da família ou protegidas por outra razão. Já que teve umas cem mulheres trabalhando e entre elas uma penca considerável de jovens e adolescentes, teve toda noite outra menina em sua cama: „Nossa, foi gostoso demais. Ai, como sinto agora a falta delas. Preciso urgentemente

arranjar uma negrinha ou uma índia para minha oficina.“

„Uma negrinha é cara. Teria que trabalhar um ano inteiro para a conseguir.“

„Pois é. Um saco que não levamos pelo menos essa índia feia. Na escuridão do fundo da oficina nem se repararia tanto a diferença.“

„Se você a educar bem, ficará também mais bonita. Meninas acatadas sempre aparecem mais bonitas.“

„É verdade. Uma menina selvagem fica com cada tapa mais bonita. Também as negras na fazenda. Gostei muito quando açoitaram uma. Toda nua, e todo mundo assistindo, também os outros negros. Recebeu 40 chicotadas! Foi muito emocionante. Eles obrigaram um escravo para açoitar a mulher. Que pena. Eu me ofereceria com muita vontade! Queria também muito transar com ela nesta noite, mas o patrão não a liberou do cepo, onde ficava presa a noite toda, e no outro dia já tive que voltar para cá. Mas espero muito, que me chamem outras vezes e me recomendem também aos outros fazendeiros, porque o Eneas, o ferreiro velho, que visitava as fazendas de vez em quando para oferecer seus

serviços, já não mais apareceu há um ano ou mais."

Não sei como Raimundo tratou as negrinhas que lhe forneceram na fazenda, mas depois de ele voltar de lá, ele quis experimentar coisas diferentes com a nossa selvagem. Uma brincadeira preferida dele foi apertar os mamilos da escrava quando estava deitado em cima dela e com o pau por dentro de sua buceta, ou seja, em seu cu. Falou que ela apertaria os músculos quanto mais se aperte o mamilo, o que seria muito gostoso. E quando ela gemeu de dores ele fechou a boca dela com um beijo.

Porém, ao que parecia não teve coragem de enfiar-lhe a língua, porque ficou muito surpreendido quando me viu, certa manhã, limpar a boca da moça, enfiando meus dedos sem medo de ser mordido. Ele estranhou e para gabar-me contei-lhe que também gosto de enfiar a língua. Inclusive mostrei-lhe que a selvagem já sabia obedecer à ordem „Abre a boca".

Logo ele testou a ordem, e ela realmente abriu a boca. Raimundo, com muito cuidado, enfiou o dedo pequeno da mão esquerda. Certamente calculou, que perder esse dedo por uma mordida seria menos prejudicial do que perder outro

dedo. Mas quando ele percebeu que a selvagem era realmente inócua e mansa, enfiou o anular e depois o dedo médio e empurrou-o na garganta da criatura como para fazê-la vomitar. Quando ela se torceu por sentir vascas ele riu e lhe deu um empurro forte.

Realmente nem demorou um mês e Raimundo foi chamado para outra fazenda. Foi até bom, porque Raimundo apareceu muito para transar com a índia, e sempre chegou tão cedo, que perturbava minha rotina. Agora aproveitei para ensinar mais coisas à índia. Com o tempo sabia falar a frase „Sou uma vaca“, quando alguém puxou o mamilo direto e a frase „Quero foder“, quando se puxa o mamilo esquerdo. Quando puxar o lábio maior direito da bucetinha, ela falava „Sou uma bisca“ e quando dar um apertão na bunda falou: „Me enraba“.

Claro que ela não entendeu nada do que falava, mas os homens entenderam e o acharam muito engraçado e interessante, e sempre, quando eu lhe tinha ensinado uma frase nova, o fluxo dos homens aumentava pela curiosidade e pela vontade, de testar a „boneca falante“.

Certo dia sentamos no almoço quando chegou Isidoro. Ele contou ao meu pai que achou um diamante muito grande e quis aconselhar-se com ele: „Não quero gastar a fortuna com nada. Quero investir em meu futuro. Será que ele vale o suficiente para poder casar com uma branca?“

Ele tirou a pedra do bolso. Meu pai o olhou e disse: „É muito bom. Não sei se daria para pagar o custo para uma menina da Europa. Eles mandam sempre órfãs e outras meninas, que lá ninguém quer, mas você teria que pagar a passagem, uma taxa e depois tem que ter uma casa montada.“

„Se não der, quero continuar na minha mina até tiver o suficiente. Mas será perigoso guardar a pedra. Também seria perigoso vendê-la e guardar o dinheiro. Teria que construir uma casa logo para aplicar o dinheiro, mas nem penso em construir aqui. Quem sabe, com um cabedal suficiente poderia viver em Recife ou outra cidade, montar um negócio.“

„Você é um menino inteligente e sensato“, disse meu pai. „Mas em que tipo de aplicação pensou?“

„Pois é, por isso queria me aconselhar.“

„Para ser franco, não entendo muito de aplicação de dinheiro. Se eu ganhar um dinheiro a mais, aplico-o em meu próprio negócio.“

„E este está se desenvolvendo bem. Parece uma boa forma de aplicação. A gente não pode cooperar?“

„Bom, depende. Em que você pensou?“

„Se eu comprar uma menina e a deixar com o senhor, e o senhor a educar e explorar devidamente... será que o lucro não daria para nós dois?“

„Veja só, você não é burro, meu filho. Em vez de gastar seu dinheiro suado com putas quer comprar uma e soltá-la na pista para enriquecer. E poderia usá-la sempre de graça, até arranjar uma esposa melhor. Parabéns pela ideia, filho.“

„E como faço para arranjar uma puta?”

“Não sei o valor de seu achado, mas acredito que dá para comprar uma negrinha ou até uma mulata, quem sabe, duas negrinhas. Quem sabe, pergunte ao Raimundo, se ele sabe de um fazendeiro que seria disposto a vender uma. Talvez no mês que vem tenho que viajar para Recife. Poderia dar uma olhada nos mercados e nos puteiros para você.”

“Para mim será mais complicado viajar. Também não quero que outros saibam de minha pedra. Por isso não queria contar nada a Raimundo. Mas se o senhor poderia dar uma olhada no Recife para mim, seria muito grato.”

“Por que você não vai junto? Aí a gente levaria a pedra com mais segurança, levá-la-ia para avaliar a algumas oficinas e perscrutaria as ofertas no mercado de mulheres.”

Na outra semana Raimundo voltou e meu pai o sondou sobre a questão de negrinhas e cabrochas idôneas para aumentar a equipe do barzinho. Raimundo contou: “Infelizmente desta vez não tive muita oportunidade para conhecer as negrinhas por perto, porque o patrão não ofereceu as escravas assim como faziam na outra fazenda. Depois de três dias eu mesmo abordei o tema e perguntei, se não daria para levar uma cabrocha para aquecer a minha cama na noite. Aí ele refletiu e me cedeu uma negrinha, dizendo que ela seria muito rebelde e precisaria de umas lições.

Era uma magricela chata, mas consegui tudo com ela. Porém, quando na outra noite pedi outra negrinha, o patrão disse que eu teria que

ficar com a mesma negrinha, e assim ficou a semana inteira. Chato pra caramba.”

Meu pai perguntou, se o fazendeiro tinha escravas para vender, mas Raimundo não o sabia. Segundo ele, em geral, todos querem sempre comprar mais escravos para substituir os, que morreram ou fugiram ou para produzir mais, e poucos estariam dispostos a vender. Meu pai não mencionou o Isidoro, mas disse que ele mesmo queria comprar mais uma puta. Raimundo prometeu ajudar perguntando nas fazendas. Meu pai respondeu: “Se você me indicar uma galinha gostosa para meu barzinho, deixá-lo-ia usá-la sempre de graça. Ou, se preferir, a índia.”

“Sabe, na verdade gostaria ter uma tal índia para mim. Não me importaria a sua selvageria, acho que conseguiria domá-la. E uma índia é melhor do que mulher nenhuma em casa.”

“Com certeza. Nos povoados mais no Oeste, subindo o Amazonas, todo mundo que não tem outra mulher trata conviver com índias. É muito comum. Por que você não se reúne com outros rapazes e caçam umas índias jovens para vocês?”

“Ó senhor Renato, para achar essas flores ariscas a gente deve insinuar-se na mata, e lá a gente será um alvo fácil para as flechas dos índios.”

“Mas tem lugares, para onde algumas índias vão. Daqui a uns 50 quilômetros, na fazenda do Sérgio, os índios passam por perto, vendem peixes e as índias se deitam com os madeireiros para ganhar uma mixaria. Se fossem expertos, homens poderiam emboscar-se e capturar algumas jovens para o uso particular.”

“E o Sérgio e seus capangas deixariam, que a gente pegue as meninas?”

“Sei lá. Talvez não. Mas você é quem mais viaja para fazendas. Fique de olhos abertos. Não comente com ninguém, prossiga com prudência e capture uma índia. Assim se faz. É a vida.”

Raimundo chegou cedo na outra manhã, mal que terminei minhas tarefas com o gado, inclusive a índia: “Aqui pelo menos consigo transar direitinho. Aquela negrinha, que me deram, como se fosse uma serpente, desviava-se ao mais puder. Reclamava que doesse e deslizava ao lado. Pequena como ela era ficou difícil segurá-la em baixo. Escapava como uma enguia escorregadia.”

“Como assim? Como o conheço não regateia pancadas e outros corretivos para nortear putas recalcitrantes. O que a menina tem, que você desta vez não conseguiu?”

“Se fosse por mim, conseguiria, mas o patrão disse, que não permite que alguém fere suas escravas. Disse que, se ela não obedecer ou atender bem, possa dar tapas e aplicar outras formas de punição, mas que não gostaria de ver mossas, muito menos ferimentos, em uma escrava que ele empresta a um visitante. Dei uns vinte tapas no rosto, inúmeras pancadas na bunda, belisquei, apertei, e mesmo assim ela fez de tudo para eu não puder perfurá-la. O que mais podia fazer? Tentei segurá-la e estuprei-a como melhor poder. Mas não gostei do jeito, como esse fazendeiro trata um artesão como eu. É falta de respeito. Estou ainda de raiva dessa negrinha chata, e quero me reestabelecer com a nossa princesa do bode.”

Durante o discurso começou a se altear e falar cada vez mais furioso. Por isso fui logo embora dizendo que teria que cuidar do gado, embora que, na verdade, já fosse pronto. Fui para a parte do gado, e Raimundo entrou no estábulo do bode e fechou a porta.

Já imaginei, que Raimundo, tão magoado, iria foder a coitadinha com muita força e judiá-la para se vingar da pretensa humilhação. Por isso fiquei por perto. Ouvi a selvagem gemer e, às vezes, escapou um gritinho, que logo depois foi abafado. Imaginei, que Raimundo, do jeito dele, estagnava os gemidos e gritos com um beijo. Ao que parecia, teve coragem de enfiar também a língua, e assim, sem que ela podia gemer nem gritar, judiava-a apertando e beliscando seus mamilos. De repente ouvi gritos abafados e desesperados de Raimundo. Logo corri ao seu socorro, mas a porta do estábulo estava fechada de dentro. Ouvi os dois gemerem, mas não foram gemidos de excitação, mas de dores, e logo depois os gritos de Raimundo viraram mais altos e já não mais abafados e ouvi baques e gritos estridentes da índia. Bati a porta o tempo todo, e sem esperar mais peguei uma pá encostada no muro e abri a porta à força, quebrando uma parte.

Raimundo estava cheio de sangue no rosto, levantou as calças e saiu furioso. A índia chorou alto. Segui o Raimundo, que entrou no barzinho gritando pelo meu pai. “Pelo amor de Deus!” gritei. Meu pai dorme. “Deixe o dormir e conta o que houve.”

Claro que Verônica e Anuta logo acordaram e saíram para tranquilizar o homem enfezado, que, finalmente, explicou: “A bruxa mordeu a minha língua.”

“Coitadinho!” As duas putas consolaram o homem compartilhando o susto e as dores com ele, distribuindo generosamente afagos. Logo Raimundo se acalmou um pouco e Verônica perguntou: “Mas como um homem inteligente como você enfia a língua na boca de um animal selvagem da floresta?”

Aí Raimundo se exasperou de novo e gritou, com o dedo em riste, voltado para mim: “Foi ele. Ele me disse que se podia enfiar a língua nela.”

“Que maldade incrível!” gritaram as duas putas, piscando para mim para eu saber, que jamais queriam criticar-me de verdade.

Refutei: “Jamais o falei. Só contei que eu consegui fazê-lo. Jamais recomendei para você fazer a mesma coisa.”

“Mentira. Você esteve presente, quando logo depois de você me contar dessa opção enfiei um dedo na fauce de sua selvagem! Pensa só se ela tivesse abocanhado um dedo meu!”

“Fui presente, mas jamais pedi para você fazê-lo. Se você empresta um cachorro de alguém para usá-lo na caça, também tem que se precaver para não ser mordido. Eu, pelo menos, não enfiaria minha língua na boca de um cachorro emprestado.”

As putas riram, mas Raimundo ficou ainda mais bravo: “Já disse, quero falar com seu pai!”

Já que ele fez tanto barulho, não demorou e apareceu meu irmão. Meu pai tem um sono muito pesado, e ele talvez roncasse tão forte que o som produzido abafasse o barulho de Raimundo. Meu irmão sabia, que Raimundo era um amigo importante, útil e prestativo para nós e disse que a gente puniria a selvagem devidamente e concederia, como forma de indenização, a Raimundo o direito de usar dez vezes de graça putas nossas de sua escolha.

Foi uma indenização barata para nós. Na verdade, custava nada, porque quem teve que deparar-lhe as bucetas de graça eram as putas. Mas Raimundo quis estar presente na punição, e assim combinamos com ele, que a selvagem seria punida publicamente com 45 chicotadas.

Raimundo queria 100 e queria executá-las pessoalmente, mas meu irmão disse que seria

contra a Bíblia dar mais de 40 golpes, definiu o número em 35 e lembrou, que meu pai costumava leiloar o direito de chicotear a escrava. Raimundo indignou-se: “Não conheço a Bíblia, mas imagino que eles tiveram escravos educados e brancos. Se o limite para eles fosse 40, quem sabe, para índios seria 80, para negros 100 e para bois e cavalos 120. Não pode ter o mesmo número para todos!”

Já que Raimundo mostrou abertamente sua indignação, meu irmão ajuntou mais dez golpes, que seriam dados por Raimundo, sem pagar algo pelo direito. Perguntou-o se queria ser o primeiro ou o último, e Raimundo optou por ser o último algoz.

A notícia da flagelação em breve percorreu a cidade e voltou a atenção mais uma vez para o nosso barzinho. Meu pai, bem esperto, vendeu o direito de dar os golpes um por um. Por três dias os homens interessados podiam fazer as suas ofertas, e depois o lote foi distribuído aos que ofereceram mais, na maneira, que deu o maior lucro. Teve homens, que receberam o direito de executar apenas uma chicotada. E um homem rico comprou logo dez chicotadas.

Quando chegou a noite da punição, mais de 500 pessoas reuniram-se em frente ao nosso barzinho, porque lá dentro teve espaço apenas para ao máximo 80 pessoas. Por isso levamos a selvagem na rua. Escolhemos um cruzamento entre duas ruas perto do barzinho, para as pessoas poderem assistir dos quatro lados.

Levaram a corrente da mão direita, prolongaram-na com uma corda e fixaram-na numa viga do segundo andar de uma casa. A corrente da outra mão fixaram do mesmo jeito em uma casa do lado diagonalmente oposto do cruzamento. Já que a maioria das pessoas mesmo assim não conseguiu ver a moça, levamos uma mesa na rua e colocamos a índia em cima. Depois encurtaram as duas cordas até que os dois braços da índia ficaram totalmente estendidos. Usaram um pau para arrochar a corda mais ainda, até que a índia ficou nas pontas dos pés. Agora tudo estava pronto para o espetáculo e o primeiro a bater seria o homem rico, que comprou logo dez golpes.

Naquela altura já ganhamos muito com o fluxo das pessoas, muitos compraram uma bebida quando esperaram na rua. No início, quando preparamos tudo lá dentro não prevendo que chegariam tantos curiosos, o barzinho já lotou

uma hora antes, e fizemos bons negócios. E a venda dos bilhetes que garantiam o direito do uso da índia recém-chicoteada foi muito fácil, vendemos 150, embora que fosse já noite e iria demorar até a manhã para atender a todos. O primeiro, que a possuiria depois da flagelação, pagou um preço cinco vezes maior do que o preço normal, como se tratasse de uma virgem, e mesmo o décimo quinto usuário pagou ainda o dobro.

Para segurar a multidão por mais tempo no lugar e para aumentar a excitação meu pai cedeu a uma proposta de Raimundo e mandou aplicar um óleo na pele da índia. Assim a pele começou a brilhar na luz dos fachos e lanternas. Raimundo aplicou o pincel cheio de óleo em todo o lugar e nem poupou a pele terna entre os lábios da buceta nem o rego entre as duas nádegas voluptuosas. Abriu a carne com uma mão, sob aplauso, gritos e apitos da multidão, e pincelou por um bom tempo a carne pecaminosa da selvagem.

Estive desde o dia, em que teve o acidente, com raiva de Raimundo, e ele também de mim, e tive dó da índia, mas com essa cena meu pau voltou a ter o comando, levantou-se cheio de viço e quis quebrar o tecido de minha calça. Quando a

conhecemos, ela era uma princesa, andava aprumada e seu olhar foi soberano. Agora ela anda curvada e seu olhar fica grudado no chão, o andar de uma escrava, de uma criminosa, de uma menina caída, cheia de vergonha.

Porém, agora nós a aprumamos de novo. As correntes seguraram-na nas pontas dos pés, todo seu corpo tenso como um arco prestes a despedir a flecha. Os peitos firmes e pontiagudos mostraram para frente como a pica de um cavaleiro antigo, e o olhar também foi reto, passando por cima do populacho excitado e buliçoso, perdendo-se afoito na lonjura, como se essas pessoas comuns não fossem dignas de serem vistos por uma princesa. Os fachos e lanternas brilhavam na pele oleosa e escura e ela parecia uma deusa, pura erótica, deixando centenas de paus em pé como uma feiticeira potente, e até as poucas mulheres e meninas da vila estavam em boa parte com um rubor na face, que indicava sua excitação.

Perto da mesa e visto por quase todos ficou meu pai, autor e responsável por esse espetáculo gratuito oferecido para o povo. Viram nele um benfeitor, assim como na época dos antigos romanos o povo elogiou um imperador ou outro homem rico, que forneceu ao povo um

espetáculo, onde lutaram gladiadores até a morte com outros lutadores ou com animais, crucificaram e torturaram cristãos e outras pessoas, inclusive moças nuas, e inventavam muitas coisas perversas.

Ao lado de meu pai ficaram as nossas duas putas com roupas belas, atraindo as atenções. Claro que meu pai nunca esquece o lado econômico de um tal evento, que sempre deve deixar um impacto positivo para a nossa empresa familiar.

Antes de o homem rico que comprou dez chicotadas poder começar, meu irmão colocou uma capa por cima do rosto da princesa. Não fizemos, como muitos pensaram e comentaram, para ela não saber quem será o algoz, mas simplesmente, porque meu pai teve medo, que um golpe malfeito atingiria o rosto e deixaria uma cicatriz feia. Se a ponta da tira cair na face pode até destruir um olho, e meu pai como homem prudente e voltado aos negócios para melhorar a vida da família não queria arriscar um prejuízo em uma mercadoria.

Quando o homem começou a açoitar a moça, de repente um silêncio caiu na rua, e os estalos ecoaram para longe. O homem bateu com toda a força, mas a menina não se mexeu nem gritou.

Depois do quinto estalo meu irmão começou a contar com voz alta, e aos poucos todos se ajuntaram como um coro, gritando os números com frenesi.

Finalmente ele acabou com a décima vergastada, e a multidão aplaudiu e gritou: “Mais, mais!”

Mas a próxima chicotada foi de outro homem. O primeiro deu o chicote ao segundo, e este apertou a mão do primeiro como se queria parabenizá-lo e bateu-lhe os ombros. Depois foi ao redor da moça para decidir, se melhor meteria a tira gulosa nas costas e na bunda da índia ou na barriga. Teve apenas o direito a uma única chicotada, e queria que seja um golpe perfeito, que faria o corpo desejado estremecer, dançar para a caterva de espectadores ávidos.

Já que ela não pôde ver nada não viu a tira chegar, mas certamente ouviu o ruído, porém não deu como saber onde a tira a atingiria. O homem mandou o chicote com toda a força contra a barriga dela, e a tira curvou agilmente ao redor do busto, passou os peitos e bateu com a ponta no pescoço; um golpe malfeito, por sinal, que confirmou que não foi à toa que meu pai protegeu a cabeça da peça.

Por um momento o homem gelou na posição, seja que queria desfrutar o momento ou que simplesmente não se deu conta de que seu divertimento já acabou. Só acordou quando o próximo homem o tocou nas costas para o parabenizar e receber o chicote.

Meu irmão podia ficar com meu pai ao lado da mesa, assistindo tudo de perto na companhia de Verônica e Anuta, mas minha mãe ficou no barzinho e eu tive que levar bebidas para fora, e as pessoas foram muito sedentas e compravam tudo, tanto que o clima aqueceu. Já antes de o espetáculo começar reparei que não daria para atender à demanda e por isso perguntei a dois amigos, se poderiam ajudar na venda. Não foi a primeira vez, que o barzinho contratou alguém de fora. Meu pai, pensando sempre no lucro máximo, não gosta de pagar com dinheiro, mas prefere conceder como forma de pagamento o direito de usar uma de nossas putas de graça.

Na verdade, não é justo, porque se o cara escolhe a Verônica, ela não recebe nada. Se o rapaz recebesse dinheiro e com o dinheiro comprasse os serviços dela, ela receberia uma parte. Por isso meu pai paga de uma maneira, que obriga a Verônica a contribuir sem pelo menos ser perguntada, como se fosse a nossa

escrava. Mas sei que é assim em todos os puteiros e as putas tem que se conformar com a tradição. É o mesmo como um cabeleireiro, que é pago para cortar cabelos, mas depois ele tem que varrer o chão sem receber dinheiro para a faxina. Assim toda profissão e todo cargo devem ter seus percalços.

Mas já sabemos que não é bom, pagar um fixo aos ajudantes. Eles devem ganhar tanto mais quanto vendem, porque assim eles se esforçam a vender mais. Meu irmão já tinha convencido meu pai, e por isso pude oferecer, que cada rapaz ganharia uma porcentagem de cada bebida vendida, mas se vender mais de cem bebidas, receberia como galardão uma puta de sua escolha de graça.

Por isso os meus amigos ficaram felizes de poderem trabalhar comigo e fizemos vender centenas de bebidas, fazendo uma fortuna nesta noite.

O próximo homem também só teve o direito a uma chicotada, e ele bateu de atrás. Atingiu a bunda em cheio e a tira fogosa correu ao redor do corpo esbelto e lustroso e a ponta bateu como uma língua de fogo na barriga. Animado pelo aplauso o homem pulou na mesa, levantou a

cobertura e olhou na face da menina como para lhe dizer: Fui eu quem consegui essa façanha, ou: Foi eu que te submeti a essas dores. Ela olhou para baixo, mas para forçá-la a olhar no rosto dele ele pegou os cabelos na nuca dela e segurou a cabeça na posição certa. Aí vi que correram lágrimas e a boca ficou semiaberta. O homem olhou em seus olhos, e finalmente lhe selou um beijinho na boca, soltou-a e pulou da mesa para o chão, aplaudido por todos.

O próximo era o açougueiro Stefano, um cara todo careca de uns quarenta anos, que frequenta fielmente as nossas putas e também as outras da vila, e ele teve o direito a duas chicotadas. Ele colocou a mão na pele da puta para verificar o efeito que as chicotadas anteriores deixaram na pele nua, mas talvez foi só um pretexto, porque talvez simplesmente sentisse uma comichão invencível nos ossos da mão para tocar na carne nua antes de fustigá-la. Levantou-se um murmúrio quando a mão acostumada a provar a qualidade de carne se acercou à região da bunda e do ventre perto das entradas quentes. Alguns gritaram o nome dele para o incitar, outros gritaram: “Aperte a bunda!” ou “Faze a puta

dançar para nós!" ou "Faça a cadela ver as estrelas!" e coisas semelhantes.

"Puta!" gritou o magarefe. "Sou eu, o Stefano. Quero que saibas quem te esquentará sua bunda pecaminosa!"

A fantasia de tais homens corre sempre ao redor de mulheres, já que eles vivem sem mulheres em uma vila com poucas mulheres. Ao outro lado eles sabem, que a vila está circundada por fazendas, onde têm negras e mulatas lindas, que na sua fantasia ou andam em vestidos bonitos como algumas mucamas realmente têm o privilégio de andar, ou andam completamente nuas. Eu nunca vi escravos andar nus em fazendas. Os, que trabalham na lavoura, vestem uns trapos, e os de casa roupas descartadas de seus senhores, ou, se o dono for rico, compra roupas bonitas e até uniformes enfeitados para os homens e vestidos longos para as escravas. Mas contam que existem fazendeiros que deixam os escravos trabalhar nus para economizar o dinheiro e em casa são atendidos por negras e mulatas nuas. As escravas de tais casas só recebem roupa quando chega visita.

Raimundo disse, que o pessoal da fazenda, onde recebeu a negrinha recalcitrante, comentou que

Essas fantasias e o desejo de, como Raimundo recentemente, poder desfrutar de alguma maneira dessas delícias, fustigados pelo contraste da realidade triste de nossa vila sem mulheres, esquentam e embrutecem as mentes dos homens. Alguns sonham em serem chamados para fazer um trabalho em uma fazenda com muitas escravas lindas, outros até sonham em casar com uma filha única de um fazendeiro rico herdando todas as escravas. E todos os sonhos, fantasias e desejos do açougueiro e dos outros, que se aqueceram cada vez mais, deitavam nesses dois golpes.

Depois da segunda chicotada subiu todo abrasado na mesa sem poder esconder o grande volume rebelde em suas calças, levantou a cobertura do rosto da escrava, olhou em seus olhos e perguntou: “E aí, puta, gostou de meus mimos?” Depois lhe selou um beijo na boca, soltou-a e pulou da mesa para o chão, aplaudido de todos.

O próximo algoz foi um sujeito atarracado e forte, um mineiro, que teve uma mina que explorava com seu irmão e um escravo índio, que conseguiu de um jeito que não sei. O

homem teve também o direito a três golpes e veio bem preparado para aproveitá-los ao máximo possível. Trouxe seu próprio chicote e teve um dom extraordinário de sacudi-lo e aplicar o golpe de soslaio para que a tira ganhar uma velocidade incrível, produzindo um silvo como um grito de uma ave rapace.

Quando a tira cair desse jeito no corpo se enrolando ao redor dele, a velocidade aumenta cada vez mais, e a ponta morde a pele nua de uma escrava como uma serpente venenosa. Mas tudo estaria em vão, se as voltas ao redor do corpo ficassem no mesmo lugar, porque assim aconteceria, que a ponta bateria por cima da própria tira fazendo pouco efeito. Por isso, a direção do golpe tem que ser vertical, para a tira começar no peito ou na barriga e descer na bunda ou nas pernas, ou começar nas pernas ou na bunda subindo para a barriga, as costas ou os peitos. Muitos sonham em conseguir um golpe tão exato, que a ponta acaba exatamente na buceta da moça, mas essa façanha é quase impossível, sobretudo quando a vítima mantém as pernas fechadas. Tem, porém, senhores que fixam escravas assim, que as pernas ficam abertas, mas mesmo assim é uma arte difícil

acertar a segunda boca de uma escrava ou puta açoitada.

Se o algoz ficar por perto da escrava, a tira dá para fazer três voltas ao redor do corpo. Talvez o rapaz treinasse antes açoitando uma árvore para se preparar para esse momento, pois logo sua primeira batida foi perfeita e a ponta terminou no peito esquerdo, que continuava reto e sublime, logo em baixo do mamilo.

A segunda chicotada foi também de baixo para cima, mas do sentido contrário, e era para alcançar o outro mamilo. Por isso tentou aplicar o golpe uns dois centímetros mais para cima, mas a língua fogosa da tira não arrasou o mamilo, que continuou orgulhosamente erigido, mas caiu uns cinco centímetros em cima do alvo.

A terceira batida foi de cima para baixo, começando no peito e acabando no ventre logo em cima da bucetinha. Alguns acharam, que o rapaz teve a sorte incrível de alcançar com esta chicotada a carne sensível entre as pernas, e ele logo correu para a frente da escrava, mas verificou que faltaram uns centímetros. Aí começou a enfiar os dedos entre os lábios doces da moça, e ao que parece sentiu certa umidade, pelo menos olhou e cheirou o dedo, levantou-o

em triunfo, subiu na mesa, levantou a cobertura, riu na face da moça, apresentou-lhe o dedo, deixou-a cheirar e selou-lhe um beijo fogoso na boca. Imaginei que o beijo foi salgado, porque a moça chorava e ficou suada, mas os lábios deveriam ter sido quentes e moles. Imaginei o beijo muito gostoso, e o homem o curtiu até que muitos aplaudiram enquanto outros vaiaram.

Meu irmão chamou a atenção do homem para ele descer da mesa, mas meu pai falou: “Deixa-os agirem à vontade. Quanto mais o espetáculo demorar, mais a gente ganha.”

Os homens, todo aquecidos pelas cenas fortes, insistiram em comprar mais bilhetes para a índia. Meu pai sempre disse, que 150 já demorariam até umas dez horas da manhã e não quis vender mais. Em lugar disso vendeu bilhetes para Anuta e Verônica. Era algo sem antecedência. Para elas geralmente não tem filas desse tamanho. Se muito, alguns cinco ou seis homens sentam no barzinho esperando a sua vez, mas jamais vendemos bilhetes. Mas nesta noite meu pai começou algo novo e vendeu bilhetes, que permitiam o uso de Verônica ou Anuta nesta noite, depois do espetáculo. E como se fossem elas, que foram açoitadas, vendeu os primeiros dez bilhetes pelo preço dobrado.

Verônica era mais cara, é claro, e por isso poucos compraram o direito de serem entre os primeiros dez, da maneira de que os lugares 11 até 48 já foram vendidas, enquanto os 7 até 10, que custavam o dobro, ainda estavam disponíveis.

Já que Anuta era bem mais barata, sendo ela uma negra, os dez primeiros lugares dela se venderam logo. Os homens foram evidentemente tão excitados pelo espetáculo, que queriam transar logo, não importando-se com a cor da puta. Quem sabe, nesta noite, a gente até venderia buceta de vaca ou cabrita, se oferecêssemos.

Em tudo já vendeu 70 bilhetes para Anuta.

O próximo candidato recebeu o chicote e abraçou o antecessor com muito entusiasmo, e depois ele tirou a camisa, mostrando seus braços musculosos de mineiro.

Quando passei com um monte de bebidas por meu pai, este pegou duas e deu uma a um homem desconhecido de roupas caras, talvez um mercante ou até um representante do governo. Eles discutiam sobre a possibilidade de nossa vila virar uma paróquia.

“Teriam que eleger representantes e fazer um pedido. O senhor, quem sabe, é aqui um líder local, parece ser respeitado de todos.”

O homem usou uma outra técnica e colocou-se bem longe da índia, reprimindo o povo na rua atrás dela para recuar mais. Depois corri três passos e arremessou o braço com o chicote para frente com ímpeto, como um guerreio lança um dardo. A tira saltou para longe como a língua de uma rã quando ela pega uma mosca, e a ponta bateu nas costas da puta. O baque foi cheio e saturado, e pela primeira vez a índia soltou um grito choroso.

Meu irmão teve Anuta em seus braços, beijou-a e amassou-lhe os peitos, e eu fiquei com certo ciúme dele. Verônica, por sua vez, estava nos braços do primeiro algoz, o homem rico, e falou baboseiras como: “O senhor é um verdadeiro macho. Não imaginei que o senhor teria coragem de açoitar a selvagem tão vigoroso. Deve ser um garanhão na cama.”

A segunda chicotada acertou a bunda em cheio, e a ponta entrou como uma língua curiosa no recôncavo entre as pernas e lambeu, de detrás, a região onde as linhas das nádegas se reúnem com as linhas da buceta. A moça soltou um

guincho desesperado e a multidão entrou em um tumulto frenético, gritando, aplaudindo, batendo os pés e gritando em coro infernal: „Puta, puta, puta...!“

Verônica, que chegou a saber que meu pai vendeu bilhetes para o acesso a ela, quis protestar, mas quando meu pai confirmou que ela dos primeiros dez fregueses, que pagariam o dobro, receberia também o dobro, já que um quarto de tudo era sempre dela, ela se conformou. É menina boa e sabe, que seu dever é transar; talvez quis somente reclamar um pouco para meu pai garantir a sua parte no negócio.

O homem, no entanto, passou para a frente da moça e desfechou a terceira ataque com a mesma força brutal contra a barriga da índia, fazendo-a encolher uma perna e soltar outro guincho qual coelho no matadouro. Realmente, não é em vão, que em algumas culturas guerreiros usam chicotes também como armas na luta!

Quando o homem sem camisa terminou suas três chicotadas, testou primeiramente a umidade da moça com as duas mãos, enfiando uma na frente e outra atrás. A índia tentou desviar-se, mas

ficou presa pelos punhos e não teve muita margem para mexer a bacia. O único jeito era encolher as pernas, mas assim pendurava nos punhos e os braceletes lhe cortaram na carne, e o homem teve ainda um acesso melhor para suas partes mais sensíveis. A malta entrou em confusão bárbara, uivou, apupou, gritou, aplaudiu com palmas e pés, e muitos insistiram com meu pai vender mais bilhetes para a índia.

Instigado pela multidão o homem subiu na mesa, levantou a cobertura, olhou sorrindo o rosto banhado em lágrimas, viu a bochechas e os lábios sacudidos pelo choro desesperado, pegou a cabeça da jovem com as duas mãos e beijou a selvagem com muito ardor, evidentemente sem temer pela integridade de sua língua. Sem interromper o beijo apaixonado enfiou as mãos de novo entre as pernas, dos dois lados, e atacou com vigor.

Meu pai, finalmente, cedeu à pressão e vendeu mais bilhetes para a índia. Alegou: “Mas será só depois de 8, 9 ou 10 horas da manhã.”

Mas as pessoas não se importaram, estenderam mãos com dinheiro, ouro, pequenos diamantes ou outras coisas, e dentro de poucos minutos vendeu mais 50 bilhetes improvisados só com

pedaços de papel comum e os números 151 até 200 escritos por cima.

O próximo candidato, o dono de uma pequena venda, apertou a mão do homem sem camisa e recebeu o chicote. Ele comprou o direito a quatro golpes. Também ele apalpou antes de começar o corpo da moça dizendo que queria estudar o efeito das vergastadas para deduzir o melhor jeito de flagelá-la e como se faz que a ponta da tira alcance as partes mais íntimas e sensíveis da meretriz.

A primeira chicotada foi malfeita e não muito forte, e a tira enrolou-se ao redor da cintura da menina. Mas mesmo um golpe menos forte causa muitas dores, se a tira atinge uma região da pele, que já foi arranhada por uma chicotada anterior. Vi como a menina se torceu e imaginei as dores terríveis que sofreu. O vendeiro se aproximou, apalpou a pele para investigar os vestígios que a tira deixou na pele, mas evidentemente não sabia diferenciar entre os que acabou traçando e os de seus antecessores, porque ele procurou em lugares distantes da cintura, até entre as pernas e nas nádegas e apalpou tudo com calma. O povo cadenciava: „Puta, puta, puta". Mas com o tempo perdeu a paciência e eles gritaram: „Bate nela, bate nela!"

Quando voltei do barzinho com mais bebidas o vendeiro esteve ainda na terceira batida, que começou na bunda, mas a tira enrolou-se e acabou no peito, causando um ruído misturado entre grito agudo e gemido saindo da boca da menina. O homem subiu na mesa, viu com orgulho e alegria a mancha no peito, que era a assinatura de sua mão, apalpou o peito e esfregou-o, levantou a cobertura, mostrou-se rindo à índia e explicou: „E aí? Sou eu, o Antônio da venda! Gostou da lambada, puta?“

Passei pelo meu pai, que estava ainda com o homem estranho, mas agora discutindo com o homem rico, que comprara as primeiras dez chicotadas. Ele ficou insatisfeito e reclamou, que ninguém lhe explicara que teria o direito de tocar na escrava e beijá-la. Meu pai alegou que ninguém perguntou por tal direito, mas alguns começaram sem mais a cutucar a puta e ele simplesmente deixou. O rico, indignado: „E de onde eu poderia adivinhar que o senhor o deixaria?“

Verônica estava agora com Stefano, o açougueiro, cuja calvície concorreu com a pele da índia quanto à capacidade de reluzir pelas luzes das lanternas e fachos. Perto dele ficou

outro homem com uma menina, e ela perguntou-o: “Pai, por que eles açoitam essa mulher?”

E o pai disse: “Porque ela é uma índia, uma selvagem.”

Meu pai negociou com o homem rico, que viu, como seus sucessores aproveitavam a puta bem melhor e subiram ainda com seus atos safados na consideração do povo. Por isso meu pai cedeu, quando o homem ofereceu um dinheiro extra e concedeu-lhe o direito de apalpar e beijar a moça na mesa logo depois do espetáculo.

Depois de sua quarta chicotada o vendeiro seguiu o exemplo de seu antecessor, subiu na mesa, desvelou o rosto, pastou-se por uns segundos no choro desinibido da jovem e silenciou-a em seguir com um beijo caloroso, e suas mãos recebiam os beijos calorosos da segunda e terceira boca da puta.

O próximo candidato foi um mineiro de uns 40 anos, que pagou pelo direito de cinco chicotadas. Ele é bem conhecido na vila por sua ousadia e afoiteza e já conseguiu várias façanhas. Entre outras venceu uma sucuri de 8 metros lutando só com as mãos. Quando ele pegou o chicote, levantou-o e ganhou logo um aplauso.

Vi quatro crianças sentadas na balaustrada do segundo andar de uma casa, assistindo o espetáculo com muito interesse: uma menina e três meninos por volta de 11 ou 12 anos. Pareciam muito excitadas, sobretudo a menina, que se mexeu o tempo todo como se estivesse com pulgas. Ouvi o baque da tira na pele da escrava, mas já não olhei mais, concentrando-me para vender cada vez mais bebidas. Também percebi que teve agora outras pessoas expertas, que aproveitavam a oportunidade para vender doces e outras coisas, e as pessoas na rua aproveitaram para adocicar o espetáculo cruel com um sabor doce, e essa mistura agridoce excitou os espectadores ainda mais, e para deixar essa excitação em algum lugar queriam uma puta para a noite.

Meu pai encerrou a lista para Anuta com 100 pretendentes, Verônica estava nesta altura com 75. E a índia com 220. Meu pai resolveu vender mais números, não se importando mais com o fato que demoraria dois dias, já que os homens o queriam assim. No entanto, o homem terminou a quinta chicotada, e sob muito aplauso subiu na mesa, levantou a cobertura, beijou a boca e enterrou seus dedos entre as pernas da puta. Evidentemente sentiu um mel gostoso, pois tirou

os dedos, levantou um dedo como para mostrar algo e depois lambeu o dedo, e aí ganhou também um aplauso maior. Voltou a beijar e enterrar os dedos por uns minutos, e meu pai o deixou, porque vendeu cada vez mais bilhetes. A rua ficou abarrotada de gente, parece que chegaram ainda mais pessoas.

Entrei no barzinho para buscar mais bebidas. Teve uns gatos pingados que estavam no balcão eles mesmos buscando bebidas, mas a maioria de jeito nenhum saía da rua para não perder seu lugar de assistir o espetáculo. Um deles pegou várias bebidas para um grupo de amigos, que certamente seguraram-lhe seu espaço. Reclamou: „Puxa, como a rua ficou lotada! Apertadíssimo e um puta calor!“

„Pois é“, respondeu minha mãe. „Jamais imaginei que tem tantos curiosos neste povoado.“

„Ó dona Emília“, refutou o homem. „A senhora não pode falar assim. Não são curiosos. Simplesmente querem divertir-se um pouco. A senhora sabe, como o dia-a-dia é cansativo e monótono, e muitos tornam-se meio casmurros. E em uma festinha assim eles relaxam e recuperam suas forças e sua alegria.“

Quando voltei outra vez com bebidas do barzinho, o homem já terminou e estava beijando a escrava, com as duas mãos vasculhando e fuçando as grutas úmidas entre suas pernas, acompanhado por uma balbúrdia incrível em todas as ruas ao redor. Desceu sob um aplauso estonteador e levantou os braços como um grande vencedor depois de uma luta.

Nesse momento um dos meus dois amigos, que ajudava vender bebidas na rua passou por mim e disse: “Vou chegar a 200! Vou ter o direito a duas putas, não vou?“

Não tive tempo para consultar meu pai a respeito e disse simplesmente sim, confiando que meu pai seria generoso. Mas, ao que saiba, meu pai é sempre generoso quando se trata de algo que não lhe custa nada porque pode ser pago pelas bucetas de nossas putas.

Chegou a vez de Climério, o pedreiro. Não sei, de onde ele teve tanto dinheiro para se dar ao luxo de comprar seis chicotadas. Mas agora ele esteve lá, pegou o chicote, tirou a camisa, estendeu os braços para receber aplausos, bateu com a palma da mão nos músculos dos braços

para se aquecer, sacudiu o chicote e deixou-o sibilar pelo ar para testá-lo.

Com muita calma apalpou a pele da índia, quase carinhoso passou com a mão por cima das linhas vermelhas e levemente inchadas que as chicotadas deixaram como lembrança. Ao meu lado um senhor falou a outro: „Pois é, a pele de uma escrava e a tira de um chicote. É um namoro perfeito.“

Apalpou também as dobras entre as pernas como um árabe que compra uma escrava em um mercado de escravos ou como um cafetão que compra uma escrava ou puta e verifica-se da qualidade das ferramentas. Abriu as nádegas e passou a mão entre elas como para sentir possíveis inchações ou outros vestígios do trabalho de seus antecessores nesse lugar escondido. Depois passou pela frente da moça e berrou: „Abre as pernas, sua puta nojenta!“

A palavra nojenta certamente nem conhecia, mas sabia obedecer às primeiras três palavras a que já se acostumou a obedecer sem pensar, e por isso assustou e abriu as pernas como um reflexo. Mas assim perdeu o pé e pendurava só pelos punhos. Esperneava até que achou outra vez o

chão firme, mas novamente o pedreiro mandou: „Abre as pernas, cadela!“

Desta vez ela as abriu com cautela, uns vinte centímetros, porque mais não conseguiu sem perder o pé. O cara colocou suas mãos na buceta e puxou os lábios algumas vezes ao lado e deixou-os depois semiabertos, tão abertos como era possível sem segurá-los. Depois colocou-se na frente dela uns seis metros, jogou a tira do chicote para trás, fez dois compassos e arremessou a tira para frente com ímpeto acertando o abdômen da moça.

Ela se contorceu e virou o abdômen ao lado, enquanto o povo soltou um barulho, gritos misturados com aplauso. O homem foi por perto dela, deu lhe com o cabo do chicote um tapa na bunda e ordenou: “Abre as pernas, seu sapo pegajoso!”

Ela teve que se posicionar do jeito de antes, e o homem desfechou sua segunda chicotada, acertando quase o mesmo lugar. Desesperadamente ela tentou manter a posição arcando com as dores. Mas Climério não ficou contente, redirecionou os pés da escrava e reabriu a buceta com as mãos. Depois voltou à sua posição, visou o meio do corpo almejado e

arremessou o chicote com força brava. O baque ressoou pelas ruas e um barulho e aplauso frenético levantou-se de todos os lados e desembocou no coro “Puta, puta, puta...!”

Novamente corrigiu a posição dos pés da índia, enfiou um dedo entre os lábios femininos e abriu a buceta lentamente para ela ficar semiaberta, deixando uma faixa estreita de carne rosada e a pequena hastezinha desprotegidas.

Voltou ao seu lugar, visou o alvo e com um grito desfechou a próxima chicotada, e mal que seu grito ecoou pelas ruas foi ultrapassado por outro mais alto e muito mais agudo, um grito longo e lancinante, e a puta encolheu as pernas e pendurava novamente só pelos punhos nas correntes.

Ela não obedeceu logo, quando o homem se aproximou e ordenou para abrir as pernas e resistiu, quando pegou nos pés dela. Só depois de três bastonadas com o cabo do chicote na bunda e uma série de xingações ela abaixou os pés. O homem enfiou um dedo entre as pernas e começou a roçar entre os lábios doces para acalmá-la e só parou, quando ela pendurava toda enlanguescida na corrente, chorando e soluçando sem medida.

O alarido nas ruas alcançou um grau incrível, gritos de diversas alturas, batidas, alguns batiam com metal contra as portas e paredes de madeira, outros apitaram, uma festa ensandecida e fora do controle. Evidentemente o homem conseguiu, o que seus antecessores sonharam: a língua fogosa do chicote lambeu a carne mais sensível de nossa escrava.

Depois desse sucesso tentou repetir a façanha, colocou a índia em posição adequada, abriu a buceta, visou como um caçador frio seu alvo e desferiu outro golpe terrível contra sua presa. A língua em brasas não encontrou outra vez seu lugar preferido, mas mesmo assim o golpe fez a moça chorar novamente mais alto.

O homem pulou na mesa, levantou a cobertura revelando a face chorosa da moça, riu na cara dela perguntando: „Puta, está gostando de minhas lambadas? Sou Climério, o pedreiro. Estive com você na semana antepassada. Gostei muito de ti, és uma puta muito gostosa.“

Colocou uma mão em sua xaninha: „Ah, realmente, quente e molhada! És uma cadela muito boa! A maior puta do mundo!“

Selou-lhe beijinhos nas faces para sorver as lágrimas salgadas, apertou outro na boca dela,

mandou abrir as pernas e pulou no chão para executar sua última chicotada.

Fez recuar o povo atrás da escrava e posicionou-se uns metros das costas dela. A cobertura ficou aberta na frente da cabeça e o povo podia se pascer no choro e trejeitos da puta. Também é possível alcançar a vagina com uma lambada na bunda de uma escrava, se as pernas ficam abertas, mas tal proeza deve ser muito difícil. Por isso o homem nem a tentou, mas decidiu-se para uma vergastada bruta, em que concentrou todas as suas forças, na bunda e nas costas. O vigor da tira acompanhado de um estalo poderoso fez o corpo da moça saltar para frente, e sua boca se abriu soltando um grito prolongado, ululando, e a língua saiu e tremia no ritmo dos trilos de seu canto mórbido de agonia. E entre as suas pernas soltaram-se gotas, que viraram golfadas projetadas no ritmo das contorções do corpo, e finalmente soltou-se um jato de mijo, espargindo-se na mesa. Uns recuaram para não serem borrifados, mas outros apertaram-se para ver os detalhes e mandaram abrir as pernas, e ela, como se fosse um autômato, reagiu submissamente.

O pedreiro, aplaudido por todos, subiu à mesa, forçou o rosto da moça em sua direção, olhou a

moça por um bom tempo, pastando-se em seu choro. Depois, aos poucos, começou a mexer com seus dedos entre as pernas da moça, e ela gemeu e chorou ainda mais alto, mas ele ordenou: „Abre as pernas, sua vaca mijona!“

E ela obedeceu e ele começou a atacar com mais vigor: „Beija minhas mãos, puta, beija minhas mãos, mostra como você gosta de ser tratada assim, tratada de puta, tratada de escrava. Ah, está ficando nua em frente de todos os moradores, sendo açoitada, abrindo as pernas, sentindo os dedos em sua xereca, ficando cada vez mais quente e molhada, ah, deve sentir-se como no paraíso, né, puta!“

Acho que ela não entendeu, virou a cabeça e uivou como um animal. Mas ele, lembrando de que ela só entendia certas frases que já lhe ensinei mandou: „Beija me!“ e „Abre as pernas! Abre as pernas! Abre as pernas, mais, sua puta!“

E ela ofereceu a boca e ele a fechou com um beijo longo, ávido e ardente. E as mãos espalharam molho vaginal e xixi em sua pele lustrosa e trabalharam entre suas pernas com tanto furor que ela perdeu o pé, sacudindo canelas e pés desajeitadamente no ar, sob o

estrondo de aplauso e barulheira das ruas excitadas.

Meu pai já chegou a vender 270 bilhetes para a índia; certamente chegaria a 300, o que significaria que ela teria 48 horas de trabalho árduo incessante para frente, ou, se quiserem, de estupros sem parar. Muitos homens já não conseguiram controlar sua excitação e apertavam uma mão contra o tecido tenso na frente de suas calças. Muitos provavelmente nem se davam conta do que a sua mão fazia.

Agora chegou a hora de Raimundo, e quando o Climério não quis parar de beijar e de cavar com seus dedos nodosos de pedreiro nas valas da escrava trêmula, pendurada nas correntes e escanchada em suas ancas, sujando-o com a seiva misturada de mijo e baba da segunda boca, o ferreiro mexeu-se inquieto em frente da mesa.

Finalmente chegou a hora do Raimundo. Já que o pedreiro demorou tanto, ele, com impaciência, subiu à mesa atrás de Climério. Quando a moça percebeu o sorriso cruel dele, suas pernas bambearam e seus olhos se encerraram de medo. O pedreiro levantou as mãos molhadas para receber um último aplauso. Os homens

abraçaram-se em cima da mesa e passaram o chicote.

Raimundo pegou na índia titubeante e a beijou. A língua dele estava ainda inchada e não deu para enfiá-la bem na boca da escrava. Só enfiou a ponta, e colocou suas mãos para serem beijadas pelas outras bocas da puta: „Puta, agora és gostosa, assim como te quero. É, treme, sua cadela suja e nojenta. Hoje você está aprendendo, para que está aqui!"

Tirou a mão suja da segunda boca e pus três dedos na primeira boca. A língua dela mexeu-se no ritmo de seu choro, causando um sentimento muito excitante no moço, e ele escrutou todos os cantinhos da boca, deliciou-se com a baba pegajosa e o choro da moça e com os movimentos involuntários da língua ao redor de seus dedos. Acabou enfiando o dedo médio até a úvula no início da garganta. Com cada movimento de seus dedos o som do choro mudou, como se a boca fosse um instrumento de sopro sem pistões cujo tom é mudado só com movimentos da boca, ou seja, de uma mão enfiada, e o povo divertiu-se muito com essa brincadeira, e uns brincalhões imitaram o choro transformado da índia e riram quase até a mijar. Raimundo, porém, ficou fascinado pela

sensação, que achou emocionante e sensual. Com a ponta do dedo na sua úvula ela teve dificuldades de engolir e respirar e acalmou se. Ficou toda languida e entregou-se ao seu algoz. Ele fez a moça chupar e mamar docilmente em seus dedos e a buceta dilatou-se um pouco, dando um beijo quente e úmido na outra mão dele. E uma vez ela abriu os olhos e o olhou na face, e seus olhos eram um grito mudo por socorro e piedade, e com esse olhar doce e meigo o pau dele pulou na calça como um homem amarrado em uma árvore que quer rasgar as cordas com força impulsiva, e quase gozou nas calças sem querer.

Prendeu o fôlego pela emoção. E quando a sensação mais forte passou, soltou uma baforada na face da menina, riu na cara dela e disse: „Tu hás de sofrer para mim, puta. Se pudesse, te faria sofrer toda a sua vida por sua ousadia, ratazana!" Mostrou-lhe a tira do chicote de perto e colocou a ponta em sua boca e na vala entre as pernas. Riu e pulou ao chão.

„Fecha a cobertura", lembrou meu pai. Raimundo disse, que queria chicotear com o rosto à vista de todos, assim como no golpe anterior. Mas meu pai não deixou, sobretudo porque o Raimundo quis flagelar na frente da

moça para ela o ver nisso e para poder acertar, com sorte, a bucetinha. Raimundo explicou que ele antes treinara na oficina dele, inclusive construíra um busto improvisado de madeira e metal com quem ele treinara nos últimos dias. Fiquei por perto e por isso meu pai me mandou subir e proteger o rosto da nossa mercadoria. Raimundo olhou-me com raiva, quando obedeci logo apesar de ele ainda argumentar com meu pai, mas aí ele se rendeu.

Logo a primeira batida atingiu os peitos, produzindo manchas bem visíveis. O povo celebrou o golpe como se fosse uma proeza, mas eu acho, que ele, na verdade, quis acertar a vulva, e na raiva a coordenação não foi certa e assim a lambada saiu muito mais alta. Ainda bem que fechei a cobertura, porque nem se pode imaginar o que uma tira de chicote pode causar na face de uma puta. Raimundo investigou por perto o vestígio, que a tira deixou e viu com um sentimento de triunfo, que em um lugar logo embaixo do peito, onde o traço de sua chicotada se cruzou com a mancha inchada de outra lambada, saiu uma pequena gotinha de sangue. Ele a pegou com o dedo, mostrou-a aos espectadores, recebeu o aplauso e lambeu o dedo para executar outra chicotada, desta vez nas

coxas. Evidentemente estava tentando acertar a carne mais sensível entre as pernas, repetindo a façanha de Climério, e como este ordenou à moça que abrisse as pernas, e se ela o não conseguiu, ele mesmo o fez. Mas não podia abrir os pés por mais de 30 centímetros, senão a puta perderia o chão.

A próxima vergastada caiu na barriga da escrava, e ela recomeçou a uivar e ulular sua mistura de gemido, grito, assovio, soluço, choro e canto tristonho, e quando Raimundo a investigou, achou outra gotinha de sangue.

„Pois é“, comentou meu irmão. „Deve ser por isso que a Bíblia escreve no Antigo Testamento que não pode dar mais de quarenta chicotadas.“

Ele estava com Isidoro e Anuta ao lado de meu pai, que ainda discutiu com o homem desconhecido. Isidoro disse: „Bom, se fosse para evitar sangramentos, o limite deve ser 30 ou 35.“

„Bom, estamos com 38 batidas, e foram cada vez outros homens. Se o dono mesmo exempla uma escrava, não consegue colocar tanta força em todas as chicotadas. Aí 40 é um número bem escolhido. Sempre admiro a sabedoria da Bíblia.“

„Mas como você sabe todos esses detalhes? Tem um parente que é padre?“

„Meu pai recebeu uma Bíblia faz dois anos. Você sabe, que tem muitos, que querem transar e não trazem dinheiro ou ouro ou diamantes, mas galinhas e qualquer coisa. Às vezes um caçador volta com dois animais da mata e passa aqui, deixa um com a gente e em troca pode transar com uma puta. Do mesmo jeito certa vez um vendilhão deu a Bíblia para transar seis vezes.“

„Caramba, e ele conseguiu?“

„Ficou dois dias aqui; cada dia comeu três putas. Meu pai achou bom ter um livro em casa e comecei a ler, acabando em ler tudo. Tem um monte de coisas interessantes, que padre nenhum consegue contar, mesmo se ficasse por um mês inteiro aqui. Gosto de ler essas coisas. Claro, tem trechos difíceis, enfadonhos ou ininteligíveis, mas contém também muita sabedoria.“

„E seus pais também leem?“

„Minha mãe gosta muito de ler. Os outros só de vez em quando. Mas se tivermos visitas de parentes ou amigos, lemos juntos, e eles sempre ficam impressionados.“

„Que cara doido, esse vendilhão, vendendo um livro caro assim por seis vezes comer puta!“

„O livro, na verdade, não deve ser tão caro como se imagina, porque é de uma sociedade bíblica de Portugal que se incumbiu para produzir Bíblias mais em conta.“

„Como assim? É da igreja? Mas mesmo assim têm que ganhar algo!“

„Não comente com ninguém, mas acho que a sociedade é mais das igrejas hereges. Sabe que em Recife existe uma igreja protestante? Mas falam que o conteúdo das Bíblias é o mesmo, só que essas igrejas interpretam tudo um pouco diferente e não querem obedecer ao papa.“

„Pois é. Como eles podem exigir obediência dos fiéis se eles mesmos não obedecem ao papa? Mas não entendo porque eles querem que todo mundo possa ter uma Bíblia vendendo-as barato. Se todos teriam a Bíblia, para que se precisaria ainda dos teólogos?“

„Eles fundaram a primeira sociedade bíblica por causa de uma menina, sabia?“

„Uma menina? Como assim?“

„Ela morava em uma aldeia inglesa e sonhou desde bem pequena de poder ter e ler uma

Bíblia. Mas, na época as Bíblias custaram muito caro. Aí começou a negociar com os pais, se poderia ficar com uma parte do dinheiro se arranjasse mais compradores de ovos. Os pais concordaram e a menina foi andando mais longe e vendia ovos. Depois de uns dois ou três anos ajuntou tanto dinheiro que poderia comprar uma Bíblia, mas a próxima cidade ficava a 45 quilômetros.

Corajosamente pediu licença aos seus pais, andou a pé até a cidade e procurou a casa do pastor que venderia Bíblias.

Quando bateu na porta, ele estava presente, mas informou: - Infelizmente não tenho Bíblias aqui, porque tem que incumbir uma, e daqui a umas semanas poderá recebê-la.

A menina começou a chorar e o pastor estranhou e perguntou, e, por conseguinte, ela disse que morava longe e contou tudo que fez para ganhar uma Bíblia. O pastor, emocionado, disse: - Bom, tenho aqui uma Bíblia, que é incumbência de uma senhora. Mas vou dá-la a você, e contar a sua história a ela. Espero que ela entenda.

Comovido o pastor contou a história mais tarde em um convento a seus colegas e eles tomaram a iniciativa para mudar a situação e acabar com as

dificuldades de ter uma Bíblia em casa. Fundaram a primeira sociedade bíblica do mundo, que tem por fim imprimir e divulgar Bíblias a preços mais alcançáveis.”

„Puxa, mas se vocês leem tanto na Bíblia deve ser chato mexer sempre com prostitutas, quer dizer … pra dizer assim, o pecado.“

„Mas prostituição não é pecado.”

“O quê? Mas quando vivia com meus pais na cidade e ouvia muita missa, ouvi muitas vezes o padre dizer “Abstenhai-vos de toda a impureza, prostituição, maldade e por aí vai.”

“Claro que tem tais frases, mas tem que considerar o contexto. Só faria sentido, se falasse com prostitutas. Já que esses trechos são direcionados a todos, prostituição neste sentido é um sinônimo de lascívia. Quer dizer, é proibido a meu pai ou a minha mãe, sendo eles casados, deitar-se com outras pessoas, sobretudo com outras pessoas casadas. Quanto à prostituição profissional, o que faz parte do nosso trabalho no barzinho, a Bíblia é bem clara: Uma filha de um sacerdote não pode trabalhar como prostituta. Disso pode concluir, que para outras mulheres a prostituição não é uma profissão proibida. Também é proibida a prostituição em

templos de outros deuses, já que na época era comum em certas religiões que jovens se venderam nos templos para honrar o respectivo deus. É claro, porque todo serviço que tem a ver com outros deuses é pecado.”

“Mas você fala assim, e os padres falam o contrário. Como você acha que sabe mais do que eles?”

“Talvez eles tenham preconceitos ou eles queiram desviar a atenção do povo para essa questão e não pelas infrações dos ricos e poderosos, que, na verdade, são o foco principal na Bíblia. Poderia mostrar-lhe os lugares na Bíblia. Talvez eu leia esses trechos com mais interesse do que os padres e saiba por isso mais do que eles.”

“Então você não acha que uma prostituta é má? Pensa que uma prostituta poderia ser melhor do que uma dona de casa dedicada?”

“Olha, se uma pessoa é boa ou má, não depende da profissão. Na Bíblia não tem essa teoria de que todos os reis e padres vão para o céu e todos os carrascos profissionais, prostitutas, soldados e sei lá seriam maus e iriam para o inferno. Se alguém é bom ou mau depende de seus feitos e de seu coração, sabe? Na Bíblia aparecem umas

oito ou dez prostitutas. Algumas são boas como uma tal Raab, outras são más, e de algumas nem se sabe o caráter.”

“Como assim? Não se sabe se são boas ou más?”

“Por exemplo achei na Bíblia a história de duas prostitutas, que brigaram, de quem seria certo bebê. O rei Salomão, como juiz supremo, disse que iria cortar a criança pela metade. Aí uma puta aceitou a decisão, e a outra renunciou a sua parte para salvar a vida do bebê. Aí o rei falou: Então você deve ser a verdadeira mãe. O bebê será seu.

Aí uma delas é má, como se vê, mas isso não tem a ver com a sua profissão. A outra, neste ato age bem, mas não sabemos se é uma pessoa boa em geral, porque sabemos que também mães ladras, antropofágicas ou assassinas se sacrificam para salvar sua prole.”

“Bom, pode até ser, que existem putas boas, que fazem algo especial, uma obra boa. Mas a metade das prostitutas na Bíblia é má, você disse.”

“Claro, mas a metade é pouco. Acho que entre os mais de 50 reis mencionados e descritos na Bíblia nem tem 10 bons. O mesmo vale para os

sacerdotes. Deus queixa-se que seus sacerdotes são quase todos maus.”

“Então você acha, que prostitutas entram mais fácil no céu do que até sacerdotes? Que teoria absurda, a sua.”

“Pode chamá-la absurda, mas não é minha, mas da Bíblia. Jesus disse justamente aos sacerdotes e fariseus: As prostitutas vão ao céu em frente de vocês.”

“Mas, você disse, que sua mãe também leu a Bíblia. Se a receita para chegar ao céu seria virar prostituta, porque ela não se vende também?”

“Seu cretino. Minha mãe é casada. Seria fornicação, se ela se deitasse com outro homem, quebra de casamento. Seria logicamente um pecado. O mesmo valeria para você, se você se deitasse com uma mulher casada. Aí seria também o seu pecado, porque você destruiria o casamento dela.”

“E quando seu pai se deita com as putas?”

“Bom, se um homem casado se deita com uma puta ou outra moça livre, antigamente não era pecado, porque não era considerado quebra de casamento. O casamento só foi danificado se alguém conspurcava a esposa. Se o marido

transa com uma prostituta, ele não se suja, por isso o seu casamento não seria danificado. Hoje, a igreja aumentou o conceito e acha, que é também pecado. Mas quando meu pai transa com as nossas putas, não é por safadeza, mas para treinar e submetê-las. Também tem que testar uma menina antes de comprá-la. É o mesmo como um soldado, que há de matar na sua profissão. Jesus disse a um soldado, que ele deve ser justo, não deve saquear e cometer outras maldades. Mas não lhe proibiu a profissão, embora que ele mate. O mesmo deveríamos dizer a um dono de um bar. Ele não pode cometer fraudes como falsificar vinho, falsificar pesos, oferecer putas doentes, bater suas putas sem razão ou necessidade e por aí. Deve ser bom em seu trabalho para fazer o melhor aos fregueses, e para esse fim também tem que treinar, submeter a aprontar as suas putas."

"Então se eu vou para as prostitutas, não é pecado?"

"Claro que não. A Bíblia só condena o filho pródigo porque gastou toda a sua fortuna com prostitutas. Deve ser equilibrado. Tem um provérbio na Bíblia assim: Não seja bobo a fornicar com mulheres casadas. Melhor ir às

prostitutas. Se você frequenta prostitutas, perde só seu dinheiro, mas se se deita com mulheres casadas, perderá sua vida eterna.

Também tem outro exemplo na Bíblia. Uma moça chamada Tamara ou Tamar virou viúva bem jovem e sem filho. Para o sangue de seu marido falecido continuar, queria engravidar de seu sogro. Era um costume comum na época, só que o sogro se recusou porque não quis ser responsável pelos filhos de Tamara. Por isso a moça o enganou colocando roupa de puta, maquiagem e um véu e se ofereceu no caminho, onde o sogro passava sempre para ir ao seu campo. Como a coisa mais natural e normal do mundo, o velho aproveitou a oportunidade e dormiu com ela sem saber, que foi sua nora, e ela engravidava. A atitude do sogro não é criticada, e a Tamara é elogiada por ser experta."

"Puxa. Mas parece toda uma moral tão diferente!"

"Claro, a moral da Bíblia é diferente da moral dos seres humanos."

"Na verdade, é bom. Porque agora sei, que no céu posso encontrar meninas tão lindas como a Anuta, e não só pessoas chatas."

Ele alisou o cabelo de Anuta, que estava ainda nos braços de meu irmão, e ela sorriu e agradeceu o elogio. Meu irmão disse: “Como em todas as profissões depende do comportamento e de seu coração. Jesus deu alguns exemplos para certas profissões. E o apóstolo Paulo recomenda a escravos, que sejam sempre obedientes e trabalhadores, mesmo quando o dono estar longe, agradando aos homens de coração simples e sincero. Um escravo deve ser submisso ao seu senhor, deve ser lhe agradável, não deve contradizer nem roubar. Quanto mais o deve valer para uma escrava ou puta!

Ela deve ser submissa em tudo, agradar sempre aos seus senhores, não contradizer, ser trabalhadora e boa em seu trabalho, quer dizer, agradar realmente aos clientes etc., né, Anuta?” Ele esfregou o peito dela e ela enrubesceu e disse: “Sim, senhor. Com certeza.”

“Bom, mas você falou agora só das putas. Mas talvez vocês, que as exploram, então proxenetas, talvez sejam pecadores?”

“Que proxeneta, meu filho? Se Anuta fosse uma faxineira e nossa escrava, iria limpar o bar e a gente iria alugá-la a outras casas, para ganhar um dinheiro com o trabalho dela. Se ela fosse

uma cozinheira, a gente iria alugá-la como cozinheira. Agora ela é uma puta, e a gente aluga-a como puta. Como donos dela o dinheiro é nosso, mas os nossos deveres são alimentá-la, dar moradia, educá-la, alimentar e educar seus filhos, se tiver. É a mesma coisa.

Se ela fosse rebelde, não abrisse bem as pernas para os clientes, fizesse cara de desgosto e por aí, seria uma puta e escrava má. Se meu pai bebesse muito, espancasse os familiares e putas sem razão, não educasse as escravas, não atendesse aos desejos dos fregueses, seria um dono de bar ruim. Em toda profissão pode ser bom ou mal."

Raimundo ainda não estava pronto. Porque depois de cada golpe investigara o efeito na pele da índia, se deliciava com pequenos sangramentos e subiu para ver o rosto de perto, pastar-se em seu choro, beijá-la e sentir o calor entre as pernas. Mas por mais que o tentou, nenhuma chicotada acertou a bucetinha da moça. Aí Raimundo deixou a cobertura aberta, pulou da mesa e disse ao meu pai, que a deixou aberta porque iria aplicar os últimos três golpes nas costas e na bunda da puta.

Meu pai não concordou alegando que poderia acontecer, que a tira se enrola ao redor do corpo e bate no rosto como já bateu nos peitos ou até no pescoço. Raimundo se exasperou dizendo que ele não sabe porque o tratam assim. Que ele não pode fazer as mesmas coisas como outros já fizeram, embora que ele sempre faria o bem a nós e ajudaria. Meu pai quis acalmá-lo e cedeu para evitar um escândalo.

Mas meu irmão foi junto com ele para ele manter a distância suficiente. Raimundo reclamou: “Não sou criança, quero só o mesmo direito como os outros. O Climério também o fez assim, e você não foi atrás dele para controlar tudo!”

Desfechou a primeira chicotada de detrás com furor, mas nem acertou a moça. A tira só roçou as ancas dela e a tira bateu no ar, mas com um estalido como se o ar fosse alguma coisa. Raimundo disse logo, que esse golpe não pode ser contado, mas meu irmão contradisse, mostrando até um pequeno arranhão na anca. Raimundo duvidou que este foi feito por ele, e assim brigaram de novo até meu pai decidir a favor de meu irmão. Raimundo virou furioso, e deitou sua ira na próxima chicotada, que foi terrível e fez a moça tremer e gritar e uivar

desesperadamente, e todos podiam observar o rosto desvelado e se deliciar não somente com as contorções do corpo, mas também com o choro, os gritos, uivos e trejeitos da cara. Depois do golpe Raimundo subiu na mesa e examinou a parte atingida, mas somente com a última vergastada conseguiu abrir um sulco tão profundo que uma gotinha de sangue saiu também nas costas. Feliz com esse último sucesso Raimundo beijou a menina ofegante, languescida e chorosa, amassou-lhe a região entre as pernas e enfiou dedos sem dó: “Abre as pernas, abre as pernas! Mais, sua puta danada!”

Ela ficou escarranchada em suas ancas, as pernas escachadas pelas mãos chulas dele, os pés sacudindo e tremendo. Depois de mergulhar em um beijo prolongado e devastar-lhe as outras entradas com os dedos a socar soltou a boca, desviou o corpo ao lado, e mostrou aos espectadores como as suas mãos seguravam o colo da escrava como um alicate. Ela pendurou em suas punhadeiras e ele puxou seu colo aberto para frente, e todo o povo exaltou-se a uivar, gritar, apitar e bater palmas e pés.

Logo depois o homem rico, que fizera os primeiros dez golpes, subiu para fazer o mesmo com a moça, bebendo a sua baba de miséria e

choro e deliciar-se nas dores e na submissão forçada dela, mas nisso protestou outro homem: “Paguei o preço cinco vezes maior para poder estuprá-la quente, ofegante e languida logo depois do açoitamento. Como então esse ricaço pode vir antes de mim?”

“Mas ele não transa. O senhor será o primeiro, assim como combinamos.”

“Mas quero-a logo. Agora é quentíssima, arde de dores!”

“Vai ainda arder horas, se não dias.”

“Mas isso não foi combinado.”

Meu pai teve que fazer um compromisso, convencer o rico para ser rápido e conciliar o outro.

“Tá vendo?” disse meu irmão a Isidoro, como é difícil a vida de um taberneiro que tem putas a trabalhar para si? Se não fosse ele, os caras iriam se engalfinhar, esfaquear, estuprar as putas sem pagar nada e pior. Viu que meu pai vendeu 347 bilhetes para transar com a índia? Todos têm um número, tudo vai seguir uma ordem e será tudo legal. Sem isso provavelmente iriam estuprá-la, lutar pela ordem, e depois teria feridos e mortos, e ela morreria também ou seria enforcada pela

chusma depois de todos os estupros, como se ela fosse a culpada de toda a confusão. Então pode dizer que ele e até também os proxenetas não só educam, cuidam, promovem e embelezam as putas, mas também lhes salvam a vida.”

E em todo esse tumulto percebi, que as quatro crianças não sentaram mais na balaustrada. Elas estavam na penumbra do fundo da varanda, brincando de puta açoitada. A menina ficava encostada na parede com os braços estendidos, e dois meninos aos dois lados seguraram-lhe os punhos. O terceiro fez de contas como se chicoteasse a menina, e ela contorceu-se e fez trejeitos como se sentisse dores. Depois o menino levantou-lhe o vestido na frente, beijou-a e mexeu evidentemente entre as pernas da mocinha. Pensei que deveria ajudá-la, mas quando o menino parou, todos os quatro riram. O menino trocou o lugar com outro e então era este quem chicoteou, beijou e bolinou a mocinha. Como cheguei a saber depois, brincaram ainda por muitos dias “açoitar índias”.

Soltaram a nossa puta e puxaram-na para o estábulo. Eu sabia, que no outro dia eu teria mais livre. Só precisaria cuidar dos outros animais, porque a índia iria trabalhar dois dias sem interrupção, nem teria um intervalo para comer.

347 clientes para ela, que proeza! Mais 170 para as outras putas e mais de mil bebidas vendidas! Meu sonho de um dia poder fazer faculdade chegou cada vez mais perto.

Umas semanas depois meu pai aproveitou uma oportunidade para viajar para Recife. Teve um mercante andando a Recife, e meu pai se ajuntou, ainda chamando a mim para o acompanhar. Também Isidoro foi com a gente, e levamos o diamante embutido em uma carne seca de qualidade medíocre. Pensamos que no último caso, se tiver um assalto de um bando maior, a gente daria tudo, mas eles não se interessariam por carne de qualidade ínfima. Se não matassem a gente, ficaríamos pelo menos com o diamante.

Meu pai levou um abaixo-assinado por todos os moradores que pediram a serem reconhecidos como paróquia e deram plenos-poderes ao meu pai, que desta forma virou um líder local. No mesmo documento constava a promessa que os moradores erigiriam uma igreja.

Adorei a cidade Recife. Fomos para as feiras, lojas, oficinas e bordéis comprar várias coisas para nós e para um monte de pessoas, que pediram alguma coisa. E procuramos uma puta.

Tinha meninas de todas as cores, uma mais gostosa do que a outra. Teve uma mulata que foi tão quente e perfeita que jamais vou esquecê-la, e a dona deixou que não somente meu pai, mas também Isidoro e eu a testassem. A dona era uma senhora de uns 50 anos, vivendo em um sobrado com vários escravos. O marido falecera uns meses antes, e ela queria vender alguns escravos. Vários deles trabalharam para fora, uns alugados a outras pessoas, uns fazendo serviços como quitandeira ou marceneiro ou puta e tinham que trazer todos os dias dinheiro à senhora, que assim podia manter seu estilo de vida. Das suas negras ou mulatas quatro prostituíam-se, duas só na noite, depois de resolverem as suas tarefas em casa, a mulata e mais outra o dia inteiro.

Adoraria comprar a mulata. Já levamos o diamante para várias joalharias e sabíamos que daria tranquilamente para comprar a mulata e restaria ainda dinheiro para guardar ou comprar uma negrinha comum.

Passamos por vários bordéis, falamos com donos de escravas e fomos também atrás de classificados que achamos no jornal. Além disso resolvemos as outras coisas, fizemos compras e falamos e conseguimos uma audiência com o

bispo para entregar o nosso pedido. Ele nos elogiou e exortou para primeiramente construir uma igreja.

Mas por grande coincidência alojou-se no mesmo hotel como nós um traficante, que trouxe quatro meninas judias do leste da Europa consigo. Elas foram traficadas para o Brasil por uma “agência” formada principalmente por judeus, e eles lhes prometeram nas aldeias e cidades pobres do leste da Europa um casamento bom. Apareciam lá bem vestidos e bonitos, arrotando riqueza e se dando por pessoas ricas de outros países como o Brasil à procura de esposas, mas quando as moças chegaram ao Brasil, foram vendidas a bordéis.

O homem que contou esses detalhes a nós riu muito como se fosse uma brincadeira inócua que fizeram com as moças. Elas eram da idade entre 15 e 21 anos, e o traficante acabara de comprá-las no Rio de Janeiro e quis revendê-las aos bordéis de Recife, onde moças brancas assim fazem o maior sucesso. Já que em Recife dificilmente se acham prostitutas de luxo de França ou outros países europeus bem renomados, as meninas do leste da Europa seriam as mais cobiçadas.

Isidoro apaixonou-se muito por uma loira esbelta de 19 anos e olhos grandes e tristes. Ainda bem que meu pai pôde levá-lo ao lado e sugerir-lhe para esconder sua paixão, senão o traficante a venderia muito caro.

Torci por não der certo o negócio, porque preferiria transar com a mulata, a lembrança dela ainda me faz sentir cócegas no abdômen. Mas com certeza a judia também seria muito gostosa. Meu pai começou a contar que procuramos uma puta boa para o nosso barzinho bem no interior, mas que queríamos uma coisa boa.

Logo o homem começou a descrever as vantagens de suas meninas, mas ajuntou que infelizmente já teria fechado acordos com puteiros, mas quem sabe poderia fazer uma exceção e dar uma para nós, dando um pretexto ao bordel. Fá-lo-ia se a gente pagasse bem.

Meu pai disse que pensamos em uma mulata, mas ainda não passamos por muitos lupanares, mas quem sabe, se fosse uma oportunidade boa, iriamos comprar uma judia.

O traficante garantiu, que uma judia branca faria muito mais dinheiro do que uma mulata, além do fato que uma mulata seria falsa e muito obscena enquanto essas moças seriam todas meninas

educadas e por isso facilmente dirigíveis, e elas teriam lugar nenhum para fugirem, enquanto uma mulata seria como uma enguia, que sumisse muito fácil, e como em um país como o Nordeste do Brasil cheio de gente de cor iriamos achá-la?

“E como vou falar com elas, se não falam nada de nossa língua?”

“Puxa, fala com o chicote. É a língua internacional que cada puta e escrava entende.”

Ele soltou uma gargalhada sobre sua piada e ajuntou: “Por acaso esses negros nus que trazem toda hora ao Brasil já sabem falar alguma coisa, quando chegam? Só entendem linguagem do chicote e da chibata, então duas línguas.”

Riu de novo alto. Meu pai disse que ao que saiba essas meninas não aguentam muito, mas seu povoado teria muitos homens solteiros famintos. As putas teriam que atender três ou mais homens por hora.

Finalmente fomos ver as moças despidas. Uma teve peitos frouxos, outra uma cicatriz e outra uma bunda flácida e os lábios menores da buceta muito longos, não gosto de putas assim. Meu pai e Isidoro escolheram três moças que gostaram mais, e depois testamos a primeira moça. Cada

um de nós transou com ela por uns 15 minutos. Depois comemos a segunda moça. Sempre meu pai começou, depois Isidoro e finalmente eu. Entre as trepadas cada um teve um tempo para se recuperar, comer e beber.

As putas não contribuíram em nada para a gente conseguir gozar em pouco tempo. Senti me quase um mulato quando me deitei com minha pele bronzeado pelo sol e também por meus antepassados portugueses em cima desses corpos alvos, que pareciam tão limpos. Mas elas mal abriram as pernas e a terceira, por minha surpresa, falou poucas palavras em uma língua parecida com o espanhol; ao que entendi falou com cada um de nós que não seria uma puta, mas que saberia tocar violino muito bem e pediu para a gente a ajudar. Não respondi nada e mandei-a deitar-se, mas já que era minha terceira moça em pouco tempo e ela não ajudava, demorou até eu gozar nela. Depois mandaram as judias para se lavarem e nós homens sentamos e pedimos um jantar.

Claro que meu pai reclamou com o traficante, mas este riu e disse: “Mas o que pensam? Por acaso querem que eu quebre a rebeldia delas antes de vendê-las? Oxalá! Os proxenetas preferem polir essas moças eles mesmos, cada

um com seus métodos. Não é gostoso receber uma pedra rude e poli-la até que vire um brinco que alegra muita gente? O processo de nortear e transformar essas meninas bobas, vaidosas, rabugentas e egoístas em putas úteis, meigas, submissas e dóceis é muito emocionante e cada um gosta de perfazê-lo de sua maneira. Por isso deixo as moças assim como as recebi, só as acostumei a serem estupradas, sabem?" Deu outra gargalhada.

Meu pai respondeu: "E como posso então saber se as meninas têm o potencial para terem sucesso no mercado da prostituição?"

O traficante respondeu com o velho ditado incontestável: "O sucesso não depende das virtudes da menina, mas das habilidades dos homens, que a promovem."

Mesmo com essas impressões nem sempre bons o Isidoro continuou gamando pela judia que gostou desde o início, que foi a segunda, que testamos. Mas não deixou ver sua preferência, fazendo de contas como se preferisse realmente uma mulata. O traficante, por sua vez, disse que então levaria as putas aos bordéis, com os quais, segundo ele, já teria quase fechado as vendas. Era um jogo, e meu pai disse, que

provavelmente seria melhor assim para todos. O homem saiu, mas na porta virou-se e disse bem alto às suas meninas: “Bom, hoje é tarde, amanhã cedo vou levar vocês, minhas galinhas bonitinhas. A não ser, que esses homens aqui ainda mudam da ideia. Até poderia dar um desconto a mais.”

Meu pai demorou para responder para sinalizar a falta de interesse, depois bocejou e perguntou: “E qual seria o desconto?”

“A primeira, de 15 anos, por dois contos de Mil Réis, a segunda por dois contos e 400 Mil Reis, a terceira por um conto e 600 Mil Réis.”

“Pode levá-las para os bordéis. Já vejo que estamos muito longe uns dos outros.”

“Mas quanto pagaria o senhor?”

“Dois contos nem daria para a segunda. Talvez um conto e 500 mil.”

“Se receber menos de dois contos, não terei lucro nenhum. As senhoras ou também alguns senhores no Rio, que mandam as suas escravas negras nas ruas para arranjar dinheiro, combinam com elas que podem ficar à noite fora da casa, se elas entregam uma quantidade a elas, todos os dias. A quantidade depende da beleza

da escrava e fica entre 2 e 20 Mil Réis. Se pudesse fazer o mesmo com uma judia branca, poderia ganhar mais de 20. Desta maneira ganharia dois Mil Réis em menos de 100 dias e depois entraria no lucro. Se o senhor a colocar em um bordel, ela ganharia mais, mas teria que pagar a diária no bordel, que é uns 30 Mil Réis. Mesmo assim poderia ganhar 50 ou mais por dia. Se fosse dono do bordel, ou seja, de um barzinho, onde se oferecem putas, poderia ganhar 30 por puta e dia, mesmo se não fosse o dono da puta. Agora o senhor é dono de um bordel ou melhor bar e ainda por cima da puta. Que maravilha, pode ganhar muito mais, quem sabe 100 ou 200 por dia!"

"Bom, se for tão fácil, por que o senhor mesmo não bota seu gado nos bordéis ou na rua para se vender? Ficaria rico."

"Bom, aqui na cidade de vez em quando tem os problemas com a polícia. A gente tem que dar propina, mas mesmo assim depois de anos de paz a polícia de repente acusa a gente. E no interior não posso fazer nada sem complacência dos mandachuvas locais. Minha profissão é levar essas moças bonitas e agradáveis ao seu destino. Gosto de meu trabalho. Sabe, de duas em duas semanas estou circundado por uma penca de

jovens lindas, e posso transar com elas como se tivesse quatro esposas. Estou contente e não vou atrás de mais lucro.”

“Que bom. O senhor pensa então somente no bem dos outros, abastecendo lugares distantes e desprovidos com moças lindas.”

O traficante reparou a ironia no discurso de meu pai e sorriu: “Bom, por ser um homem tão generoso deixaria a terceira por 1 conto e 500 Mil Réis.”

“Então deixaria a primeira por 1 e 700 e a segunda por 1 e 900?”

“Que abuso de minha bondade! A segunda por menos de dois seria um pecado contra o Criador, que a desenhou tão bonita!”

“Disse dois mil? Bom, ofereço mil novecentos. Um conto e 900 Mil Réis. É muita grana.”

“Um conto e 950.”

“Aceito.”

“E mais cinquenta pelas roupas dela. Ela possui dois vestidos em sua mala de viagem e ...”

“Que isso, homem? Vendeste a moça nua? Comprei-a vestida!”

“Não é moça, é puta. Putas e escravas se vendem nuas, ou já viste escravos vindos da África de terno e gravata?”

“No meu bar ela não precisará desses vestidos europeus. Pode levar a bagaceira inútil.”

“Mas como vai levar a menina nua daqui até a sua vila?”

“E aí? Vou ensiná-la a trabalhar durante a viagem, aí melhor ela ficar logo nua. Acostuma-se melhor assim que é uma puta agora.”

“Bom, deixo-as por 25.”

“Quinze.”

“Vinte.”

“17.”

“18.”

“Tudo bem, que sejam 18”, terminou meu pai.

Depois fizeram dois contratos de venda, um com os valores combinados e outro para mostrar à moça. No outro a venda foi por 8 contos, a roupa por 100. E foram ajuntadas as dívidas da moça por causa da viagem, documentos, serviços dos traficantes na Europa e no Brasil, mais juros altos, em tudo quase 15 contos. Em casa meu pai abriu em seu livro uma nova página para ela,

onde alistou tudo que ganharia e todos os gastos. Começou com os 15 contos e mais 3 contos cobrados pela viagem de Recife até a nossa vila, já que ela teve uma escolta de três homens armados para a sua segurança, e estes já fizeram a ida e a esperavam por três dias em Recife. E quando chegamos em casa depois de três dias, ela já teve que pagar juros pelos três dias, sendo eles estipulados com 10% ao mês, que seriam 60 Mil Réis ao dia ou 180 em três dias e 200 pelos ensinamentos e a educação, que recebeu na viagem.

O diamante rendeu 2 contos e 200 Mil Réis. Sobrou ainda uma quantidade boa e pensamos em comprar logo ainda uma negrinha, mas não achamos uma pelo preço. Isidoro poderia comprar um negro ou uma negra já mais velha para ajudá-lo, mas não quis. Levamos o dinheiro para esperar outra oportunidade.

Depois da compra da escrava ficamos ainda pela noite no hotel, e Isidoro levou sua puta em sua cama, mas cedo da manhã mandou-a na cama de meu pai e depois também eu transei com ela. Fomos embora cedo, e ela sentou em frente de um ou outro na sela. Por causa do calor meu pai não quis estragar as roupas dela. Ela não estava acostumada com o calor e suava muito e com

muita roupa iria desenvolver um mal cheiro. Ficou só de anágua, mas quando ficamos a sós no campo, fizemos a nossa primeira pausa e tiramos tudo dela. Ela não quis e começou a explicar algo de várias maneiras à gente. Parece que usava até de duas línguas diferentes, mas a gente não entendeu nada. Por isso meu pai a ensinou com um golpe de chicote que deve silenciar-se e tirar a roupa, e ela logo começou a chorar e a despir-se.

Eu preparei a comida, e meu pai sentou-se em uma pedra, mandou a judia com o chicote ajoelhar-se em frente dele, e assim ela aprendeu nesta pausa de almoço chupar. Chupou um depois do outro, enquanto nós comemos e bebemos. Foi um momento muito emocionante alimentar-se vendo essa linda moça dedicar-se com sinceridade à sua tarefa. Claro, no início foi rebelde, mas depois de receber uma só chicotada e percebendo que foi-lhe impossível falar conosco por não entender português, resignou-se e reagiu quando meu pai mostrou o chicote ou bateu com ele no chão ou no ar. Lindo, como são educadas as meninas da Europa, nem se compara com índias e negras que a gente tem que espancar até o sangue para domesticá-las.

Sabendo que a judia não entenderia nada, meu pai expôs seus planos. Queria apresentar a puta nova como uma dama muito fina em nossa vila e alugá-la muito caro. Mas se a gente a tratasse como uma dama fina, ela tornar-se-ia soberba. Por isso seria necessário, humilhar e esculhambá-la antes de chegarem em casa para ela saber para sempre que é uma puta suja e nojenta, que só pode manter a fachada de dama mais fina se ficar submissa em tudo a nós. Isidoro concordou com tudo, que meu pai propunha.

Assim que a moça acabou de chupar-nos três, meu pai a afagou, mostrou que foi contente com ela e deu-lhe comida e bebida. Depois mandou-a subir a seu cavalo. A moça mostrou sua roupa e mostrou a si mesma, balbuciando coisa na língua dela, mas meu pai mostrou de novo ao cavalo. Aí sacudiu a cabeça chorando e não subiu. Meu pai pegou os braços da moça, torceu-os nas costas e levantou os punhos assim que ela teve que se curvar para a frente. Em seguida pediu a Isidoro para dar cinco chibatadas com o rabo do chicote na bunda alva como marfim dela. Depois mandou-a subir de novo.

Mas ela se recusou de novo.

Aí chamou a gente e imobilizamo-la com as pernas abertas e meu pai deu cinco tapas com a mão na vulva nua. Depois mandou-a subir de novo. Ela abalou ao chão, chorando e sacudindo a cabeça.

Aí virou-lhe de novo os braços nas costas e ela recebeu desta vez dez chibatadas na bunda, que logo se inflamou em um rubor saudável.

Mas ela se recusou ainda, chorando toda desesperada.

Aí seguramo-la de novo e recebeu dez tapas entre as pernas. Depois ela sucumbiu no chão, chorando alto, mas sacudindo a cabeça ainda mais forte do que antes, quando meu pai a mandou subir. Aí recebeu mais quinze chibatadas em todo o corpo, e depois Isidoro lhe torceu os braços nas costas e meu pai subiu ao cavalo, pegou na melena da judia e puxou-a para cima. Aí Isidoro soltou suas mãos e começou a chicotear suas pernas e de repente ela subiu agilmente como um esquilo ao cavalo escanchando-se em frente de meu pai.

Fomos embora, e meu pai começou a esculachá-la, colocando uma mão entre suas pernas amassando-lhe o triângulo safado diante de nossos olhos ou brincando com os peitos.

Quando ela tentava defender-se batia nas coxas dela com o cabo do chicote, deixando listras roxas. Com o tempo a resistência dela arrefeceu e ela se resignou ao seu destino.

Quando ela pareceu bem dócil, fizemos outra pausa, estupramo-la e depois Isidoro a mandou subir no cavalo dele. Mas ela ajuntou as mãos em sinal de pedido, mostrou a mala com roupas dela e falou palavras estranhas. Mas Isidoro lhe deu um golpe com o chicote e mostrou de novo na sela, e quando ela se recusou, seguramo-la e ele lhe deu cinco tapas na buceta. Quando ela, porém, se recusou ainda, Isidoro montou o cavalo, puxou-a pelos cabelos para cima, enquanto meu pai bateu em sua bunda e entre suas pernas para ela subir mais rápido, e aí ela subiu rápidinho. Por um segundo ficou com um pé no estribo pisando em cima do sapato de Isidoro e levantou a outra perna, abduzindo-a para passá-la ao outro lado da sela e a gente viu toda a sua racha linda aberta, a carne por dentro como o nácar de uma concha, levemente rosada e brilhante pela umidade. Isidoro fez com ela o mesmo como meu pai e conversamos sobre ela e sua racha e seus peitos para humilhá-la mais ainda. Infelizmente ela não entendeu nada, mas

certamente concluiu de certos gestos que falamos sobre ela.

Certa vez encontramos no caminho um homem com um carro de bois. Ele sorriu largamente quando viu a moça nua e como o Isidoro brincava com suas partes. Paramos, meu pai mostrou com o dedo na moça para ela saber que falava dela e disse: “Uma puta judia que compramos em Recife. Caramba, é uma máquina quente! Transa como uma coelha!” Rimos com o homem e fomos embora.

Na próxima pausa ela teve que chupar-nos mais uma vez. Chupou meu pai com muita reverência e dedicação e foi elogiada, recebeu afagos e alimentação. Quando chupou o Isidoro, meu pai viu um espinheiro seco e com espinhos duro de, no mínimo, um centímetro.

Quebrou alguns ramos e quando a moça estava pronta com Isidoro mandou a segurar e passou com um ramo cheio de espinhos por perto da racha dela, amedrontando-a com os espinhos. Depois até tocou sua fenda, mas só muito de leve. Depois colocou o ramo em cima de sua sela, bem na frente, onde a buceta da menina deixara uma mancha escura. Mostrou-lhe a sela assim guarnecida e colocou mais ramos

espinhosos aos lados do primeiro. Depois colocou três ramos no chão entre meus pés, onde sentei em uma pedra e mandou a moça ajoelhar-se em cima. Ela fez gestos de pedir por misericórdia, mas meu pai torceu-lhe um braço nas costas, pegou-a também pelo cabelo, e fê-la ajoelhar. Ela abriu os joelhos para não cair com eles nos espinhos, e assim os três ramos deitaram entre suas canelas, uns centímetros em baixo de sua buceta. Meu pai mostrou a mim, e ela começou a chupar, tremendo de medo e ainda por cima instigada por toques com o cabo do chicote em sua bunda e seu cuzinho.

Quando ela demorou para acabar com meu pau, meu pai voltou ao seu cavalo e fixou os ramos do espinheiro, ligando-as com uma corda fina como se fossem um pequeno suadouro que se coloca em cima da sela para não transudar no couro da sela. Depois voltou a nós e bateu ligeiramente com a ponta do chicote na bunda dela para a puta chupar mais rápido, mas eu nem queria gozar logo desfrutando o momento, olhando a paisagem linda sendo chupado por uma moça boazinha e bonita. Finalmente gozei e segurei a cabeça dela como a de uma puta comum, para ela não perder meu leite.

Depois meu pai a levou ao meu cavalo e mostrou para a sela, gritando “Sobe” e batendo com o chicote no chão, e novamente a moça suplicou com as mãos e palavras desconhecidas e até se jogou aos pés de meu pai. Aí ele a pegou e arrastou para o seu cavalo. Subiu, enquanto nós seguramos a moça, que se debateu. Meu pai pegou a melena dela, enquanto ela se contorceu e gritou várias coisas ininteligíveis. Aí meu pai mandou-me soltá-la, e com o braço livre ela mostrou a meu cavalo. Meu pai riu e disse: „Parabéns, meu filho, a moça gostaria mais de cavalgar contigo.“

Levei-a para o meu cavalo, e ela subiu sem eu dizer mais nada, e aproveitei para olhar-lhe a buceta anacarada no momento de escachar a perna. Usou o estribo devidamente para subir, mas logo tirou os pezinhos nus e finos dele para concedê-lo a mim. Teve que se agarrar na crina do cavalo para se segurar. A pele macia no lado interior das coxas ebúrneas começou-lhe a arder pelo atrito contínuo na sela e nos pelos do cavalo, mas ela teve que apertar as pernas no cavalo para não perder o equilíbrio.

Como meu pai me explicara antes fiz de tudo para humilhar a menina e fazê-la passar vergonha. Logo percebi que meu pau se

incomodou e bateu contra o bumbum da branquinha. No início, me envergonhei, mas depois de me dar conta de minha vergonha pensei: Será que vou ter vergonha diante de uma puta, uma menina caída, que faz e vai fazer todo tipo de safadeza? Aí me soltei e ataquei as partes dela com bom ânimo, considerando que o que ela pensaria de mim não teria importância nenhuma e sabendo que cada ato desses contribuía para a menina tiver mais sucesso na sua profissão, e assim a nossa família também teria mais lucro e eu poderia um dia fazer uma faculdade.

Mais tarde, quando começou a chuva, o corpo da puta virou escorregadio, e foi uma sensação nova e ainda mais gostosa passar a mão pelo seu corpo inteiro, e por isso minhas mãos não pararam de incomodar a judia, tocando em todas as partes, amassando os peitos, mas toda hora elas voltaram ao ninho quente entre as pernas abertas dessa puta seivosa, que agora produzia um mel pegajoso que porejava de sua segunda boca e que espalhei esfregando por seu corpo inteiro,

Acho que durante esse trecho da viagem minha produção de esperma foi instigado a um resultado recordista, e na próxima pausa quase

explodi esperando, porque meu pai e Isidoro estupraram a moça antes de mim, mas quando estava nela, senti me logo como no céu muçulmano e mexi-me bem devagar para prolongar o momento ao máximo possível, e quando cheguei a gozar, demorou muito até que meus testículos se esvaziaram, e todos esses segundos foram tão felizes que mal dá como os descrever.

Na noite chegamos a um povoado pequeno, entramos no único barzinho, levando a moça nua atrelada conosco. Todo mundo maravilhou-se e meu pai explicou de novo, que ela é uma puta judia recém-importada da Polônia. Quando eles se interessaram deixou, que o pessoal podia transar com a puta, pagando uma taxa bem acessível. O taberneiro dessa baiuca viu que estávamos cansados e ofereceu-se para vigiar a moça. Meu pai vendeu bilhetes improvisados aos homens, deixou a moça nua com eles e fomos dormir tranquilos na consciência de que a judia não podia fugir, porque qual moça europeia iria se adentrar numa noite na escuridão da misteriosa mata tropical? Também dormimos contentes, embora que em cima de esteiras ralos,

sabendo que mesmo dormindo a nossa fortuna cresceu por termos escravas a trabalhar.

Terminado o serviço na madrugada o taberneiro levou-a na sua cama e dormiram ainda umas três horas (bom, não sei, ficaram três horas na cama, mas, quem sabe, transaram mais do que dormiram), e depois o homem fez um café para a gente, levando a moça consigo no bar mandando-a limpar o chão. Recebemos ovos e presunto e observamos a judia nua limpar a baiuca suja, uma visão, que me comoveu muito. Quando ela parou por um instante para descansar, meu pai logo lhe passou uma chicotada. Isidoro comentou: “Puxa, ela ficou na noite toda na labuta. Deixa-a respirar um pouco. Será que quer transformar a vida dela em um pesadelo?”

“Essa viagem há de ser para ela um verdadeiro pesadelo”, disse meu pai. “Temos só esses três dias para lhe ensinar submissão absoluta. É para o próprio bem dela, para ela depois ter sucesso na vida como puta. Quanto mais ela sofrer agora, tanto mais submissa e meiga será depois, até grata por ter depois uma vida melhor. Assim daqui a umas semanas vai ser uma puta feliz. Mas se agora a gente não a escarmentar o suficiente, será sempre uma puta reclamadora

que acha defeito em tudo e vive infeliz com a sua vida. As pessoas pensam, que estou agindo assim só por querer o melhor para minha esposa e meus filhos, para dar-lhes uma vida digna, mas também penso no que seria o melhor para as putas. Sinto até certa simpatia para com elas.

É muito importante que uma puta sinta uma certa felicidade e esperanças. Tem putas que sabem que cada dia vai ser pior do que o anterior, são espancadas sempre e sabem que, com trinta ou quarenta anos, vão morrer pobres e rejeitadas por todos. Elas ficam nos puteiros, pálidas, de olhos mortiços, abrindo as pernas sem entusiasmo, somente para diminuir a quantidade de pancadas que recebem. Tais putas murcham dentro de poucos meses. Se tratamos e educamos putas com equilíbrio e prudência, elas progridem e garantem um lucro por muitos anos aos responsáveis."

Levantou-se e foi atrás da moça. Passou o dedo pelo assoalhado, onde ela acabou de limpar, e sobretudo no cantinho achou ainda sujeira. Deu duas chicotadas na bunda nua dela e mostrou gritando para o lugar. Chorando ela o limpou de novo, enquanto meu pai se sentou com um sorriso largo para a gente aprender a lição.

Assim a moça teve que trabalhar com ânsia enquanto nós comemos um café de manhã opulente, porque o taberneiro assou também bananas e ofereceu compota e outras coisas. Mas Isidoro fez um embrulho para a judia depois comer algo na viagem. Achei-o um gesto bem legal que Isidoro ficou preocupado com o bem-estar de sua escrava.

Quando a judia estava pronta, estupramo-la mais uma vez para começar o novo dia e depois fomos selar os cavalos. A sela de meu pai teve ainda sua guarnição especial de espinhos e meu pai mandou a rapariga subir. Ela o olhou com lágrimas nos olhos, mexendo os lábios em uma súplica muda, mas quando meu pai bateu impaciente com o chicote no chão, ela resignou-se para a nossa surpresa e subiu. Sentou-se, porém, por enquanto, logo atrás dos espinhos.

Meu pai subiu, teve pouco espaço e apertou seu corpo contra ela. Colocou uma mão de atrás entre suas pernas para fazê-la levantar a bunda um pouco. Assim ela estava pronta para ser empurrada na frente e cavalgar os espinhos, mas meu pai, em consideração de sua submissão bonita, os afastou com a outra mão e só então empurrou-a mais para frente. Tirou a mão em baixo dela e seus lábios íntimos dilataram se por

cima da mancha escura no couro, lembrança de sua vergonha no dia anterior.

Também neste dia meu pai treinou a obediência dela e levou-a mais uma vez ao ponto de ela recusar uma ordem. Assim tivemos uma razão para poder chibatá-la. Claro, ela é uma puta, praticamente uma escrava pelo excesso de dívidas e pelo fato, que foi comprada, e a gente poderia espancá-la quantas vezes quiser, mas meu pai já explicou, que um castigo injusto aumenta o espírito de rebeldia, enquanto um castigo merecido leva a puta ou escrava à contrição, compunção e remorsos e fá-la mais humilde, submissa e languida. Foi por isso, que provocamos sempre um acidente que praticamente nos obrigava a corrigir a puta à base de pancadas, chibatadas e chicotadas, sempre, porém, dadas com prudência, sem estragar a pele da mercadoria.

A gente nunca deve se esquecer de que ela é nossa mercadoria. Por isso, meu pai ensina sempre, que quando alguém fica furioso por causa de uma puta ou escrava, deve anunciar um castigo e esperar a noite e dormir. Só no outro dia deve confirmar o castigo e fustigar a moça. Assim se evita que a espanque magoado e

exagere ou castigue de um jeito deselegante, estragando a mercadoria.

Também nesse dia encontramos outros viajantes no caminho e explicamos, que a branquinha nua é uma puta judia, e que as judias transam muito bem e são putas natas. Já disse, que foi uma pena que ela não entendia português, mas certamente adivinhou de nossos gestos e sorrisos o conteúdo da conversa e passou muita vergonha e se aviltou.

Mais tarde, quando tive a rapariga novamente em minha sela, um homem colocou seu cavalo perto de meu cavalo e pegou nos peitos dela, avaliando-os e depois amassando-os com a mão. Mantive o tempo todo a minha mão entre as pernas da judia e senti assim, como ela se constrangeu e tremeu de medo, um momento muito íntimo.

À noite ficamos em outro boteco, e meu pai, como na noite anterior, vendeu bilhetes com números. Uns vinte homens compraram, quase todos os presentes, tirando uns cinco ou oito, que provavelmente estavam sem grana. Aí um homem falou: „Hoje é meu aniversário, e quero que no meu dia todos sejam felizes. Por isso vou comprar para esses pobrezinhos bilhetes.“

Os outros saudaram o homem generoso e ele gritou alegre: „Vamos ter uma festa de arromba!“

Mandou chegar bebidas para todo mundo e pediu ao meu pai, para a puta judia dançar nua. Meu pai disse, tentou mandar nela, mas já que ela não entendeu, não deu certo, embora que alguns cantaram uma canção frívola para estimular a dança. Aí um brincalhão pegou a moça nua e dançou com ela à força, e depois muitos pegaram-na como uma boneca e dançaram com ela.

Meu pai, que queria descansar, negociou com o aniversariante e combinaram, que a puta ficaria a noite toda com eles: „Podem fazer com ela o que quiserem, mas não estraguem nada, não façam nada que poderia danificar a mercadoria como o nariz ou um dente quebrado.

Quando acordei na manhã achei a nossa judia dormindo deitada de costas, com as pernas abertas, no chão do bar. Entre suas pernas deitava um cara, a cabeça encostada na buceta dela como se ela fosse um travesseiro. Nos dois lados dela dormiram sujeitos que agarraram com uma mão respectivamente um dos peitos, e ao redor vi garrafas vazias. Peguei um balde de

água e joguei-o por cima da rapariga como o fazia sempre com a índia. Todos acordaram com um susto. Um dos sujeitos seminus foi o taberneiro, que se desculpou e começou logo a preparar algo como comida para nós. Para a judia não ficar à toa mandei-a limpar o assoalhado como no dia anterior. Quando meu pai e Isidoro apareceram, já tudo andava bem e eles se sentaram para observar a judia nua e sorver seu café.

Quando, no terceiro dia, chegamos mais perto de nossa terra, botamos uma roupa limpa na moça, penteamos-lhe os cabelos e aplicamos o batom, que se achou entre seus pertencentes. Agora ela sentou como uma dama no cavalo, com as pernas juntas ao lado esquerdo. Isidoro sentou atrás dela e tratou-a com respeito.

Chegando a nossa vila a mulher fina despertou a curiosidade do povo e muitos foram para o bar. Minha mãe ficou muito feliz ver nos voltar são e salvos, abraçou a gente e falou que teria tido muita saudade. Meu pai e eu respondemos: „Eu também.“

Contamos aos curiosos que a moça seria uma menina muito fina que nasceu em um palácio, parente do rei polonês. Quando os russos,

austríacos, húngaros e alemães ocuparam e dividiram a Polônia, a família dela teria perdida a riqueza e os pais foram mortos. Aí o tio dela não teria tido outra escolha do que vender uma menina tão linda para ganhar um dinheiro para o resto da família sobreviver dois ou três anos.

Dissemos que a moça era caríssima e nem em cinco anos reganharíamos o dinheiro investido, mas que a compramos por misericórdia, sabendo que os rufiões nas capitais têm o costume de espancar as putas todos os dias e que uma moça fina como a nossa nem aguentaria muita violência. Contamos que o traficante no Recife a teria espancado e que a coitadinha ainda teria os vestígios na pele sensível dela.

Aqui no interior, onde a fuga para uma estrangeira seria impossível, a gente não precisaria aplicar muita violência para domá-la, mas ela serviria aos homens porque teria um coração bom, sincero, meigo e afável.

“Como é o nome dela?” perguntou um homem.

Meu pai olhou a Isidoro, mas ele deu de ombros. Que coisa! Esquecemos perguntar o nome da moça. Procuramos na mala dela por um documento, mas nada achamos. Perguntamo-la dizendo os nossos nomes e depois os de outros

homens e depois mostramos nela, mas ela disse só coisas ininteligíveis como “Mal gorjata”. Não deu como saber que se tratava de um nome polonês, escrito Malgorzata, que corresponde a Margarete ou Margareta. Por isso discutimos um nome para ela. “Deve ser um nome nobre”, disse Verônica. “Teve uma imperatriz chamada Maria Teresa.”

“Mas aí o povo a iria chamar só Maria, um nome comum.”

“Na Rússia teve a imperatriz Catarina.”

“Já melhor.” Portanto ela foi “batizada” de Catarina.

Os homens queriam comer a moça logo, mas meu pai disse que ela seria muito sensível e mimada e por isso deveria descansar um ou dois dias antes de começar a trabalhar e sarar as pancadas violentas que recebera em Recife, mas os homens curiosos pediram muito. Meu pai experto esperava, até que eles ofereceram quantidades muito em cima do usual e só então liberou a moça. Assim demorou mal cinco dias que reganhamos os quase dois contos investidos na aquisição da puta. E ela nem teve a arcar com cem clientes por dia, porque meu pai disse que ela seria fina e sensível e aguentaria só uns vinte

por dia, sugerindo assim que seria uma sorte e um privilégio poder dormir com a nossa judia. Na verdade, sempre a vendia mais, e ela teve entre 30 e 45 clientes, mas disso eles não sabiam, e cada um pagou um preço elevado achando que seria um grande privilégio poder transar com a judia.

Na verdade, nossa família lucrou desde o primeiro dia, porque quem pagou pela aquisição da puta foi o Isidoro. Dos dois contos, que arrecadamos alugando a judia nos cinco primeiros dias recebemos a metade, e a outra metade foi dividida. Isidoro recebeu 500 Mil Réis e a moça também. O dinheiro da moça foi para pagar os juros, custos de moradia e alimentação, roupa adequada para trabalhar como puta e mais. Se sobrar algo, será descontado da dívida.

Quem receberia o dinheiro seria normalmente meu pai, mas já que a dívida não correspondia ao investimento, mas foi engrossada por finezas da contabilidade, que servem para melhorar o lucro do responsável por uma puta, essa parte foi dividida, porque existiam dois responsáveis pela puta: o investidor Isidoro e meu pai ou nossa família, que a treinava, supervisionava, vigiava e promovia. Isidoro recebeu um terço (167 Mil

Réis) e nós 333. De tudo, que os homens pagaram pela moça, Isidoro recebeu então também um terço. Mesmo recebendo só um terço ganhou o dinheiro investido de volta em menos de um mês.

Como cheguei a saber mais tarde, isso é um resultado muito bom, e até os proxenetas das capitais ficariam com inveja. Conseguimos o resultado extraordinário graças à oportunidade feliz e à artimanha inteligente de meu pai, que conseguiu impingir a judia aos fregueses por preços exorbitantes.

Nas cidades grandes tem sempre prostitutas de luxo, geralmente francesas, que moram em sobrados e andam às vezes de carruagem própria, frequentam o teatro como grandes damas e são putas muito caras. Atrás delas as judias e algumas outras putas de países mais simples como a Polônia, a Alemanha e a Áustria, entre outros, formam só a segunda categoria e por isso jamais poderiam exigir taxas muito caras dos clientes.

E a terceira categoria, as putas negras e mulatas, que se vendem nas ruas ou nas janelas das casas ou em prostíbulos baratos é uma concorrência muito grande, porque muitas escravas são

obrigadas a se prostituírem. Porém, as donas ou donos mandam-nas arranjar clientes na rua, assinam um documento que permite à escrava ficar vagando pelas ruas na noite e combinam, que a escrava entregue uns três, cinco, dez ou até mais Mil Réis por dia à sua dona ou a seu dono. Porém, a exploração é imperfeita, já que o dono não pode controlar a escrava e não vê, se ela fica morosa em vez de arranjar cada vez mais clientes. Para incentivá-la, alguns exigem uns dez Mil Réis por dia, mas deixam, que a escrava fique com o resto. Outros espancam as escravas sempre para elas trazerem mais dinheiro. Se uma escrava é boa e gostosa, consegue ganhar 30 Mil Réis por noite. Mas o dono recebe só 10 e ela guarda o resto para comprar a sua liberdade.

Em nosso caso tudo é diferente. Conseguimos vigiar as putas e educamo-las para que trabalhem bem e arranjamos-lhes muitos clientes. Por isso seria fácil para nós, ganhar com uma negra 30 Mil Réis por dia. Aqui não existe muita concorrência nem polícia, que às vezes atrapalha para escorchar um suborno. Temos muitos clientes porque os homens na vila são solteiros e doidos por mulheres gostosas e muitos ganham bem na mineração. São circunstâncias muito boas, e com a história de

fazer da judia de uma aldeia pobre uma dama fina, meu pai conseguiu esse resultado recordista.

A demanda pela índia, no entanto, diminuiu constantemente. Meu irmão disse que mal vendeu 50 bilhetes por dia. Praticamente nem precisaríamos mais dos bilhetes. Meu pai disse, que seria na hora de fazer outra festa para o povo com açoitamento da índia. Mas mesmo que ela ficasse sempre acorrentada como um animal e nem entendesse das coisas, meu pai insistiu no princípio que não se açoite uma puta à toa, mas para corrigi-la. Para poder corrigi-la ela deve cometer uma falta. Por isso incentivou a Raimundo e a mim e meu irmão para testá-la e procurar ou até provocar um ato de desídia, preguiça, desrespeito ou insubmissão.

Aconselhamo-nos e achamos por bem, ensinar algo mais difícil à moça. Se ela conseguir, a gente teria um novo atrativo para chamar a atenção de clientes curiosos, se ela desobedecer, teríamos a necessidade de chicoteá-la.

Por isso fui para o estábulo cedo da manhã. Já não teve mais clientes, e a puta dormiu acorrentada. Reparei que perdeu já uma parte de

seu brilho de moça soberana, garbosa, guapa. Condoeu-me a aparência dela, tive saudade da princesa elegante e airosa, que ela afigurava quando a vimos pela primeira vez. Sentei-me ao seu lado e tentei descobrir os restos da galhardia de antes. Alisei-lhe os cabelos e ela abriu os olhos. Assustei um pouco, mas depois pensei melhor e continuei alisando o cabelo dela e enchi-a de afagos. Pena que depois tive que dar cinco chicotadas nela e lavá-la com água fria. Era tudo contra o princípio de meu pai. Essas chicotadas eram sem sentido. Ela deveria pensar, que recebê-las-ia por causa de uma falha, mas não teve falha nenhuma. Deveria pensar de mim, que sou um viciado, um perverso cruel ou doente mental. Mas o que pude fazer? Tive que cumprir as incumbências de meu trabalho.

Depois coloquei a mordaça de ferro, acorrentei as mãos na coleira e levei-a para mijar e, se quiser, cagar. Depois dei-lhe alimentação. De volta no estábulo acorrentei-lhe os tornozelos, como sempre com as pernas abertas, e enfiei-lhe uma garrafa na buceta. Falei por várias vezes a palavra: “Enfia.”

Depois soltei-lhe as mãos e falei: “Enfia.”

Bati com o chicote no chão, mostrei na garrafa e na buceta, e para minha surpresa ela pegou a garrafa e pô-la em direção de sua buceta e olhou para mim. “Sim”, falei. “Enfia.”

Aí ela enfiou a garrafa. Não fui preparado a um sucesso tão rápido, e tive que buscar outra coisa. Ainda lhe ensinei as palavras “segura” e “tira” para ela segurar a garrafa na buceta por mais tempo e depois tirá-la, e em seguida lhe forneci a pá e mandei para enfiar o cabo. Ela obedeceu também. Depois dei-lhe ainda uma batata doce e uma banana e ela sempre obedeceu.

Durante esse dia a notícia da novidade se espalhou, e novamente ela teve 81 clientes e no outro dia 110, porque todos eram curiosos e quiseram mandar-lhe enfiar a garrafa ou um objeto que eles mesmos trouxeram. Sempre tiveram que tomar cuidado para antes de desacorrentarem as mãos acorrentar os pés. Ou, quem sabe, só soltar uma mão, para ela não poder fugir.

No terceiro dia a índia conseguiu ainda 96 clientes, trabalharia até mais ou menos três ou quatro horas da madrugada, mas logo depois da meia-noite aconteceu um incidente. Um mineiro, evidente meio bêbado, soltou as mãos da índia

sem acorrentar antes os pés e mandou-a enfiar uma garrafa. Quis animá-la para mexer a garrafa e socar em sua buceta, mas ela não entendeu as palavras. Aí ele saiu da porta para buscar outro objeto no quintal e viu a pá. Mas sempre teve uns dois ou três homens fazendo fila no quintal e quando o mineiro saiu do estábulo, o próximo entrou, pensando que o primeiro já acabou. Este voltou, abriu a porta, que não era fechada de dentro e começou a reclamar. O outro disse, que já acabou, mas o primeiro alegou que só ficara por um minuto com a índia e nem transou ainda. Já que o segundo já tinha tirado sua calça disse ao primeiro para esperar, mas este não aceitou a proposta e mostrou a pá, que a índia teria que enfiar. O outro concordou, e a índia obedeceu, mas depois brigaram de novo, quem seria o primeiro a transar, e o bêbado atacou o outro com a pá.

A índia, assustada, recuou em direção à porta, e quando a viu aberta saiu. Os outros dois homens na fila viram os dois no estábulo a brigar e se intrometeram, e a índia viu a chance para fugir. Mas na rua foi vista por um homem que voltou de um outro bar em casa e ele gritou alto e a perseguiu e a pegou depois de uma corrida, porque ela já estava bastante desacostumada a

correr rápido. Tentou defender-se e mordeu, mas o homem a dominou.

Meu irmão e outros homens no bar ouviram os gritos dos transeuntes, que informaram de uma índia fugindo e saíram logo à rua atrás deles. Ajudaram ao homem que se engalfinhara com ela e trouxeram-na de volta para o bar

O nosso plano era outro, mas assim ela mesma nos forneceu uma razão para impor uma pena severa, e assim foi definida que o suplício aconteceria numa tardezinha a uma semana.

Desta vez sabíamos antes, que viriam muitas pessoas e espalhamos até a notícia também nos sítios perto de nossa vila. E para valorizar o dia e ter mais uma boa razão para celebrar meu pai junto com outras pessoas influentes da vila determinou esse dia como dia do começo da construção de uma igreja. À tarde, antes do açoitamento, colocariam a pedra angular, e para esse fim solicitaram ao bispo a presença de um padre ou vigário.

Na mesma semana começaram as obras em nossa casa para construir um segundo andar acima do bar com quartos para as putas, porque elas dormiram no mesmo quarto no fundo do barzinho, mas se as três tiveram clientes no

mesmo tempo, ficou complicado. Antes teve uma cortina no canto do bar, e quando a fecharam podiam fazer amor no sofá atrás da cortina, mas ultimamente o bar ficava sempre cheio, e meu pai colocou mesas e cadeiras até nesse lugar. Improvisamos um lugar colocando um colchão no chão na despensa, que seria para Anuta, sendo ela uma puta mais barata. Mas não podia servir para uma dama fina como Catarina, a judia. Quando Verônica estava atendendo no quarto das putas, a judia teve permissão de usar o quarto de meu irmão, mas isso era uma situação muito incômoda para ele e também para minha mãe, porque os clientes entravam desta maneira em nossa casa particular.

A vila estava crescendo, e com a judia como nova atração e as obras em nosso bar e o começo da construção da igreja chegaram mais carpinteiros, pedreiros e outras pessoas e até duas famílias novas com crianças, que construíram casas na beira da vila. E as crianças da vila ficaram felizes por ter mais camaradas para as suas brincadeiras.

Só uma mãe comentou preocupada com minha mãe, que seu filho queria brincar com a irmãzinha dele açoitar índia e exigiria que a pequena colocasse as mãos nas ombreiras de

uma porta e ele a açoitava com um barbante fino, que nem doeria, mas quis que ela fizesse de contas como se doesse muito, e depois ele lhe levantaria a saia e a tocaria entre as pernas.

Minha mãe sabia, que as crianças em nossa vizinhança inventaram tão brincadeira e disse: “Ah, são as criancices dos moleques. Sabe, a presença de índias e negras safadas estraga as cabeças das nossas crianças. Elas veem a safadeza delas e imitam-na de seu jeito. Mas nem se preocupe. Seu filho deve tê-lo aprendido de outras crianças, mas é só uma brincadeira inócua. As meninas até gostam.”

E era verdade. A menina que vimos na ocasião da última festa de açoitamento com os três meninos jamais se recusava brincar chicotear índia com eles, embora que com o tempo eles lhe ataram as mãos em uma viga e usaram uma corda verdadeira como chicote, mas já que ela não era nua, não chegou a doer. Mas ela gostava de fazer de contas, como se doesse muito, e gemeu, quando os moleques lhe levantaram a saia ou o vestido.

Só não conseguiu molhar o dedo dos meninos. Imaginava que a índia teria mijado umas gotinhas, mas ela não sabia como soltar só uma

quantidade tão pequena e nem conseguiria soltar nada com um dedo de um moleque entre seus lábios íntimos. Por isso os moleques às vezes cuspiam no dedo, colocaram-no entre os lábios lisos da moleca, retiraram-no e mostraram-no cheio de orgulho imitando o gesto daquele mineiro depois de sua quinta chicotada na índia.

Um dia antes da festa chegou à tarde um padre. Segundo dele o bispo teria mandado a resposta através de um vendilhão, que iria à nossa vila, mas que evidentemente não chegara. Por isso mandaram umas pessoas pelas vielas do povoado anunciando a chegada do padre e convidando para a confissão, logo agora na noite ou no outro dia. Às quatro horas da tarde teria a colocação da pedra angular, logo depois uma missa, na qual poderiam também perfazer os batismos ou casamentos necessários, se tiver, e em seguida a festa na rua começaria.

O padre perguntou, onde poderia improvisar um confessionário, mas meu pai não quis oferecer um lugar no bar receando que a freguesia das putas se encolheria sabendo da presença do padre. Resolveram estabelecer o confessionário na venda do Antônio, que na última ocasião teve

o direito a quatro chicotadas na índia. As pessoas poderiam esperar na venda, onde colocaram cadeiras das casas ao redor, e o padre sentou na despensa, que foi dividida por um pano para o padre ser separado da pessoa que confessa.

Entre as primeiras a se confessarem estavam Verônica e a menina da vizinhança que sempre brincava de ser açoitada. Ela foi com sua mãe e eu e Verônica nos perguntamos, se a menina confessaria sua brincadeira viciosa. Verônica foi muito curiosa a respeito e quando eu acompanhei minha mãe para confessarmos, vi-a conversar amigavelmente com a moleca.

Como ela me contou depois, confidenciou à menina, que nem sabe o que confessar porque viveria sempre só no trabalho, não tendo ocasião nenhuma de pecar. A menina perguntou, se seu trabalho não seria pecado em si. Verônica disse, que nunca pensou que poderia ser pecado se somente obedecesse fielmente aos seus superiores, mas prometeu colocar justamente essa dúvida diante do padre.

Depois perguntou à moleca, o que iria confessar, e ela também não sabia muita coisa. Aí Verônica

disse cochichando, que não poderia omitir sua brincadeira com os meninos. A garota estranhou que Verônica sabia dessa brincadeira, mas esta sorriu e disse: “Uma garota do amor ouve muitas coisas.”

“Mas teria vergonha, como vou contar a um homem coisas que nem contaria a minha mãe?”

“Um confessor é nem homem nem mulher, é somente a orelha de Deus. E Deus já viu tudo, o que vocês fizeram, mas ele quer, que você o confesse. Porque ele quer te perdoar, mas ele só pode te perdoar, se você confessa. Vai receber uma pequena pena e depois será perdoada. Se você não confessar o pecado ficará com você e aí poderia acontecer um mal.”

“Nossa, nem sabia.”

“Pois é, vocês não sabem nada porque o governo não manda padres. Mas, quem sabe, agora as coisas mudam. O padre só pode perdoar os pecados, que você confessa. Tem que contar-lhe tudo, sem omitir nada. Conta, como esses moleques safados colocam seus dedos em sua conchinha e esfregam seus dedos. Você molha com isso?”

“Não, é mentira deles. Eles cospem no dedo e fazem de contas que fosse meu xixi.”

“Pois é, menina, deve contá-lo ao padre, é importante. Ele tem que saber todos os detalhes. Com ele não deve ter vergonha, é como se você contasse tudo a sua boneca. Promete que vai confessar tudo? Se você o promete, eu também vou lhe perguntar se meu trabalho é pecado. Prometo. Temos um acordo?”

“Temos.”

“Então somos amigas agora. E depois vamos nos contar, como foi a confissão, quer?”

“Quero.”

Os olhos da menina brilharam, e só então a mãe dela, que estava absorta em fofocas com outra mulher, viu, com quem sua filha estava falando. Não quis brigar, mas falou à garota: “Vamos trocar as cadeiras, a minha é muito incômoda para mim.”

Assim separou a filha da influência de uma puta, se bem que esta era a serva de um homem honrado na vila. Pouco depois a mãe entrou para se confessar, e Verônica podia conversar mais um pouco, mas depois a menina teve que entrar e a mãe já foi embora, alertando a menina para depois ir logo em casa.

“Fica úmida entre as pernas, quando eles esfregam o dedo entre seus lábios por mais tempo?”

“Como já contei, eles que cospem no dedo e colocam-no entre meus lábios, e depois mostram o dedo aos outros.”

“Que coisa estranha é essa? Está contando a verdade? Omitiu algo?”

“Nós vimo-lo assim, quando os homens açoitaram uma índia. Ela deve ter mijado no dedo do homem, porque ele a tocou na bucetinha do mesmo jeito e depois o dedo ficou molhadinho.”

“Mijou?”

“Não vimos nenhum mijo sair ou pingar no chão. Talvez brotassem só umas gotinhas.”

“Tem certeza que não molha quando alguém esfrega o dedo entre seus lábios? Quem sabe é cuspe misturado com outro molho.”

“Ó reverendo, não sei olhar a minha bucetinha, quando eles o fazem, mas nunca senti sair algo.”

“É muito importante conhecer esses detalhes para saber, se é um pecado e de que tipo de pecado se trata.”

“Realmente não sei.”

“Mas para que você o usa?”

“Para nada.”

“Alguém já enfiou seu dedo ou algo aqui?”

“Não.”

“Tem algo lá dentro?”

“Ao que saiba não.”

“Tem ainda seu hímen?”

“Meu o quê?”

“Você é ainda virgem?”

“Com certeza.”

“Fecha os olhos e fica quieta, para eu investigar o buraquinho.”

O padre achou o véu incólume. Depois de tê-lo visto esfregou seu dedo ente os lábios: “Vamos ver, se sair algum tipo de umidade.”

Quando depois de uns minutos tudo ainda ficava sequinha, ele anunciou a pena: “Leve esse paninho limpinho. Antes de dormir lave sua bucetinha, e quando dormir você aperta o paninho contra sua bucetinha e entre os lábios. Amanhã cedo você vem outra vez para devolver o paninho e confessar o que sentiu na noite. O

paninho vai te limpar dos pecados. Amanhã vou verificar o resultado e decidir sobre outra pena que apagará o pecado. E lembra, não conte a seus pais, o que conversamos aqui. É só segredo de nós dois e Deus."

"Prometo. Muito obrigada, reverendo. Posso vestir-me?"

Também os três meninos chegaram para se confessarem, e eles viram a menina sair da despensa feliz e com a face cheia de um rubor saudável. Agora era a vez da outra mulher e depois Verônica entrou no confessionário. Contou como virou puta e que já chegou a fraudar a respeito de gorjetas recebidas, mas que já fora castigada por meu pai. Disse que desde esses dias sempre obedeceu, mas ficaria com dúvida, porque um pregador de uma seita teria dito, que uma puta sempre comete pecados, mesmo se fosse a puta mais submissa e dedicada do mundo. Perguntou se seria verdade.

O padre coitado, ainda aquecido e enfraquecido pelas coisas que fez com a menina excitou se mais ainda com as descrições da puta. Perguntou se Verônica exercesse a sua profissão unicamente por obediência aos seus superiores e

para pagar-lhes as despesas, que tiveram por sua causa, ou se também por libidinagem. Verônica respondeu que seria somente por submissão, mas que foi treinada e educada para dar-se sempre de libidinosa e de gostar de ser penetrada pelos homens. E que teria algumas reações que não conseguiria controlar, por isso mesmo sem transar por libidinagem, mas por mera obediência, seus mamilos tornar-se-iam duros e sua buceta se tornaria molhada, mas isso só depois de um bom tempo, o que provaria a veracidade do que disse.

Aí o padre já não conseguiu mais controlar-se, afinal de contas é um homem, e levantou o pano. Não demorava e Verônica sentava do mesmo jeito como pouco antes a menina, e o padre investigou-a com as mãos trêmulas. Verônica adicionou: “Quando um homem me possui, não penso em coisas lascivas, mas somente no bem de meus superiores e clientes e dou-me com o coração puro e limpo. O reverendo deve senti-lo.

“Como posso senti-lo se jamais dormi contigo, minha filha. Teria que testar-te, mas aqui não tem como.”

“Para ganhar remissão de meus pecados faria qualquer coisa. Poderia procurar o reverendo no

seu quarto depois. Tenho que trabalhar até alta noite, mas se o reverendo quiser, aqueceria sua cama depois.”

“Bom, sou um homem santo e também não posso transar por libidinagem. Só posso fazer uma exceção para salvar uma alma, então a sua, e só vou fazê-lo se prometer vir limpinha e de coração pura e sincera. Aí poderei avaliar o tamanho de seu pecado através de seu comportamento e definir uma pena e te perdoar os pecados.”

“Muito obrigado, reverendo, vou insinuar-me em sua cama assim que a minha jornada terminar.”

“Vai com Deus, minha filha.”

“Reverendo, posso confessar mais uma coisa?”

“Pois não.”

Verônica sentou-se desinibida escanchada no colo do padre e lhe olhou nos olhos, sua buceta se abriu e os lábios e o lindo grelinho se ofereceram e o padre logo colocou suas mãos neles. Verônica sussurrou: “Tenho inveja de minha colega judia. Ela tem a mesma origem, mais ou menos, a mesma qualidade exterior e na cama até menos habilidades. Mesmo assim seu

Renato marca preços duas vezes mais altos para ela. Acho muito injusto. Quero confessar esse meu pecado.”

“Você é uma menina muito boa, porque gosta de confessar tudo. Mas essa inveja é uma reação justa. Entendo a sua mágoa. É uma pena se alguém prefere uma judia antes de uma cristã. Se você sentiu inveja, está perdoada e eu vou falar com seu Renato.”

Quando meu pai chegou em casa perguntou a Verônica: “E aí, menina, conseguiu o padre?”

“Sim, consegui tudo, que o senhor queria. Depois de meu serviço vou dormir na cama do padre.”

“Ótimo. És uma puta muito boa, gostei”, disse meu pai.

Já que meu pai fez questão de abrigar o padre em nossa casa, eu tive que dormir no quarto de meus pais e deixar o padre dormir no meu quarto. Verônica conheceu meu quarto muito bem, mas nesta noite iria deitar lá com outro homem. Bom, é a vida, tenho que vê-lo do lado profissional. Para nossa família as relações boas

eucaristia, ajoelhada ao lado do altar. Depois da eucaristia seria absolvida e liberta do pecado.

À tarde aconteceu a colocação da pedra angular para a igreja, e depois celebramos a missa no lote, onde iriamos erigir a igreja. Chegaram uns 500 participantes.

Durante a missa alguns pecadores grandes tinham que ajoelhar ao lado do altar. Foram Verônica e quatro putas de outros barzinhos, dois mineiros que há dois meses mataram um terceiro numa briga, e a moleca. E muitos especulavam qual seria o pecado da menina, e com o tempo a maioria achou que provavelmente seria abusada por um tio dela, um cabeleireiro, e por causa desse boato alguns clientes cortaram as relações com ele.

Os mineiros e a moleca esconderam-se envergonhados atrás das putas, mas estas ajoelharam lá, com vestidos bonitos e lábios vermelhos e gostaram da oportunidade de se mostrarem ao povo. Todas sabiam que depois teriam uma demanda maior de clientes.

Desta vez foi tudo melhor. O espetáculo ocorreu na praça no meio do povoado. Teve um estrado de mais ou menos um metro e meio de altura

para a índia e ao lado outro de meio metro, onde ficou meu pai com nossas três putas e o padre. Assim as nossas moças foram vistas por todos, uma propaganda maravilhosa. Encostada a um outro lado do estrado teve a mesa onde meu irmão vendeu bilhetes. Tinha um monte de gente de fora e a soma auferida pela venda de chicotadas era muito maior, porque as pessoas de fora ofereceram quantidades maiores e meu pai não precisava reservar dez chicotadas para Raimundo, mas podia vender todas as 45. Meu irmão quis respeitar o limite de 40, mas meu pai seguiu a teoria de Raimundo, que esse limite fora estabelecido para seres humanos comuns e não para selvagens meio animalescos como índios e negros.

Para reduzir a concorrência minha mãe contratara as três mulheres, que na última ocasião venderam espontaneamente doces e salgadinhos, e elas agora trabalharam agora com ela preparando tudo desde cedo e vendendo-os depois nas ruas. E aquela moleca ajudava-a no preparo dos salgadinhos. E eu contratei quatro rapazes que ajudaram na venda de bebidas.

Depois de uma palavra de abertura de meu pai, na qual ele só falou da igreja e da festa, mas não mencionou a índia, quatro homens trouxeram a

selvagem com as mãos ligadas por uma corrente e fizeram-na subir ao palco. Depois mostramos aos espectadores as novas palavras que ela aprendeu. Quem ensinava era eu, mas já que estava vendendo bebidas, Raimundo deu uma garrafa à moça e ordenou: “Enfia.”

Depois mandou: “Soca”, e ela socou com a garrafa em sua buceta como em um almofariz. Isso era uma novidade, e o povo aplaudiu à moça ou quem sabe, a Raimundo, embora que isso seria injusto, porque teriam que aplaudir a mim, já que eu sou o treinador da selvagem.

Mas o melhor chegou depois. Raimundo mandou-a cavalgar, e a índia colocou a garrafa no assoalhado e sentou-se em cima, deixando o gargalo entrar e fazendo movimentos como um cavaleiro em cima de um cavalo. Também colocou o gargalo na porta posterior, e diante dos espectadores deslumbrados o gargalo desapareceu em sua bunda até que ela sentava na garrafa, bem empalada, e nessa posição cômoda escancarou as pernas e puxou os lábios com os dedos ao lado mostrando a todos os corredores secretos de sua gruta, que fez tanto sucesso com os homens da vila e visitantes.

Tive muito trabalho para ensinar tudo isso à selvagem, mas posso-me gabar que consegui tudo isso sem violência. Menos as cinco chicotadas para acordá-la cedo de manhã nunca mais precisava chicoteá-la, porque ela me obedecia como um cordeiro. Com esse dom eu certamente também poderia ser um bom domador de tigres e leões em um circo. Ainda reparei em outras ocasiões de minha vida, que tenho esse dom natural, que seres selvagens ficam comigo mais calmos do que com outras pessoas. Acho que sentem que eu não sou uma pessoa cruel, mas tenho um certo carinho para com todas as criaturas.

Raimundo, no entanto, levantou os braços e recebeu a ovações da multidão como se ele fosse o domador. Fiquei com raiva dele e gostaria muito ter subido no palco em lugar dele para o povo saber, de quem era o mérito. Já que meu pai queria que eu cuidasse da venda das bebidas, o Raimundo, que gosta de aparecer em tais momentos, ofereceu a sua ajuda voluntária e foi aceito por meu pai. Ainda por cima meu pai o chamou de muito prestativo.

O padre não gostou muito do show. Na sua imagem os índios são como crianças inocentes que vivem na mata. Ele deve ser influenciado

por teólogos que sonham em missionar os índios transformando-os em um rebanho de fiéis da Igreja Católica. Eles não sabem das lutas de pessoas que vivem na vizinhança de índios e que são sempre ameaçadas por suas flechas. Se a gente quer aumentar o território ou caçar na mata, eles, em vez de retirar-se simplesmente para um outro lugar, emboscam e atacam a gente.

A igreja também é contra o costume de aproveitar índios para trabalho forçado e talvez até no fundo de seu coração o padre condenava a gente por possuir essa índia. Por isso meu pai explicou-lhe: “O senhor está vendo, que ela não é de jeito nenhum uma pessoa infantil e inocente, mas uma puta. Seria muito pior, se ela morasse na mata. Sabe, muitas índias querem um dinheiro fácil e prostituem-se perto dos povoados menores e sítios. Mas, às vezes, pode ser uma tocaia, e os homens, que vão atrás das putas, podem ser mortos por índios. E o dinheiro, que eles entregam a tais putas, é levado para as aldeias dos índios, onde não serve para nada, porque eles o usam como enfeite ou o guardam em esconderijos. Porém, se o dinheiro é pago a um bordel ou bar, a gente gasta-o nas cidades para fazer compras ou investe em obras

e contribui assim para o crescimento do país e dos impostos para o bem do governo, mas também a igreja ganha mais dízimos e doações, se a economia vai bem. E finalmente também para as índias é melhor assim. Se elas vivem na mata e se prostituem, acontece até que são envolvidas em brigas e acabam ser mortas por bêbados ou pessoas más. No bordel uma puta índia usufrui da proteção dos responsáveis e tem uma vida muito melhor do que na mata, nem falando que ela aprende falar e se comportar como gente civilizada. O senhor vai ver, ela vai confirmar a verdade de minhas palavras com suas próprias palavras."

Já foram preparadas as cordas, e depois de a índia cavalgar a garrafa por um bom tempo, Raimundo e dois outros homens pegaram as mãos da índia, abriram a corrente em duas partes e conectaram cada parte com uma das cordas, cujos fins estavam fixados em dois postes altos. O palco e os postes foram construídos em um mutirão e meu pai e os outros líderes da comunidade queriam, que as construções ficassem na praça para outros fins.

Quando os homens conectaram as cordas com as correntes, forçando a selvagem a abrir seus braços, ela começou a falar com meu pai em

uma língua estranha. Imagino que seria um pedido por piedade e comutação da pena, mas quando meu pai não entendeu nada, ela, no seu desespero, falou o que lhe ensinei: “Sou puta. Sou puta. Sou puta. Sou uma cadela. Quero foder. Quero ser estuprada...”

No barulho só poucas pessoas entenderam as palavras, mas o padre ficou realmente chocado e começou a entender que tais meninas calham muito melhor em um prostíbulo do que andarem livres na mata apresentando um perigo para homens que trabalham na selva.

Desta vez teve também mais duas cordas, que iam do palco até o pé dos dois postes, e com elas prenderam os pés da delinquente. Depois encurtaram-nas até a índia ficar com as pernas levemente abertas. Podia levantar os pés para se torcer sob impacto das chicotadas, o que é sempre um efeito bom em um espetáculo assim, mas a distância entre os pés seria sempre no mínimo de uns 30 centímetros. Depois os homens puxaram as cordas das mãos até que elas ficaram retesadas. A moça quase pendurava nas mãos, alcançando o assoalhado do palco somente com as pontas dos pés. Seu corpo formava um X, se bem que os braços estavam muito mais abertos do que as pernas.

Em seguida Raimundo e os dois ajudantes pincelavam óleo no corpo da índia, cuidando bem das partes entre as pernas, e seu corpo brilhante começou a transformar-se novamente em um corpo galhardo de uma verdadeira princesa selvagem, e na minha fantasia ela voltou a ser uma princesa capturada e torturada por seus inimigos maldosos. Depois Raimundo colocou o dedo na sua boca para silenciar o povo e depois de uns segundos a caterva excitada parou com o barulho, e no silêncio ele mostrou que a selvagem já aprendeu algumas palavras de português. Apertou o mamilo esquerdo e ela falou: “Sou puta.”

Apertou o outro mamilo e ela falou: “Sou uma cadela.”

Puxou o mamilo direto e ela falou “Sou uma vaca“. Puxou o mamilo direito e ela proferiu a frase „Quero foder“.

Quando puxou o lábio maior direito da bucetinha, ela falou „Sou uma bisca“, e quando deu um apertão na bunda ela falou: „Me enraba“.

E desse jeito sabia falar já quinze frases, que ela proferiu sem conhecer o sentido. Teve duas frases novas, que ainda ninguém conhecia.

Quando Raimundo puxou o lábio menor esquerdo da bucetinha ela disse: “Quero ser estuprada”, e quando puxou o clitóris, mal que tocou nesta hastezinha hipersensível, ela falou: “Quero ser açoitada.” E isso, acompanhado por muito aplauso frenético, foi o sinal tão esperado para o começo do auge da festa.

O povo se divertiu demais, aplaudiu e riu, e Raimundo tivera que esperar sempre e fazer sinais para pedir silêncio para poder continuar com a demonstração. Algumas vezes ouvi alguém até elogiar o Raimundo por sua habilidade com uma selvagem bruta e bronca assim, e fiquei com muita raiva dele. Depois ouvi outras pessoas, que viram perto da índia meu pai com o padre e elogiaram meu pai, que estaria conseguindo o melhor para o povoado, e outros apontaram para a princesa e elogiavam sua elegância natural e sua beleza. Claro que esses imbecis não falaram da moça, que era uma princesa verdadeira e agora pendurava nas cordas sofrendo com cada chicotada, chorando, gritando e se torcendo quanto as cordas deixassem, mas da princesa falsa, cuja nobreza reside somente na artimanha de meu pai: a judia.

O padre, com todos esses palavrões proferidos pela moça que ele julgou antes uma vítima inocente, ficou visivelmente abalado e já durante as primeiras chicotadas falou que se queria retirar para descansar, mas meu pai lhe serviu uma cachaça boa e uns salgadinhos e conseguiu convencê-lo para ficar por mais tempo. Para meu pai era importante ser visto por todos com autoridades como o padre, porque no povoado não teve administração nem prefeito, e por isso o povo considerava os homens de destaque seus líderes naturais. Se hoje tivesse uma eleição, com certeza meu pai teria boas chances para virar prefeito e poderia assim organizar as coisas prosperar assim, que nós, mas também outros teriam seu lucro garantido e aumentado.

Bom, não somos um município organizado, mas mesmo assim, inoficialmente, temos líderes, e eles conseguem mais do que outras pessoas, porque têm o respaldo da comunidade. Meu pai disse ao padre: “Veja essa selvagem. Ela morde. Mordeu um cliente e outro homem. Se tais coisas acontecem na mata com índias soltas, pode acontecer, que um homem as mata, ou, pior ainda, elas andam até hoje impunes na selva. Aqui, porém, há justiça, e a justiça seja feita.”

O padre ficou mais calmo com as explicações de meu pai; às vezes ele olhava à sua companheira tão gentil da noite Verônica, mas ela fez de sim com a cabeça como se fosse em tudo da mesma opinião como meu pai. Que menina boa!

Vendo a menina sendo açoitada dessa maneira bárbara o padre se lembrou dos açoitamentos vivenciados em fazendas. Quando mais novo tinha que visitar muitas fazendas, e muitas vezes ficava em uma fazenda por alguns dias para ensinar as crianças, ler missas, batizar e mais, e às vezes assistiu a uma flagelação de um escravo infeliz ou, mais raro, de uma escrava. Já que o delinquente fica nu, o padre gostava muito mais de ver uma escrava no tronco do que um homem, mas não gostava de violência extrema e sanguinolenta. Já viu escravos e escravas sendo chicoteados até a pele cair em pedaços e sempre desgostou de ver sangue. Por isso viu com alívio que o chicote usado em nossa festa era um chicote comum e não um azorrague com nós duros, que rasgam e ferem a pele.

A índia evocou nele lembranças de outra índia, escrava em uma fazenda. Quando ele chegou na fazenda perguntaram-no como em quase todas as fazendas, se queria uma escrava para a sua cama. E quase sempre podia escolher entre todas

ou quase todas as mulheres e meninas na posse do fazendeiro.

Era um privilégio, porque muitos fazendeiros oferecem suas escravas tão generosamente só a visitantes de destaque. Um artesão ou um mercador comum certamente também receberia uma escrava como companheira na sua cama, mas geralmente o fazendeiro escolhe a escrava.

Em geral todos os fazendeiros permitem que um visitante branco transe com uma escrava, porque assim a prole sai mais clara, e escravos mais claros têm um valor maior no mercado. Qualquer fazendeiro pensa em categorias de procriação, e com os escravos se deve ter o mesmo cuidado como com outro gado. Mas em muitos casos o fazendeiro avalia o visitante e escolhe uma escrava, que combina, segundo a opinião dele, melhor com o tipo fisionômico do visitante para produzir prole boa. O visitante acha, que é um grande privilégio poder transar com as escravas como em um prostíbulo gratuito, mas o fazendeiro vê nele apenas um reprodutor como um garanhão ou cachaço.

Outra razão que leva o fazendeiro a escolher a companheira de cama para um visitante é o fato, que em certas fazendas todas as mulatas são

filhas do dono ou do pai dele ou de outros parentes dele. Mulatas são consideradas mais bonitas, e o dono gostaria de deitar-se com elas, mas pelas leis da criação é ruim gerar prole com sua própria filha ou meia-irmã. Para evitar os efeitos nocivos da endogamia os fazendeiros preferem que tais mulatas engravidem de pessoas que não sejam parentes. Por isso oferecem aos padres, artesãos ou mercadores com preferência essas meninas. Mas sendo ele padre, então uma pessoa muito honrada, muitas vezes pode escolher entre todas as negras, mulatas e índias, ou pelo menos entre duas ou três ou mais mulatas e mulatinhas.

Perto da costa não se acham escravas índias, mas no interior alguns fazendeiros têm também índios como escravos. E foi em uma dessas fazendas, que o padre viu uma índia muito gostosa, e já que ele nunca antes dormira com uma índia, escolheu-a para a sua cama. Dormiu duas noites com ela, mas no terceiro dia aconteceu algo na lavoura com ela e na noite foi chicoteada. Quando começou a sangrar, ele pediu ao fazendeiro para perdoar a moça, e sendo ele uma pessoa honrada o fazendeiro lhe fez o favor. Mas mesmo assim a moça estava

sangrando e ele preferiu escolher uma mulata limpinha para a sua cama.

Quando voltou à fazenda dois anos depois, a índia não estava mais, e nunca mais tinha uma oportunidade de dormir com uma índia. Agora, porém, pensou em sua companheira de antes e gostaria de poder comer também essa índia em vez de ser obrigado a assistir ao espetáculo cruel.

De repente ouvimos o som de uma sanfona. Apareceu um homenzinho mirradinho que, porém, sabia tocar músicas lindas. Era tio de um mineiro e chegara justamente para a festa para oferecer seus serviços, embora que atrasado por causa de uma doença que lhe dificultava o andar. Meu pai o contratou, vendo que ele tocava muito bem, e ofereceu pela noite cinco Mil Réis e uma puta de graça, mas o músico disse, que não tocaria por um preço tão baixo. Exigiu 20 Mil Réis, mas meu pai, apesar da festa e da presença do padre, negociou e contratou-o por 10 Mil e três putas. O músico aceitou, mas nem sabia que teria que esperar por seu suado prêmio, porque meu irmão estava vendendo bilhetes e demoraria

certamente no mínimo um dia até tivermos vagas para nossas putas.

O músico, no início, quis insistir em dinheiro, mas meu pai lhe abriu os olhos das vantagens de receber em forma alternativa: “Veja só, meu amigo. Minhas putas – até tem duas brancas – valem facilmente uns 10 Mil Réis por vaza, sobretudo essa judia, que é descendente de uma antiga estirpe nobre do Leste da Europa. Também a Verônica vale no mínimo 5. Se o senhor ganhar três vezes de graça, economiza muito mais do que 10 Mil Réis.”

Ouvindo essa negociação o padre lembrou-se do pedido de Verônica e abordou o assunto: “O Senhor aluga a judia mais caro do que a Verônica? Por qual razão está fazendo tanta injustiça? A Verônica é uma fruta sem jaça.”

“Com certeza a Verônica é muito gostosa, jamais reclamei dela. Fazemos as diferenças somente para satisfazer a demanda de diferentes tipos de clientes. Alguns gostam de transar com mulheres finas e são dispostos a gastar mais.”

“Entendo. Mas então Verônica deve ser a meretriz reservada para essa clientela. Como o senhor põe uma judia em cima de uma menina boa católica?”

“Foi por acaso. A Verônica já está com a gente a mais tempo. O povoado cresceu e comprei mais uma puta, que é a judia, e aproveitei para aluga-la mais caro para não oferecer duas meninas pelo mesmo preço.”

“O senhor, se quer ser um bom católico, deve imediatamente inverter o esquema. Poderia falar, que descobriu que a judia não é nobre. Alias, judia nobre do Leste da Europa? Será que existe?”

“Sei lá. O homem é assim. Todos adoram a judia e consideram-na uma nobre e se sentem muito bem com a sorte de poder transar com uma grã-fina assim. Às vezes é melhor para o povo não saber de toda a verdade.”

“Como assim?”

“Pensa em uma família com cinco filhos fomentos. A mãe prepara uma carne gostosa, mas de repente a carne cai da mesa em cima de cocô de cachorro. A mãe deveria jogá-la fora, mas já que não quer, que os filhos passem fome, lava-a e prepara-a, e todos comem e são felizes. Assim eu faço também com as minhas pupilas. E todos são felizes.”

“Como a Verônica há de ser feliz com tamanha injustiça? É uma menina tão boa e meiga, mas o

senhor promoveu a outra, a herege. O senhor deve imediatamente inverter a ordem.”

“Olha, poderia até abaixar o preço da judia, mas como poderia aumentar o preço da Verônica? Todos a conhecem como menina comum. Ninguém aceitaria um aumento sem justificativa. E assim eu acabaria ganhando bem menos, e como poderia contribuir tanto para a construção da igreja?”

“O mais importante e precioso, seu Renato, é preparar um lugar no céu para a gente morar depois da morte. Quer pôr em risco seu lugar no céu por causa de uma judia?”

“Claro que não, mas o senhor tem que ver meu lado de empresário.”

“Já reparei que o senhor não foi fazer sua confissão. Agora vem com essa história de preferir uma judia diante de uma cristã. Será que é um católico fiel?”

“Reverendo, minha família toda foi se confessar, meu filho maior lê sempre a Bíblia, e eu só não fui porque sou muito atarefado nesses dias de festa. Fui eu de quem é a iniciativa de termos uma paróquia aqui.”

“O senhor certamente seria um bom líder local se não existisse essa mancha negra em sua vida. Tenho certeza que o senhor ache uma solução. Mas agora desculpe as palavras duras, vamos voltar a ouvir a linda música e desfrutar a festa de lançamento da pedra fundamental de nossa igreja.”

Catarina, a judia, deu toda a atenção à conversa como se soubesse, que o assunto foi ela mesma. O padre estranhou: “Ela entende português?”

Meu pai respondeu: “Evidentemente não entende. É polonesa. Mas será que polonês e português são línguas parecidas, que ela entenda alguma coisa?”

“De jeito nenhum. Polonês é uma língua eslava como o russo, o tcheco, o búlgaro ou o sérvio. Se muito têm algumas palavras gregas em comum, que até hoje são semelhantes.”

O padre sabia algumas palavras búlgaras e proferiu-as, pensando que deveriam ser parecidas com palavras polonesas, mas a moça evidentemente não entendeu nada. Meu pai contou: “Sabe, o que acho estranho? Ela sempre lê em nossa Bíblia. Deixei porque pensei que talvez ela se converta. Será que fiz bem ou será que é um pecado dar uma Bíblia sagrada a uma

judia? E como ela sabe ler uma Bíblia em nossa língua?"

"Olha, não pode ser um pecado dar uma Bíblia a um não crente, já que desse jeito já muitos foram cristianizados. Muitos reis antigos recebiam primeiramente uma Bíblia, e anos depois alguns se converteram. Aliás, o Velho Testamento já existia antes de Cristo e os judeus leem esses livros até hoje. Imagino que a moça tenta entender alguma coisa, lendo trechos, que conhece em sua língua."

"Então pode ser que tenta aprender a nossa língua? Será que é bom?"

"Por que não? Aí o senhor poderia mandar em sua puta muito mais fácil. Ou prefere uma puta que nem entende o senhor?"

"Bom, às vezes até prefiro putas, que não sabem português. Elas não reclamam, não podem fugir, não podem conspirar entre elas ou com clientes contra mim e elas obedecem mesmo assim porque entendem a língua internacional do chicote."

O padre procurou falar em tom mais conciliável: "Imagino que deve ser um trabalho difícil lidar sempre com essa laia de meninas muitas vezes

incultas, estúpidas, embrutecidas, safadas, ingratas e insurretas.”

“É verdade. Vossa Reverência, se essas putas pensassem um pouco mais longe! Por exemplo meu filho: ele poderia fazer uma faculdade e ser advogado ou médico, ajudando a muitas pessoas, se as meninas tivessem essa visão e ajudassem para a gente conseguir o dinheiro para os estudos. Se elas não pensassem em suas vantagens, mas em nossas, seria tudo mais fácil.”

Realmente, a música foi animada e linda, salpicada pelos estalos do chicote na pele nua da índia e pelos gritos agudos, choro, soluços e gemidos da moça, nem falando das ondas de aplauso, a barulheira, os apitos, as risadas. Uma festa de arromba! Todos foram felizes, sobretudo Verônica, Raimundo, meu pai, o padre e toda a nossa família. Todos, menos, é claro, a pessoa principal da festa: a índia.

Segundo meu irmão até ela deveria ser contente, porque ganhava através do espetáculo uma popularidade muito em cima das outras putas. Meu pai vendeu mais de 300 bilhetes para ela que lhe dariam trabalho ininterrupto, sem pausa,

por bem mais de dois dias. Uma puta culta como aquelas francesas nas capitais, das quais se conta tantas maravilhas, seria certamente orgulhosa, mas duvido que uma selvagem bronca, que vivia quase toda a vida na mata, entenda o valor de tanta honra de ser o objeto de preferência de tantos homens. Homens bons e na grande maioria brancos. Não sei se ela sente pelo menos um pouco de gratidão por nossa família, embora que um açoitamento, sem dúvida, doa. Mas sucesso sempre tem um preço. Claro que ela não se beneficia do dinheiro que ganhamos com sua buceta. Sendo ela uma escrava, não recebe. E se um dia voltasse para a mata, também não teria como usar dinheiro. Mas se tivesse entendimento, deve sentir orgulho por contribuir tão bem para o lucro de sua família, - a família, que a sustenta e promove.

Raimundo apareceu diante do meu pai para apresentar um homem. Era o fazendeiro em cuja fazenda ficara por alguns dias há algumas semanas. Ele não permitira que Raimundo escolhesse entre as escravas, mas lhe deu só uma negrinha bem recalcitrante. Mas se Raimundo na época ficou muito aborrecido, parecia que esquecera seu rancor, porque apresentou o

fazendeiro como grande amigo. Certamente queria outro convite.

Meu pai perguntou a Raimundo para ter certeza: “É a fazenda onde fez seu segundo trabalho de fora, não é? Com aquela negrinha recalcitrante?”

“Uma verdadeira diabinha”, confirmou o fazendeiro. “Às vezes acho melhor vende-la, mas para uma negrinha assim também ninguém paga muito.”

Raimundo aproveitou: “Se a vendesse por 80 mil, eu a compraria numa boa. Acho que tenho meios para domesticá-la.”

“80 mil?! Aí seria melhor matá-la. Teriam que ser no mínimo 180 mil.”

“Sinto muito, mas só possuo 80 mil.”

Meu pai intrometeu-se: “180 mil? Tá fechado.”

Raimundo alertou: “Ela é mirradinha, rebelde e com cabelos grossos e feios, ainda muito mais feios do que os de outras pretas.”

Meu pai perguntou ao fazendeiro: “Quantos anos ela tem?”

“Doze.”

“E realmente não obedece?”

“Nem com chicote se garante a obediência. Mal que se vira, ela comete outra molecagem. E a mãe mima-a demais e acha que a diabinha é muito inteligente. Já açoitei a mãe pelas falhas da filha na esperança de que a filha mudaria ou que a mãe tomaria uma atitude contra a peste, mas foi tudo sem sucesso.”

Raimundo disse: “Acho que eu daria um jeito na putinha.”

O fazendeiro disse: “Depois do que mostrou com a índia até acredito em suas palavras. Preciso de dois ferrolhos para uma porta. Não quis chama-lo por uma coisa tão pequena, mas quem sabe dá também uma geral nas coisas de ferro na minha fazenda, fica uma noite ou duas para se acostumar à bucetinha apertadinha da diabinha e no outro dia leva a facínora para seu Renato. Que tal?”

Verônica manteve-se o tempo todo ao lado do padre, enquanto seu pretendente, o açougueiro careca Stefano rondava esse lado do palco como um galo velho, com ciúme e raiva na cara. Também ele tinha comprado novamente duas chicotadas. Na última ocasião era um dos primeiros e só selara um beijinho rápido na boca da selvagem. Só depois vira os outros beijarem

com língua e tudo e fuçar com os dedos o jardim arado e regado entre as pernas da menina. Desta vez ele se vingou pela ocasião perdida na última vez e pelo fato de Verônica não lhe dar atenção, esfregando e devastando as dobras da selvagem com furor. Enfiou corajosamente toda a língua e sentiu os gemidos quentes e agonizados da moça, e quase sujou a sua calça com seu próprio leite varonil, tão duro que foi. Era um momento exímio que com certeza guardaria para toda a sua vida.

Dois dias depois o padre saiu junto com Raimundo. Eles fariam parte do caminho juntos, depois cada um seguiria para seu destino. Verônica, que teve também uns cem clientes na noite da festa através da venda de bilhetes, abraçou o padre e ele lhe falou palavras gentis na despedida. Ela foi irradiante, apesar da noite cansativíssima, e virava cada vez mais bonita. Pensamos que queria fazer sombra na judia, que foi alugada bem mais cara do que Verônica, mas acho que foi também o fato de ela ganhar muito bem nesta noite e de ter um namorado: Stefano, o magarefe careca. Ele chegou quase todos os dias e muitas vezes trouxe amigos que dormiram com Verônica. Tem putas que dão dinheiro a

seus namorados, não sabia, se o Stefano conseguiu tirar esse tipo de aproveito de Verônica ou se ele realmente gosta dela e namora sem pensar no dinheiro. Mas para que ele traz amigos então? Se fosse um namorado comum, deveria ter interesse que a Verônica não tenha relações com os amigos dele.

Mais tarde Verônica me abordou contando-me tudo sobre o padre e a moleca. Ela acabou contando tudo a Verônica, assim como elas combinaram antes. Verônica sabia também, que os meninos continuavam brincando de açoitamento de índia. Ela alertou que a mãe dela poderia brigar com minha mãe ou com a gente, se flagrar os meninos com sua filha. Um dos meninos foi irmão da moleca, os outros dois amigos.

Por isso ela desaconselhara a moleca de fazer tal brincadeira na casa deles, mesmo se achavam, que os pais estivessem longe. “Pensei em permitir aos moleques brincarem em nosso estábulo, por exemplo onde têm os cavalos.”

“Mas a moleca concorda com esse tipo de brincadeira? Se ela reclamar com a mãe seria pior ainda se chegasse à luz que aconteceu em nosso estábulo.”

“A gente não sabe de nada. As crianças brincam lá sem a gente saber. E a menina disse, que não se importa com a brincadeira e que ela a acha divertida, se bem que pessoalmente preferiria outras brincadeiras. Mas já que os moleques gostam tanto dessa brincadeira não quis ser o desmancha-prazeres e coopera.”

“Mas você disse que ela confessou tudo ao padre e foi punida.”

“Sim. Eu também perguntei a mesma coisa. Ela disse, que cumpriu sua parte e foi perdoada, e que o padre jamais teria dito que futuramente a brincadeira seria proibida. Pelo contrário, ele mesmo gosta de brincadeiras semelhantes. Mas ela, se já fosse para brincar esse tipo de brincadeiras, preferiria brincar com os moleques, que seriam seu amigos.”

“E sempre participam as mesmas crianças? Ou tem mais moleques ou meninas envolvidas?”

“Os meninos querem convidar amigos, mas ainda não o fizeram porque querem que tudo fique um segredo conhecido por poucos. E outra menina ainda não arranjaram. Só a boneca da moleca às vezes há de sofrer. Por sinal, a boneca foi a primeira vítima que foi amarrada do

mesmo jeito como a índia. Só depois criaram coragem de fazê-lo também com a menina.”

“Bom, se a gente não sabe de nada, hás de poupar suas palavras. Que os moleques façam o que quiserem, a gente não vai se intrometer desde que não fazem nada contra a vontade da menina.”

“Se fizessem um mal a ela, poderia gritar, afinal de contas não é amordaçada.” Rimos juntos, ela me deu um beijinho e foi para o bar para iniciar a limpeza.

A judia teve menos clientes que Verônica nesta noite, mas também ela marcou com 63 homens um recorde pessoal. E já que cobramos para ela mais caro, ela ganhou mais do que Verônica. Ela sentiu, que é tratada como uma dama mais fina e por isso pensava que poderia deixar as partes mais sujas da limpeza para as putas comuns, então para Anuta e Verônica.

Noutro dia Verônica foi reclamar comigo a respeito, mas eu não quis tomar uma decisão sem falar antes com meu pai, e ele estava dormindo ainda, depois de duas noites bem cansativas. Também era uma dificuldade que não consegui falar com a judia, já que não falava nossa língua.

Só me restava falar algumas palavras duras com a judia para instiga-la. Ela entendeu e mexeu-se então mais rápida, mas o problema era que só quis limpar as mesas e cadeiras e Verônica e Anuta tiveram que arcar com o chão e a cozinha. Quando Verônica disse uma coisa à judia, ela não entendeu nada ou fez de contas como não entender.

Fui ao quintal e aos estábulos resolver algumas coisas. Diante do estábulo do bode, onde ficava a índia, esperavam uns cinco homens, que compraram seu bilhete na festa. Eram os números 297 até 301. Claro que não esperaram o tempo todo no bar, mas foram em casa e passavam às vezes aqui para saber, até qual número já chegamos. Mesmo assim o bar nunca estava desocupado nestes dias, e também agora, quando as putas limpavam o bar, teve três homens jogando sinuca.

E em cima do bar já os carpinteiros estavam trabalhando na construção dos quartos. Antes de começar com a igreja cuidaram do nosso estabelecimento, já que meu pai, como todos os outros mercadores da praça, prometera dar sempre cinco porcentos de tudo para a construção da igreja, enquanto os mineiros doariam só à livre vontade. Por isso construíram

primeiramente os quartos para meu pai ganhar mais dinheiro e doar assim também mais para a igreja. Os cinco porcentos cairiam sobre o preço bruto, por isso uma parte pesaria sobre as próprias putas, mas a maioria sobre seus responsáveis. Por isso os taberneiros já combinaram de aumentar os preços no mês que vem. A judia, por exemplo, custaria 11 Mil Réis em lugar de 10. Os clientes iriam aceita-lo sem reclamar, sabendo que serviria para um fim beneficiário. Talvez alguns até frequentaram mais putas do que antes, sabendo que transar com uma puta era agora uma bênção para a comunidade. E talvez o nosso bar foi mais beneficiado do que os outros, porque meu pai estava atrás das obras, e por isso confiava-se mais nele, que ele entregaria a taxa combinada fielmente ao fim beneficiário.

Os moleques também já estavam brincando “açoitar índia” bem no fundo do estábulo onde tem nossos dois cavalos. Espiei por uma fresta entre as ripas da parede até os olhos se acostumarem à escuridão lá dentro e estranhei. A moleca foi amarrada exatamente do jeito como dois dias antes a índia, com as mãos através de cordas na viga e com os pés presos da

maneira, que não podia fechar as pernas, e ela estava completamente nua. Fiquei chocado, mas percebi, que ela não sentiu dores reais, mas fingiu sofrer muito, torceu a face e o corpo como viu na índia, sem, porém, soltar gritos altos para não chamar atenção. Os meninos usaram um chicote de brinquedo feito de um ramo fino cortado e um atilho fino, que certamente não causava dores fortes. Depois de ter chicoteado a menina o moleque beijou-a como viu os homens na festa fazerem com a índia e roçou seus dedos entre os lábios feminis da moleca.

Observei os olhos da menina e fiquei com dúvida. Podia ser que ela foi obrigada a concordar com essa brincadeira sob ameaças? Tive muito dó com ela. Ao outro lado não tive vontade de envolver-me nessa brincadeira nojenta.

Quando o terceiro menino chicoteava a mocinha, usava de mais força e uma vez, sem querer, o ramo tocou o corpo da moleca, e ela reclamou. Ele disse: “Você é uma índia suja e precisa ser castigada. Então não reclama.”

“Mas você me machucou.”

“Você é uma índia e uma puta. Qualquer um tem o direito de te machucar.”

Ela não disse nada. E ele: “Uma puta deve agradecer ao seu senhor, quando ele a bate ou machuca.”

Ela, de novo, disse nada e ele continuou: “Não vai me agradecer?”

Tocou o mamilo da mocinha e ela disse: “Sou puta.”

“Então me agradece.”

“Agradeço ao meu senhor por me machucar.”

Bateu com o ramo na bunda dela. Ela reclamou de novo. Mas ele exigiu: “Agradeça.”

E ela obedeceu. Repetiram-no algumas vezes e depois ele puxou na hastezinha da menina e ela disse igual à índia: “Quero ser açoitada.”

Aí o moleque a chicoteava, mas depois um tempo a acertou de novo com o ramo e ela reclamou por ter sido machucada. Aí resolvi entrar no estábulo.

Fiz de contas como se chegasse por acaso, buscando uma coisa, mostrei meu repúdio e perguntei à mocinha o que estava a acontecer. Ela respondeu: “O senhor não está vendo que estou nua? Como então se atreve de entrar e de olhar-me sem vergonha?”

“Desculpa, mas é meu estábulo e quero buscar uma coisa.”

“O senhor viu logo da entrada que sou nua e um senhor educado teria feito como não ver nada e teria se retirado imediatamente.”

“Bom, então eu vou. Tem certeza que não precisa de ajuda? Se os moleques te fazem um mal, me diga. Vou te ajudar.”

“O senhor não está vendo que apenas brincamos de índia?”

“Está bem.” Disse e fui em direção à porta, mas a menina ainda perguntou: “E o que é que o senhor procura? Não quer levar a sua coisa, já que entrou de uma vez?”

“Já olhei, não está aqui.” E fui.

Quando consultei meu pai a respeito do problema com a limpeza do bar, ele disse: “Está na hora de dar uma lição a essa herege. Senão virará muito vaidosa. Sempre é assim com putas. Sempre traz problemas se a gente as trata bem; não só problemas para a gente, mas também para elas. Por isso, também para elas é melhor se o responsável é severo e as educa com mão firme. Amanhã cedo vou cuidar do problema.”

Por volta do meio dia a fila de mais de 300 homens, que transaram com a índia a partir do açoitamento, acabou e entrei no estábulo do bode. Ela deitava com as pernas abertas, embora não acorrentadas, como se já não mais conseguisse fechá-las. Joguei água nela e limpei-a. Ela gemeu baixinho, quando a mandei se sentar. Tive dó dela e dei uns carinhos.

Chegou-me a ideia, que ela nem sabia que seu trabalho era para mim. Talvez uma puta abra as pernas com mais prazer se sabe que seus esforços servem para o bem, para uma pessoa perto dela poder ter uma escola ou faculdade. Seria tão bom, poder falar com a índia. Aí eu lhe contaria que eu seria um advogado, também com ajuda do dinheiro que ganhamos com ela, e que um advogado é importante para que tenha justiça no mundo. Se um fazendeiro poderoso ocupa a terra de uma viúva indefesa, o advogado pode lhe ajudar e reestabelecer a justiça. Eu seria um tal advogado, e contribuiria para um mundo melhor.

Quando levei a puta para fazer xixi vi que as costas dela estavam inflamadas. Algumas chicotadas fortes demais rasgaram a pele e ela deitara mais de dois dias quase sempre nas costas, enterrada sob o peso dos corpos dos

homens e sacudida pelos trancos da cópula furiosa dos clientes excitados pela flagelação e pela longa espera até chegar a sua vez. Ao que parece, as chicotadas causaram mais efeito do que na última vez. Provavelmente os homens já sabiam, como seria o açoitamento e por isso se podiam preparar melhor, treinando com um chicote semelhante. Como se vê, o limite de 40 chicotadas também deve valer para índias, pensei. Devo falar sobre isso com meu pai para não vender mais de 40 chicotadas na próxima festa.

Na outra manhã acordei meu pai cedo, como ele pedira, e ele foi para o bar observar as meninas pessoalmente. Sentou em um canto e bebeu um café sem se intrometer. Não teve fregueses no bar.

Verônica ordenou à judia limpar o chão, deu lhe um balde e um trapo, mas ela a ignorou. Verônica esperou um pouco, e quando viu, que a judia não limpou o chão repetiu a ordem, mas sem sucesso. Aí meu pai se levantou, bateu com o chicote na judia e mandou que se deitasse com o busto sobre uma mesa. Anuta e Verônica lhe seguraram as mãos, e meu pai lhe tirou a saia e lhe deu dez chicotadas na bunda nua.

Mas não bateu forte, porque queria evitar que um freguês visse as linhas da tira como se ela fosse uma escrava comum e não uma dama fina e cara. Por isso prostrou-a de outra maneira. Tirou lhe também a blusa e mandou-a limpar o chão nua. Eu tive que ficar na porta para ninguém entrar por acaso no bar assistindo à humilhação da judia. Passou o chicote para Verônica e ela acompanhou a judia, mostrando com a ponta do cabo em lugares, onde achou ainda sujeira e tocava na bunda nua alvacenta para ensinar-lhe humildade. Depois desse episódio Catarina nunca mais ignorou a Verônica, e estabelecida a ordem até começaram a ter certa amizade. E Verônica ficou consolada sobre o fato de que a judia ganhava mais. Admirei mais uma vez a habilidade e sabedoria de meu pai.

Observando essa menina linda nua no chão acompanhada por Verônica, garbosa guerreira com chicote na mão, excitei-me e fiquei muito duro. Quando acabou, fui para a fresta no estábulo observar os moleques brincar "índia açoitada", e fiquei ainda mais duro. Tentei imaginar o que a menina sentia e por que ela concordava com essa brincadeira. Queria muito participar e descobrir o fascínio da brincadeira.

Quando meus olhos se acostumaram à penumbra do estábulo, vi que além da moleca teve uma boneca amarrada do mesmo jeito, e um menino chicoteava-a, cutucou-a entre as pernas e beijou-a. Como cheguei a saber mais tarde, os meninos gostaram já há muito tempo de brincar com a boneca, que seria uma escrava ou prostituta levando pancadas, sendo chicoteada, estuprada e forçada a fazer coisas humilhantes ou pesadas.

Corri para o estábulo do bode, feliz que Raimundo não estava por perto e deitei me em cima da índia. Ela gemeu, porque as costas lhe doeram, mas mostrei-lhe muito carinho para ela perceber que sou um homem bom. Talvez ela o sente e trabalha com mais vontade, sabendo que o lucro de seu suor serve para melhorar a minha vida.

No outro dia Raimundo apareceu com a negrinha. Ela andava a pé, toda nuinha e com as mãos amarradas e presas através de uma corda de cinco metros na sela do cavalo. Evidentemente teve que correr todo o caminho, e em todas as pausas foi estuprada por Raimundo.

Raimundo contou que a mãe da menina fizera o maior escândalo quando percebeu que o fazendeiro iria vender sua filha, e esta se agarrou na mãe com força, e nem cederam a chicotadas. Três escravos fortões tiveram que separar mãe e filha, levar a mãe ao tronco para ser açoitada e amarrar a filha atrás do cavalo de Raimundo. Ela resistiu com força, agarrando os pés no chão, mas não teve chance contra o cavalo, que a puxou do lugar. E quando se afastaram foram acompanhados pelos estalos do chicote e pelos gritos da mãe no tronco.

Ela realmente não foi bonita, sobretudo com os cabelos feios. Meu pai mandou cortar toda a cabeleira esquisita. Depois as putas deram um banho nela, porque era muito suja da marcha, mas já nisso ela deu muito trabalho, e quando meu pai mandou-a ajoelhar-se, sentar-se, abrir a boca e outras coisas, ela ficou sem se mexer, obstinada e emperrada. Aí fixamo-la com as mãos penduradas na viga e açoitamo-la para dar-lhe as boas-vindas. Depois soltamo-la e meu pai repetiu as ordens, mas em vez de se submeter ela se vingou, dando um pontapé em um vaso de porcelana, que caiu e quebrou em pedaços.

Aí meu pai mandou buscar a gaiola, que serviu para a índia nos primeiros dias e forçou a

retirou o dedo sangrando e uivava de dores e susto.

“Fica quieto, seu tolo!” adverti-o porque não quis chamar a atenção de outros, mas já foi tarde demais. Meus pai, mãe, irmão e putas chegaram correndo: “O que foi que aconteceu?”

O menino apresentou seu dedo ao meu pai. Mas antes de ele falar a menina explicou: “Ele quis brincar com a negrinha e não teve cuidado. Ela o mordeu porque ele a picou.”

“E quem permitiu a vocês fedelhos brincar aqui no barzinho?” vituperou meu pai. O menino olhou para mim, abriu a boca, mas antes de ele responder a moleca disse: “Desculpe, senhor Renato, mas ficamos com muita curiosidade e entramos escondidos no barzinho quando ninguém prestou atenção. Desculpe, foi, na verdade minha ideia. Peço seu perdão.”

Meu pai pegou a menina pela nuca e a virou para si: “Foi você? Será que tenho que falar com seu pai? Ou quer que eu te castigue? Que castigo prefere?”

“Prefiro que o senhor me castigue. Não sei qual castigo o senhor queira dar, mas se me perdoar prometo que ajudarei na próxima festa de açoitamento a dona Emília de graça.”

Meu pai resmungou: “Pelo menos confessou logo tudo. Bom, espero que aprenderam a lição. Vão embora e não brinquem mais no meu lote, não é lugar para crianças. Se pegar vocês mais uma vez aqui, vou falar com seus pais.”

Meu pai soltou a moleca, as crianças sumiram e para meu pesar nunca mais voltaram a brincar em nosso lote. Quando a moleca passou pela porta, minha mãe a deteve, pegou a boneca e disse: “Essa vai ficar aqui. Você não está educando-a de maneira certa, ela vai ficar com a gente por cem dias. Se você melhorar, depois vai recebê-la de volta.”

A moleca estranhou, e eu também. Minha mãe sabia das coisas? Ou ela só falou por acaso? Ninguém teve coragem de perguntar e a moleca largou a boneca e foi atrás dos meninos.

Meu pai tirou a negrinha da gaiola para ver a ferida onde a picaram mais fundo. Seguramo-la com três pessoas, porque ela se debateu ferozmente. Meu pai bateu com uma chibata nela e até duas ou três vezes entre suas pernas, mas não adiantou nada.

“Realmente um diabo!” disse meu pai.

Meu irmão adicionou: “Vamos ter muito trabalho até fazê-la andar no caminho certo. Sobretudo trabalho para a chibata e o chicote.”

Meu pai alertou: “Esse caminho o fazendeiro já tentou sem sucesso. Ela já foi escarmentada e as dores não a prostram, mas aumentam ainda sua rebeldia. Devemos humilhá-la como conseguimos tão bem com a judia na viagem de Recife para cá.”

“Mas também fizeram já muitas coisas com ela. Raimundo levou-a nua pelo caminho todo, e adiantou nada. Para mim mais certo seriam torturas. Existem coisas que quebram a resistência de qualquer pessoa.”

Minha mãe exasperou-se: “E você quer aplicar essas coisas extremamente cruéis e safadas a essa menina pequena que separaram sem dó se sua mãe? Vejam só o furo que os meninos lhe fizeram. Chega até o osso. E tem mais furos aqui. Pela misericórdia de Deus, não façam coisas brutais. É pecado.”

“Pecado é deixar a menina transar com homens sem antes amolgar o espírito insurreto dela. Se mordesse um dos homens ou faria coisa pior seria nossa culpa.”

“Ela é muito nova para tudo isso.”

Meu pai intrometeu-se: “Emília, você sabe que a compramos já sendo uma puta. Uma escrava que já transou muito. Não é nossa culpa. Se tivesse se comportado e obedecido ao seu dono estaria ainda com ele e com sua mãe. Agora ela foi mandada para cá e seu dever é ganhar dinheiro com a bucetinha. Somos um barzinho e não um mosteiro para meninas finas. Já vendemos 170 bilhetes, todos querem testar a novinha, e temos que garantir a segurança deles. Você sabe o que aconteceu com a puta no Arraial das Garças e seu dono, quando ela mordeu e quase abocanhou o pau do capanga Vanderlei? Certamente não quer que fazem tais coisas com nossa negrinha, muito menos comigo.”

Minha mãe respondeu: “Então acorrenta-a em uma cama e passa uma mordaça em sua boca, porque por mais que a chibatar não prostrará seu caráter. As atrocidades que cometeram com ela embruteciam o espírito dela. A gente deveria fazê-la meiga e branda tratando-a como menina e não como um cão.”

“Bom, Emília, se pensa que sabe educar putas melhor do que eu depois você pode aplicar sua educação, mas hoje vamos ter que dar um jeito para ela abrir as pernas para nossos clientes, que já pagaram a sua parte.”

“Renato, você com certeza sabe educar putas melhor do que eu. Mas talvez eu consiga educar crianças melhor do que você.”

O primeiro cliente, que comprou o direito de estuprar a “carne nova” pagou 17 Mil Réis, o segundo 13, o terceiro 11, o quarto 10, o quinto 9, o sexto 8, o sétimo 7, o oitavo 6, o nono 5, o décimo 5, o décimo primeiro 4, o décimo segundo quatro e todos os outros 2. Os primeiros doze lugares foram dados a quem fizera a melhor oferta, os outros bilhetes pela ordem da venda. Em tudo ganhamos já com essa primeira ação o dobro do dinheiro investido. Mas tudo sairia caro se acontecesse alguma coisa e arruinasse a fama de nosso bar e de meu pai.

Junto com a negrinha inauguramos também o primeiro quarto no segundo andar, e a negrinha foi acorrentada na cama desse quarto pelos punhos e tornozelos, e para a maior segurança enfiamos-lhe a mordaça de ferro que Raimundo fez para a índia. Alguns clientes reclamaram desse aparelho feio, mas meu pai insistiu que seria imprescindível para a segurança. Pelo menos foi garantido dessa maneira, que os clientes podiam ficar bem à vontade, lamber e

chupar a menina em qualquer lugar: olhos, nariz, mamilos, bucetinha... sem correr o menor risco de ataques e atos rebeldes do lado da diabinha pretinha.

Verônica e a judia pintaram um cartaz, que foi colocado na frente do bar com o título: Promoção! Negrinha nua por 1$500. E para chamar atenção as duas moças desenharam o busto de uma negrinha com olhos grandes, dentes brancos e mamilos erigidos.

Ainda usamos o mesmo esquema: eu ia dormir mais cedo, levantando-me na madrugada para cuidar dos serviços da manhã. Já estive saindo do bar, por volta de dez horas da noite, quando ouvi um barulho na rua, uma algazarra de pessoas correndo e gritando. Entrei na rua e vi o Raimundo e um amigo dele de cavalo. Raimundo segurou um embrulho e presa na sela de seu cavalo através de uma corda de três metros teve uma moça. Quando chegaram mais perto, vi que foi uma índia, que ele trouxe do mesmo jeito como antes a negrinha, e o embrulho foi um bebê. Conseguiu o que já queria há muito tempo: capturar uma escrava para si mesmo.

A jovem índia estava com sua primeira criança andando para trocar algumas frutas em uma fazenda e, quem sabe, oferecer seus serviços, quando foi surpreendida por Raimundo e seu amigo, que a capturaram e levaram como escrava. Muitos homens do bar saíram para a rua para olhar e até apalpar a presa. Depois Raimundo seguiu caminho até a sua oficina, onde morava.

Foi nossa sorte que meu pai vendeu os bilhetes para a negrinha já antes, porque Raimundo quis amolecer e amolgar sua escrava do mesmo jeito como nós o praticamos, humilhando-a através de muitos estupros, e convidou todo mundo para ajudá-lo domar e domesticar a selvagem. Ele não cobrou nada e liberou a moça para todos, que queriam. A índia, ao que parece, sabia umas poucas palavras de português, e entendeu que teria que colaborar se quisesse salvar seu bebê. Só se obedecesse em tudo receberia o bebê para mamar e aninhá-lo.

No outro dia tive que levar a índia para mijar sem dispor da mordaça, mas não tive medo, porque já sabia que ela se comportaria mansa como um cordeiro, pelo menos comigo ela

buraquinho. Assim vai doer menos e os homens vão gostar de você e seu Renato vai ser feliz, ganha dinheiro para poder comprar comida para todos nós e você vai ficar com a boneca. Entendeu?"

"Sim, senhora."

Verônica até deu um beijinho na testa da menina, e se levantou para sair. Claro, sendo a dona, minha mãe saiu primeiro, depois Verônica e finalmente eu. Quando fechei a porta vi que a negrinha se virara ao lado, abraçando a boneca e chorando.

Minha mãe contou ao meu pai do que fizera, e meu pai aceitou a decisão para ver se ia bem. Só não concordou de deixar a menina sem mordaça, principalmente por causa das experiências negativas com a índia e o acidente com o menino mordido.

Por isso, tive que voltar ao quarto da negrinha. Ela chorou ainda abraçada com a boneca. Não resisti e beijei a bochecha e a testa dela. Virei-a aos poucos para mim: "Quer ser uma menina boa, Luiza? Vira para mim."

No outro dia achei um dos nossos dois cavalos, aquele com quem fui para Recife, morto. Ele estava doente há três dias, mas não parecia nada de grave. Foi um revés, porque um cavalo bom vale tanto como um escravo. Meu pai já não esteve de bom humor, porque no dia anterior nossas putas tiveram bem menos clientes, porque Raimundo continuava a oferecer sua índia de graça. Ela estava acorrentada no fundo da oficina. Assim ele quis quebrantá-la. Meu pai lamentou e se preocupava como pagaria as obras e compraria móveis e putas para os quartos novos. E minha mãe disse, que poderia ser um castigo de Deus, porque arrancamos uma menina novinha dos braços de sua mãe.

Meu pai não gostou de jeito nenhum da teoria de minha mãe, mas mordeu a língua por não falar uma coisa, que poderia ser considerada uma coisa contra a religião, porque sempre disse que gostava que minha mãe era bem crente e cuidava da religiosidade da família. Eu, no entanto, assustei com a ideia de minha mãe, mas pensei que poderia ser também um castigo por causa das safadezas das crianças. Afinal de contas elas brincaram nesse estábulo, uns dois metros do cavalo. E eu fui envolvido nisso; por isso meu cavalo foi afetado. (Na verdade, não é

exatamente meu cavalo, porque temos só dois cavalos para nós três.)

Quando Raimundo nos próximos dias continuava a oferecer sua índia a quem quiser, e alguns até deixaram umas moedinhas com ele, meu pai aproveitou uma reunião do conselho do vilarejo para abordar o problema.

Já que ainda não fomos uma vila, o conselho não era reconhecido pelo governo, mas governava praticamente o povoado, sempre tentando resolver as coisas em unanimidade. No conselho teve um representante de cada grupo de pessoas como, por exemplo, um mineiro, um mercador, um artesão e ainda os donos dos dois barzinhos maiores, sendo eles os estabelecimentos que geravam mais lucro.

Todos concordaram que não era coisa de um artesão oferecer índias aos clientes. O pior seria, que todos estavam contribuindo com seu trabalho para a construção da igreja, mas se Raimundo ofereceria a índia de graça ou, quem sabe, cobra secretamente e sem contribuir para as obras, tais coisas seriam indesejadas e, por isso, proibidas. Escreveram uma carta, meu pai a levou e eu fui incumbido a levá-la a Raimundo. Quando cheguei à oficina dele ele estava com

amigos jogando cartas e a índia fez um bom show, cavalgando nua uma garrafa. Já que Raimundo aproveitara a experiência com nossa índia e a sua entendeu algumas poucas palavras ele lhe ensinou rapidamente várias coisas, sempre ameaçando simplesmente, que torturaria o bebê, se ela se recusasse, e só alimentaria o bebê ou o daria para mamar nas tetas da mãe, se ela cumprisse tudo em submissão total. Ela já conseguiu tantas coisas como a nossa e começou a fazer sombra em nossa selvagem.

Entreguei-lhe a carta oficial e ele a leu com cara amarrada. Não disse nada, pôs a carta em seu bolso e perguntou: “Quer mais uma coisa.”

Falei: “Não.”

“Então pode ir.”

Na outra manhã Raimundo foi logo reclamar com meu pai. Lembrou que muitas vezes ajudara a nós e que seria muito aborrecido de receber uma carta assim: “Por que o senhor não veio falar pessoalmente comigo, homem com homem?”

Meu pai deixou claro que gostaria de Raimundo, mas que não queria tomar uma decisão sem

ouvir os outros que mandariam na vila. E o conselho teria tomado a decisão de escrever uma carta. De qualquer jeito, não poderia continuar assim porque a renda de todos os barzinhos diminuiria, e todos os barzinhos atribuiriam para a construção da igreja. Raimundo se exaltou: "Seria até muito melhor ficar sem padres enjoados neste lugar!"

"Raimundo, o que está dizendo? Nós lutamos para termos progresso, e você fala assim? Que coisa."

"Desculpe, mas agora tudo tem a ver com a igreja. Já pensou que os padres depois poderiam se intrometer em tudo e fechar os prostíbulos?"

"Aqui não tem prostíbulos. Temos barzinhos, e permitimos às putas oferecerem-se no bar porque sabemos que as putas são também seres humanos e devem ter também um lugar seguro para conseguir um dinheiro para sobreviver nestes tempos difíceis."

"Seu Renato, o senhor foi sempre como um pai para mim. Aceito a carta por nossa amizade. Mas peço que o senhor não acredite em tudo o que seus filhos falam."

Minha mãe não me respondeu, mas depois, quando estivemos a sós, me falou: “Seu pai vai ficar bravo, se acontecer algo. Esses homens, muitas vezes bêbados, fazem tanto mal a essa criança que não dá para estranhar quando ela morde. Não gostaria de tomar essa decisão neste momento. Uma recaída poria todo o processo de fazer dela uma menina bem-comportada em risco.

Quando surgiu uma oportunidade fui sozinho para o quarto da negrinha, beijei-a e coloquei-lhe um dedo entre os lábios amorosos, como já fizera algumas vezes, fechando os olhos e imaginando a moleca branca, e depois de ter bem um sentimento de empatia profunda com ela falei: “Gostaria muito de deixar-te sem mordaça, mas meu pai ainda não confia em ti. Posso confiar em ti que nunca mais morderás? Mesmo se os homens te fazem mal?”

Ela refletiu, e depois fez de sim e adicionou: “Aprendi que não faz sentido morder, porque se mordo me acorrentam de novo e não vou poder cuidar da Luizinha.”

“De si mesma?”

“Não, de minha boneca. O nome dela é Luizinha.”

nossos negócios melhorarem cada vez mais e eu poder fazer faculdade. Mas minhas mãos estavam sempre prestes para bater em sua cara e abrir os maxilares à força, caso necessário, e por isso precisei de muito tempo até lhe poder dar leitinho.

Mas não aconteceu nada, e no terceiro dia já confiei tanto nela que peguei seus mamilos pequenos e seu peito magro sem as menores protuberâncias que anunciariam o começo do crescimento das tetas e disse: “Agora vou te testar. Vou apertar, puxar e beliscar, e tu continuarás chupando com a mesma dedicação e amor como antes. Posso?”

“Pode, eu vou aguentar.”

E ela conseguiu-o, e no outro dia apresentei-a a meu pai, e ela chupou meu pai com toda a sua meiguice amorosa, e por isso ele mesmo disse que ela poderia ficar sem mordaça.

Logo ela recebeu também permissão de sair de seu quarto e ficar com as outras putas e os clientes no barzinho. Mas ela não sabia conversar e animar os clientes como as putas adultas, e por isso resolvemos que ela, quando sem cliente, ficasse em baixo da mesa, beijando e acariciando os paus dos homens, às vezes só

através do tecido das calças, mas se o homem as abria, também chupando o pau. Esse serviço gratuito trouxe muitos homens para jogar baralho ou outros jogos, beber e conversar em nosso bar e contribuiu para aumentar a produção de esperma. Mas jamais ela estimulou um homem até receber leite, mas terminou bem antes, obrigando os coitados a contratá-la ou outra puta para se aliviarem. E assim ela virou uma grande bênção para a nossa família e contribuiu para o cabedal crescer cada vez mais.

O barzinho virou pequeno e mandamos fazer mais mesas e cadeiras e colocamo-las no quintal, e meu pai mandou construir um alpendre, mal que acabaram com o segundo andar.

Meu irmão levou às vezes uma puta para sua cama, quando fecharam o barzinho alta noite. Eu não tive o mesmo privilégio, porque ia dormir bem mais cedo. Mas depois de saber do privilégio de meu irmão comecei a pedir às putas para chegarem depois do expediente para minha cama. Não quis todas as noites uma puta, porque me acordaram do sono profundo, às vezes logo depois da meia noite, às vezes bem mais tarde, mas era tão bom sentir uma mulher nua e gostosa na mesma cama.

Mas não era muito fácil, porque primeiramente tive que perguntar, qual puta meu irmão queria na determinada noite, depois tive que escolher entre as putas restantes e pedir à escolhida para me visitar depois do trabalho. Mas ainda por cima podia acontecer, que um cliente a levava em casa ou ficava com ela pelo resto da noite, pagando um preço maior. E nestes casos eu ficava na mão.

Também já convidei a negrinha para a minha cama. Meu irmão, ao que parecia, não se interessava por ela, mas eu a convidei de vez em quando, e na escuridão da noite parece-se perfeitamente com a moleca branca. Mas na verdade, o que gostaria mais seria dormir uma noite inteira com a índia, mas claro que é impossível, já que é uma selvagem, e se fugiria chegaria à mata e desapareceria. Já as outras putas têm medo da mata e jamais fugiriam sem mais. Também sabem que não chegariam para longe e a gente as perseguiria e recapturaria.

Raimundo, no entanto, dormiu todas as noites com sua índia. Mas ele construiu uns petrechos especiais para domesticar a selvagem e montou uma cama onde podia acorrentá-la de um jeito, que lhe deu mesmo assim toda a liberdade de fazer todo tipo de sacanagem com a moça. Ela

teve que sofrer muito, porque ele a chicoteava do mesmo jeito como fizemos com a índia, furou-lhe o grelinho e colocou um anel e construiu uma mordaça como a de nossa índia e um tipo de calcinha de metal com dois paus de ferro que se encravam nas outras duas bocas da escrava.

Certa vez, quando fui buscar os ferrolhos para as portas no novo segundo andar em cima do barzinho, vi a moça arrastando-se no chão com essa calcinha, que lhe abriu bunda e bucetinha à força.

Cheguei a saber que, de vez em quando, ele continuava a emprestar a índia a outros, mas agora só a amigos. Por isso seria difícil provar que ele ganhasse também dinheiro com o empréstimo da índia, e emprestar uma escrava a um amigo não é proibido. Mas continuei observando-o, porque achei que ele continuava prejudicando nosso trabalho com as coisas absurdas dele.

Certo dia apareceu uma senhora de cavalo com dois escravos negros bem vestidos e uma escrava mulata bonita de uns 14 anos. Mandou

os dois esperar, entrou no bar e pediu a falar com meu pai.

Contou que essa mocinha, há dois anos, seduziria seu marido com seu sorriso, seus dentes brancos e seus braços roliços e sua pele brilhante. O marido viajou para Rio de Janeiro por alguns meses, e ela queria vender a escrava. Procurou meu pai sabendo que ele seria o líder mais importante aqui e pediu para lhe indicar um lugar, onde a escrava receberia uma educação severa e adequada para uma puta libidinosa dessa laia e muito trabalho duro. Meu pai disse: “Bom, a cabrita parece ser bem apta. Claro que deve ser bem mimada e vai dar um trabalho fazê-la obedecer e trabalhar igual a outros escravos.”

“Pois é.”

“Por isso não deve pensar em um preço muito alto. Em que preço pensou?”

“Bom, não sei muito bem dessas coisas, já que meu marido sempre resolveu tudo.”

“Mas a senhora tem o direito de vender escravos na ausência de seu marido?”

“Sempre se tem. Mas pelo sim pelo não pedi a meu marido me dar plenos poderes por escrito.”

Ela mostrou o documento e meu pai disse: “Acho que por 600 Mil Réis poderia arranjar um comprador para a senhora.”

Estranhei, porque sabia que a moça valia três vezes mais, no mínimo. Ela era linda, um brinco para qualquer barzinho ou prostíbulo. Também a senhora se queixou:

“Só isso? Mas tudo bem, mais importante seria que o novo dono será bem severo. Quero que ela sofra muito por tudo que me fez. Será que poderia exigir no contrato que ela seria espancada cada dia ou açoitada uma vez por semana?”

“Uma vez por semana mata a moça. Se a senhora quiser, que ela sofra por muito tempo, deve ser uma vez ao mês. Mas já que a senhora não tem como controlá-lo, teria que ser uma pessoa a quem confia.”

“Confio só em mim mesma. Quem sabe, poderia de vez em quando ver a moça sofrer?”

“Acho que seria difícil a não ser que a senhora a vende a um prostíbulo, quer dizer um barzinho, que aluga putas, de preferência com um dono que a senhora conhece. Se eu fosse o comprador, iria prometer que a encheria de trabalho duro e a

açoitaria publicamente uma vez por mês, e aí a senhora poderia vir assistir ao espetáculo.”

“E como seria seu estreio? O senhor contrata uns fortões que a estupram até ela virar uma puta verdadeira? Gostaria que ela sofra muito por seus pecados.”

“Olha, geralmente meus clientes resolvem isso no primeiro dia.”

“Então, o senhor gostaria comprar a cabrita sob essas condições?”

Que sorte incrível! Imaginei que meu pai aproveitaria a oportunidade única, sobretudo porque ganhamos muito bem recentemente e deveríamos aplicar o dinheiro, que se acumulava no cofre, mas ele disse: “A senhora vê que temos aqui muitas obras recentes. Gastamos tudo com elas. Queria muito ter a moça, com certeza faria tudo, o que a senhora quer, sou excelente em explorar e educar putas insolentes, atrevidas e ingratas, mas quase não tenho dinheiro à disposição. Mas tenho um amigo em Recife, que tem um prostíbulo bom.”

“Mas Recife é longe, eu gostaria de verificar a educação e os castigos, assistindo a eles. Quanto dinheiro o senhor pode pagar?”

“Sinto muito, mas mal 300.”

“Só isso? Se ficar uns dois ou três dias no hotel com meus escravos para assistir o estreio da putinha, já vou gastar uma parte, aí levarei em casa quase só 200.”

“Bom, hotel aqui nem existe. Mas se a senhora aceita, pode morar em minha casa de graça e assistir, como educamos a guria e ainda por cima dar dicas e nos dizer, como torturá-la da melhor forma.”

Chamamos a mocinha e explicamos-lhe que foi vendida. Meu pai explicou, que ela seria a partir de agora uma puta e que seria por sua lascívia e o atrevimento de seduzir seu dono açoitada todo mês. Ela começou a chorar e jurou que foi inocente: “Vejam aqui os sinais. Meu senhor me açoitava para eu dormir com ele. Doeu demais quando ele me estuprava, mas ele não teve dó comigo. Tive onze anos, quando ele me estuprou pela primeira vez. Piedade, senhor. Até sou feliz, que a senhora me vendeu, mas tenha piedade comigo, sou inocente.”

“Cala a boca, cadela! Agora você é uma puta e fala só se perguntada. Ouviu? Quem decide se você é inocente ou não é sua senhora, que a vendeu. Só a palavra dela vale, você é uma

escrava. Eu assinei um contrato e sou um homem de palavra. Agora tira a roupa, já que ela é propriedade da senhora, devolve-a e mostra seu corpo. Queremos te investigar e te testar na cama.”

Para não perdermos tempo a festa da inauguração da puta nova já foi marcada para o próximo dia. Eu e meu irmão, depois de termos estuprado e devidamente testado as funções da mulata, arrumamos nossas coisas e dormimos em um dos quartos novos e quase já prontos no segundo andar do barzinho, deixando nossos quartos na casa para a senhora e os dois escravos. Deixaram a mulata no barzinho, nua e com as mãos atadas na viga, para os homens a contemplar e se divertirem. O nome dela era Honorata, nome bem inadequado para uma puta. Demos outro nome a ela. Verônica disse, que puta ou cadela em inglês seria algo parecido com Bídi ou Pídi; esse nome, no Brasil, não soaria tão feminil por falta da A final, e por isso poderíamos chamá-la Bídia ou Pídia. Meu pai disse, que deveríamos saber, se fosse com P ou B, mas Verônica disse, que lhe parecia que a letra inglesa seria um meio termo entre eles.

“Então o nome dela será Pídia”, decidiu meu pai.

Escrevi então uma placa, que colocamos entre as mãos de Pídia, e os que sabiam ler foram informados: “Sou Pídia, novinha de uma fazenda, e quero ser sua puta.”

Com uma novidade dessas meu pai não precisava fazer muita propaganda. Nesta noite certamente todos os homens passavam no barzinho, e alguns até vieram acompanhados por mulheres curiosas. Meu pai sempre é generoso e não impede que os homens toquem na puta para testar a firmeza da carne. A maioria dos taberneiros não o permite, obrigando as pessoas a alugar a moça para poder tocar nela. Mas meu pai pensa diferente, e realmente cada vez se mostra, que muitos homens só passam no bar por curiosidade. Eles pensam que podem ver uma moça linda nua e tocar nela de graça, comprando, se muito, uma bebida. Mas eles se excitam vendo a moça bonita se torcendo e acabam comprando um bilhete para transar depois da flagelação com ela ou para poder participar das chicotadas, ou eles alugam outra puta para se aliviar logo.

Mesmo com somente umas 400 pessoas assistindo aproveitamos o palco na praça central e amarramos a mocinha do mesmo jeito como antes a índia. Assim era garantido que todos podiam ver e tinham o maior prazer possível. Uma festa bem-feita sempre contribui para o bom conceito de meu pai e de toda a nossa família, mas dá também um lucro grande e garante, que na próxima festa todos voltem e tragam ainda mais pessoas.

Sendo a mocinha uma mulata e bem linda vendemos os bilhetes por 3 Mil Réis, mas os primeiros dez lugares foram leiloados, e os lugares 11 ate 20 foram vendidos por 5 e os lugares 21 até 30 por 4 Mil Réis.

As chicotadas foram leiloadas como de costume. Mesmo com a propaganda de boca em boca a demanda foi bem mais fraca, e não teve gente de fora, porque até outros povoados a notícia ainda nem chegou. Por isso, apesar da beleza da mocinha, que era airosa e gostosa e teve peitos médios firmes, cujos mamilos se erigiam a cada toque, só vendemos 160 bilhetes. As chicotadas renderam em média 6 Mil Réis, o que era bem menos do que nas festas anteriores. Não sei, se a

demanda mais fraca foi devida ao curto prazo e à falta de pessoas de fora, ou se os homens tiveram receio de chicotear uma mocinha delicada assim e preferem bater em uma selvagem brava.

Vendo a delicadeza da mocinha e não sabendo, quantas chicotadas seriam adequadas para uma mulata, já que na Bíblia se acha a dica de não dar a um branco mais de quarenta, mas uma negra aguenta, segundo os fazendeiros, bem mais, meu pai, pela dúvida, não vendeu mais de 40.

Mesmo assim somente com a venda das chicotadas a gente já ganhou quase o preço da cabrita de volta.

E com os 160 bilhetes meu pai ganhou 600 Mil Réis. Pelo primeiro lugar um entusiasta pagou 45 Mil Reis, como se ela fosse ainda uma virgem. Já o segundo lugar saiu somente por 15. Dos lugares a 5 Mil Réis, três nem foram vendidos.

A senhora sentiu-se enganada, quando percebeu o lucro, que meu pai fez em somente dois dias com sua ex-escrava, e ela reclamou por ter recebido tão pouco e que deveria receber mais. Meu pai pediu desculpas, mas insistiu: “Se a

senhora quisesse mais, deveria ter emprestado a escrava para eu ganhar primeiro o dinheiro e depois pagar. Infelizmente não tive dinheiro por causa das obras, como já expliquei. Agora fizemos o contrato, inclusive em duas formas.”

A segunda forma era para ela mostrar ao marido, e só na primeira forma, que era então um contrato secreto, meu pai assinalou que açoitaria a mocinha cada mês e a faria trabalhar duro. Inclusive foi escrito, que o próximo dono teria que garantir as mesmas condições, se ela fosse vendida a terceiros.

Mas meu pai viu que a senhora foi chateada e disse: “A senhora não tem por acaso mais uma cabrita para vender? Aí eu compraria mais uma pagando um preço bom para indenizar a senhora.”

“Pois não. Tenho uma penca de mulatas e mulatinhas, já que meu pai era um grande criador de escravos. Se sabe, que a fazenda foi dos meus pais, e eu a herdei. Meu marido foi oficial do exército e casou comigo, virando assim dono da fazenda e dos escravos. Meu pai teve bom gosto e sempre deu suas negras a visitantes idôneos e saíram cabritas lindas para

se ver. Quem sabe, o senhor me visita, assim que tenha arranjado o dinheiro suficiente.”

“Em quanto está pensando?”

“Três contos.”

“Três contos? Está vendendo princesas?”

“Isso mesmo. Minhas meninas todas são princesas. Tem até mulatas duas vezes embranquecidas, quer dizer, que meu pai cruzou as mulatas com visitantes brancos e saíram cabritas bem clarinhas. Uma até saiu toda branca, mas ela tem somente 6 anos. Poderia ser um dia uma beleza extraordinária, um destaque em qualquer prostíbulo bom nas capitais.”

“Bom, eu mesmo não vou poder ir por causa da inauguração do segundo andar. Precisamos de móveis e preparar mais uma festa de inauguração, mas quem sabe meu filho mais moço, que já me acompanhou em outros negócios desse tipo, pode acompanhar a senhora e testar as suas crias e escolher uma para nós.”

Meu pai certamente quis inaugurar a puta nova, que eu escolheria, com chicotadas e tudo na festa da inauguração do segundo andar, mas não disse nada para não lembrar à senhora como era fácil ganhar o dinheiro investido de volta, se a

gente sabe organizar e administrar tudo com prudência. Em vez disso meu pai disse:

“Mas posso pagar ao máximo dois contos. Um conto posso ganhar hoje, já que vendemos bebidas e bilhetes para todas as nossas putas, e o outro pago, quando a escrava chegar. Mande uma pessoa de sua confiança com meu menino, assim a escrava chega com segurança e a senhora recebe logo seu dinheiro. E se quiser, podemos fazer um contrato só, para as duas cabritas em conjunto; assim seu marido não estranhará o preço ínfimo que a senhora conseguiu com a primeira putinha.”

“Bom, vou pensar em sua proposta, mas agora vamos parar de conversar para desfrutar as chicotadas.” E a senhora pegou o braço de meu pai e bebeu cada chicotada como uma sedenta na beira de morrer de sede.

Já o espetáculo não era dos melhores. A mocinha nem se debateu, pendurou nas cordas com a cabeça para baixo, chorando baixinho, gritando de vez em quando: “Sou inocente” ou “A senhora mentiu.”

Meu irmão teve que subir e dizer a ela que dobrariam o número das chicotadas se ela continuasse falando mal de sua senhora anterior.

Também os homens foram mais tímidos e não chicotavam com tanta vontade e frenesi como com a índia, e mais tímidos foram ainda, quando subiram no palco, desvendaram o rosto e beijaram a mocinha e recebiam o beija-mão pela bucetinha dela.

Mas pelo menos o músico apareceu. Ele estava por perto e foi avisado por um amigo e chegou logo para ganhar um dinheiro e o direito de ter três putas. Meu pai o convidou logo para a festa de inauguração do segundo andar e falou, que planejaria daqui para a frente ter pelo menos uma vez por semana música ao vivo no bar. Disse que pagaria 7 Mil Réis. Seria menos do que na festa de açoitamento, mas o músico teria a certeza que tocaria uma vez por semana e poderia ter cada vez duas putas de graça.

O músico gostou da oferta, exigiu 8 Mil Réis e disse que gostaria de morar no povoado. Assim estaria sempre por perto e nos outros dias iria oferecer seus serviços nos outros barzinhos. Aí meu pai ficou de alerta. Quem sabe, uma vez garantido uma certa renda fixa, poderia se dar o luxo de tocar nos outros barzinhos até por menos

dinheiro, quem sabe, só por comida e o direito a uma moça, se tiver à disposição. Em vez de tivermos uma vantagem sobre a concorrência o arranjo tornar-se-ia uma desvantagem.

Por isso meu pai disse: “Ah, mas se quer ficar no povoado... e onde morará? Posso lhe fazer uma oferta diferente: Lhe dou um emprego fixo. Meu filho, daqui a pouco, vai para a capital estudar, aí preciso de pessoas de confiança. Você pode morar em um dos novos quartos, tocar todas as noites umas duas ou três horas, ajudar-me um pouco, e no fim de semana fazemos uma festa com música até alta noite. Receberá um salário de 40 Mil Réis, teria o quarto e alimentação livre e poderia usar as putas livremente, quantas vezes quiser.”

Os olhos do músico brilharam e ele aceitou a oferta.

No outro dia arrumei a minha trouxa e acompanhei a senhora e os dois escravos para a fazenda dela. Tive que usar o outro cavalo, que era normalmente para meu pai. A senhora foi uma companheira agradável e conversamos o tempo todo. Os escravos trataram-na com muito respeito e ela os tratou como se fossem

funcionários brancos de uma empresa, e não como negros ínfimos.

Quando chegamos na fazenda, os escravos tiveram seu dia livre. Na fazenda da senhora os escravos tiveram dois dias livres para cuidar de pequenas parcelas, que lhes foram entregues para os escravos tiverem uma horta. “Assim eles mesmos cuidam de sua alimentação e a gente não tem custos. Também um escravo, que recebe um pedaço de terra, sente se valorizado, e dificilmente vai fugir, porque aí perderia sua horta preciosa. Até tem escravos que cuidam de sua horta com tanto zelo que produzem mais alimentos do que comem e vendem-nos a mim ou a outros escravos, de vez em quando também a visitantes.”

A senhora chamou o capataz, que chegou junto com dois rapazes brancos e três mulatos, que eram todos filhos dele e mandou chamar todas as mulheres e meninas escravas da fazenda, em tudo mais de 70, e apresentou-as a mim. Depois tirou umas dez mulheres, que eram casadas com escravos bons e a senhora não queria destruir esses casamentos: “Do resto pode escolher. Quem sabe, diga-me todas a moças que quer conhecer melhor, e depois chamamos uma de cada vez para você as testar.”

Mandei primeiramente as velhas e as meninas com 10 anos ou menos embora, já que não sou um desses doentes que estupram criancinhas inocentes, e velhas não prestam para o serviço, embora que sei que existem clientes que gostariam de transar com uma mulher mais velha. Tinha até uma mulata já de idade, mas muito bonita, e não a mandei embora. Sabia que meu pai não queria uma velha, mas quis transar uma vez com uma mulher assim.

Sobraram umas 35 mulheres e meninas, e tirei as mais feias até que sobraram somente 22. Poderia ter tirado mais escravas, mas quis aproveitar a situação e transar com muitas. A senhora sorriu e disse: “Quantos dias pretende ficar aqui na fazenda, moço?”

“Tenho que estar de volta na festa da inauguração, daqui a uma semana. Mas pretendo ficar só três dias.”

“Bom, se conseguir satisfazer sete de minhas princesas por dia, deve ser um rapaz muito saudável e bom.”

Ela me deu seu próprio quarto: “A cama é maior e muito gostosa. Você vai sentir se à vontade e se quiser descansar da labuta vai dormir como

no paraíso. Eu vou dormir no quarto da mucama, assim posso ficar por perto e ajudar, se uma das moças não lhe obedece devidamente ou não sabe de seus deveres na cama para com um visitante moço e bom como você.”

“Obrigado.”

Eu quis deixar as mulatas e mulatinhas mais bonitas e adequadas para o serviço em nossa empresa para depois para me lembrar melhor delas e comecei logo com a mulata mais velha. Era peituda, de faces amenas e de um olhar meio resignado, meio doce.

A senhora me cochichou: “É filha de meu pai. Pode fazer com ela o que quiser.”

Estranhei as palavras, já que pensei que, como visitante especial, poderia fazer com uma escrava sempre o que quiser – menos danificá-la, é claro.

A mulher não fez problemas, tirou as roupas, sentou-se na cama e perguntou o que eu queria que ela faça. Jamais imaginei que uma mulher de talvez uns quarenta anos tivesse tanto calor. Ela foi amorosa, uma mistura gostosa de amor erótico, de submissão e amor maternal. O corpo bem preservado, só teve cicatrizes de queimaduras nos peitos e nas coxas.

Depois desse início prometedor a senhora me chamou para o lanche. Perguntou se eu queria, que a candidata recém-testada ou a próxima participasse do lanche para eu as conhecer melhor, e eu disse: “Boa ideia, pode convidá-las, se convém.”

A mulata quarentona sentou na minha esquerda, a negrinha, que seria minha sobremesa, na direita, e no lado oposto a senhora, que vestia roupa bonita e enfeites de bom gosto. A senhora costumava comer reclinada em sua marquesa, um canapé cor de rosa largo com encosto de palha, balançando o prato no colo, com os pés balançando no ar, às vezes também com as pernas cruzadas. Amélia estava acostumada a sentar na mesa, mas a negrinha evidentemente se sentiu muito estranha sentada em uma mesa.

A senhora perguntou se Amélia, a quarentona, me atendeu bem, se foi meiga, se abriu bem as pernas e por aí, e a Amélia ficou envergonhada, enquanto a senhora divertiu-se com a conversa. Quando reparou no constrangimento de sua meia-irmã, a senhora lhe fez perguntas como se ela gozou e como ela se sentira com um moço tão jovem e gostoso e se ela queria transar mais uma vez comigo.

A escrava ficou sem jeito, e na última resposta já não sabia como convém responder a uma escrava. Será que a puniriam se dissesse que não queria mais dormir com o visitante, ou seria o contrário, se ousadamente dissesse que sim.

Vi o dilema da mulher e sorri, achando divertido observar como ela se sairia da cilada, mas depois me lembrei, que ela foi muito boa para mim e falei sem ser perguntado: “Ah, gostaria muito de dormir mais uma vez com ela, mas infelizmente não vai dar, já que tenho que testar todas as outras.”

A senhora quis perguntar mais coisas constrangedoras à escrava, mas eu perguntei a senhora para desconversar em socorro à Amélia: “E quem é essa cabrita gostosa e bonitinha?”

“Fala seu nome, menina.”

“Meu nome é Bia, tenho 12 anos e sou negrinha.”

A senhora adicionou: “Se fosse uma cabrita seríamos felizes, mas infelizmente deve ser só uma negrinha. Meu pai fez questão, que as negras e mulatas só transassem com brancos, para a cria sair mais clara. Mas essa menina saiu bem escura. Então a mãe dela deve ter tido um caso clandestino ou foi estuprada por um desses

negros, mas ela jurou que jamais transara com negro. Bom, provavelmente ela mentiu, mas meu pai não a açoitava, porque achava que poderia ter outras razões. Poderia ser, que um negro a engravidou quando ela dormiu, sem ela tiver conhecimento. Ou por intromissão divina a menina saiu tão escura. Contamos com essa possibilidade porque temos uma menina branca, que saiu de uma mulata. Evidentemente Deus quis beneficiar a menina e lhe deu uma pele branca, por gostar muito dela ou talvez, porque a mãe dela é muito religiosa e obediente e foi presenteada com uma menina branca.

Mas neste caso? Será que Deus faz também o contrário? Castiga a criança com uma pele preta pelos pecados da mãe? Ela não parece uma escrava ruim, mas Deus conhece melhor o coração dela. Mas será que ele pune a filha pelos pecados da mãe como no Velho Testamento às vezes acontecem coisas estranhas assim?”

Respondi: “Realmente não sei, mas tem muitas coisas, que a gente não entende. Talvez a menina herdasse alguma maldade que enegreceu seu coração e com isso sua pele. Sei lá.”

“Talvez. Mas ela nem é tão ruim assim. Nem boa, nem má. Mas sempre promete ser uma menina boa, né, Bia?”

“Sim, senhora.”

“Bom. E você vai dormir com esse moço, meu visitante?”

“Sim, senhora.”

“E sabe se comportar, para a gente não passar vergonha com um moço educado da vila?”

“Sim, senhora.”

“O que vai fazer primeiro, quando entra com ele no quarto?”

“Tirar a roupa, deitar e abrir as pernas.”

“Não, primeiramente se pergunta, o que o moço quer fazer contigo ou que você faça com ele. Entendeu?”

“Sim, senhora.”

“Já tomou banho?”

“Sim, senhora.”

“Lavou bem a bucetinha?”

“Sim, senhora.”

“E também o cuzinho?”

“Sim, senhora.”

“Viu, moço, ela não é uma mocinha tão ruim. Gostaria mesmo saber por que carga d´água ela saiu tão escura.”

Quis divertir-me um pouco e disse: “Talvez o pai dela cometeu um pecado grave.”

“O pai dela?” A senhora refletiu. “Mas é o problema, não sabemos, quem é o pai. Se saísse uma cabrita, o pai poderiam ser meu pai, padre Antônio ou meu tio, que, na época, honraram a negra com sua semente. Mas se fosse um negro?”

“Se olhar os cabelos e os olhos da menina, acho que é realmente uma cabrita. Só que saiu muito escura, possivelmente por causa de uma mancha na vida do pai.”

“Então foi o padre. Conheço meu pai e meu tio, eles não cometeram pecados graves. Do padre não sei. Puxa, então ela é filha do padre Antônio! Pena que foi para a Corte. Gostaria de mostrar-lhe sua cria. É mesmo, o nariz da mulatinha me lembra um pouco do padre. Puxa! Nunca pensei!”

“Que honra!” falei. “Então vou poder dormir com a filha de um padre.”

“Aproveite bem, moço. A honra é dela. Você é bonito e branco, ela só negra.”

“Mas ela é filha de um padre.” Tive vontade de provocar um pouco e insisti: “Uma filha de um padre, mesmo se negra ou mulata, não vale tanto como um branco comum?”

“Que filha de padre? Que negócio é isso? O mundo está cheio de filhos de padres! E muitos são escravos. Se eles tivessem mais valor, um dia iriam mandar por cima de nós! Que coisa absurda! Qualquer um pode ser filho de padre.”

“E se fosse filha mulata de um conde ou duque.”

“Se for escrava, será escrava do mesmo jeito.”

“Mas se a mãe fosse uma negra livre?”

“Bom, aí é outra coisa. Aí seria filha de um conde. Bom, deve ser filha ilegal, fora do casamento, espúria, menina bastarda. Mas mesmo assim filha de um conde. Aí depende, se o conde a reconhecer, ou se o povo a considerar filha dele. Alguns bastardos são tratados quase como filhos, fazem carreira boa e herdam.”

Reparei como durante o diálogo a face da pequena se tornara cada vez mais assustada,

exprimindo insegurança e dúvidas. Zombei: "Que tens, cabritinha? Quer chorar?"

Ela assustou mais ainda e sacudiu a cabeça em sinal de não. Falei: "Não está comendo? Quer um pedacinho de carne?"

Ela sacudiu a cabeça de novo, mas insisti: "Pega para você."

Puxei da minha calça minha faca e cortei um pedaço da minha carne, e empurrei-a para o lado da negrinha. Olhei-a esperando e muito tímida ela estendeu a mão e pegou a carne. Ela teve também um garfo, já que a senhora tem esse costume fino de fornecer garfos e colheres para todos, mas ela não o sabia usar. Já a Amélia tentou comer com o garfo para mostrar sua educação, ao contrário da senhora, que não viu a necessidade de mostrar sua ascendência por usar ferramentas para transportar a comida à boca. Cortei outra carne para Amélia e empurrei-a para o outro lado para ela a pegar. Ela mostrou sua boa educação revidando o mimo oferecendo uma batata doce de seu prato para mim. Peguei-a usando meu garfo para mostrar que sou gente fina, mergulhei-a no molho da escrava e a experimentei elogiando o gosto: "Ah, quase tão deliciosa como você."

A senhora me falou: “Por sinal, essa Amélia sabe tocar violão. Quer ouvir uma música quando comer sua sobremesa? Será muito romântico.”

Nem me lembrei que falava da sobremesa viva e disse sim. Quando a mulata foi buscar o violão, a senhora disse: “Meu pai costumava trocar ou vender as filhas dele para evitar endogamia, como qualquer bom criador faz com todo tipo de gado. Nos prostíbulos de Recife tem um monte delas. Com o dinheiro comprava outras meninas. Só essa aqui ficou. Ele gostou muito dela e ela cresceu em casa, aprendendo tocar violão e flauta. Mas acho errado ficar com a cria em casa. Quando menina até gostei dela e brincamos juntas, sou somente dois anos mais velha do que ela. Mas agora já não gosto de ter parentes entre os escravos, já que eles são arrivistas e querem ser tratados melhor do que outros escravos.”

Sabia o que devia dizer pelas convenções: “Puxa, a senhora é mais velha do que Amélia? Achei que fosse no mínimo uns cinco anos mais nova.”

Realmente, a Amélia se sentou no quarto e começou a tocar violão, e já que começou a

escurecer acendeu uma vela. A negrinha entrou, tirou a roupa e perguntou, o que eu mandaria.

Ela foi bem mais gostosa do que a nossa negrinha, embora da mesma idade. Teve peitinhos arredondados, uma bunda redonda e bonita e uma bucetinha bem desenhada, alamarada por pelos tímidos e macios. Investiguei-a e depois apertei sua cabeça em direção ao meu pau, e ela começou a mamar obedientemente. Depois deitei-a na cama e chupei a bucetinha dela.

Depois senti-me cheio de força para minha segunda tacada neste dia. Quando comecei a enfiar meu pau na boquinha estreita dela a senhora perguntou se a menina estava fazendo tudo assim como eu queria. Fiquei constrangido por ela me ver nu, mas disse que sim. Ela falou à negrinha: “Abraça o moço, menina. Não fica deitando como se não estivesse gostando. Geme e fala com ele.”

Achei bem estranho que a senhora entrou. Amélia, tudo bem, ela já me conhecia nu. Mas a senhora? Só consegui transar depois de ela sair. Bom, pensei, cada fazenda tem seus costumes.

Depois de encher a negrinha com meu suco, fiquei ainda em cima dela beijando-a. Depois

candidata logo depois do jantar e uma mulatinha de uns 16 anos, com quem iria dormir a noite inteira.

Elogiei então a senhora e disse que me impressionei com o fato que ela pessoalmente cuidara do bom comportamento de suas “princesas”, até dentro do quarto. Falei que no início ficara surpreendido e intimidado, mas pensando bem gostei muito do cuidado dela imaginando que as meninas agiriam bem melhor sob olhos de sua senhora. Ela respondeu: “Menina não nasce sabendo das coisas. Tem que ter alguém que coloca as garotas no caminho certo. E quero que meus visitantes se sintam bem.”

“Com certeza, gostei muito de saber, que a senhora cuida tão bem de mim.”

“Você é um visitante importante e, por sinal, um moço muito simpático e bonito. Não é verdade?”

As duas mulatas falaram: “Sim, senhora, com certeza.”

A senhora continuou, olhando para a mulata mais nova: “Clarice, já está com muita alegria por ter a oportunidade de dormir na mesma cama com esse moço.”

“Sim, senhora, estou.”

“E como se sente nisso?”

“Bem.”

“E sua bucetinha? Ela já ficou mais quente ou úmida?”

Ela hesitou e depois fez de não com a cabeça.

A senhora repreendeu: “Não? Então não está sentindo antegozo?”

“Estou alegre e me sinto honrada por ser escolhida.”

“Uma menina boa, sobretudo uma escrava de cor, deve senti-lo na bucetinha e mostrá-lo com ela. A gente deveria inclusive cheirá-lo. Entendeu?”

“Sim, senhora.”

Tenho que confessar que comer a terceira candidata já foi um pouco mais cansativo, não por culpa dela, embora que ela me parecia um pouco insossa em comparação às primeiras duas. Mas também ela obedeceu bem. Amélia tocava violão, e a senhora entrou mais tarde para corrigir a escrava: “Abre mais suas pernas,

cabrocha, e mexe a bacia. Não estás aqui na cama para dormir.”

Quando ela não conseguiu assim como a senhora queria esta foi até a nossa cama e abriu pessoalmente as pernas da moça. Aí me deu a vontade danada de humilhar a escrava diante sua senhora e falei: “Ela foi muito boa até agora, abriu bem as pernas quando a chupei. Quer ver?” Saí dela e ela ficou aberta diante sua senhora e eu comecei a chupá-la.

“Vai, cabrocha, mostra ao moço que quer ser a puta dele. Abre-lhe a bucetinha. Sim, com suas mãos. Entrega-se! Mostra dedicação e paixão, gemendo e mexendo a bacia! Muito bem, és uma puta prendada. Seja grata, é um rapaz tão gostoso e educado. Tem uma pele tão saudável.”

Senti a mão com as unhas longas nas minhas costas e estremeci.

“Muito bem, moço, mostra à minha escrava que há de ser sua puta. Cavalga-a!”

Deitei-me nela, meio constrangido, meio excitado pela presença da mão da senhora nas minhas costas. Mas dentro de pouco comecei a tremer de tesão e logo senti os esguichos fortes sair do meu pau espargindo no interior da garota. Depois beijei a menina roubando-lhe o fôlego e

continuei mexendo minha bunda para esmagar a putinha e excitar a senhora. Ela teve a coragem de mudar a posição de sua mão aos poucos, como acidentalmente, até que chegou a deitar na minha bunda. Gostei da sensação, estremeci e meu pau recomeçou a crescer.

Aí retirei meu pau, mandei à escrava limpá-lo chupando. Deitei-me e ela resolveu o serviço de quatro em cima de mim, ganhando nisso ainda um tapa na bunda por sua senhora para mostrar mais paixão. Depois mandei todas embora e tomei um banho.

A senhora me esperava em baixo com um champanha, e depois lhe dei dois ósculos na bochecha para dizer boa noite. Fiquei cansadíssimo por causa da viagem e das três candidatas que comi, e entrei na cama. Na cama já deitou me esperando a mulata de 16 anos, assim como pedira. Abracei-a para sentir o corpo gostoso. Mais não sei, e quando acordei, era alta noite ou cedo da manhã, tudo muito escuro. Abracei de novo minha boneca e me ocorreu a imagem de nossa negrinha abraçada com a boneca. Acordei a garota apalpando-lhe as partes mais interessantes e comecei a transar, mas depois de um tempo o cansaço me derrubou e devo ter dormido em cima dela.

Acordei quando os primeiros raios do sol caíram pelas frestas das venezianas e reparei que deitei ainda entre as pernas abertas da moça, pronto para me engatar nela. Comecei a dar-lhe trancos gostosos e parece que acordou com eles, mas gemeu de um jeito estranho. Foram reclamações? Não sabia, mas ela se torceu de um jeito estranho. Aí ouvi a voz da senhora: “Que tens, Dorinha? Se comporta, puxa.”

“Minhas pernas. Estão formigando tanto. Ai!”

“Que isso? Uma escrava tem que aguentar. Formigando? Se alguém te queimasse as pernas, mas formigando? Que coisa. Mostra ao moço que sabe ser uma puta boa. Mexe a bacia, aí também o sangue vai voltar. E aperta o cofrinho.”

A senhora colocou os dedos na bucetinha ao redor de meu pau e apertou os lábios dóceis da garota, causando-me ondas de prazer. Acidentalmente meu pau roçou nas costas da mão da senhora, e quando ela não a retirou, reparei que nem foi acidente, mas de propósito.

Ela manipulou a buceta da escrava, e logo comecei a ejacular, e ela retirou a mão.

No café da manhã ela perguntou se eu gostasse da vida na sua fazenda. Respondi: “Adoro.

Gosto de suas princesas e como a senhora cuida delas. Acho muito bom como as ajuda para serem cada vez mais gostosas. Lindas! Uma delícia! Todas putas calorosas! Um prêmio da primeira para todo visitante. Adorei.”

Pensei que agora, depois do café gostoso na presença da última e da próxima candidata teria as forças recuperadas, mas com a próxima candidata, uma negra salubre e garbosa de uns 25 ou 30 anos, tive dificuldades. Transei por muito tempo, mas não consegui ejacular. Deitei-me exausto e pedi a ela que me cavalgasse. Não sabia muito bem de que falei, e de novo a senhora se intrometeu. Parece que nos observou de um lugar secreto ou escutou tudo do lado de fora, pelo menos entrou logo quando chegamos ao ponto que precisamos ajuda. Ensinou à moça cavalgar um rapaz e deu lhe uns tapas na bunda para estimulá-la. Quando senti que cheguei perto a gozar mandei à menina se deitar de novo, abrindo bem as pernas, e comecei a socar fortemente em seu vaso de molho. Quando a senhora reparou que ainda demoraria colocou sua mão com as unhas longas nas minhas costas. Um arrepio muito gostoso percorreu minha espinha, e ele não acabou, pois logo a mão deslizou até minha bunda. Comecei a gozar, e

como um impulso a senhora pegou meu saco cheio em sua mão, apertando-o cuidadosamente e sentindo as contrações e os esguichos de esperma quente, que percorreram meus testículos e meu pau. Quase explodi sentindo a mão com essas unhas mexendo com minha parte mais sagrada, agarrei-me na menina com furor, tremendo e chocalhado por contrações fortes, sugando num beijo danado em sua língua. Todo exausto cheguei a deitar na mulher, inalando seu calor e seu aroma exótico e senti-me simplesmente muito feliz.

Depois desci para dar uma volta no jardim. Vendo me passear a senhora me chamou e me mostrou uma peça de tecido muito pequeno: “Sabe o que é?”

“Me parece que é uma peça que algumas meninas finas e modernas vestem debaixo da saia.”

“Muito bem, moço. Chama-se calcinha. Não comprei calcinhas para minhas escravas por pensar que seria melhor para elas as vestirem, mas para preparar uma bebida que fortalece sua libido. A gente manda uma escrava gostosa vesti-la na noite, e depois, na outra manhã, se

usa a calcinha para filtrar o café. Assim o café fica muito gostoso e fortalece a virilidade.”

“E quem vestiu a calcinha?”

“A mulatinha que é a última de sua lista. Parece que você deixou as garotas que acha mais deliciosas para o fim, por isso escolhi-a. Quer experimentar o café?”

Bebi: “Excelente. Quente, doce e de um aroma incomparável.”

“Pois é. Buceta de mulher sara muitas coisas, sabia? Já meu pai bebeu seu café sempre assim. As mucamas o prepararam com muito amor. Aqui na fazenda não usamos muito de violência brutal, mas ensinamos o amor.”

“E os negros, os homens? Que tipo de amor eles ganham?”

Perguntei também porque já reparei que a senhora lidou com muita intimidade com esses dois negros, que a acompanharam para a vila. Eles eram também seus confidentes e administradores e quem sabe mais. Mas ela respondeu:

“Infelizmente só podem transar com mulheres velhas, porque não queremos gerar prole negro. Meu pai sempre fez assim. Depois vendemos um

mulato ou uma mulata, e com esse preço se compra dois ou três negros. No início meu pai teve só três escravos. Agora cresceu demais.”

“Então para homem preto não tem amor.”

“Eles ganham permissão para transar com uma mulher que não pode engravidar mais, quando eles merecem um prêmio por um trabalho bom. Mas é mais comum que a gente dá um prêmio em dinheiro. Também deixamos que eles façam suas festas, e essas são os prêmios. Dar um prêmio ou um presente também é uma forma de mostrar amor. Domingo fomos em sua vila. Por isso aqui não fizeram culto, já que o culto é liderado por meu administrador, que esteve comigo. Quando um padre estar na fazenda, celebramos a missa, mas nos outros domingos fazemos algo de própria conta. Hoje na noitinha vamos celebrar um culto, e depois vou distribuir um prêmio. Se quiser recuperar-se de seu trabalho, sente-se convidado para o culto.”

“Obrigado”, disse sorrindo. “Vou vir.”

Ela respondeu meu sorriso e disse: “Você é um moço muito gostoso. Não dá pra estranhar que as moças todas derretem com seus trancos.”

Continuei sorrindo e falei o que a educação manda: “Obrigado. A senhora também é muito

gostosa." Ela sorriu e perguntou: "Posso te dar um beijo?"

Refleti um momento e respondi: "A senhora quem sabe. Sou seu criado."

"Então que seja." Ela quase o gritou e no mesmo momento fechou minha boca ainda sorridente com a sua.

Apesar da bebida especial o dia virou uma luta. Comi mais uma moça depois do almoço, outra depois do lanche. Com ela, uma mulatinha de quinze anos, já não consegui mais gozar. Ela me cavalgou, e a senhora a acirrou, batendo lhe na bunda e apalpando meu pau e meu saco, mas não adiantou. Aí ela mandou a garota ficar de quatro em cima de mim, chupando meu pau e oferecendo sua buceta para minhas mãos e minha boca. Faltou habilidade à menina e a senhora exortou-a para fazer bom uso das mãos, e ela mesma mostrou-lhe como passar a mão em um pau e estimular o saco. Com três mãos mexendo com minhas partes sagradas comecei a tremer e logo depois fui ordenhado pela chupadora a quem a senhora segurou a cabeça e mandou: "Chupa mais, minha putinha, não deixa cair nada, bebe, minha princesa gostosa."

Deitei ofegando e suado, abracei a bunda da garota e cheirei o aroma de seu vaso, mas depois de uns momentos a senhora disse. “Coitadinho, o pau enroscou, encaramujou-se, está muito cansado. Ajuda, princesa.”

“Como, senhora?”

“Beija-o, lambe, depois chupa suavemente até ele se recuperar. Tem que turbinar a produção nos testículos, senão suas colegas vão ficar a ver navios.”

E a senhora colocou sua mão na parte inferior de meu saco e passou suas unhas de leve até a região de meu ânus, até que meu pau ficar novamente duro e reto.

Depois fomos assistir o culto. A senhora não teve função, quem liderou foi seu administrador. O capataz chegou com sua família mais tarde.

Um negro e a mulata Amélia tocaram violino e violão, e os negros cantaram músicas, que, na maioria, não conhecia, alguns até em língua estrangeira. Achei estranho que a senhora permitiu cantos de que a gente nem consegue controlar o conteúdo.

Depois uma mulata leu um texto longo de uma Bíblia. Depois o capataz disse algumas palavras

sobre o andamento dos trabalhos, e a senhora disse, que escolheu nessa semana como trabalhador de destaque o Florentino. Este negro bem nutrido e com pele lustrosa chegou para frente e recebeu vinte Mil Réis. Agradeceu com algumas palavras, elogiando muito a senhora, que lhes daria uma vida digna e boa, e depois o culto (ou que seja que fosse) foi encerrado.

Os negros prepararam sua comida e na casa-grande a mesa de jantar já foi preparada. Depois do jantar recebi outro "café de calcinha", mas mesmo assim senti perfeitamente, que seria bem difícil comer mais uma moça. A candidata foi uma jovenzita cafuza. A senhora me contou, que sua mãe foi uma índia, que seu pai capturara e dera aos negros como prêmio por bom desempenho. Deu à luz dois rapazes e uma menina, escura, cor de bronze bem escuro, cabelos pretos ondulados de uma maneira bonita e uma face amena com traços suaves e olhos escuros muito atraentes. Ela seria inteligente para uma escrava, segundo a senhora sabe escrever e canta muito bem. Por isso mandei-lhe tirar as roupas e cantar umas canções. A senhora propôs que fosse acompanhada por Amélia com violão e assim foi feito. Deitei na cama e observei, como seu corpo se mudou quando

jovenzita. Um gosto como mel com sal e canela, ai, que lembrança gostosa!

Fiquei deitado assim por muito tempo, e depois me sentei e mandei a cafuza ajoelhar-se entre minhas pernas e mamar meu pau sem parar de cantar.

O som saiu como uma "m" cantada, e as vibrações foram muito gostosas e meu pau virou duro como uma pedra. Nisso fiz os meus dedos passar pelos cachos ricos da jovem. Finalmente reparei que a pressão em meus testículos aumentava, mas não quis ejacular na boca dela, já que ainda não experimentei o colo da cafuza.

A boca do ventre foi firme e estreito, e quase me levou ao delírio, e dei-lhe séries de trancos violentos. Mas, em vez de ejacular senti que me afastei do auge, por mais que mexi minha bacia. Depois de meia hora parei todo suado e exausto.

A senhora reparou o problema, chegou, colocou sua mão em minha bunda e um dedo em meu rego, como se eu fosse uma menina. Imaginei que eu fosse a princesa índia, quando a beijam depois de algumas chicotadas e lhe passam um dedo entre os lábios da buceta. Com essa ideia virei novamente excitado. Senti o dedo da senhora e a unha em cima de meu cu e comecei

a socar novamente na buceta cafuza de mel salgado e canela. A senhora endureceu o dedo um pouco e não seguiu em tudo aos meus movimentos, assim que meu cu sempre cutucou o dedo da senhora como alguns peixinhos os fazem, quando talvez pensem que o dedo seria algo comível.

Com isso o dedo resistiu cada vez um pouco mais, até que ele entrou. Quando recuava da cafuza no vaivém de meus trancos, ela sempre o endureceu um pouco e ele entrou mais, mas quando entrei na jovem, a senhora acompanhava meu tranco para que o dedo não fosse retirado.

Quando o dedo estava em mim, imaginei ainda que eu fosse a índia abraçada e mimada por seu torturador, e ao mesmo tempo fui o moço branco gostoso que leva uma jovenzita cafuza, quente e muito linda ao auge.

Depois de ter deixado minha nota em seu ventre fechei a boca dela com um beijo. Interrompi-o e pedi que cantasse, e quando cantou fechei sua boca, bebi o canto doce dela e comecei também a cantar. Os outros certamente só ouviram um “m”, mas eu ouvi uma ópera inteira.

Demorei muito em cima dessa menina extraordinária, mas finalmente me lembrei de

meus deveres e pedi também a ela que me chupasse até ficar duro de novo para agilizar a produção de leitinho para as próximas garotas. E pedi de novo que ela cantasse nisso e olhasse com seus olhos adoráveis para mim.

Depois teria que tomar um banho. Pedi que mandassem a próxima moça para minha cama, eu a testaria mais tarde, depois de recuperar forças. Beijei a cafuza na testa e deitei-me.

“Posso ir, senhor?” ela perguntou.

“Olhei-a e já senti tanta saudade que falei: “Deita um pouco comigo, quero sentir sua pele mais um pouco.”

Acordei no meio da noite e tive duas mulheres em minha cama. Uma que segurei nos braços e outra que dormiu com a cabeça entre minhas pernas. Assim que me mexi começou a beijar meu pau. Ele já estava duro, e ela começou a engoli-lo. A cafuza acordou também e perguntou se seria para sair, mas eu a agarrei: “Fica! Senta mais uma vez na minha face.”

Ela se sentou dando esse beijo tão gostoso e a outra mulher começou a me cavalgar. Provavelmente a senhora a instruiu, porque

quando eu demorei, ela me estimulou entre as pernas e aos poucos me enfiou um dedo. Assim ela me ordenhou e ganhou uma carga de suco quente para sua buceta. Depois abracei a mulher, que era bem fofa e com peitos cheios e uma bunda larga, e mandei a jovem para grudar no outro lado de mim, com sua boca encostado em minha cabeça para eu respirar seu hálito doce.

Cedo da manhã acordei e estive só com a mulher. Vi que era uma mulata, mas bastante escura. Certamente a cafuza teve uma tarefa, já que a permanência em minha cama não foi planejada. Senti saudade dela e para me distrair, mergulhei minha cabeça no peitorrama da mulher e cochilei mais um pouco. Depois pedi para ela me chupar até ficar duro, e ela obedeceu sem problema.

Nesta manhã Verônica teve o dever de cuidar da índia. No primeiro dia da minha ausência meu irmão levantara-se cedo, apesar de ter trabalhado no bar até alta noite, acordara a índia com cinco chicotadas, jogara água nela, lavara-a, dera-lhe comida e levara-a para fazer xixi. Reparara que a índia estava mansinha como uma cordeira. Quando lhe pôs o aparelho férreo grotesco que

serve como mordaça ela abriu submissamente a boca e não mostrava resistência em momento nenhum. Resolvera fazer um teste tirando a mordaça lá fora e dando lhe uma manga no quintal, onde ela podia pegar os raios do sol da manhã.

Pensara: “Ela emagreceu. Uma pena, sobretudo porque os peitos e a bunda murcham. Embora que ela só deite o dia inteiro, talvez precise de mais alimentação do que só o café da manhã. E depois das festas de açoitamento, quando ela atende a filas de 300 pessoas, fica dois dias sem comer nada. Temos que dar um jeito para lhe fornecer também um almoço. Na maioria dos dias ela tem poucos clientes à tarde e poderia comer. Sempre sobram restos, por que jogá-los só aos porcos se tiver também uma índia faminta?”

Já que vira que a garota tornara-se inócua e submissa disse mais tarde às putas: “Hoje me levantei cedo para cuidar do gado, amanhã alguém de vocês vai fazê-lo. São agora três adultos, então podem dividir o trabalho como quiserem, mas eu não posso me levantar sempre tão cedo.”

Instruiu as putas como era para cuidar da índia e incumbiu logo à negrinha, levar depois do almoço uns restos da comida e um copo de água para a índia, todos os dias. E já que aprendeu de meu pai ser um bom administrador adicionou logo: “Quando a negrinha estiver ocupada com cliente ou outra tarefa, você, Pídia, vai substituí-la. Entenderam, meninas?”

As duas fizeram coro: “Sim, senhor.”

Verônica, que teve mais experiência com a índia, assumiu o próximo dia, depois seria a vez da judia e depois da Anuta. As duas jovens iriam, alternadamente, ajudar. Quem fez a ordem foi a Verônica, que agora, que a judia sabia seu lugar, era aceita de “comandante” por todas as putas. E ela cumpriu seu papel muito bem, como um pequeno subsargento no exército.

Cedo da manhã, no outro dia, Verônica foi com a negrinha para o quintal. Mostrou como se tira leite das cabras e deixou a negrinha com elas. A puta acordou a índia com cinco chicotadas bem distribuídas no corpo inteiro, jogou água nela, lavou-a, mandou-a sentar-se, colocou a mordaça, mudou as correntes, pegou a índia pelos cabelos e conduziu-a para a vala. Também reparou que a índia não mostrava sinais de resistência e

cooperava em tudo. Feliz de ter resolvido tudo tão fácil mandou a índia com sinais e batidas do chicote no chão de volta no seu estábulo e mandou-a deitar-se para ser acorrentada. A índia, em vez de resistir, colocou suas mãos na posição para serem acorrentadas mais fácil.

Depois controlou o avanço da negrinha, mostrou-lhe como cuidar do gado restante e foi para o bar. Todos dormiram, e Verônica, em vez de pegar mais um cochilo, sentou-se na mesa e começou a trabalhar: fabricou pequenos anjos e outras figuras de papel, restos de tecido, partes de plantas e outras coisas, muitas vezes até de lixo. O Natal estava chegando, e Verônica, como as outras putas, aproveitava suas horas livres, que tinha às vezes pela manhã, para fabricar e vender pequenos enfeites. Assim acharam além das gorjetas um meio de ganhar algumas moedas, que acumulavam para um dia poderem comprar a sua liberdade. Anuta, que era escrava, teve menos tempo para tais coisas, porque teve que ajudar à minha mãe para fazer confeitarias e salgadinhos. O mesmo valeria para a negrinha. Por isso Verônica e Catarina produzirem mais enfeites, aproveitando também que conheciam muitos produtos assim da Europa e os imitavam. Além disso, Verônica aceitava também trabalhos

de costura, e muitos homens da vila podiam falar com orgulho: “Olha esse remendo: foi a puta linda Verônica que o costurou para mim.”

Para Catarina aceitar costura foi proibida pelo meu pai porque quis espalhar a efígie de uma moça fina demais para aceitar costuras. Podia fazer bordadura, o que combina com moça grã-fina, e também podia ajudar à Verônica na costura, se esta arranjasse muitos trabalhos.

Verônica era feliz da vida. Teve um namorado sério, o açougueiro careca, que era feio, mas a adorava. Ele estava disposto de ajudá-la para ganhar a liberdade e mandava-lhe clientes, e não somente em uma parede do bar penduraram anjos, estrelas e outros artefatos das putas para serem vendidos por preços baixos, mas também no açougue.

Meu irmão já alertara meu pai, que com todas as festas e o fluxo de artesãos as putas ganhavam mais e as dívidas no caderno diminuíam. O problema iria acirrar-se com as futuras noites com música. Meu irmão temia que as dívidas da Verônica poderiam cair a 4 ou 3 contos, e de repente a Verônica iria unir todo o seu dinheiro com o do açougueiro e pagar sua dívida de vez. Caso que acontecer, nada impediria que saísse

do trabalho e abriria futuramente suas pernas só para seu marido. Teríamos ainda a judia, mas ela não sabia liderar pessoas, e faltaria uma branca para abastecer os desejos de pessoas de renda média e baixa.

Como primeira medida meu pai reuniu as putas e declarou, que teriam futuramente um músico. Ele tocaria e todos ganhariam mais. Mas a gente teria que pagá-lo. Por isso seria justo, se cada puta contribuísse. Verônica e Catarina deveriam dar um porcento, receberiam então em vez de 25% só 24%, e as outras dariam 10% de suas gorjetas.

A proposta soava justa e não pesaria muito em ninguém, mas na verdade meu pai mostrava de novo suas qualidades de bom empresário. Pois somente para Verônica os clientes pagavam por volta de 200 Mil Réis por dia. Se tirarmos um porcento dela, seriam 2 Mil Réis por dia e 60 no mês. Então ela sozinha já pagava o músico. E da judia recolhemos a mesma contribuição, e ainda por cima somas menores das escravas. Assim meu pai nos mostra cada vez mais, como se tira o maior lucro possível de todas as empreitadas. Temos agora um músico que aumenta nosso lucro muito, que não custa nada, porque seu

salário e bancado com sobra somente pelas putas.

Verônica não se preocupou com o porcento perdido. Ela sabia que reganharia o dinheiro pelo aumento da clientela. Se tudo andaria bem, poderia comprar sua liberdade em um ou dois anos. Sabia que meu pai iria tentar de tudo para impedi-lo ou para pelo menos retardar o processo para usufruir de seu trabalho o mais tempo possível. Justamente por isso ela namorava com Stefano, o açougueiro. Teve outros pretendentes, mas calculou que o Stefano conseguiria ajudá-la melhor, porque ele estava por perto, e ele é um homem forte, violento e com bons contatos na vila, e certamente teria coragem de enfrentar até o seu Renato, caso que ele impedisse com meios ilícitas que ela saísse do meretrício. Se ela não tivesse tão namorado, meu pai poderia simplesmente aumentar sua taxa de juros para 15% ou mais, assim que ela ficaria novamente sem lucro, mas tendo ela um aliado sério não pôde aumentar a taxa arbitrariamente, mesmo que existam putas que têm que pagar até 20%. Somente quando os jornais escreveram que possivelmente no ano que vem a inflação anual aumentaria de 1 para

2%, meu pai aproveitou para aumentar a taxa de Verônica timidamente de 10 para 12%.

Mesmo assim ela ficou no lucro. Sorriu, pensando no futuro, já, já teríamos Natal, e talvez já seria seu último Natal como puta escravizada. No ano que vem iria fazer a festa somente para seu marido. Pena que teve pouco tempo para fazer enfeites. Poderiam fazer muito mais e mandar a negrinha vender os enfeites de casa em casa. Ou pedir à moleca dos vizinhos vendê-los nas casas.

Pela manhã quase não tem clientes, mas as putas têm o dever de limpar o bar, lavar louça, trocar e lavar os lençóis, e mais. Limpar o bar não era somente difícil e demorado, porque os homens jogaram tudo ao chão, mas também porque o assoalho tem muitas fendas e riscas, onde a sujeira fica presa. E seu Renato sempre queria tudo nos trinques. Era também ruim para as putas porque a água com sabão não fazia bem para a pele das mãos e estraga as unhas bem cuidadas e pintadas.

Era difícil entender que ela tinha que gastar seu tempo com coisas sujas assim, quando no estábulo deitava uma índia fazendo nada. Claro que sabia que foi assim porque era uma

selvagem perigosa, mas será que agora ainda não a amansaram?

Quando as colegas apareceram falou-lhes de sua ideia, e tomaram a decisão e tiraram a índia de seu estábulo. Só com corrente, que ligava os pés, e mordaça trouxeram a selvagem para o barzinho e fizeram-na ficar de quatro no chão, deram-lhe pano e escova e ensinaram-lhe com ajuda de sinais e do chicote a limpar o chão.

Quando meu irmão entrou mais tarde o bar, viu as putas na mesa fabricando enfeites e bibelôs, e a índia limpava o chão. Só Verônica estava ao seu lado, com o chicote na mão, batendo de vez em quando no chão e cutucando a bunda da selvagem com o cabo do chicote para ela trabalhar mais rápido.

Quando a índia não limpava bem, Verônica fazia assim como ela aprendeu de pequena fazê-lo com cachorrinhos que mijam na casa do dono em lugares errados: pegou a cabeça da índia e apertou sua face na sujeira.

Quando achou restos de sujeira nos cantinhos, passou o dedo pelo chão, mostrou o resultado em forma de um dedo sujo e bateu com o chicote no chão ou até na menina para mostrar sua indignação.

Meu irmão reparou, que os pés da selvagem eram sem o calo habitual, como os de damas muito finas. Só bem no fim do calcanhar, onde o pé encosta no chão quando a moça deita, teve um pouco calo, e ainda bastante no cóccix e também nos ombros, então as partes que encostam o soalho e que tem que aguentar o peso de seu corpo e o peso e os trancos dos homens que a estupram. Meu irmão disse: “Acho muito bem, que ela se mexe um pouco. Se fica deitada o dia todo, murcha até mais rápido.”

“Pois é. Essas selvagens murcham muitas vezes quando presas. O mesmo acontece com muitos animais da selva, quando são presos.”

Para mim o terceiro dia foi tão cansativo como o segundo e só com ajuda da mão da senhora e pensando muito no beijo gostoso da cafuza consegui comer todas as meninas e mulheres. Quando no lanche me apresentaram uma mulatinha de 11 anos, pedi para trocar a ordem e deixá-la para a noite. Depois do jantar bebi outro champanha com a senhora. Ela quis oferecer um vinho, mas eu disse, que vinho faz mais cansado ainda, e aí ela abriu o champanha. Conversamos

Curvei com a língua pela vala e muitas vezes ao redor do grelinho, e depois comecei a beijá-lo suavemente. Afaguei-o por um tempo, e depois abri as coxas mais ainda e empurrei as de encontro à barriga e lambei e chupei o pequeno cuzinho cor de rosa.

Meu pau bateu como doido contra o lado da cama, onde ele encostou. Deitei em cima da menina, olhou-lhe no rosto todo inflamado e perguntei: “Gostou?”

“Sim. O senhor é muito gentil. Gostaria muito de ser sua escrava, mas o senhor teria que comprar também a minha mãe.”

Neste momento a Amélia bateu e entrou, quando a convidei para entrar, apesar de nossa nudez, porque primeiramente ela já me viu nu e transara comigo e também diante do gado e dos escravos negros ou índios um ser humano não precisa ter vergonha nenhuma.

Ela avisou que o café estava pronto e perguntou, se eu desejaria algo. Falei: “Sim, não posso tomar café agora, pois preciso imediatamente da próxima candidata para ela tirar meu leitinho, que já levanta fervura.”

Comi uma mulata e depois do café com a senhora e com minha última e com a próxima candidata, que foi outra vez uma refeição opulenta com frutas, ovos, suco, café filtrado pela calcinha ainda quente da buceta da mulata mais bonita e muitas coisas da fazenda, comi mais uma escrava. Depois cavalguei com a senhora até um riacho. Passamos um casebre solitário em cuja frente sentou um negro ancião, que se levantou com ajuda de uma bengala e cumprimentou a senhora. Ela me apresentou: “É o Sebastião, antigo ajudante do capataz. Foi ele que educava os negros aqui por mais de vinte anos.”

“E por que há de viver tão longe dos outros?”

“É ele que quer. Já não é escravo, foi alforriado por meu pai, mas pediu para poder morar na fazenda. É bom curandeiro também.”

“Vive sem família?”

“Aqui na fazenda negro não tem família, porque precisamos das mulheres para a procriação. Só algumas velhas são para os negros, mulheres que já não parem mais. Mas sendo elas poucas, servem para todos, como prêmios para bom trabalho.”

"E um ancião, que não trabalha, não pode ganhar prêmios assim. Entendo."

"Olha, ele já me fez uns poções bons, pode crer. Perguntei, o que queria, mas nunca pediu uma mulher para uma noite. Pede por bebida, boa comida, ferramenta e outras coisas. Ele tem aqui por perto nossas bezerras e cabritas, sabe?"

Continuamos caminho chegando ao riacho, onde os cavalos beberam e ela me mostrou os negros trabalhando no campo no outro lado. Os escravos trabalharam no sol quente quase nus e a pele deles brilhava pelo suor. Não vi o capataz, mas um negro com uma roupa melhor segurava um chicote. Estranhei, e a senhora explicou: "O segredo na educação e dominação dos selvagens da África é estabelecer uma hierarquia entre eles. Se tivermos uma massa indefinida de escravos negros e uma família de donos brancos e um capataz branco, seriam cem contra três ou quatro. Seria muito perigoso para nós. Mas estabelecemos várias classes e grupos entre os negros. Tem os ajudantes negros do capataz, um tipo de capataz auxiliar. O poder e os privilégios deles dependem só dos patrões brancos. Por isso eles já ficam do nosso lado. E tem outros grupos com privilégios."

“Mas mesmo assim o maior grupo deles deve ser o grupo sem privilégios.”

“Está falando dos trabalhadores? Mas a gente dá para eles o sentimento que não são o grupo menos privilegiado. Principalmente os homens são superiores àquelas escravas que liberamos para o uso geral. Mulheres que não produzem mais cria, podem ser usadas por todos, se as liberamos. Elas formam a casta mais baixa aqui, exploradas e submetidas por todos, mas elas são um grupo fraco demais para rebelar-se e enfrentar alguém. Para não perder a superioridade a essas mulheres, os trabalhadores têm que encaixar-se no sistema e mantê-lo firme e estável, e por isso não questionam a superioridade dos capatazes e patrões. Além disso, os escravos homens sentem-se também melhor e superior às mulatas e meninas da casa.”

“Por que? Elas andam com roupa bonita e não sofrem na lavoura e estão sempre com os brancos.”

“Mas espalhamos entre os escravos comuns de propósito a ideia, que as mulatas são putas, que têm que se deitar com os patrões e os visitantes. Até falamos, que uma menina há de obedecer a um trabalhador, quando por acaso estão em uma

tarefa ou viagem juntos. E o mais importante: Damos as meninas a trabalhadores bons de prêmio. Por isso, eles se acham muito superiores e desdenham-nas como putas. E assim eles acham que são de uma certa classe média, e como se sabe, a classe média sempre pega o pé dos governantes.”

A senhora sorriu, mas eu não acreditei: “Você me contou dos apuros importantes para garantir uma criação boa de crianças escravas mais claras, saudáveis e bonitas, e agora me fala que as mulatas jovens da casa têm que transar com esses negros brutos?”

“Eca! Que coisa! Não falei em transar. Já expliquei a você, que só brancos podem engravidar as nossas negras e mulatas. Os negros sabem, que não podem estuprá-las. Quando ganham um prêmio em forma de uma mulata, só podem apalpá-las e fazer sexo oral. Por sinal, muitas vezes nem entrego a mulata para excluir o risco de o negro, na excitação animalesca deles, se esqueça das regras e fure a barriga da putinha. Só entregamos uma mulata a negros muito responsáveis. Mas para um negro já é um momento incrível, quando o chamo, falo que trabalhou muito bem e vai ter um galardão especial e mando duas ou três mulatas desvestir-

se, ajoelhar-se e abrir as bocas. Imagine como um negro fica feliz, quando passa seu pau de boca em boca dessas criaturas lindas. Não esquecerá e sonha em ganhar um dia outra vez esse galardão, e sabe que só pode alcançá-lo cooperando com o patrão.”

Fiquei impressionado com a inteligência desse sistema e refleti sobre ele. Ficamos em silêncio, observando os escravos no campo. A senhora quis saber, quais das meninas até agora me impressionaram mais. Não quis fazer ver meus sentimentos pela cafuza, mas falei mais em coisas objetivas como a perspectiva de uma puta arranjar muitos clientes e ter sucesso no mercado.

A senhora perguntou quais delas mostraram mais paixão e molharam mais. Disse que nenhuma molhou tanto que poderia dar um destaque nisso, mas que a maioria mostrava dedicação. A senhora gemeu:

“Pois é, sempre estou ensinando a essas otárias as coisas, mas de uma negra ou mulata, que é mais ou menos um ser entre o gado e o ser humano, igual ao chimpanzé, não podemos esperar reações como nós seres humanos os temos. Uma vaca também não molha muito.”

“Mas nossas putas brancas também não molham muito”, observei.

“Bom, elas são putas que transam todos os dias com muitos homens. Não podem molhar sempre, senão sofreriam de desidratação.”

“E a senhora acredita que outras moças brancas molham mais, quando realmente gostam do homem ou do sexo?”

“Claro que sim. Eu, por exemplo, só estou falando com você, mas sendo você bonito e gostoso já estou bem molhadinha. Coloque sua mão em baixo de meu vestido e você vai senti-lo.”

Não sabia como lidar com esse convite, mas aí ela pegou minha mão e conduziu-a até a sua buceta, que realmente era incrivelmente quente e molhadinha. Fiquei com a mão por baixo dos tecidos, enfiada entre as coxas macias dela e lembrei me logo do dia, quando vi a moleca brincar com os moleques “açoitar índia” pela primeira vez, em que ela ficava de saia, mas fez de contas como se fosse chicoteada nua e os meninos enfiaram as mãos em baixo do vestido.

A senhora pegou minha cabeça e as nossas bocas se reuniram, e pensei nos beijos que os respectivos algozes davam à nossa índia depois

de terem-na chicoteado. A senhora deixou-se cair na relva e puxou-me consigo. O vestido acabou levantado até a cintura e ela apertou sua buceta como um beijo úmido contra minha calca, onde se abrigou meu pau, que crescera já com os beijos e toques. Ela abriu minhas calças e pôs sua mão em meu pau, que estremeci pelo contato com as unhas. Enfiou meu pau em sua boquinha voraz entre as pernas e comecei a socar com força. Ela gemeu de prazer: “Sou sua próxima candidata. Fala que sou uma escrava muito gostosa. Uma cabrita muito hábil para servir em seu puteiro.”

Falei assim como ela queria. Ela perguntou: “De qual menina gostou mais, meu moço. Fala quem foi, e quero ser ela para você, a menina que você leva para ser sua puta.”

“É meu segredo.” Sorri.

“Por favor, me diga seu segredo.”

“Não quero que a senhora saiba de meu segredo, uma vez que a moça fica aqui. A senhora vai sentir ciúmes dela e confrangê-la. Só vou falar se a senhora promete que vai me dar essa escrava como presente pessoal.”

“Puxa. Tá querendo demais. Meu marido vai puxar minhas orelhas.”

“Prometo que não é uma escrava cara, que escolhi. Agora a senhora pode ser ela, mas quando eu a levar comigo, vou transar muito com ela, até levá-la como colchão e empregada quando fazer faculdade na capital, e sempre quando transar com ela vou imaginar que seria a senhora.”

“Mmm, que ideia safada. Gostei.”

“Então, vai me dar a menina?”

“Fala primeiro quem é.”

“Mas vai me dá-la?”

Falando com ela não parei de me mexer e socar em suas entranhas, e senti como ela amoleceu e enlanguesceu. Pediu com voz aflautada: “Diga me pelo menos, se é uma mulata.”

“Não é. Já disse que não é uma menina que tem muito valor. Vai-me dar a menina para eu me sempre lembrar da senhora? Quando eu transar com ela, vai ser como nos dois transássemos.”

“Ai, moço. É gostoso demais. Gostoso, gostoso, gostoso!”

“Prometa”, falei e dei uns socos lentos e profundos.

“Como um moço pode ser tão gostoso, ai!”

“Promete?” perguntei e parei no meio do movimento.

“Não para, sou sua escrava.”

“Quer ser minha escrava? Então obedece e promete.”

“Prometo. Sim, prometo, ó meu moço.”

Soquei nela todo feliz e comuniquei, que foi a cafuza. Continuei transando com força, mas não consegui ejacular. Até imitei um auge, quando me senti todo esfalfado e fatigado, e depois sucumbi em cima da senhora.

Perguntou: “Gozou?”

Menti: “Não sei. Acho que gastei demais sêmen hoje pela manhã, e faltou-me a mão da senhora na minha bunda e na minha arma e no meu depósito de pólvora.”

“Que pena. Mas ainda bem. Está poupando seu leitinho para as minhas princesas. Afinal de contas com elas é que há de ser seu trabalho, comigo foi só por divertimento. E um rapaz, que quer sucesso na vida, deve considerar o trabalho mais importante do que o divertimento, não é verdade?”

Sorri: “Pois é. Agora chama-as de novo de princesas. Antes disse que seriam mais ou

menos como chimpanzés. O que essas criaturas então são de verdade para a senhora?”

Riu: “Moço, claro que não são seres humanos visto do ângulo científico. Em muitos sentidos comportam-se como animais. Mas para mim são princesas, sabe? Uma menina pode até fazer de troços feios suas bonecas, e bonecas feias de palha viram para ela princesas queridas. Outros mimam seus bichinhos de estimação. E essas meninas, por mais que são quase animais, são meus bichos de estimação, por isso as trato como princesas. Está entendendo? Mas agora me diga: o que elas são para você? Namoradas por poucas horas, escravas obedientes ou putas?”

Refleti um momento: “Para mim são simplesmente objetos, mercadorias. Uns compram cavalos, outros terras, e eu compro meninas. Na Holanda houve um tempo, que todo mundo investiu em tulipas, e muitos enriqueciam com elas.”

“Que lindo. Deve ser muito gostoso comprar tulipas bonitas e ganhar a vida com essas flores deliciosas.”

“Pois é, certamente bem mais agradável do que barganhar com porcos ou negros comuns para os campos ou carne abatida ou outras coisas reles e

até feias. Se tiver a escolha, prefiro ganhar meu dinheiro com objetos agradáveis. Negociar com meninas bonitas, para mim, parece-se com investir em tulipas. Mas, no fim, é até muito mais emocionante lidar com meninas do que com flores.

Também se compramos flores podem aperfeiçoá-las com adubo e bom tratamento. Mas com meninas a mudança é ainda mais impressionante. Tem casos em que alguém compra uma menina suja e sem graça nenhuma em uma aldeia miserável, leva-a a um puteiro bom, ensina-a, educa-a, quebra-a sua birra, lava-a, penteia-a e muito mais, e depois de três meses ela transforma-se em uma moça linda e encantadora. É como uma larva, que de repente sai como borboleta bonita."

"Mas ao contrário das tulipas ou cavalos a criação de meninas nem sempre traz só alegrias, porque traz também muitas decepções. Tem meninas soberbas, ingratas, malévolas, aleivosas ou simplesmente más."

"Justamente isso é o desafio. Criar tulipas, na verdade, acho chato porque é sempre a mesma coisa. Já com escravas e putas é diferente. A educação delas exige todas as habilidades de um

homem. Admiro muito meu pai por sua prudência e habilidade nisso.”

Ela riu: “Habilidade na conversa, no uso do chicote ou do pau? O que será que é o mais importante para transformar meninas beócias e simplórias em prostitutas boas, elegantes e dedicadas?”

Ri também e desconversei: “Um pouco de tudo.”

“Acha que consegue gerar nas meninas sentimentos como submissão e afeto quando as estupra e cavalga?”

“Acontece passo a passo. Uma menina pode até odiar um estuprador, mas se é estuprada e humilhada por muito tempo, se submete, reconhece que o senhor é o mais forte e sente-se interligada de certa forma a quem a possuía por tantas vezes. Começa a ver a realidade, que é uma puta e não merece outro tratamento, e no final vê em seu domador um benfeitor. Assim, pelo menos, será se o dono sabe criar e educar os objetos crus, que adquiriu e as ensina a serem princesas em sua arte e um refrigério para muitos homens solitários e carentes de amor e carinhos.”

“E acha que esse processo já começou com alguma das meninas que cavalgou nestes dias?”

“Claro que não. Para elas, transar com um visitante deve ser só uma coisa superficial e sem importância. Elas o fazem porque temem o chicote da senhora ou do senhor delas. O processo que faz com que elas sintam essa afeição de putas escravizadas por seus domadores e donos começa só depois do processo de humilhação e sujeição. Vai começar logo no caminho para a vila, quando elas andam nuas e atreladas na sela do cavalo, enquanto seu senhor senta garbosamente no cavalo. Aí elas começam a cobiçá-lo e a desejar ficar o mais perto dele. Seria um sonho para elas sentar com ele na sela em vez de arrastar-se a pé pelos caminhos tortuosos.”

“Ah, mas elas não imaginam coisas assim. Só sabem que você quer comprar uma escrava. Virar a concubina de um moço branco, bonito e com dinheiro é um sonho para elas.”

“Concubina?”

“Eu não lhes expliquei que serão putas, porque então fariam de tudo para você não gostar delas, por mais que eu as ameaçasse com castigos. Falei que você quer estudar direito na capital e procura uma escrava boa e amorosa para o acompanhar.”

Ri da esperteza e sagacidade da senhora: “Por isso até a menina mais nova falou que queria ser comprada por mim, pelo menos, se adquirisse também sua mãe.”

“Pois é. Queria que as minhas princesas o recebam de braços e pernas abertas e de bucetinha aquecida. Gostou?”

“Gostei das bucetinhas aquecidas, mas nenhuma delas foi tão aquecida como a sua. Sinto muito que transei hoje já com duas cabritas e estou sem leite.”

“Ainda bem. Imagino que nem demoraria cinco minutos, se a gente tivesse transado logo no início. Mas agora me levou ao paraíso por uma hora inteira. Gostei muito! E agora certamente produziu leite novo para poder testar meus bichinhos de estimação.”

Neste tempo, em casa, a índia estava de quatro esfregando o chão do bar, enfrentando a sujeira com escova, pano e um balde de água com sabão. Devidamente agrilhoada, amordaçada, mas inteiramente nua fez contraste com Verônica, a moça bem-apessoada, garbosa, loira, aprumada, em pé ao lado da selvagem, orgulhosamente segurando o chicote. De vez em

quando ela mostrava manchas no chão, que a índia deveria tratar com mais esforço, e de vez em quando ela bateu com o cabo do chicote na bunda da faxineira. As outras putas sentavam nas mesas fabricando seus pequenos produtos para a venda, e Verônica se ajuntou sempre se puder a elas, já que também queria fabricar muitos anjos, estrelas e outros bibelôs. Aconteceu também que ela deixava a índia de propósito por um tempo desacompanhada. Depois se levantou de mansinho e achava, que a selvagem trabalhava com menos ardor e deu uma chicotada estalante na moça, que aturava tudo com resignação calada, por causa de sua submissão apreendida com os rigores do cativeiro, mas principalmente por causa da mordaça brutal.

Quatro homens sentaram em uma mesa tomando um café e um lanche, divertindo-se com o espetáculo. Não se sabe, se uma puta lhes contara que teríamos agora todas as manhãs tão espetáculo gratuito ou se eles vieram por coincidência, mas agora eles estavam e aproveitaram a pândega.

Com o tempo Verônica reparou, que ela não chegaria a fabricar tantos produtos como as outras por causa de tiver que acompanhar e

treinar a selvagem. Conveio que a negrinha, que era meio desajeitada, reclamava que não conseguiria fabricar nada que se comparava com os enfeites das colegas. Ela também nem sonhava da alforria, sendo menor de idade e desacostumada com o valor do dinheiro, e por isso a mixaria que ela ganhava com seus artefatos foi logo confiscada pelo meu pai, enquanto a escrava Anuta podia ficar com a metade do dinheiro das vendas. As putas livres recebiam dois terços, e um terço foi ao vendedor, que era o bar. Porém, o que já ficou fora de nosso controle foram os objetos vendidos no açougue. Nem sabíamos onde esse dinheiro foi guardado. Na pior hipótese o magarefe Stefano ajuntava o dinheiro para Verônica, e um dia ela iria reunir tudo, pagar todas as dívidas e sair do serviço.

Verônica viu, que a negrinha não estava fabricando com a mesma vontade como as outras e disse para ela: “Cuida você da índia.”

Logo a cara da menina se abriu e com orgulho e alegria pegou o chicote, o instrumento que já sentira tantas vezes como ré, e que agora parecia tão bom e macio na mão. Pulando foi-se ao lado oposto do bar, onde a índia esfregava suando o assoalhado e deu-lhe de cumprimento uma

chicotada. Depois ela achou por conveniente deixar bem claro que ela passou a ser um ser superior a alguém e deu tão duro na índia, que meu irmão interferiu, quando chegou no barzinho, estabelecendo a regra: “Falei para darem cinco chicotadas na selvagem, lembram? Se então querem chicoteá-la aqui para dinamizar o trabalho dela, tudo bem, mas aí não devem acordá-la com cinco chicotadas. Poupem as chicotadas para depois, e tratem a dar não mais de cinco, a não ser, que ela faça algo muito errado ou fique preguiçosa. Entenderam?”

“Entendi, senhor”, respondeu a negrinha com prontidão e alegria. “Vou então só dar chicotadas quando ela faz algo errado ou fica morosa. Entendi, sim.”

E a negrinha aprendeu logo não ter medo da índia, embora que a selvagem fosse maior do que ela. Como tinha visto de Verônica pegou a cabeça da índia e apertou a face contra o chão, se restava ainda uma sujeira ou o que ela supunha ser sujeira.

Dois dos homens se levantaram e abordaram meu irmão: “Muito gostosa sua faxineira. Quero logo transar com ela, assim como ela é, com mordaça e grilhões.”

“Sem acorrentar as mãos?”

“Sim. E meu colega quer a negrinha.”

“Ótimo, podem logo levá-las. A índia é um, a pequena dois Mil Réis, e o lanche com café 220 Reis.”

Sobraram para meus testes ainda as mulatas mais bonitas da fazenda. Almocei em companhia de uma de 25 e uma de 17 anos, que seriam as próximas, e também com a escrava, que comera antes do passeio. Como seu costume, a senhora vexava a menina que me serviu como “colchão” depois do café com perguntas safadas como: “Você sentiu o momento em que o moço te honrou com seu leitinho? Sentiu alguma coisa em sua barriga?”

E ela, toda encabulada, de cabeça abaixada sobre seu prato: “Senti sim, senhora.”

“E como se sentiu nesse momento?”

Ela emudeceu, e quando a senhora repetiu a pergunta, disse: “Não sei.”

“Veja lá, menina. Sabe não? Sentiu-se como uma princesa ou como uma puta? Como um animal ou como um objeto ou como um ser humano?”

Para nossa surpresa a menina não respondeu, mas começou a chorar. A senhora a repreendeu severamente e mandou-a para ficar de pé no cantinho da sala, estendendo as mãos e segurando um chicote.

Perguntei: “A senhora vai chicoteá-la?”

“Não, só dou a ela a chance de refletir sobre seu comportamento e se impregnar com a ideia de sentir o chicote, se não faz o que os senhores querem. Você quer que ela seja chicoteada?”

“Não, pelo contrário, acho que seria um exagero. Iria pedir por ela caso a senhora resolvesse açoitá-la.”

“Não sou brutal assim, como sabe. Sou como um médico bom. O melhor remédio para o beneficiamento de escravas é o chicote, mas como um bom médico receita os remédios sempre nas menores doses possíveis, também o dono de uma escrava deve distribuir chicotadas e outros castigos com parcimônia. Com putas deve ser a mesma coisa.”

Depois do almoço levei a mulata para a cama. Quando estive com a senhora nos campos, as mucamas trocaram toda a roupa da cama,

jogaram perfume e assim o quarto foi arejado e cheiroso. Estive cheio de viço e seiva e não demorou e enchi a escrava. Ela foi obediente e fez tudo o que quis, mas não mostrou entusiasmo nisso e não me convenceu muito. Eu teria que sair da fazenda no outro dia para estar de volta antes da festa da inauguração do segundo andar do barzinho; por isso teria que acelerar os testes e comer mais uma mulata antes do lanche. Deitei e cochilei um pouco, depois tomei um banho em que Analia, a mulata de 17 anos, que seria a próxima candidata, me ajudou, me ensaboava, lavava e enxugava e logo também lambeu e mamou para acelerar a minha produção de seiva para ela.

Depois me deitei com ela, mas embora que seja uma peça linda, dedicada, sorridente e muito prestativa demorei para poder gozar, e novamente a senhora entrou no quarto e ajudou com sua mão entre minhas pernas. A mulata colocou-se de quatro, abaixou a cabeça no colchão, ofereceu a bunda e abriu as nádegas com a mão. O cuzinho foi escuro como o resto da bunda, quase não se destacava, e arrombei a porta estreita e quente, e no mesmo momento o dedo da senhora arrombou meu cu. Derretei-me na menina, enchendo-a, e meu esfíncter abraçou

que me esperavam ele já deveria pular de alegria e antegozo. Coloquei uma camisa recém-lavada pelas escravas e fui para a toalete da senhora olhando me no espelho. Meu pau estava grande e pendurava lascivo, mas moroso para baixo. Olhei meu pau, quando fechei os botões e a abotoadura. Aí vi no espelho a senhora sentada na cadeira ao lado de minha cama, onde às vezes sentava a escrava Amélia quando tocava violão.

“O lanche já está na mesa. Cochilou? Espero que gostasse da última menina; ela é muito dedicada, sabe cozinhar, bordar e é sempre sorridente.”

“Ela é uma maravilha. Tem um nome bem raro.”

A senhora riu: “Pois é. Brincadeira de meu tio. Disseram que a menina seria a filha dele. A mãe negra dela falou-o, mas meu tio alegou que não podia ser sua filha, porque ele sempre teria feito anal com a escrava. Quando a menina nasceu e certos traços na menina corroboraram a suposição, meu pai disse, que ele seria o pai e registrou a menina assim. Com isso cabia ao meu tio escolher o nome para o batismo, e para se vingar e para lembrar que só fez anal com a escrava escolheu o nome Analia.”

“Engraçado.”

“Puxa, como é bonito e gostoso, a sua bunda musculosa, as pernas...”

Fiquei constrangido, mas ela me chamou: “Vem cá, meu anjo, quero ver-te de perto.”

Senti-me um pouco como uma escrava na venda, que é investigada pelos interessados na compra. Quando fiquei diante da senhora, ela estendeu a mão, pegou meu pau e puxou-me ao seu colo. Sentei de lado e ela apalpou minha bunda e meu pau com as mãos, como se eu fosse uma puta ou escrava sexual. Quis protestar, mas ela disse simplesmente “chchch” para me silenciar, enfiou um dedo e sopesou meu saco na outra mão, como se tudo isso fosse dela. Meu pau logo me traiu e cresceu e ela começou a mexer comigo como se eu fosse a mais reles garota, seja escrava ou puta ou as duas coisas.

“Foi assim que fez com a Analia?”

“Mais ou menos”, respondi, quase já ofegando. Torci-me como uma menina.

“Você é gostoso demais, moço. Acho que vou ter ciúme da Analia, porque ela vai ser sempre possuída por você.”

Vi uma brecha para levar a conversa em outra direção mais ao meu gosto: “Gosto muito da

Analia, mas meu pai certamente vai achar que a Maria ou a Rosalina se vendem melhor, porque sua beleza é superior a todas as outras, e por isso vou ter que comprar uma dessas duas. Mas se a senhora fala que a Analia será sempre possuída por mim ela o fala certamente, porque pretende dar-me a garota de presente. Muito obrigado."

"Chega de presentes, meu bem! Quer depauperar-me? As meninas ficam aqui, mas você pode sempre visitar-me e todas as princesas serão suas. Ai, me beija, meu rei."

Sentei-me com as pernas abertas como uma puta no colo da senhora, voltado para ela, peguei a cabeça dela, mas ainda não a beijei; em vez disso repeti: "Ai, minha senhora, me dá só mais a Analia."

"Nem pensar! As duas só por 4 contos. Senão meu marido me mata!"

"Dei-lhe um beijo curto, soltei-o e disse: "2 e meio."

"Menino, falei quatro. Com meninas desse quilate ganhará o dinheiro de volta em pouco tempo."

"Nem nossa judia custou dois contos."

"Ela também não é escrava."

“Mas quase a mesma coisa.”

“Quase não é igual. Sempre poderia aparecer um juiz de paz e liberá-la. E se ela foge, não podem contar com a ajuda dos outros para recaptura-la. E, para ser franca, as minhas princesas são muito mais gostosas.”

“Mas têm sangue negro.”

“Quatro contos.”

“Dois e meio e mais um beijo.”

Ela socou em minha bunda como se faz com putas escravizadas e a outra mão deixou meu pau e apalpou meu peito como se eu fosse uma puta com tetas cheias: “3 e meio.”

“2 e 700 e mais um beijo.”

“3 e 250 e um beijo mais prolongado.”

Beijou-me com força e já tive medo que esgotasse meu leitinho. Soltei-me com dificuldade e falei ofegante: “2 e 800.”

“3 e 200. Minha última palavra. E mais beijos!”

Pegou minha cabeça, mas conseguiu proferir ainda: “2 e 900!”

Beijou-me por muito tempo. Depois olhou-me com carinho e paixão. Repeti: “2 e 900.”

“Já disse: 3 e 200 é minha última palavra. Mais não posso.”

“Então não me vai dar um presente hoje?”

“Já recebeu a cafuza!”

“Foi ontem”, falei triste e olhei a fazendo biquinho como uma menina: “Hoje não vou receber um presente?”

“Então paga 4 contos e te dou uma de presente.”

“Qual delas?”

“A Amélia.”

“Justamente a mais velha.”

“E aí? Pensa que não tem muitos homens que preferem mulheres já mais maduras? Safadas? Que sabem das coisas? Maternais? Meigas? Sensatas?”

“Pago 3 e 200 e você me dá a escrava de presente.”

“3 e 500.”

“3 e 300.”

“Está bem. Não quero mais discutir. 3 contos e 400. Está combinado. Ai, nunca mexi com um moço tão gostoso. Mas tenho que parar, tens ainda quatro meninas para se decidir.”

Evitei a palavra putinha de propósito: “Princesa, por que chora tantas vezes?”

“Nada. Desculpa. Não vou chorar. Vou obedecer ao senhor.”

A senhora repreendeu: “Não quero putinhas que somente obedecem. Quero putinhas que querem mesmo. Quer dormir com esse moço, putinha?”

“Sim, vou.”

“Quer?”

“Sim, senhora.”

“Ou gostaria mais de transar com meu sobrinho e seus amigos?”

Perguntei: “Eles passam aqui de vez em quando?”

“Passam. E gostam muito dessa putinha. Ela faz as coisas mais sujas quando eles estão aqui, transando com três rapazes de vez. Bom, agora eles já são homens. Conta de suas façanhas. Explica ao moço como você o faz para transar com três de vez. Como você o consegue?”

Ela cochichou algo tão baixo que não entendi nada.

“Fala alto e bem, ter-te-ão por alguém”, citou a senhora rindo.

A menina cochichou um pouco mais alto: “Eles usam todos os três caminhos.”

Trocei: “Três caminhos? Você tem três caminhos?”

Ela não disse nada. A senhora vituperou: “Não vai responder, putinha? Explica-o ao nosso visitante.”

As lágrimas correram dos olhos da moça: “A boca, a vagina e o ânus.”

Falei: “Caramba! Não sabia. E qual desse caminhos é mais gostoso para você?”

Reparei que comecei a imitar a senhora, zombando das meninas, bobeando, encurralando e envergonhando-as com perguntas sagazes e safadas.

“A boca.” Respondeu chorando.

“Que bom, então vai ajoelhar em baixo da mesa”, falei para impressionar a senhora por minha ousadia.

A jovem não se mexeu. A senhora puxou-a pela orelha para baixo da mesa: “Vai obedecer não? Quer ser açoitada antes de dormir com o moço para você obedecer melhor e não manchar a honra de nossa fazenda?”

Era evidente que a senhora não gostava dessa menina. Talvez em outra ocasião poderia pedir ela de presente através de meu jeito de convencer a senhora, para a gente enriquecer logo e eu poder fazer faculdade. Quando a menina ajoelhava em baixo da mesa, puxou-a para ficar entre minhas pernas e ordenei: “Abre minha calça e chupa. E mostra-nos, que você realmente gosta mais de receber meu pau na boca. Se vejo que mentiste, vou te açoitar pessoalmente.”

A senhora riu a bom rir: “Gostei, menino, gostei. Está pondo essa bezerra lagrimosa em seu lugar. Gostei.”

Ri para a senhora e certa malícia tomou conta de mim: “Bezerrinha, está gostando? Quer tirar a sua roupa para mostrar como você gosta?”

Ela, sem parar de mamar, abanou a cabeça em sinal de não. Insisti: “Se você realmente goste de receber meu pau em sua boca de mel, certamente sente calor. Quer tirar a roupa então?”

Ela negou de novo, e prossegui: “Está me decepcionando. Concluo que você não goste tanto assim. Acho que mentiu antes, então vou te açoitar. A senhora permite?”

“Claro, chicotadas são beneficiadoras a escravas jovens como essa bezerrinha.”

A jovem parou de mamar, assustada: “Não, se o senhor o desejar, vou tirar a roupa.”

“Não sou eu quem o deseja. Quero saber se você deseja tirar a roupa para mostrar como você ama mamar minha biela.”

“Desejo.”

“Então, peça para tirar a roupa. Menina, não sabe como uma escrava se comporta? Não teve educação boa? Uma escrava não fala de seus desejos, mas pensa nos desejos de seus senhores. Não sabia?”

“Sei.”

“E por que você não se comporta de acordo com essa regra.”

“Desculpa, foi sem querer.”

“Bom, pelo menos pediu desculpas. Para te ajudar para não esquecer a regra te fornecerei umas chicotadas beneficiadoras. Quantas devo te dar para melhorar teu comportamento? O que propões?”

“Ó senhor, tenha misericórdia com sua escrava obediente.”

“Responde a minha pergunta, senão vou pedir à senhora definir o número.”

“Cinco.”

“Então seja uma escrava boa e peça pela permissão de tirar a roupa e receber cinco chicotadas.”

“Peço pela permissão de poder tirar a roupa e receber cinco chicotadas.”

Ela cochichou muito baixinho, mas entendi tudo: “Faltou a palavra senhor e as palavras “por favor”! Fala com decência e respeito como uma escrava boa, senão vou te dar mais chicotadas.”

“Peço pela permissão de poder tirar a roupa e receber cinco chicotadas, por favor, senhor.”

Falou mais baixinho ainda. Repreendi: “Não dá para entender. Não sabe falar bem?”

A senhora não parou de rir, gostando muito de como eu tratava a jovem: “Fala alto e bem, ter-te-ão por alguém!”

A escrava repetiu mais alto: “Peço pela permissão de poder tirar a roupa e receber cinco chicotadas, por favor, senhor.”

Respondi: “Bom, vou permiti-lo.”

Ela começou a tirar seu vestido simples, observando minha cara para adivinhar se fazia tudo certo, cheio de medo de ter desentendido e fazer algo errado. Depois ficou nua em baixo da mesa. Admoestei: “Não vai mamar mais, bezerrinha? Acha que nasceu pela preguiça? Ah, acho que tenho que dobrar o número de suas chicotadas.”

A senhora riu de novo, a mucama, que esperava à distância devida da mesa para atender, sorriu meio constrangida, mas o negro fardado, um dos dois que estavam com a senhora na vila, mostrou um sorriso largo e safado.

Continuamos com o lanche, sempre com a mulata mamando entre minhas pernas. A senhora estendeu um pé e encostou-o no rego da bezerrinha: “Gostei do nome Bezerrinha. Desde agora vamos chamar essa chorona de Bezerrinha. Ela até me lembra da bezerra do velho Sebastião, não é, Frederico?”

O negro fardado confirmou: “Com certeza, senhora.”

“Conta a história, Frederico.”

Ele riu: “Ah, mas a senhora sabe. Passamos certo dia perto da casa de seu Sebastião e vimos ele com uma bezerra da fazenda. Estava com a

piroca para fora, colocada na boca da bezerra. E foi ela que o ordenhou, não do contrário. E mais tarde testamos as bezerras com os dedos e reparamos, que aquela, que usava e que tem uma estrela na testa, mama realmente mais forte e gostoso de todas.”

Rimos e perguntei: “E como foi o nome de Bezerrinha antes?”

“Eufrasina.”

“Nome inadequado para uma bezerra chupadora boa assim. Mas acho que essa bezerra namorada de seu Sebastião deveria ser chamada de Eufrasina.”

“Boa ideia, gostei!” gritou a senhora. “Nós vamos fazer uma festa pequena e mudar o nome da bezerra para Eufrasina, como se fosse um batismo. E essa puta chupadora ninguém mais chame de Eufrasina, mas só de bezerrinha. Hoje à noite vai comunicá-lo aos negros, Frederico.”

“Sim, senhora, com muito prazer.”

Depois do lanche ficamos na sala para dar à Bezerrinha o que ela pediu. Amarramos as mãos dela em uma viga. Quando ela ficou assim sem defesa, toquei em seus peitos e seu sexo. Os peitos eram de tamanho médio, mas penduraram

bastante para baixo, na velhice ficariam muito feios. Perguntei: “Como você ousa apresentar suas tetas desse jeito, pendurando sem firmeza, com mamilos frouxos?”

“Desculpa, foi sem querer, senhor.”

“Então, erige-as, Bezerrinha.”

“Não consigo, senhor.”

“Tenta. Já falou antes de tentá-lo pelo menos, puta preguiçosa. Já falei antes que deveria receber mais umas chicotadas por causa de sua preguiça.”

Ela tentou, mas sem resultado. Talvez os filhos já causaram a moleza mamando bastante. “Tenta mais”, ordenei e perguntei à senhora: “E onde ficariam os filhotes da Bezerrinha, se a compro?”

“Aqui na fazenda. O que mais poderia ser? A não ser, que você as compre, mas não sei qual utilidade poderiam ter em sua casa. Infelizmente não dá para saber se são filhos desses meninos ou quem sabe de meu marido, porque essa seduziu também ao meu marido, e ele ficou vítima dela por algumas semanas, até que a outra putinha, que agora está com seu pai, conquistou o coração de meu marido com suas manhas.”

Rocei os mamilos até pelo menos eles se erigirem. Vi como a escrava se esforçou para erigir suas tetas pela força da vontade, mas sem sucesso, como era de esperar. Repreendei-a:

“Não és uma escrava boa e obediente. Por que?”

“Desculpa, senhor.”

“Por que não responde à minha pergunta?”

“Desculpa, senhor.” Ela começou a chorar alto, e não deu mais para entender as palavras. Peguei em seu sexo e seu cabelo e disse: “Quero saber, por que não é uma escrava boa? Faltou educação? Faltaram chicotadas? Faltou comida? Faltou trabalho? O que foi?”

Quando ela não respondeu apertei-a com as duas mãos e repeti: “Faltaram chicotadas, não é? Diga a verdade. Faltaram chicotadas?”

Ela, chorando, fez de sim.

“E por que não respondeu à minha pergunta?”

Ela chorou e abanou a cabeça como para dizer não.

“Ah, que escrava sem educação! Não responde a perguntas, chora, esquece falar a palavra senhor, é preguiçosa... ah, deveria ser açoitada todos os dias até melhorar. Mas vou te perdoar tudo se

pedir um castigo adequado para agora mesmo. Depois vou te perdoar. Já pediu cinco chicotadas. Agora foi preguiçosa, sem respeito, não respondeu duas vezes, chorou e mais. Quantas chicotadas pede para eu limpar a sua alma e sua consciência desses males? Cem? Cinquenta? Trinta? Vinte? Dez?"

Ela fez de sim.

"Dez? Não acha pouco? Quer dez ou melhor vinte? Quer vinte?"

Ela fez de sim. Disse: "Então para de chorar e pede com respeito e educação pelas vinte chicotadas. Senão vou te dar quarenta."

Ela parou aos poucos com o berreiro e cochichou: "Peço por vinte chicotadas, for favor, senhor."

"Por que as quer?"

"Porque fui preguiçosa, não respondi, esqueci a dizer "por favor" e "senhor", chorei e fui uma escrava má."

"Então fala-o. Fala uma frase completa, ou é bestalhona demais para falar direitinho?"

"Desculpa. Peço por vinte chicotadas, porque fui uma escrava preguiçosa, não respondi, esqueci a

da menininha. Olhei surpreendido para a senhora, e ela disse: “Não acho graça que a Bezerrinha nutre ideias erradas em seus filhotes. Acho que tenho que tirar a menina já dela para garantir uma educação melhor. Bezerrinha, de onde a menina tem essas ideias absurdas? Não explicou a ela que é uma escrava e vive para satisfazer os brancos?”

Ela olhou para baixo e não respondeu. Peguei os dois mamilos dela e os rocei carinhosamente: “Não vai responder a sua senhora, Bezerrinha?”

Ela cochichou: “Sempre eduquei-as assim como a senhora queria.”

A senhora disse: “E de onde sua menina tem essas ideias? Está contando à menina os contos de fada que a senhora Rafaela ensina? Está?”

“Estou.”

“Vamos testar a sua menina. Débora, qual contos de fadas você conhece?”

A pequena citou alguns títulos dos quais conheci nenhum. Estranhei: “De onde são essas histórias? Não os conheço.”

A senhora explicou: “Um mestre de reza teve uma coleção boa de contos de fadas adequados

para crianças de escravos. Ótimos para uma educação apropriada. Quer ouvir um?"

"Quero."

"Bezerrinha, conta aos seus filhos a história da cadelinha preta que virou imperatriz."

Ela obedeceu. A gente teve que ficar sem mexer para poder entender as palavras baixinhas da moça nua sentada debaixo da mesa entre minhas pernas: "Era uma vez uma cadelinha pretinha, que vivia ao lado de uma represa. Certo dia um feiticeiro muito poderoso passou uma pinguela perto da represa e sua varinha mágica caiu no córrego e foi levada para a represa. Sem a varinha o feiticeiro não conseguiu nada e ficou muito triste. Aí a cadelinha pulou nas águas, pegou a varinha e a trouxe ao feiticeiro. Ele ficou muito feliz e disse: "Você é uma cadelinha muito boa. Agora pode pedir qualquer coisa, vou cumprir seu pedido."

A cadelinha dormia em um cesto na cozinha de uma fazenda, ao lado dos colchonetes das negrinhas da cozinha. Sempre ficava com inveja delas, de suas pernas bonitas, de sua pele cheirosa, da comida, que elas recebiam. Por isso disse ao feiticeiro: "Quero também ser uma negrinha."

Aí adormeceu e quando acordou foi uma negrinha bonita, obediente e boa. Ficou muito feliz. Podia falar com as outras negrinhas, comer de um prato, cantar, dançar e fazer muitas coisas boas. Mas com o tempo ela reparou, que teve algumas mulatinhas na casa, adolescentes, que trabalhavam como mucamas, dormiram em camas como seres humanos, comiam coisas muito boas e vestiram vestidos bonitos. Aí pensou: “Fui muito estúpida que não pedi para ser uma mucama assim.”

Ficou revoltada e triste, e começou a andar todos os dias por volta da represa para ver, se o feiticeiro voltasse. Quando o encontrou outra vez, reclamou muito de seu destino e pediu para poder ser uma mucama linda. O feiticeiro condoeu-se dela e a transformou em uma linda mulatinha que era mucama na casa-grande.

Agora ela ficou muito feliz, mas um dia ela percebeu, que uma das mulatas foi mimada demais pelo seu dono, vivia em um quarto separado, não trabalhava, leu livros e foi servida pelos outros escravos. Foi a concubina do fazendeiro.

Aí a menina ficou com inveja e procurou o feiticeiro de novo. Ele quis recusar o pedido,

mas a menina o perseguiu até ele ceder e a transformar em uma concubina.

Agora ela andava perfumada, teve vestidos caros, leu livros, dormia na cama do fazendeiro e o acompanhou em visitas.

Ficou muito feliz, mas nas visitas em casas de outros fazendeiros viu esposas brancas, que a trataram com desdém por ela não ser casada. Falaram: “Daqui a pouco vai ser velha e voltar a ser escrava comum.”

Aí ficou com inveja das esposas brancas e queria ser também uma esposa branca de um fazendeiro. Procurou o feiticeiro e o perseguiu com pedidos e lamentações até que ele a transformou em uma esposa branca.

Aí ficou feliz, visitou outras famílias, mas um dia viu em uma festa uma baronesa. Andava em uma carruagem muito linda e teve muitos escravos de libré. Ficou encantada, procurou o feiticeiro e não deu trégua até que ela a transformou em uma baronesa.

Aí vivia feliz, conhecia pessoas importantes entre poetas, músicos famosos, condes, generais, bispos. Um dia até foi convidada para uma festa da corte e beijou a mão da imperatriz e do imperador.

Encantadíssima ela correu para o feiticeiro e pediu para poder ser imperatriz. Mas o feiticeiro disse: “Chega de cada vez mais pedidos. Já recebeu seu galardão.”

Mas ela virou triste, parou de comer, porque ficou com tanta inveja da imperatriz. Finalmente o feiticeiro cedeu e transformou a menina em imperatriz.

Agora podia fazer o que quiser, ao que achou, e teve todas as riquezas e coisas que queria. Mas certa vez ouviu na igreja, que todos, até um imperador ou uma imperatriz, devem obedecer a Deus. Aí ela ficou com raiva, procurou o feiticeiro e disse que foi enganada porque achava que uma imperatriz poderia fazer o que quiser. Por isso preferiria ser Deus.

O feiticeiro recusou-se, mas ela mandou seus soldados prendê-lo e confiscou a varinha mágica. Aí o feiticeiro cedeu e prometeu transformar a menina em Deus. A menina devolveu-lhe a varinha para ele poder fazer a mágica, e ele proferiu uma fórmula mágica. A menina adormeceu, e quando acordou, foi de novo a cadelinha pretinha no cestinho na cozinha.”

Depois de ouvirmos essa história que ensina às crianças escravas muito bem, que cada um deve ficar em seu lugar e não cobiçar o lugar dos outros, mandamos as crianças fora e amarramos a moça com as mãos em uma viga na própria sala.

Para mim foi há muito tempo a primeira vez que tive a oportunidade de açoitar uma moça nua, já que meu pai sempre vende o direito às chicotadas a outros, que pagam. Acho que só açoitei uma vez a nossa primeira prostituta, quando fui ainda um menino e meu pai a flagelou, e eu e meu irmão olhamos e pedimos para podermos dar também chicotadas. Para nós era só um divertimento, nada de excitação sexual como seria hoje. Também dei algumas chicotadas cada dia à índia, mas é outra coisa, e ela é uma selvagem. É uma tarefa repetitiva, sem me excitar. Agora seria bem diferente. E pela primeira vez pude praticar tudo que vi nos outros homens nas festas.

Por isso interrompi algumas vezes a sequência de chicotadas e beijei a jovem amarrotando lhe bem a bucetinha e os peitos moles. Não gostei das tetas, mas serviu perfeitamente para humilhar a escrava.

A senhora e o negro fardado aplaudiram e riram. Perguntei a mulata depois da sétima chicotada: “Gostou das chicotadas? Agradece por elas.”

“Obrigada por me dar as chicotadas, senhor” ela choramingou.

“Quer mais?”

“Sim, senhor.”

“Abre as pernas para eu poder acertar sua buceta safada, Bezerrinha.”

E logo depois seu berreiro encheu a sala e se misturou com os estalos e as risadas.

Assim continuávamos até acabar com os vinte. Com ajuda do negro tiramos a mocinha das amarras, arrastamo-la escada para cima no quarto, deitamo-la na cama, e comecei imediatamente a estuprá-la. Realmente, acho que nunca fiquei tão perto de uma menina, perto da alma dela, como depois de tê-la açoitado pessoalmente.

Possuí-a em todos os três buracos, e depois deitei ofegante de costas, enquanto ela limpou e reanimou meu brinquedo com sua boca meiga e submissa, agradecendo pelo tratamento.

Depois de ter me recuperado um pouco mandei-a sentar em minha face. Sentou-se virada com a

face em direção aos meus pés. Assim sua buceta fechou minha boca, seu cuzinho meu nariz, e as nádegas redondas me cobriram quase os olhos. Quase não deu para respirar e senti me estuprado, senti me como uma puta ou escrava e gostei da sintonia com a menina, gostei de ter os mesmos sentimentos como ela e todas as putas forçadas e escravas abusadas. A seiva da cabrita misturada com meu leitinho correu da xaninha dela invadindo minha boca. Assim elas, as putas e escravas, devem se sentir quando a gente as obriga a limpar o pau depois de transarmos com elas ou outras putas. Senti um nojo, mas aguentei-o para poder me sentir igual a essas meninas.

E de repente senti uma mão apossando-se de meu pau. Não era a da cabrita, mas uma com unhas longas. E uma voz perguntou: “Como foi a nossa Bezerrinha? Foi uma puta grata e boa?”

Não consegui falar com a boca cheia de carne melosa, e assim a senhora perguntou à mulata, como foi e quais buracos usei e a encheu com perguntas constrangedoras até ela chorar de novo.

Meu pau, no entanto, virou entre suas mãos um pássaro doido preso em uma gaiola, um escravo,

ou melhor uma escrava abusada e estuprada sem dó, e o dedo da senhora estava em mim, fazendo de mim uma puta e escrava, e assim me senti em empatia e sintonia perfeita com a mulatinha e quase gozasse na mão da senhora. Já não consegui me controlar, e meu pau começou a dar guinadas e corcovos e jorasse todo meu líquido precioso para fora, mas a senhora apertou com força um ponto entre meu saco e meu cu, e impediu assim que perdesse esperma. Gozei, mas sem perder nada.

“Gostoso demais, este moço, não é? Aprendeu como se faz, Maria?”

“Sim, senhora.”

A voz não era de Bezerrinha, mas de outra menina. Mas somente depois de ter me liberado das nádegas da escrava vi uma das mulatas mais lindas que já vi na minha vida. Ela ficou em pé ao lado da cama, observando a senhora: “Ajude o moço a tomar seu banho, acho que o jantar já vai ser pronto.”

No jantar a senhora me propus ficar mais um dia e voltar cedo no outro dia, mas já que no outro dia já teria a festa de inauguração não quis voltar em cima da hora. Eles teriam que saber, que eu

estaria lá para cuidar das bebidas, e eles teriam que testar as putas novas e preparar bilhetes para todas as putas, também para as novas. Falei que iria tentar comer a moça lindíssima, que sentava ao meu lado e se chama Maria, depois do jantar. Na noite eu teria outra mulatinha lindíssima de 12 anos, e a mulata mais espetacular da fazenda ficaria para a despida depois do café da manhã.

A senhora advertiu: “Vai ficar tarde. E como você chegará antes do escurecer em sua vila, com tanta prenda? Não pode deixar montadas as meninas. Mas a pé demora, mesmo elas andando sem bagagem, e se escurecer elas não enxergam e acabam quebrando as pernas nos trilhos tortos.”

“Bom, então vou fazer o seguinte: Vou retirar-me cedo e levar todas as três mulatas juntas para a cama, ficando a noite inteira com elas.”

“Boa ideia. Por que não o disse antes? Chamaria as cabritas para o jantar para você as conhecer melhor.”

“Bom, chama-as agora, podemos esperar com a sobremesa.”

A senhora mandou chamar as meninas, e disse para mim: “Puxa, e não vai hoje tomar champanha comigo, mais tarde?”

“Ah, a gente faz uma pausa. Quem sabe, a senhora vem com a garrafa para a cama, e bebemos juntos.”

“Champanha para as mulatas escravas? Também não dou champanha ao gado.”

“A senhora quem sabe. Então elas podem beber outra coisa mais barata.”

Chegaram as duas últimas meninas, lavadas, enfeitadas, penteadas e perfumadas. A mulatinha de 12 anos, muito bonitinha, e Rosalina, a mulata perfeita de 15 anos, justamente na idade mais própria para o trabalho em um puteiro. Reparei na semelhança da Rosalina com a mulata Maria, e quando toquei no assunto, a senhora confirmou que seriam irmãs: “A mãe era uma negra muito bonita, que meu pai comprou com 9 anos, diretamente no porto, de um negreiro. Tivemos sorte de ele escolher essa, porque muitos fardos dessa enviada foram para as fazendas nessa região, mas fazenda nenhuma teve uma negra tão gostosa. Meu pai gostava muito de se deitar com ela, mas sempre fez assim que ela não engravidasse dele, pensando no lucro de uma criação bem escolhido. Cruzamo-la com Pedro, o marceneiro que trabalhava aqui por alguns meses. Foi um moço

lindo igual a você. Depois de ele saber que tinha uma filha na fazenda, voltou muitas vezes de passeio, outras vezes para trabalhar por alguns dias, e em tudo ele produziu para nós quatro mocinhas lindas e um menino. Duas moças foram vendidas por preços muito bons a prostíbulos em Recife. Meu marido foi com as duas, vendeu-as e comprou com o dinheiro arrecadado de um negreiro 6 negras e 5 negros."

"Que maravilha! Acho que a gente também deve pensar nessas dimensões maiores."

"Já está começando a fazer coisas grandes, levando logo quatro potrancas embora daqui, moço."

"Posso perguntar algo mais íntimo?"

"Pois não."

"Seu marido continuou a criação de escravas lindas que seu pai começou. Mas seu marido não transava com os bichinhos?"

A senhora riu: "Moço, parece que não é desse mundo. Claro que transou! E como!"

"Mas se é tão normal um dono e criador de mulatas transar com suas ovelhas, porque odeia justamente a Pídia, ou seja, a escrava que chamaram antes de Honorata?"

“É outra coisa. Ela passou a ser um tipo de concubina. Meu marido não a mandou trabalhar com as outras, mas a faria de um tipo de secretária, a ensinou fazer as contas e a escritura e a tratou como uma segunda esposa. E o pior: ela também se comportou assim. Confiava na proteção que meu marido lhe concedia e até ignorava certas regras que eu baixei para o pessoal em casa. Sou uma esposa generosa e coopero com meu marido, aceito até uma mulata na cama casal entre nós dois. Mas não posso tolerar uma pessoa, que ameaça meu lugar de esposa. Sou a primeira dama dessa fazenda, e não tolero segundas damas.”

“E por ultrapassar esse limite ela tem que sofrer agora pelo resto da vida?”

“Isso mesmo, por não conhecer seu lugar vai sofrer pelo resto da vida.”

Já na mesa as meninas começaram a concorrer uma com a outra. Cada uma tentou ser mais amável, mais espirituosa, mais atraente do que a outra. Claro, a de 12 anos não dispunha do mesmo requinte na arte de se vender como as outras, mas as duas irmãs foram simplesmente encantadoras. Lamentei que no quarto teria

veterinário, para elas medrarem como flores preciosas, e isso inclui que ele olha na boca, nas orelhas, na bucetinha e outros lugares secretos, e a menina sabe, que todas as suas partes, mesmo as mais íntimas, pertencem a ele.

E assim não é mais nada muito novo para elas, se ele roça seus dedos entre suas pernas, enfia um dedo e mais tarde possui-as inteiramente e as honra com seu leitinho. Dessa maneira as jovens na fazenda muitas vezes são melhores do que as putas das cidades.

Maria, a irmã mais velha, foi a mais animada, e ela ensinou também as outras. Elas cobriram meu corpo inteiro com beijos e me cutucaram com as pontas das línguas de uma maneira muito excitante. Depois viraram-me de bruços e repetiam tudo, e no final enfiaram suas cabeças curiosas e as línguas excitantes em meu rego e causaram o comichão mais gostoso da minha vida ao redor de meu cu.

Colocaram travesseiros em baixo de minha barriga e a mulatinha mais nova enfiou a cabecinha linda no vão em baixo de minha bacia e começou a mamar com movimentos tão perfeitos como se fosse uma prostituta provecta. Maria estimulou com grande habilidade minha

bunda e meu cu, e cuidou também de meus testículos, e Rosalina me enchia de blandícias, beijou e acariciava minhas costas e minha cabeça, deslizando com seus dedos pelos meus cabelos de uma maneira eletrizante.

Não queria jorrar minha força na boca da mulatinha, mas agraciar todas as três bucetinhas devidamente, mas foi tão gostoso que me entreguei ao jogo das meninas. Quando comecei a contorcer os músculos para inocular minha proteína na garganta da mocinha deliciosa, Maria apertou de novo aquele lugar entre meu saco e meu cu e nada de meu leitinho saiu. Tive a impressão, que agora já estive com a arma carregada demais, mas não deu para aliviar a pressão.

Aí as meninas me viraram de novo nas costas e as três se sentaram em cima de mim. Rosalina recebeu meu pau em sua xaninha lindíssima e Maria e a mulatinha se sentaram em meu rosto como em um cavalo com duas amazonas. As duas deram as costas para Rosalina; Maria beijava minha boca com sua bucetinha de mel e cutucou meu nariz com seu grelinho atrevido, e a mulatinha bem ágil e flexível escarranchava-se em cima de meus olhos, o cuzinho emanando cheiro de chocolate com café encostando no

grelinho de Maria, e os lábios da bucetinha firme e miúda apertando-se ao redor da parte superior do nariz e fechando meus olhos.

Não demorou muito e cheguei outra vez a gozar e quis inaugurar para mim a primeira buceta desta noite, mas sem piedade a Rosalina apertou meu ponto especial e não saiu nada. Quase fiquei com raiva, liberei-me da carne lasciva em cima de mim, peguei a Maria que julgava a autora disso e comecei a estuprá-la com trancos fortes e enfurecidos.

Ela gemeu e soltou pequenos guinchos. As outras meninas não ajudaram, só sentaram com as pernas abertas perto de minha cabeça e me enlouqueceram com o aroma de suas rachinhas.

Era uma luta, porque embora que me sentisse repleto de porra demorava até eu chegar a outro auge, mas na veneta quis esmagar a puta e não parei de socar com meu pilão em seu almofariz até que me podia agarrar com firmeza nela e me esvaziou na barriga quente e gostosa da moça.

Estive ainda com meu arado aprofundado na terra fértil da escrava, quando as duas companheiras começaram a cuidar da reprodução do leite gastado. Minha bunda deu ainda os últimos palpites, e já senti as duas

línguas cutucando em minha bunda e avançando para o meu rego e meu saco. Depois de uns círculos gostosos uma chegou a chupar meus ovos, a outra cutucou meu cuzinho com sua língua petulante, até que conseguiu entrar.

Quando meu pau começou a endurecer mais e mais, recomecei a dar trancos à Maria, mas as meninas me viraram nas costas e Maria começou a mamar meu pau com a maior dedicação, enquanto a mulatinha se sentou na minha face e beijou minha boca com sua boca de melaço escuro, e Rosalina distribuiu beijos e afagos ao meu corpo inteiro.

A mulatinha estava voltada para a Maria, e eu peguei e rocei seu grelinho com uma mão e os peitinhos com a outra, e cutuquei meu nariz contra seu cuzinho de chocolate. O cheiro dela foi encantador e atordoador, como o de certas flores enormes na mata.

Em casa as pessoas começaram a ficar nervosas. Contaram com minha chegada nesta noite, para ver a mulata, que eu iria trazer, expô-la nua por um dia e vender muitos bilhetes para chicotadas de boas-vindas e os sucessivos estupros. Agora meu pai, na esperança que eu chegaria pelo

menos no outro dia, anunciou a vinda em breve de uma mulata cativante recém-adquirida em uma fazenda boa e incentivou à compra antecipada de bilhetes, mas temiam que eu atrasaria. Pelo sim, pelo não, minha mãe já entrou em contato com os meus amigos a respeito da venda de bebidas na rua. E meu pai e meu irmão discutiram, quem deveria ser açoitada se eu não chegasse.

Todas as nossas escravas foram açoitadas recentemente, menos Anuta. Mas faltando uma razão para tão crueldade, meu pai rejeitou a ideia. Quem nunca foi açoitada foi a judia, mas meu pai quis manter o conceito de uma moça fina, tratada com respeito até de meu pai, e por isso era inconcebível açoitá-la desse jeito, por mais que a gente arrumaria ainda uma razão.

Uma razão seria se chegasse à luz, que as meninas iludem a gente com as gorjetas ou outras coisas, mas como, ao curto prazo, poderiam descobrir uma coisa assim? Meu pai defendeu a ideia, que uma menina açoitada sem razão nenhuma, poderia entrar em desespero, ódio ou resignação tão grande que murcharia e morreria aos poucos.

Sobraria só a opção de açoitar a índia. Até agora sempre arrumaram uma razão, uma falha dela para merecer as chicotadas. Também não teve necessidade preocupar-se com os sentimentos de uma selvagem, porque ela ficaria de qualquer jeito sempre acorrentada e teria que cooperar no bem ou no mal. Visto pelo ângulo comercial não importava se ela se sentiu injustiçada. Já pelo ângulo moral, todos concordaram que seria uma coisa sem base açoitá-la sem razão. Além disso, eles teriam que contar ao povo sempre curioso, por qual razão a puta seria açoitada, e meu pai rejeitava a possibilidade de mentir ao povo inventando uma história.

Verônica teve interesse que seria a índia e não uma das outras putas, já que temia que poderia ser ela também, e trouxe o argumento: “Muitos donos castigam escravas com uma serie de chicotadas. Por isso a índia, tendo feito um crime tão grave quando mordeu o Raimundo, poderia receber duas ou até mais séries de 45 chicotadas. Então, amanhã poderia ser a segunda série.”

Meu pai replicou: “Mas depois recebeu outra punição por causa da fuga. Seria sem lógica se agora voltamos a punir a primeira falha. Se ela pelo menos entendesse a nossa língua, a gente

poderia explicá-lo. Mas já que ela não entende, deve ser uma coisa lógica, que até uma selvagem entende, assim como quando a gente pune um cachorro.”

Meu irmão disse: “Então seria melhor, puni-la mais uma vez pela fuga. Teria mais lógica. Poderíamos explicar ao povo, mas ela não vai entender nada. Fazer o que, né?”

Verônica disse: “Afinal de contas não é nossa culpa que ela não fala português. Eu também o aprendi.”

“É verdade”, disse meu irmão. “Mesmo assim não é uma mulata, e anunciamos que será chicotada uma mulata. Os que compravam os bilhetes, vão ficar chateados, e nossa boa fama sofrerá.”

“Isso mesmo. Só poderia satisfazer o povo, se a gente anunciasse, que os bilhetes continuem válidos para o dia quando a mulata vier. E de lambujem, para indenizar os compradores pela necessidade de esperar, podem açoitar a índia de graça.”

“Mas perderemos muito dinheiro.”

“Perderemos o dinheiro pelas chicotadas da índia. Mas pelo menos vai ter muita gente

querendo transar, porque também uma selvagem bem açoitada é um colchão bem quente e excitante. Ganhamos ainda assim um bocado. Perder a boa fama sairia muito mais caro, provavelmente.”

Mergulhei no beijo profundo com a bucetinha da mulatinha, enfiando-lhe a língua e bebendo o melaço gotejando de seu interior e nem reparei logo, que a Rosalina começou a cavalgar meu pau, voltada para a mulatinha. A buceta firme dela foi uma delícia, e logo meu pau se sentiu como em casa. Parecia que a menina teve uma mão habilidosa dentro de sua boca de baixo, que me ordenhava com toda a destreza de uma ordenhadora ou leiteira. Maria enfiou sua cabeça como uma serpente entre minhas pernas e começou a chupar meu saco e as partes ao redor dele, e a bunda de sua doce irmã chegou a bater de leve em sua cabeça.

Maria respondeu furando-lhe um dedo na bunda. Assim podia sentir meu pau através do septo reto-vaginal, daquela pele fina entre a entrada posterior e a buceta. O outro dedo ela enfiou sem vergonha em meu cu, como se eu fosse um

ninguém e ela uma senhora e não uma escrava bem putosa.

Imaginei seu dedo escuro furando em minha bunda branca, e meu pau virou duro como uma pedra, e depois de alguns minutos gozei de novo. Quis encher a mulata gostosa, mas a infame Maria apertou de novo o ponto mágico, como se eu fosse um boneco com um botão, e não saiu nada.

Depois a mulatinha me cavalgou, enfiando meu pau em sua bucetinha miúda e apertadinha, Maria continuava chupando meu saco e meu cu e Rosalina besuntou minha face com o lamaçal seivoso entre suas pernas e obrigou-me a beijá-la desse jeito. Fi-lo com a maior vontade, porque o molho dela me parecia o caldo mais gostoso que já tomei.

Rosalina e a mulatinha estavam voltadas uma para a outra, e as faces se acercaram, e elas, no êxtase, começaram a se beijar, acharam o gostoso e as suas línguas se engalfinharam nas bocas delas, que virou uma só boca grande. Não consegui ver as duas, mas as contrações de suas bucetinhas e cuzinhos me mostraram a paixão delas e o carinho, que receberam na boca, passou-se assim através das lindas bucetinhas a

mim. E Maria aumentou o efeito ainda, enfiando seus dedos na minha bunda e na bunda da mulatinha, e senti a alma da pequena através dessa ligação em meu cu.

Foi demais. Comecei a tremer de emoção, e alguns minutos depois comecei a gozar querendo encher a bucetinha miúda com meu caldo, mas de novo Maria interrompeu o fluxo, e apesar das contrações de meus músculos no gozo não saiu nada.

Logo a Rosalina se deitou ao meu lado e puxou-me por cima dela, e mergulhei nela, como se ela fosse uma parte de mim. A reunião foi tão perfeita, como se ela tivesse sido feita especialmente para mim, cada milímetro do seu corpo adaptado às minhas medidas, o cheiro, o ritmo, o tamanho da bucetinha, tudo em harmonia perfeita comigo.

Maria, a safadeza em pessoa, lambeu minha bunda, meu saco, a parte do pau, quando saiu da bucetinha de sua irmã, e às vezes enfiou-me um dedo. Fiquei louco com esses pequenos estupros que ela cometeu sem pedir licença, e a mulatinha abriu suas pernas dobráveis ao redor da cabeça de Rosalina, da maneira que eu podia escolher ou alternar com meus beijos entre a boca de

Rosalina e a buceta da mulatinha, e quando beijava a Rosalina podia ainda chafurdar meus dedos no poço quente da cabrita.

Depois de alguns minutos virei a mulatinha e puxou sua bacia por cima da face de Rosalina, até que a bucetinha da mulatinha estava em cima da boca de Rosalina, e o cuzinho pequeno da mocinha em baixo de minha boca. Mergulhei na bunda deliciosa da garota e chupei seu cuzinho, enquanto Rosalina atacava a bucetinha miudinha com sua língua.

Depois de ter chupado esse cuzinho de chocolate com café por muito tempo senti que o auge estava perto, empurrei a mocinha para frente, onde continuou deitada com as pernas e a bucetinha abertas e me empossei da boca de Rosalina com a minha, e com os aromas das duas bocas misturavam-se também o gosto do cuzinho e da bucetinha da mulatinha.

Abracei a minha amada, a mulata mais perfeita do mundo, derretei nela e ela em mim, fomos uma pessoa só, e agora, sim, sem interferência de Maria, que só chupava e estimulava, jorrei na fauce quente e rosada dessa garota deliciosa e deleitosa.

Depois caí por cima dela, todo exausto, senti como o sono caiu como uma onda por cima de mim, como um negrume parecido com uma neblina densa. Não sabia mais nada a não ser que fui muito, muito feliz.

Acordei horas depois, alta noite. Deitei nas costas, e nos dois braços tive algo muito aprazível: uma mulata nua divina a cada lado. As cabeças das duas estavam voltadas para mim, as bocas quase encostando nas partes entre as orelhas e as bochechas, e senti seu bafo quente e bem cheiroso, cheirando de menina limpinha e muito erótica. Cada menina tinha colocada uma coxa por cima de mim, e seus joelhos se encontraram por cima de minha barriga.

Foram as duas irmãs, ambas evidentemente dormindo. Já entre minhas pernas deitava a mulatinha de costas, a cabecinha linda encostada em minha coxa, como se eu fosse um travesseiro, e com a face voltada para meu pau, quase encostando nele com os lábios. Evidentemente adormeceu com o pau mole como uma chupeta em sua boca, mas quando ele no sono virou duro, saiu de sua boca. Coloquei a mão no meu pau e alisei o cabelo da menina.

Alguns cachos fluíram ao redor de meu pau, e ele se erigiu como um mastro de um barco inundado saindo do mar.

Mal que a menina boa reparou que estive acordado acordou logo e voltou a cuidar de meu pau, qual trabalho lhe evidentemente foi incumbido pela Maria. Lambeu e mais tarde levantou a cabecinha e engoliu o mastro e mamou. Procurei com as duas mãos as duas bucetas ao lado de meu corpo e comecei a roçar entre os lábios idílicos. Não demorou e senti um relento, que me facilitou o trabalho, e logo depois as duas acordaram e responderam aos meus afagos. Tudo se desenvolveu bem devagar, e desfrutei de cada momento.

Pensei na Verônica e Catarina, duas putas lindas, que talvez nesse momento atendiam ao último cliente dessa noite. Eram lindas e boas e bem treinadas pelo sistema educacional inteligente de meu pai. Mesmo assim não são tão deslumbrantes como essas mulatas aqui. De onde resultaria o feitiço delas? O que é a diferença, e por que a Rosalina se encaixa tão perfeitamente em meu corpo? Meditei, enquanto as meninas me enchiam com afagos, e de repente Maria, vendo a minha letargia, tomou a iniciativa e mandou a mulatinha deitar-se de

bruços. Colocou dois travesseiros em baixo da bacia da pequena e as duas irmãs me viraram e caí em cima da bunda levantada para cima, oferecendo-me as duas entradas. Maria pegou meu pau e direcionou-o por cima do cuzinho fechadinho da mulatinha e comecei a cutucar com a cabecinha na porta fechada. Meu pau era como um aríete que romba o portão de uma cidade que seria, em seguida, invadida e poluída. Maria espalhou suco da vagina no cuzinho e quando não deu, misturou-o com saliva, mas mesmo assim não era fácil arrombar a bunda, já que não quis ferir a mocinha, e só entrei um ou dois centímetros com a ponta da cabecinha do pau. Aí Maria pôs-se de bruços ao lado da mulatinha e conquistei logo o cuzinho mais submisso e fácil dessa mulata tão extraordinária e dedicada. Para o cuzinho da mulatinha depois de ser arrombado parcialmente não se fechar de novo, Maria pegou minha mão e enfiou meu dedo médio nele. Ainda alcancei com o polegar a bucetinha miudinha e entrei nas duas vias.

Ambas deitaram lado a lado, e tive em baixo de minha face os cachos abundantes de seus cabelos, e entre as duas cabeças Rosalina abriu suas pernas e me ofereceu o champanha de sua xaninha delirante.

Quando fiquei perto do auge, Maria se desviou como uma serpente e me empurrou por cima da bunda da mulatinha, e desta vez fui tão excitado que arrombei o cuzinho sem piedade, não ligando para os gemidos e gritos da adolescente.

Sabia que a senhora iria ouvir os gritos e acordar, e que provavelmente já estava nos observando, e essa conclusão me fez ainda mais duro. Senti as mãos e a boca da Maria apoderar-se de minha bunda e comecei a saquear a bundinha parda em baixo de mim com trancos longos e profundos, depois o ritmo se acelerou, assim como o dos gritinhos, peguei a cabeça cuja boca emitiu esses guinchos, pelos cabelos e a virei rudemente para abafar os gritinhos com um beijo prolongado. Nisso dei de novo trancos longos e profundos, mas depois soltei a boca, mergulhei a minha face na buceta deliciosa da Rosalina, lambuzei-me da seiva abundante de sua concha, beijei de novo a mulatinha, acelerei os trancos, mergulhei-me de novo na bucetinha aberta da mulata mais gostosa do mundo e gozei na bunda quente, que se contorceu e apertou meu pau como uma menina, que se agarra a um cipó para não cair em um rio cheio de jacarés.

Mas a Maria apertou de novo cruelmente meu “botão” e não tive alívio. Mandou a mulatinha se

virar e continuava estimular minha bunda e meu cuzinho. Assim não tive escolha e comecei a arrombar a bucetinha, mas a Maria, sendo uma putinha limpinha, sabia que não é bom entrar em uma buceta depois de ter possuído um cu, e chupou e mamou meu pau para garantir higiene e asseio à bucetinha da companheira pequena.

Sendo a mulatinha menor, era nessa posição impossível alcançar sua boca para beijá-la à vontade, mas Rosalina ofereceu sua buceta, e a mulatinha chupou meus mamilos para eu me sentir como uma puta. A senhora aproximara-se à cama em silêncio, sentou-se na beira e colocou a sua mão na minha bunda. Achou meu cu já lotado pelo dedo da Maria e por isso resolveu enfiar seu dedo no cuzinho ainda quente e em palpitações da mulatinha, e senti o dedo dela no meu pau através da pele entre a bucetinha e o cuzinho da mocinha.

Era a loucura total, um delírio! Minha boca estava cheia de seiva melosa brotando entre as pernas da mulata, e para revidar-me do que as mulheres faziam com minha bunda enfiei dedos na perereca e na terceira boca de minha favorita. E o jato saiu forte e cheio de meu berrante e desapareceu nas entranhas da adolescente tão gostosa, que se torceu e gemeu como uma doida

e chupava e mordia meu peito tanto, que vi os vestígios ainda por três dias.

Quis eternizar esse momento maravilhoso e fiquei deitado nas meninas, mas o cansaço caiu sobre mim e acordei só cedo pela manhã. Estava de novo deitado no meio, circundado pela carne parda e carinhosa. As meninas acordaram e se puseram a trabalhar, mas eu vi a luz do dia entrar pelas frinchas das venezianas e sabia, que estava na hora de sair. Para a Maria não puder mais fazer as estripulias dela deitei as meninas lado ao lado e transei alternado entre as bucetas e beijando todas as três. Depois virei a mulatinha pelo contrário, com a cabeça em baixo de meu pau e a bucetinha em baixo de minha boca. Ela deitava entre as duas companheiras, e meu pau socou agora alternadamente em duas bucetas e uma boca, e minha boca beijava uma buceta e duas bocas, e meus dedos se esconderam em muitas grutas, tendo cada mão à sua disposição um colo feminino lindíssimo equipado com um jardim gostoso, duas grutas, duas ravinas, trilhos escondidos, fontes e um lindo dedo de alho. Mergulhei e desfrutei cada segundo ao máximo, mas finalmente jorrei fortemente, e esguichei todo meu leitinho na boca da mulatinha.

Caí nas costas e puxei a mulatinha em cima de mim, apertei-a contra meu peito. A boca dela estava ainda cheia de leitinho, e ao redor da boca e no queixo escorriam pingos. Aqui na fazenda faziam de mim uma puta, aprendi de sentir como uma puta, e quis também sentir a vergonha e humilhação total delas: as duas mulatas irmãs acercaram suas faces dos dois lados e estenderam suas línguas para lamber do leitinho espalhado na face da mulatinha ou para, quem sabe, roubar uma porção da sua boca, mas fui mais rápido, peguei a cabecinha linda da mulatinha e abri sua boca em um beijo cheio de paixão e de rendição, e para as duas irmãs formosas sobrou somente lamber o que estava nas bochechas ou saiu ao lado.

Tomamos um banho, e quando saí, todas as três ficavam de joelhos, esperando as minhas ordens. Fiquei encantado com a educação delas e deixei-as chupar, mamar e lamber por uns minutos para turbinar a minha produção, já que sabia que iria precisar de mais leitinho na viagem em casa. Depois despedi-as e Maria perguntou: “Vai me comprar? Leva-me contigo e vou te fazer o homem mais feliz do mundo. Qualquer coisa que você quer fazer, vou te ajudar e estar sempre ao seu lado.”

Também a Rosalina pediu que eu a levasse e ajuntou: “Te amo muito, quero ser sua garota, sua escrava, sua puta, sua cabrita, sua potranca, tudo que quiser. Sou louca por gostar tanto de você. Já fico molhadinha só em pensar nisso.”

No café da manhã perguntei, como era possível achar jovens tão educadas e tão habilidosas em uma fazenda, como se fosse, para dizer assim, um bordel de alto nível com meninas treinadas no exterior.

A senhora riu e disse, que já esperava a pergunta por muito tempo e se eu realmente gostei tanto das habilidades das meninas. Falei que jamais conheci jovens tão dedicadas que com tanta naturalidade e alegria servem aos homens. Aí a senhora mandou chamar uma velhinha sem dentes, franzina e caduca, mas com olhos vivos e claros: “Essa é a Rafaela. Tem 87 anos de idade. Nasceu na África, chegou para o Brasil com 11 anos, e com 13 já foi mandada trabalhar em um prostíbulo, sendo ela uma beleza muito admirada. Conseguiu manter sua beleza e foi explorada em vários prostíbulos por quarenta anos. Várias vezes tentou comprar a sua liberdade com suas gorjetas, mas o dono sempre conseguiu impedi-lo. Como você sabe, nas grandes cidades os juízes acham, que uma

escrava tem o direito de comprar sua liberdade, se ela ajunta o dinheiro equivalente ao seu valor. Mas o dono exigiu um preço exorbitante porque ela seria uma escrava prendada que daria muito lucro, e ele achou também muitas vezes um jeito para confiscar o dinheiro da escrava sob pretextos diversos.

Quando chegou a ser velha demais para os puteiros, o dono a mandou vender-se nas ruas e lhe entregar uma soma fixa por dia. E quando ela nem achou mais clientes na rua, tomou muitas pauladas e finalmente foi vendida a um homem, que a levou para outra cidade e a empregou de quitandeira. As roupas e todos seus pertencentes teve que deixar com o antigo dono, já que o novo dono não quis comprá-los, e segundo dela caíram assim na mão do antigo dono quase um conto, que ela já ajuntara vintém por vintém para comprar a sua liberdade.

O dono novo também a encheu de maus-tratos, e ela passou todos os dias a casa da minha irmã para vender produtos. Quando estive de visita lá, puxei conversa com Rafaela, descobri seu passado e comprei-a para ensinar às minhas cabritas tudo que ela aprendeu nos muitos puteiros que passou. Por isso temos aqui meninas tão gostosas, carinhosas, gentis,

educadas, habilidosas com as mãos e as três bocas e sobretudo dedicadas, deixando ao homem a impressão de serem putas perfeitas. Transforma cabritas toscas em princesas do amor, assim como conheceu algumas delas.”

“Algumas? Tem mais?”

“Aqui não, mas nas capitais em vários prostíbulos bons, e em outras fazendas, sendo a suprema alegria de fazendeiros ricos. Uma mulata clara saída de nossa criação e educação trabalha até na famosa Casa da Vênus, sendo ela a única mulata entre francesas, italianas e outras prostitutas de alto nível.”

“Estou muito impressionado e admiro a senhora cada vez mais.”

“Você já está convidado para vir admirar mais vezes os produtos de nossa criação.”

“A gente deveria fazer uma parceria para abastecer o país com putas obedientes e dedicadas em grande escala, comprando meninas prometedoras antes da puberdade para educar e treiná-las aqui na fazenda, vendendo-as depois com bons lucros.”

“Já comprei uma ou outra, mas, em geral, os fazendeiros não vendem meninas que prometem

uma beleza, porque querem eles mesmos tirar o cabaço delas, e os negreiros dificilmente trazem muitas novinhas.”

“Mas nas cidades tem muitas crianças abandonadas, que ficam à toa, na miséria até.”

“Mas elas não estão na venda.”

“Justamente é o ponto. Mas, quem sabe, dou um jeito para esse problema. Acho que daqui a pouco vou viver em Recife ou outra capital para estudar.”

“Que bom. Mas vamos pensar primeiramente nas tarefas de hoje. Como se decidiu? Vai comprar a Maria? Ou prefere uma das outras peças?”

“Bom, a Maria arrasa. Mas pessoalmente...”

“Não pensa em pessoalmente. Maria é muito responsável, vai ser uma bênção para a empresa de seu pai. Tem uma influência muito boa para outras meninas. Obedece em tudo e pensa com a cabeça dos patrões, imaginando o que poderia ser melhor para eles e não para ela. Poderia liderar um dia um prostíbulo; quem sabe, seu pai abre uma filial, tipo sucursal de seu barzinho com coudelaria de éguas e potras embutida, em outra vila.”

“Sei, mas acho que meu pai valoriza também muito a beleza. Maria é bela, mas a Rosalina é perfeita.”

“E você acha que os caipiras em sua vila percebem as diferenças? Eles muitas vezes nem sabem a diferença entre cabritas e vitelas, quando transam em seus campos. O que aconselharia, Rafaela.”

“Acho que ao longo prazo a Maria lhe acarretaria um lucro três vezes maior do que a Rosalina, justamente pelos fatos que a senhora mencionou.”

Fiquei pensativo. Fechei os olhos, lembrando-me da noite. Como virei um com a mulata mais perfeita do mundo. E aí sabia que só podia ter uma decisão: “Vou levar a Rosalina. Quem sabe, volto daqui a uns meses e compro também a Maria, quem sabe mais uma.”

“Se você comprar a Maria primeiramente, ela vos ajudará na construção de sua empresa e já, já vai poder comprar mais peças. Melhor comprá-la agora e as outras depois.”

“Obrigado, mas já me decidi, vou levar a Rosalina.”

“Bom, sua decisão. Como vai levar sozinho quatro fardos em casa?”

“Falando das quatro potrancas?”

Sorriu: “Estou agora falando de negócio, por isso falo a linguagem do comércio.”

“Bom, trouxe algemas e grilhões para dois fardos.”

“Safado, então planejava tirar mais de uma peça de mim!”

“A gente tem que ser sempre prevenido. Pode até acontecer que se captura uma índia. O ferreiro Raimundo...”

“Sei da história. Claro que eu poderia emprestar algemas e grilhões, mas você só tem um cavalo. Se as meninas andam agrilhoadas, vai precisar de dois dias bem andados.”

“E posso emprestar cavalos?”

“E como eles voltam? Além disso, o que você quer fazer, se as meninas fogem de cavalo? Se levaria a Maria, ela é tão confiável e submissa que poderia até cavalgar. Mas já que prefere levar as outras... Além disso, você mesmo me disse, que seria importante as meninas chegarem prostradas e aniquiladas em sua vila.”

“E o que me aconselha?”

“Sendo você um moço muito bom e, quem sabe, futuro parceiro (ela sorriu para mostrar que não tinha muita confiança no que acabei de propor como grande negócio), vou mandar meus dois administradores contigo. Você vai colocar no pescoço de cada fardo uma trela de couro e conectar uma com a outra com uma corda firme, mas leve. Assim você atrela a fila de 4 meninas na sela e vai. As meninas, com as mãos e pés livres, podem correr e você consegue chegar em casa até o crepúsculo. São uns 50 quilômetros. Se correm bem e graças a algumas chicotadas com que meus administradores as incentivarão, devem correr como gazelas, precisam de cinco horas, mais as pausas devidas para disciplinar e prostrar as potrancas.”

“Mas como posso confiar em seus administradores? Eles poderiam ter dó das meninas e tramar contra mim.”

“Já falei, como são as coisas aqui. Eles vão te ajudar com muito prazer, tem minha confiança absoluta, são homens que adoram educar, quebrantar, humilhar, submeter e cavalgar potrancas.”

“Cavalgar? Como assim? Só podem ser chupados, disse. Embora que a gente não quer cria, nem preta nem branca. Aliás, trouxe uma poção, porque a partir de hoje não devem mais engravidar. Posso...”

“Vai, Rafaela, chama Rosalina, Amélia, Joana e Analia para se apresentarem.”

As quatro moças chegaram e receberam uma poção anticonceptiva, que nossas putas hão de beber todos os dias.

Depois mandou-as para limpar e arrumar o quarto, em que todas foram possuídas pela primeira vez por mim. Estando a senhora sozinha comigo, acertamos os detalhes: “Você manda a metade do dinheiro com meus administradores de volta, a outra metade vocês guardam para mim. Daqui a uns meses vou dar uma volta, olhar como minhas princesas andam. Se seu pai não concordar com sua compra, já que gastou bem mais do que combinado, fiquem só com uma mulata, como ele queria, e mandem os outros fardos de volta.”

“Prometido. Mas acho que meu pai vai ser feliz com meu negócio.”

“Acho também, você é um ladrão nato!”

Rimos e a senhora continuou: “Você quer que as meninas andem nuas, para serem mais rápidas e para que sofram mais, compenetrando-se da consciência de serem putas miseráveis em vez de concubinas, como sonham a ser.”

“Sim.”

“Mas não quero, que minhas meninas aqui vejam como elas saem assim. Quero que elas acreditem que as quatro vão ser concubinas de um moço bonito e bom.”

“Mande-as meninas levar comida para os negros no campo.”

“Elas iriam desconfiar, porque seria estranho mandá-las todas embora. Como posso impedir que uma dela se esconda e observe a casa-grande?”

“Manda algumas e fique com as mais confiáveis como a Maria aqui, e diga que seriam açoitadas se contam a alguém como saímos.”

A senhora riu: “Pensas que chicotadas podem estagnar a fala verborrágica dessas mulatas? Aí já teria que cortar as línguas delas, mas depois você vai querer um desconto no preço se vier outra vez para comprá-las.”

Rimos e ela explicou: “Nós vamos dizer às meninas que vão viver com você como concubinas, todas elas. E que você comprará coisas novas para elas, por isso não precisam levar nada, mas já que têm sempre uns troços pessoais que elas gostariam de levar como lembrancinhas de alguém e presentes, falaremos que cada uma pode levar um cesto, que vai ficar arrumado no cavalo. Lá fora da fazenda meu administrador vai te mostrar um grupo de árvores altas. Aí vocês parem, expliquem às meninas que vão ser putas, obriguem-nas a tirar as roupas e colocarão todas as roupas e os cestos delas entre as arvores, onde mais tarde os buscaremos. Seria até interessante desse jeito fiscalizar tudo que as meninas possuem. Se tiverem dinheiro, ficará tudo comigo.”

Falamos sobre mais alguns detalhes e depois chamamos as meninas. A senhora explicou: “Vocês estão com sorte! O moço se encantou tanto com vocês, que vai levar todas vocês. Ele disse que vai virar quase muçulmano, porque quer viver com vocês todas como se fossem esposas. Não precisam levar nada, porque o moço tem condições e comprará roupas e enfeites e mais coisas para vocês. Mas se insistirem, podem levar um cesto com seus

pertencentes, cada uma. Vão logo, daqui a quinze minutos partirão.”

Todas ficavam radiantes de felicidade, só Rosalina ficou mais quieta e perguntou: “E quem vai ser a primeira esposa?”

Respondi: “Você, é claro.”

Consolada ela sorriu, beijou-me e foi correndo pegar suas coisas.

A senhora chamou os administradores negros, mas um deles passava mal e pediu para poder ficar. A senhora decidiu, avisando o outro: “Então você vai e leva seu escravo.”

“Sim senhora.”

Estranhei a palavra “seu escravo” e perguntei: “A senhora concedeu-o para o uso pessoal do administrador?”

“Não, é dele mesmo?”

“Como um escravo pode ter um escravo? Já acho um absurdo, que negros alforriados compram escravos!”

“Na África milhares de negros possuem escravos. Muitos até possuem escravos brancos, afinal de contas, é o direito de cada um comprar uma mercadoria que está na venda. Mesmo se

um boi pudesse falar e teria dinheiro poderia comprar uma escrava."

Ri: "Está pensando em um boi, que queria transar com uma mulata delicada assim?"

"Quem sabe."

"Mas por que um escravo, que tem dinheiro, não compra a sua própria liberdade, mas compra outro escravo?"

"Olha, eu acho que meus administradores têm tantos privilégios que nem queriam ser livres, mesmo se fossem ricos. Mas também dificilmente comprariam um escravo, antes uma escrava para sua cama. Mas ele herdou o escravo. A prima dele conquistou o coração de um fazendeiro e herdou a metade da fazenda. Quando ela morreu sem filhos, a herança foi dividida entre os parentes, e meu administrador recebeu um escravo adulto e um fedelho, que corre por aí com as outras crianças ajudando no campo."

"Estranho!"

"Olha, já teve casos muito mais estranhos, escravos que possuíam centenas de escravos, e mesmo assim continuaram escravos. Tem tantas coisas surpreendentes no mundo, mas cada um

tem uma maneira diferente para buscar a felicidade."

"Cada um? Será que todos têm uma chance de serem felizes?"

"Todos os seres humanos. Agora não falei de escravos. Mas mesmo eles. Veja a Maria. Ela é feliz em uma situação de ser escrava e puta. Se outras garotas na mesma situação não são felizes porque por vaidade não sabem honrar o fato de serem escolhidas por homens brancos e não sentem gratidão por poderem receber leitinho deles, têm que aprender essa felicidade através de uma boa educação com chicote na mão. Qualquer criador quer, que seus bois e ovelhas sejam felizes, porque assim eles crescem e proliferam melhor."

Quando as meninas estavam de volta colocamos os seus cestos nos três cavalos e a senhora explicou, que as mãos das meninas seriam atadas com uma corda leve, só porque seria costume no transporte de escravos tomar providência, embora que nesse caso evidentemente todas seriam felizes de serem compradas. As cordas confundiram-se com os vestidos bonitos, que elas escolheram para a

viagem, pensando por chegarem bem bonitas em seu novo lar conhecer a família do novo dono.

Saíram assim invejadas por todas as outras meninas e mulheres presentes, levando abraços calorosos e beijos.

Saímos da fazenda e o administrador mostrou-me o grupo de árvores. Paramos na sombra delas e ele mesmo anunciou, que as meninas seriam atreladas. Colocou uma trela em cada pescoço e conectou uma à outra e a primeira na sela de meu cavalo. As meninas questionaram, mas ele disse que seria para se acostumarem a serem atreladas ao seu novo senhor. Ao outro lado liberamos-lhes as mãos.

Depois falei para as meninas o seguinte: “Ouvi falar da senhora que seriam minhas concubinas e iriam morar só comigo. Mas não é verdade. Sinto muito, mas eu não tenho a culpa, se ela não disse a verdade, ela deve ter seus motivos, evidentemente não confia em sua lealdade e submissão. Eu quero ter um relacionamento sincero e franco com vocês e vou lhes dizer a verdade: Vocês vão ser putas. E espero submissão absoluta e dedicação pensando sempre em meu lucro e no de meu pai. É isso. E agora se dispam.”

As meninas protestaram e choraram, e falei que isso teria sido um teste, se elas obedecessem. Já que logo mostraram que são rebeldes, falei: “Sou um homem justo, mas quero manter uma ordem certa. Quem não obedece, será punida severamente. Já ganharam sua primeira punição. Em casa serão chicoteadas. Agora tirem as roupas.”

A Joana foi a primeira a tirar a roupa, incerta, olhando para mim e para as companheiras, mas finalmente estava nua. Analia seguiu seu exemplo, depois também Amélia. Só Rosalina não se mexeu. Ai, quanta vontade tive para lhe dizer: Você não precisa tirar a roupa, você é minha favorita, ninguém vai te forçar. Mas sabia muito bem que tive que pensar como profissional e não me deixar levar por sentimentos como amor ou piedade, quando se trata de negócios. Tive que ser mais leal ao meu pai, seus princípios e à nossa empresa do que a putas e escravas pardas. Enfrentei a dando-me por furioso: “Não vai obedecer, escrava?”

“Você prometeu que eu seria a primeira esposa. Mentiu?”

“Jamais falei em casar. Se muito a senhora falou assim.”

“Perguntei ao senhor: Quem será a primeira esposa. E o senhor disse: Você, é claro.”

“Então, foste tu quem usou a palavra esposa, eu jamais a usei.”

“Mas o senhor respondeu: Você, é claro.”

“Você, é claro! E o que é errado nessas palavras? Disse: você, e claro. Quem sabe quis dizer, você, é claro, é a primeira que será açoitada.”

“O senhor sabe que fala sem lógica?”

Peguei o pescoço da piranha: “Quem sabe até queria casar contigo. Mas agora, que me decepcionaste sendo rebelde, não posso fazê-lo mais. Que exemplo daria às outras escravas, se honrasse a mais desobediente e birrenta casando-me com ela. Tire a roupa e peça perdão para pelo menos ganhar menos chicotadas do que estou pensando agora, que te vejo teimosa demais,”

Ela hesitou ainda. Falei ao administrador: “Disciplina-a.”

Ele deu um sinal ao seu escravo e este aproximou-se sorrindo à menina e deu lhe um golpe com o chicote. Mas ela não abaixou a vista e o enfrentou com os olhos, muito menos

tirou a roupa. Bateu de novo nela e ela lhe cuspiu na cara. Recebeu logo uma palmada. Interferi, porque não quis que ela saísse ferida, porque complicaria a viagem: “Segurem-lhe os braços e tirem a roupa. Ela será castigada em casa.”

Tiraram a roupa. Pensei em dar-lhe algumas chicotadas na hora, mas não quis gastar a energia dela. O administrador falou: “Ajoelhem!”

Lentamente uma depois da outra se ajoelhou, só Rosalina ficou em pé. O escravo deu lhe uma chibatada na bunda, mas ela não se mexeu. O administrador ordenou: “Abram as pernas.”

Elas afastaram os joelhos. O administrador disse: “Vocês três obedeceram melhor. Vão receber leitinho. Mas essa ali vai ser marcada com a sineta.”

O escravo colocou-se em pé na frente das escravas, mais perto de Joana e ordenou: “Tira o pau da calça e mama, putinha.”

Ela obedeceu, e todas mamaram juntas. Neste meio tempo o administrador amarrou as mãos da Rosalina em um caule, amarrou-lhe os pés, puxou de um bolso uma sineta com uma corrente fina de uns 30 centímetros com uma

agulha para fixar a sineta no paletó ou em outro lugar. No entanto, o escravo gozou e as meninas bebiam e lamberam as gotas. Então o administrador trocou o lugar com o escravo dando leitinho às meninas e o escravo concluiu o trabalho de seu senhor: Puxou o grelinho de Rosalina para fora, furou-o e fixou a agulha da corrente nesta carne delicada. Os gritos da garota encheram o ar, mas nada adiantou e já a sineta pendurava entre as pernas.

Soltaram-lhe as mãos, amarraram-nas em suas costas e puxaram a mulata pela corrente para baixo até que ajoelhou na terra. Depois o administrador abaixou a cabeça da teimosa e apertou-a no chão, e o escravo lhe deu três chibatadas na bunda nua e ereta.

Depois mandaram as meninas se levantarem. Depois ordenaram de novo: “Ajoelhem-se.”

E desta vez todas se ajoelharam, embora que demorou até a última se prostrar. Foi Amélia, e ela recebeu uma chibatada na bunda nua. Repetiram o exercício mais duas vezes, até que todas as meninas obedecessem sem demora. Colocaram as roupas e os cestos das meninas em baixo das árvores, mas Amélia protestou: “Tem todo meu dinheiro lá dentro.”

Respondi friamente: “Será que a senhora sabe, quanto você possui, ou será que é dinheiro clandestino? Neste caso a senhora vai confiscá-lo e investigar, de onde ele vem.”

“A maioria recebi de meu pai, o pai de nosso senhor; guardei-o tanto tempo!”

“Para mim não importa, porque não tenho nada a ver com seu dinheiro. A senhora vai decidir sobre ele, porque é do tempo em que você era a escrava dela. Eu não tenho nada a ver com problemas entre você e a senhora.”

“Ela vai ficar com meu dinheiro. Por favor, deixa-me leva-lo.”

“Agora cala a boca. Mais uma palavra sem ser perguntada e você recebe também uma sineta e algumas chibatadas em sua bunda safada.”

Rosalina rebelou-se de novo, embora bem chorosa: “Não deixem meu vestido aqui. Não quero chegar nua para minha nova casa.”

Respondi: “Não é seu vestido, ele é propriedade de sua senhora, que o comprou ou deixou costurar. Tu és uma escrava. Por acaso trouxe uma roupa sua lá da África?”

“Nasci no Brasil.”

“E acha que seus pais ou avós trouxeram roupas? Chegaram todos nus. Senão escreve a seus parentes na África para eles te mandarem roupa.”

Colocaram a Rosalina de volta na trela e seguimos para frente. Os cavalos andavam de trote, e isso significava que as meninas tinham que correr, e para elas correrem animadas recebiam de vez em quando chicotadas pelo administrador ou seu escravo.

Era evidente, que eles gostaram demais de educar as garotas, e uma vez até pedi ao administrador para bater com menor frequência, já que as dores também roubam o fôlego e enfraquecem as meninas, e a gente tinha que chegar em casa antes do crepúsculo.

O sol ardeu e as meninas suaram os carrapatos. Rosalina teve mais dificuldades ao correr, porque suas mãos estavam amarradas nas costas e entre suas pernas chocalhava a sineta, tinindo de um jeito abusivo. Ela foi forçada a correr de um estilo estranho e ridículo.

Depois de uma hora e pouco fizemos uma pausa, e as escravas caíram no chão. O administrador ordenou: “Abram as pernas, suas putas sujas!” e elas obedeceram logo, e assim como elas

estavam, foram estupradas por nos três, mas os negros, acostumados a não ejacular nas bucetas para evitar prole escura, tiraram seus paus antes e gozaram nas bundas ou bocas das vítimas. Quando deitei na Rosalina, ela de novo tentou falar comigo, lembrando da última noite e que ela iria me amar. Senti muito amor por ela, mas forçou-me a pensar só no meu dever para com meu pai e nossa família e respondi com frieza: “Você é uma escrava, e agora é também uma puta. É seu dever amar seu dono e obedecer-lhe em tudo. Falhou, então vai passar por uma reeducação. Não gosto de putas birrentas e falsas de jeito nenhum.”

Joana começou a chorar, mas comemos, bebemos e demos água aos cavalos e às meninas. Não demos comida porque comida não faz bem a quem há de correr.

Montamos os cavalos, e as meninas se levantaram gemendo. Mas já uma chicotada fez milagre e todas se perfilaram logo atrás de meu cavalo. Liberamos as mãos da Rosalina para ela poder correr melhor, já que vimos, que a birra já melhorou.

Foi muito quente e muitos mosquitos perseguiram-nos e as meninas estavam às vezes

"Pois é, reparei que se sujou muito com as coisas nojentas que deixa sair de sua xoxota. Deve ser melhor arrolhá-la."

Falei para zombar, sem pensar em algo específico, mas o administrador teve uma bisnaga de alumínio no alforje, na qual guardava uns cinco charutos. Ordenou à Rosalina: "Deita no chão e abre as pernas, puta."

Ela olhou para mim, pedindo por ajuda com os olhos. Quando não reagi e o administrador repetiu a ordem, ela pediu a mim: "Senhor, me ajude, eles vão arruinar-me. Por favor!"

Fui para ela, peguei os dois mamilos, apertei e chocalhei-os e gritei, dando me por enraivecido: "Quem pensa que é, que continua a ter a ousadia de não cumprir ordens?"

"Senhor, sou sua escrava, vou lhe obedecer sempre. Mas ele não é meu senhor."

"Você é agora uma puta nojenta. Olha em si mesma e note, quão suja é. Está fedendo como um bode no cio e a sujeira está pingando de seus buracos. E uma puta há de obedecer a qualquer homem, entendeu, sua vaca?"

Ela começou a chorar: "Eu o amo. Amo o senhor, serei sua concubina fiel e submissa."

Dei-lhe uma bofetada: “Você não vai ser a concubina de ninguém, você é uma puta nojenta. Pensa que me amancebe com uma vaca igual a ti? Metida!”

Peguei com os dedos um pouco do molho nojento entre suas pernas, coloquei os dedos embaixo de seu nariz: “Está vendo? Você é uma cadela asquerosa!” Lambuzei a sujeira na face dela e gritei: “De joelhos!”

Ela se ajoelhou. Ordenei: “Peça perdão ao senhor administrador, puta nojenta.”

Fui ao lado e o administrador pôs-se em meu lugar e ela pediu por perdão. Perguntei quantas chicotadas ela queria pedir por sua desobediência e ela falou cinco, depois, quando insisti, falou em dez. Depois obedeceu à ordem, deitou no chão, encolheu as pernas e abriu as, oferecendo os dois buracos cheios de lama pegajosa. O administrador ordenou às escravas e ao seu escravo: “Segurem-na nesta posição.”

Joana e Analia submeteram-se a essa ordem, Amélia, no entanto, se mexeu tão devagar, que depois não teve mais espaço para segurar uma parte da mulata, que agora chorava alto. Era de lancinar o coração, ver a menina linda e boa sofrer. Teria sido muito feliz, se pudesse acabar

tudo com uma ordem, mas sabia de minha responsabilidade e nosso dever de educar e submeter as putas de uma maneira que garante a futura obediência absoluta, fidelidade e um bom empenho, que traz bons frutos e lucro, para o futuro. Convenci-me com força, que também para ela era assim o melhor, porque ela teria mais sucesso na sua vida professional de puta.

O administrador empurrou a bisnaga na ostrinha aberta e escorregadia da puta, tirou uma corda fina de uma bolsa, colocou a ao redor da cintura e passou-a duas vezes pelo rego e entre as pernas para segurar a bisnaga. As duas voltas de barbante fina cortaram a carne da puta, e uma volta passou o grelinho no lado esquerdo, a outra no lado direito, e apertaram esse lóbulo sensível de carne dos dois lados. “De pé, puta!”

Ela se levantou, e o administrador a olhou satisfeito. Com os movimentos o grelinho recuara e só a ponta com a agulha ficou na frente da corda. Pegou a hastezinha com os dedos e puxou-a mais para fora. “Embora!”

Montamos os cavalos e fomos embora. Gostaria muito de ver as meninas correrem nuas, os cabelos voando e os peitos e a bunda chacoalhando, mas era também importante que

elas fossem atreladas atrás do meu cavalo, simbolizando que teriam que seguir ao seu novo dono.

As meninas saíram gemendo, reclamando das pernas que doeriam, mas algumas chicotadas as ajudaram a achar ne novo seu ritmo na corrida. Aconteceu, porém, depois de uns minutos, que a Analia, que ficava como última na fila, atropelou em algo e caiu, e depois começou a manquejar. Mesmo assim conseguiu chegar até que achamos um lugar para a próxima pausa, onde teve outro riacho. Nos homens tiramos todas as roupas para não as sujar nos corpos sujos das putas, mandamos as putas abrirem as pernas e abrirem as aranhas com os dedos e as estupramos apesar da inhaca emanando de seus corpos. Os negros, novamente tiraram seus paus para fora, antes de gozar, e ejacularam nas barrigas, nas bocas ou nos cuzinhos das escravas. O administrador ejaculou na boca de Joana e pediu que ela não bebesse, mas cuspisse o caldo na mão em concha dele. Depois ele esfregou o molho nojento nas caras das escravas.

Depois deitamos no chão e mandamos às putas limparem nossos paus com as línguas e chuparem para acelerar a produção de leitinho

para a próxima pausa. Depois nós homens fomos tomar um banho.

Amélia pediu bem submissa para poder tomar um banho também. Respondi: “Deita no chão e abre a xoxota, que te damos um banho.”

Ela obedeceu, e nos três mijamos por cima dela, e o escravo do administrador até distribuiu uma parte de seu mijo nas outras putas. Amarramos as mãos delas e entramos na água. Foi um alívio muito gostoso, mas já não tivemos tanto tempo como quisemos, porque o sol progrediu pelo céu mais rápido do que pensamos.

Soltamos as mãos das meninas e montamos os cavalos. Analia quase não aguentou ficar em pé e manquejava muito. Falei com ela: “Quer sentar comigo no cavalo?”

Os olhos dela brilhavam, jamais esperava uma oferta tão generosa. Dei-lhe a mão e puxou-a para cima, escanchando-a em frente de mim. “Obrigada”, ela sorriu e me mostrou sua cara suja, só os dentes alvos brilharam como sempre. Uma nuvem de inhaca saiu da menina, e quase me arrependi ter colocada a puta na sela sem lhe passar antes um banho. Mas tinha que superar meu nojo e atuar como um bom funcionário de meu pai, cuja tarefa era avacalhar e prostrar as

escravas para elas se transformarem em putas pródigas.

Mesmo com a inhaca os movimentos da bunda morena contra meu pau o encarapitaram em poucos minutos. Lembrei-me da cavalgada com a judia e de minha vergonha, e com muito prazer constatei que agora já não senti mais vergonha em frente a putas e escravas. Estava no caminho de virar um homem e um bom filho e funcionário de meu pai, pensando e atuando em função da profissão e da prosperidade de nossa família.

Amassei a carne da escrava apesar da sujeira pegajosa para fazer senti-la vergonha e seu estado ínfimo, perto do animalesco, mas ela, ao que parece, não sentiu vergonha, mas sorriu para mim e disse: “Eu vou ser sempre uma escrava e puta obediente e submissa ao senhor.”

Enfiei-lhe dedos com mais furor querendo vê-la sofrer e pedir por misericórdia, mas ela aguentou tudo, repetindo algumas vezes que seria uma escrava e puta muito boa para me fazer feliz e rico.

Rosalina começou a manquejar também e reclamava de dores nas pernas e na barriga. Gostava muito de ajudar também a essa menina

lindíssima e boa, mas lembrei-me de meus deveres. Nem sabíamos se ela sofreu mesmo ou se ela somente imitou a Analia, e também sabia que eu tinha que manter a fachada de um homem duro e severo. Mas lutei comigo mesmo para não ceder. Senti que eu (ainda) não fui um homem, que realmente presta para educar putas ou escravas, sobretudo quando jovens e lindas. Senti um amor pelas meninas no meu coração e sabia que teria que extirpá-lo para ter realmente sucesso na vida com mercadorias difíceis como putas e escravas.

Meu pai diz sempre, que posso transar com todas as putas, também posso gostar do sexo e do corpo delas ou até do comportamento e das atitudes delas, mas jamais posso amá-las. Uma vez ele me disse: “Não atue como o fazendeiro Osvaldo, que dizem morava perto de Salvador. Ele se apaixonou pela mucama de sua esposa, uma cabrita jovem de 14 anos, e a senhora teve que aceitar, que ficassem na cama os três. Ele se apaixonou tanto que mudou seu testamento e fez a escrava herdeira da metade. Ela cresceu, e quando era 16, revidou quando a senhora a punia, chegando a bater na senhora. O fazendeiro chegou na hora e separou as duas, mas tomou partido pela mucama, contra a

própria esposa. A esposa desesperada fez queixa ao juiz de paz, e o marido reagiu mudando o testamento mais uma vez, fazendo da escrava sua herdeira universal.

Pouco depois teve um acidente fatal na sua fazenda, que jamais foi investigado, e a escrava herdou tudo e foi alforriada com a morte do dono. A senhora ficou com nada, caindo na pobreza total com suas filhas de 12 e 4 anos. Tinha que sair da casa-grande, que pertencia agora à escrava, e viver em um casebre, que a mulata lhe ofereceu. Depois de quatro anos a senhora morreu de desgosto, e a mulata apresentou um contrato de aluguel, que a senhora teria feito com ela, mas jamais teria pago aluguel nenhum. Por isso prendeu a filha mais velha, de 16 anos, e vendeu a moça branca e educada a um traficante, que a vendeu a um bordel. Ficou com a outra filha, manteve-a como uma escrava e quatro anos depois vendeu-a também para o meretrício. Assim pode acontecer, se um homem tem sua cachimônia no pau e não na cabeça e se deixa levar por sentimentos e cede aos pedidos e afagos das escravas."

Às vezes ele diz também: "Se você sabe controlar seus sentimentos e não faz besteiras

como entregar algo a uma escrava, pode até amar uma puta ou escrava. Mas tem que esconder seu sentimento diante de sua esposa e seus amigos, e sobretudo a própria escrava ou puta jamais deve sabê-lo."

Chegando perto do lugar, onde capturamos a índia, vi três cavaleiros vindo ao nosso encontro. Foram três capangas armados, e eles apitaram quando viram as nossas meninas e sorriam maliciosamente. Cumprimentaram, passaram e de repente um deles deu um tiro no alto. Eles voltaram e me abordaram. Vi que os negros ficavam na distância como escravos bem discretos e submissos ficam longe, quando os senhores conversam.

"Que putinhas lindas!" um dos homens disse. "Você é da vila, né?"

"Sou."

"É do seu Renato?"

"É meu pai. Amanhã terá uma festa boa na vila. Sintam se convidados."

"A gente está indo para a fazenda do coronel Henrique. Preferimos de fazer a festa logo aqui."

"Como assim?"

Um deles apontou uma arma para mim: “Desce.”

Falei: “Fiquem à vontade, é até bem vindo se vocês cavalguem as putas antes do estreio delas na vila.”

“Eu disse: desce!”

Minha espingarda estava no alforje, além disso estive sozinho contra três. Desci e eles me amarraram. Discutiram e falaram que iriam levar as duas mulatas jovens: “O lixo como esta velhinha e essa carne tostada e adusta pode levar para sua bodega. Mas pelo menos vamos experimentá-las agora.”

Abriram as calças e começaram a estuprar todas as escravas. Quando chegaram à Rosalina, acharam a bisnaga, riram, zombaram, tiraram e abriram-na: “Vejam o que achei no bocó da zorra!”

Achando os charutos, incendiaram-nas rindo e se puseram a continuar com os estupros com os charutos na boca, amedrontando e ameaçando as meninas até com as pontas acesas, e um deles até colocou a ponta acesa no mamilo de Amélia, que uivou como uma loba.

Depois de alguns minutos levantaram-se para trocarem as parceiras, riram, mostraram os charutos e as bucetas abertas das meninas e ouviram de repente dois tiros. Um deles caiu, os outros se viraram e caiu mais um tiro, atingindo mais um, que caiu no chão. O terceiro viu os dois negros vindo ao seu encontro, com armas nas mãos, olhou para seu cavalo, onde estavam suas armas, viu que a distância era longa demais e fugiu para a outra direção. Os negros conseguiram segui-lo e o mataram depois de uma corrida com três tiros. Um dos outros parecia morto, mas o outro só foi ferido, levantou-se e foi buscar sua arma. Manquejou com dificuldade, mas iria chegar bem antes de os negros voltarem à sua arma. Eu não consegui levantar-me, senão poderia mesmo atado tentar bloquear-lhe o acesso, e os negros estavam correndo, para cá, mas ainda muito longe. Só tive uma chance pequena. Gritei: “Meninas, ataquem o homem. Ele não pode pegar na arma dele.”

Ouvindo-me o homem fez um esforço maior para avançar mais rápido. Amélia se levantou, e Joana seguiu seu exemplo, mas Rosalina continuou sentada, e já que elas estavam conectadas pela trela, Amélia não conseguiu

chegar ao homem. Só Analia estava livre, sem trela, sem cordas nas mãos, nua menos a sua coleira, e assim ela não hesitou em atacar o capanga. Pulou nele como uma tigresa, agarrou-o, derrubou-o a uma distância de uns dois metros de suas armas, arranhou e mordeu. O homem teve seus dois braços, (ao que parece foi atingido na bacia,) e conseguiu dominar a menina dentro de um minuto, mas demorou mais ainda para deixá-la de um jeito que lhe permitiu chegar à sua arma. E quando estendeu a mão para ela, o escravo já estava chegando e lhe deu um golpe na cabeça. Perguntou: “Matar?”

“Espera.” Perguntei se o homem teria algo interessante para nós, talvez até uma informação importante, mas quando ele negou, mandei matá-lo. Sabia que não devia ter sobrevivente, porque o coronel Henrique foi um homem muito poderoso e perigoso. Não sabíamos, se os três já eram capangas assalariados dele ou se foram no caminho para ele para oferecerem seus serviços. Neste segundo caso ninguém iria se interessar pela morte deles, mas não o perguntei ao ferido, porque ele iria mentir de qualquer jeito para tentar salvar a sua vida.

Mandamos às meninas cavarem um buraco em um lugar escondido, e nós fizemos mais dois, o

que era uma labuta terrível sem pá, e jogamos os cadáveres por dentro. Demos um jeito para disfarçar os túmulos e fomos embora. Sentei a minha tigresa na minha sela como antes e pedi para os negros pegarem a Amélia e a Joana nos seus cavalos para a gente ganhar tempo.

Falei gentilmente com “minha tigresa” corajosa e disse que ela seria uma puta muito boa e vai ter muito sucesso na vida, e que amei sua conduta. Ela sorriu muito e falou que me amaria e queria ser a escrava mais fiel do mundo.

Desceu uma chuvarada rápido, e depois fizemos mais uma pausa perto de um riacho, deixamos os cavalos beberem, estupramos as putas, demos água e frutas às meninas e comemos o resto da nossa boia, que recebemos da senhora ou, mais exato, de sua cozinheira. Rosalina sentiu muitas dores nas pernas, e as solas de seus pés pareciam se com um campo arado recentemente, e ela chorava. O choro é um instrumento muito importante no processo de transformação de meninas para putas. Sabendo disso fiquei feliz e deixei a chorar, aumentando seu choro ainda zombando, ofendendo e apertando seus mamilos ou puxando na sineta. Quando partimos o escravo teve que despachar quatro chicotadas até ela parar de chorar e correr devidamente.

Depois começou o crepúsculo com sua algazarra de muitos animais assoviando, gritando, coaxando e soluçando. Sempre de novo algo fascinante, e em tais momentos até o ateu mais emperrado deveria virar crente, vendo a beleza da criação. No escurecer, as silhuetas das putas sujas e nojentas escachadas nos cavalos viraram mais limpas, as manchas desapareceram, o cheiro de flores encheu o ar fazendo esquecer a inhaca delas e assim elas pareciam amazonas galhardas e se encaixaram com sua beleza perfeitamente na beleza dessa noitinha.

Rosalina começou a tropeçar e pedi ao negro que estava só com a pequena Joana, para que deixasse montar a mulata com ele. Ela subiu e escarranchou-se atrás dele, segurando-se no corpo dele, achegando-se a ele como uma namorada para não cair da garupa. Era uma imagem emocionante, as duas meninas amorosas com seu cavaleiro, virando silhuetas antes do céu arroxeado. Fiquei com inveja do homem, que recebeu o enlace amoroso da puta tão linda. Tive um impulso forte de amor, e ouvi uma voz no meu interior dizendo: Essa é a sua esposa que fiz para você.

Puxa, pensei, o amor às meninas é uma coisa terrível. Derruba homens, destrói fazendas

inteiras, leva homens à bebedeira, leva homens e meninas ao suicídio, e conduz-nos a decisões erradas, que são prejudiciais à carreira profissional ou contra a vontade da família. A voz no meu interior, então a voz de meu coração, evidentemente a voz dos sentimentos, dos desejos, da libido, leva a gente a erros e deve ser submetida pela razão. É isso que faz a diferença entre homens grandes e os que vivem a vida à toa. Estive decidido para seguir o exemplo dos homens grandes e de não me perder nos enlaces amorosos de uma mulata escrava e puta. Disse para meu coração: “Para com as bobagens. Ela é uma puta. Você pode usá-la quantas vezes quiser, mas hás de educar e explorá-la, e isso significa que não pode amá-la como se fosse uma mulher normal.”

Na beira de nossa vila, já completamente no escuro, apeamos as putas e atrelamo-las de novo atrás de meu cavalo. Atrás delas cavalgavam os dois negros com seus chicotes em riste. Senti-me como um antigo general voltando em triunfo para sua cidade, trazendo prendas e escravas saqueadas.

Muitas pessoas saíram nas ruas e se ajuntaram ao desfile, gritaram, tocaram nas putas, um

alvoroço feio que era o contrário da algazarra serena que acabamos de ouvir na selva.

Andamos bem lentos. Pessoas entupiram o caminho e não tentei avançar mais rápido para dar às pessoas a oportunidade de verem as putas neste estado vergonhoso e para fazê-las passar vergonha vexaminosa ficando nuas e sujas diante de todos, sendo tocadas por centenas de mãos sem vergonha e ofendidas com pilhérias, chalaças e zombaria. Chegaram ao barzinho completamente prostradas, aniquiladas e esgotadas, assim como planejamos.

Meus pais já contaram com o pior, quando não apareci até o escurecer; foram muito felizes e me abraçaram, beijaram e perguntaram mil coisas. As putas ficavam por uns minutos esquecidas em pé na entrada do bar, e os homens do bar saíram e apalparam sua carne, investigaram, cheiravam, avaliaram, discutiram.

Depois meu irmão levou as quatro pela trela no quintal e o escravo do administrador lavou-as junto com meu irmão. Depois todas elas foram amarradas com as mãos na viga central do bar para o povo poder ver, conhecer, apalpar e avaliá-las. Meu pai, quando ouviu das condições

da aquisição das putas, concordou com tudo e elogiou-me muito.

Resolvemos liberar logo Rosalina e Amélia para serem açoitadas, para as outras organizaríamos uma festa semelhante daqui a uma semana. Fizemos placas que penduramos entre as mãos das putas, que informaram o nome e alguns detalhes. O maior sucesso fez a placa de Analia com a frase: “Sou Analia, especialista no anal, mas também minhas outras bocas anseiam por umas tacadas.”

Os homens queriam ver o cu dela, abriram suas nádegas, testaram a firmeza com o dedo e alguns insistiram tanto que queriam já comprar chicotadas nelas para a festa na semana que vem, mas meu pai só aceitou ofertas exorbitantes para não enfraquecer a demanda para a festa de inauguração amanhã. Para os ricos teve a mulata formosa, e para quem não dispus de muito dinheiro, mas queria também açoitar uma escrava, oferecemos também a Amélia, porque meu pai queria, que também os pobres possam se divertir. Assim ele sempre pensa também nos outros e até nos mais fracos da sociedade.

Para segurar as peças na noite, a gente não teve correntes, algemas e grilhões suficientes e meu pai pediu-me a ir buscar mais na serralheria. Encontrei Raimundo colocando um aparelho esquisito na sua índia: parecia basicamente àquela "calcinha" de ferro, que ele já nos mostrara, que tem duas varas grossas para colocá-las nos buracos da moça. Mas este teve mais recursos, por exemplo um pino menor que se enfia na uretra da escrava e um negócio com parafusos para apertar e estender o grelinho. A menina foi amordaçada para não poder gritar, e sua filha bebê arrastou-se nua pelo chão.

Raimundo mostrou-me orgulhosamente o funcionamento do aparelho, mas eu disse que não teria tempo e só queria comprar as coisas. Raimundo não gostou de minha resposta, mas foi buscar o desejado. Ajoelhei me ao lado da moça. Ela me olhou com olhos frouxos, sem esperança. Provavelmente todos os homens, que chegaram como amigos de Raimundo, só a fizeram sofrer.

Lembrei-me de nossa índia e também daquela que foi minha escrava por uma hora, sentei-me ao seu lado e dei-lhe um carinho. Queria que ela soubesse que não sou um monstro ou uma besta, mas que tenho um coração bom. Raimundo

voltou e riu de mim: “Está gostando dela, né? Quer transar com ela? Ah, esqueci que não posso oferecer a cadela a ninguém, já que você vai logo denunciar-me a seu pai.”

Peguei as minhas coisas, paguei e fui embora chateado, sem me despedir.

Graças a minha entrada espalhafatosa na vila todos estavam ansiosos para ver as putas de perto e o barzinho fervilhava de gente, em todos os cantos do quintal teve grupos de pessoas e até na rua teve gente bebendo. As putas estavam lotadas até alta noite. Os negócios já começavam a se aquecer na véspera da festa, e as ofertas para as chicotadas foram exorbitantes. Só consegui falar poucas palavras com a negrinha Luiza. Já que conhecia sua história, sempre me preocupei com ela, mas ela estava feliz e contou orgulhosamente, que estava dando chicotadas na índia ensinando-lhe a faxina. Só entendi bulhufas, mas quando quis pedir explicações, ela foi chamada para subir ao quarto com um freguês, e eu subi para um quarto vazio. O administrador, como visitante importante, embora que preto, recebeu meu quarto, e o escravo dele dormiu em outro quarto vazio do segundo andar em um colchonete.

Dormi feliz, sem menina, para recuperar-me do sono perdido e dos dias cheios de esforços, nem falando do susto e medo da tarde. Tive um sonho estranho. Sonhei que os três homens me amarraram e levaram para o coronel Henrique, acusando-me de tê-los matado. Mas o coronel não se importou com o fato e disse: “Se ele matou três, deve ser um homem hábil, ele vai ser meu capanga. E vou lhe dar minha melhor escrava como esposa.”

Ele teve, no meu sonho, uma igreja enorme em sua fazenda, no estilo antigo suntuoso, e me mandou entrar. Já teve um coral de seus escravos cantando e pouco depois ele entrou com a noiva deslumbrante, e quando chegou ao altar, vi que era a Rosalina. De repente teve um padre, que era um amigo do Henrique. A missa começou, e quando chegamos ao momento que o padre me perguntou, se queria casar me com a moça, não falei sim e avisei ao padre, que queria conversar com ele. Ele levou nos dois para a sacristia e perguntou, qual seria o problema. Falei que a menina seria uma escrava e puta e que eu queria ser advogado e não poderia casar-me com uma puta. Aí o coronel entrou furioso, insistindo que eu me casaria com a Rosalina.

Disse: “Você é um homem bom e vai fazer a carreira. Eu fiz essa escrava justamente para você, ela é a sua segunda metade e calha perfeitamente em você.”

Defendi-me: “Ela é uma puta.”

O coronel insistiu: “Não importa o que ela é, mas como ela é. Ela é uma menina boa. Para você sempre saber que ela é uma menina boa dei um sinal a ela, que só você deve conhecer.”

Ele levantou o vestido suntuoso da noiva, mandou-a abrir as pernas, abriu os lábios da bucetinha e mostrou-me um sinal de cruz dentro na buceta. Fiquei atônito e o padre nos levou de volta ao altar e nos casou. Ainda meio estupefato saí com minha esposa da igreja acompanhado pelo canto do coral, e quando saímos do portal, vi um grupo de cavaleiros galopeando ao meu encontro: Meu pai, meu irmão e minha mãe. Como iria explicar-lhes o que fiz? Acordei com um susto enorme. O sonho foi tão nítido que pensei por vários minutos que eu seria casado com Rosalina, mas depois reparei muito aliviado que era só um sonho.

Estava justamente na hora certa, levantei-me e assumi logo as minhas tarefas, mas também minha mãe e as putas se levantaram cedo para

preparar as guloseimas para a noite, juntas com uma mulher contratada e a moleca. Surpreendi-me o fato que todas as putas trabalharam nos preparos, enquanto a índia resolveu a faxina, acompanhada pela negrinha que sacudiu corajosamente o chicote. As quatro putas novas deitaram no chão, dormindo ainda, atreladas e agrilhoadas uma com a outra e com as mãos algemadas e acorrentadas entre elas e com o poste central.

Estranhei com o fato de estarem já uns 15 homens no barzinho. Pensei que fosse por causa da festa, mas foi informado que queriam ver a faxineira nua. Bom, pensei, mais uma fonte de renda, embora bem pequena, porque em vez de comprar cachaça bebiam só café e comeram pão ou outras coisas baratas.

Quando meu pai entrou no barzinho todas as putas se levantaram. Era também algo novo. Já que tivemos agora mais escravas e putas, era muito importante manter sempre uma disciplina rígida, e por isso estabeleceram também, que elas teriam que se levantar, quando seu senhor entrar pela primeira vez.

Fiquei também feliz por ver a moleca dos vizinhos ajudando. Pensei que meu pai lhe

proibiu ficar em nossa propriedade, mas evidentemente a ordem não valeu mais ou não valia, quando minha mãe a chamava. Pisquei um olho para ela. Ela e a negrinha, que teve mais ou menos a mesma idade e exatamente o mesmo tamanho, trabalhavam juntas e gostaram uma da outra, como se viu. Logo a moleca descobriu que era a negrinha que cuidava agora da boneca. Disse: “Sabia, que é minha boneca? A dona Emília a emprestou.”

“Então, agora é nossa boneca.”

“Mas eu quem sou a proprietária.”

“Então eu sou a dona, tá?”

Riram: “Dona Luiza!”

Depois de uma pausa a moleca disse: “E onde a boneca se encontra?”

“No meu quarto.”

“Você tem um quarto só para você?”

“Claro, tenho que ter, sou uma puta.”

“Oh! Será que todas as putas têm um quarto próprio?”

“Aí não sei não. Mas acho muito bom uma puta tiver seu quarto, porque os homens querem ficar a sós com ela.”

“Claro que não.”

“Mas enfiam em você mesmo assim?”

“Sim, uns moleques gostam de enfiar seu dedo.”

“Mas se você não é puta, não tem jeito, só putas recebem. As outras meninas têm que dar de graça.”

“E como se vira puta?”

“Quando seu dono decide que vai ser puta.”

“Que pena, não tenho dono.”

“Mas tem pai. Ou pergunta seu Renato, se ele pode ser também seu dono.”

“E os homens, que enfiam em você, como eles são? São muito bonitos?”

“Alguns sim.”

“Alguns? E os outros?”

“Os outros são cada coisa. Tem homem feio, tem homem torto, tem homem fortudo, tem homem franzino, tem homem bonzinho, tem homem brutal...”

“E todos podem enfiar em seus buraquinhos?”

“Se o dono deixar, sim.”

“E ele deixa?”

Ela sorriu e agradeceu bem charmosa ao meu pai. Meu pai perguntou a ela: “Por que as peças novas ainda deitam no chão?”

Ela fez uma mesura e respondeu com voz adocicada: “Seu filho disse para deixá-las dormir até acordarem para serem fortes para dançarem bem bonito na flagelação, senhor.”

“Ainda não acordaram? Quero putas trabalhadoras. Será que meu filho comprou um saco de bolhas?”

Meu pai foi para elas e bateu contra coxas e canelas com seu pé e elas abriram os olhos cheios de susto: “Que morrinha! Parece que esses animais já são mortos. Levem-nas ao quintal e deem um banho a elas antes de pendurá-las de novo em seus lugares.”

Verônica chamou as putas da casa para ajudarem, mas os homens sentados no bar logo ofereceram sua ajuda como bons cavalheiros, que ajudam a uma moça por gentileza. Só a negrinha e a moleca correram logo ao primeiro chamado, e a negrinha gritou alegre: “Vamos ajudar à Verônica educar as peças novas.”

Os homens sorriram e eu, para me engraçar da menina, falei: “E quem vai supervisionar a índia?”

A pequena mostrou os dentinhos brancos e riu: “Ah, senhor, mas já a eduquei. Ela vai limpar tudo sozinha.”

Não sei como a negrinha arranjou tão rápido um chicote. Ela explicou à moleca: “Quando tens quatro peças, deve bater sempre na bunda daquela que fica mais para trás. Assim se mantém disciplina, sabia?” E ela mostrava orgulhosamente à sua nova amiga a arte de conduzir uma grei de animais.

Fiquei por perto para evitar que acontecesse um imprevisto, mas só observei os. Os homens divertiram-se lavando as quatro putas poluídas e a negrinha e a moleca dançaram ao redor, batendo de vez em quando com o chicote.

Vi que ela quase bateu em um homem e chamei as meninas. Chamei as duas: “E aí, Luiza, está gostando da vida aqui?”

“Estou.”

“Já aprendeu muitas coisas? Já sabe trabalhar tão bem como as mulheres adultas, como Verônica, Anuta e Catarina?”

“Com certeza. Já aprendi.”

“Lembra-se sempre de ajuntar sempre a palavra senhor, quando falar com um senhor.”

“Desculpa, senhor.”

“Vocês são amigas agora?”

A moleca disse “Somos”, e a negrinha respondeu: “Somos, senhor.”

A moleca, evidente, gostou ou achou que seria uma brincadeira e repetiu: “Somos, senhor.”

“Gosta de brincar com nossa negrinha?”

“Gosto, senhor.”

“Se lembra, quando pediu pela primeira vez para brincar com a negrinha? Eu o permiti para você e os moleques, mas só se você me depois fizesse um favor. Está me devendo o favor ainda.”

Ela refletiu e se lembrou: “O senhor está falando de nossa brincadeira, brincar de índia?”

“Pois é. Ainda está devendo. Não vai cumprir a sua parte?”

“Não sei. O senhor há de saber.”

“Estão brincando de índia ainda?”

“Depende. Pode ser que os meninos querem, aí a gente brinca.”

“Se você quer cumprir a sua promessa, tem que me chamar, quando brincam.”

“Sim, senhor.”

não tomei providência, chupou, abriu-se devidamente e respondeu aos meus trancos como se espera de putas boas. Quando depois quis, que ajoelhasse para reanimar meu pau com a boca, obedeceu logo. Claro, que eu sabia, que meninas são falsas e enganam os responsáveis por elas. Iria falar com meu pai para termos um olho nela. A próxima flagelação dela seria daqui a três semanas. Depois seria mais aniquilada e tranquila, mas até lá deveríamos ter um olho nela. Sendo ela bem clara poderia se passar até por uma branca e fugir. Muitas meninas fogem poucos dias antes de uma punição para desviar-se da educação.

Quando descemos ao bar, de mãos dadas, vi meu pai e me lembrei do sono e como saí de mãos dadas da igreja com a outra mulata. Sacudi-me para varrer o pesadelo estranho da minha cabeça, e fui falar com meu pai para ver mais detalhes da festa. A sala encheu de homens, e minha mãe sabia que já no horário do almoço muitos queriam comprar algo para comer. Já que os salgadinhos eram concebidos para a noite mandou preparar um bobó enorme para vender aos visitantes. E alguns homens subiram já agora com uma menina.

Aí entraram dois viajantes estranhos. Um homem gigantesco, com cabelos rubros desgrenhados e rebeldes, crescendo em abundância na cabeça e na barba e saindo até dos ouvidos e das axilas em tufos impressionantes. Era um irlandês, que falou a nossa língua de um jeito muito engraçado e a voz dele tonitruava pelo bar como um trovão. O outro, pequeno e franzino, era um polonês, que também falou com sotaque. Entre si eles usavam uma língua que ninguém entendeu, mas Verônica disse que seria inglês.

Eles falaram que ouviram da festa. Iriam viajar para longe, mas queriam aproveitar para conhecer o nosso espetáculo. Passaram pelas quatro escravas amarradas pelas mãos na viga, apalparam-lhes as tetas e bucetas, como se fosse um cumprimento bem normal para escravas dessa laia, e testaram a firmeza de sua carne. Convidei-os para sentar e ofereci bebida e comida, que eles aceitaram logo. O irlandês mostrou com o dedo na moleca e perguntou: “Quanto custa essa menina?”

Falei que ela só ajudaria à minha mãe e não era alugável. O irlandês disse: “Pergunte-a, pago bem.”

“Ela tem pai. Teria que falar antes com os pais. Não dá.”

O homem, que parecia mais com um urso, resmungou, e depois perguntou: “E a negrinha?”

Já era dia de festa, então para cobrar mais caro: “Três.”

“E para duas horas?”

Reparei que ele tinha dinheiro e falei: “Dez Mil Réis. E o senhor também quer uma menina?”

O polonês respondeu: “Vou querer assistir o açoitamento primeiro. Depois quero uma mulata, sim.”

“A gente está vendendo bilhetes, porque a demanda para depois é muito grande. Pode comprar um bilhete para uma puta de sua escolha. Essas quatro peças vão estrear hoje, também pode comprar bilhetes, mas já tem filas enormes, mas se o senhor tiver dinheiro suficiente, pode comprar um bilhete de preferência. Aí seria um dos primeiros. E duas delas, as no meio, serão açoitadas com 40 chicotadas cada. Quem comprar um bilhete de preferência, poderá estuprá-las ainda gemendo e chorando e com o corpo quente e amolgado pelas chicotadas.

Também é possível candidatar-se para chicotear uma das moças. As chicotadas serão leiloadas, se tiverem interesse, podem fazer suas ofertas."

O polonês fez uma oferta para quatro chicotadas e o irlandês para cinco, e os dois compraram dois bilhetes de preferência, que o polonês pagou. Chamei a negrinha e a apresentei aos dois homens. "Vem cá, bonequinha!" estrondou a voz do irlandês. A negrinha não se mexeu. Virei-me para ela e vi que a coitadinha ficou de boca aberta, embasbacada, diante desse homem monstruoso do norte europeu.

"Cumprimenta nossos visitantes", ordenei e ela como que acordando foi para eles dando a mãozinha pequena dela nas manoplinhas do gigante, que pegou a sua bonequinha e a colocou no seu colo como um brinquedo. Ela sentou amedrontada pedindo por socorro com os olhos e eu sorri encorajador para ela. O irlandês buscou com uma mão pelos peitinhos em baixo de sua blusa, mas só achou um peito liso com dois mamilos modestos. Decepcionado retirou a mão e perguntou com a voz alta dele se a pachachinha da menininha aguentaria um pau de um verdadeiro homem. Sorri e respondi: "Ela é uma negra, e ela é uma puta."

O gigante grunhiu satisfeito, levantou-se, pegou a mãozinha da mocinha e foram para a escada. Pareciam um vovô com uma criancinha pequena. Falei ao outro homem: “Então o senhor fala polonês. Temos aqui uma menina que fala polonês.”

“É mesmo? Onde?”

Chamei a judia e apresentei-a. O homem falou com ela, mas ela não respondeu. Finalmente ele disse para mim: “Ela não entende polonês.”

Não acreditei: “Mas ela é polonesa. Será que existem pessoas na Polônia que não sabem falar polonês? Assim como muitas pessoas aqui não falam português, como os índios?”

“Existem muitos alemães na Polônia. Talvez alguns deles não falassem polonês.”

“Mas se falasse alemão, Verônica conseguiria entendê-la. E falaram que seria polonesa.”

“Talvez ela não queira mais falar polonês. Talvez esconde algo.”

Meu pai esteve por perto e contei-lhe a novidade. Ele falou: “Ela faz de contas que não entende nada. Quando o senhor sai da vila?”

“Amanhã.”

“Então aproveite a presença do senhor para fazê-la falar. Quero saber alguns detalhes. Pode resolvê-lo para mim? Tenho muito a fazer ainda.”

Respondi: “Claro, pai.”

“Faça-o assim que ninguém o percebe. Não quero que as pessoas saibam que ela será torturada. Lembra, dissemos que ela é uma moça fina e nobre e ninguém se atreve a tratá-la mal. Deixa-a subir com o polonês como com um cliente, e você vai antes ou depois. Ainda melhor usar seu quarto, fica mais afastado.”

Sinalizei e falei com ela, que o polonês queria comê-la e falei ao polonês que eu iria para frente para esperá-los em cima. Chegando eles para o meu quarto, falei para a moça tirar a roupa. Igual à índia ensinamos a ela já as palavras mais importantes como “tira a roupa”, “abre as pernas” ou “de quatro”. Ela obedeceu e pedi ao polonês dizer que ela seria punida se não responder, mas ela não reagiu.

Aí amarramo-la na cama. Peguei um tenaz e mordi as mandíbulas dele no grelinho tenro da moça. Ela gritou baixinho, mais de susto, porque ainda não apertei a ferramenta. Pedi ao polonês repetir a ameaça. Quando ela mesmo assim não

falou, apertei o tenaz e puxei o clitóris, aumentando a tortura gradativamente. Aí, de repente, ela falou, mas em português bem rudimentar e uma pronúncia horrível: “Por favor, misericórdia”, e quando não lhe dei alívio tentou: “Nau sou meretriz. Nau sou meretriz.”

“Responde: Qual é seu país?”

“Tariel e Alika.”

Olhei o polonês: “Existe tal país?”

“Sei lá. Nunca ouvi falar.”

“Onde fica o país, puta? Traduze-o, senhor.”

Ele o traduziu, mas ela não respondeu nada que fazia sentido, muito menos falou polonês. Puxei o grelinho mais para fora e insistimos para ela responder às nossas perguntas, mas ela só falava português, e nem sempre inteligível.

“Traduze que ela será açoitada na praça como a índia, se não fala.”

O polonês fê-lo, mas a moça não reagiu.

Bati com as costas da mão em sua barriga e puxei mais forte ainda, fazendo-a contorcer-se gemendo de dores: “Fala, puta suja. Prostituta deve obedecer!”

“Nau sou prostituta. Sou muier séria. Nau sou prostituta. Misericórdia.”

Ela sabia falar um pouco português, até uma palavra difícil como misericórdia. Repeti: “Seu país!”

“Tariel e Alika. Misericórdia. Sou muier boa. Pela misericórdia de Deus.”

Até isso sabia falar! Que puta falsa. Quase arranquei a hastezinha, mas ainda me lembrei a não estragar a mercadoria e pedi ao polonês para segurar o tenaz. Ele o fez com muito prazer, relaxando o puxo e puxando de novo, zombando da moça em polonês e português.

Busquei alfinetes e comecei a perpassar o grelinho com eles, repetindo a pergunta pelo país. O polonês pediu para ele também poder enfiar alfinetes. Mas de repente caiu a ficha e ele perguntou: “Sua mãe?” e ela disse: “Alika.”

“Seu pai?”

“Tariel.”

“Caramba! Ela entendeu pais em vez de país! Falou os nomes de seus pais!”

“Acho que não sabe falar polonês.” Soltei o clitóris, retirei os alfinetes, soltei as amarras dela e ordenei para que parasse de chorar. Tentamos

de várias maneiras perguntar o país, e finalmente ela falou: “Sakartvelo.”

“É um país?”

O polonês deu de ombros.

Mostrei o tenaz. Ela tentou: “Gruzja.”

O polonês conhecia a palavra e gritou: “Geórgia!”

“Geórgia? É um país?”

“Perto do Mar Negro. Bem pequeno. Falam que tem moças bem deliciosas nas montanhas por aí, que os turcos compram, já que são cristãs.”

“Mas essa peça aqui é judia.”

“Judeus se escondem em qualquer parte do mundo.”

“E como se comunica com a puta? Será que tem gente que fala a língua dela aqui?”

“Dificilmente. Mas talvez ela saiba falar turco. O país dela fica submetido pelos turcos. Sei que nas cidades têm turcos.”

“Sei. Só nessa vila ainda não têm. Mas obrigado pela ajuda.”

“Foi um prazer. Foi muito divertido para mim. Pode me chamar sempre.”

Levei a judia de volta para a cozinha, onde a minha mãe a esperava: “Vai, menina, leva as bebidas aos moços!”

Faltaram mãos na cozinha, porque já pelo meio-dia teve muita gente de fora na vila e todos vieram ver e apalpar as putas penduradas, muitos compraram bilhetes, bebidas, comida e alguns alugaram logo uma menina. Mas minha mãe contara com as escravas na cozinha, porque só contratara uma mulher e a moleca de fora. Reclamou com meu pai e até chegou a brigar, para que ele arranjasse mais uma mulher. Meu pai respondeu que teria que cuidar das coisas e dos bilhetes e falou para eu tentar contratar uma mulher. Neste momento um homem chegou gritando: “Vocês não acreditam. Também o coronel Henrique chegou, junto com cinquenta capangas!”

Levei um susto danado. Fui para a porta e já vi capangas entrando em nossa rua e recuei logo para dentro. Subi para o segundo andar. Seria fácil fugir de lá por cima de telhados dos outros, mas por enquanto esperei, porque poderia ser visto na fuga da rua, sobretudo dos capangas no cavalo.

Eles desceram dos cavalos e agora reconheci o coronel. Contei somente vinte capangas e duas moças lindas, e todos menos dois entraram no bar.

O barulho parou, depois começou de novo e pouco depois foi maior do que antes. Perguntei-me como o coronel descobriu que eu fui o responsável pelos três mortos. Provavelmente perdi alguma coisa no lugar e eles a acharam e me identificaram. Ou, quem sabe, teve uma testemunha, quem sabe, até um índio ou até uma índia. Mas uma índia não me conheceria... a não ser, se fosse aquela índia que era minha presa e escrava por uma hora.

Quebrei a cabeça e de repente ouvi homens subir a escada, e pela fresta na porta do quarto, onde me escondi, vi que eram capangas, acompanhados por nossas putas. A janela estava aberta, a porta fechada, assim que batessem na porta sairia pela janela. Os dois homens na rua não prestaram atenção, conversaram entre si e com outras pessoas.

Mas os capangas entraram nos quartos, cada um com uma menina. Será que eles não me procuraram? Talvez o coronel falasse primeiramente com meu pai. Não sabia se seria

mais seguro ficar, pular a janela ou descer ao bar. E ainda a minha mãe esperava a ajuda de uma mulher, sobretudo porque os capangas levaram todas as putas.

Pulei a janela, corri até o próximo telhado e deslizei no chão. Andei sem correr para não chamar atenção pela rua. Dentro de meia hora consegui contratar duas mulheres para minha mãe. Deixei-as entrar antes de mim no barzinho, e depois entrei cauteloso e fui para a cozinha sem ser percebido no bar.

Minha mãe disse: “Demorou, puxa! Ainda bem que trouxe duas. Imagina, chegou o coronel e pagou puta para todos os homens dele. Agora estou aqui só com a dona Leocádia e a moleca. Até a moleca eles levariam, ofereciam até 10 Mil Réis, mas a bobinha não quis, ainda bem, senão faltaria aqui.”

Dona Leocádia riu: “Eles até contratariam a mim, sedentos como eles eram!”

E a moleca protestou: “Até queria, se pudesse ficar com a grana. Mas sei que as putas têm que dá-la ao seu Renato, e também meu pai não deixaria.”

“Ah, mas você não é escrava, né. Então pode ficar com as moedas, só tens que pagar quarto pro seu Renato.”

“Ai, que bom. Mas como já disse, meu pai, acho, que não permitiria. Teria vergonha de perguntá-lo.”

Já que minha mãe não falou nada sobre o coronel, criei coragem e perguntei. Ela disse: “Ele fala com seu pai lá na mesa.”

Aí chegou meu irmão para me chamar a eles. Meu pai apresentou-me ao coronel e disse: “Esse é meu filho que há de ser advogado.”

“Muito bem”, disse o coronel. “E está com vontade de estudar?”

“Com certeza, senhor.”

“Estuda bem, a gente vai precisar de bons advogados aqui. Sabe, que uma paróquia quase sempre tem um juiz de paz. Pena que ainda não fez faculdade. Por isso penso em fazer o seu pai como líder local bem renomado o meu candidato para o juiz de paz. E você vai ser muito importante para ele, sabendo das coisas jurídicas.”

Meu pai disse: “Se eu for o juiz de paz aqui, a gente não precisa ter mais medo de investigações de outros juízes de fora.”

Perguntei: “Medo de que?”

O coronel disse: “Imagine, na Corte a polícia quer fazer valer uma lei antiguíssima romana, que diz, que um dono, que obriga uma escrava a ser prostituta, perde a propriedade e ela será livre.”

Estranhei: “Tal lei existia? Mas sempre pensei, que os prostíbulos romanos eram muito bons, porque as putas eram escravas e tiveram que obedecer em tudo.”

“Geralmente existem muitas leis que ninguém aplica. Mas lá no Rio de Janeiro agora começaram a aplicá-la. E o que começa lá, aos poucos se pode difundir. Por isso quero ajudar ao seu pai. E ele vai ajudar a mim. Nós somos o mesmo partido, concorda?”

“Com certeza”, disse meu pai.

“Seu Renato, preciso de um juiz aqui, que regula as coisas no meu sentido. Tenho muitos escravos e muitas terras e trabalhadores e capangas, e preciso de um respaldo na justiça, senão as coisas aqui não vão prosperar. Conto com o

senhor. Para o senhor saber, que nossos alvos são os mesmos, quero lhe dar duas moças lindas para a sua empresa. Elas vão ficar aqui, a não ser, que o senhor quer abrir uma sucursal em outro lugar, e dividimos o lucro. Aceita?”

“É uma honra ter moças do senhor aqui trabalhando. São escravas?”

“Sim, é claro. O senhor pode educá-las à sua guisa, aos seus costumes. Imagino que o senhor já sabe como tirar o maior lucro de meninas. Por isso deixo à sua conta.”

“Como seria com punições ou se um cliente quer judiá-las?”

“O senhor já vai decidir tudo com sensatez. Sei que para o senhor também não faz sentido, se a beleza delas é prejudicada. Por isso sei, que o senhor já vai saber evitar situações e punições que lhes quebram o nariz ou algo mais ou escorcham a pele. Fica ao critério do senhor. Já sei, que costuma aquecer a venda de suas putas açoitando-as publicamente.”

“Isso é só um efeito colateral. A razão principal é que as meninas se prostram, quando ficam açoitadas nuas e trabalham depois muito melhor e são muito mais submissas. E nos muitos dias, nos quais não são açoitadas, são felizes por

serem poupadas, e assim acabam sendo mais felizes do que putas mimadas por seus responsáveis.”

“Concordo plenamente. Sei que um bom curador de putas as pune, porque pensa no bem delas e quer que virem moças boas e submissas, que tenham sucesso na vida.”

“Isso mesmo.”

“Quer oferecer as duas putas novas logo?”

“Acho que podem estrear na noite e serão inauguradas oficialmente com um açoitamento semana que vem. Por agora podem ajudar na cozinha.”

“Bom, estão com os cavalos lá fora, manda busca-las. Recomendo dar uma lavagem a elas antes de mandá-las na cozinha, porque meus capangas encheram as barrigas delas com muito leitinho.”

Meu pai mandou-me para buscar as duas peças e resolver a coisa. O coronel continuou:

“Só tem uma coisa. O senhor pode até aumentar a capacidade de sua coudelaria para mais éguas tiverem espaço nela, porque já vejo, que com minhas duas potrancas o espaço novamente fica

escasso, mas não quero que o senhor será chamado de dono de puteiro ou até pior.”

“Tenho um bar, só ajudo às meninas terem um trabalho e lhes alugo quartos.”

“Sei, mas o senhor sabe, que o povo fala como quiser. Para excluir qualquer risco, o senhor deveria ter um negócio mais espalhafatoso do que uma mera bodega. Que tal construir um hotel?”

“Um hotel? Mas custa caro.”

“Se o senhor aceita uma parceria, entro com a metade. Coloque mais um andar no barzinho com quartos para meninas e aumente a sua casa para um hotel. Hotel faz falta aqui. Eu, por exemplo, não tenho onde ficar hoje à noite.”

“O senhor é nosso hospede de honra.”

“Estou aqui com vinte e dois capangas. Vou ter que reclamar espaço também em outras casas.”

“Posso falar com alguns amigos e resolvê-lo.”

“Vou pagar a metade do material de construção e mandar vinte trabalhadores e escravos da minha fazenda para construir o hotel quanto antes. Você vai pagar mais uns dez ou vinte artesãos daqui e a outra metade do material. Quando o hotel estiver pronto, podem voltar a

construir a igreja. E os meus homens vão construir uma casa para mim aqui. Será que o senhor pode me organizar um lote aqui?”

“Posso. Pode deixar comigo.”

“Outra coisa: penso em consignar um lote de fardos com um negreiro que levaria escravos diretamente para Recife. Ele iria para a África, compra negros de um rei ou comerciante e vende-os diretamente a nós. O senhor teria condições para participar? Poderíamos pedir ao capitão incentivar ao parceiro africano arranjar um lote que inclui um grande número de meninas jovens ou adolescentes.”

“Bom, atualmente meu dinheiro vai servir para as obras, não posso investir muito em outros negócios, mas seria muito interessante.”

“O senhor já teve a ideia de emprestar dinheiro de garimpeiros, que tiveram sucesso? Poderia oferecer um serviço de banco e assim poderia trabalhar com a grana deles. Quem sabe, tem gente que quer também escravos para si. As pessoas fazem a consignação com 700 Mil Réis, mas se tudo vai bem, um fardo sai por 300 ou 400, e assim como cada escravo, que eles encomendam, o senhor ganha um de graça, que poderia ser uma menina linda.”

“E se eles querem mulheres?”

“A gente oferece só animais para trabalho a eles, não tem meninas. Sabe, se eles têm mulheres, sua empresa vai ter menos demanda. Bom, se depois vêm 50 fêmeas, certamente não vai querer todas, e aí a gente as oferece ao povo a um bom preço.”

“Mas não queria escorchar os homens, que trabalham duro para ganhar a vida.”

“Escorchar? Mas se nós não tomamos a iniciativa, os belenenses e recifenses fazem o negócio. E o senhor sabe, como eles escorcham e defraudam. O senhor está fazendo um favor a seus clientes, porque o senhor é sincero, não lhes impinge fardos doentes, garante uma boa qualidade a bons preços.”

“E o que acontece, se justamente a nau que nós incumbimos, naufraga ou é confiscado pelos ingleses?”

“Bom, um naufrago seria perda total do capital. Não tem negócio sem risco. Se a gente não correr esse risco, teríamos que deixar tudo nas mãos dos comerciantes de Recife e outras capitais, e o lucro vai para eles. E se a nau for confiscada, o capitão vai ter que trazer outra carga para cumprir o contrato. É outra coisa se

ele vai e consegue fazê-lo. A gente precisa de um capitão de confiança ou mandar alguém junto.”

“Como é possível, que os ingleses desapropriam escravos de outras nações sem indenização, e tudo sem declarar guerra!”

“Eles querem dominar a economia do mundo inteiro, e por isso prejudicam os outros sob pretexto de combater crimes. E eles simplesmente declaram a escravidão um crime.”

“Mas aí teriam que guerrear os reis africanos e os comerciantes muçulmanos, que capturam e escravizam as tribos vencidas. A gente só compra negros, que já são escravos.”

“Exatamente. Na verdade, para esses escravos é uma sorte serem comprados por um capitão cristão. Caso contrário seriam vendidos para países muçulmanos, seriam maltratados e jamais iriam ouvir a palavra de Deus da salvação. Ou eles ficariam nas mãos dos reis negros e seriam sacrificados em cerimônias religiosas ou do estado. Ouvi falar que o rei do reino de Oyé sacrificou mais de 200 em uma festa no ano passado.”

“São todos hipócritas, os ingleses. Mas como eles conseguem ser economicamente tão fortes, se eles não usam escravos?”

“Eles têm escravos, mas não os chamam de escravos. Eles exploram a própria população. Os trabalhadores têm jornadas de 18 horas. Muitos trancam famílias inteiras nas fábricas e exploram-nas, dando tão pouca comida, que passam fome mesmo trabalhando sem parar. Um amigo meu viu uma fábrica de tecidos, que fazem todas as roupas maravilhosas que eles vendem também em todo o Brasil. As meninas moram na fábrica, trabalham mais de 18 horas, dormem ao pé das máquinas de urdidura e tecelagem. E as meninas, como pode imaginar são sexualmente abusadas e espancadas. E existem entre os donos de fábricas ricos também judeus. Imagina, um judeu explorando e abusando moças e mocinhas cristãs e brancas desse jeito. Um pecado escandalosíssimo, mas eles o acham normal e apontam o dedo aos outros.

Aí você vê, que elas vivem bem pior do que os nossos escravos. Nossos escravos trabalham talvez dez horas, e têm até dias livres, festinhas e mais. E se falta trabalho ou um operário inglês se fere e mutila ou fica velho demais, o dono da

fábrica manda as pessoas embora até tiver mais trabalho, sem pagar nada. Eles passam fome e as meninas se vendem por terem fome.”

“Verdade? Devem ser boatos?”

“Eles mesmos escrevem, que o nosso sistema de escravidão sai mais caro do que o sistema deles. Quer dizer, que a exploração deles é muito maior do que a nossa. Com tais panfletos querem convencer o nosso governo a abandonar a escravidão, mas na verdade só abrem ao mundo os olhos ao fato, que eles exploram os operários em um sistema desumano. Se eles vissem na minha fazenda os escravos velhos e gastos sentarem em frente de sua própria casinha, circundados por mangueiras e bananeiras, cantando uma cantiga ou fumando um cachimbo, seriam muito surpreendidos. Ou se vissem a minha esposa dar um remédio de graça a um escravo doente. Eles nem dão comida a quem não poder trabalhar. Demitem-nos. Pode voltar quando sarado! Safados! Mentirosos! Se o senhor um dia ouvir de uma puta inglesa, me avise. Eu vou lá e a alugo ou compro para chicoteá-la até o sangue.”

“Puta inglesa é coisa rara aqui, e se tiver, estão em casas finas de prostitutas francesas. Aí não permitem açoitar uma prostitua fina desse jeito.”

“Quem sabe, um dia vou comprar uma, e a levarei para o seu puteiro. Aqui, no interior, temos pelo menos condições para explorar as putas assim como queremos e não como alguns policiais arrivistas ou ingleses dominadores do mundo mandam.”

“Não tenho uma puta inglesa, mas tenho uma puta judia bem branquinha?”

“Judia? Mas é quase a mesma coisa. Tem também judeus que querem escorchar a gente igual aos ingleses. Posso açoitá-la?”

“Na verdade, ela é descendente de uma família muito fina, ligada à última casa real da Polônia. Para os clientes terem a sensação de transar realmente com uma moça fina e delicada, nobre até, não quero humilhá-la por chicotadas e outras coisas humilhantes em público. Mas para o senhor, é claro, faço uma exceção, se queria açoitá-la. É até bom para ela não criar vaidade, porque no fim do fim também só é uma puta. Quem sabe, a gente leva-a para a mata e o senhor a açoita à vontade. Veja, lá ela chega de

cima e já sobe de novo com um de seus capangas.”

O coronel deu um muxoxo com a língua, lambeu os beiços de surpresa: “Que moça linda! Branca como a neve. Parece uma fada. Ótimo. Quero açoitá-la, mesmo se fosse na mata. E posso transar hoje depois do espetáculo para conhecer a moça?”

“Claro, para o senhor se faz uma exceção. Normalmente vendemos bilhetes para todas as nossas putas, porque depois do espetáculo vai ter filas imensas de pessoas excitadas que querem transar.”

“Sistema inteligente. Quantos bilhetes já vendeu?”

“Pela judia só 19, porque ela é nossa puta mais cara. Sai por 11 Mil Réis, incluindo um Mil Réis como dízimo para a construção da igreja. A venda vai acelerar durante a flagelação. Mas os primeiros dez lugares vão ser reservados e leiloados, sairão na ordem do que oferece mais.”

“Mesmo sem ela ser açoitada? Para que alguém há de ser o primeiro? Poderia transar agora ou voltar no outro dia e transar pelo preço normal.”

“É verdade. Mas sempre tem homens, que querem arrotar riqueza, ser o primeiro a qualquer custo, não sabem esperar, sei lá.”

“E qual é a maior oferta?”

“40 Mil Réis.”

“Deve ser um doido. Com esse preço poderia transar com 13 mulatas!”

“Pois é.”

“Seu Renato, sabe quem é tal homem doido, que arrota riqueza, quer ser o primeiro a qualquer custo e não sabe esperar? Eu! Aqui tens 80 Mil Réis, e se alguém paga mais, me avise, que vou topar o preço. Quero que todo mundo aqui saiba, que o coronel Henrique será o primeiro nesta noite.”

Na pausa depois do discurso do coronel, quando meu pai anotou o lance, falei: “Com licença. Sei de alguém que talvez possa ir com um capitão para a África, sendo uma pessoa de confiança absoluta. O administrador da senhora, que ontem dormiu em nossa casa.”

“Chama-o”, mandou o coronel.

“Ele já voltou para a fazenda. Mas a senhora dele até teria interesse também em tais negócios, acho.”

Meu pai alertou: “Mas ele é um negro. Como a gente pode confiar em um escravo negro em uma coisa delicada como trazer escravos?”

O coronel respondeu: “Tem problema não. Escravo não tem cor, tem escravos brancos lá na África também, só aqui as pessoas têm vergonha de terem escravos brancos. Mas acontece, que da barriga de uma mulata sai uma criança branca, que será escrava. Um representante negro é até bom para negociar com os reis africanos. Já ouvi de casos semelhantes: escravos negros ou negros livres, que acompanharam navios negreiros e alguns se tornaram muito ricos. Quem sabe, vou fazer uma visita à senhora. Ela tem mulatas muito gostosas que sempre valem uma visita, e é uma senhora que sabe conversar bem. Quem sabe, fazemos uma parceria com ela também. Precisamos de aliados para vencermos as eleições do juiz de paz.”

Alguém me cutucou. Foi a negrinha. Ela me deu um sinal e eu pedi licença e a segui. Puxou-me para um cantinho sem pessoas, que era difícil para achar, porque o bar fervilhava de gente. Era muito assustada. Perguntei: “Como está passando? Doeu muito? Está sangrando?”

“Foi horrível. Um monstro com cabelos pelo corpo todo, como um macaco.”

“Feriu-se?”

“Não muito. O pau dele nem é tão grande como se pensa. Já não dói mais. Só o peso dele me esmagou, imagina. Mas o problema é: ele alugou duas horas. Já passaram, só que ele dormiu em cima de mim. Tenho medo de fazer algo errado e ser açoitada. Não posso sair do quarto deixando o cliente sozinho, mas também não quero ser preguiçosa, porque sei que seu pai precisa do dinheiro para as meninas novas poderem morar e não ficarem em estábulos igual à índia, e para a igreja possa ser construída.”

“Pois é, se o cliente ficar por mais tempo com a garota, há de pagar adicional. Mas nesse caso, ele dirá que não te usou, só dormiu, e ele deve ser bom para brigar. Então, vou acordá-lo. Puxa, nem tenho tempo para cuidar dessas coisas. Se o coronel tiver escravos velhos e gastos que sentam com cachimbo em frente de suas casas, vou falar com ele para vender um a nós. Poderia ser também uma velhinha; poderia sentar aqui no corredor e organizar o tráfego e controlar o tempo que passou.”

“Obrigada, o senhor é muito gentil, obrigada por me ajudar.”

“Bom, você merece. És uma escrava boa. Dá um beijinho e me faça um favor: Não conta à moleca que doeu com o irlandês. Fala que foi maravilhoso ficar duas horas com ele, muito divertido. Sabe, a moleca deve pensar, que ser puta é algo muito gostoso. Assim ela vai te admirar e querer ser sua amiga sempre. Se você falar mal de sua profissão, ela vai pensar que você faz uma coisa repugnante e vai ter nojo de putas, e assim não pode ser mais a amiga dela. E pior ainda, ela vai pedir a boneca de volta.”

“Obrigada, senhor, obrigada por me ajudar. Vou fazer tudo assim como disse. Com licença.”

Ela já se voltou, mas peguei o braço dela: “Luiza, lembra-se sempre: sou seu amigo e quero o melhor para você. Sei que é uma puta boa.” Dei-lhe um beijo prolongado: “Vamos então acordar seu pretendente.”

O irlandês roncou feliz, atrapalhando um dos carpinteiros que construíam a igreja que estava com Pídia no quarto avizinhado. Acordamo-lo e perguntei: “O senhor dormiu bem? O tempo acabou, precisamos do quarto para os próximos

senhores. Está satisfeito com nossa negrinha Luiza?”

“Ah, bom, é muito boa. Carne nova é outra coisa. Pena que não tivemos negrinhas na Irlanda.”

“Mas ao que saiba tem muitas meninas lindas com cabelos loiros ou rubros que nem o senhor, com pele muito clara e olhos azuis. Devem ser lindas!”

“É verdade, mas geralmente é proibido transar com meninas tão novas. Não sou um perverso maldito que gosta de arrombar crianças. É pecado até! Como só pode pensar em coisas tão horríveis?”

“Desculpa, mas o senhor não disse que gostou da Luiza justamente porque ela é tão novinha?”

“Mas ela é uma negra.”

Engasguei, não sabia o que dizer a essa lógica superior. Despedi-me do irlandês e disse para Luiza: “Despede-se de seu benfeitor. E agora corra, tem muitos homens te esperando lá em baixo.”

Realmente, as nossas meninas fizerem muito sucesso nesta tarde. Os capangas, acostumados

só com as negrinhas e mulatas do coronel adoravam a Verônica e a judia, e as duas ganharam bem e receberam ainda gorjetas gordas. Depois de um dia, geralmente na outra manhã, cada puta vai ao meu pai ou irmão, ajoelha-se e diz: “Senhor, quero lhe entregar as gorjetas, que ganhei para o senhor.”

E meu pai sempre conta o dinheiro e responde: “Você é uma puta boa. Por isso pode ficar com a metade das gorjetas.”

Ele sempre devolve a metade em vez de anotar a soma em seu livro e ficar com tudo. Assim as putas podem pagar por pequenas despesas, por exemplo, se compram algo de um caixeiro-viajante. Ao outro lado seria mais fácil controlá-las, se devolvessem tudo. Aí elas não teriam moedas em seus quartos e se a gente achasse moedas escondidas saberia logo que ela burlasse a gente.

Mas meu pai disse sempre, que se a gente ficasse com tudo, a puta não veria dinheiro e acabaria desanimando. Ela deve sentir-se rica, podendo olhar e cheirar seu dinheiro e não ter só uma conta em um livro que é ainda por cima uma conta de dívidas. O fato, que o sistema facilita fraudes, ele vê como vantagem: “Se o

sistema fosse seguro, puta nenhuma cometeria fraudes, e assim a gente também não poderia punir e multá-las.”

A judia, nesta tarde, recebeu muitas gorjetas, e a tentação foi grande de tirar uma parte e ajuntá-la a suas moedas antes de entregar o resto ao meu pai. Mas ela até agora sempre resistiu à comichão. Mas cada vez se perguntou mais, se não poderia desviar uma parte, já que seria impossível para alguém reparar nisso, já que ninguém sabia quantas gorjetas ela recebeu em cada dia.

Voltei para meu pai para perguntar, se precisassem ainda de mim, e neste momento Raimundo entrou com dois amigos muito bravo. Ele disse, que depois de eu ter feito uma coisa com a índia dele, ela ficou muito languida e mole, e hoje pela manhã era morta. Acusou-me de ter feito um mal ou dado alguma coisa a ela, talvez um veneno.

Falei que seria um absurdo e que ele mesmo deve ter causado a morte da coitada, porque torturava-a sem parar. Meu pai se exaltou e

gritou: “Quer dizer, que meu filho é um assassino? Quer?”

Raimundo olhou meu pai com frieza e disse: “Sei muito bem, que o senhor não quis que eu tenha uma índia para que eu e meus amigos possamos divertir-nos em casa. Quer que teremos que pagar por usar suas putas. Só pensa na vantagem sua.”

“Seu desgraçado. Fui eu quem te deixei transar muitas vezes de graça, te dei bons trabalhos. Ingrato. Sua índia já foi todo acabada pelos maus-tratos sem medida. Se muito valeu ainda um vintém. Aqui, leva esse vintém e agora deixa a gente em paz, ingrato.”

“Ingrato o senhor. Sabe muito bem que foi eu quem sempre resolvia as coisas, mas seu filho inútil sempre só atrapalha e me esnoba.”

“Inútil?” bradei e fiz dois passos em direção de Raimundo, mas ele gritou “Assassino” e me empurrou com força da raiva contra a mesa que caí com a mesa por cima de meu pai. O coronel sentou ao outro lado da mesa e assim a mesa não caiu contra ele, mas bateu contra sua perna e sua bebida e seu prato de bobó caíram no chão. Ele logo puxou a arma e Raimundo recuou assustado. Os capangas logo acercaram o

ferreiro e os dois amigos, olhando para o coronel, e quando este fez de sim com a cabeça eles deram uma boa surra neles.”

Já tive medo de eles o matarem por minha causa, mas meu pai levantou-se, chamou os capangas à ordem, como se ele fosse o subchefe do coronel, e salvou o Raimundo. Ele e os amigos saíram sem dizer mais nada.

“Deveria ter sido melhor matá-los. Homens mortos são bem melhores do que inimigos. Agora, na eleição, vão votar contra a gente.”

“Precisamos dele para as obras. E com as obras bem pagas comprá-lo-ei de volta para nós. Afinal de contas ele sabe que fui eu quem lhe salvou a vida.”

Foi uma tarde cheia de trabalhos para todos, mas finalmente chegamos ao auge da festa e fomos para a praça. Já que demoraria até todos se reunissem, Analia, Joana e as duas peças que o coronel nos trouxe tiveram que dançar nuas no palco, enquanto o músico tocou. Quando meu pai e o coronel subiram no estrado foram cumprimentados por ovações. Meu pai subiu com Verônica no braço e o coronel com a judia. Ficavam acompanhadas por nossas putas para o

povo poder ver e contemplar a beleza delas, e meu irmão teve muito trabalho de vender bilhetes para todas as nossas meninas. Estima-se, que teve mais de mil pessoas na festa, inclusive pessoal do coronel Aloísio, que não é muito amigo do coronel Henrique, mas não foram registradas pancadarias entre os capangas dos dois manda-chuvas.

Subiu mais um homem ao palco, que foi cumprimentado pelo coronel e apresentado ao meu pai como padre Alonso, um padre que viajava pelas regiões, que ninguém sabia de onde veio, mas que seria sempre muito bem-vindo nas fazendas, já que ele prega aos escravos virtudes como submissão, obediência e para serem trabalhadores e contentes com sua vida e seu estado. Ele também ficou no palco.

O músico, nem sei como, arranjou uma surpresa para meu pai. Quando a Amélia já ficou nua no palco, com as mãos e pés presos pelas cordas, ele começou a tocar uma música, que o coronel gosta e a mulher cantou-a com uma voz afinada e doce. Todos gostaram muito, mas para surpresa de meu pai o coronel ficou muito comovido e parecia que reteve as lágrimas à força. Com certeza foi uma música que o lembrou de algo importante na vida dele. Meu

pai não quis pisar na intimidade do coronel e não disse nada, mas viu como o coronel agradeceu ao músico e deu logo 5 Mil Réis a ele.

Depois subiu ao palco, beijou a escrava e agradeceu como um bom cavalheiro galante a uma moça livre. Aí Amélia começou a falar: “Senhor Henrique, sou Amélia, filha de seu Emanuel, seu padrinho falecido. Ele me tratou como uma filha, mas a filha dele, sendo ela minha senhora, na ausência de seu marido me vendeu para eu ser prostituta. Disse para mim que seria um trabalho em casa, e agora me forçarão a ser prostituta e me açoitarão. Pelo amor de Deus e por seu padrinho, me ajude.”

“Amélia, és mesma a Amélia! Puxa, que destino. Lamento muito. Claro que faria qualquer coisa por meu padrinho, porque ele foi um homem muito bom, que me fez conhecer e amar a natureza e me mostrou muitas coisas importantes. Vivia com ele quando minha mãe estava a morrer. Lembro-me de ti, brincamos sempre com o cachorrinho, lembra? Ah, que felicidade, a da juventude!”

“O senhor me ajuda?”

“Amélia, lamento muito, que sua senhora te vendeu, acho errado. Mas não quero julgar

outros, não conheço os motivos dela, quem julga sobre nossos atos é Deus, que conhece os motivos, porque conhece o coração de cada um de nós. Sendo afilhado de seu pai, posso atuar no seu sentido e fazer o que ele faria, se fosse vivo ainda. Mas ele, como certeza, sabendo que você é agora uma puta, vendo-te nua em frente a mil pessoas, prestes a ser estuprada por mais de cem pessoas, que já compraram os bilhetes, te enjeitaria e repudiaria.

Uma menina, que vira puta, não pode mais contar com a ajuda de seus pais. Gosto de você, mas peço que você nunca mais mencione que meu padrinho seria seu pai. Você é agora uma puta. É seu destino. Faça o melhor dele obedecendo sempre ao seu dono e trabalhando bem, fazendo o rico. Não vou manchar a boa reputação de meu padrinho liberando uma puta do chicote, que espalha a notícia que seria a filha dele. Desde ontem não é mais filha dele. Se eu ouvir que você outra vez diz a alguém que seria a filha dele, te açoitarei pessoalmente, entendeu."

Ela chorou. O coronel pegou os peitos cheios dela e os sopesou em suas mãos: "Amélia, não desanime. Olha suas tetas magníficas que tens. Com tal dote até na sua idade ainda pode ser

uma puta boa e agradar ao seu senhor e ter muitos clientes.”

Alguns capangas do coronel Henrique compraram chicotadas, e para não ficar para trás, os capangas do coronel Aloísio também compraram, aumentando os preços, e nós ganhamos bem melhor com elas do que em outras ocasiões. Os capangas sabem mexer com chicote muito melhor do que o pessoal da vila, e já depois de umas vinte chicotadas Amélia começou a sangrar. Chorou sem parar, e seus peitos úberes sacudiam e tremiam com a chicotada e seus movimentos desesperados para escapar da tira mordaz que queimava e cortava sua pele.

Meu pai certamente não gostou, mas sendo um homem cortês elogiou: “Seus capangas são bem treinados.”

“Eles têm sede de menina. Sempre têm.”

“Na fazenda, eles não têm acesso às negras?”

“Claro que tem. Até é bem-vindo eles engravidarem as minhas negras, prefiro elas parirem mulatos. Não gosto se elas dão para os negros.”

“Mas mulher para os negros ajuda para tranquilizá-los. Aí correm atrás das bundas negras e esquecem a sua rebelião.”

“Meus negros hão de correr atrás de bundas de índias. Ganhei uma penca, como certamente sabe, mas assim acabou minha amizade com o Aloísio.”

“Na verdade, não sabia como se desentenderam.”

“Foi por causa dos índios na Vargem Alta. A gente queria repeli-los e aumentar as nossas duas fazendas, já que nós dois tivemos fronteiras com as selvagens. Combinamos uma cilada para os homens deles, e eu os contratei para uma expedição. Levei cem índios para guerrear contra outra tribo. Capturamos 12 escravas, que mandei logo com quatro capangas à minha fazenda. Depois fiz paz com a outra tribo e eles tomaram todos os meus índios contratados de reféns, fazendo deles escravos. Voltei com meus capangas, tinha perdido só quatro homens nas lutas. Assim a tribo ficou sem seus guerreiros perigosos.

Como combinado o Aloísio, neste meio tempo, conquistou a taba deles, matou os velhos e levou todas as pessoas que têm utilidade, então

geralmente as mulheres e meninas, por piedade também alguns meninos pequenos. Visitei-o depois para dividirmos os fardos, e ele disse que capturou 40 mulheres, 32 meninas e 15 meninos, passando a metade a mim. Já estranhei o número, porque como 100 guerreiros só podem ter 50 mulheres? Depois de indagar as selvagens descobri que o Aloísio me enganara. Deve ter capturado bem mais mulheres.

Ainda bem, que ele não sabia das 12 mulheres que capturei, senão ainda por cima iria reivindicar a sua parte delas. Tenho 300 escravos machos. Eles moram em casebres, sempre cinco homens com uma índia. Durante o dia todos são escravos iguais, mas depois do trabalho, em casa, meus negros têm uma mulher, um tipo de esposa e escrava, embora dividida com cinco homens. Assim eles tem uma mulher para descartar suas mágoas, aborrecimentos e raiva em vez de bolarem vingança contra mim e os capatazes e capangas. As índias vivem como escravas de famílias pobres, que às vezes têm filhos adultos em casa, talvez ainda avós ou um tio, mas só uma escrava, e todos mandam nela, todos querem a punir e todos transam com ela. Não é o ideal, mas serve.”

“Então recebeu 20 mulheres do Aloísio? Mais as 12 capturadas. Mas como dá para 300 negros, mesmo dando só uma fêmea a cinco machos?”

“Bom, deu para 160 negros. Alguns dos outros vivem com negras velhas do mesmo jeito, sempre cinco com uma. Também distribuí as meninas mais novas. Menina índia já pode transar com 9 anos. Não tem peitinho, mas negro cai por cima de tudo que tem racha. Até tentei dar índias de 8 anos para cuidar de casas. Elas ficariam só para limpar e cozinhar e amenizar a atmosfera, mas apesar de que o proibira, eles descabaçaram as meninas dentro de uma semana, mesmo que açoitei um ou dois caras por esse crime.

Somando tudo, quase todos os negros na minha fazenda têm como descarregar seus ovos. Sei que negro com saco cheio não obedece bem. Acho que neste sentido eles são iguais a nós seres humanos. Mas os jovens sempre têm que esperar até tiver uma vaga em uma casa com mulher, e eles sabem que atos de rebeldia e desobediência vão prolongar o tempo de espera. É também um incentivo para se comportarem. Padre Alonso, o que o senhor acha? Fiz certo? Claro que não é o ideal, mas serve para negros. O que Vossa Reverência pensa?”

“Olha, para os negros serve qualquer coisa. A gente não sabe, se Deus as vê como animais ou seres humanos, no segundo caso dever-lhes-ia dar mais mulheres, mas já que não as tem.... Mas a igreja acha errado escravizar os índios.”

“Mas eu não escravizo índios. A outra tribo foi que os escravizou.”

“Mas o senhor escraviza as mulheres e meninas índias.”

“Na verdade, pegamos as mulheres, que já estavam sem seus homens. Sozinhas na selvagem seriam vítimas de outras tribos ou seriam estupradas por capangas, mateiros, seringueiros e outros, e eles matariam a elas e a sua prole. Na minha fazenda vivem protegidas. É o melhor para elas, nem falando que na minha fazenda Vossa Reverência tem a chance de anunciar-lhes muito mais fácil a palavra de Deus.”

De repente meu irmão mandou um menino para meu pai chamando-o à mesa da venda. Cochicharam e meu pai voltou e disse para o coronel Henrique: “Caramba, um capanga do coronel Aloísio ofereceu em nome do coronel 120 Mil Réis para a judia. Agora ele seria o primeiro.”

“E seu filho aceitou?”

“Como ele poderia recusar-se? Aí seria claro que seria uma marmelada. Só fez o favor de avisá-lo ao senhor.”

“Bom, tem razão. Pago 150. Claro que não quero menina usada, muito menos usada antes pelo velho cagão.”

Quando trouxe bebidas para meu pai e o coronel, a Rosalina já recebeu suas primeiras chicotadas. Aí aconteceu algo inexplicável. Uma de suas mãos saiu da corda e de repente ficou livre. Era tão estranho porque usamos uma punhadeira de couro, que é bem apertada ao pulso, e ela também soltou. Quando a mão saiu da corda, a menina caiu pelo lado. Logo o coronel pessoalmente subiu para o palco para ajudar a uma menina caída como qualquer cavalheiro faria. Meu pai pediu a mim: “Vá lá ajudar o coronel.”

Pulei no palco e peguei a mão para fixar a punhadeira de novo. Nisso fiquei à queima-roupa da menina e ela me direcionou a palavra: “Senhor, sabe que me fez a sua esposa, e mesmo só podendo ser sua concubina sempre serei fiel e te amo muito. Vou sofrer esse castigo só pensando em você, vou sofrer tudo isso para

você e com você. Te amo muito, quero viver com você.”

Não liguei a essa conversa, sendo ela uma tentativa ridícula de escapar das chicotadas. Aí a Amélia foi bem mais criativa, pensei. Fixei a punhadeira, apertei as fivelas bem e coloquei a corda, que em seguida foi retesada por pessoas no pé do poste, porque a corda corria até o alto de um dos dois postes, e de lá através de uma rodinha canelada para baixo para que a gente poder içar os braços da menina como uma vela ou uma bandeira em um mastro. Quando seu corpo se esticou, o coronel bateu-lhe a bunda e apalpou a barriguinha: “Caramba, que material de primeira classe!”

O coronel se ajoelhou para investigar também os grilhões ao redor dos tornozelos. Apalpou as canelas e coxas e disse para mim: “É um material muito bom. Certamente já transou com ela, deve ser um sonho. Olha só, que lábios arredondados e bonitinhos. E que bucetinha, mistura de cor de rosa e cor de nácar. Uma menina aristocrática negra!”

Durante seus comentários abrira a bucetinha para admirar o interior realmente fascinante, e neste momento me foi como se ela tivesse uma

cruz dentro de sua bucetinha, uma marca formada por rugas ou pequenas pintas. Por um momento vi-a claramente, mas quando me acheguei para enxergar ainda melhor, o coronel retirou a mão e a bucetinha se fechou.

Fiquei estarrecido, lembrando-me vivamente de meu sonho. Certamente nem me mexeria, mas o coronel me deu um abraço paternal, agradecendo e dizendo: “A vida é muito boa. Deus é muito bom que fez meninas desse quilate, né?”

Fomos para baixo, para o palco menor. Fiquei como atordoado e só acordei quando o coronel me deu seu copo vazio. As chicotadas recomeçaram, e me fui como se cada chicotada cortasse minha carne e como se os gritos de Rosalina fossem também os meus. Os capangas do coronel deram de dez a zero aos homens do vilarejo na questão de força e exatidão com o chicote, já que viviam em um lugar onde tinham a fornecer chicotadas a centenas, quem sabe mais de mil, escravos para manter um ritmo acelerado no trabalho e para punir e amedrontar os pretos. Não aguentei ver nem ouvir o ruído sinistro e corri com o copo para o bar, encontrei a moleca e ordenei: “Traga bebidas para o coronel e o pessoal no palco.”

Peguei outras bebidas e fui vendê-las na rua, afastando-me ao máximo do palco e dos estalos terríveis.

O coronel tentou conversar com a judia, já que ela aprendeu algumas palavras no barzinho e outras lendo a Bíblia. Mas não deu para conversar direitinho. O padre teve uma Bíblia consigo e a judia a abriu e leu o salmo 22 na Bíblia dele, que, por sinal, em nossa Bíblia é o salmo 23: “O senhor é meu pastor, nada me faltará.”

Leu sempre um verso e depois o padre ou o coronel melhoravam a pronúncia. Quando ela leu “a tua vara e o teu cajado me consolam”, o coronel estranhou: “Quem está falando? Uma escrava? Uma escrava que gosta da vara de seu senhor, de levar bastonada?”

O padre explicou que seria o cajado de um pastor de ovelhas, que serve para afugentar os lobos das ovelhas. Nós somos como ovelhas em relação a Deus, e ele nos protege.” Nesse momento apareceu o polonês no palco e trouxe um homem de pinta oriental: “Vejam, o que descobri: Tem o turco aqui, caixeiro-viajante, novo nesta região.”

Meu pai reagiu logo: “Turco? Sabe falar turco? Veja se sabe falar com essa moça.”

O turco cumprimentou a judia com reverência pensando que fosse concubina do coronel. E realmente, os dois conseguiram entender-se. Assim o caixeiro-viajante foi convidado para subir no palco para ser tradutor para o casal temporário formado pelo coronel e a judia.

Às perguntas ela respondeu que seria do país Geórgia, como já soubemos, que seria um país lindo banhado pelo mar negro e abençoado com paisagens maravilhosas e muitas montanhas. É um dos primeiros países cristãos do mundo, e a população continua cristã apesar dos vizinhos muçulmanos que sempre tentam erradicar o cristianismo. Mas ela mesma e a família dela seriam judeus.

As montanhas nas margens do país serviriam para o povo como reduto, já que todas as vezes os vizinhos assaltavam o país, escravizando a população.

O coronel perguntou: “Quem são esses vizinhos? Os turcos, quer dizer, o Império Otomano?”

Catarina respondeu: “Já os velhos romanos saquearam nosso pais, depois persas, bizantinos

e sobretudo os turcos. E todos queriam as meninas e moças.”

“É verdade?” perguntou o coronel ao turco.

“Claro, as moças lá são muito lindas. As montanhas fazem que tem pernas bonitas, e a pele delas, pelo ar puro, é muito branca, sem manchas, lisa e cheirosa. Sempre as georgianas foram escravas muito apreciadas. Seus peitos são macios e as bucetinhas como o iogurte das estepes asiáticas.”

“Então já transou com escravas georgianas em seu país?”

“Infelizmente não tive esse privilégio. Mas tem muitas poesias cantando a formosura e os atrativos delas. Também meu avô participou da guerra, em que a Rússia conquistou a Geórgia, roubando as terras do Império Otomano. Antes de sair da Geórgia as nossas tropas levaram muitas meninas. Meu avô teve quatro escravas lindas, mas com o tempo ele vendeu-as todas. E ele contou muito dos estupros e como as meninas georgianas são macias e gostosas. O senhor é de parabéns por possuir uma georgiana.”

“Mas, a Geórgia sempre foi submetida pelos outros? Como, apesar das montanhas, conseguiu

sobreviver até hoje, quando até reinos enormes como o Império Romano ou o Império Bizantino ou o Império Assírio ou a Babilônia desapareceram.?"

Catarina explicou e o turco traduziu: "Ah, teve também épocas de consolidação. Na época medieval tivemos uma rainha famosa chamada Tamar. Era muito bonita e corajosa. Poderia casar-se com um príncipe bizantino, mas os pais escolheram-lhe um príncipe russo. Ele bebeu, estuprou mocinhas e gastou muito dinheiro, aí ela o mandou embora. Ele voltou com um exército poderoso, mas a rainha o venceu. Aí o famoso imperador da Europa, Frederico Barbarossa, que governava a Alemanha, a Itália e outros países, lhe ofereceu um filho príncipe imperial para casar. Mas ela de novo não aceitou e casou-se com um príncipe de uma tribo perto da Geórgia."

"Nossa, que mulher corajosa. Para uma puta é perigoso conhecer tais histórias. A gente deve contar histórias com mulheres submissas e servidoras, que só pensam no bem-estar de seus machos."

"Desculpa, senhor, se a história não agradou, mas o senhor me perguntou."

O coronel tranquilizou a moça enfiando uma mão na blusa dela acariciando-lhe os peitos e mamilos. Falou ao padre: “O senhor sempre conta parábolas tão boas que explicam aos escravos porque a submissão é tão importante. Quem sabe, ensina tais histórias também às putas aqui. Vai ler uma missa amanhã?”

“Seria uma honra, lamento que não estive aqui hoje para ler uma missa neste dia festivo.”

O coronel perguntou a judia: “E como você sabia ler a Bíblia, querida?” O turco traduziu, e depois veio a resposta, que foi traduzida igualmente:

“A dificuldade era a escrita, já que temos letras diferentes, e os russos, que agora mandam em meu país, também têm letras diferentes. Mas percebi, que vocês têm poucas letras e aprendi-os lendo os nomes das meninas no livro de contabilidade de seu Renato. Depois tentei decifrar os trechos na Bíblia que conheço. Muitos dos livros do Antigo Testamento nós judeus usamos também.”

“Bom, está gostando da festa? A menina açoitada realmente é muito bonita, mas já vi tantos açoitamentos em minha fazenda e alhures,

que já acho aborrecível. Já não me excita mais. O que você acha?”

Ela respondeu e o turco traduziu: “Ela também não gosta de assistir a açoitamentos.”

O coronel enfiou uma mão no cós da saia da judia e disse: “Daqui a pouco já vou beber seu iogurte, querida. Vai me dar seu iogurte gostoso?”

O turco sorriu quando ouviu e traduziu a pergunta e o coronel enfiou a mão um pouco mais. Como puta bem-educada ela o ajudou encolhendo a barriga de leve, sem ele perceber, e com contentamento ele sentiu um tufo de pentelhinhos com as pontas dos dedos.

Logo no outro dia as obras na igreja foram temporariamente interrompidas e todos os artesãos foram levados para a nossa casa para começar com as construções. Um capanga já estava no caminho para a fazenda do coronel para trazer mais artesãos e ajudantes. Era uma algazarra incrível, porque pela venda dos bilhetes as nossas putas tiveram que trabalhar a noite sem parar, e ainda teve filas, e muitos homens sentaram no bar ou no quintal, atrapalhando os obreiros.

Os artesãos e ajudantes recebiam comida de graça e dependendo da qualificação um desconto para nossas putas. Dessa maneira, eles eram ansiosos para aproveitar seu desconto e alugavam as nossas meninas quantas vezes puderem e assim recebemos quase todo o dinheiro pago a eles de volta.

Quando os homens da fazenda do coronel chegaram, que foram pagos por ele, oferecemos a eles um desconto de 20%. Dissemos que seria para eles trabalharem com mais vontade, mas na verdade queríamos que eles também alugassem muitas putas para aproveitar o desconto, e assim recebemos também o dinheiro deles. Em vez de perder dinheiro com as obras, pela esperteza de meu pai ganhamos dinheiro.

À tarde meu pai chamou Verônica. Ela estava exausta por ter atendido após os açoitamentos aos cem homens que compraram os bilhetes, e já antes dos açoitamentos tivera muitos clientes. Mas já que ela sonhava em comprar a sua liberdade, ficou feliz com a renda gorda. Escondeu seu plano de nós, para a gente não inventar uma multa ou outro jeito para tirar o dinheiro dela, mas imaginamos muito bem, o que ela queria. Só não sabíamos, de quanto dinheiro seu namorado, o magarefe Stefano,

dispôs, e se ele iria ajudar com seu dinheiro. Poderia acontecer, no pior caso, que Verônica apresentasse todo o dinheiro de vez, antes de a gente inventar uma multa ou outro jeito para tirar o dinheiro dela.

Tem pessoas, que confiscam o dinheiro de uma puta ou escrava sem razão e não fornecem a alforria. Nas cidades maiores acontece que escravos ou putas assim enganados recorrem à justiça e, às vezes, ganham a liberdade na justiça. Aqui no interior certamente esse perigo não existe, porque quem manda são homens como coronel Henrique ou até meu pai. Mas como já expliquei meu pai não gosta de procedimento ilegal e não queria confiscar dinheiro de ninguém sem tiver uma razão para puni-lo ou de exigir uma indenização. Se a gente queria tirar o dinheiro da puta à força, aqui no interior não teria juiz que agiria contra a gente, mas Verônica tem um namorado que iria lutar a favor dela. No último caso a gente teria que pedir ao coronel para matar o Stefano. Mas nossa família é uma família boa que respeita a lei, a moral e os mandamentos da igreja, e jamais queremos fazer tais coisas.

Sobraram duas alternativas. Uma seria vender a Verônica. Um processo de venda sempre

aumenta as dívidas de uma puta porque o novo dono adiciona o preço da aquisição da carne nova à dívida. E ele pode cobrar uma taxa para o transporte, documentos e treinamento, já que ele vai ter que ensinar a puta assim como ele quer, incluindo estupros por seus amigos e chicotadas, segundo o costume dele, e por tudo isso a puta tem que pagar para as dívidas dela crescerem. Em parte, os cafetões exageram muito e cobram coisas absurdas como um pagamento para os estupradores, que a puta estuprada há de pagar, mas é o problema deles. A gente acha-o errado, mas não temos como intrometer-nos nos negócios dos outros. A gente receberia um bom dinheiro, se vender a Verônica, que daria para comprar três mulatas. Mas a gente já tem mulatas, e arranjar outra europeia seria aqui e mesmo em Recife uma coisa difícil.

Por isso meu pai favoreceu a outra opção. Ele se sentou com Verônica, meu irmão e comigo na mesa e ofereceu à moça uma parceria. Contou-lhe que a gente abriria com ajuda do coronel mais um barzinho com meninas lindas em Vargem Alta, um vilarejo há 30 ou 40 quilômetros daqui. Ela seria a mulher responsável neste estabelecimento novo, receberia uma parte do que as outras putas

ganhariam e teria o dever e o direito de ensinar, educar e punir as outras putas. Além disso, se tivesse condições de aliciar uma puta como já combinaram a respeito da moleca, receberia uma taxa a mais, um porcentual em tudo, que a menina ganharia.

Verônica agradeceu muito e aceitou a oferta, mas eu observei seus olhos e tive a impressão de que ela não era emocionada pela confiança de seu chefe, mas com certa frieza. Calculei para mim o seguinte: Como ela se comportaria, se preferisse sair do meretrício e viver só com Stefano? Se fosse esperta, e ela não é boba, esconderia seus pensamentos para não correr risco de meu pai puxar pela primeira opção e a vender. Iria cooperar e ganhar cada vez mais, e um dia ela poderia entregar o dinheiro todo para pagar a dívida e seria livre. E com a nova responsabilidade ganharia o dinheiro suficiente em pouco tempo.

Seria também possível que ela quisesse ficar ainda por um ou mais anos para construir uma fortuna. Seria até possível falar com Stefano sobre essa possibilidade, quem sabe incluí-lo na parceria. Aí ele iria garantir como marido e responsável por sua esposa pela fidelidade de Verônica. Um caminho possível, mas incerto,

que depende da cooperação de outros e obrigaria a nós pagar a Verônica bem. E como se sabe, quanto mais alguém ganha, tanto mais cobiça e exigências crescem em seu coração.

Cheguei a saber somente nesse momento do fato, que a Verônica quis aliciar a moleca para virar puta. Se ela o conseguisse, receberia uma parte do lucro, o que diminuiria o nosso lucro. Eu mesmo já tinha feito planos para atrair a moleca, agora Verônica estava fazendo meu trabalho desnecessário. Se eu queria evitar, que a gente teria que conceder a Verônica uma parte do que ganharíamos com a moleca, teria que ser rápido.

Todo o dia teve um corre-corre em nosso bar, e todas as putas estavam lotadas. A maioria delas precisava mais ou menos até as horas da manhã para atender a todos, que estavam com bilhetes. Mas mesmo depois tiveram ainda mais clientes do que em outros dias, porque a vila continuava cheia de pessoas, que dormiram em casa de amigos ou parentes. Ainda bem, que pelo menos a moleca estava aqui para ajudar a minha mãe. Quis falar com ela, mas não tive nem um momento em que poderia aproveitá-la sozinha.

Rosalina foi a puta que teve de longe o maior sucesso na venda de bilhetes, já que ela é muito bonita e também porque foi açoitada o que esquenta os ânimos dos homens e fá-la ainda mais desejável e gostosa. As chicotadas renderam mais de 200 Mil Réis, e o primeiro, que transou com ela, pagou pelo direito a soma absurda de 82 Mil Réis! Só os primeiros quinze, cujos lugares foram concedidos segundo a altura de seus pagamentos, somaram mais de 300 Mil Réis. Em tudo foram vendidas 218 bilhetes para Rosalina, e os 203 bilhetes comuns a três Mil Réis adicionaram-se a mais de 600 Mil Réis. Em tudo mais de um conto, em um só dia! Uma maravilha. Paguei 3 contos e 400 Mil por quatro escravas, mas já recebi a pequena Joana de presente, e também a Amélia foi de lambujem.

A parte dos gastos que caiu em Rosalina não foi definida, mas deve ficar ao máximo por dois contos. E no primeiro dia ganhamos logo um conto com ela. Começou muito bom.

À noite teria uma missa, e meu irmão perguntou ao padre, se não teria confissão. O padre pareceu meio surpreendido, mas disse: “Bom, podemos fazer, mas onde?”

“Na última ocasião foi na venda. Vamos falar com o vendeiro, se ele concede a despensa de novo.”

“Vê-lo para mim”, o padre respondeu.

Me irmão foi resolver a coisa, depois mandou um moleque anunciar a possibilidade de se confessar na vila. O padre, no entanto, estava comendo, e quando a judia era livre, comeu-a de sobremesa, usando o direito concedido por meu pai também a ele de poder usar uma puta de graça. Chegou muito tarde para a venda e teve pouco tempo para cada um, e apesar da pressa a missa começou com muito atraso.

Mas ele sabia falar muito bem e contou de suas viagens e como ele converteu milhares de índios e negros ao cristianismo. Teve mais de 300 participantes, e além de nossas putas, que estavam todas na praça para ouvirem a missa, inclusive a judia, teve mais algumas putas de outros barzinhos, em tudo uma penca de vinte moças e mocinhas lindas, que ficavam perto do altar dando um bom exemplo aos outros ouvindo a missa com muita atenção. O padre pediu também ofertas para ele poder continuar nesse trabalho. No final de sua predica ele contou também uma parábola para as putas: “Eram uma

vez duas irmãs bonitas, duas mulatas chamadas de Larissa e Lourinha. Um dia uma delas foi tirar água do poço, perdeu o equilíbrio e caiu lá dentro. Mergulhou na água, foi puxada por uma corrente ou um sorvedouro, e quando chegou à superfície viu-se em um riacho bonito. Viu na beira uma casa linda e refugiou-se para ela.

Na casa morava a Tia Piumeta com suas sete filhas bonitas. Passaram muitos viajantes nesse lugar, e muitos homens chegaram de longe e estavam já há muitos dias sem cama boa, sem comida caseira e sem mulheres. As filhas da tia Piumeta se apiedaram deles, ofereceram camas, comida, carinho e se deitaram com eles, e os viajantes gratos pagaram a tia com dinheiro, e ela podia manter a casa e cuidar das filhas.

A tia Piumeta ofereceu à menina, que poderia ficar, ajudando às suas filhas. Larissa agradeceu, levantava-se cedo da manhã, limpava a casa, preparava café, foi sempre gentil, sorridente, obediente e boazinha e se deitou cada dia com tantos homens, que a tia Piumeta virou muito rica. E todos os homens elogiaram a Larissa.

Depois de muito tempo a Larissa virou triste e quando a tia a perguntou, contou que sentiu saudade de sua mãe. Aí a tia Piumeta falou:

“Serviste-me muito bem, te dou férias por quanto tempo quiser. Saia pelo portal no outro lado da casa e acharás o caminho para a sua casa.”

Larissa agradeceu muito e saiu. Quando ela passou pelo portal caíram moedinhas de ouro sobre ela, e ela transformou-se em uma moça loira, alta e esbelta muito formosa. Pegou suas moedas e saiu muito feliz.”

Quando chegou em casa, a mãe chorou de alegria, mas a irmã ficou com inveja. No entanto, Larissa lhe contou generosamente como conseguiu tudo.

Aí Lourinha foi para o poço e pulou lá dentro, foi sorvida pela corrente, e quando chegou à superfície da água, viu a casa da tia Piumeta. Correu para ela e pediu para poder ficar e foi aceita.

Mas Lourinha teve pouca vontade de ajudar na limpeza, e quando foi convidada para se deitar com um dos viajantes, não foi carinhosa, nem obediente, nem mostrou amor, nem foi submissa aos homens. Depois de poucos dias falou que teria saudade de sua mãe e tia Piumeta a despediu. Passou pelo portal e abriu sua roupa na espera das moedinhas de ouro e da

transformação beneficiadora, mas caíram gotos de pez e breu, piche preto, fedorento e pegajoso, e Lourinha transformou-se em uma negrinha pretíssima, adusta, torta, feia e fedorenta.

Larissa, porém, vivia feliz e achou um bom marido. Muitas meninas da região entusiasmaram-se com a boa sorte, e Larissa contou-lhes sempre generosamente, como chegou à felicidade. E muitas meninas pularam no poço e trabalharam na casa da tia Piumeta. Algumas aprenderam bem e viraram limpinhas, trabalhadoras, obedientes, carinhosas, submissas e se deitaram com muitos homens para a tia ganhar muito dinheiro, outros não o aprenderam e foram terrivelmente punidas.”

Todos gostaram da história, muitas putas choraram de emoção, e meu pai preparou uma oferta gorda para o padre.

Depois da missa o padre ofereceu-se para fazer, em troca de uma oferta especial, uma oração à padroeira das prostitutas, a Santa Maria Madalena, em cada barzinho onde estiver putas, e incentivou as putas, fazer tal oração sozinhas uma vez por semana, de preferência nos domingos.

Depois do culto o padre jantava em nosso quintal, circundado por adeptos, entre eles meu irmão, que evidentemente estava perigando tornar-se um beato.

Na outra manhã cuidei da índia e do outro gado. Quando lavei seu colo glabro fiquei muito excitado. Fazia mais que um dia que não tive uma puta, e meu corpo ainda estava produzindo muito suco devido aos acontecimentos na fazenda da senhora. Perguntei-me, porque não tinha pelinhos. No início teve pentelhos finos, sedosos e escassos, mas agora sumiram de vez. Será que desapareceram pelo atrito permanente, ou será que os clientes os puxaram e arrancaram um por um? Pena que não deu para perguntar devido ao fato de ela não falar português.

Brinquei com suas partes, e ela aceitou tudo resignada e submissa, e depois me deitei entre suas coxas divinas e a possuí após longos trancos muito gostosos.

Anuta estava ainda no bar, porque teve ainda homens sentados, que faziam fila para Rosalina. Estranhei o fato de os 220 clientes ainda não terminarem. A índia acabou com 300 dentro de dois dias e meio, e sendo a Rosalina ainda mais

gostosa nos olhos dos homens, eles deveriam gozar em menos tempo.

Anuta disse, que todos elogiavam a mulata, e que ela já ganhara certa fama, e por isso muitos homens chegaram para transar com ela. Já que a fila estava ainda para atender, ela não estava disponível na hora, e meu pai já vendeu na noite de ontem mais de 100 bilhetes para o uso de Rosalina na noite de hoje, ganhando outra vez mais de 300 Mil Reis pelo colo dessa mulata extraordinária.

Pelo menos consegui encontrar a moleca, que agora sempre viria ajudar a minha mãe na tarde. Feliz por ter um trabalho chegou já cedo pela manhã, e depois de mandar Anuta dormir tive a sozinha na cozinha e falei: “Gostou da festa?”

“Gostei.”

“Imagino que brincaram de açoitar índia.”

“Queríamos brincar, se bem que agora seria “açoitar mulata”. Mas não há lugar escondido. Já que a gente não pode mais brincar em seu estábulo.”

“Pois é. E você gosta de brincá-lo?”

“Como já disse outra vez, são mais os meninos que gostam. Para mim poderíamos também brincar outras brincadeiras. Gosto de muitas brincadeiras. Gosto também de brincar com bonecas, mas os meninos não querem.”

“Já brincou com suas bonecas que seriam prostitutas, né?”

“Sim, mas agora não tenho mais a minha boneca.”

“É muito legal, brincar prostituta com uma boneca, né? Ela tem que ser boa aos outros, como uma fada.”

“Isso mesmo.”

“Sabe, eu gosto muito de você. Se você tiver um problema, pode sempre vir para mim, vou te ajudar. Mesmo se tivesse uma coisa tão grave que nem seu pai nem sua mãe te entenderiam poderia vir para mim e eu te ajudaria. Gosto muito de você porque nos ajuda sempre e é muito legal.”

“Obrigada, mas meus pais são bons, não fazem problemas.”

“Nunca se sabe. Você cresce e muitos problemas surgem só na adolescência. Aí alguns pais de

repente viram muito chatos. Mas como disse, se tiver um problema venha logo para mim.”

“Obrigada.”

“Você, um dia, gostaria de ser puta?”

“Se poderia escolher os homens, às vezes, acho que seria bom. Verônica e Luiza me contaram que é uma coisa muito legal. Mas meus pais não deixariam.”

“Tá certo. Mas às vezes as coisas mudam.”

Minha mãe chegou e eu saí para buscar os moleques que sempre brincam com a moleca. Encontrei o mais velho e falei com ele: “A sua amiga me disse que vocês gostariam de brincar açoitar índia, mas não têm um lugar seguro. Posso lhes dar um lugar seguro.”

“No estábulo?”

“Não. Muito melhor. Venha ver.”

Ele chamou os amigos e levei os três para a igreja. As obras estavam meio paradas, porque os artesãos trabalhavam em nossa casa. Uma parte já estava erigida, e destacou-se uma puxada que seria a sacristia. Tive uma chave para ela e abri. Um lugar ideal para se esconder, vazio, fechado e com uma viga para prender as mãos de uma menina.

Falei: “Não contem a ninguém, mas vou vir também, porque vocês me prometeram que possa participar se deixá-los brincar com a negrinha. Na época fi-lo, mas vocês ainda não cumpriram sua parte.”

“Tem problema não. Quem sabe, fica até mais interessante se tiver alguém a mais brincando com a escrava pendurada.”

“Têm que trazer uma vela para poder ver algo aqui dentro, mas não tragam muitas velas, porque se fica muito iluminado a luz poderia sair pela fresta em baixo da porta e chamar atenção. Venham no pôr do sol, o crepúsculo sempre é o momento melhor, não é ainda tão escuro que uma vela se destaque. Eu vou abrir a sacristia pouco antes e deixá-la aberta. Têm cordas?”

“Temos.”

“Então tá combinado.”

Depois encontrei-me com um dos amigos de Raimundo, um jovem de 16 anos, que sempre gostava de safadezas. Conversei com ele e depois mencionei a moleca, contando que ela ajudaria a minha mãe.

“E o pai permite que ela ajude em um puteiro.”

Depois fui falar com o pai dela. Disse que queria falar de homem a homem, com sinceridade e franqueza. Contei-lhe que a filha dele estaria fazendo safadezas. Disse que ela se gabaria diante das nossas putas de suas façanhas e que fiquei preocupado e verifiquei os fatos e, infelizmente teria que dizer que ela realmente goste de coisas insolentes, impudentes e vergonhosas. Não queria acusar a ninguém, a coisa ficaria entre nós, só queria que ele soubesse para poder tomar providência.

Ele perguntou, se teria uma prova, e eu disse, que ele mesmo poderia verificar os fatos, observá-la em uma de suas brincadeiras libidinosas. Disse para ele chegar meia hora depois do pôr do sol na venda e me esperar.

Voltei para o bar justamente quando finalmente acabou a fila de Rosalina. Aproveitei logo para dar uma olhada nela. Ela, em seu quarto, deitava como morta mergulhada no côvado da cama. Meu pai deu às mulatas colchões de gente e não colchonetes como damos a negras. Mas já vi que a ideia não foi tão boa, porque o peso e os trancos dos homens já formaram um côvado tão

fundo no lugar, onde se encontrava a bunda da puta. O lençol surrado pelos milhares de trancos, suado e cheio de fluídos diversos e o corpo da menina estavam pegajosos por restos de sangue e esperma.

Abaixei-me a sua cabeça e dei um carinho. Ela cochichou:

“Sabia, que o senhor viria.”

“Fiquei preocupado. Já levou outro açoitamento desse jeito?”

“Já, mas depois as outras escravas cuidaram de mim e me recuperaram em vez de me alugarem a 300 estupradores.”

“Não diga essa palavra. São homens honestos que gastam seu dinheiro suado para você poder ganhar seu ganha-pão.”

“Considero-me casada, mesmo só sendo concubina. Por isso só você dorme comigo, os outros me estupram.”

“Uma puta boa tem que gostar dormir com os homens. Não gosta?”

“Gosto de ser estuprada, porque sou sua concubina e é meu dever e desejo lhe ajudar. Já sei que vai fazer faculdade e que nós meninas

devemos transar bem para seu pai poder pagar a faculdade.”

Não gostei dessa conversa de esposa ou concubina, mas pensei que poderia ser possível tirar a minha casquinha dela. Por isso respondi:

“Que bom que quer ser minha esposa ou concubina. Um dia vou ser advogado e vou te chamar para viver em minha casa, ser minha. Mas é necessário não atiçar a inveja e o ciúme das outras putas. Por isso deve ficar o nosso segredo. Melhor que ninguém saiba nem repare pelo nosso comportamento que tu és minha concubina, no secreto.”

“Ti amo muito, vou fazer tudo, que me diz.”

Pegado por uma emoção repentina abracei-a e mergulhei em um beijo prolongado, cheio de amor e paixão, e minutos depois deitei em cima dela e virei uma só carne com ela, como aconteceu só com Rosalina, como se alguma mágica nos atrairia como dois imãs. No início Rosalina ficou constrangida por ser tão suja, e pediu mil desculpas, mas depois também ela reparou em nosso entrosamento perfeito e disse: “É algo milagroso: os outros me causavam dores, mas o senhor cobre minhas dores e as

apaga. E os outros me sujam, mas o senhor me limpa com seu leitinho.”

Um dos fazendeiros presentes na festa gostou muito do sermão do padre e o convidou para ficar um tempo em sua fazenda. O padre negociou as condições que eram parecidas a outras pessoas importantes convidadas para trabalhar em uma fazenda. Daria lições aos filhos e uns afilhados pardos, celebraria missas, predicaria coisas aos escravos incentivando à submissão, sinceridade e ao trabalho e batizaria. Receberia um quarto, comida, um pagamento fixo e acesso livre a todas as escravas.

Quando ele foi embora, meu irmão, que antes gostava tanto de conversar com ele, falou muito mal dele e disse, que teria pouco conhecimento e ensinaria coisas estranhas. Também disse que a gente não iria fazer a recomendada oração à Santa Maria Madalena. Meu irmão se lembrava que outro padre dissera que a padroeira das putas não seria a Santa Maria Madalena, mas uma tal Margarida de Cortona.

Pouco antes do pôr do sol fui para a sacristia e a abri deixando punhadeiras e cordas. Escondi-me

Escondi-me bem quando o pai entrou, para eu ouvir e ver de longe. Ouvi gritos de raiva, e pouco depois estalos como os de uma tira na pele nua. Provavelmente o pai tinha tirado seu cinto e estava dando na filha desabusada e insolente. E para castigar também os meninos ele os obrigou a assistir ao suplício de sua amiga.

Depois de um tempo a moleca, inicialmente tão estarrecida que nem chorara, começou a gritar e chorar, e o pai gritou palavrões como “puta” e “cadela”. Mais tarde os moleques e o rapaz saíram e sumiram e o pai carregou um pacote embrulhado para a sua casa. Pensei que iria torturar e castigar a filha pelo menos por um dia antes de repudiá-la, mas já às duas horas da noite ela me cutucou em minha cama e acordei.

Acendi uma vela. Ela estava sangrando e a face banhada em lágrimas. “O que houve, cabritinha? Quer ficar nesta noite aqui?”

“Sou uma puta agora!” Chorou copiosamente.

Depois contou como o pai a açoitou e depois a repudiou, mandando-a embora.

Exprimi minha compaixão e minha solidariedade e disse que a ajudaria. Falei que seria ainda muito nova, mas eu a ajudaria para

ela poder trabalhar por meu pai. Assim ela não passaria fome e teria uma casa e amigas e ficaria perto de mim, e eu a sempre protegeria.

“Abre as pernas, minha cabrita, não vou te machucar, mas quero ver uma coisa.”

Coloquei a vela entre suas pernas: “Caramba, cadê seu cabaço?”

Chorou mais alto e confessou que o pai a levara em casa e a estuprara, dizendo que ela seria agora uma puta e não seria mais a filha dele, por isso poderia a estuprar à vontade.

Fiz uma cara séria: “Uma menina sem cabaço fica de pouco valor para um taberneiro, que ajuda e abriga prostitutas. Meu pai certamente te rejeitaria, mas eu, como prometi, vou te ajudar convencendo meu pai para a gente te ajudar, deixando-te morar e trabalhar no bar. Fica quieta, cabritinha. Vou deixar-te dormir hoje na minha cama, em meus braços. Aqui ninguém te fará mal nenhum.”

Na outra manhã levei-a para meu pai e apresentei-a. Falei com ela, que falaria primeiramente sozinho com ele para convencê-lo para fazer uma exceção, já que ela estaria sem o cabaço e seria normalmente rejeitada. Preveni-a para não contar a ninguém, também não a

Verônica, a íntima de suas confidências, que estive sem cabaço. Só meu pai e eu iriam saber a verdade.

Claro que meu pai logo viu outro problema: “Você sabe, que para ser uma puta boa há de ser açoitada de vez em quando, sobretudo nos dias do estreio. Mas será que em seu caso o velho dela não fará problemas? Bom, provavelmente não, mas a mãe. E aí teríamos uma discussão pouco desejável. A opinião do povo é uma coisa que muda sem mais, influenciada por fatores às vezes irrisórios. Pode ser que alguém se apiede da moleca e lamente a injúria cometida por alcoviteiros brutais contra uma mocinha inocente. Não quero arriscar nossa boa reputação por causa de uma menininha.”

“Mas no caso das outras meninas ninguém nunca protestou, e se tivesse um, teria todos contra se, porque todos se entusiasmam e fazem festa nos dias das chicotadas. E açoitamos também já meninas novinhas como a negrinha e mulheres brancas como a Verônica.”

“Meu filho. Luiza é uma negrinha, por isso ninguém se importa com o açoitamento dela, mesmo se tivesse só quatro aninhos. Já a Verônica foi adulta. Mas a maior diferença é,

que todas as meninas, que açoitamos, são putas. Mas a moleca, nos olhos de alguns, não seria uma puta, porque continua ser nos olhos de muitos que a conhecem o que era antes.

Se uma puta comprasse a sua liberdade e abriria em nossa vila uma venda ou trabalharia com bordadura ou lavaria roupa, continuaria no conceito das pessoas sempre uma puta. Mas poderia acontecer também o contrário, que a moleca na cabeça de muitos continua a ser uma menina e não uma puta, e as pessoas, que a conhecem, poderiam se compadecer dela e por conseguinte falar mal de nós.”

“Mas quando ela será açoitada, já será puta. A gente poderia açoitá-la depois de alguns dias, sob pretexto qualquer. Essas putas novas sempre cometem erros, no início, quando têm ainda sonhos sublimes, e assim fornecem a nós uma boa razão para serem punidas.”

“Certo, mas a opinião do povo não segue razões logicas. A opinião pública é como esse cafetão meio maluco Hernando perto de Recife, que um dia elogia uma puta, porque conseguiu 30 clientes, e dois dias depois pune-a porque ela só conseguiu 30 clientes.”

Já que meu pai não quis, a moleca teve uma inserção macia na vida de puta. Logo depois de ser apresentada ao meu pai, ele mesmo a levou para o segundo andar, mostrou-lhe os quartos e testou-a. Ensinou-a a chupar e tudo que uma puta boa precisa saber.

Depois espalhamos a notícia, que nossa ajudante de cozinha, a moleca Aline, caiu na vida, foi devidamente espancada de cinto e seria a partir desta noite também oferecida ao lado das outras meninas lindas da casa. Quem queria experimentar a mocinha ainda inexperiente e ainda quente pelas cintadas recebidas do próprio pai poderia fazer lances até o pôr do sol.

Verônica descobriu partes de minha intriga aos poucos e se aborreceu comigo: “Você foi se confessar com o padre? Certamente já teve seu plano maldoso feito. Confessou-o pelo menos, ou será que vai acabar no inferno? Seria uma pena, um moço tão gostoso queimando no inferno.”

Respondi: “Que plano maldoso? Por acaso foi minha culpa, que ela caiu na vida? Você sabe muito bem, que ela teve essa bossa de ficar nua com os moleques nas brincadeiras deles. Era meu dever avisar o pai dela. Qualquer cidadão

sincero avisaria ao pai, se vê um dos filhos dele fazer um mal. Só fiz o que muitos outros homens bons também tivessem feito. Todo o resto não é comigo. Foi decisão do pai dela jogá-la na vida, porque quando a expulsou da casa, sabia que ela viraria puta. Teve sorte que conhecia a gente e veio logo para cá, senão acabaria em um dos botecos de qualidade ínfima, que nem quarto próprio têm para as putas."

"Você fala com a cabeça, mas no coração sente muito bem que não é assim."

"Você fala sem respeito."

"Você sabe que seu pai confia em mim e que sou agora também parceira. Não falo sem respeito, mas por pensar no melhor para a empresa. Aceita um conselho, se quer aprender algo. Você pode alcançar muitas coisas na vida, mas tem que prosseguir com prudência."

"Meu pai já decidiu a respeito da moleca. Não sei por que se intromete. Você é uma puta e seu dever é abrir as pernas e não espalhar conselhos sem ser perguntada. Quero que transes comigo em vez de me dar conselhos."

Ela levantou as sobrancelhas bonitas, virou-se aborrecida e se afastou. Falei alto: "Verônica!"

Ela virou para mim. Falei: “Não obedece mais? Sobe a escada e tire a roupa, já venho.”

Aí ela percebeu, que foi ousada demais e que falei sério. Subiu, tirou a roupa e esperou. Quando deitei em cima dela disse: “Jamais esqueça que é uma puta e eu um homem que vai fazer faculdade. A gente pode se ajudar, mas você tem que saber seu lugar. Senão será chicoteada na praça como as negras e índias? Entendeu?”

“Sim, senhor, meu moço. Desculpa.”

Quem além de muitos homens mais festejou o fato de a moleca ter virado puta foi a negrinha. Ela a abraçou e beijou e disse: “Agora somos iguais, nós duas putas. Viveremos na mesma casa.”

“Mas você é uma negra. Não somos iguais.”

Nem com essa ressalva Luiza perdeu o entusiasmo: “Mas quase iguais. Vai viver de novo com sua boneca na mesma casa. Deus é muito bom.”

Fez uma pausa, em que investigou o corpo da amiguinha e lastimou as listras coloridas e em parte até sangrentas. A moleca vestiu uma roupa

curta para os homens a admirarem e verem, que realmente foi flagelada duramente. A negrinha gemeu, lembrando-se de seu próprio açoitamento e fez constar: “Agora somos melhores amigas de verdade.”

“Já foi antes minha melhor amiga, já que não tem meninas brancas na minha idade.”

“Mas agora somos mais melhores amigas, porque temos a mesma profissão.”

A manhã foi corrida, mas mesmo assim as meninas tentaram aproveitar seus minutos livres para fabricar enfeites, figurinhas, bibelôs e outros artefatos, e a negrinha mostrou à moleca as coisas toscas que estava fazendo. Usava barra tingida de preto para fazer anjos negros. A moleca riu: “Seus anjos parecem negrinhas nuas. Será que são putas?”

“Dizem que os anjos são ainda mais bonzinhos do que putas. Não são como seu pai e muitos outros, rudes e violentos. São gentis e ajudam sempre às pessoas, como nós putas, mas ainda em maior perfeição. E eles andam ainda mais nus do que nós.”

“Só existe nu, não podem ser mais nus.”

“Existe. Putas andam às vezes vestidas, como agora. Os anjos andam sempre nuinhos, por isso são mais nus do que nós.”

“Mas se Deus escolhesse putas para fazer anjos ele com certeza escolheria putas bonitas. E suas são muito feias. Olha essas pernas tortas! E não tem orelhas, não tem dedos, não tem rachinha! Um couro”

“Mas não sei fazer putas bonitas.”

“Posso te ajudar?”

“Somos mais melhores amigas. Por isso pode tudo.”

Tive que ir com o carpinteiro, que o coronel tinha mandado, para a oficina de Raimundo para combinar algumas coisas quanto aos engonços, ferrolhos e outras coisas de ferro. O carpinteiro estranhou a menina índia no chão, acorrentada como um cachorrinho. Ela já teve um ano, mas foi agora sempre acorrentada para não fugir. Antes a presença da mãe garantira que ela sempre ficara por perto. Perguntei-me quem cuidaria da menininha quando Raimundo estava trabalhando nas obras ou em outra casa ou até em uma fazenda.

O carpinteiro perguntou, de quem seria o bebê, e Raimundo só olhou com raiva. Então contei a história, mas Raimundo me lançou olhares tão carregados que pensei que ele iria concluir a minha história com a frase: “E o assassino está aqui em sua frente.”

Mas pela minha surpresa Raimundo resignou-se a me olhar com raiva e de colocar a menina em seu colo como se ele tivesse medo, que eu poderia matar também essa escrava dele.

O carpinteiro perguntou: “E o que vai fazer com ela?”

“A mãe foi puta, então a filha há de ser da mesma laia. Vou educá-la desde o início para ser puta. Ela vai me indenizar pela perda da mãe.”

“Mas o senhor não vai abusar um bebê, vai?”

“Acha que sou um desses doentes? Vou esperar o tempo necessário. Mas índias podem começar mais cedo, geralmente é comum iniciar índias capturadas já com 9 anos. Quem sabe, se a educar desde o início como puta, ela serve até já antes. E chupar ela aprende já agora, chupa uma garrafinha como uma vitela e suga meu dedo como uma putinha de uns dez anos ou mais.”

O carpinteiro viu um engonço enorme: “Desse tamanho de ferrolho falei ontem quando falei com seu pai sobre o portal para a sucursal.”

Raimundo estranhou: “Qual sucursal?”

“A que eles querem construir na Vargem Alta. O patrão e seu Renato. Tem que ser uma construção boa para impressionar os viajantes e o povo simples e para servir de reduto se tiver assaltos.”

Vi como a cabeça de Raimundo trabalhava, mas foi orgulhoso demais para fazer mais perguntas. Mas deve ter puxado mais informações, pois uns dias depois apareceria no barzinho interessando-se pela sucursal.

A moleca tivera clientes a noite inteira, e a fila acabou pela manhã. Subi para ver como ela passava. Começou logo a chorar e disse que foi horrível, que doeria muito e que todo seu colo seria queimado. Acariciei-lhe as bochechas e os cabelos e a consolei, dando primeiramente meus parabéns pelo estreio bem-sucedido e pelo fato que agora seria uma verdadeira puta.

Perguntei se doeu desde o início e ela disse que doeu já com o primeiro, mas teria ficado cada

graça. (Uma menina dessa idade ainda nem pensa em economizar dinheiro e assim o responsável pode explorá-la como uma escrava, sem passar uma parte para ela e preocupar-se com a necessidade de tirar essa parte da puta com artifícios perspicazes.) Mas vi que ela era muito suja, e as listras deixadas pelo cinto do pai dela não contribuíam para embelecer-lhe o corpo. Por isso mandei-a se lavar e vestir e ficar no bar à disposição de possíveis fregueses: “Não esqueça dizer que está bem e de que gostou de tiver suas primeiras experiências para as outras putas não pensarem que você é ainda uma criança ou os homens pensarem que você não goste deles ou meu pai pensar, que você não dê conta da tarefa e te vende.”

“Me vende? Mas sou escrava agora?”

“Não, mas putas se vendem e compram também. De qualquer forma seria melhor do que ser expulsa e cair na rua, à mercê de mendigos e ladrões, mas em outra casa poderia ser açoitada e abusada sem vergonha e não terá amigos nem a sua boneca.”

Aí ela se lembrou da boneca, correu para o quarto da negrinha e abraçou-a calorosamente.

Falei: “Viu, ela também é muito feliz que você agora mora com a gente.”

Quando a moleca Aline chegou ao bar, falou que gostou de seu estreio, mas ela falou sem entusiasmo e as colegas já perceberam seu abatimento e a consolaram dizendo que na próxima vez seria melhor e que com o tempo se acostumaria e amaria seu trabalho. Todas sabiam que tiveram que encorajar a pequena, porque quem falasse mal das condições de trabalho seria punida.

A negrinha beijou a moleca e falou: “Agora somos ainda mais mais melhores amigas. Quem sabe, um dia seremos realmente iguais.”

“Não pode, você é uma negra.”

“Vou aprender bem e quando grande, vou trabalhar em um bordel de luxo, quem sabe até em outro país, onde negras ganham o mesmo que as brancas. Vou ser a melhor puta e ganhar muito dinheiro e comprar um remédio caro para virar branca.”

“Não existe país onde se pagam negras igual a brancas. Se existisse, as negras estariam todas lá, mas sei que eles andam por aí. E um remédio

assim também não existe, senão as negras ricas fossem brancas."

"Mas quando estiver rica posso mandar inventar tão remédio."

A moleca olhou os anjos negros feitos de uma puta negra de barro tingido de negro ou de uma puta índia de barra vermelha e asas feitas de pétalas lindas secas de flores: "Você melhorou muito, Luiza", elogiou a moleca, mas ainda aperfeiçoou algumas partes, ajustou um peitinho pendurando para baixo, corrigiu uma bucetinha grande e malfeita ou um nariz torto.

As outras putas acharam as figuras das duas meninas estranhas, mas não ligaram. Para que preocupar-se com as criancices das duas pré-adolescentes? Assim as suas primeiras duas figuras já foram incluídas nos estantes com os bibelôs, e uma já foi vendida.

Meu pai andava muito preocupado nesses dias, porque as obras progrediram com velocidade acelerada. Com tudo isso aconteceu que ele somente reparou nessas figuras estranhas uns dias depois. Ambas as meninas ficaram abismadas em seus trabalhos em uma mesa, as outras putas entregues aos seus trabalhos, produzindo figuras e enfeites e também

costurando e consertando roupas dos artesãos, quando meu pai entrou e reparou na figura que as duas mocinhas estavam amoldando: “O que estão fazendo?”

“Um anjo, senhor.”

Meu pai pegou de cada menina uma orelha e puxou as duas até elas ficarem em pé, as faces torcidas pela dor: “Por acaso um anjo é assim? Já se viu um anjo negro, e com rachinha e peitos? Quem ensinou a vocês essas coisas absurdas e boçais? Coisas da África, selvagens, pagãos, insolentes? Aqui em casa não permito putas descaradas, quero meninas pudicas, submissas e boas. Quem teve essa ideia estapafúrdia?”

A negrinha confessou: “Eu, senhor.”

“Quantas chicotadas pede para ser reeducada?”

“Não fiz por mal, foi porque não consegui fazer...”

Meu pai puxou mais forte na orelha e ralhou: “Não perguntei por sua opinião, responde a minha pergunta.”

As outras putas já a preveniram que meu pai costumava perguntar às próprias putas para escolherem o número das chicotadas. Uma

pergunta assim deixa a escrava ou puta no bico da sinuca, porque se ela escolhe um número baixo, meu pai o considera falta de arrependimento e vai, de castigo e para ela aprender melhor, determinar um número bem maior. Se ela, porém, escolhe um número mais alto do que meu pai teria definido, ele costuma dizer: “Bom, acho o número muito alto, mas você conhece seu coração melhor do que eu e se acha, que precisa de tantas chicotadas para melhorar e voltar a ser boa e submissa, ser-lhe-á concedido o que pediu.”

Por isso a negrinha escolheu um número alto e disse: “30.”

“Bom. E você, moleca? Também participou? Tens também uma culpa, sobretudo porque uma moça branca deve guardar seu pundonor e rejeitar essas coisas sujas de feitiçaria africana sórdida.”

“Cinco, senhor. Sou arrependida e peço por cinco chicotadas.”

“Acha que cinco bastam para melhorar seu coração? Tem certeza?”

Já que meu pai não repetiu simplesmente a pergunta, mas aumentou gradativamente o puxão no lóbulo da orelha como se ele fosse um

clitóris de uma puta ou escrava de quem o dono ou responsável quer saber um segredo ou receber uma confissão, a moleca ofereceu dez chicotadas, aumentando logo depois para 15.

“Será que quinze bastam para você futuramente se comportar melhor?”

“Sim, senhor, vou ser uma puta muito boa.”

Neste momento ouvimos um baque e lamentações na rua e saímos para a porta. Um ajudante de pedreiro caiu do andaime. Saímos para ajudá-lo. Ele estava vivo, mas parece gravemente ferido, com as duas pernas quebradas, ao que parecia. Não teve médico na vila nem nos arredores, quem de todos aqui na vila sabiam algumas coisas como cuidar de doentes foram algumas mulheres inclusive a Verônica, mas não tiveram experiências com um acidente tão grave. Foi um dos trabalhadores que o coronel mandara. Colocamo-lo em uma padiola e o levaram para o meu quarto. Um dos trabalhadores foi mandado de cavalo para avisar na fazenda do coronel Henrique da tragédia.

Uns dias antes eu tinha dito à moleca para dormir em minha cama, mas nesta noite ela teve que ficar com o músico. Ele sempre toca por

volta de sete horas da noite por uma hora ou mais, sozinho ou em conjunto com Amélia ou até com Amélia e Joana, que canta. Depois ele janta e Amélia atende a fregueses, porque ela canta bem e muitos homens se emocionam e querem transar com ela. E ela sempre faz tudo com boa vontade, evidentemente depois do açoitamento se conformou com seu destino e o aceitou. Mais uma prova que mostra quão saudável um açoitamento é para uma puta iniciante.

O músico costuma jantar por muito tempo, conversando com os homens. Ele tende a discursos prolixos e surpreende por uma verborragia impressionante prelecionando sobre temas de preferência safados e cabulosos como os dois postigos pilosos entre as pernas de uma menina. Às vezes perde-se em arengas enfadonhas e longas, ou ele joga baralho e só depois volta a tocar. Amélia toca ou canta às vezes com ele ou também sozinha, e se os homens dão algumas gorjetas, ela canta nua. Geralmente canta só uma música nua, porque os espectadores se excitam muito e logo vão ao balcão e alugam uma transa com a cantora com os peitos úberes. E também Joana arranja mais clientes, quando ela canta antes. E como atração

nas noites de sexta ou sábado com muitas horas de música, a Joana canta uma ou duas canções nua. Geralmente o bar enche muito nessas noites, e vimos que contratar um músico foi outro sucesso financeiro de meu pai.

O músico recebe muitas vezes uma bebida de alguém, que pede uma música ou gostou da anterior. Depois da meia noite joga ainda com amigos, mas não até a madrugada. Prefere escolher uma puta que for livre para dividir na noite a cama com ele e se retira com ela para seu quarto. E naquela noite ele escolhera a moleca. Eu, no entanto, dormira muito bem e descobrira só na outra manhã que ela não viera.

Também nas próximas noites ela ficara lotada, mas depois chegou essa noite triste, chuvosa e com pouca demanda, porque provavelmente o acidente trágico arrefeceu a libido dos homens. À tarde, logo depois do acidente, o bar estivera quase vazio, e meu irmão sentou-se para ler a Bíblia e a judia sentou ao seu lado, lendo os textos junto com ele. Ela já sabia muitas palavras e começou a formar pequenas frases, e meu irmão lhe ensinava a pronúncia. Muitas vezes ela perguntou pelo significado de certas palavras, mas o problema era que ela também

não entendeu as explicações de meu irmão, pelo menos na maioria das vezes.

Meu irmão gostava sempre de ler a Bíblia junto com minha mãe, mas ela andava agora sempre muito atarefada, e assim ele ficou feliz de ter achado outra companheira que gostava da leitura.

Eu joguei sinuca com Verônica e os únicos dois fregueses. Quando a noite chegou, a chuva engrossava e o barzinho não lotou. Resolvi dormir cedo e falei com a moleca: “Hoje tem poucas pessoas. Se você não tiver cliente que fique contigo pela noite, pode vir dormir em minha cama. Durmo no quarto de meu irmão, não confunda e não entre em minha cama, senão o pedreiro coitado ferido vai sofrer muito quando você toda excitada e sedenta de um bom sexo cai em cima dele.”

Alta noite ela chegou à minha cama e me acordou. Meu irmão ainda não chegou e falei gentilmente com a moleca. Sua maior preocupação era se seria açoitada igual às outras putas iniciantes. Faltavam só dois dias para a festa de açoitamento de Joana e Analia, e uma semana depois já passou um mês e chegaríamos ao açoitamento mensal da mulata Pídia, e

algumas putas supunham que a moleca seria incluída como segunda vítima nessa festa. Elas não sabiam que meu pai descartara a flagelação pública da moleca por causa das dúvidas a respeito da reação do povo. Ela receberia apenas sua pena de 15 chicotadas, mas discretamente dentro de seu quarto ou dentro de nossa casa.

Falei com ela para ser boazinha e que eu tentaria protegê-la. Falei coisas gentis que meninas boas dessa idade gostam de ouvir e a enchi de afagos gostosos, mas depois meu irmão veio, trazendo a judia para a sua cama e parei de falar bobagens. Cada um de nós dois irmãos concentrava-se em sua boneca e a penetrava em silêncio. Foi gostoso, mas nada de espetacular. Não sei por que alguns homens acham que transar com uma mocinha assim seria a melhor coisa da nossa vila. Eu prefiro dez vezes uma mulata como a Rosalina ou a sua irmã Maria ou também Analia. Até a Joana tem mais fogo do que a moleca. Mas ela é branca e a gente pode alugá-la por 5 Mil Réis igual à Verônica, uma puta muito habilidosa e atraente.

No outro dia o coronel Henrique apareceu pessoalmente com cinco capangas. O homem

machucado estava com talhas feitas de madeira e bandagens e sofria muitas dores, mas só nas pernas, não no abdômen, o que seria bem pior. Resolveram levar o homem no outro dia para a fazenda, teriam que dormir na vila. O coronel dormiria no quarto de meu irmão, os capangas na sacristia da igreja. Antes foram jantar no bar e o coronel pediu à judia sentar ao seu lado, e mais tarde o músico tocou, Amélia cantou e tocou também umas músicas em conjunto com ele e o coronel arrastou os pés com a judia e também com Verônica.

Quando passou pelo estante com os bibelôs viu as figuras inventadas pelas duas pré-adolescentes. Já que o acidente foi logo depois da reprimenda do meu pai, ninguém se lembrou de tirar as figuras criticadas dos estantes. Admirou-as e perguntou: “Quem é o artista?”

Verônica apresentou a duas mocinhas, e o coronel elogiou ambas e perguntou pelo preço. Quando a negrinha falou em 150 Reis, ele disse que o preço seria baixo demais e que pagaria 500 Reis. Comprou as duas figuras no estante e perguntou, se tivesse mais, e a negrinha mostrou a figura quase pronta que atiçara a raiva de meu pai. O coronel pediu para mandar mais figuras para a fazenda, quando prontas.

Quando meu pai se sentou com ele, viu as figuras na mesa e perguntou:

“Quem colocou-as na mesa? Ainda não as jogaram no lixo? Negrinha! Vem cá!”

Ela veio correndo e fez a sua mesura. Meu pai berrou: “Que troço é isso aqui? Por que estão na mesa? Joga-o logo na mesa.”

“Mas..., mas..., mas...”

Meu pai perdeu a paciência e deu um tapa na negrinha. As moedas recebidas caíram das mãos dela no chão. Aí o coronel, que estava conversando com as costas para meu pai e a negrinha, se virou e disse: “O que foi? A negrinha fez um mal?”

Um homem sentado em outra mesa pegou o dinheiro gritando: “Que bom, achei um dinheiro.”

O coronel disse: “Devolve logo esse dinheiro que acabei pagando à menina, a pequena artista de nosso amigo seu Renato.”

Meu pai ainda não se tocou e perguntou: “Pagou por que, coronel?”

“Pelos artefatos. As lindas estátuas. Anjos negros, putinhas negras como anjos, que ideia boa, seu Renato. O senhor é de parabéns.” Bateu

os ombros de meu pai e adicionou: “Tenha um olho a essas putinhas lindas, para elas se esforçarem e fazerem umas dez figuras até o Natal. Embrulhe-as e mande-as com os meus trabalhadores, quando eles voltarem para a festa à fazenda.”

“Será um prazer, coronel”, respondeu meu pai. E as duas meninas não receberam as chicotadas, embora que elas mesmas as tivessem pedido há dois dias e a venda das chicotadas nos ajudasse bem para bancar as obras.

Depois os dois homens conversaram sobre a necessidade de eu ir quanto antes para o Recife para cuidar dos interesses deles e estudar direito. Eu iria no fim do janeiro à capital, se tudo fosse bem. Meus deveres seriam cuidar dos interesses deles no governo, observar o mercado e comprar meninas, se tiver uma oportunidade, e negociar um navio negreiro. Eu iria fazer falta, sem dúvida, no dia-a-dia do bar, sobretudo depois de abrirmos outro bar na Vargem Alta. Por isso seria muito importante contar com Verônica como parceira, mas infelizmente não deu como sondar seu coração.

Poderia ser que ela almejasse a liberdade mais do que uma parceria e usasse seu dinheiro para sair do serviço. O coronel disse: “Tenho inveja da senhora que tem um escravo como administrador. Feliz quem tiver um escravo realmente fiel, porque um escravo sempre estará com a gente. O senhor não tem uma escrava a quem confia?”

Meu pai desconfiava que Anuta também compraria sua liberdade, assim que tiver condições, e das escravas novas ainda tivemos poucas impressões. Quando ouvi das deliberações, espontaneamente a Rosalina surgiu na minha memória. Se ela acreditava que seria um dia minha concubina, eu poderia alimentar essa ideia e pedir para que ela coopere e ajude ganhar muito dinheiro para eu fazer a minha faculdade. Propus seu nome, mas meu pai achou a proposta muito estranha, já que a menina era nova com a gente e de pouca idade. Mas prometeu ter um olho nela. O coronel mencionou: “Tem esse músico. Ele poderia ser substituto do senhor aqui, e seu filho se muda na sucursal.”

“Ah, mas ele não tem disciplina, só pensa em se divertir, tende para jogar, não pensa em

economia, gosta de beber. Ele vai dar vantagens aos seus amigos e desperdiçar nosso dinheiro.”

Os cinco capangas do coronel perguntaram se receberiam meninas para a noite. O coronel respondeu: “Hoje não é dia de festa. Para que dou um salário se depois vêm pedindo tudo de graça? Se virem.”

Mas os capangas negociaram com meu pai e pagaram só 7 Mil Réis para levar a Rosalina para a sacristia. Ela ficaria a noite inteira na sacristia e eles dividiriam os preços por cinco pessoas. Contentes voltaram à sua mesa jogando com o pessoal da vila.

O coronel disse: “De qualquer forma deveria estabelecer uma hierarquia clara entre as putas. Admiro sempre o sistema da senhora Eleonora que forneceu essas cinco potrancas bonitas para a sua coudelaria. Ela – e foi mesmo ela e não o marido, que só pelo menos tem a inteligência de consentir com todas as ideias de sua esposa – tem um sistema tão interessante e um administrador negro evidentemente confiável!”

“Admiro que existem negros com inteligência de poderem exercer um trabalho mental. Estranho.”

“Mas como o senhor acha que eles vivem na África.”

“Bom, para a vida simples na mata não se precisa de muita inteligência. Veja os índios broncos.”

“Não concordo. A vida na selvagem exige muita inteligência para quem quiser se adaptar bem às particularidades e perigos. E na África tem também de tudo, até cidades grandes e modernas. Só não têm produção de armas de fogo, por isso os muçulmanos vencem por cima dos reis negros da África e os submetem, a não ser que nações cristãs estabelecerem colônias na África e as defendem contra os muçulmanos. Tenho muitos escravos e sei que alguns são inteligentes. Muito mais do que meus próprios filhos e filhas. Às vezes fico com vontade de adotar um deles para ter um filho inteligente e experto.”

“Mas se os africanos fossem inteligentes como brancos, por que teriam que ser escravos gastando suas forças nos campos e minas?”

“Caramba, que pergunta boba. Eles fazem esses trabalhos porque temos necessidade de trabalho braçal, de gente, que resolvem os trabalhos pesados. A cor não importa. Eu compraria também escravos índios e brancos, se me garantissem que aguentariam o trabalho duro e

as chicotadas com a mesma saúde robusta como os negros. Para esses trabalhos precisamos de pessoas grossas e rudes. Se por acaso se encontra um pequeno príncipe ou uma princesa africana entre os escravos, eu não posso mimá-lo, tenho que submetê-lo com o chicote para ele ajudar na colheita. Mas alguns deles conseguem também trabalhar em profissões mais qualificadas que nem seres humanos. Se alguém precisa de um administrador ou de um artesão, de um músico, de um capataz ou de uma puta e não acha um branco ou mulato, sem problema pode treinar e usar um negro, desde que ainda não virou bruto demais pela labuta e os castigos."

"O senhor fala como um abolicionista!" https://www.significadosbr.com.br/casa-da-mae-joana

O coronel riu: "De jeito nenhum. Um escravo é uma posse legalmente adquirida. Pode ser proibido escravizar pessoas. Aqui, no Brasil, não posso pegar um morador aqui na sua vila e dizer: Você agora é meu escravo. Mas em outros países tem essa possibilidade. As pessoas viram legalmente escravos e nós as compramos. São uma posse toda legal.

Ele virou escravo legalmente segundo as leis de seu país na África. Mas mesmo se as leis foram mal aplicadas, a compra é válida, porque o comprador gastou seu dinheiro.

Na Inglaterra, por exemplo, só os nobres podem caçar em suas matas. Imagina agora, se alguém trouxesse uma raposa ou corça da Inglaterra para o Brasil e a vendesse. O senhor a compraria e seria o dono legal. Nem se sabe, se o vendedor adquiriu o animal legalmente, mas não importa, porque o senhor comprou-o legalmente e por isso é seu. Mas como já disse, geralmente os negros tornam se escravos totalmente consoante as leis de seu país."

"E se um rei africano ou os caçadores muçulmanos assaltam uma aldeia em um país avizinhado e capturam as pessoas e as escravizam? Será legal através das leis do vencedor, mas não legal segundo as leis da região assaltada. Seria como um roubo, e se compra coisas roubadas, o dono poderia processar a gente e exigir a coisa de volta."

"Bom, poderia até, seria um caso duvidoso. Na verdade, quem vendeu os escravos sem tiver o direito para vendê-los teria que indenizar ou o país, de onde roubou os escravos, ou devolver os

negros e indenizar o comprador. Mas isso na prática é impossível e não acontece.

Toma outro exemplo: Imagine que uma tropa francesa lá da Guiana Francesa fizer um assalto ao Brasil e capturar escravos, levando-os para a França para vende-los. Eles teriam que seguir somente as leis francesas. Se a escravidão na França fosse proibida, teriam que abster-se de seus planos. Se agora um russo ou alemão comprasse uns escravos desse lote e os levasse para seu país, ele iria estranhar muito se aparecer um inglês alegando que ele teria cometido um crime, porque as pessoas foram escravizadas sem base na lei brasileira. Este inglês poderia acusar os franceses por causa do assalto, mas não poderia culpar o comprador sincero."

"Puxa, mas considerando a coisa desse lado, podemos dizer que nem existe justiça. Ou podemos dizer que a justiça é o direito do vencedor."

"Mais ou menos, é assim mesmo."

"Imagine que a tropa francesa de seu exemplo capturasse também nós dois e nos vendesse na França. Gostaria de saber se o senhor, neste caso, ainda falaria do mesmo jeito."

O coronel riu: “Bom, se eu fosse um jurista obstinado ou um filósofo, preocupado com princípios em vez da própria vantagem, eu teria que falar que o sistema é certo, a justiça tem razão, e quem por acaso vira vítima do sistema, não deve reclamar, mas aguentar seu azar. Mas já que não sou filósofo, mas um homem, que quer a melhor vida possível para mim e a família, faria de tudo para me liberar de tal escravidão, usando todos os recursos, até falando que foi ilegal escravizar-me. Quem sabe, um juiz ouviria as minhas reclamações e me liberaria!”

“Mas deve ter uma base, uma justiça absoluta, que talvez ainda não alcançássemos. Quem sabe, uma justiça baseada na lei de Deus.”

“Não existe justiça absoluta. A posse de um escravo acontece pelo direito do vencedor, mas o mesmo acontece com todas as outras coisas, que alguém possui. Veja toda essa vila ou minha fazenda. Alguém há muito tempo negociou com os índios e adquiriu as terras. Mas ninguém sabe, se os índios foram os donos legais no sentido de uma lei moral. Quem sabe roubaram as terras de outra tribo por guerras ou fraudes. Se levasse tudo isso em conta, ninguém seria mais o dono legal de sua propriedade. Imagina

se o governo dissesse: É verdade, ninguém é dono legal de sua terra, vamos desapropriar todas as terras. Seria um absurdo, e pela mesma razão seria uma injustiça desapropriar negros ou putas legalmente adquiridos.”

Depois discutiram por muito tempo os aspectos e a necessidade de estabelecer uma hierarquia, e depois definiram, que depois de meu pai, meu irmão, de minha mãe e de mim chegaria a Verônica, depois a Anuta, depois Amélia, depois a Analia. Por enquanto todas as outras putas ficariam depois delas, sendo elas putas da primeira categoria. Putas desviadas, insubmissas ou preguiçosas poderiam ser abaixadas para a segunda categoria. Nela, por enquanto, só se encontraria a Pídia por ordem de sua vendedora, que queria que ela fosse sempre castigada. Em baixo das putas da segunda categoria ficariam ainda as subputas, em nosso caso a índia.

Quem ficar em cima de uma outra pessoa, poderá lhe dar ordens, pode fiscalizar seu trabalho, seu quarto, seus pertencentes e pode castigá-la com tapas. Não poderiam dar chicotadas nem chibatadas sem permissão de um membro de nossa família, a não ser umas cinco chicotadas à índia durante a faxina cedo da manhã. Seria também o direito, mas também o

dever das líderes educar as outras putas e ensiná-las como se chupa, transa e agrada da melhor forma.

Quem for puta da segunda categoria não terá o direito de fabricar bibelôs e outros artefatos, em lugar disso ajudaria nesse horário na cozinha, limpando e preparando as comidas ou lavando as roupas, sobretudo as roupas da cama e as toalhas, que se gastam em nosso ramo com grande quantidade.

Com essa hierarquia conseguimos que as meninas se sentiam valorizadas por serem putas de primeira categoria, e elas podiam submeter outras, que ficavam em baixo delas, sentindo-se superiores. Ao mesmo tempo as putas das piores categorias seriam vigiadas por todas. E para elas acreditarem na hierarquia e se acostumarem a ela fizemos uma rápida brincadeira. Meu irmão começou e disse: “Verônica, dá um tapa à judia.”

Ela obedeceu. Agora era a vez da Verônica. Ela disse: “Anuta, dá um tapa à Rosalina.”

Ela obedeceu. Agora era a vez de Anuta e ela disse: “Analia, dá um tapa à Pídia.”

Ela obedeceu também e disse: “Rosalina, dá um tapa à negrinha.”

Explicamos que não podia, só podem bater em pessoas de categorias inferiores. Então, as putas da primeira categoria podiam atualmente só bater em Pídia e na índia.

Já que a índia já estava no estábulo, Pídia recebeu de novo os tapas, e assim as meninas se acostumaram à ideia de que podiam agora sempre mandar e bater em Pídia, se quisessem. Meu pai fez valer o velho brocardo, que o um miserável seria feliz se tivesse alguém mais miserável a quem pode humilhar e descartar seu rancor. Se uma puta superior manda em uma puta inferior, a segunda há de obedecer sem falha. Se achar o tratamento injusto, pode reclamar depois com uma pessoa da liderança. Também incentivamos as putas para contar falhas de outras putas aos líderes para manter a ordem e a justiça.

Ao mais foi estabelecido um rodízio para vigiar a índia na faxina. Incluía o dever de trazer a selvagem e de levá-la de volta e acorrentá-la em seu estábulo. Assim, uma vez em dez dias, cada puta podia se sentir superior, educar e até dar chicotadas.

Dois dias depois, na véspera da festa de Analia e Joana, meu pai estava com dores de cabeça. Por isso ficou deitado no quarto e chamou Rosalina para fazer-lhe uma massagem gostosa. Ela ajoelhou-se ao lado de sua cabeça, colocou a cabeça de meu pai em seu colo e começou a massagear as têmporas, local de onde as dores saíram. Teve dedos ágeis e teve destreza na arte de ajudar a um doente com massagens, porque a senhora Eleonora mandou ensinar muitas coisas “úteis” às suas “princesas”. De repente bateram na porta e a escrava Amélia anunciou o Raimundo, que teria uma notícia interessante para meu pai. Meu pai se sentou para receber melhor o visitante, e Rosalina ajoelhou atrás dele para massagear a nuca.

Raimundo acabou de voltar de um trabalho urgente em uma fazenda. Meu pai não queria que ele fosse porque as obras aqui precisariam também dele, mas já que além de um pagamento bom a perspectiva de mulatas e negrinhas gratuitas o aliciara, ele fora, mas voltou dentro de 4 dias.

Trouxe a notícia boa que o fazendeiro teria que vender uma mulata de 18 anos e uma negrinha.

pelinhos muito finos. Custariam juntas dois contos e meio. Seria um preço caro, mas Raimundo disse, que muitos fazendeiros venderiam escravos para o sul, onde trabalhariam nas plantações de café, enquanto as escravas muitas vezes virariam prostitutas nas capitais, sobretudo na Corte (isso é o Rio de Janeiro) e no São Paulo. Já que os ingleses caçavam os navios negreiros e os confiscavam, os preços de escravos subiram e os fazendeiros ricos do sul tentariam comprar os escravos das fazendas no Norte e Nordeste.

Já que ganhamos bem nas últimas semanas e iriamos precisar de mais meninas para a sucursal, meu pai não hesitou e me mandou buscar as meninas assim que a festa acabar.

Raimundo, elogiado por meu pai, disse: “Senhor Renato, posso fazer um pedido? Ouvi falar que vão abrir uma sucursal na Vargem Alta. Já que no ano que vem vai ficar só com um filho trabalhando com o senhor deve ser difícil ter duas pessoas responsáveis em cada bar para educar e vigiar as putas. Se o senhor permitir, eu teria interesse em trabalhar para o senhor. Seja aqui ou na Vargem Alta.”

Meu pai certamente devia ter sabido do caráter e das inclinações do Raimundo, mas ele disse: “Atualmente temos outros planos, mas vou pensar sobre sua proposta. Mas quem vai ser ferreiro aqui?”

“Talvez alguém até tenha interesse para comprar a ferraria. Quem sabe, o senhor manda seu filho procurar um interessado na capital, lá tem muita gente ociosa, sem fazer nada.”

A festa já seguiu a rotina. Só teve poucos visitantes de fora, mas mais de 600 pessoas festejaram o estreio das duas meninas lindas e as chicotadas. Ganhamos somente com bebidas e comidas mais de 100 Mil Réis, com as chicotadas quase 200 e com quase 500 bilhetes vendidos para as nossas putas, sobretudo as duas chicoteadas, ganhamos quase dois contos. Em tudo já nesta noite quase o suficiente para pagar a aquisição das duas putas novas.

Depois da flagelação o músico tocou muitas músicas animadas. Teve que tocar sozinho, já que Amélia teve que atender a uns 15 fregueses que compraram um bilhete que daria acesso à sua intimidade. O povo ficou animado, bateu palmas, cantou. Claro, todos ficaram excitados e

alegres depois do show das duas meninas dançando no ritmo das chicotadas, e muitos estavam com bilhetes e ficaram nessa expectativa alegre de algo muito gostoso iminente.

O pai da moleca, já bêbado, comprara um bilhete de sua própria filha e perguntou ao meu pai: “E quando ela ficará açoitada?”

Meu pai desconversou: “Ela é muito mocinha, acho o açoitamento é só obrigatório para negras e mulatas grossas e rebeldes. A judia também não foi flagelada.”

“Que pena.”

“O senhor queria que ela fosse flagelada? Por que?”

“Por que? É claro! Porque ela fez a gente passar muita vergonha.”

“Bom, mas o senhor já a exemplou.”

“Um pouco. Na verdade, mereceria mais castigos.”

“Na verdade, por pouco não lhe dei 15 chicotadas. Até que ela mesma as pediu. Mas depois pensei no que as pessoas diriam.”

“Diriam o que?”

“Achariam que ela é uma menina da vila, uma de nós, e achariam que seria um ato bárbaro açoitá-la. Se tivesse uma razão forte, talvez fosse outra coisa. Se ela cometer algo que todos acharem errado, todos concordariam com um castigo corporal.”

“Vou pensar sobre isso. Talvez me lembro de uma falha dela.”

Não precisava refletir muito, porque quando chegou a vez dele para usar a moleca, ela se escandalizou e rejeitou o pai apesar do bilhete dele. Com tanto barulho meu irmão teve que intervir e forçar a menina para cumprir seus deveres. A moleca insistiu chorando que seria um pecado grave, enquanto o pai disse que ela não seria mais a sua filha. Meu irmão disse com precisão: “Se for um pecado, será o problema de seu pai, porque Deus vai o anotar no livro dele. Mas você não é Deus nem ajudante dele. Você é uma puta e uma puta há de fazer duas coisas: abrir as pernas e obedecer em tudo. Entendeu? Vai ser açoitada de castigo.”

Nesta altura eu já dormi para descansar para o próximo dia.

Logo no outro dia saí com um amigo que conhecia o caminho. Fui poupado dos muitos trabalhos para arrumar tudo depois da festa, porque meu pai não quis perder o negócio: "Se demorar a gente corre o risco que um mercante passa para lá e oferece um preço maior para vender as potrancas no sul. O governo estadual deveria cobrar uma taxa pela exportação de escravos para outros estados ou proibi-lo de vez."

"Daqui a pouco eu vou estar na capital e, quem sabe, vou estabelecer bons relacionamentos com pessoas do governo para influenciar a política a favor das pessoas aqui no estado."

Chegamos à fazenda depois de um dia bem cavalgado, porque a distância era bem maior do que a para a fazenda da senhora. As duas escravas estavam em um tipo de cárcere, de pé com as mãos para cima amarradas em uma viga, as duas juntas com outra escrava mais velha que vestia uma calcinha de ferro, que o fazendeiro tinha adquirido de Raimundo. A mulata evidentemente também ficara de calcinha, só que a tiraram, para nós a puder investigar. Mostraram-nos as duas potrancas, e

perguntaram, se queríamos comê-las. Retruquei: “A negrinha não é virgem?”

“É.”

“Posso vê-lo?”

Abriram a bucetinha da menina e me mostraram o cabaço. Fiquei contente e disse: “Vou deixar o cabaço para um cliente tirar.”

“Quer então a outra? Ou seu amigo quer? Pode também escolher outra menina para a noite, se preferir.”

“Prefiro. Para comer as outras duas vamos ter outras oportunidades em casa”, disse rindo.

O fazendeiro perguntou: “Quer que coloque a calcinha outra vez?”

Ri e disse: “A escrava ainda é do senhor, então o senhor decida.”

“Acho que daqui a alguns minutos vai pagar e a partir desse momento será sua, então será mais do que justo o senhor decidir.”

“E quanto tempo ela já vestiu a calcinha?”

“Até o meio dia. Depois a tiramos na espera de sua visita.”

“Então a potranca pode muito bem experimentar mais um pouco essa calcinha boa.”

O fazendeiro percebeu minha curiosidade e me mostrou a calcinha: “Conhece? Não conhece? É de sua vila.”

“Sei, mas nunca usei. Não sei como se a coloca.”

O fazendeiro me explicou como funciona e destacou a possibilidade de uma escrava, que está de castigo, poder vestir a calcinha até durante o trabalho: “Devemos evitar castigos que impedem que a pessoa punida trabalhe. Não gosto de negros preguiçosos. Com essa calcinha podem trabalhar nos campos. A vergonha que passam diante dos outros até ajuda para uma delinquente se arrepender do mal que fez.”

Recebi o aparelho e coloquei primeiramente a calcinha de chapa de metal entre as pernas e fechei os cintos. No lugar das duas entradas a calcinha teve buracos de uns cinco centímetros, e por elas se enfia um tarugo de metal e encrava-o na carne da menina. Achei o momento de fazer passar o tarugo maciço, pesado e frio para dentro da menina muito comovedor, um sentimento como que a menina fosse relutando e submissa ao mesmo tempo.

Depois de ter introduzido e segurado os dois tarugos peguei o pino pendurado na calcinha e o

enfiei no orifício pequeno em cima da entrada da buceta. Reparei que tive me precipitado ao passar o tarugo na bucetinha, porque com o tarugo enfiado seria mais complicado alcançar a uretra. Por isso afastei o tarugo, abri a buceta e tentei enfiar o pino. O fazendeiro observou-me sorrindo sem oferecer ajuda, certamente queria ver, como eu resolveria o troço. Tive que mexer um pouco com o pino até ele entrar na uretra, e tive cuidado para não ferir a pele sensível dentro da uretra. A menina gemeu profundamente, o que me enterneceu muito. Finalmente ele estava aprofundado e segurado com um pino menor, e em seguida empurrei o tarugo grande de volta na fauce da perereca.

Em frente do grelinho se erigiu uma construção, uma torrezinha, um tubo de uns quatro centímetros altura e um centímetro de diâmetro. Peguei a pinça dentada especial pendurada na calcinha, enfiei-a no tubo, peguei a cabecinha do grelinho e retirei o lóbulo de amor da puta mais ou menos até ele estiver esticado por dentro do tubo, então uns quatro centímetros. Apertei os dez parafusos que de todos os lados apertam e fixam o clitóris no tubo, cruelmente estendido e torturado pelo aperto dos parafusos. A escrava uivou, ululou e tripudiou em uma maneira

grotesca, rimos muito e batemos na bunda dela para elogiá-la por dançar tão animada para nós e garantir-nos tal espetáculo divertido. Quando virou mais calma peguei os dois peitos de boa consistência, brinquei um pouco, dei umas palmadas neles e observei como sacudiram. Meu amigo também os testou, e depois ficamos muito excitados e ávidos para escolher uma carne negra ou parda para a noite.

Os escravos dormiram todos em uma casa longa sem divisas, talvez umas 80 peças. Entramos na casa, onde os escravos já pegavam no sono, já que o capataz os desperta bem cedo da manhã. O fazendeiro e o capataz foram com a gente para a casa dos negros, destrancavam a porta. A casa estava muito cheia de gente, e muitos dormiram no chão com colchonetes precários, outros em jiraus. O dono esperava com a arma na mão na entrada e o capataz entrou conosco, segurando seu berrante e o chicote. Passamos por cima de pessoas deitadas no chão e o capataz tirou algumas moças e mocinhas das respectivas enxergas e mostrou-as na luz da lanterna expondo também os peitos e as bucetas. A maioria dormiu nua, por causa do calor e por falta de roupas para a noite, umas meninas tiveram uma camisola surrada, talvez ganhada

de moças brancas, que o capataz levantou para nos mostrar os detalhes mais importantes de seus corpinhos para facilitar a escolha. Outras tiveram uma calça curta, que uma moça branca jamais vestiria. O capataz abaixava as calças até os joelhos e alumiava os corpos expostos para a gente verificar os produtos.

Uns negros estavam com os olhos abertos e pelo jeito como eles entrecerraram as sobrancelhas reconheci birra e ódio em suas mentes. Certamente estavam com inveja que as moças poderiam dormir nesta noite em uma cama boa e com um moço branco. Talvez esses animais brutos pensaram em eles mesmos abusarem das garotas. Também o capataz percebeu os olhares pouco amigáveis e deu um golpe em um dos rostos mandando: “Fecha os olhos, safado.”

Escolhemos cada um uma parceira e saímos desse lugar lúgubre, incômodo, fedorento e até perigoso.

As duas garotas receberam sabão e foram se lavar, enquanto tomamos um jantar com o fazendeiro, a sua esposa jovem, que ele mandara chegar de Portugal, as duas crianças e um negrinho que foi criado na casa-grande porque ele era colaço da filha e eles acharam que

poderia ficar na família, por enquanto, o que eu acho muito errado, porque ele vai sair vaidoso e soberbo, mas eu não disse nada para não chatear os anfitriões. Acho, se querem mimar um ser, seria melhor dar um gato ou cachorrinho à filha. Esse negro, quando adulto, será um ser soberbo, mas ainda escravo, e essa mistura gera nada de bom. E ele vai ser ingrato, porque continua sendo escravo. Bom, não acontece sempre, mas poderia acontecer. Por isso seria melhor mimar os animais e educar os escravos com mais severidade.

Se em lugar dele pelo menos tivessem escolhido uma menina, seria menos grave, porque meninas são mais servidores e submissas. Se sair uma menina boa, poderia virar mucama, caso contrário, pode virar puta e dar um bom dinheiro ao dono.

O outro dia também já era rotina. Já que, ao contrário da praxe na fazenda da senhora, as meninas sabiam que foram vendidas para serem prostitutas, tiramos-lhes as roupas logo na fazenda. Seu exemplo serviria para apavorar as outras escravas, porque as meninas não foram vendidas por acaso, mas por falta de reverência e

submissão. Por exemplo, a mulata várias vezes não cooperara devidamente quando alguém quis transar com ela, e a negrinha afastara-se da fazenda sem permissão para resolver pequenas tarefas e levar recados para outros negros.

Justamente a falha da mulata seria combatida sistematicamente pelos responsáveis de putas, razão pela qual fazendeiros optam por vender meninas com esse desvio de comportamento a prostíbulos e barzinhos.

Fomos para o cárcere e primeiramente tirei a calcinha. Quando puxei o pino da uretra saiu mijo em esguichos, e quando tirei os dois tarugos grandes, eles foram bem sujos. “Pior do que um animal”, comentou meu amigo, mas mesmo assim gostei da sensação estranha que senti quando puxei os negócios para fora. O fazendeiro disse: “O ideal seria mandar a bruxa andar todo o caminho com a calcinha. Deveria ter trazido uma para usar nela.”

Lavemos as meninas e ambas foram atreladas atrás de meu cavalo, assim como o aprendera da senhora, e tiveram que correr, incentivadas por chicotadas atrevidas de meu amigo.

Em todas as pausas estupramos Lídia, a mulata de 18 anos, e de vez em quando trocamos as

funções e meu amigo atrelou as escravas em seu cavalo, porque eu também queria ficar atrás, observar as putinhas correrem e dar de vez em quando uma chicotada no ar ou também na pele nua das gazelas.

Claro que era impossível conseguir todo o caminho. Não queríamos destruir as garotas e a partir do almoço permitimos que sentassem na sela, mas aproveitamos para apalpar as putinhas o tempo todo para humilhar e avacalhá-las o máximo possível.

No entardecer a negrinha sentou escarranchada em minha frente e segurei minha mão entre suas pernas, onde a região já virou um pouco pantanoso. De repente ela pediu: “Tenho que fazer xixi.”

Perguntei por que não mijou na pausa e ela respondeu: “Não consegui.”

“E agora consegue?”

“Sim.”

“Então tem que esperar até a próxima pausa.” Falei com cinismo porque sabia que a gente só faria uma pausa na noite. Gostei de ser um pouco cruel e de apavorar a negrinha. Continuamos a viagem e de vez em quando

A duas potrancas foram como de costume colocadas em baixo da viga, com as mãos presas em cima, para o povo se poder divertir, ver e apalpar a mercadoria nova, verificar a qualidade da carne e humilhar as putinhas. Porém, tivemos muito cuidado com a negrinha para proteger sua virgindade, porque nós responsáveis para putas não somente educamos e promovemos as meninas, mas também as protegemos para ninguém lhes fazer um mal. Por isso, sempre alguém de nós ficou por perto para ninguém enfiar algo na bucetinha da negrinha. Por sinal, deu uma confusão falar somente de “negrinha”, já que a negrinha é a Luiza. Por isso virou comum chamar a negrinha nova simplesmente de potranca ou de zaininha, já que sua pele castanha-escura brilhante lembrava em uma égua ou potranca zaina. Ela teve também um nome de batismo que era Manuela, mas tal nome complicado não vinga em puteiros e bares com putas.

Mas mesmo ficando sentado ao lado da zaininha fiquei preocupado. Todos queriam ver o cabaço, e uma vez um rapaz enfiou o dedo. Reagi logo e bati na mão dele, puxando o braço dele para trás, mas tive medo de que ele tivesse danificado a potranca. Investiguei-a e graças a Deus não

quando fiquei pronto com o gado e a índia, subi para vê-la. Ela estava toda exausta e começou logo a chorar quando entrei. Embora que usássemos um chicote mais leve sua pele foi ferida e o lençol teve manchas de sangue. Sentei-me, consolei-a e disse que agora virou uma puta verdadeira e a parabenizei. Ela chorou mais ainda: “Não quis ser puta.”

“Bom, você sabe que é uma escrava. Uma escrava tem que trabalhar no lugar que o dono lhe escolhe. Não é culpa de ninguém que você nasceu escrava, assim como você nasceu negra e menina, é uma condição inata, e cada um tem que se arranjar com a sua. Agora passou pelo pior, e daqui adiante pode trabalhar sem ser açoitada, se você sempre for boa e obediente e ama seus donos e também seus clientes.”

“Eles me odeiam.”

“De jeito nenhum! Eles pagam muito dinheiro para poder ficar contigo, a gente ganha muito dinheiro alugando seu corpo a eles, dinheiro que serve para comprar alimentos para ti e as outras meninas e nós todos, pagar os obreiros que constroem seu quarto e os das outras meninas, também quartos para visitantes e até erigem uma

igreja. Em todas essas obras tens parte, minha zaininha. Não é maravilhoso saber disso?”

Ela me olhou assustada. Continuei: “Não pensa, que sou um homem cruel. Gosto de ti, mas tenho que fazer meu trabalho. Fui rígido para levar-te com segurança para cá e para te educar. Se queres ser agora uma menina boa e meiga vou ser seu amigo e te ajudar sempre. Vamo-nos levantar e tomar um banho e depois te mostrarei suas amigas.”

A moleca e a negrinha ajudaram na cozinha onde minha mãe estava fazendo a massa para bolos e biscoitos natalinos. Quando a tigela de massa esteve vazia, minha mãe a passou para as meninas: “Lavem-na, mas se quiserem, podem lambê-la antes.”

As meninas sentaram-se na mesa e começaram a tirar os restos da massa com o dedo lambendo o dedo em seguida. A negrinha quis logo enfiar a cabeça inteira na tigela, mas minha mãe lhe o proibiu para ela não ficar igual a uma cadelinha. Mas da tentativa de lamber diretamente da malga seu nariz levou uma marca branca de massa de bolo e a moleca disse: “Mas você é uma gatinha, com nariz assim.”

A negrinha estranhou, porque não teve espelho na cozinha para ela poder se ver, mas quando a moleca lhe descreveu porque se assemelhava com uma gatinha, a negra pegou massa com o dedo e lambuzou também o nariz da amiga: “Agora você também é uma gatinha.”

“Faltam ainda os pelos do bigode”, riu a moleca e pintou com a massa na negra linhas saindo perto da boca até quase à orelha. A negrinha revidou pintando o mesmo na face da moleca. Começaram a rir cada vez mais e quando minha mãe voltou do quintal, onde dera uma olhada no forno deu uma bronca nas molecas e mandou-as ficarem em pé no cantinho da cozinha, de castigo.

Foi desse jeito que encontramos as duas, quando eu e a zaininha chegamos à cozinha. Vendo que cheguei em um momento inadequado falei: “Bom, quis apresentar a novinha às coleguinhas, mas parece que será melhor voltar mais tarde.”

Minha mãe riu: “Pois é, minha ... como é mesmo seu nome?”

“Manuela, senhora.”

“Pois é, Manuela, suas coleguinhas não estão dando um bom exemplo hoje. Mas normalmente

são meninas boas, você está com sorte de que chegou para nós. Meninas, gostam daqui?”

“Gostamos, senhora.”

“Está bem, sentem na mesa e mostrem à sua coleguinha nova como se lambe massa de bolo sem besuntar a face como palhaças. Ouviram?”

“Muito obrigada, senhora.”

Fiquei ainda um pouco com as meninas perguntando as duas maiores, se gostavam de serem putas e elas responderam que gostavam e que amavam todos os clientes. Contente com as respostas exortei-as: “Ajudem a sua nova amiguinha para virar também uma putinha boa e gostosa, para ela tiver sucesso igual a vocês.”

Cedo da manhã do outro dia as duas gurias invadiram o quarto da zaininha e perguntaram: “Como dormiu? Já está gostando um pouco?”

“Estou gostando de vocês. Todo o resto é horrível.”

“Não é horrível. Horrível é trabalhar em outros lugares onde açoitam as meninas todos os dias e não dão nada para comer.”

“Nossa, que horror. Quantos anos você teve?”

“Oito.”

“E desde essa época teve que transar?”

“Tive.”

“Queimar seu grelinho deve ter sido muito pior do que uma flagelação.”

“Na verdade, desmaiei. Mas as dores estavam ainda terríveis, quando acordei. Mas uma flagelação como a que recebi de bem-vinda até me parece pior porque demora muito. Para mim é até melhor não ter mais meu grelinho, porque alguns donos pegam-no com um alicate e o puxam até a gente faz ou fala o que querem.”

“Ai. Será verdade?” A moleca sentiu um calafrio: “Acho melhor cortar meu de vez.”

A negrinha se opôs: “Não, seu é tão lindo. Posso tocar nele?”

Obtida a permissão pegou a hastezinha tenra da amiga com muito cuidado entre seus dedos, e lhe foi como se nunca na sua vida tivesse sentido uma coisinha tão delicada entre seus dedos e seu coração se enterneceu.

Mais tarde desceram à sala, mostraram à novinha como formar lindas figuras de barro e

como lidar com a índia. Era a vez de Analia cuidar da índia. Explicaram à zaininha: “Você é agora já uma puta da primeira categoria. Pode bater na selvagem, por exemplo.”

A zaininha teve receio, mas quando as amigas lhe mostraram como bateram nas nádegas da índia e essa, sem reagir, continuava esfregando o chão, ela também criou coragem e bateu na bunda da “princesa do bode”.

A judia, em vez de fabricar mais enfeites, sentou ao lado de meu irmão colocando um braço em sua nuca como uma namorada, e eles estudaram a Bíblia. Leram um livro da Bíblia chamado “Cântico de cânticos de Salomão”. O livro teve um texto muito interessante e todas as putas ouviram de orelha em pé o que os dois leram. Tratava do rei Salomão, que tem uma namorada morena, e ele brinca com suas duas “gêmeas de uma gazela”, que seriam seus peitos lindos e perfeitos, e com “a pomba que se esconde em uma fenda na rocha”, evidentemente o grelinho da amada. Ele a chama a mais formosa entre as mulheres, um lírio entre os espinhos e a compara com as éguas mais bonitas do faraó do Egito.

Meu irmão chamou a judia de seu “lírio entre os espinhos” e de “mais formosa entre as donzelas”

e ela chorou de emoção. Ri da burrice dela que toma tais palavras a sério, mas me lembrei, quantas vezes eu enganei as meninas com palavras bonitas. Muitos acham, que é muito mais fácil domesticar, educar e treinar cavalos e cachorros do que meninas, mas eu acho o contrário.

Meu irmão leu: “Como és formosa, querida minha, como és formosa! Os teus olhos são como as pombas e brilham através do teu véu.” Ele olhou em seus olhos grandes e melancólicas, que sempre deram a impressão como se ela pensasse em seu país paterno perdido, e ela pôs-se a chorar de novo.

No horário do almoço apareceu o coronel Aloísio com seis capangas e pediu comida e bebida. Ficamos meio constrangidos porque ele era pouco amigo do coronel Henrique, mas ele convidou meu pai para sentar com ele e ofereceu um lugar para a gente poder estabelecer uma sucursal em parceria com ele.

Falou que ouviu que meu pai iria se candidatar como juiz de paz e ofereceu, que poderia retirar seu candidato, se meu pai cooperasse com ele: “Não sou contra o coronel Henrique, até acho

que o melhor seria uma parceria de nós três, só queria que ele reconhecesse os limites entre as duas posses como foram estabelecidos em um contrato entre meu pai e o pai dele.”

O coronel tirou da bolsa o contrato e o deu para meu pai ler.

“Posso mostrá-lo ao meu filho? Ele estudará direito e sabe mais do que eu.”

Olhei o contrato. Na verdade, não sabia mais do que meu pai, já que o fato, que eu iria futuramente estudar não me forneceu sabedoria jurídica antecipada. Mas fiz de contas e estudei os detalhes do contrato. Segundo o contrato o limite não seria o riacho, mas uma linha reta. O coronel acusou: “Em toda essa área aqui no Norte o coronel Henrique está plantando, embora que a terra seja minha. Poderia simplesmente matar quem atravessar a fronteira, mas não quero uma guerra, quero dar a chance ao Henrique de negociar. Até aceitaria uma indenização por um outro terreno. Se o senhor for juiz de paz, teria influência nisso, embora que tamanho registro se faria na capital. Quem sabe, consegue influenciar o coronel Henrique para a gente fazer um acordo. Os tempos são difíceis e todo mundo ganha menos e o capital e

os escravos vão para o sul. Por isso a gente deve fechar um acordo para juntos sermos mais fortes.”

Depois da visita sabíamos que ser juiz de paz poderia ser também perigoso, porque seria impossível sempre julgar a favor de todo mundo. Ao outro lado seria pior ainda ter um juiz aqui, que não seja a gente e atrapalhe os nossos negócios. E o juiz seria influente, poderia favorecer seu próprio negócio e protegê-lo contra concorrência indesejada. Para nós seria realmente o melhor, se os coronéis chegariam a um acordo, mas por enquanto tivemos que mostrar boa vontade aos dois lados. O problema seria, quando o coronel Henrique saber que nós negociamos também com o coronel Aloísio.

Na noite meu pai se sentou comigo e com meu irmão e nos pôs ao par dos fatos, para a gente saber das oportunidades e dos perigos. Concluiu: “Como tudo, uma chance também contém riscos. É assim que se vive. Paz não existe. Os perigos sempre existem, só pode enfrentá-los e tomar providência ou fechar os olhos e ignorá-

los. Quem sabe, os que fecham os olhos até vivem mais felizes.”

Perguntei: “E as escravas e putas? Como elas vivem mais felizes? Também fechando os olhos?”

Meu pai respondeu: “Para elas não existem perigos neste sentido, porque elas não são responsáveis por suas vidas. Os responsáveis somos nós, e nós cuidamos delas. Os maiores perigos para elas são surras, mas perigos verdadeiros elas não têm. Uma escrava ou puta vive feliz a partir do dia em que reconhece seu destino e aceita o fato que ela é uma puta e uma propriedade nas mãos de alguém, uma mercadoria promovida por outros.”

“Mas gosto das negrinhas e das outras putas; elas são seres vivos, ao passo que uma mercadoria é um objeto morto que não desperta emoções.”

“É ai que a porca torce o rabo.”

“?”

“É esse o problema. Você quer ser considerado um homem bom pelas meninas. E você não as trata simplesmente como meras mercadorias, mas como bichos de estimação. Não tenho nada

contra. Também bons criadores de cavalos ou cachorros tratam os animais como bichos de estimação e não só como mercadoria. E eles obtêm bons resultados criando cavalos velozes e cachorros caçadores e outros bichos. Mas deve ser consciente dos perigos e limites: um cachorro tratado com amor mesmo assim continua um cachorro. Ele nunca vai se sentar na mesa considerando-se um ser humano. Mas um negro tratado com generosidade muitas vezes torna-se soberbo e vaidoso e pensa que poderia virar igual a um ser humano. E aí você teria um problema com ele, e seria muito difícil tirar essas ideias erradas depois da cabeça de um escravo."

"Já sei, pai. Sempre presto atenção e quando necessário seria disposto a humilhar, quebrantar, castigar e transformar as meninas ao mais leve sinal de desobediência."

"Sei, filho. Mas sei também que o ser humano gosta de ser enganado, gosta de deixar para lá, gosta de fechar os olhos diante dos problemas. Meninas, ao contrário de cachorras, iludem, enganam, escondem, fazem de contas e enleiam um homem em suas redes astuciosas. Quero que se torne um homem feliz, por isso tenho que te alertar das falcatruas das escravas e putas."

“Obrigado.”

“Não é só por sua causa, é também pela preocupação com o futuro das putas, escravas e negras. É para o próprio bem delas. A gente educa e castiga para combater seus vícios, afastá-las do mal, mantendo-as limpas e boas. Não devemos mimá-las estragando-lhes o caráter, mas devemos governar com justiça equilibrada. Essa justiça inclui coisas boas como o fato que as meninas recebem uma cama limpa, comida, proteção, conselhos, educação e mais, mas inclui também as chicotadas. Deve ter um equilíbrio sensato.”

Dois dias depois começamos a leiloar as chicotadas para a próxima festa. Já passou mais de um mês e estava na hora de açoitar a Pídia. A moleca também iria receber sua punição em forma de chicotadas, mas considerando que ela é branca e foi na época ainda muito jovem meu pai só vendeu 15 golpes. Também vimos como mesmo o chicote mais leve dilacerara a pele tenra da zaininha. No início não chegaram interessados, e vimos que era necessário manter o mesmo proceder de sempre. Desvestimos as

duas rés e colocamo-las em baixo da viga, amarrando suas mãos na viga.

Logo a notícia passou de boca em boca e o bar lotou e alguns homens faziam seus lances para poder chicotear uma menina. Vindo a putinha desta maneira na viga logo me ocorreram as lembranças mais vivas como ela brincava de açoitar índia ou mulata, em nosso estábulo ou na sacristia, e antes na casa dela. Quais lembranças interessantes e gostosas! E agora ela receberia a chance de sentir, como uma índia ou mulata se sente realmente em tal momento sublime. Sublime para todos os outros, mas um acúmulo de dores e humilhação para ela.

À tarde chegou um convite do coronel Henrique para os dias de Natal. Claro que a nossa família não pude ir em peso. Justamente para a noite de Natal meu pai planejara uma festa. Na parte da igreja, que já foi pronta, então na apside, colocaram uma manjedoura com a boneca Luizinha da negrinha e da moleca, e ao redor todas as putas inclusive as oito putas de outros barzinhos foram vestidas de anjos e formaram um meio círculo ao redor da manjedoura.

Verônica foi a Maria e seu namorado Stefano, o magarefe, o José.

Toda a apside foi ricamente enfeitada com fitilhos e outros enfeites, que as putas fabricaram nos dias antes ou que algumas pessoas emprestaram para a missa, e umas quarenta lanternas coloridas, lampiões e fifós esclareceram com sua luz bruxuleante a cena.

Não teve auto, porque putas boas nunca têm tempo para ensaiar uma peça, mas o músico tocou muitos hinos, e quem sabia um texto de cor, ajuntava-se ao canto. Depois meu pai, meu irmão e Isidoro leram a história de Natal da Bíblia.

A moleca recebeu de mim uma boneca, que arranjei umas semanas antes, já que a boneca dela ficou com a negrinha. Todas as putas receberam presentes da nossa família, mas o presente para a moleca foi escolhido por mim, e ela gostou muito. Mas eu mesmo nem estive presente, porque já fui dispensado para ficar no Natal com o coronel Henrique. Meus pais viriam só no primeiro dia de Natal.

Tivemos o privilégio de ter na fazenda uma verdadeira missa de Natal, porque o padre Alonso estava na fazenda. A fazenda tem uma

capela, mas ela não era suficiente para todos os negros, e assim a maioria teve que ficar diante da porta ou olhando pelas janelas para dentro da capela.

No jantar sentei ao lado da segunda filha do coronel, uma moça de quinze anos. Ela não sabia conversar muito e por isso aproveitei para perguntar o padre sobre o livro do Cântico dos cânticos. Ele disse, que o nome seria Cantares. Falei que em nossa Bíblia seria chamado de Cântico de cânticos, e ele disse que seria um título estranho. Perguntou como seria a Bíblia. Falei que meu irmão lhe havia mostrado e que teria três volumes, e que o dito livro estaria no segundo volume.

O padre disse que naquele dia não teve muito tempo para olhar a Bíblia porque a gente teve tantas meninas lindas em casa. Também não quis chatear a gente, mas a gente deveria ter cuidado, porque era óbvio que a Bíblia seria herética, então não da igreja católica.

“Mas será que o conteúdo é diferente?”

“Talvez não, mas se não é consagrada pela igreja católica não pode trazer bênçãos e poderia até trazer problemas para a gente. A inquisição proibiu a posse de Bíblias no vernáculo, então

no português, em nosso caso. Hoje a inquisição não é mais uma ameaça, mas vocês devem ter cuidado. Sobretudo, se seu pai quer ser juiz de paz. Um boato de que ele seria herético poderia lhe custar o mandato.”

“O livro Cantares parece muito licencioso, descrevendo como o rei se encontra com sua namorada.”

“Bom, ele é um rei e pode fazer com sua esposa o que quiser. Assim como a gente com uma escrava. Isso não quer dizer que outras pessoas podem se dar à mesma safadeza.”

“Mas a donzela morena não é esposa do rei, é óbvio que não são casados, porque eles não podem ainda transar. O rei quase não conseguiu controlar sua libido, mas antes de perfurar a moça ele se dá conta do que estava a fazer e corre, deixando-a toda num cio danado, com o desejo não satisfeito.”

“Aí você vê que não é bom se vocês lerem a Bíblia. Entendem tudo errado.”

“Mas como a gente pode saber a palavra de Deus já que não temos igrejas aqui?”

“O caminho certo é construir uma igreja, como vocês já estão fazendo.”

Não gostei das respostas e tentei conversar de novo com a filha do coronel. Seu nome é Ana Maria e seu sonho é, como ela me contou, viver no Rio de Janeiro para conhecer a Corte. Perguntei coisas sobre a Corte, mas ela não sabia nada. Aí perguntei sobre os lugares que ela já visitou e ela contou um pouco sobre as fazendas que já conheceu.

Assim passamos a noite na mesa do jantar. O coronel falou sobre coisas interessantes, mas fiquei longe demais dele para ouvir tudo e sabia que foi meu dever entreter a filha dele, já que ela foi minha dama de mesa.

O coronel não ofereceu mulatas para seus visitantes porque os negros também tiveram sua festinha de Natal e ele não quis incomodar a alegria da festa e falou simplesmente ao tio dele, que pediu por uma mulata para a cama, que hoje não teria companheiras para a noite.

O padre, porém, falou com o coronel e disse que sofreria sempre de pés frios e não poderia dormir, por isso precisaria de uma mulata. Isso seria até bíblico, porque o rei Davi também recebia uma mocinha para aquecer lhe a cama, quando sentiu frio.

O coronel disse: “Vossa Reverência certamente é um homem ilustre, mas não é rei. Os reis têm sempre mais direitos do que as outras pessoas. Se Vossa Reverência sofre de pés frios, sinto muito e vou ajudar. Vou ordenar a uma mucama lhe aquecer uma garrafa de água. É maravilhosa para aquecer pés frios.”

O padre indignou-se: “Em relação a uma escrava humilde tenho a mesma posição como o rei em relação à moça Abisague. Pode mandar uma garrafa, mas quero ficar com a mucama também. Tive hoje um trabalho pesado e preciso relaxar.”

O coronel viu que o padre estava seriamente com indignação e cedeu para não estragar o bom humor da festa. Falou com a filha Ana Maria e pediu para dispensar a mucama dela e concedê-la ao padre.

Ana Maria fez uma cara de birra, mas depois cedeu. Perguntei: “Sua mucama dorme em seu quarto ou na antessala?”

“Na antessala. Não aguento dormir com negras no mesmo quarto.”

“Ela é negra ou mulata?”

“Mulata, é claro, mas para mim mulatos são uma espécie de negro, assim como entre os brancos

tem também tipos diferentes. Cabelos loiros, cabelos pretos...”

Tive uma ideia para lisonjeá-la e disse: “Seu cabelo é muito bonito.”

Ela virou vermelho e agradeceu.

Quando já estive em meu quarto ela bateu a minha porta bem suave e entrou de mansinho: “Estou sem mucama, não consigo fechar o laço da minha camisola. Pode me ajudar?”

A menina não era feia, mas muito insossa. Fiz-lhe o laço e desejei uma boa noite, mas ela se sentou na beira de minha cama sem ser convidada e disse: “Sabe o que queria perguntar? Por que se interessou pelo lugar onde minha mucama dorme? Ela não está em sua cama, foi concedida a um visitante importante.”

“Sei, todo mundo ouviu o que o padre disse ao seu pai. Já que ele se aborreceu e falou alto. O que você acha do padre?”

“Do padre? Não sei. Bom. Sabe ler a missa.”

“Fez confissão. Reparou algo estranho?”

“Não. Por que?”

“Parece-me que ele liga pouco ao que a gente confessa.”

“Não sei, não percebi nada.”

“O que confessou?”

“Você exige que lhe conto o que confessei? Mas é segredo.”

“Mas você o contou também ao padre.”

“Contei porque dizem que a gente tem que fazê-lo.”

“Viu, então não é mais segredo e pode me contar também.”

“Bom, posso até contar, mas só se você também conta o que confessou.”

“Combinado.”

“Confessei que menti uma vez a minha mãe, que bati minha mucama sem ela tiver feito mal nenhum e que esqueço às vezes a oração na noite.”

“E qual foi o seu castigo?”

“Orar um rosário.”

“É o mesmo castigo para todas as pessoas. Estranho.”

“Você recebeu o mesmo castigo?”

“Recebi.”

“Que bom, então podemos rezar juntos. Vou logo buscar meu rosário. Mas conta! O que você confessou?”

“Confessei que matei um juiz em Recife e três comerciantes ricos no caminho perto de minha vila, porque eles tinham muito dinheiro. Confessei que estuprei a filha de uma senhora em Recife, a filha de um fazendeiro e a esposa de outro fazendeiro e que incendiei uma igreja em Recife.”

“Nossa, e com tudo isso só precisa orar um rosário? Mas então o padre é muito bonzinho.”

„Pois é. Mas estou brincando. Na verdade, só confessei que não gostei de ler a Bíblia quando meu irmão a leu e que gosto de olhar as pernas das jovens lindas.”

“Seu palhaço. Está zombando de mim!” Ela me bateu com os punhos frouxos e segurei-lhe as mãozinhas: “Calma, mocinha, não se machuque.”

“Então gosta de olhar minhas pernas, safado.”

Ela esticou as pernas. Procurei uma saída. Senti saudade das mulatas e negrinhas, ou de nossas putas. Estive com cansaço por causa da

cavalgada até a fazenda, mas tive que conversar as bobagens da menina. A uma escrava ou puta diria simplesmente: “Estou cansado, deita e abre as pernas.” E depois dormiria bem. Agora tive que conversar, embora que a moça fosse insossa. Mesmo assim, se ela fosse uma puta, mandá-la-ia deitar e abrir as pernas, porque também não era feia e daria tranquilamente para tirar o sarro. Mas com filha de um coronel a gente não pode, né!

Queria então dormir, mas ela não pensou em dormir. Ficou muito chato para mim, mas por educação aguentei a conversa enfadonha por mais de uma hora e só depois disse que seria muito cansado e me deitei. Ela fez um biquinho e lembrou que a gente teria que rezar ainda o rosário. Cedi de novo e ela pegou um rosário pendurado na janela e nós dois rezamos o mesmo rosário e nossos dedos se tocaram o tempo todo.

Poderia seduzi-la, mas seria uma loucura, e também fui cansado. E assim ela fez outro biquinho, mas foi embora. Aliviado deitei na cama e dormi logo.

Na outra manhã acordei cedo e fui andar um pouco no jardim atrás da casa-grande. Encontrei

algumas negras que já cedo cuidaram da alimentação da gente catando ervas e frutas e cumprimentei-as desejando um “Feliz Natal”, como se elas fossem senhoras. Pensei que era a festa do amor e por que não mostrar um pouco de gentilidade aos escravos? Certamente não se tornariam logo vaidosos e rebeldes se um visitante os tratasse como seres humanos.

Mais tarde apareceu o padre no jardim. As negras o cumprimentaram cordialmente, e ele revidou com um aceno leve da cabeça, preservando suas palavras preciosas para mim: “Bom dia, moço, como dormiu?”

“Muito bem. E Vossa Reverência?”

“Graças a Deus muito bem.”

“A mucama conseguiu dar conta de seu problema com os pés frios?”

Ele riu: “Deu. Tranquilo. Bom, não era nada espetacular, mas serviu. Mas você teve que dormir sozinho?”

“Tive. Mas não tem problema, pelo menos sozinho a gente dorme bem. E já que eu não sofro de pés frios...”

“Achei muito estranho que o coronel não quis abrir mão de suas escravas. Nem ao tio dele ele concedeu uma companheira.”

“Bom, cada fazenda deve ter as suas regras, o coronel quis dar um dia de folga aos seus escravos, e para uma escrava ir na cama com um visitante significa um certo tipo de trabalho.”

“Mas se uma negra pensa assim, já é óbvio que tudo anda errado. Se uma escrava recebeu uma educação adequada sabe, que é uma honra deitar com um homem branco visitante do coronel na cama. Não pode considerá-lo trabalho. Se aparecesse aqui na fazenda de visita o imperador e ele quisesse falar comigo sobre a Bíblia, também não me recusaria dizendo que hoje seria meu dia livre e não queria trabalhar falando sobre a Bíblia.”

“Claro, mas não pode culpar a escrava. Ela nem foi consultada. Foi o coronel quem logo disse que não queria molestar os escravos no dia de Natal. E o coronel, ao meu ângulo de vista, pode fazer o que quiser na fazenda dele.”

“Pode, mas ofende os bons costumes, é uma pena se pessoas responsáveis, líderes locais, não pensam na moral e na boa tradição em suas decisões.”

“Mas Vossa Reverência acha que em todas as fazendas tem o costume de fornecer negras ou mulatas aos visitantes? Um colega, que é ferreiro e trabalha às vezes em fazendas, disse que às vezes tem que pedir muito para receber uma.”

“Viu, ele sempre recebeu. Não custa pedir. O fazendeiro não tem a obrigação de perguntar a cada visitante se ele quer uma companheira. Também não corre atrás deles perguntando se queriam uma banana ou uma manga.”

“Então sendo reverendo sempre recebe meninas?”

“Às vezes eles logo oferecem as meninas, outras vezes tenho que pedir. Mas jamais me aconteceu uma coisa como ontem com o tio.”

“Então o tratam com mais reverência sendo um padre.”

“Pois é, mas um tio deve ser tratado também com reverência, né?”

“E onde achou as melhores meninas?”

“Ah, sempre se encontra uma ou outra. Quando mais jovem escolhi sempre a mais bela. Hoje já tenho mais experiência e vejo se uma menina

tem qualidades além da beleza que fazem que é gostosa na cama.”

“E que a gente tem que prestar atenção quando escolher a menina?”

“Ah. Escolho mais por intuição. A putinha deve ser briosa, você deve observar os olhos e a boca dela. Mas, na verdade, depende muito do gosto particular. Sou um homem culto e gosto de meninas espirituosas. Já os fazendeiros preferem meninas tímidas, que se apavoram quando veem um pau erigido. Então depende do gosto particular.”

“Uma puta boa deve observar o cliente e adivinhar o gosto dele e se comportar da maneira que agrade mais.”

“Isso pode ensinar a suas putas, mas dificilmente pode esperar de escravas broncas e estúpidas. A não ser que elas são treinadas para isso. Conheci algumas fazendas onde eles ensinam às meninas como se agrada aos visitantes. Visitar tais fazendas é outra coisa. Parecem um reduto da civilização em meio de uma região silvestre e bruta.”

“Vossa Reverência conheceu tais fazendas pessoalmente?”

“Claro. Até nessa região tem a fazenda da senhora Eleonora, uma senhora encantadora. Ela tem negras e mulatas... algumas delas se comportam muito bem. Se colocasse um véu nem poderia dizer se é branca ou preta. As meninas tratam um visitante muito bem, muito bem mesmo... Mas conheci a fazenda do coronel Hernandes perto de Recife, com mais de mil escravos e uma criação exemplar de mulatas, uma maravilha! Fiquei lá por várias semanas e podia chamar a qualquer hora uma menina. Isso é hospitalidade! O coronel é de uma antiga família espanhola e respeita muito bem os visitantes, se são alguma coisa.”

“Falam que a igreja católica ensina que um padre ou bispo teria que viver casto, chamam o celibato. Mas o senhor acha que um padre tem direito a companheiras para a cama?”

“Olha, muitas pessoas famosas têm até um papa, cardeal ou bispo como pai. A igreja proíbe o casamento aos padres, sim, mas jamais pode exigir viver sem transar. Se um homem não transa, o sêmen apodrece no corpo, a não ser, que ele o tire com a própria mão. Mas justamente isso é pecado.”

“Mas qual sentido faz proibir o casamento, mas não proibir o sexo com outras mulheres?”

“Uma esposa sempre tenta influenciar o marido e o atrapalha, exigindo mil coisas. Pode até reclamar que ele gaste demais tempo no serviço ou que cuide melhor dos doentes e necessitados do que dela. O padre, porém, só deve obedecer a Deus e não pode ouvir as palavras de uma esposa que o tira do caminho certo. Se ele, porém, vivesse com uma concubina ou escrava ou transa com cada vez outras mulheres, elas não têm influência sobre ele.”

No café da manhã suntuoso com muitas frutas, ovos, presunto, bolo e muitas outras delícias apareceu também a Ana Maria. Os pais dela estranharam perguntando: “Hoje tão cedo, filha?”

Ela sorriu e se sentou ao meu lado. Depois do café seguiu-me ao alpendre onde sentamos conversando com outros visitantes, e o padre ficou no centro do interesse comum contando de suas viagens que incluíram até outros países, onde batizava, segundo dele, centenas de pessoas e passou por muitas aventuras.

Depois de algumas horas a moça me perguntou se a acompanharia rezar um rosário na capela. Já me cansei das histórias do padre que me pareciam um tanto exageradas se não até completamente inventadas. Olhei com saudade as mulatas sorridentes, que trouxeram bebidas e biscoitos, mas fiquei preso entre as pessoas enfadonhas conversando sobre o tempo ou admirando aventuras obviamente inventadas do padre.

A menina disse que só teria um rosário, mas que poderíamos usá-lo juntos como ontem. Nossos dedos se tocaram novamente o tempo todo. Depois a menina falou: “Posso perguntar uma coisa?”

“Pode.”

“Por que queria saber, onde dorme minha mucama?”

“Porque é meu costume estuprar as mucamas de meus anfitriões na noite escura, e para isso preciso saber, onde as encontro.”

“Seu bufão! Você não teria coragem de estuprar minha mucama sem permissão de meu pai.”

“E sua mucama, como ela é? Mereceria ser estuprada?”

Ela sorriu com certa malícia e desse jeito a achei até atrativa: “Merece.”

“Por que?”

“Ela olha os homens de um jeito, mostra as pernas, anda de um jeito...”

“Mas você também me mostrou sua perna, então merece também ser estuprada.”

Riu: “Se eu fosse uma mucama, quem sabe, mereceria. Mas ela usa muito de quindim. E conta histórias safadas.”

“Como são essas histórias.”

“Ah, mas elas são segredos, não posso contar. Por exemplo a história como meu tio-avô dormiu com duas mulatas em sua cama ou como a nossa mulata Priscila evitou chicotadas merecidas chupando o capataz de um certo jeito, quer dizer, mais pelo outro lado...bom, como já disse, é segredo, não posso lhe contar.”

“Que bom que você sabe guardar segredos. Mas então, se você fosse uma mucama, também mereceria ser estuprada? Por que?”

“Acho que também mostraria a perna e andaria de um jeito diferente.”

“E por que agora não o faz?”

“Ah, seu palhaço. Como posso? Sou branca e filha de um homem importante e não uma puta.”

“E as mucamas e outras mulatas são putas?”

Ela hesitou pensando: “Elas são... uma coisa intermediária. São mulatas. Já diz tudo.”

“E até qual ponto me mostraria sua coxa?”

“Assim como ontem na noite.”

“Só isso? Mas as mucamas mostram mais.”

“Talvez uns cinco centímetros a mais.”

“Mostra.”

“Mas não sou mucama.”

“Mas queria ser uma.”

“Quero não.”

“Mas mostra mesmo assim.”

“Se alguém entra aqui...? Tudo bem, te mostrou, mas não aqui. Vem.”

Ela me mostrou sua coxa e eu a toquei, elogiando a beleza. Tudo de mentirinha, já que com certeza a metade das escravas tem pernas mais gostosas de que Ana Maria, mas sou um homem educado e gentil. Sabia também controlar-me. Já fiquei por dois dias sem sexo e

poderia muito bem comer a menina, mas sabia que foi fora do pensável.

Voltamos ao alpendre e o achamos em alvoroço. Chegou o juiz de paz com dois praças para prender um sujeito chamado Manuel da Silva Castro do Rio de Janeiro por homicídio duplo, fraude, estelionato, impostura e por ler missa sem ser padre. Foi o nosso “padre” que xingou as autoridades e apresentou documentos que provavam que ele seria outra pessoa, mas o juiz disse, que provavelmente seriam falsas, e o sujeito também não conseguiu provar que seria padre. Foi agrilhoado e levado embora. O coronel convidou o juiz: “Antes de voltarem se sentem e comam e bebam uma coisa. Como descobriram o sujeito?”

“Uma queixa do pessoal do bispo, que ouviram várias vezes elogios dos fazendeiros de um padre fantasma, que não era conhecido da igreja. Com o tempo desconfiavam que seria um impostor, que se daria por padre para ser alguém, receber doações nas missas e dos fazendeiros, onde atuava e também para ter acesso libidinoso à carne escrava, para dizer assim.”

“Puxa, e ontem ainda esse sacripanta me quase chantageou ao insistir que eu lhe fornecesse uma escrava para sua cama em plena noite de Natal.”

O juiz de paz comentou: “Aí o senhor já poderia ter percebido que o sujeito não é padre.”

“Por que?”

“Um padre, em tese, vive sem sexo. Se dedica somente à religião.”

Contei: “O padre, quer dizer, o sujeito preso, disse que um padre não pode casar, mas jamais foi proibido ter sexo. Pode viver também com uma concubina ou uma escrava. Disse que os papas e bispos têm muitos descendentes, até há pessoas famosas entre eles.”

O juiz declarou: “É um costume errado, um vício. Lá na Europa a grande maioria dos padres já vive sem concubina.”

O coronel supôs: “Provavelmente frequentam prostíbulos. Como poderiam aguentar ficar a vida inteira sem sexo? A não ser que sejam homossexuais ou pedófilos e abusem as criancinhas confiadas a eles.”

O juiz disse: “Se pensa sempre em coisas religiosas e não em sexo, como nós, certamente arrefece a libido.”

O coronel duvidou: “Pode ser que alguém tem sinceramente a vontade de viver sem sexo para ter mais tempo para Deus. Mas se ele visse para os Brasil vendo todas as mulatas sensuais e seminuas, provavelmente se excitaria como qualquer um. E o que aconteceria? Ou ele tenta suprimir o desejo, o que é mal para a saúde e o faria um perigo para a sociedade, ou ele cede ao desejo e transa com uma puta ou escrava ou arranja uma concubina.”

“Por que disse que seria um perigo para a sociedade?”

“Olha, se um padre aparecesse aqui na fazenda oferecendo seus serviços, que rejeitasse escravas oferecidas para sua cama tentando viver sem sexo, poderia ler a missa, mas não o deixaria catequizar minhas filhas. Como eu, sendo um pai responsável, poderia permitir que um homem, que há semanas não teve sexo, que está então com as bolas repletas de porra, poderia ficar sozinho com minhas filhas em uma sala ou quarto?”

O tio do coronel opinou: “Acho bom, se um religioso opta por livre espontaneidade por castidade, mas se a igreja o obriga para ser casto realmente tornar-se-ia uma pessoa perigosa para

as nossas filhas e esposas. Poderia optar pela castidade, seja por algumas semanas ou por mais tempo. Mas deveria ter sempre o direito de mudar da ideia para aliviar-se na barriga de uma puta ou escrava.”

O coronel contradisse: “Mesmo se um padre vivesse voluntariamente sem sexo não poderia dar aulas a minhas filhas. Quem me garante que ele tem autocontrole suficiente? Tem pessoas cleptómanas, que tentam viver sem furtar, mas não o conseguem. O ser humano é um ser sexómano, quer dizer, está sempre atrás de uma possibilidade de ter um bom sexo. Tem pessoas, que tentam viver sem sexo, mas geralmente eles não o conseguem. Se um padre quisesse ter a experiência de viver umas semanas sem sexo, poderia fazê-lo, mas que fique neste intervalo longe de minhas filhas. Um padre tem que ter acesso às escravas para ele não bulir com minhas filhas ou outras meninas e senhoras boas.”

O tio refutou: “Ah, mas você é muito exagerado, sobrinho. Eu mesmo, quando recém-casado tive uma viagem de uma semana e fiquei a semana inteira sem sexo para poupar minha força para minha esposa. Foi uma experiência interessante,

e posso te garantir, que não fui perigoso para a filha de ninguém, neste intervalo.”

“Ah, mas talvez sua libido foi enfraquecida por algum fator. Com certeza poucos homens têm tamanho autocontrole.”

O tio não quis discutir o tamanho de sua libido e procurou outro tema, perguntando ao juiz: “E o sujeito cometeu homicídio? No Rio?”

“Pois é, justamente por uma mulata, escrava dele e por causa de um bacharel, que a namorou. Só que ele mesmo gostou muito da escrava e a queria só por si. Quando se considerou enganado pela escrava matou os dois.”

“Bom, se era a escrava dele, o bacharel nem podia comê-la sem permissão, né?”

“Certo, mas nem por isso, que é um delito muito pequeno, poderia matar.”

“Mas por que é considerado homicídio duplo? Se matou a sua própria escrava, prejudicou-se a si mesmo. Matar uma escrava não é homicídio, né?”

“Claro que é. Homicídio é homicídio.”

“Mas, nem se sabe se negros pelo menos são seres humanos!”

“Bom, a gente não tem outro vocábulo para tal delito, deveria ser chamado escravocídio, matança de um escravo. Mas matar sempre é privilégio das autoridades. Até para matar certos animais também precisa de concessões.”

“Mas eu posso matar meus bois e galinhas quando quiser”, replicou o coronel. “Se um escravo meu cometesse um crime maior, eu o mataria. Aliás, condenar um escravo a mais de cem ou duzentos chicotadas significa muitas vezes a morte dele. Mas quem poderia proibi-lo?”

“Bom, aqui na fazenda o senhor é quase impunível. Mas na Corte, então na capital, no Rio de Janeiro, se um dono açoitar um escravo com 400 chicotadas e ele morrer, será processado, se tiver testemunhas. A lei prevê um proceder diferente: o dono manda o escravo ao Calabouço, que é a prisão do governo para escravos rebeldes ou criminosos. Neste lugar funcionários do governo dão ao escravo o número de chicotadas que o dono estipula. O governo cobra uma taxa e tudo fica legal.

Por exemplo, um escravo furta dez ovos e o dono fica aborrecido e o entrega ao Calabouço e pede para lhe dar 200 chicotadas. Os

funcionários açoitem o delinquente e depois ele será tratado na enfermaria do Calabouço. Depois o escravo fica preso no Calabouço quanto tempo o dono quiser.

Mas o dono paga por dia algo como 200 Réis, se ainda não aumentaram as taxas; paga pelos açoites também uns 200, mas a enfermaria já chega a custar uns mil por dia. Mas assim tudo seria legalizado."

"Caramba, parece um método do governo para ganhar dinheiro? Não ajuda a ninguém! O escravo recebe o mesmo castigo, só que acontece em lugar diferente! Que absurdo. É só para o governo ganhar dinheiro que obrigam os senhores entregarem seus escravos para o Calabouço. E quantos dias o escravo tem que ficar no Calabouço?"

"Depende do gosto do senhor. Alguns pegam seus escravos logo de volta, assim que sarados ou pelo menos capazes de trabalhar, outros deixam seus escravos apodrecerem nesse lugar imundo, em covas de terra sem luz e sem lugar para fazer as necessidades. Alguns senhores, depois de um tempo, esquecem até de pagar as diárias e a polícia fica na mão."

"Mas eles não querem os escravos de volta?"

“Às vezes um senhor se cansou de um escravo, ou ele já é muito velho e sem valor, e aí o dono o esquece no Calabouço.”

“E existem realmente senhores que foram processados por terem matado um escravo?”

“Processados são muitos. Seguimos em tese ainda hoje o código romano, que pune a quem mata seu escravo ou o sevicia de maneira abusiva e exagerada. Assim querem punir donos perversos, mas não os donos, que são justos e punem os escravos só para manter a ordem e a disciplina.

Mas o problema é: o que significa exagerado? Onde começa? E os júris geralmente são outros senhores, que também possuem escravos. Por isso quase sempre absolvem os acusados.”

“Mas alguns são condenados?”

“No meu tempo no Rio prenderam uma senhora. Os vizinhos chamaram a polícia porque não aguentaram mais os gritos da escrava. A senhora açoitava, cortava e mutilava a escrava. Empurrou-lhe o cabo da palmatória em todos os orifícios, e ao empurrá-la na garganta a escrava morreu. A senhora pediu um óbito falso de um médico, mas este se recusou e a senhora mandou dois escravos cavar uma cova na horta. Mas

antes de enterrar o corpo foi presa. E ela foi uma das poucas, que foram condenadas.

Outra senhora, que torturou duas escravas de 15 e 19 anos, fugiu da polícia, abandonando a casa. A polícia encontrou as duas escravas ainda vivas, mas com fraturas na cabeça, a pele dilacerada e feridas profundas. Levaram as escravas ao hospital, onde morreram.

E ouvi também do caso de um senhor, que teve uma escrava de onze anos com o nome Isaura. O caso virou famoso, porque esse senhor teve muito azar. A negrinha foi muitas vezes desobediente a certas exigências de seu senhor, e por isso foi punida por açoites terríveis, pancadas e queimaduras pelo corpo inteiro, até nos lugares mais segredos. Finalmente sucumbiu às atrocidades e morreu. O senhor cruel enterrou-a clandestinamente no seu terreno, mas não cavou muito. Justamente no próximo dia caiu uma tempestade que inundou a região e a terra foi levada pelas enxurradas e o corpo da menina começou a boiar na água e foi reconhecida por moradores. Aí o senhor foi preso."

"Caramba. Que azar. Mas, no fundo, bem feito. Uma menina de onze anos! Se ele a não

conseguiu educar, porque não a vendeu? Quem sabe outros conseguiriam e poder-se-iam alegrar agora de seu corpo jovem.”

“Foi justamente o que o senhor dela, entre outras coisas, queria dela. Mas ela não quis cooperar.”

“Mas é um absurdo açoitar uma menina até morrer. Só homem doido faz isso. Poderia ter entregada a menina por algumas semanas a um prostíbulo. Depois a chamaria de volta, e ela, provavelmente, seria bem boazinha e meiga. Senão deixaria a putinha no puteiro e compra com o dinheiro uma menina mais mansa. Eu detesto esses brutos que açoitam meninas pré-adolescentes até a morte.”

“De qualquer forma: neste caso a atrocidade de um senhor chegou à luz, por uma coincidência incrível. Acredito que existem centenas de casos semelhantes, que jamais se tornarão conhecidos. E dos poucos, que se tornam conhecidos, a grande maioria não é punida. Alguns subornam logo a polícia, outros falsificam os óbitos pagando um médico por um óbito falso, outros contam com a simpatia dos juízes, outros são absolvidos pelos juris, que geralmente são pessoas ricas, então também donos de escravos. Mas nas capitais nenhum senhor algoz pode se

sentir seguro assim como os senhores aqui no interior, onde o dono de terra e outras pessoas influentes ou pessoas, que conhecem um poderoso, podem fazer o que quiserem.

Tem também pessoas nas capitais, que acham que explorar suas escravas como prostituas seria proibido. Tem uma lei romana que se deixa interpretar neste sentido."

"Mas, ao que se sabe, justamente os romanos tinham escravas muito submissas em seus prostíbulos, porque a escravidão foi completamente incorporada ao estado. Como um prostíbulo bom poderia funcionar sem escravas? Só os ricos podem pagar prostituas voluntárias, que cobram fortunas. Seria tirar do homem trabalhador, que constrói esse país com o trabalho de suas mãos, a possibilidade de poder transar com meninas e mulheres pelo preço condizente à sua bolsa. E homens que são impedidos de deixar o sarro na barriga de uma fêmea tendem à rebelião, insurreição, criminalidade e ao homossexualismo, em soma coisas bem mais horríveis do que uma ou outra menina castigada com rigor exagerado."

O juiz lamentou: "Mas realmente a exploração de meninas e moças escravas alcançou uma

dimensão muito absurda. Em todos os lugares elas se prostituem, uma vez que os donos e donas descobriram, que a prostituição garante o maior lucro. É fatal para a moral de nossos jovens das famílias boas.”

Refutei: “Mas sempre teve puteiros, e para oferecer também putas suficientes precisamos de escravas. As judias e outras meninas vindas da Europa, no fundo, também são escravas.”

“Antigamente usaram poucas escravas nos puteiros. Antigamente um escravo foi mais caro do que uma escrava. Hoje vale o contrário, porque os puteiros compram escravas e pagam preços altos.”

O coronel disse: “É verdade. Aqui na fazenda temos muito mais homens do que mulheres. Preciso da força braçal dos negros. Ao outro lado, as mulheres seriam mais submissas. Mas geralmente é mais difícil comprar mulheres. Por isso não é para estranhar que mulheres custam mais.”

O juiz contou: “Os primeiros negreiros trouxeram quase só homens. Hoje a demanda é mais pelas mulheres. Vejam os prostíbulos aqui no interior. Eles empregam escravas e devem ganhar um absurdo.”

Corrigi: “Infelizmente não existem prostíbulos aqui. Só uns barzinhos que oferecem um quarto para que meninas pobres e caídas possam ganhar a vida. São mais institutos de caridade para com meninas caídas na vida.”

“Esperem só se recebam aqui um juiz de paz próprio. Depende da pessoa, mas poderia muito bem fechar seus chamados institutos de caridade. Eles devem ganhar uma fortuna ao custo das garotas coitadas, já que ninguém controla os excessos e abusos dos donos. Eles não entregam as partes devidas às suas putas. E eles ganham bem! Tem ainda meninas nas fazendas que eles compram, tem uma grande parte da população que são solteiros que não podem arranjar esposas e buscam divertimento rápido e fácil e também o dinheiro rola fácil.”

O juiz saiu com os praças e o preso, e pouco tempo depois meus pais apareceram para honrar o convite do coronel. Eles ficariam só por uma noite e sairiam na outra manhã. Meu pai trouxe seu livro com todas as contas das nossas putas, e ele e o coronel leram as colunas de cifras. Achei-o estranho. Será que meu pai agora tinha que prestar contas ao coronel? Acerquei me

como por acaso e percebi que falaram sobre a judia. Não consegui entender os detalhes, também já perdi o início da conversa, mas ao que parecia os dois ficaram contentes.

Como cheguei a saber depois meu irmão aproveitara a manhã de Natal para ler a Bíblia com a judia e ensinar-lhe cada vez mais palavras. Ela já entendeu as ordens mais básicas dos clientes e de meu pai e sabia falar coisas simples. Aí a judia tentou falar com meu irmão sobre um assunto mais difícil. Explicou-lhe que não seria uma prostituta. Contou que cresceu como filha de um mercante na Geórgia, dono de dois navios próprios. Depois de uma viagem um dos navios e com ele o pai nunca mais voltaram. A menina ficou com a mãe, mas com o tempo o cabedal da família se gastou. Aí apareceu um homem jovem e rico que disse que seria um primo-segundo do pai e teria recebido uma carta dele. Contou que o pai ficava preso no Império Otomano, acusado de fraudes, e que ele, antes de morrer em um cárcere, teria mandado uma carta ao primo-segundo pedindo que ele cuidasse de sua filha, casando com ela. Ele moraria no Brasil, onde teria posses imensas, e por isso só agora podia aproveitar a viagem para buscar a menina.

A mãe estava disposta para segui-lo ao Brasil com a outra filha e o filho pequeno, mas o homem disse que queria primeiramente levar a menina, mostrando-lhe sua posse. Iriam casar no Brasil e depois ela poder-se-ia decidir se quisesse viver mesmo nesse país distante ou se preferiria morar em sua casa em Lisboa.

“Hoje sei que ele nem tem posse no Brasil, nem casa em Lisboa, nem é primo-segundo de meu pai. Em vez de viajar logo para Lisboa para se fazer ao mar levou me para a Alemanha. Ali fiquei em uma casa trancada com três meninas judias da Polônia, que tiveram a mesma sorte indo para o Brasil esperando um noivo rico, que já foi para frente.

Fomos levadas para o Brasil. Depois de uma viagem horrível, em que vivia sentindo náusea por causa do vaivém do navio, chegamos ao Rio de Janeiro. Ali nos disseram que fomos vendidas para sermos prostitutas.

Já que ninguém de nós queria, estupraram-nos, espancaram-nos e judiaram-nos de maneiras mais perversas. Não nos ficou outra saída do que enganar os seviciadores dizendo que concordássemos com o nosso destino.

Fiquei em uma casa de aprendizagem na Rua da Carioca, onde prostitutas mais provectas me ensinaram e depois fui vendida a um senhor. Com ele nem pude falar mais, porque não falou turco, muito menos a minha língua. Sabia falar um pouco de polonês, pelo menos conseguiu-se entender com as outras meninas, que comprou e levou. Tive que aprender obedecer ao seu dedo em riste, seu chicote e seu pau sem entender palavra nenhuma. Ele vive levando meninas judias bem brancas a regiões, onde uma branca em um bordel significa uma guloseima muito preciosa para a clientela, e vende-as bem caras. Assim virei a sua propriedade, mas pela lei não sou escrava e nem sou prostituta, sou vítima de estupros intermináveis e violência."

Meu irmão ficou comovido com o destino dela, e quando ela o pediu para lhe ajudar, ele confessou que a amaria e que até cogitaria em casar com ela, se ela quisesse.

Na fazenda, nesta noite o "celibato" imposto pelo coronel a nós todos acabou e podemos escolher uma escrava. Realmente, as mucamas e negrinhas do coronel não se podem comparar às garotas da senhora Eleonora, mas depois de ficar

um dia de jejum fiquei muito feliz, quando ouvi do fim do "celibato". Percorri com os olhos as garotas da fazenda imaginando como essa ou aquela ficaria na cama. Já que era feriado, todos os escravos estavam na senzala e a gente podia passar pelos lugares, onde sentaram em grupos comendo, tocando uma música, cantando ou conversando, e olhar as moças e mocinhas. Vi uma mulatinha muito bonita de uns doze ou treze anos. Nem a tivesse escolhido, porque vi mulatas jovens mais desenvolvidas de 15 ou mais anos, mas admirei a beleza extraordinária da menina. Quando a mãe reparou meu exame, ficou nervosa. Certamente era lhe proibido esconder a filha de um visitante, e ela, no desespero se levantou e disse: "Senhor, minha filha é ainda muito novinha. Por favor, escolhe outra menina."

Fiquei aborrecido por a negra tentar influenciar minha decisão de um cidadão livre e por isso disse: "Não pedi seu conselho. Posso escolher a quem quiser."

A mulher respondeu: "Sei que o senhor pode escolher a quem quiser. Só fiz um pedido humilde de uma mãe, cuja filha foi estuprada pela primeira vez faz um mês e está sofrendo muito. Se o senhor quiser, eu mesma o

acompanho hoje na noite e vou fazer coisas muito gostosas para o senhor, o senhor não vai se arrepender. Mas, por favor, poupe meu anjinho."

Olhei a mulher. Era uma negra realmente bonita, com certo brio, gosto de tais mulheres. Imaginei-a ser açoitada na praça de nossa vila e falei: "Onde aprendeu essas coisas gostosas que está oferecendo?"

"Com sete anos cheguei à fazenda da senhora Eleonora, e lá me ensinaram muitas coisas úteis. Com 12 anos o pai do coronel Henrique gostou de mim e me comprou. Virei escrava favorita dele por alguns anos. Quero poupar minha filha dessas coisas. Por favor, tenha piedade dela."

Ela me olhou de um jeito meio faceiro, meio submisso, e gostei da mulher. Falei: "Olha, a menina já caiu, agora vai ter se acostumar a deitar com homens. Não adianta fugir da realidade. Em vez de tentar subtraí-la deveria ensiná-la a agradar aos homens e a servi-los com boa vontade. Aí o pavor dela vai diminuir e ela vai se tornar uma putinha como outras mulatinhas na idade dela e gostar das coisas libidinosas, pelo menos em parte, e assim vai ter uma vida melhor. Vou te propor um negócio:

porque não sou um desses sujeitos descontrolados que arriscam sua carreira profissional por não conseguirem frear seus desejos sexuais. Também nem achei a Ana Maria muito atraente, nem teve uma conversa muito interessante. Conversei com ela mais por iniciativa dela. Mas claro que dormiria com ela, se não fosse o medo de cair na desgraça do coronel, porque seria um desafio seduzir a filha dele. Não me custava força nenhuma ter todas as noites uma escrava nos braços. Elas são submissas e geralmente fazem, o que a gente quer, mas ganhar uma menina tão fácil pode ser também um pouco enfadonho. O medo de serem descobertos ou de fazer algo proibido é o sal nas aventuras amorosas, e seduzir a filha do coronel seria um desafio verdadeiro, uma aventura sem par.

Mas sou um filho bom, pensei nos planos de meu pai e só provoquei a menina, que no fim quase se candidatou abertamente para me visitar na noite em minha cama como na primeira noite, mas a gente teria que achar um jeito para tirar mais uma vez a mucama de seu posto de vigia. Prometi bolar um plano, mas já que não quis que ela realmente me visitasse na noite para não criar problemas com o coronel, mesmo se ela

continuaria virgem intacta, não fiz nada e disse no outro dia, que infelizmente meu plano não deu certo.

Antes de voltar em casa eu acompanhei o coronel a uma visita na fazenda da senhora Eleonora. Abrimos o jogo e concluímos uma aliança econômica com ela. O coronel Henrique traçou o plano de vencer primeiramente seu rival, o coronel Aloísio. Uma vez ganhado o poder na região poderiam com o tempo aumentar as suas posses e riquezas apoderando-se das fazendas pequenas.

A senhora disse francamente que não gostaria de manter uma tropa de capangas em sua fazenda para ajudar o coronel em uma briga armada, mas que gostaria de uma aliança econômica. Para atribuir com algo aceitou a nossa ideia de envolver o administrador dela em tudo para ele negociar diretamente com reis na África. O coronel perguntou: “Como a gente pode garantir, que ele fique firme ao nosso lado? Não é possível que ele se lembrar das chicotadas recebidas e cogitar um plano para ajudar aos negros escravizados em vez de levar os fardos ao Brasil?”

“Olha, é muito simples. Não existe isso. Quem recebeu chicotadas também gostaria de chicotear. É esse o jeito de se revidar das chicotadas recebidas. E quanto à cor, ele já se considera um branco, embora que ele seja mais escuro do que muitos outros negros. Ele se considera um branco já que possui um escravo, pode chicotear escravos e pode estuprar negrinhas e mulatas.”

“Pode? Quer dizer, que as mulatas, que a senhora oferece tão generosamente aos seus visitantes, já foram conspurcadas por esse negro?”

“Elas até já foram conspurcadas por esse padre falso seu e por muitos outros brancos nojentos e patifes. O senhor acha que um negro seja mais sujo do que um branco?”

“Para dizer assim, na verdade, bom, se for bem lavado, tomando um banho igual a nós seres humanos, ... bom, muitos homens transam com cabritas, quero dizer, com cabritas de verdade, de quatro patas, ou até com outros animais... um negro é, pra dizer, bom... transamos também com as negras, então...”

“Então?”

“Acho que o perdi já antes pelos dedos curiosos do vovô.”

“E com 8 anos foi apalpada pela primeira vez pelo velhinho?”

“Não, desde pequena. Quando estava ainda menor, andava pela fazenda. Sob pretexto de cuidar da saúde das negrinhas queria vê-las. Minha mãe tinha que me apresentar nua a ele quase cada semana. Depois de ele não mais muito sair da casa, às vezes chamava as mães para apresentarem sua prole na casa-grande.”

“E por que foi vendida?”

“Ele morreu e eles venderam todos os anjos, a maioria a prostíbulos. Tive sorte de ser comprada pela senhora.”

“Realmente uma sorte incrível, porque desta maneira você tem o privilégio de poder abrir suas pernas para mim!”

Discutimos os nossos planos com o administrador e ele mostrou logo, que esteve ao par do desenvolvimento político. Ele disse, que comprar um navio velho, ir para a África e encher os porões com escravos acorrentados seria jogar dinheiro no mar, porque a

probabilidade de os ingleses capturarem o navio seria muito alta. O fato, que o navio seria velho, não os enganaria.

Ele teve uma ideia diferente. A gente deve comprar ou alugar um navio mercador comum e ir à África para vender produtos brasileiros e comprar produtos africanos, mudas de plantas e mais. Além disso, a gente embutiria em todos os cantos escaninhos do tamanho de uma pessoa pequena, esconderijos com tampas invisíveis que pareceriam simples paredes de madeira. Um assoalho dobrado, uma parede falsa aqui e ali, e assim a gente conseguiria esconder talvez vinte, trinta ou quarenta mulheres e meninas. Deveriam ser imobilizadas por amarras e amordaçadas para nenhum ruído chamasse atenção quando um comando inglês investigaria o navio.

Além disso, a gente contrataria negros na África como marujos. Eles trabalhariam no navio normalmente, mas quando a gente chegar ao Brasil, seriam marcados com o ferrete e vendidos como escravos.

O coronel não concordou: “Neste caso a gente enganaria os negros e os escravaria ilegalmente.

Talvez no Brasil não se corre risco de ser condenado, mas também seria um pecado.”

“Mas todo o comércio com escravos negros é proibido pelos ingleses”, lembrou o administrador. “Se partirmos do princípio da legalidade temos que renunciar o braço escravo.”

“Por acaso sou inglês que tenho que obedecer a leis inglesas? Neste caso o pecado é deles, já que abordam navios de outras nações no oceano aberto, contra todas as leis, só escorados em sua força militar naval. São eles, que nem piratas muçulmanos roubam as mercadorias dos navios, quer dizer, os escravos e confiscam os navios. Quero comprar escravos, mas quero que tudo ande conforme as leis e das normas da religião. Nós somos os líderes aqui. Como queremos servir como exemplos para os nossos filhos, se procedermos de uma maneira sem moral!

Da ideia com os esconderijos embutidos para esconder as escravas gostei, do resto não. Teremos que inventar outra coisa.”

Tive uma ideia: “Talvez o administrador conseguiria levar um príncipe ou alto funcionário de um rei africano junto. E ele venderia seus súditos aqui no porto brasileiro a

nós ou ao administrador, e assim eles se tornariam legalmente escravos. Já durante a viagem, eles são ainda livres, o que confirmariam aos investigadores ingleses, se perguntados. Também eles veriam logo, que são homens livres.”

O administrador disse: “Deve ser difícil convencer um príncipe para acompanhar a gente.”

O coronel disse: “Por que? Eles não gostariam de conhecer o Brasil? Quem sabe, fecha uns contratos para fazer bons negócios?”

“Para ser franco, coronel: Se eu fosse um príncipe africano não aceitaria tão convite. Ele teria medo que aconteça o seguinte: No último dia da viagem ele vende os seus súditos. Eles vão ao mercado, ele fica sozinho com a gente. Aí a gente o agarra, imobiliza, o marca com ferrete e o vende também. Assim a gente não precisaria leva-lo de volta e ganharia mais um escravo. Infelizmente eles lá na África não sabem, que aqui no Brasil tem um coronel que coloca a moralidade em cima da ganância e impediria tão injustiça.”

O coronel virou pálido, olhou o administrador com ódio e eu já encolhi a cabeça contando com

a fúria do coronel se abaixar no negro ousado, mas aí a senhora começou a rir a tremer a pança: “Muito bem, meu querido, gostei de seus gracejos, como sempre. Foi tão bom, que o nosso querido coronel até ficou por um segundo com raiva.”

A risada da senhora foi tão contagiante, que eu sorri também, embora que não me atrevi a rir abertamente, mas de repente o coronel caiu na risada também, bateu nos ombros do administrador e gritou: “Safado! Vou te capar antes de ir a bordo para aprender respeitar um coronel!”

Depois todos riram e a senhora acenou a uma das meninas trazer mais champanha e café. O coronel mostrou a sua xícara e perguntou: “Esse café é café de calcinha, querida?”

“Não, mas se o senhor quiser, mando fazer um.”

“Então manda fazer um para os cinco capangas, que trouxe. Quero que mostrem a suas garotas que são homens valentes, que não só comem uma menina por noite.”

Feliz que nossa reunião não foi colocada em risco por uma desavença entre o coronel e o administrador esforcei-me para achar um compromisso: “Talvez nem seria necessário

levar o príncipe para cá. O príncipe vende os súditos através de um documento com data postergada. Por exemplo, o navio sai no primeiro do mês da África. O príncipe vende os súditos para o capitão ou o administrador através de um documento datado para o dia 15 do mês. Neste dia eles todos virariam juridicamente escravos, mas para evitar revoltas, não são informados. Só aqui no Brasil o administrador os informa e eles logo são ameaçados por nossos capangas, acorrentados, marcados com ferrete e açoitados para quebrar o espírito de rebeldia e para enfraquece-los."

Todos me elogiaram pela ideia brilhante. Assim tudo seria legal e dentro das leis da moral, já que seria o príncipe que escravizaria seu povo. No entanto, o administrador disse, que o único problema poderia ser, que os príncipes geralmente não vendem seus súditos, mas presos que arranjam em guerras atacando outros reinos e tribos. Falei: "Não teria problema, a gente leva os presos mesmo assim e diz-lhes que seriam marujos. Pedimos ao príncipe tal carta pós-datada e aí só felicidade."

"Mas aí saberiam que são presos e aproveitariam qualquer chance à fuga, e se a marinha inglesa abordar nosso navio, poderia ser que eles

contam tudo e dizem que aqui a bordo não seriam escravos, mas que prefeririam voltar ao seu país em vez de trabalhar como marujos.”

“Bom, os presos lá na África sabem, que são escravos e serão vendidos ou sacrificados. Aí o administrador entra um entreposto com centenas de escravos e anuncia, que procura voluntários que queriam ser marujos, contra pagamento devido, que receberiam diariamente. Eles, no navio, não seriam escravos, mas marujos livres.

Aí muitos, se não todos, queriam ir com nosso navio. Primeiramente trancamos as mulheres nos esconderijos, depois levamos os marujos negros a bordo. Eles, então, não devem saber das mulheres. Se os ingleses abordam o navio, tudo fica bem. No porto a gente lê o documento, que o rei africano confirma que no Brasil seriam outra vez escravos, assim que colocarem o pé na terra.

A gente nunca prometeu, que seriam livres para sempre, mas esses negros bobos certamente acreditam, que tornando se marujos escapariam da escravidão para sempre. Então, a gente não faria nada errado nem mentiria em momento algum. Um negócio limpo e dentro das leis e da moral.”

“Muito bem, meu filho”, disse a senhora. “Mas considere o problema seguinte: os marujos negros vão descobrir as mulheres. Também será necessário tirá-las de vez em quando do esconderijo, lavá-las, porque elas deitam e mijam e cagam no lugar onde deitam, criando abcessos na pele, se ficam assim. Os marujos devem fazer as negras dançarem ao ar livre para desenferrujar os membros. Geralmente se permite aos marujos estuprá-las matando dois coelhos com uma cajadada: elas se mexem e eles ficam felizes.

Mas mesmo abençoando os marujos com a permissão de estuprar as negras, não é impossível que um negro por pensando diferente conta aos ingleses da existência das escravas. E aí – adeus, dinheiro investido!”

Falei: “As escravas deveriam ser de uma tribo diferente dos marujos, e a gente faz deles cumplices. Eles podem abusar as escravas quantas vezes quiserem. Desta maneira dificilmente alguém deles é tão idiota que conta aos ingleses da existência das putas.”

“Sempre existe um ou outro idiota. Quem sabe, os ingleses prometem um prêmio aos que contam uma coisa. Também é possível, que eles

descobrem um dos esconderijos. Se tiver muitos, sempre pode ter um, que será descoberto. É um risco.”

“Risco tem em qualquer negócio.”

Discutimos ainda por muito tempo para achar uma solução cada vez mais ideal. A senhora consignaria por 15 garotas, meu pai por dez, o coronel por 50 escravos de qualquer sexo e alguns mineiros de nosso vilarejo dariam dinheiro ao meu pai, para ele consignar mais cinco ou seis negros. O resto, se tiver, seria vendido imediatamente no mercado ou a outros fazendeiros nesta região.

Na noite a menina designada já me esperava lavada e penteada em meu quarto. Ela leu um livro. Quando a peguei lendo ela desmentiu e disse que não saberia ler, que só tivesse olhado os desenhos. Já que quase não teve desenhos neste livro, estranhei sua resposta, mas não insisti porque estava com tensão e quis primeiramente comê-la.

Depois comecei de novo a me interessar por ela e escrevi Sofia, seu nome, em minha mão. Ela riu. Escrevi: “Sofia é minha princesa.”

Ela riu de novo e me beijou, mostrando-se uma menina instruída, que já sabia como tratar um homem. Aí eu soube que ela sabia ler, e depois de pouco ele confiou em mim e me contou sua história.

Nasceu como Cléria em uma fazenda, mas quando o dono morreu, os pais e Cléria negociavam uma alforria para toda a família, pagando um preço modesto, em baixo do valor do mercado, mas mesmo assim tiveram que dar todo o seu dinheiro economizado. Foram para o Recife e os pais trabalhavam em várias coisas. Quando Sofia chegou a ter oito anos, começava a ajudar vendendo comidinhas nas ruas. Com catorze anos já trabalhava o dia inteiro, teve um namorado e tudo para melhorar a vida aos poucos, quando foi convidada na rua por um senhor para levar 200 biscoitos à casa dele, no outro dia.

Quando ela chegou à casa dele foi amarrada e levada a outra casa dentro de uma caixa. Na outra casa falaram que ela seria Sofia, uma mulata foragida de uma fazenda perto de Recife. Ela insistiu e disse que poderia provar que teria alforria e seria Cléria, mas foi espancada e estuprada até se render e aceitar a tal mulata Sofia. Ainda por cima era uma mulata escura e a

Sofia foi descrita como mulata clara, e tenho 14 anos e a tal Sofia tem 16. Repetiu: “Tenho tudo para confirmar que sou Cléria, mas as coisas se encontram na casa de meus pais. Preciso de alguém que vá lá e avise onde estou para eles mandem um juiz de paz para me liberar.”

Falei: “O problema é, que não foi a senhora que te sequestrou. Você poderia fazer uma queixa contra o sequestrador, mas a senhora pagou devidamente por você. Se você apelar a um juiz e ele te tirar daqui, a senhora vai perder todo o dinheiro investido e isso seria um injustiça, né? Como escrava boa deve sempre pensar no bem de sua senhora.”

“Mas não sou escrava.”

“Você é. Foi comprada, então é.”

Reparei que ela não se conformou, e por isso a assustei, falando assim: “Geralmente os juízes são corruptos. Se você apela ao juiz de paz, ele não quer prejudicar a senhora, uma fazendeira com bons relacionamentos, que até pessoas como o coronel Henrique conta entre seus amigos. E mesmo, se o juiz ousadamente tentaria tirá-la daqui, a senhora poderia o subornar, e se não ajudar, subornar o juiz

superior em Recife. Aí você não conseguiria a liberdade e seria chicoteada.”

“Mas o que posso fazer?”

“Ser sempre submissa, servir aos seus senhores, pensar sempre só na vantagem e no bem deles. Aí você passa pela vida com menos dificuldades.”

“Então não tem jeito para mim?”

“Tem. Você tem tudo para virar uma escrava boa e útil e uma puta gostosa.”

Ela começou a chorar. Fiquei aborrecido e falei: “Tenho muito a impressão que ainda não aprendeu gostar de ser uma escrava. Vou contar à senhora de suas falhas e que me contou que não é a Sofia, mas a Cléria.”

“Por favor, não me traia. Só o contei ao senhor porque confiei e o senhor também me perguntou, querendo saber tudo de mim. A senhora me punirá muito se chega a saber que contei a alguém que sou Cléria.”

“Mas é meu dever, contá-lo a sua senhora. Ela é uma amiga.”

“Eu também seria sua amiga, se o senhor deixaria.”

“Você não pode ser minha amiga, só pode ser minha escrava e minha puta. Entendeu?”

“Entendi, senhor. Seria sua escrava e puta mais grata e mais dedicada se não me dedar.”

“Bom, prova, que é a puta mais dedicada. Aí vou pensar sobre seu caso.”

“O que o senhor exige que eu faça?”

“Faça o que quiser, não me molesta com suas perguntas, mostra-me simplesmente que é a puta mais dedicada, hábil, suja, safada, despudorada e devassa do mundo.”

Coitadinha, esforçou-se tanto para inventar coisas absurdas, humilhou-se e virou uma puta e cadela. Em parte, li um livro e deixei-a esforçar-se lambendo, chupando e mostrando todas as suas possibilidades. Finalmente falei: “Vou dormir, mas não pare de chupar, lamber e transar. Senta em cima de mim e me cavalga como uma amazona, chupa e mama. Se te pegar fazendo uma pausa vou me queixar com a senhora.”

Acordei várias vezes na noite e percebi com satisfação que a menina estava dedicada. Virou a escrava de meu pau cuidando dele sem parar, desviando-se às vezes para as coxas, a bunda e o

cu, sem se cansar labutando em favor da produção de porra. Grande parte da noite fiquei em um meio-sono, um tipo de torpor: dormi, mas mesmo assim percebi as coisas que a putinha fazia comigo. Três vezes peguei e estuprei-a.

Na última vez já percebi que a escuridão diminuiu. A aurora estava por perto. Instiguei-a com palavras como: “Abre as pernas. Mais! Mostra que é uma puta boa e dedicada.”

Agarrei-me na menina e imaginei que ela fosse a Rosalina, em que sempre consigo mergulhar mais fundo do que em outras garotas. Falei: “Você é uma puta verdadeira. Realmente, não deve ser coincidência que você chegou a ser escrava da senhora Eleonora, porque assim você está achando o seu destino verdadeiro. Ser uma puta safada e submissa, servindo aos homens. É seu destino. Seria injusto tirá-la daqui. Significaria prejudicar a senhora e também os outros homens, que ainda vão vir para te estuprar e possuir.”

Ela disse baixinho, resignada e prostrada: “Peço só que o senhor não conte à senhora que lhe contei meu nome verdadeiro.”

Disse-lhe com frieza que seu verdadeiro nome seria Sofia. O fato que ela apesar de minhas explicações ainda chamaria esse nome antigo seu nome verdadeiro mostraria que ainda guardaria um espírito rebelde e não se teria conformado. Falei que ela talvez se esforçasse na noite, mas seria longe de ser uma puta perfeita, precisaria de aprender mais e de mais chicotadas. Já que não me satisfazia eu iria contar tudo à senhora. Ela chorou, pediu de joelhos e finalmente só disse: “Como o senhor pode ser tão cruel?”

“Não só cruel, somente faço a minha parte para o mundo virar um pouco melhor. Cada cidadão deveria melhorar o mundo ao que esteja ao seu alcance. Só fiz a minha parte. Se você através das chicotadas virar uma escrava boa e uma putinha gostosa que agrada aos visitantes de sua senhora, poderei ser feliz por ter contribuído nisso.”

Saí orgulhoso de mim mesmo. Achei que finalmente aprendi lidar mais profissionalmente com as putinhas, não me deixando arrastar e influenciar por sentimentalismo e piedade piegas. Um bom jardineiro tem que cortar e podar as flores e árvores como convém e não pode desleixar o corte por ter piedade com as

plantas. Fiquei feliz e orgulhoso porque me parecia que finalmente acabou de aprender tratar escravas como mercadorias e não como meninas, de cabeça fria e independente em vez de espírito vergastado por sentimentos e emoções.

Fui para a sala, mas ainda não teve ninguém para tomar café a não ser as negras servidoras, portanto fui para o jardim. Olhei as flores e vi como cada uma se abriu emulando as outras em beleza e cheiro, querendo agradar aos homens e aos insetos. De repente vi todas as mulatinhas e negrinhas andando pelo jardim como flores airosas, bonitas, abertas, querendo simplesmente um lugar no sol. Queriam apenas um pouco de felicidade e andavam cheias de medo de chicotadas. Abanei a cabeça para afugentar essa visão. Que coisa! De onde veio essa sentimentalidade?

Ouvi um ruído e vi a senhora aparecer na sala. Fui ao seu encontro e a beijei e desejei um bom dia. Ela me perguntou: “Meu querido moço, dormiu bem? A menina foi obediente e te atendeu bem?”

“Inteiramente. A senhora é de parabéns pelo seu bom gosto. Adquiriu mais uma bela florzinha para seu jardim!”

Para a festa do Ano Novo estive de volta em casa, porque meu pai concebeu uma festa esplendorosa. Já pela manhã tivemos que preparar tudo; ao mesmo tempo faltavam mãos para ajudar, porque já teve homens no bar alugando meninas. Não sei porque eles não foram trabalhar, geralmente a véspera do Ano Novo não é feriado nem existe outra razão para não trabalhar. E em meio da algazarra a índia ficava nua, de quatro, amordaçada e com peias, esfregando o chão. Embora que era altamente humilhante acho que para ela até foi bom. Ela não entendeu os comentários depreciativos dos homens e deveria ser feliz de ficar um tempo fora do estábulo, sem as correntes, podendo-se mexer. Deitar o dia inteiro estraga a pele nas costas e na bunda, e a hora, em que ela limpava o bar certamente era boa para ela.

A única coisa que a incomodava além da mordaça incômoda eram as chicotadas. Mas também já recebia suas cinco chicotadas antes de ser incumbida com a limpeza, então não fazia

diferença. As putas faziam um rodízio, cada dia outra puta supervisionava o trabalho da índia. Algumas deixaram a selvagem trabalhar e sentaram com as outras putas na mesa dedicando-se ao seu trabalho de fabricar enfeites, bibelôs e outras ninharias ou costurando uma roupa de algum cliente. De vez em quando a puta responsável se levantava e desfechava uma chicotada na bunda ou nas costas da índia ou mostrava-lhe alguma coisa ainda não limpa.

Outras garotas gostavam de acompanhar a selvagem mais por perto, seviciando-a, mostrando lhe toda hora coisas ainda sujas, apertando sua face contra o assoalho sujo e ameaçando com o chicote ou a chibata. Na última manhã desse ano foi a vez da negrinha, que sempre gostava de acompanhar a índia. Nessa manhã ela foi nervosa ou quis mostrar seu brio diante dos homens ou sentiu se incentivada pelos comentários sujos deles, pelo menos ela cutucou a índia o tempo todo com a chibata, picando-a na ilharga, na bunda e até de atrás na buceta e no cuzinho. Os homens riram e a elogiaram que seria uma feitora boa, uma “capatazinha”, e ela prosseguiu mais atrevida até que a índia de repente pegou a chibata com a

mão e a arrancou das mãos da negrinha surpresa. A índia teve a chibata na mão, indecisa o que fazer com ela. Certamente atuou por um impulso sem premeditação por não aguentar mais as picadas dolorosas e humilhantes, sem cogitar antes o que faria com o instrumento.

Um momento parecia que ela iria quebrá-lo. Em momento nenhum ameaçou a negrinha. Acabou por simplesmente deitar a chibata no chão continuando com a limpeza.

Assim que a selvagem ficou mais longe da chibata, a negrinha a recuperou e a segurou pensativa. Os homens zombavam da índia e da negrinha com galhofas e chistes sujos e despudorados. De repente a negrinha foi ao encontrou da índia e descarregou chibatadas nela até ela se torcer no chão.

A ocorrência foi um pretexto bem-vindo para condenar a índia a uma nova sessão de chicotadas. Já que ela não entendeu a nossa língua meu pai insistiu a puni-la imediatamente para ela associar as chicotadas ao ato de rebeldia cometido. Foi logo colocada nua como era, com as mãos amarradas na viga.

Já teve uma sessão de chicotadas previstas para Joana que teria atendida a um homem sem

dedicação e reverência devidas. Também, em geral teve menos clientes em comparação com as outras, dificilmente teve mais de 20 por dia. Meu pai procurava por uma atração para a festa e resolveu escolher a adolescente de cor marrom-escuro. Ela foi colocada ao lado da índia.

Percebi que a beleza da índia estava se dissipando cada vez mais. Em lugar da galhardia a resignação dominou sua fisionomia, mas não somente a face. Também os peitos e ombros pareciam mais caídos e murchos. Até a bunda e perereca me pareciam diferentes do como eram no início quando a vimos na mata ou na primeira festa de açoitamento.

Quando as duas moças estavam expostas nuas na viga, os homens zombaram das duas e as cutucavam e molestaram. Já nossas putas mostraram se solidárias com a Joana e a consolaram, mas exibiram seu desdém para a selvagem, que, além de ser uma selvagem e “subputa” por si já digna de desprezo, teve a ousadia de atacar uma das colegas. Por isso beliscavam seus mamilos, puxavam nos peitos e lhe deram tapinhas no rosto e bofetadas nos peitos para eles bambolearem e incentivarem os homens a risadas e zombaria.

Antes do açoitamento foi feito uma nova brincadeira, especialmente concebida para a festa do réveillon. Recebemos da venda duas cestas com frutas moles, em parte podres. Colocamo-las uns doze metros em frente do palco. Para cada menina três chicotadas não foram vendidas, mas seriam concedidas aos que venceriam o desafio, duas ao vencedor e uma ao segundo colocado. Os participantes jogaram as frutas na puta nua em cima do palco, já devidamente amarrada. Cada jogador teve três tentativas. Acertar o corpo daria um ponto, acertar o peito daria três pontos e acertar a buceta daria em seis pontos. Cada participante pagou 500 Réis.

No caso da Joana um homem ganhou acertando duas vezes os peitos e uma vez o corpo, resultando em sete pontos. Outro acertou uma vez a buceta e uma vez o corpo, acumulando também sete pontos. Tendo um empate os dois repetiram o desafio e um deles saiu com outra vez sete pontos como vencedor. As frutas que desacertaram a jovem, caíram no estrado ou na multidão atrás do palco. Uma delas estourou na cabeça de um mineiro derramando a polpa sobre ele, o que contribuiu ainda mais para o gáudio dos outros. Joana recebeu trinta chicotadas e

logo depois foi levada meio desmaiada em seu quarto e o primeiro "estuprador" caiu sobre a carne quente e moída.

Já a índia teve um vencedor mais triunfante, que acertou duas vezes a buceta da selvagem e acumulou em tudo 13 pontos. Ela recebeu 45 chicotadas.

Já que 500 Réis para os homens aqui não é muito dinheiro, muitos compraram arremessos, em tudo vendemos quase cem, ganhando mais do que se as respectivas chicotadas fossem leiloadas com as outras.

As filas dos "estupradores" das duas escravas açoitadas demoravam até a outra manhã, como sempre, mas depois de todos os homens serem atendidos, o bar jazia em uma calmaria desconhecida há meses. Lavei a índia e a alimentei. A pele estava ferida em algumas partes, como era de se esperar com 45 chicotadas. Deixei-a sentar um pouco no sol, depois levei-a já para o barzinho porque achei melhor ela não deitar nas costas lanhadas pelo açoite.

Sentei no sofá na mesa e mandei a selvagem ajoelhar como uma cadela aos meus pés. Coloquei a sua cabeça na minha coxa e a

acariciei como uma gata, abrindo com a outra mão o terceiro volume da Bíblia, que estava na mesa. Era o Novo Testamento, e abri à toa o livro Atos, no meio dele, onde são relatadas as viagens do apóstolo Paulo. Estranhei no capítulo 16, onde relatam que o apostolo quis ir a certo lugar, mas foi impedido pelo Espírito Santo. Como teria acontecido? Será que um torrencial ou outro estorvo lhe bloqueara o caminho e eles viram nele um sinal divino e foram para outra região? Certamente não eram mais bobas do que nós; muito pelo contrário: eram homens muito cultos e ensinados.

Não sei por que, mas comecei a pensar na última manhã na fazenda da senhora. Quis falar da senhora sobre a menina que me fez companhia na noite. Queria judiá-la, queria humilhá-la. Nem sei por que, mas às vezes gosto de pregar uma peça a alguém. Mas na hora de encontrar a senhora algo me impediu de falar sobre a menina. Pensei que fosse uma recaída em uma piedade infantil ou mulheril, indigno de um homem que quer ser alguma coisa, muito mais de um homem que tem que lidar com escravas, putas e outras meninas dessa laia e não cogitei mais sobre o tema. Mas pensando agora bem não foi algo de mim. Foi como um feitiço, como se o

meu próprio pai estivesse atrás de mim cochichando ao meu ouvido para não falar com a senhora. Quando li aquele trecho tão insignificante da Bíblia, ele tocou meu coração de uma maneira estranha e surtiu as lembranças daquela manhã. Parei na leitura e meditei.

Senti que alguém sentou ao meu lado e já pensei por um segundo em algo sobrenatural, mas foi a judia, que foi a primeira a se levantar, talvez para ler a Bíblia. Perguntou: “Posso ler com o senhor?”

“Fico surpreendido. Já sabe falar bem. Fique à vontade.”

“A índia não pode aprender a nossa língua?”

“Pode, mas não tem como ensiná-la. Ela só sabe falar bobagens, coisas de puta.”

“Posso ensiná-la?”

“Você nem sabe falar direitinho e quer logo ensinar a selvagem!”

“Sei falar pouco e vou ensinar pouco.”

“Se você ficasse sozinha com a selvagem, ela teria que ficar de mordaça por maior segurança. Assim ela não poderia falar.”

“Ela não me morde. Olha.” Ela lhe passou a mão carinhosamente pela face: “Viu?”

“Agora estou por perto. Poderia ser diferente se ela se vê sozinha contigo.”

“Olha.”

Ela levantou o queixo da índia para si, abriu sua boca com a outra mão e enfiou um dedo: “Viu?”

“Mas mesmo assim. Será perigoso. E para que há de aprender português? Não precisa falar. Poderia ser até menos seguro, se ela souber falar.”

“Pena. Desculpa, senhor.”

“Não tem problema.”

“Posso ler?”

“Claro, fica a vontade.”

Ela começou a ler com voz alta. Automaticamente me senti incumbido a corrigir os erros na pronúncia, substituindo meu irmão. No início li junto com ela, depois cansei e me encostei no respaldo do sofá. Reparei um anel na mão dela, um presente de meu irmão.

As viravoltas da história das viagens do São Paulo me cansaram e falei com a moça: “Senta no meu colo.”

Enfiei os dedos em baixo de sua saia e brinquei, e assim a história lida tornou-se bem menos enfadonha. Gostei como ela respondeu com sua bucetinha aos meus dedos curiosos, contraindo-a em pequenas palpitações. Não sabia se o fez de propósito ou se foi involuntariamente, mas de repente falei: “Bom, se você quiser, pode sentar pela manhã no estábulo, quando a índia está acorrentada devidamente, e falar com ela. Claro, só antes ou depois da faxina e só quando nem ela nem você tiverem clientes.”

Meu irmão apareceu só duas horas mais tarde. Parecia chateado, como se fosse proibido eu ler a Bíblia com a judia, como se fosse um direito só dele. Falou: “Não adianta ler a Bíblia para ele. Ele ainda não consegue sentir o valor da Palavra de Deus.”

Eu não respondi e então a judia disse: “Mas estou lendo também para mim.”

“Mas essa parte não é para vocês judeus. É o Novo Testamento, que só os cristãos têm.”

“Sei, mas gosto de ler tudo. O Novo Testamento não é muito diferente do Velho Testamento.”

“E por que então não vira cristã?”

“Não creio que Jesus é Deus e meu Salvador. Creio só em Deus.”

Meu irmão pensou e disse: “Bom, eu também creio principalmente em Deus. Jesus, para mim, é um profeta, um homem muito especial, que nos ensinou a amar.”

“Você só crê em Deus? Não crê que Jesus é Deus?”

“Para ser franco, não creio que Jesus é Deus ou que ele e Deus são a mesma coisa.”

“Então, na verdade, você é judeu também.”

“Que coisa. Eu judeu?”

“Se alguém crê em Deus, Jesus e Maomé é muçulmano, se alguém crê em Deus e em Jesus é cristão e se alguém crê só em Deus é judeu.”

“Mas aceito os ensinos de Jesus.”

“Acho também que são bons.”

“Então você é meia-cristã.”

“E você é meio-judeu.”

No almoço, que neste dia atrasou bastante, meu irmão abriu o jogo com meu pai, confessando seu afeto para com a judia e afirmando que

queria casar com ela. Meu pai foi chocado: “Meu filho, ela é uma puta.”

Meu irmão contou como ela foi enganada e que era antes uma menina educada de uma família boa. Meu pai não aceitou a explicação: “Mas agora ela é uma puta. Muitas meninas antes foram outra coisa. Poucas meninas já nascem para serem putas. Eu e sua mãe trabalhamos a vida inteira dia e noite para melhorar a nossa vida, para os nossos filhos terem uma família de um certo nível social. Se me resignasse com a opção de meu filho casar uma índia capturada a laço ou viver com uma puta, não teria precisado forçar-me tanto.”

“Ela não é índia nem puta. Ela foi enganada, estuprada e vendida, e já que não sabia falar, não podia explicar a sua situação.”

“Você sabe que todas as nossas meninas foram estupradas e forçadas para serem prostitutas. Quer que eu permitisse que só fabriquem bibelôs sem se deitarem com fregueses? E de que nós e elas viveriam?”

“Elas são negras e mulatas. São escravas. Têm que fazer o que o dono quer.”

“E Verônica? Ela não é escrava. Chegou para cá do mesmo jeito como a judia. Mas agora ela é

puta. A judia já atendeu a mais de mil homens de todas as categorias. Quer casar com uma menina dessa laia? O que acha que eu e sua mãe sentiriam se soubessem que nosso filho vivesse casado com uma sujeita assim. Você pode usá-la quantas vezes quiser, mas respeite as normas da sociedade e moral e use-a sem logo se casar com ela.”

“O coronel Paulo também casou com puta.”

“O coronel Paulo morreu há trinta anos. Eram outros tempos. Além disso foi só seu segundo casamento, ele tinha 60 anos e era rico e poderoso, podendo fazer o que quiser. E a puta pelo menos era cristã.”

“Os judeus, na verdade, acreditam quase na mesma coisa como a gente. Só não aceitam Jesus como profeta, muito menos como Deus. O senhor sempre disse a nós que o importante seria acreditar em Deus.”

“Minha opinião é minha opinião, mas ela não importa neste caso. Os outros vão te condenar. Filho, você poderia casar com uma filha de um fazendeiro. Se eu me tornar juiz de paz, a gente vai ser alguém, e nada é impossível.”

“Ela poderia converter-se ao cristianismo.”

“A maioria dos judeus são cabeças-duras. Não se convertem a outra religião. Ela já participou em missas. Até agora não se converteu. Além disso, ela é propriedade de Isidoro.”

“Com Isidoro eu iria falar. A gente poderia lhe oferecer uma troca ou comprar a Catarina. Ela já está lendo também o Novo Testamento. Quem sabe se converte. E ela é culta, sabe muitas coisas que a gente não sabe.”

“Não quero mais ouvir dessa bobagem absurda. Casar com uma puta! Cada uma! Chega!”

Na outra manhã, quando cheguei para lavar a índia, ela já estava lavada e a judia sentou ao seu lado, dando lhe carinho e falando coisas suavemente para ela, ensinando-lhe palavras. Pensei: “Se já as outras meninas às vezes contam histórias de suas vidas muito interessantes, deveria ser ainda mais empolgante ouvir como cresceu essa selvagem. Ainda bem, se aprende falar.”

Uns dias depois meu pai disse que queria visitar um amigo e pediu a mim e à judia para o acompanhar. Fomos com dois cavalos da maneira que dividi o cavalo com Catarina. Achei a coisa muito estranha, já que nunca pediu que

uma puta o acompanhasse. Achei que talvez o amigo queria usá-la.

Fomos em direção ao rio onde morava o velho pescador Valfredo. Não consegui imaginar o que meu pai teve na mente. Depois de alguns quilômetros fizemos uma pausa e meu pai disse: “Você está suando, puta. Tira sua roupa e fique nua.”

Ela empalideceu, mas depois de uns segundos obedeceu, acostumada a ser submissa em tudo para evitar punições, embora que ela sempre fosse poupada de chicotadas, para não prejudicar a impressão de que ela seria uma menina especial, mais fina e mais nobre, que todo mundo trata com certa reverência.

Meu pai disse: “Lembra como você chegou a nós, menina? Cavalgando nua? Você era nada mais do que uma puta. Toda essa história de você ser algo melhor é uma invenção minha. Inventei-a para ganhar mais dinheiro. Mas vejo que você se tornou vaidosa por ser tratada de uma maneira diferente, mais respeitosa.”

“Senhor, sei que sou só uma puta. Se lhe pareceu que sou vaidosa, peço a sua desculpa. Sei muito bem que sou só uma puta.”

“Mas seu comportamento mostra claramente que acha que é algo mais.”

“Desculpa. Mas sei que sou só uma puta.”

“Você, sendo uma puta, acha que pode casar com meu filho?”

“Senhor. Peço desculpas. Foi ele quem falou em casar.”

“E o que respondeu, puta?”

“Não disse nada.”

“Pois é. Isso já sugere que acha que tal coisa seria possível. Uma puta há de responder: Desculpa, sou uma puta, não posso casar. Sou suja e sou também propriedade de outro homem.”

“Desculpa.”

“Além disso falou com meu filho coisas heréticas da Bíblia.”

“Só lemos a Bíblia.”

“Você deve ter dito que judaísmo e cristianismo seriam quase a mesma coisa ou coisas semelhantes. Como você, sendo uma puta, ousa falar mal da Bíblia?”

“Desculpa, senhor, não falei mal da Bíblia. Amo a Bíblia.”

“Hoje você vai aprender de novo que é uma puta e nada mais. Não vai mais ler a Bíblia, a não ser que vire antes cristã, e quando meu filho por acaso te falar de casamento novamente, você vai dizer que é uma puta e não uma mulher casadoura. Entendeu?”

“Entendi, senhor. Desculpa.”

“Hoje vai ser um dia de treinamento para você. Convidei uns amigos para te treinarem para você nunca mais esquecer que é uma puta e mais nada. Também proíbo que você conte a meu filho ou qualquer outro homem de sua juventude na Geórgia. Você é uma puta, e uma puta não tem família e por isso não pode contar de sua juventude. Entendeu, puta?”

“Sim, senhor. Desculpa.”

“Agora sobe no meu cavalo. Quero que você se sente como no primeiro dia quando viajou nua com a gente.”

Ela obedeceu e subiu, e por um momento podíamos ver a boca entre suas coxas brancas se abrir como um sorriso resignado, pedindo desculpas. Emocionei-me muito com essa visão. Meu pai subiu e partimos, e em seguida começou a aviltar a moça, apalpando-a da maneira mais despudorada e aviltante.

Depois da próxima pausa, em que foi estuprada por meu pai, ela subiu ao meu cavalo e sem meu pai me pedir sabia que tive a fazer a mesma coisa com ela, e por isso fucei e chapinhei em sua buceta molhada como um javali no brejo.

Em frente da casa do pescador Valfredo encontramos quatro homens, capangas do coronel Henrique. Eles perguntaram quem seria a menina e meu pai disse: "Como vocês veem ela é uma puta."

"Podemos usá-la?"

"Claro, putas existem para serem usadas."

Os quatro estupraram a judia, depois um deles subiu ao seu cavalo e convidou a puta para cavalgar com ele. Estendeu a mão e ela, tímida e apavorada, olhou para meu pai, e quando o viu sorrir, pegou obedientemente a mão. Subiu na sela e só então reparou que no lugar na frente do homem, onde ela iria se escanchar, se erigiu um pino, um modelo de um pau de homem de madeira.

Hesitou, mas quando o homem a mandou sentar-se e começou a empurrar e beliscá-la sabia que não teve escolha e sentou em cima e arriou inserindo o pau em sua vagina brejeira pelos estupros. Assim que se engatou dessa maneira

na sela o homem esporeou o cavalo e cavalgou com ela, entre gritos de susto e dores da judia.

Foi uma brincadeira gostosa e divertida para os capangas, e depois de o primeiro voltar, todos os outros repetiram essa cavalgada com a judia. A gente, neste meio tempo, sentou com os outros capangas, conversando e comendo, aquecendo carne em uma pequena fogueira.

Depois amarramos as mãos da judia no caule de uma árvore e lhe cobrimos a cabeça com um saco. Depois todos começamos a cutucar e molestar a menina para aviltar e avacalhá-la. Depois de meia hora meu pai tirou o saco da cabeça da puta e disse: “Sempre te tratei justo. Mas você não foi sincera. Quer confessar uma coisa?”

Ela não disse nada, e meu pai tirou das bruacas seu livro onde ele alista os contos das putas e disse: “Quando chegou teve uma dívida de mais de 18 contos. Por darmos condições para as nossas putas ganharem muito bem você em tão pouco tempo já reduziu a dívida para menos de 16 e meio. Além disso acumulou gorjetas. Mas iludiu-me com elas. Este homem chamado Pedro aqui na sua frente te deu 800 Réis, mas você só passou 300 em vez de 400 para mim. Este outro

homem aqui te deu 1200 Réis, e você só me passou 500. O Edimar te deu uma vez 1300 e outra vez 1500, e você passou para mim cada vez 500. E o Alessandro aqui te deu 900 e você me passou só 400. Confessa que cometeu essas fraudes?”

Ela estava desesperada e não sabia responder. Só depois de meu pai dizer “Bom, se não quer falar com seu chefe, vou te ajudar” e pegar seu grelinho com os dedos ela abriu logo a boca e as palavras jorraram: “Sim, confesso que cometi as fraudes. Desculpa, senhor, desculpa, sou uma puta má, desculpa, mas vou melhorar.”

“Claro que vai melhorar. Vai melhorar porque tem a buena-dicha de ter um dono que cuida bem de te e te educa e ensina. Mas para virar uma puta melhor tens que limpar seu coração primeiro. Confessa tudo. Outras fraudes e outras coisas.”

Já que meu pai teve o grelinho sensível da judia entre seus dedos e aumentou gradativamente a força com que ele puxou o lóbulo delicado para fora, não era difícil arrancar da menina mais segredos. Contou que no início sempre foi sincera, mas que com o tempo a tentação virou cada vez maior e a levou por cima. Após alguns

arrancos mais dolorosos ela também disse onde o dinheiro foi escondido e meu pai disse que iria confiscar tudo porque teria posse ilícita entre ele e pela dúvida de saber, qual moeda seria ilícita e qual legal confiscaria tudo.

Para avacalhá-la mais ainda meu pai não largou a hastezinha mas exigiu mais confissões constrangedoras sobre quando começou a se masturbar, com quem já transou em seus sonhos noturnos, se já pensou em fuga desde que chegou ao Brasil, se furtou algo na sua infância e por aí vai. Depois de uma hora a gente sabia as coisas mais absurdas que até então estavam bem escondidos no âmago da judia. Quanto mais pecados ela espraiava diante da gente, maior se tornou sua contrição, e ela sentiu, que realmente não é uma moça para casar, mas simplesmente uma puta. Contou as coisas vergonhosas entre soluços, chorando o tempo todo, a face banhada em lágrimas.

No final meu pai perguntou, se ela acha, que o judaísmo é melhor do que o cristianismo. Se diria que sim, ela teria que ter medo de ser castigada. Por isso meu pai esperava que ela diria que não. Aí ele poderia perguntar por que ela então não se converte e ela não teria mais argumentos. Converter a judia teria três

vantagens: Primeiro, meu pai subiria na consideração dos padres e do povo. Segundo, ele faria (ao que saiba) uma boa obra, ganhando talvez uma recompensa no céu, e terceiro, a gente não seria mais criticado que cobramos pela judia um preço maior do que pela Verônica. Isso se chama matar três coelhos com uma só cajadada.

Mas ela surpreendeu a gente por uma resposta inteligente, estagnando o choro e dizendo que nem um nem outro seria melhor, mas dependeria do gosto, e que ela acha que cada um deveria ser fiel na fé de seus antecessores. Admirei a judia, que ela, mesmo com sua hastezinha esticada como uma minhoca se a cabecinha apertada entre dois dedos de meu pai conseguiu falar palavras tão sensatas e bonitas e por um segundo senti uma vergonha, porque a gente estava tratando uma moça inteligente e boa muito mal.

Mas logo disse a mim mesmo que esse pensamento certamente se origina na minha fraqueza pelos sentimentos. Afinal de contos não importa, se uma puta é inteligente ou não. A sua função é transar com fregueses. Não é nossa culpa que ela não é uma artista ou uma mulher casada com um homem a quem poderia ajudar com sua sabedoria, mas uma mera puta. E nossa

função é simplesmente garantir o funcionamento dela como puta submissa e refrigério para os homens.

Depois meu pai exortou-a para ela mesma definir quantas chicotadas mereceria. Explicou que não seria permitido pela moral dar mais de 40 chicotadas por dia a uma delinquente, mas que as chicotadas poderiam ser dadas em dias diferentes, por exemplo cada semana 30 ou 40.

Ouvindo essa explicação já teve a ideia que não escaparia barato e ofereceu logo 60. Meu pai se deu por furioso e gritou: “60? Você acha que 60 basta para uma puta suja, criminosa, vaidosa e soberba que ilude até seu próprio chefe?” Puxando novamente no seu grelinho ela ofereceu logo 100, mas meu pai aumentou a força extrativa perguntando coisas como: “Acha realmente que baste para uma puta perversa como você?” ou “Será que basta para uma cadela falsa como você?”

Assim ela ofereceu cada vez mais até que chegar a mil. Tudo isso nem demorou dois minutos. Uma maravilha!

Meu pai soltou o grelinho e disse: “Bom, tu conheces seu coração de puta e sabes melhor, quantas chicotadas merece. Mas temo por sua

vida, se receberes mil chicotadas. Também sua pele vai sofrer, e como ganhará dinheiro com a pele estragada? Vou comutar e atenuar a pena. Só vai receber hoje trinta chicotadas para aprender, como se sente com um açoitamento. Todas as outras chicotadas vou substituir por uma multa de três contos. Depois vou observar seu comportamento. Se você falhar mais vezes, a gente volta para cá para te açoitar mais."

Colocamos primeiramente uma venda nos olhos e depois o saco novamente na cabeça da moça. Dois homens subiram da casa, o velho Valfredo e o coronel Henrique. Aí entendi que foi tudo apalavrado entre meu pai e o coronel para matar dois coelhos com uma cajadada: aviltar e moderar a vaidade da puta e satisfazer o desejo do coronel de açoitar a judia sem prejudicar a fama da moça de ser fina e tratada com luvas.

Meu pai disse à judia: "Não te queria açoitar na praça para o povo acreditar que você é algo maior do que as outras putas. Mas você é, como se vê, uma puta suja e criminosa igual a outras ou até pior. Mas para o povo continuará ser uma moça fina e bem tratada, entendeu. Mas nós sabemos que tipo de menina você é. Por isso se lembra sempre disso e nunca mais tenha a ousadia de querer ser mais do que uma puta.

Comporte se bem, trabalhe bem, contribua para seus donos se tornarem ricos, e um dia poderá comprar a sua liberdade ou, quem sabe, o Isidoro aceita-te como concubina dele."

O coronel mesmo açoitou a judia, e ela nunca chegou a saber que foi ele. As chicotadas demoraram até alta noite, porque a cada quatro ou cinco chicotadas o coronel parou, apalpou a moça, beijou-a e deixou que os capangas fizessem o mesmo. Já no segundo intervalo também estupramos a puta. Não gosto muito de emporcalhar-me desse jeito, transando com uma puta conspurcada pela porra dos outros, toda brejeira e nojenta, mas sabia que era importante para a sua educação e seu futuro e seu sucesso como puta submissa. Afinal de contas não sou mais uma criança, mas um homem, que não cede a sentimentos fúteis, mas age profissionalmente para levar os negócios e a carreira para frente. Além disso, submeter putas sempre também é um ato favorável à sociedade, porque putas bem-educadas e submissas atendem também melhor aos fregueses e assim a gente contribui para uma vida melhor para todos.

Depois de 22 chicotadas ela foi devidamente estuprada e apalpada por todos, depois foi lavada e assim molhada no corpo inteiro recebeu

as últimas 8 chicotadas de vez. Imediatamente foi tirada das amarras e liberta do saco, mas ficou com a venda nos olhos, e assim, o corpo todo quente, moído, quebrantado e enlanguescido o coronel mergulhou em sua carne. Depois o coronel, que não queria ser reconhecido pela puta sumiu e a gente continuou com os estupros.

O coronel não quis ser reconhecido, por isso não conversou, mas eu o segui para pedir um favor: “Quando eu ir a Recife, quero levar registros de nascimento e óbitos de negras e mulatas que morreram ainda crianças ou jovens. O senhor pode me arranjar alguns?”

“Claro, mas para que carga d´água precisa de tal troço?”

Cochichei a resposta em seu ouvido e ele riu.

Já que a casa do pescador era pequena e pouco ventilado a gente dormiu no alpendre. Esticamos a judia com os braços e pernas abertas no meio do alpendre, presa com quatro cordas nas quatro estacas do alpendre. Deitamos ao redor dela, e toda a noite, quando alguém acordava, aproveitou para esvaziar-se mais uma vez na puta.

No outro dia o capanga passou o pau de madeira para meu pai e ele o fixou em sua sela. A judia, toda moída pelas chicotadas, cutucadas violentas e estupros, teve que sentar em cima. Assim voltamos, e depois da primeira pausa pau e puta passaram para o meu cavalo para eu “me acostumar a educar putas”.

A judia ficou quatro dias acorrentada em um quarto na casa de Isidoro, até desaparecerem os vestígios das chicotadas. Meu pai disse aos fregueses, que ela seria doente. Quando ela estava de volta, nunca mais visitou a índia no estábulo, e quando era a sua vez de vigiar a selvagem na faxina, tratou-a com aspereza e bateu nela com a chibata ou o chicote.

Já a negrinha, depois de seu triunfo sobre a índia, calculou que ela depois de ter experimentada tantas chicotadas pelo ato de rebeldia nunca mais faria coisa semelhante. Por isso sabia que podia cutucar e picá-la com a chibata nas partes mais sensíveis como quiser e aproveitou a situação para ver se tiver um limite. Era curiosa e queria saber se tivesse um ponto em que a índia não mais aguentasse as humilhações rebelando-se de novo contra a chibata ousada e safada fazendo jus a uma nova sessão de chicotadas.

Depois das festas a demanda por putas recaiu um pouco. A gente teve quatorze potrancas na coudelaria, mas nem sempre todas tiveram tantos clientes, embora que a grande maioria na vila foram homens solteiros e ainda por cima passaram viajantes pelo lugar e teve os artesãos trabalhando nas obras.

Resolvemos abrir imediatamente a sucursal na Vargem Alta. O problema era que os artesãos estavam todos empreendidos aqui, e as obras ainda demorariam umas semanas. E depois era para construir a igreja. Deixar a igreja cada vez em segundo plano iria manchar a boa reputação de meu pai e pôr em risco que ele fosse eleito juiz de paz. Por isso meu irmão saiu com quatro putas e só três carpinteiros, e as próprias putas tiveram que ajudar nas obras. Nos primeiros dias eles dormiram sob uma lona, e as putas atenderam a seus primeiros fregueses também em baixo da lona, e alguns moradores ofereceram-se para ajudarem na construção, ou para ganhar uma mixaria ou para transar de graça.

Era o sonho de meu irmão levar a judia consigo, mas quando ele pediu para levá-la, meu pai sabia justamente, que a coisa ainda não passou e não concedeu a judia. Aliás, seria indigno para uma

moça fina viver em um lugar imundo e tosco assim.

Antes de meu irmão sair para a Vargem Alta, meu pai chamou a judia aos dois e disse: “Meu filho quer te levar consigo para Vargem Alta. Ele gosta de você e disse que até casaria com você se fosse uma cristã. O que acha disso?”

A puta aprendeu muito na excursão que nos levou ao pescador Valfredo e respondeu: “Sou uma puta suja e indigna. Não posso casar-me com um homem de bem.”

Meu pai disse: “Ouviu, filho? A puta tem mais cachimônia do que você.”

A ideia originária era que eu fosse com meu irmão ficando com ele por uns dias, mas justamente um dia antes da saída planejada chegou uma notícia que o coronel chegaria no outro dia querendo falar comigo e com meu pai.

Quando ele chegou contou que um amigo o avisou que iriam construir em Recife um novo tipo de navio negreiro que seria bem interessante para nós. Seria importante ir imediatamente para negociar com os investidores e o capitão e consignar uma carga de escravos. E assim minha

mudança para Recife para estudar na Faculdade de Direito foi antecipada, e eu iria junto com o coronel.

Pedi aos meus pais o favor de poder levar uma escrava para cuidar de mim em Recife. Meu pai respondeu: “Você sabe, que com cada menina a gente ganha uma fortuna. Levando uma para Recife significa que a gente perderia uns contos. Melhor você comprar uma escrava comum em Recife.”

“Não posso confiar em escravas novas, e lá não tem como lhes passar uma educação adequada como aqui no interior. Se levar uma escrava boa e de confiança, ela me ajudará e eu poderei aliciar putas novas e mandá-las pra cá.”

“Mas quem você levaria?”

Quis dizer Analia, mas uma força estranha colocou o nome Rosalina em minha cabeça. Não queria levar a Rosalina porque não queria uma concubina, mas uma escrava. Concubinas sempre fazem problemas, nem tantos como esposas, mas também podem molestar a gente. Tive que aprender ser profissional e não uma criança levada pelos sentimentos. Já que não respondi, minha mãe recomendou: “Deve ser uma escrava sensata, responsável e boazinha

como a Amélia ou a Analia, que sabem também cozinhar e bordar.”

Meu pai olhou para mim e respondi: “Sim, a Analia.”

Meu pai recomendou: “Levando essa pérola de uma puta nem precisa levar muito dinheiro. Bota ela para se prostituir também em Recife e assim ela arrecadará o dinheiro para o aluguel e custo de vida de vocês.”

Meu pai chamou-a e explicamos-lhe a sua responsabilidade de cuidar de mim, ganhar bastante dinheiro com seu corpo e ajudar-me em meus negócios para meu pai. Perguntamos se ela queria ir. Seus olhos brilhavam quando ela disse sim. Claro, a vida aqui na vila é para as meninas o inferno, visto de fora. Quem mora aqui, acha tudo normal e também se acostumou, mas qual menina de fora já quer ser prostituta em um lugar sujo e enfadonho no interior, sem divertimentos a não ser divertimentos para homens em forma das próprias putas. Em uma capital tem coisas interessantes para meninas e o fato de que Analia não só transaria, mas também cozinharia e faria outras coisas lhe agradou muito. Além disso, sou considerado pelas

meninas como o mais bonzinho da família e o mais maleável, o mais acessível a pedidos.

O coronel e os capangas dormiram em casa, e na noite jantamos no bar e depois sentamos ainda e discutimos. O coronel pediu a companhia da judia, elogiou a sua beleza, sua brancura, sua meiguice. Meu pai contou: “Ela nem é tão meiga assim. Encheu meu filho com heresias e ele até chegou ao ponto de perder o juízo e namorar com ela.”

“Claro! Mas é a coisa mais natural um moço se apaixonar por uma coisinha tão linda como a Catarina. Não é uma coelhinha supimpa?”

Ela o beijou grata e ele lhe acariciou os peitos.

“Ela disse que não seria uma puta.”

“Seu Renato, o senhor pode ficar tranquilo. Meninas falam muitas coisas, não deve tomá-las a sério. Posso garantir que ela me provou cada vez que deitei com ela que é uma puta e tanta! Confio mais no que diz a perereca de uma menina do que no que sai de sua boca.”

“Expliquei lhe também que ela já era puta quando chegou a nós. Eu lhe dei o que cabe a ela: trabalho em sua profissão. Ela chegou a Recife como puta, e nós a tratamos como puta.

Certamente ninguém espera que trate uma puta vindo para nossa região como senhora."

"Seu Renato, tenho toda a certeza que ela não quer ser tratada como uma senhora. Veja como brinquei com suas tetas cheias e anota como ela gosta disso. Se fosse uma senhora eu teria que ficar mais longe. Catarina, minha coelhinha, queria ser tratada como puta ou como senhora? Fala, docinha de coco?"

"Pelo senhor como puta."

"Viu, seu Renato. E por seu Renato? E pelos clientes? Eles deveriam te tratar como uma senhora ou como uma puta."

Ela olhou para baixo e admitiu com voz suave e submissa: "Como puta."

Meu pai explicou: "Tratei-a muito bem. Poupei-a da humilhação pública, e ela ganha aqui o dobro de Verônica. Nem falando das negras. Até que o padre Sérgio me criticou por tratar uma judia melhor do que as cristãs."

Meu irmão não estava presente para se defender ou defender a judia, e ela teve que esconder sua opinião e dizer as coisas que se esperam de uma puta meiga, dócil e submissa. Senti-me na obrigação de substituir o partido de meu irmão e

disse: “Em parte consigo entender os sentimentos de meu irmão.”

O coronel confirmou: “Claro, eu também. Ela é uma docinha. Sua bucetinha é tão diferente daquelas das negras. Tão delicada, em certa forma tímida. Se eu estivesse em lugar de seu irmão, também a teria como puta preferida, dormiria mais com ela do que com todas as outras juntas.”

Meu pai proferiu: “Eu não tenho nada contra ele tê-la como puta preferida. Mas não quero que meus filhos cheguem ao ponto de confusão que se apaixonem e namorem com putas. Muito menos de considerar uma puta concubina ou até esposa. Um absurdo! Também seria injusto para com as próprias putas falar-lhes de amor, concubinato ou casamento, onde não existe a menor possibilidade de realizar as promessas. Para uma puta deve ser claro que o máximo para ela seja cair nas graças de seu senhor e ser tratada como puta preferida. E ela foi tratada por nós todos como uma puta preferida, muito melhor do que as outras.”

Falei: “E mesmo assim é normal que vendemos ou trocamos nossas putas. Também Catarina pode ser vendida um dia, e em outro bordel,

quem sabe, será espancada e maltratada. E isso seria injusto. Acho que meu irmão quer protegê-la de um destino dessa maneira.”

Meu pai gemeu aflito e proferiu só a palavra: “Filho...”

Calando-se o coronel falou: “Meu filho, você é muito exagerado. Não pode mudar o mundo inteiro. Se um músico vende o seu violino, ele se preocupa, se o próximo dono o trata bem? Ele gostou muito dele e o tocou em eventos esplêndidos, mas depois de ele vender o violino, talvez o instrumento fica escondido em uma gaveta e acumula pó e bolor. É a vida. Ninguém pode dizer que o músico fez um mal ao violino vendendo-o.”

Defendi-me: “Se tivesse um cachorrinho de estimação não o venderia a uma pessoa qualquer, mas só a alguém que o trate bem. Por que não fazer com uma escrava ou puta de estimação o mesmo?”

O coronel disse: “Mas isso é com você. Se tiver um cachorro ou uma puta ou escrava de estimação, fique com ele ou ela quanto tempo quiser. É sua decisão. Uma puta deve ter essa chance de até virar puta de confiança, que lidera uma sucursal ou até administra toda a empresa

para seu dono. Mas é sua decisão. O dono de um puteiro pode decidir, que uma das putas nem transe mais com os clientes, mas fique só para ele. Assim ele deixaria de ganhar dinheiro, mas seria a decisão dele. Eu, por exemplo, vou queimar meu dinheiro construir uma casa neste vilarejo botando uma moça lá dentro com escrava própria e uma sacola de moedas para gastar como ela quiser. É minha decisão.

Um dia seu irmão vai herdar a empresa, aí ele também pode ter uma puta de estimação e mimá-la à vontade. E essa judiazinha deliciosa vai continuar uma puta boa e gostosa, que faz de tudo para agradar aos homens, para fazer seu dono feliz e esperando que talvez um dia seu dono, o Isidoro, a tire do meretrício e viva como ela ou que seu irmão ou outro taberneiro se encante tanto dela que a tenha como puta de estimação ou até como confidente ou concubina, ou que um fazendeiro doido como eu, que goste de gastar seu dinheiro com mulheres lascivas e submissas, a tire do meretrício e lhe compre uma casa."

Saímos no outro dia e passamos a fazenda da senhora para buscar o administrador. Dormimos

uma noite na fazenda. Já cogitei antes sobre um problema: Queria muito transar com a Maria, a irmã de Rosalina. Também teve lá outra menina nova que ainda não possuía. E também queria rever a Sofia para ver como ela se desenvolveu e como se sentiu quando percebeu que eu não falara com a senhora sobre os pensamentos dela.

A curiosidade venceu. Assim pedi a Sofia para aquecer a minha cama. Ela me olhou meio desconfiada, quando a senhora chamou todas as suas “princesas” sob pretexto de elas cumprimentarem os visitantes, mas na verdade tudo foi feito para eu, o coronel e os quatro capangas fazerem as nossas escolhas.

Quando subi ao meu quarto ela já me esperava lavada, penteada e até perfumada (que novidade luxuosa para meras escravas!) na minha cama. Foi dedicada e boa como antes e quando deitei em cima dela, sentindo seu corpo gostoso recém-enchido com minha porra falei: “Quando da minha última visita não falei nada sobre o que você me contou à senhora.”

“Muito obrigada. Vou ser sempre a sua escrava e puta obediente assim como o senhor me queria. Muito obrigada.”

“O que pensou? Achou que eu iria contar tudo à senhora ou achava que eu não o faria?”

“Não sei. Sou uma escrava e não tenho o direito de meditar sobre o que um senhor como o senhor vai fazer. Simplesmente ouvi as suas palavras que eu não fiquei tão boa como devia como escrava e puta e que o senhor contaria tudo à senhora. Depois a senhora não disse nada, então comecei a pensar, que o senhor talvez não tivesse contado nada.”

“Quando fui embora desse quarto, você chorou. Em que pensou e como se sentiu.”

“Senhor, não gostaria falar sobre coisas proibidas. Os sentimentos de uma escrava não têm importância nenhuma.”

“Teve muito medo? Pensou em fugir ou em confessar tudo à senhora?”

“Estive desesperada e tive muito medo, mas juro que não pensei em fugir. Para onde iria?”

“E o que fez?”

“O senhor quer mesmo saber?”

“Quero. É uma ordem.”

“Orei. O único que me restou foi orar a Deus para ele olhar para mim e ter misericórdia de mim.”

“E o que Deus fez?”

“Não sei. Só sei que fiquei imediatamente mais tranquila, consolada. Tomei um banho e saí, orando: Se agora a senhora me pegar e açoitar deve ser a vontade de Deus porque fiz algum mal. Mas não aconteceu nada. Até hoje é um milagre para mim.”

Lembrei-me muito bem, que queria falar com a senhora, mas algo me impedia. Será que foi a força da oração, Deus agindo em favor de uma escrava e puta? Sei que pessoas, que não acreditam que Deus age desta maneira em favor de algumas pessoas, acham que foi mera coincidência. Mas se fosse apenas coincidência seria muito estranho, porque coincidiram assunto e horário. Mas como um Deus iria fazer algo em favor de uma escrava insignificante, que transa com muitos homens, então nos olhos dele indigna, suja e conspurcada, se ele ao outro lado não impede que virgens de famílias boas e religiosas morrem de doenças ou afogadas no mar? Só pensar sobre isso já deixa a gente toda

confusa. Que problema cabeludo! Aí realmente é melhor acreditar em coincidência.

“O senhor quer que eu faça a mesma coisa como da última vez para o senhor?”

“Não, agora sei que é uma escrava e puta boa; você vai dormir em meus braços. Também gostaria de saber mais sobre seus sentimentos. Como se sentiu a última vez quando eu a maltratei e humilhei? Ficou com raiva? E quanto à oração? Sempre sente alguma coisa quando reza?”

“Sempre fico triste se um senhor me maltrata, porque pelo jeito como ele me trata sinto que não estou agradando a ele, não estou o satisfazendo, e isso faz uma escrava boa muito triste. Mas não senti raiva. Já aprendi esquecer a raiva. Uma menina, que sente raiva, endurece, vira seca e insatisfeita e perde assim aos poucos sua beleza e sua gentileza e vai aborrecer os homens, sofrendo as consequências.”

“Bom, e quanto à oração?”

“Posso ser sincera?”

“Mando você ser sincera, coelhinha.”

“Na verdade, na maioria das vezes sinto nada. Só senti algo como uma paz repentina ou outra resposta em pouquíssimas ocasiões.”

“E como eram essas situações? Situações extremas, raras, incomuns...?”

“Não, uma foi bem comum. Fiquei por quase um ano na fazenda do coronel Paulo antes de a senhora Eleonora me ver e trocar por um macho. Certo dia vi um negro velho muito triste. Pensei que aconteceu algo terrível para ele e o perguntei, mas ele não quis dizer nada. Sonhei dele e sonhei que eu andei pela casa-grande e achei um cachimbo e o levei ao negro triste. Ele o reconheceu como seu, que perdera há uns dias, e ficou muito feliz, perdendo a tristeza.

Nesta época não fui negra de casa e não podia pisar na casa-grande. Mas quando passei no outro dia por perto da casa-grande vi um balde com restos de comida e uma voz estranha me incentivou para olhar o balde por perto. Vi um cachimbo entre os ossos de galinhas e imaginei que fosse o do velhinho, lembrando-me do sonho.

Levei-o para o negro e ele ficou muito feliz na hora, chamando-me um anjo.”

“Parece que Deus quer te muito bem. Eu gostaria muito de receber tanta atenção de Deus. Mas até agora ele se escondeu de mim.”

“Mas ele não fez um bem a mim. Foi só um pequeno favor para o negro. Mas o senhor acha realmente que fosse Deus?”

“Quem mais poderia ter lhe mandado o sonho e a voz que te avisou para olhar no balde?”

“Mas o senhor acha que Deus se importa com um cachimbo de um negro velho? Quando eu fui feito escrava orei tanto a Deus. Sofri e fui açoitada, mas ele não me salvou. E agora ele faz um milagre para um velhinho receber seu cachimbo velho de volta?”

“Realmente, às vezes a gente não vê a lógica no agir dEle. Parece que faz tudo assim como Ele quer e não assim como a gente quer.”

“Para nós Deus parece às vezes tão estranho que alguns acham que Ele nem existe.”

“Mas Deus também ajudou a ti quando da minha última visita. Não foi açoitada, porque ele mudou meu coração para não falar com a senhora. Queria falar com ela, mas algo mudou meu coração. Foi também muito estranho.”

“E por que o senhor queria que eu fosse açoitada? Fui realmente tão ruim?”

“Não, não foi ruim. Mas achei que umas chicotadas lhe cairiam bem. Foi só isso.”

Ela olhou-me meio assustada. Perguntei:

“Já foi açoitada muitas vezes?”

“Depende.”

“Depende de que?”

“Depende de como se define muitas vezes. Fui açoitada quatro vezes.”

“Conta. O que fez?”

“Nada. A primeira vez na casa em que me trancaram por quatro dias depois de me sequestrarem. Depois para dar as boas-vindas na fazenda do coronel Paulo, e o mesmo aconteceu quando cheguei para cá.”

“E a quarta vez?”

“Foi porque contei a outros escravos que meu nome verdadeiro não seria Sofia.”

“Qual é seu verdadeiro nome.”

“Sofia.”

“Mas qual nome você disse aos outros escravos?”

“Disse outro nome, mas não posso dizê-lo ao senhor, porque a senhora Eleonora não quer que eu não diga o nome a ninguém.”

Ri: “Gostei. Não caiu na armadilha. Aprendeu então, que Sofia há de ser seu nome verdadeiro?”

“Aprendi, senhor.”

Acariciei o sexo da menina e puxei os pentelhos, que ela possuiu umas cerdas bem resistentes como feitas para proteger sua bucetinha: “E quantas chicotadas recebeu e qual foi o melhor e o pior açoitamento?”

“O melhor?”

“Sim.”

“Como pode ser melhor?”

“Se não dói muito. Ou se aprendeu algo pelo açoitamento.”

“Sempre dói muito. Dói tanto que duvido que os que me açoitam têm ideia.”

“Você sempre foi açoitada por brancos? Jamais por negros?”

“Na outra fazenda foram negros velhos de confiança que açoitavam os escravos condenados.”

“Viu. E eles com certeza sabem como dói.”

“É verdade. E nem por isso tiveram dó de mim.”

“Talvez até tivessem dó, mas é o dever deles açoitar escravos delinquentes.”

“Mas eles bateram forte e fizeram mais coisas.”

“Que coisas?”

“A primeira vez recebi trinta. Depois fiquei na noite nua na viga, e o negro velho voltou mais tarde e abusou de mim. Molestou-me por mais de uma hora e depois me enrabou.

A segunda vez recebi sessenta, e o fazendeiro deixou o negro velho sozinho comigo. Foi justamente aquele com o cachimbo. Em vez de me poupar por agradecimento bateu forte e segundo a minha contagem me deu 72 em vez de 60. E depois abusou de mim.”

“Você lhe disse que é a cabrita que lhe deu o cachimbo? Talvez ele nem se lembrasse.”

“Só o falei quando ele me judiou demais e me queria estuprar.”

“E o que ele disse?”

“Nada. Parou. Parece que começou a chorar. Sumiu. Mas na escuridão não deu para ver nada.”

“Viu. Então se explica também por que Deus te fez devolver o cachimbo. Quis mostrar algo a esse velhinho.”

“Mas mostrou o que?”

“O fez reconhecer a sua própria maldade.”

“Mas não me adiantou nada. Já acabou o açoitamento e acabou de me torturar puxando e beliscando meus peitos e minhas outras coisas. Faltou só ainda o estupro.”

“Se não foi muita coisa para você, mas talvez fosse um ponto decisivo na vida dele.”

“E Deus se importa mais com a vida de um velho maldoso e safado do que com uma moça inocente?”

“Os caminhos de Deus são estranhos para nós. Jesus salvou um malfeitor, que foi crucificado ao lado dele, só por ele o bajular um pouco. Quem sabe depois dessa noite o velhinho se deu conta de sua maldade, e talvez assim outra escrava foi poupada da malícia dele.”

“Foi o pior açoitamento de todos, pela quantidade de açoites e as coisas absurdas que o desgraçado fez comigo depois.”

“Bom, se tivesse falado já bem antes com ele, talvez te poupasse mais. Pelo menos ele não te

estuprou. Imagina que está agora na viga, o velho te judia, e aí eu entro. O velhinho foge, e eu te pego e te estupro para apagar todas as suas dores e te fazer minha."

Com essas palavras fui em cima dela e tomei posse de seu corpo delicioso.

No outro dia acordei cedo, transei mais uma vez com a menina e tomei um banho. Antes a menina se despediu dizendo que teria que ajudar na cozinha. Falei: "Obrigado pela noite gostosa, você é uma escrava e puta boa."

"Eu tenho que agradecer que me escolheu e sobretudo que não me traiu. Viaje com Deus, que Ele te abençoe em tudo que você terá que resolver."

"Obrigado. Pena que não estou indo para casa, senão iria perguntar se a senhora te vende, gosto de ti e precisamos sempre de meninas boas e obedientes em nosso restaurante."

"Restaurante? Mas não sei cozinhar muito bem, estou aprendendo apenas."

"Bom, mas sabe atender a homens. Temos outros serviços também. Você é boa, gostosa e obediente, uma menina até bom para casar."

“Não posso casar com o senhor, porque Deus fez outra garota para o senhor.”

“Nem falei em casar contigo, embora que goste de ti, mas falei de outros homens. Mas o que quis dizer com a afirmação de que Deus já teria feito uma esposa para mim? Qual esposa?”

“O nosso Senhor a marcou com um sinal. O senhor já a conhece. Ela o ama muito e está lá esperando o senhor.”

Será que estava falando da Rosalina? Mas ela nem conheceu a Rosalina. Talvez Maria lhe contou dela? Perguntei: “De onde você sabe disso? De onde vem essa conclusão? A Maria te contei?”

“Ontem antes de adormecer orei como de costume e já que deitei tão bem em seus braços senti a vontade...desculpa, não queria ser insolente...”

“Pode falar. Não vou leva-lo a mal.”

“Pensei de repente que seria tão bom se eu pudesse ficar sempre em seus braços como uma menina branca, que tem só um homem em sua vida. Aí sonhei e Deus falou para mim que não posso casar com o senhor porque Ele já fez outra

esposa para o senhor. E disse para eu ter paciência."

"E quem é minha esposa?"

"Não sei o nome dela, só vi-a no sonho, ela é uma mulata jovem e estava em um barzinho bem grande com muitas pessoas."

"Como foi o barzinho. Conta mais?"

"Teve um músico tocando e várias mesas e cadeiras e um sofá. Mais não lembro."

"Conhece a irmã da Maria?"

"Não. Por que?"

Saímos depois de um café bem cedo, mas opulento. Na outra noite passamos a fazenda de um aliado do coronel. O dono era negro e ele possuía 80 escravos machos entre negros e mulatos, 34 escravas e uma grande penca de crianças negras e mulatas.

Ele teve uma esposa mulata e cinco filhos. O coronel já me tinha explicado que o fazendeiro virou capataz ainda sendo escravo, como na fazenda da senhora. O senhor branco da fazenda vivia com uma escrava negra que tratou como esposa e a fez herdeira da fazenda. Quando o

senhor estava a morrer, ele mesmo recomendou à sua esposa casar-se com o capataz fiel para conseguir administrar a posse e cuidar dos filhos. Como cheguei a saber, os três mais velhos foram filhos do senhor branco, mas só dois tiveram uma pele mais clara do que a mãe. Mas tirando a cor o filho mais escuro desses três irmãos consanguíneos teve uma fisionomia muito parecida com o primeiro filho o que prova que são do mesmo pai. Além dos dois rapazinhos teve uma moça linda e as duas filhas do capataz com a herdeira da fazenda.

O fazendeiro mostrou-nos as casas e estábulos. Teve também umas oficinas. Em uma oficina trabalhava ainda um escravo. Era uma ferraria improvisada, mas com forja, bigorna e tudo para trabalhar com metais. Vi uma calcinha de ferro igual àquelas que Raimundo faz. Perguntei se o ferreiro a fez. O fazendeiro respondeu: é um modelo que comprei em sua vila. Mas quero que o João me faça outras. Ele já conseguiu algumas, até já vendeu três a outro fazendeiro."

Eles nos mostraram os modelos caseiros. O coronel bancou o surpreendido: "Puxa, mas serve para o que? Se coloca na cabeça para o escravo não comer ou beber sem permissão?"

O fazendeiro explicou: “É uma calcinha para domar escravas recalcitrantes.”

“Não consigo imaginar como funciona.”

“Puxa, se saber de sua visita antes esperaria. Anteontem tive que aplicar a calcinha em uma menina.”

“Aplica-a de novo para eu ver como funciona.”

O fazendeiro o explicou de novo, mas o coronel insistiu que não entendeu nada. O negro riu e disse: “Já vejo que quer mesmo experimentar o troço. Bom, vou chamar a menina, não faz mal castigar essa putinha teimosa duas vezes.”

Trouxeram a menina que se assustou muito e afirmou: “Não fiz nada.”

“Mas semana passada foi muito teimosa. Pensei que fosse bom para você ser castigada mais uma vez.”

Ela caiu de joelhos chorando e pedindo, mas foi desnudada e amarrada. Depois o coronel aplicou a calcinha. Era um dos modelos mais simples sem pino para a uretra e só um parafuso para fixar o grelinho, mas de qualquer forma, ao meu ver, o mais gostoso é empurrar os pinos maiores na buceta e no cu carnosos das putinhas.

Antes de fixar o grelinho mostrei aos homens como se arranca confissões jamais imaginadas de putas, escravas e outras meninas dessa laia. Aproveitei a arte aprendida de meu pai para impressionar os homens, puxei o clitóris com meus dedos e disse: “Certamente cometeu muitas falhas e delitos que ainda não confessou ao seu senhor. Aproveite para limpar seu coração confessando.”

Ela disse que não teria nada para confessar, mas não demorou muito e ela mudou da ideia e confessou que furtara um doce na cozinha antes da última festa de Natal. Uma vez soltada a língua confessou mais coisas, como o furto de uma garrafa de cachaça para um negro que lhe fez um favor, e como ela mentira várias vezes à velha cozinheira dizendo que não viu ninguém furtar hortaliças, embora que o vira e fora conivente. Estimulando-a mais ela confessou também que falava mal da filha mais velha do fazendeiro falecido, daquela mulata bonita, juntando-se a outras negras fofoqueiras que chegaram a chamar a moça de puta. Graças a mais puxões em sua carne mais sensível ela forneceu todos os nomes das outras meninas. Quando ela confessava chorando diminui o estiramento do grelinho e incentivei-a

friccionando sua bunda, mas quando depois a perguntei a respeito de seu hábito de se masturbar emudeceu e tive que puxar novamente com mais energia. Logo as palavras começaram a brotar, acompanhadas por muitas lágrimas, e ela divertiu os espectadores surpreendidos com detalhes variegados de seu hábito de se masturbar.

Depois exigi que ela contasse de delitos de outros escravos, e instigada por puxões devidos em sua hastezinha ela delatou alguns casos que devem ter sido interessantes para o dono, culminando na revelação que certo negro guardava uma faca bem grande e perigosa.

Depois de ter colocado a calcinha deixamos a menina amarrada para ela tiver tempo para meditar sobre suas muitas falhas e atos criminosos que acabou de confessar. Todos reparavam que ela ficou muito abatida pelo arrependimento e por sentir muita vergonha por causa de tudo que cometera e acabara de confessar. As lágrimas corriam livremente e seu coração se abriu. Acerquei me, apalpei os peitos e apertei levemente os lados da boca, que se abriu em meiga submissão. O beijo teve um gosto salgado por causa das lágrimas, mas mostrou claramente que algo derreteu dentro

dela, e ela entregou toda sua boca sem a menor resistência.

Embora que a moça ofendida pelas escravas não fosse filha do fazendeiro, mas só sua enteada, ele defendeu a sua honra como um pai verdadeiro e quis logo tirar as meninas denunciadas de suas camas. Falei: “O senhor deve aproveitar para arrancar-lhes mais confissões, a elas e ao negro com a faca e aos outros denunciados. Assim limpará de vez a escravatura e levará muitos à contrição. Só que com macho fica mais difícil, já que eles não têm grelinhos. Não adianta puxar as orelhas, lábios ou paus deles.”

“Tem os anjinhos.”

“Sei, mas nem de longe pode alcançar os mesmos resultados do que com um tratamento inteligente de grelinhos. O jeito é arrancar os segredos das fêmeas, sendo elas o ponto mais fraco. O senhor viu, como se faz? Ou prefere que eu o demonstrasse também nas outras meninas?”

“Se tiver paciência preferiria interrogarmos as delinquentes juntos.”

“Bom. Mas de quantas calcinhas de ferro dispõe?”

“Mais duas.”

“Então chama só duas meninas, as outras pode tratar amanhã, assim como os negros denunciados. Sempre é bom, fazer um trabalho bom que leve o delinquente a confissões e ao arrependimento sincero. Assim a gente consegue escravos submissos e bonzinhos. Caso contrário terá escravos que esperam por vingança. Eles devem sentir a culpa, arrependimento, vergonha e contrição.”

“Certo. Parece fácil com meninas. Mas como então se faz com homens?”

“Não tenho experiência com homens. O senhor deve desenvolver um sistema.”

O coronel ficou pensativo, ouvindo a nossa conversa, mas também ele disse que não conheceria um jeito comparável para escravos machos. Quando ainda conversamos, trouxeram duas meninas. Mandei tirar a roupa e pelo menos logo obedeceram. Colocamos uma menina na viga e comecei a interroga-la. A outra menina teve que esperar fora, amarrada em uma árvore, e a menina já interrogada foi amordaçada para não poder interferir. Assim deu para comparar as confissões.

A maioria das confissões da primeira menina foi confirmada pela segunda. Chegaram à luz ainda mais furtos, bruxarias e um esquema de desvio de ovos, que funcionava assim, que cada dia uma quantidade pequena de ovos fora desviada e levada por um mulato envolvido no esquema para a venda perto da fazenda. Não foi fácil tirar todas as informações dessa jovem, e quando apertei o parafuso no grelinho mais e mais para poder estendê-lo mais fácil, saiu de repente sangue, que não foi planejado, porque dificulta o trabalho. A menina tripudiava como a rainha malvada dos contos de fada que teve que dançar em cima de carvão em brasa, e cantava e ululava como uma loba no cio e só depois das torturas confessou por miúdo.

Já a outra menina, intimidada e assustada pelos uivos da companheira, que ouviu na árvore esperando a sua vez, falou logo que iria confessar e fazer tudo que queríamos para não ser torturada. Ouvimos longas confissões, e quando ela terminou, só precisei pegar na hastezinha mágica dela sem sequer estirá-la e logo as palavras recomeçaram a jorrar. Também ela deixou-se beijar toda submissa, e quando percebeu que fosse melhor por ela até respondeu com a língua dela como se ardesse de paixão e

amor por mim. Disse que seria totalmente arrependida, e quando a perguntei, quantas chicotadas queria, falou em 15, mas depois de uns puxões leves em sua hastezinha já ofereceu 25, depois 40 e 60, sem eu precisar usar de violência.

Para se poder arrepender melhor, também ela teve que vestir a calcinha, mas neste caso seu próprio dono enfiou-lhe os tarugos na carne firme e gulosa. Só observando esse ato já virei muito duro. Parecia que a menina até abriu as pernas na medida que lhe foi possível amarrada na viga, e ofereceu a bunda, para facilitar a entrada dos tarugos pesados. Dei um beijinho de boa noite na testa de cada menina e fomos embora.

No jantar o fazendeiro ainda ficou revoltado, que as escravas tiveram a ousadia de chamar a enteada de puta. Disse que ela seria uma menina boa e comportada. Falei que seria necessário para corrigir o pensamento de tais escravas mostrar-lhes que elas seriam as verdadeiras putas. Propus: “Amanhã o senhor deixa as três meninas na viga, e na noite chama todos os homens, que merecem um prêmio por terem trabalhado bem nos últimos meses, e diga que as meninas seriam putas e que podem fazer com

elas o que quiserem. Depois de uns 50 ou 70 homens terem estuprado as delinquentes, coloque cada uma assim como é, nua, suja e com a sopa brotando entre as pernas delas, diante um espelho e coloque sua enteada em vestido limpo ao seu lado. Pergunte a cada escrava, quem das duas ela acha que seja uma puta. Depois mande que a escrava peça a sua enteada por perdão e que a enteada decida, quantas chicotadas a escrava receba, levando em consideração o número, que a própria escrava pediu na viga, perguntada com hastezinha estirada."

O coronel se intrometeu: "Você sabe lidar muito bem com meninas, moço. Tem um dom natural, ao que parece. Mas pela experiência posso lhe dizer, que seu plano não é seguro. Pode acontecer, embora que não seja muito provável, que uns negros ao verem as putas liberadas para eles as estuprarem, tenham dó delas e convençam a todos para não fazer mal a elas. Às vezes os escravos sentem uma solidariedade entre si."

Falei: "É verdade. Não pensei nisso. Por isso seria mais seguro separar as meninas delinquentes antes dos homens, para eles não se sentirem solidários com elas. Aí o senhor diga amanhã que futuramente iria empregar as

meninas em casa e bota roupas boas e perfume forte nelas. Seria bom, fazer logo o mesmo com todas as meninas acusadas. No meio-dia manda-as levar comida aos negros que trabalham suando no campo. Quando elas aparecerem no campo bonitinhas e vaidosas, os homens vão assoviar e querer fazer safadezas com elas, e elas vão rejeitar os animais suados e sujos com soberba e orgulho.

Assim os negros vão achar que elas se consideram mais finas, ficando agora sempre com os donos andando perfumadas e arrotando chiqueza. Dessa maneira eles não vão sentir simpatia com elas, e estuprá-las vai ser uma vingança muito gostosa para eles. Ninguém vai sentir solidariedade com elas."

O coronel elogiou: "Moço, acho que vou te contratar como capataz em vez de esbanjar um tamanho talento em dominar escravas e putas lendo apenas os alfarrábios e calhamaços cheios de leis e textos jurídicos ininteligíveis."

Mais tarde o coronel contou das ideias de fazer meu pai juiz de paz e de alugar um navio negreiro inteiro. O fazendeiro mostrou-se interessado para pelo menos consignar uns cinco até oito fardos, dependendo do preço.

“Bom”, disse o administrador da senhora. “Já que se trata de nossa empreitada o risco é com a gente. Espero que o preço vai ser muito barato em comparação com o mercado, se tudo vai bem, mas ninguém sabe os preços exatos. Depende do preço que a gente há de pagar na África, e dos ventos. Quanto mais tempo durar a viagem, mais custa a manutenção do navio, a alimentação dos marujos e dos fardos e tanto mais escravos poderiam morrer a bordo, devido às condições precárias.

O fazendeiro falou: “O maior problema é sempre que os escravos cagam e mijam em si mesmo. Não tem como impedi-lo. Acho que as fezes causam muitas doenças.”

O administrador sugeriu: “Um negreiro deveria ter um sistema de bombear água do mar por cima dos fardos para limpar uma vez por dia o chão das fezes. Além disso, nos primeiros dias não recebem alimentação para cagarem pouco, ficarem fracos e incapazes de se rebelar e para vomitar menos já que geralmente passam mal pelo enjoo típico no mar.

Nós vamos encontrar em Recife um armador jovem e aventureiro que planeja construir um

navio que seja mais rápido do que os navios da marinha inglesa. Com ele escaparia deles.”

O fazendeiro duvidou: “Mas se quiser ser rápido não poderia levar muita carga.”

O coronel explicou: “O navio será grande como uma fragata, mas pode levar só uns 80 fardos. O custo será maior do que quando se enche um cargueiro velho e fedorento com 400 negros. Mas não adianta tentar uma solução barata dessas, porque os ingleses, esses piratas ardilosos, vão prender o navio e a gente perderá todo o dinheiro suado. Se o nosso navio for mais rápido do que os deles, o nosso capital será bem mais seguro, só teríamos a temer naufrago ou doenças fulminantes como a peste.”

Mesmo que a gente teve uma escrava própria conosco o fazendeiro negro ofereceu cordialmente escravas para as nossas camas. Aceitei uma escrava dele sabendo que teria daqui para frente muito tempo para encher Analia com minha força masculina. O fazendeiro ficou feliz com a minha decisão porque disse que ele não teria muitos visitantes brancos, mas gostaria também de criar mulatas e mulatos.

Analia foi em toda a viagem uma companheira boa e útil. O principal, ela é sempre sorridente, e já com essa atitude ela ajuda muito para aliviar para nós os desconfortos da viagem. Mesmo eu sou desacostumado com cavalgadas tão prolongadas e minhas pernas doeram um pouco. Imaginem ela!

Mas queixa nenhuma saiu de sua boca. Ela, evidentemente, só conseguiu ver as vantagens: ela pôde sair do dia-a-dia enfadonho e pesado do bar para cavalgar pela região, quase como uma pessoa livre. Não precisava transar o dia todo como fazem as meninas no bar. Cuidou em todas as pausas com naturalidade da alimentação e de outras necessidades. Duas vezes o coronel a emprestou e ela se deitou com ele no mato sem o menor resquício de tedio ou ressentimento.

No terceiro dia chegamos até uma fazenda de um primo do coronel perto de Recife. Chegamos no fim da tarde, e todos os escravos dele foram reunidos. Não teve padre, mas um mulato estava falando à multidão. Chamava se mestre de reza e era um homem que se oferecia aos fazendeiros para ensinar os escravos. Fazia quase o mesmo trabalho como o padre falso, que foi preso, só

que ele não se serviu de falsificação, mas disse abertamente que não seria padre, mas teria conhecimento para ensinar.

Ele já estava na fazenda duas semanas, e realmente o tom aqui era diferente. Os negros, ao encontrarem seu senhor ou nos visitantes falaram sem rancor “sua bênção, meu senhor”, e a gente teve que responder “Deus lhe abençoe, amém”.

Igual ao padre falso contou aos negros histórias que cantam virtudes como a submissão, a humildade, a laboriosidade, a dedicação, a diligência e o amor ao senhor. Seu lema foi “ama seu amo”. Nas aulas sempre mandou os escravos repetir a frase: “Amo meu amo”, o que os negros falaram alegres pela assonância da frase. Até trouxe uma cantiga que começou assim: “Amo meu amo, amo meu amo, amo meu amo com todo o meu ser. Quero ser dele, quero ser dele, quero ser o braço do meu senhor.”

Nas outras estrofes os escravos cantavam que queriam ver o amo alegre e feliz, que queriam ver a fazenda prosperar e que queriam ver o senhor Jesus sorrir. Já que as estrofes se seguiram era implícito que Jesus sorriria se os

escravos fossem bonzinhos, o amo alegre e a fazenda próspera.

Contou uma história de dois irmãos negros. Um foi vendido a uma fazenda com negros rebeldes e maus, outro a uma fazenda com negros bonzinhos. O primeiro participou de fugas e rebeliões, foi muitas vezes açoitado, estragou dessa maneira toda a pele e perdeu um olho e acabou sendo mandado embora na velhice, mendigando e sofrendo fome. O outro foi sempre obediente e dedicado, aprendeu com o tempo um serviço e virou líder de um engenho, recebeu uma negra bonita e boazinha como esposa, teve seis filhos, uma casinha, e quando ele na velhice sentava na frente da casinha fumando seu cachimbo e sentia às vezes uma dor nas pernas, a senhora lhe mandou logo de graça um remédio que na hora acabou com as dores.

Ainda por cima, os dois morreram e o primeiro foi para o inferno, o segundo para o céu.

Era evidente, que o fazendeiro gostava do pregador, e o convidou para jantar com a gente, mas devido à demora do ensino ele chegou atrasado e não deu como conversar muito com ele. Antes de retirarmos aos nossos quartos o

coronel perguntou: “A gente pode escolher uma de suas gatinhas para a cama?”

O fazendeiro pareceu um pouco constrangido, entreolhou-se com o mestre de reza, mas falou: “Desculpem que me esqueci desse detalhe. Pena que já está escuro. Quantas meninas? Uma ou duas?”

Claro que o fazendeiro não ofereceu uma menina para o administrador da senhora, sendo ele um negro. Ele, apesar de ser um administrador, foi ainda escravo. Além disso, com ele não poderia criar mulatinhas. Mas sua dúvida foi a respeito de mim, já que viajei acompanhado. O coronel safado respondeu: “Ah, realmente, para mim poderiam ser também duas meninas. Para meus capangas bastam uma respectivamente. E você, meu amigo, quer uma ou duas?”

Respondi: “Posso vê-las antes de me decidir? Gostaria de poupar minha escrava, ela deve ser muito cansada da cavalgada e vai ter que me aguentar nos meses que vêm.”

Foi um pouco constrangedor escolher as meninas, já que os escravos dormiram em casinhas espalhadas atrás da casa-grande. Tivemos que levar lampiões, bater nas portas e

candidatas, mas também para saber, se são limpinhas. Impedido de poder conferir a qualidade das boquinhas mais importantes para a noite escolhi duas (já que achei mais chique escolher também duas, igual ao coronel) pela aparência, e pela dúvida mandei-as tomar um banho antes de se deitarem na minha cama.

As meninas nesta fazenda não estavam de boa qualidade. Quase só negras, vi só duas ou três mulatas, se a escuridão não me enganou, e elas eram descuidadas quanto aos cabelos, os pés e tudo. Quase tivesse renunciado as meninas para ficar com Analia, mas não quis ofender o fazendeiro depois de ele fazer o esforço de acordar todas as escravas para nós. De qualquer forma é sempre gostoso possuir uma menina que a gente antes não conhecia, um ato que faz que a gente conhece um pouco da alma da menina. Certa vez um caçador me disse, que cada vez que mata um animal e se aproxima ao animal abatido consegue sentir um pouco da alma dele, e o mesmo acontece com as negras e mulatas, que a gente derruba na cama.

O administrador acompanhou a gente pelas casinhas e podia ver todas as garotas e moças, mas deve ter sido duro para ele que não podia escolher uma.

Na cama as duas foram razoáveis, mas dormindo elas não ficavam encostadas em mim, procurando distância mesmo dormindo. Uma delas também rolou muito na cama. Aí se percebem as grandes diferenças entre negras comuns e meio silvestres e negras educadas por senhores, que sabem lidar com meninas escravas e com as chibatas e os outros instrumentos de melhoramento.

Chegamos a Recife no meio dia e procuramos imediatamente o armador, que nos mostrou as plantas do navio. Ainda não pôde começar com a construção devido à falta de recursos. O navio teria dois mastros e seria muito estreito. Teria pouco mais de 20 metros. Os escravos iriam deitar no porão subdividido em três patamares muito baixos de 45 até 50 centímetros altura. No meio teria um corredor. Eles iriam deitar com as cabeças para o corredor para um marujo lhes poder trazer água e comida. Em tudo caberiam 180 escravos nus deitados corpo a corpo. Os patamares seriam inclinados levemente para o lado de fora, onde ficariam os pés, fara facilitar que fezes e urina escorressem para esse lado e seguiriam até uma portinhola, de onde cairiam no mar. Claro, que esse sistema só funcionaria

quando o navio estaria em direção perpendicular. Se andassem adernado pelo vento os excrementos escorressem em qualquer direção. Mas seria melhor do que em outros navios onde os negros apodreciam o tempo todo nos poços de urina e fezes.

Poderiam levar mais algumas crianças menores que ficariam andando livremente no navio, e uma dúzia de jovens negras seriam acorrentadas no dormitório dos marujos para servirem logo como putas gratuitas, e mais uma na cabine do capitão e outras nas cabines dos oficiais. O armador explicou: “Os negros serão acorrentados um ao outro, formando uma fila de 30 peças. Assim serão puxados no seu compartimento no convés. Para levá-los ao convés a corrente seria puxada para fora com um guindaste e todos os negros sairiam. Seriam levados uma vez por dia ao convés, se o tempo permitisse, e forçados através de chicotadas a dançar como forma de ginástica.”

Com uma bomba poderiam jogar água em cada patamar, que lavaria as fezes para fora. A lavagem poderia ser feita quando os negros estariam no convés ou também com eles deitados no seu patamar. Assim eles seriam lavados logo juntos.

“Assim poderemos abaixar a porcentagem de mortos. Mesmo assim temos que calcular com uns 20 até 30 mortos durante a viagem, afinal de contas, também dos marujos morrem sempre alguns. Juntas com umas crianças chegariam uns 220 fardos, um valor de pelo menos 200 contos. Também existe seguradora para esse tipo de negócio. Ela paga uma indenização por cada escravo que morre ou que cai na água. Mas, infelizmente, quando os ingleses roubarem a carga inteira, a seguradora não paga nada.”

Perguntei: “E o vômito? Se eles deitam cabeça a cabeça um vomitaria no outro quando sentem as náuseas no mar.”

“Sei. Mas não tem como evitá-lo. Já pensei em construir uma pequena vala riscada na madeira do assoalho. Mas não pode ter uma vala onde deitam as cabeças. Vômito é nojento, mas o pior são epidemias de peste e outras doenças perigosas ou pragas da pele como a sarna.”

“Peste?! Se eclodir uma catástrofe dessas a gente perderá a carga toda? Xiu...”

“Mesmo com doenças como a sarna capitães inexperientes já perderam três quartos da carga. Os marujos devem investigar o gado todos os

dias e tirar os doentes para eles não contaminarem os outros.”

“Mas não tem outro espaço? Onde deixariam os doentes? Se ficariam no convés os ingleses os achariam e eles poderiam contaminar os marujos.”

“Claro que não poderiam ficar a bordo. Seria uma loucura! Contaminariam a equipe. Não tem cabine sobrando. E mesmo assim o risco seria ainda grande para quem lhes fornecer alimentos e cuidar deles.”

“E onde os doentes ficam?”

“Se jogam no mar. É claro. Não tem outro jeito.”

“Vivos?!”

“Claro. Ou queria incumbir alguém para matá-los antes? Quem daria ordens tão brutais aos marujos?”

“Mas eles jogam os negros vivos no mar? Mas também é muito brutal.”

“Pois é, e antes de tudo com cada fardo alijado a gente perde uma fortuna, e a seguradora não paga se a gente joga o escravo, só paga se ele cai no mar por acidente. Mas não tem outro jeito.”

“Que crueldade.”

“Crueldade seria não jogá-lo, porque assim condenaria muitos outros ao padecimento e a uma morte sofrida, e não somente negros, mas também os brancos, porque doenças de negros na maioria das vezes pegam também em nós seres humanos. A maioria dos que se jogam morreria de qualquer jeito.”

O coronel perguntou: “Mas quanto o senhor iria cobrar por uma passagem?”

“30 contos. O senhor compraria um escravo por uns 50 Mil Réis na África. Sua passagem custaria por cabeça 100 até 150 Mil e assim um escravo sairia por 150 até 200 Mil Réis.”

“Mas se o senhor cair em uma calmaria e os ingleses capturam o navio tudo se perde.”

Propus: “A gente poderia levar remos para poder manobrar na calmaria. Os próprios escravos remariam.”

O armador disse: “Para poder remar precisa-se de um convés adequado para colocar os remos. Com isso se perderia espaço ou o navio ficaria mais pesado e mais lento quando ir à vela.”

O coronel concluiu: “Fica então só a alternativa de investir pesado e pagar tudo isso ou de voltar a nosso plano primeiro de armar um navio

barato com esconderijos para colocar umas 40 negras e alguns marujos negros.”

O armador duvidou: “Na dúvida os ingleses confiscam um navio. Eles se sentem os donos do mar. Aí teria outra ideia. Içar uma bandeira americana. Os ingleses não podem investigar navios americanos.”

“Mas eles não são bobos. Sabem muito bem que a bandeira poderia ser falsa.”

“Bom, mas eles não sabem. E não querem problemas com os gringos da América do Norte.”

“Mas se eles mesmo assim investigariam o navio, a gente perderia tudo.”

“Mas o risco é pequeno. Eu poderia alugar-lhes um navio comum por 10 contos, para a viagem da África para cá. Na ida levaria mercadorias, ficaria por minha conta. Levando 110 escravos para uns 100 chegarem vivos, cada um sairia por 150 Mil Réis. Uma ninharia, um negócio de China! Imaginem se fossem 100 meninas lindas! No pior caso, perderiam 15 contos. Quem sabe, aluguem logo dois navios para ter a certeza que pelo menos um chegue. Assim um escravo sairia por 300, ainda barato.”

“Deus me livre”, assustou-se o coronel. “Um navio já chega de problemas e preocupações. Vamo-nos concentrar em um navio e fazer a empreitada tão segura como possível.”

Falei ao armador: “Disse que uns vinte negros morrem sempre na passagem? Não tem como cuidar melhor deles para aumentar o lucro? Poderíamos levar comida melhor, e quanto ao vômito, poderia ter uma calha e em cima dela uma grade.”

O armador rejeitou a proposta: “Eles deitam em patamares de madeira de uns cinco centímetros grossura. Não tem como talhar uma calha em uma madeira tão fina. E se colocar uma calha em baixo, atrapalharia os em baixo dela. E as cabeças deitadas em uma grade poderiam se ferir e sangrar, contribuindo para inflamações. Um negro custa 50 mil, às vezes nem isso. Os preços ultimamente caíram porque caiu a demanda por causa desses ingleses. Aí não vale a pena investir muito na saúde deles.”

Respondi: “Lá na África vale 50 mil, aqui vale dez ou vinte vezes mais. Se fosse uma menina bonita, até 40 vezes mais. Se o navio chega com vinte escravos a mais, significaria um ganho de

10 até 20 contos, suficiente para pagar todo o custo."

O administrador disse: "Acho com o vômito realmente não tem jeito. Também não tem problema os escravos passarem pelo maior desconforto possível, porque até mais gratos vão ser, quando saírem do porão nojento para servir a um senhor em uma fazenda arejada aqui no Brasil. Mas tem outro problema: A gente marca os escravos com ferrete em brasas antes de embarcar, não é? Mas depois eles deitam nas costas por cima da ferida e ela inflama e causa febre, em alguns casos também fica ilegível. Não seria possível um sistema de os presos ficarem de vez em quando deitados de bruços para não estragar as costas."

O armador respondeu: "Acho difícil. Mas também refleti sobre esse assunto. Se os senhores concordam, poderíamos marcar as peças na barriga ou no peito. Assim não teria o problema."

Falei: "Mas meu pai não queria meninas com marcas na barriga ou no peito."

O administrador disse: "Nem minha senhora. Acho que as mulheres e meninas deveriam ser

gravadas diretamente em cima da vulva. Depois os pelinhos ajudam esconder o sinal.”

“Mas aí teriam que depilá-las antes.”

“E qual problema há nisso? Talvez nem seja necessário gravar os escravos já na África. Se a carga é só para nós e uns amigos, poderíamos dividir as peças aqui quando chegam, e cada dono grava seu próprio gado com seu ferrete. Mas toscar os fardos antes da viagem é também uma questão de higiene para diminuir os piolhos, chatos e outras pragas a bordo. Se coloca uma mesa e amarra a respectiva peça nua em cima da mesa com a barriga para cima, braços e canelas presas nas quatro pernas da mesa. Aí será toscada, logo na cabeça, nos sovacos e entre as pernas para evitar pragas de piolhos a bordo. Se obriga umas escravas para depilar, ou, se quiserem, os marujos podem fazê-lo. Muitos marujos o fazem por ser muito divertido depilar mulheres e meninas nuas.”

O armador disse: “Acho que os marujos se divertiriam muito nisso.”

O administrador ajuntou: “Pois é. Tal procedimento é muito humilhante para os escravos, e ajuda desta maneira para fazê-los mais humildes e quebrar seu espírito de rebelião.

Eles devem ficar quebrantados quanto mais possível para uns 100 escravos seguirem a 20 marujos como cordeiros meigos e submissos. Senão pode ter uma rebelião no alto mar.”

Duvidei: “Mas eles ficariam o tempo todo encadeados, não é?”

O armador respondeu: “Claro, seria mais seguro. Mas mesmo assim acontecem rebeliões. Eles atacam todos juntos, mesmo sendo encadeados uns aos outros. O desconforto e o medo levam-nos a atos desesperados. Mas se a gente os tratasse melhor, a tendência à insurreição seria pior ainda. Mas realmente existe um problema com as costas dos fardos. Por isso seria bom, tirá-los do porão cada dia e levá-los ao convés, fazendo os dançar ou também sentar um pouco no sol e no ar livre. Mas infelizmente em dias com vento forte será impossível, e justamente em tais dias com o vaivém do navio a pele sofre mais. E quando os marujos estupram as negras elas deitam de novo no chão e com cada tranco a pele das costas é esfregada contra o assoalho do convés.”

Falei: “As putinhas poderiam ficar de quatro.”

“Ah, mas elas ainda não são domesticadas, se jogam no chão, dramatizam, reclamam, sei lá. E

já que são acorrentadas uma com a outra e os marujos ficam em cima delas, não pode simplesmente corrigi-las com o açoite.”

Respondi: “O açoite nem faz bem para a pele, agravando os problemas. Mas poderiam preparar uma fila de aros no chão, quatro para cada escrava e então se fixa-as de quatro. Assim ficariam à disposição. Poderiam ficar assim até por algumas horas para as costas secarem e sararem no sol e na maresia.”

O armador alegou: “Tantos aros no assoalho do convés? Seriam caros e nas tempestades seriam estorvos que fariam os marinheiros tropeçarem.”

O coronel disse: “Se as negras ficam encadeadas uma na outra seria o mais simples e fácil colocá-las em uma fila entre os dois mastros, como peças de roupa em um varal. Ficando lá em pé sua pele secaria e sararia e os marujos poderiam atacar, cutucar e estuprá-las à vontade.”

Aleguei: “Se as putas ficarem com os braços estendidos a fila de 20 peças já chegaria a 20 ou 30 metros. Não caberia entre os mastros.”

O coronel disse: “Seria possível uma fila dupla. Se fixa o início da cadeia no mastro principal. Cada peça seria presa com argola no pescoço e argolas nos punhos, Entre pescoço e pescoço

teria um metro. As mãos seriam presas nessa cadeia que liga pescoço a pescoço. Se estica a cadeia até o outro mastro, vai ao redor dele e volta ao primeiro. Assim as peças ficariam em fila dupla, ou se defrontando, com as bundas para fora, ou bunda a bunda, com os rostos, e mais importante, os peitos e pererecas para fora. Quando um marujo estupra uma negra, poderia até apalpar a outra."

O armador expôs: "Os senhores devem-se lembrar que um navio em andamento fica adernando com as ondas. Deveria ser meio complicado transar com uma negra em pé, sobretudo se ela não coopera."

O coronel disse: "Mas se as suas mãos ficarem presas, o marujo teria tudo para forçar as putas para cooperar. Elas são nuas e as partes mais sensíveis todas ao alcance das mãos dos marujos. Aí não sei de que mais se precisa."

O armador concluiu: "Bom, temos muitas ideias boas. Devem ser estudadas e testadas e adaptadas na viagem, quando a gente terá a oportunidade de colocá-las em prática."

O administrador concordou: "Isso mesmo, a gente deve ser flexível e procurar sempre a melhor solução para nosso lucro, a segurança e o

bem-estar dos marujos e o conforto dos escravos.”

Em seguida procuramos uma moradia para mim. O armador deu umas dicas e a gente leu os anúncios. Não teve uma oferta grande. O coronel não quis uma pensão porque achava que a gente teria mais liberdade em uma morada mais particular, sobretudo para Analia se prostituir. Mas já não conseguimos nada adequado e por isso, pelo menos por enquanto, aluguei dois quartos em uma pensão por 50 Mil Réis no mês. A dona do sobrado em que funcionava a pensão para estudantes não viu com bons olhos a presença da Analia, mas o coronel logo viu que ela mesma também dispôs de escravas bonitas e perguntou, se seria possível deitar-se com elas e quanto custaria. A senhora informou que seriam mil Réis. O coronel garantiu: “Prometo à senhora que a Analia aqui dentro não vai cobrar menos para não pôr em risco o lucro da senhora.” Com essas palavras logo ficou claro que a Analia me ajudaria pagar a pensão como também as outras despesas.

Pelo menos, desta maneira, não precisamos comprar móveis. E já que por causa das férias

teve quartos desocupados, a senhora deu-nos para duas noites mais dois quartos para o coronel, os quatro capangas e o administrador.

Mandei a Analia comprar algumas coisas necessárias, e nós homens fomos visitar uns navios. O navio, que o armador nos alugaria, não estava no porto, mas ele mostrou-nos outros parecidos para a gente tiver uma ideia e poder refletir melhor sobre tudo. Do porto vimos também navios ingleses. O armador explicou: "Chegar com escravos para Recife seria uma loucura. Os ingleses espreitam os nossos navios como os piores piratas. A gente precisaria um lugar mais ao norte, uma enseada segreda, onde o navio deitaria âncoras e levaria os fardos com barcos à praia."

O coronel logo sabia um lugar adequado perto de uma fazenda cujo dono era um conhecido seu.

Analia, no entanto, passou as ruas alegre e airosa. Não conseguiu acreditar que teve permissão de andar sozinha em uma cidade movimentada dessas. Sabia das cidades grandes só de contos dos outros, a não ser que ela acompanhara seu antigo dono uma vez à feira de uma cidade menor, onde viu maravilhas da

carroça em que sentava. Mas neste dia ficou preocupada demais para desfrutar o que viu, porque o dono a levara para oferecê-la entre outros produtos da fazenda na feira.

Agora, no entanto, não viu tudo de uma carroça ou acorrentada em uma barraca de feira, mas andando sozinha como se fosse uma branca. Sentiu-se livre como um pássaro e desfrutou cada segundo nessas ruas, em meio ao alvoroço das praças e logradouros.

Passamos uma loja cheia de chapéus do exterior. O coronel riu de alguns modelos esquisitos e disse: “Vou comprar um para a minha esposa e outros para minhas filhas. Vão adorar esses troços ridículos!”

Os capangas ficaram na frente da loja, e nós outros olhamos outras lojas, avisando a eles que iríamos um pouco além. Fiquei maravilhado com o número grande de guardas da polícia nas ruas. Sempre me falaram que Recife seria uma cidade perigosa, mas vi senhoras acompanhadas de suas negras, muitas vezes carregadas em liteiras por dois negros fortes, e elas não mostraram preocupação nenhuma.

O administrador entrou em uma loja com produtos para fazendas, e o armador me levou a uma ferraria, onde perguntei se seria possível fabricar argolas para pescoços e punhos de escravos que não ferem a pele ou, pelo menos, ferem a pele o menos possível para em uma viagem longa evitar inflamações na pele.

Depois de termos discutido algumas coisas e perguntado os preços saímos da loja. Passamos a loja dos produtos para fazendas, mas o administrador não estava mais, e assim fomos para os capangas. Admirei as mucamas de uma senhora rica, que passou em uma liteira. As mucamas estavam com roupas ricas. Uma pena, não deu como admirar sua beleza. "Para que essas senhoras levam todas as mucamas?" perguntei. O armador riu: "Só para mostrá-las aos outros. Para todo mundo ver, que são alguém, uma senhora de tantas princesas negras e pardas."

Passaram também negrinhas mais pobres e avaliei já por costume a qualidade das pernas e braços delas e adivinhei a forma dos peitos e das bucetinhas. O armador explicou que algumas seriam escravas de donos menos abastecidos, mas as mais pobres seriam as negras livres, que tiveram que sustentar a si mesmas. Já que negros

ganham em tudo menos do que os brancos, ficava difícil para elas ganhar a vida. Sobretudo na prostituição, que sempre ajuda a meninas pobres ganhar a vida, receberiam muito pouco, se vendendo muitas vezes por 200 Reis ou até menos. “Veja, um almoço ou jantar em um restaurante custa três vezes mais do que uma negra ganha com um freguês.”

Observei o coronel, que se divertiu colocando chapéus em uma negrinha, talvez uma escrava do chapeleiro, para ver como eles ficariam. Não vi o administrador lá dentro e perguntei os capangas. Eles não sabiam nada.

O coronel saiu com seis chapéus em caixas grandes fedendo a perfume, que deu aos capangas. Fomos adiante, mas alertei: “Devemos esperar o administrador.”

“Cadê ele?” perguntou o coronel.

“Ele entrou nessa loja. Mas não está mais.”

“Certamente passeou para além. Para onde ele foi?”

Os capangas disseram que não viram nada. O coronel zombou: “Como pago quatro capangas, os deixo na rua e depois me falam que não viram nada? Ele saiu da loja ou não?”

Eles não sabiam. Eu disse sorrindo: “Deveriam ter mantido antenada a atenção unicamente em seu senhor, preocupados com a segurança dele.”

O coronel riu: “Filho, pensas que a minha segurança está entre as pernas das mulatas perfumadas, que passam por aí cheias de vaidade e atraem a atenção de meus homens?”

Rimos todos. O coronel disse: “Vamos ver mais uns navios no outro lado do porto? O administrador que se vire. Ele é um negro, não há de temer assaltos e certamente achará de volta à pensão.”

O armador disse: “Não é bom um negro ficar sozinho com tantos guardas nas ruas. Eles são nervosos com boatos de uma nova rebelião de escravos. Ele tem uma certidão de seu senhor que o permite andar sozinho na rua?”

“Não sei. Acho que não. Precisa?”

“Aqui na cidade se precisa, é uma postura municipal.”

Fiquei preocupado: “Nem dei uma para Analia.”

O armador explicou: “O senhor deve escrever sempre uma carta, que lhe permite andar ao mercado ou ao porto ou a todas as ruas ou sei lá, assim como o senhor quer.”

“Então vamos procurá-lo.”

Entrei a loja com produtos para fazendas e perguntei por ele. O vendedor ficou surpreendido: “Conhece-o? Chamei um guarda tratando se de um escravo fugido. Vou receber uma recompensa.”

“Que escravo fugido? Quem te disse? Nem deve conhecê-lo!”

Ele me mostrou um anúncio em um jornal de um negro fugido em uma fazenda que tem os hábitos de colocar roupa boa e se dar por alguém importante. Pelo tamanho e os outros caraterísticas na descrição deveria ser parecido com nosso companheiro. Disse: “Não é ele, posso garantir! Cadê?”

“Na polícia. Lá já vão apurar a verdade.”

Sem eu perceber o coronel entrou na loja. Ouvi de repente sua voz: “E como ele saiu dessa loja?”

“Mandei um menino para avisar os guardas sem o negro perceber e continuei conversando com ele. Quando quatro guardas chegaram, o prenderam e saíram normalmente, quer dizer pela porta.”

O coronel riu: “Ainda bem que trouxe quatro capangas para eles verem tudo que acontece na rua.”

O armador ficou preocupado: “Depressa, antes que lhe aconteça um mal.”

O coronel tranquilizou: “Ele não é um negro qualquer. É um homem do bem, administrador na fazenda dele, erudito até. Ele saberá se virar.”

Chegamos à delegacia, mas a guarda não se encontrava. O armador disse: “Posso falar com o subdelegado Carlinho?”

O funcionário o olhou, mas se mexeu para avisar o pedido. Depois de alguns minutos o tal subdelegado apareceu. Viu-se logo que os dois se conheciam. O armador apresentou-nos. Contei o que acontecera. O subdelegado disse: Os guardas devem estar com ele no caminho. Recebemos ontem a notícia de que alguns escravos planejam uma rebelião – não posso entrar em detalhes. Mandamos a guarda mostrar presença e prender os negros para abafar a rebelião logo antes de a começar. Contamos com que prendendo muitos já se encontram alguns criminosos e escravos fugidos entre eles. Mas vai ser apurado tudo. Aqui tudo anda por dentro da lei.”

Recebemos café e realmente, depois de meia hora, chegou a guarda trazendo vários negros e até umas mulheres. Logo descobrimos o nosso amigo e fomos ao encontro dele. Os guardas já pegaram nas armas, mas aí viram o subdelegado com a gente. O administrador estava com a jaqueta rasgada e sangrando na cabeça. O subdelegado falou com o chefe da guarda e eles soltaram nosso companheiro. Perguntei: “O aconteceu com ele? Está sangrando?”

O líder da guarda alegou que ele teria sido agressivo, mas depois, quando ficamos sozinhos, o administrador contou uma versão diferente e disse que eles espancariam todos que apanhassem.

Vendo a liberação de nosso companheiro alguns outros presos pediram a nossa ajuda, e uns até falaram nomes de senhores que deveriam ser noticiados, mas já que a gente não conhecia a ninguém em Recife, não podíamos ajudar. Mesmo assim dois negros foram soltos dentro de uma hora, enquanto a gente ainda estava tomando café com o subdelegado, que pediu desculpas pelo incômodo, mas alegou que teriam que cuidar da segurança.

Trocamos gentilezas e o subdelegado nos disse para sempre o consultar se tivermos dificuldades.

Depois despedimos o armador e voltamos para a pensão tomar um banho e jantar. Analia ainda não estava. Será que ela se perdeu nas ruas ou simplesmente como as meninas do interior se maravilhava tanto com as coisas diferentes da capital que perdeu o tempo? Ou será que aproveitou logo a primeira oportunidade para fugir?

Jantamos na pensão mesmo para ver, quando ela viria, mas depois comecei a me preocupar. Se ela, por acaso, sofreu o mesmo destino como o nosso administrador? Também ele começou a se preocupar. Bom, a noite estava quente, seria bom sair ainda para as ruas, fomos então andar e passamos a delegacia.

O subdelegado não estava mais, como era de esperar, e os guardas presentes não sabiam de nada. A muito custo conseguimos o endereço particular dele e depois de mais de uma hora batemos a porta de sua casa: “Não é possível! Os senhores de novo?”

Contamos de nossa preocupação e que ela poderia ser presa porque eu não sabia que ela

precisaria de uma carta de permissão, ou talvez fugisse.

Não teve cavalos para todos, já que fomos a pé, e então o subdelegado, muito cordialmente, convidou-nos para ficar no jardim dele onde a esposa e uma escrava ofereceram refrescos. Só eu e o subdelegado fomos de cavalo para o quartel, já que os escravos capturados depois do recipiente dos delegados ficavam na noite no quartel.

O subdelegado entrou logo pelo fundo, pediu ao vigilante uma tocha e passamos as celas cheias de negros. Achamos a Analia nua e acocorada em uma cela com oito negras e mulatas, todas nuas ou seminuas. Ela pediu por ajuda e disse que foi detida por andar sem uma permissão por escrito, espancada e estuprada.

Só depois o subdelegado entrou no prédio e pediu que lhe chamassem a escrava Analia. Os guardas foram busca-la. Ela vestiu um vestido surrado e pequeno demais. Na luz da delegacia vi que teve arranhões em várias partes do corpo. Confirmei que seria minha escrava e que teve permissão para fazer compras. O subdelegado disse que normalmente cobrariam uma multa, se o senhor não deu uma carta, mas já que eu seria

novo na cidade, perdoariam a falta. Perguntei, o que aconteceu com a menina. Os guardas disseram que ela foi renitente e agressiva. Perguntei onde tiveram suas roupas e o dinheiro que lhe dei para as compras. Ninguém se lembrou de ter visto dinheiro, mas já que o subdelegado insistiu pelo menos acharam as roupas, e ela se trocou, montou comigo no cavalo e fomos embora.

O subdelegado pediu desculpas pelos problemas, mas disse que os negros cometeriam tantos atos de mal comportamento, que a guarda teria que proceder com rigor: “Afinal de contas, aqui na cidade não temos capatazes para vigiarem os negros. E tem tantos negros alforriados andando nas ruas, vadiando, mendigando, se prostituindo, furtando e comprometendo a moral pública. Já a mera presença de todas essas mulatas, no fundo, ofende os olhos de uma pessoa educada como os visitantes de outros países, já que as mulatas só existem quando as negras safadas se deitam com seus senhores ou outros homens brancos, afastando-os de suas esposas.

Mas lamento o transtorno logo duas vezes para o senhor. Aceita em sinal de desculpas um vinho em minha casa?”

Assim ficamos ainda um bom tempo no jardim do subdelegado. Aproveitei para tirar algumas dúvidas: “Minha escrava certamente não parece uma negra rebelde ou insolente. Por que a prenderam?”

“A guarda tem que controlar os negros para achar negros que andam sem permissão de seus donos pelas ruas, cuidando de negócios ilegais, travando rebeliões ou cometendo crimes. Também detêm negros e mulatos que andam sem permissão, porque poderiam ser escravos fugidos. Quando se percebe, que não é nada disso, são soltos logo depois de verificar a situação.”

“E se ela fosse uma escrava fugida?”

“Aí a gente acha o dono. Muitas vezes sabemos através de anúncios no jornal da fisionomia de escravos fugidos.”

“Pensei sempre, que recapturar escravos fugidos seria coisa de pessoas particulares que ganham com isso.”

“Certo. Tem os chamados capitães do mato, que caçam escravos fugidos, mas qualquer pessoa pode capturar um escravo fugido, ganhando assim o prêmio, que o dono promete a quem lhe entregar a propriedade perdida.”

“E se o dono não promete nada?”

“Aí uma pessoa particular dificilmente vai ajudar para recapturar o delinquente. A não ser que seja uma moça bem gostosa, aí talvez o capturador se indeniza a si mesmo de outra maneira. Mas a polícia age pelo princípio e para manter a ordem pública. Não olham só pelo prêmio.”

Ironizei: “Percebi-o. Eles se indenizaram a si mesmos com minha escrava.”

“As meninas negras e mulatas sempre resistem e são bem insolentes e boçais quando prendidas. Elas mesmas têm a culpa pelos estupros.”

“Com certeza”, intrometeu-se o coronel, que já bebeu bastante vinho. “E esse nosso camarada torrado também tem a culpa pelas pancadas que recebeu.”

O subdelegado lamentou: “Já disse que foi um erro e pedi desculpas. Mas a gente tem que ser rigoroso com os negros, pela segurança pública. Afinal de contas também vocês querem andar em segurança pelas ruas. Geralmente a gente dá pancadas em todos os negros apanhados. Mesmo se neste momento talvez tudo fosse legal com o escravo, eles sempre andam guardando sacanagens em suas mentes, e por isso uma surra

quase nunca faz mal. Em seu caso deve ser uma grande exceção.”

O coronel zombou: “Eu também andei pelas ruas cheias de mulatas e andei guardando muitas sacanagens em minha mente, o senhor não tem ideia. Mas passei por todos os seus guardas e ninguém me prendeu.”

“Claro. O senhor é branco. Tem que ter alguma vantagem ser branco, né? Além disso, se um branco anda com a cabeça cheia de sacanagens e ideias insolentes e perversos, nunca é tão nojento como quando um negro faz o mesmo. O branco tem condições para comprar uma puta ou abusar de uma negra ou mulata. Mas se um negro pensa em safadezas, a pureza de nossas filhas está em perigo. Esses animais são capazes de bulir uma moça branca.”

Falei: “Queria fazer a minha parte como cidadão e ajudar para garantir a ordem e a moral públicas. Se eu, por acaso, tiver conhecimento de uma escrava fugida, posso prendê-la e levá-la ao dono, ou tenho que passar com ela pela polícia?”

“Não, se o senhor saber, quem é o dono, pode-a levar diretamente a ele. Ele lhe dará uma gratificação e castigará a escrava. É até

desejável porque a polícia teria desta maneira menos trabalho.”

“Mas geralmente a gente não tem certeza, se a menina capturada seja mesmo a escrava fugida e descrita em um anúncio.”

“Só o dono pode tirar a dúvida. Por isso, se você entrega a escrava supostamente fugida à polícia, a gente pergunta o dono. Se ele mora em outro estado, perguntamos também testemunhas para não precisar fazer todo o percurso em vão. Às vezes muitos confirmam a identidade dela e ela apresenta um documento de alforria, ou prova que é outra pessoa, talvez até escrava de outro dono, e assim já fica claro que não é a escrava procurada.”

“Mas se eu levar uma mulata bonita e fugida a um senhor, cuja mulata fugiu, e este vê, que a mulata capturada é muito bonita, ele poderia mentir dizendo que seria a escrava fugida e ficar com ela, embora que seja outra pessoa.”

“Poderia, mas seria difícil acontecer, porque o dono teria que pagar a gratificação prometida mesmo assim e corre risco, que descobrem a fraude.”

“Mas como?”

“A mulata vai tentar notificar pessoas, que conhece, amigos..., olha, se é realmente uma mulata bonita, pode até ser que conhece delegados ou juízes para os quais já abriu as pernas. Aí o suposto dono perderia a escrava sem indenização.”

“É verdade, aqui na cidade uma escrava tem como se defender contra atos tão injustos. Mas se o dono fosse fazendeiro bem no interior?”

“Bom, neste caso a mulata teria pouquíssimas chances. Seria praticamente presa na fazenda, a não ser que fosse mandada para fazer compras ou outras coisas para fora. Assim não poderia falar com policiais nem com amigos. Bom, mas é outra coisa. Em uma fazenda grande o dono é como um nobre antigamente: governador e juiz em uma pessoa. Pode fazer o que quiser.

Mas se acontecer uma injustiça em uma fazenda, não seria problema para a sociedade e a moral pública. Ninguém se interessa pelo que acontece com os escravos em uma fazenda, porque a sociedade não o vê. Já na cidade injustiças e fraudes não podem ser toleradas, porque estragariam o caráter dos jovens, quando eles percebem que não são devidamente combatidas.”

“Mas para a vítima, tal mulata capturada e re-escravizada, seria bem ruim e uma injustiça muito grande, a polícia não se importa com isso?”

“Como disse, quem é responsável pela ordem dos escravos em uma fazenda é o dono com seus capatazes. Se o dono governa mal, bom, acontece. Tem até países inteiros, onde o rei governa mal e pratica injustiças.

Mas para ser franco: pode certamente existir uma mulata ou negra livre comportada, útil, humilde e sossegada. Mas eu conheço nenhuma. E se um sujeito por engano captura uma mulata ou negra dessas, que andam cheias de vaidade, furtam, mendigam, sugam seus namorados brancos, mostram perna, gingam a bunda ao andar, se prostituem nas ruas ou contribuem de qualquer outra forma para a imoralidade de nossa sociedade, eu seria até grato por cada negra ou mulata que alguém tire daqui e a ensine trabalhar na marra em uma fazenda, a custo de chicotadas e chibatadas. Seria até muito melhor e mais saudável para a sociedade e também para as negras e mulatas.”

Já que o administrador não teve uma carta de permissão de sua senhora, o coronel escreveu uma e pelo sim, pelo não, o subdelegado a carimbou e assinou. Assim ele podia nos próximos dias cuidar de nossos negócios e depois de ter ido para a África voltar sem perigo para o Brasil.

No outro dia organizamos já mais detalhes para o nosso navio negreiro, e na outra manhã o coronel voltou para a sua terra. Ficamos sozinhos, nós três, na pensão, e comecei a organizar os negócios além do negreiro. Mandei Analia se prostituir na rua e fazer amizade com outras prostitutas. Avisei-a para reclamar de seu destino azarento de ser escolhida para me acompanhar nessa viagem. Ela deveria contar quão boa a vida das prostitutas seria em nossa terra e que ganhariam muito mais.

E se uma das putas se interessar, deveria contar que conheceria o dono do melhor bar nesta região e que poderia perguntar, se tiver uma vaga.

Demorou só três semanas, e ela já tinha uma mulata clara interessada. Disse-lhe que o filho do dono do bar estaria aqui na cidade, que ele teria muita influência sobre seu pai e que ela o

poderia convencer para a puta ter a chance de trabalhar no bar do pai.

Ela trouxe a moça para a pensão. Já que o administrador estava ainda com a gente, ele confirmou as palavras de Analia e disse que comparado com Recife a nossa região seria um paraíso para putas.

A mulata acudiu ao nome Elisa, teve 25 anos e foi alforriada há dois anos. Pedi para ela tirar a roupa e falamos sobre a qualidade de suas prendas entre nós homens. Depois testei-a no outro quarto. Depois falei que ainda não seria perfeita. Ela disse que ficou constrangida e iria mostrar mais desempenho outra vez. Falei: “Bom, vou confiar em suas palavras, já que é amiga de Analia. Daqui a pouco a Analia vai poder voltar a nossa vila, e ela vai gostar de sua amizade. Vou te contratar. Daqui há umas duas semanas vamos te levar à nossa vila.”

Aí ela confessou que teria dois filhos, um menino de dois anos e uma menina de sete, e queria saber se poderia leva-los. Senão teria que achar alguém que cuidaria deles, e ela iria mandar o dinheiro, já que ganharia muito no futuro. Olhei o administrador e ele logo falou:

“Claro que pode levar seus filhos. Qual mãe gostaria ficar longe de seus filhos?”

Analia tentou achar mais uma puta ou outra fêmea interessada para eu não fazer a viagem por uma só pessoa, mas não o conseguiu. Mas o administrador conheceu dois escravos de uma fazenda bem mais longe, que estavam na cidade para comprar certas sementes, mudas e remédios para seu dono. Eles poderiam, na volta, fazer um pequeno desvio e deixar a moça no bar, onde receberiam um pagamento pelo serviço.

Eles perguntaram o que seria permitido se a moça não cooperasse, e se seria permitido tocar nela e deitar-se com ela mesmo contra sua vontade, já que era puta, como já tinham percebido.

Falei que não queria permitir atos insolentes, ainda mais porque eles seriam propriedade de outro senhor e eu não queria lhes permitir coisas, que talvez seriam contra os princípios do senhor deles, mas que eu fecharia os olhos. Pedi só, que não a estuprassem nem judiassem perto da cidade para ela não se arrepender, chamar a atenção de transeuntes e voltar.

Dois dias depois os dois negros partiram com a moça e as duas crianças, levando uma carta de

mim com a permissão e o pedido de levar a mulher ao meu pai, cuidar dela, protegê-la e mandar nela. Enquanto ficar perto da cidade, os negros a trataram com muita reverência, mas quando ficaram longe, estupraram e judiaram-na à vontade. Ela não teve como se defender, ainda mais para não pôr em risco os filhos, mas esperava que a viagem acabaria quanto antes. No barzinho meu pai leu a minha carta que mandei com os dois negros com detalhes do negócio e novidades para ele e para o coronel a respeito do negreiro, que agora já chegou e foi preparado para a viagem. Contei que não conseguimos uma bandeira americana para o navio na cidade e que Analia estava costurando uma.

Ter lido a carta meu pai perguntou, quantas vezes os negros transaram com a mulata, e perguntando a eles e à moça chegou a saber que foram os dois juntos nove vezes. Falou que transar com uma mulata custaria aqui três Mil Réis e descontou 27 Mil Réis dos 40 Mil Réis prometidos. Quando protestaram meu pai ameaçou que iria prender os dois por estupro. Aí eles emudeceram, aceitaram logo os 13 Mil Réis restantes e sumiram.

A puta foi tratada como de costume, ficou exposta nua na viga e o povo chegou para a ver, apalpar e comprar chicotadas. Estreou em uma festa de açoitamento organizada em homenagem a ela no outro dia. Quem vendeu os bilhetes em lugar de meu irmão foi a própria Verônica. Duas semanas depois chegaram dois escravos da senhora para buscar as crianças da puta.

Meu pai abriu em seu livro uma conta para Elisa, sua nova puta, alistando como primeiro item 2 contos para a viagem com escolta de Recife para cá, depois postos menores como roupa, aluguel do quarto, comida, treinamento e outras coisas, e nas primeiras semanas a puta nova cometeu alguns erros e foi punida por multas, ao lado de chibatadas, acumulando depois de dois meses quase 5 contos como dívida. Agora era presa pelas dívidas e forçada a ficar trabalhando para a gente, e sua parte de 20% do que ganhava mal deu para pagar os juros e outros custos correntes, incluindo entre os custos uma taxa pesada para a morada, educação e alimentação de suas crianças em uma fazenda bonita. Demoraria cinco anos até pagar as dívidas de volta, mas também só o conseguiria se não receber novas multas nem ficar doente ou sofrer outro revés, e seus filhos simplesmente

foram incorporados no corpo de escravos da fazenda; um deles seria de meu pai, outro da senhora, mas por questão de segurança os dois seriam vendidos quando tiverem mais idade, ela a um prostíbulo e ele a outra fazenda bem longe daqui, provavelmente no Sul do Brasil.

Já uma cópia do balanço da Analia estava comigo em um caderno, e chamei a Analia e abri o livro. Ela não teve dívidas, mas possuía 4 Mil Réis ganhados por gorjetas e venda de bibelôs e outros serviços. Agora anotei para ela, como prometido, 10 Mil Réis como gratificação por ter aliciado uma puta para nós.

Certa noite disse para Analia, que ela agora viveria comigo como uma escrava ou puta de estimação, e por isso deveria ser totalmente submissa e sincera para eu lhe confiar em tudo. Não poderia ter segredos diante de mim. Mandei tirar as roupas e sentar em meu colo. Peguei no grelinho dela e exigi confissões. Depois de animá-la puxando um pouco mais ela confessou casos que aprontara na fazenda da senhora e também em nosso serviço, entre outros que teria inventado um apelido muito feio para um senhor cliente nosso, que depois vingou entre as meninas.

Detalhou como ela, com uns dez anos, aprendeu a se masturbar, como chupou pela primeira vez e outros segredos íntimos. Com o tempo ela, ao que me parecia, se acostumou ou até começou a gostar de se liberar de todos os segredos e me divertiu com muitos pormenores.

Finalmente quis saber, qual seria o maior mal que causou a outra pessoa. Aí ela confessou: "Uma colega minha, toda inocente, foi açoitada por minha causa."

"Como foi? Conta."

"É uma história longa."

"Conta."

"Antes de ser comprada pela senhora fiquei em uma fazenda grande longe daqui onde produzem algodão. Os filhos do senhor brincavam às vezes de corrida de carros, sentando cada um em seu carrinho de madeira puxado por respectivamente quatro negrinhos. No início escolheram sempre meninos, sendo eles mais rápidos, e descobriram logo que faz mais gosto quando eles correm nus. Incentivavam os meninos com chicotadas, treinando-se nessa arte desde bem pequenos.

Quando o filho mais velho teve 11 anos começou a preferir meninas e mudou as regras,

dizendo que todos teriam que usar só meninas como potrancas, e assim os carrinhos foram puxados por meninas nuas. Os pais deles acharam a maior graça nesse esporte de seus meninos e gostaram que eles se treinavam assim na arte de imperar os negros e pardos.

O filho mais velho ganhou sempre, mas o desafio virou maior, quando receberam visitas de primos ou filhos de amigos. Se tiveram mais ou menos a idade do filho mais velho, ele os convidava para uma corrida. Ele escolheu quatro meninas para si e deixou o visitante escolher uma equipe entre todas as outras negrinhas e cabritas da fazenda. Alguns visitantes se rebelaram dizendo que seria injusto se o filho do fazendeiro escolhesse primeiro, e algumas vezes o filho cedeu e eles escolhiam alternadamente. Mesmo assim o filho sempre ganhou a aposta, já que só ele conhecia as meninas e sabia escolher as melhores corredoras.

Eu fui muitas vezes escolhida por ele, mas depois teve uma menina mais nova correndo melhor do que eu e fiquei fora da primeira escala. Certa vez recebemos a visita de um primo do filho, que já nos visitara algumas vezes. Insistiu em eles escolherem as potrancas alternadamente e já que ele se lembrava das

preferências do filho do fazendeiro nas últimas corridas, conseguiu tirar uma boa corredora dele incorporando-a em sua equipe. Também eu fazia parte da equipe dele.

Antes da corrida o primo nos reuniu em um cantinho e nos mostrou um papel dizendo que ele recebeu a permissão por escrito do dono da fazenda que ele poderia nos castigar à vontade se a gente não lhe agradasse e obedecesse bem. Depois nos mostrou uma vela anunciando que nos queimaria toda a região entre as pernas se perdêssemos a corrida.

Acostumadas com atrocidades contra escravos e incapazes de ler o documento acreditamos em suas palavras e corremos como nunca, ganhando a corrida. Depois aprendi ler na fazenda da senhora e hoje acho que o documento foi uma tabela de preços de uma venda com que ela enganou a gente.

Assim o filho perdeu pela primeira vez uma corrida e teve que pagar a aposta. Ficou muito chateado, já que não era acostumado a perder, e quando passar por perto de nós, cochichou: Amanhã vocês serão açoitadas sem dó pela ousadia.

Cedo no outro dia, antes de irmos aos campos de algodão, um capataz anunciou nossos quatro nomes e disse que fomos chamadas para a casa-grande. Acontecia de vez em quando que precisavam de mais mãos de obra na casa-grande e chamaram escravos comuns para ajudarem na casa, o que era um privilégio, sendo o trabalho na casa-grande muito melhor, e lá tinha sempre boa comida. Por isso minhas amigas pensaram que seria um favor e que nós ajudaríamos às mucamas ou às cozinheiras e me invejaram. Aí declarei a elas que eu não faria questão de ir à casa-grande porque estaria com dores de barriga e não conseguiria comer nada, e disse para minha amiga, que se parecia comigo, ir em meu lugar.

O capataz era novo e ainda não conhecia bem todas as meninas ou não prestou atenção, e assim minha amiga foi em meu lugar, e quando ela reparou o engano foi tarde demais e foi flagelada em meu lugar."

Repeti os delitos que ela me confessou e perguntei, quantas chicotadas ela mesma proporia e ela, sendo uma escrava prudente, ofereceu logo 100. Quando estiquei sua carne mais delicada um pouco, ofereceu 200 e depois 300. Falei: "Agradeço por sua sinceridade de

confessar tudo e por sua humildade em pedir você mesma por um castigo de 300 chicotadas. As chicotadas certamente vão contribuir para você virar uma escrava e puta ainda mais perfeita. Agora te pergunto: "Será que tenho que dar todas as 300, ou você conseguiria ser uma escrava toda obediente, dedicada, fiel e amorosa também com menos chicotadas?"

"Senhor, o que mais quero é ser uma escrava fiel e submissa e uma puta boa e gostosa que faz tudo que o senhor quer. Prometo ser a melhor escrava que pode conceber, mesmo com menos chicotadas."

"Bom, quero te dar uma chance de provar suas palavras e promessas. Vou te confiar. Vou te perdoar seu castigo por íntegra se prometer desde agora cumprir em todos os detalhes meus desejos, pensar sempre o que seria melhor para mim, como se meu cérebro também reinasse em seu corpo. Uma escrava realmente boa e submissa de coração obedece ao seu senhor também sem surras nem chicotadas. Prova que você é uma menina boa assim."

Ela chorou de alívio e emoção, e quando me deitei com ela nessa noite ela foi quase tão

gostosa e perfeita como a Rosalina, e uma emoção muito grande tomou parte em nós.

Analia também chegou a conhecer um gringo jovem da América do Norte e me contou dele. Parecia um sujeito vadio, que vivia à toa e gastava seu dinheiro com prostitutas e festas. Mesmo assim queria conhecê-lo e Analia me o apresentou.

Seu nome foi Edward e ele foi o terceiro filho de um fazendeiro rico do sul dos Estados Unidos, dono de muitos escravos. Era o desejo do pai que ele estudaria algo útil como direito, mas ele preferiu viajar, e como compromisso ele convenceu seu pai de estudar no exterior. Ficou um ano na França, e ao convite de um estudante brasileiro foi visitar o Brasil e estava à toa já quatro meses na cidade. Ele confirmou que os navios dos Estados Unidos não poderiam ser fiscalizados pelos ingleses, mas que nos Estados Unidos, infelizmente, a chegada de negros da África seria proibida, causando o maior estrago aos fazendeiros e gerando inúmeros outros problemas. Travei amizade com o rapaz e o apresentei também ao administrador. Ele, inclusive, se inscreveu na minha faculdade para

poder mostrar ao seu pai alguma atividade. Mas depois só apareceu umas três vezes nas aulas. Claro, seu português rudimentar também não contribuiu para entender as matérias, que mesmo para nós brasileiros já são muito cabeludas e enfadonhas.

Uns quinze dias depois chegou o coronel com três capangas para ver o navio pronto para ir ao mar. Os patamares para os negros estavam prontos, as correntes e tudo o mais. Deitei-me em um dos patamares e assustei com o fato, que a altura de 45 cm era, vista de dentro, muito menor do que imaginara. Um negro espadaúdo nem poderia deitar-se de lado, porque os ombros encostariam o teto ou nem caberiam. Todos os patamares ficariam em um cantinho e seriam montados somente na África.

O coronel trouxe também a carta que pedi de meu pai. Foi uma carta escrita à mão por Elisa para sua melhor amiga, a puta Sílvia. Escreveu que teve uma boa viagem e uma recepção maravilhosa, e que as pessoas e colegas seriam muito afáveis e as condições do trabalho muito melhores do que em Recife. Escreveu que logo no primeiro dia ganhou mais do que em uma

semana em Recife. Cobraria no mínimo 3 Mil Réis por freguês e receberia até por beijos e abraços. Convidou a Sílvia para vir trabalhar com ela.

Pelo menos conteve uma verdade: realmente cobrou 3 Mil Réis por deitar-se com freguês. Mas não mencionou que não lhe restava nada depois de pagar os juros e custo de vida, e não explicou como era sua recepção “maravilhosa” com uma festa especial. Claro, meu pai lhe ditou a carta.

Analia levou a carta para tal Sílvia, outra mulata que se vendeu na rua. Sílvia mesma não se interessou, porque teve um namorado em Recife, mas mostrou a carta a muitas amigas e colegas, e pouco tempo depois teve três candidatas. Uma negra de 26 anos com uma filha mulata de 10 anos, que já estava começando aos poucos, e uma mulata de 30 anos. Está última não era muito bonita, mas serviria talvez para Vargem Alta ou para o estabelecimento que o coronel Aloísio ofereceu à gente, que deveria ser construído assim que terminar com o bar e casa em Vargem Alta.

Além disso, vi os anúncios de escravos nos jornais e visitei algumas casas para ver, se

outras coisas como aliciar putas novas, fazer compras e cozinhar de vez em quando.

A gente recebeu alimentação da casa, já que ela estava incluída no aluguel, assim como a faxina nos quartos. Mas se tiver uma visita, ela preparava algo. Andava sempre sorridente, teve sempre calor e fogo nas noites, quando deitava em minha cama, a não ser que eu estivesse muito cansado e a mandasse deitar no chão.

Quando convidei outros estudantes de direito, gostei muito de impressioná-los mostrando Analia nua, fazendo a ajoelhar como uma cadelinha ou gatinha ao meu lado recebendo caricias. Alguns amigos bons podiam também dormir com ela, sobretudo os que também possuíam uma escrava, porque eles me pagavam o favor na mesma moeda.

Já que tive me dedicar também aos estudos, mandei a Analia olhar as escravas oferecidas em classificados. Se uma escrava era boa e gostosa, ela me avisava e eu mesmo ia para vê-la. Assim ela visitou no mês umas 35 casas, e eu visitei só as nove que ela me indicou como escravas prometedoras, e acabei comprando uma mulata bonita.

Quando vi que Analia estava plenamente confiável contei-lhe também do meu outro plano para ganhar mais escravas para o barzinho e as fazendas. E nós fomos para frente.

Analia já conhecia muitas negras e mulatas alforriadas, então livres, que estavam nas ruas para ganhar um dinheiro de qualquer modo ou que andavam à toa. Teve as piriguetes, que andavam vaidosas pelas ruas, esmolaram moedas dos homens ou se deitaram com eles para ganhar um dinheiro ou uma refeição, mas não queriam trabalhar constantemente. Quando Analia descobria uma que se destacava pela beleza, puxava informações sobre ela, aproximava-se dela e até tentava fazer amizade.

Para poder trabalhar melhor consegui com o tempo uma pequena casa. Nela a gente ficou mais à vontade, sem sermos observados pela senhora e seus escravos. Claro que agora a Analia teve todo o trabalho com a casa. Já queria comprar uma escrava velha para cuidar da casa, mas não podia confiar em uma pessoa estranha, cuja fidelidade não foi testada antes. Assim Analia muitas vezes só conseguiu três fregueses por dia, mas ao outro lado ganhei dinheiro catando putas e escravas.

Se achávamos que a moça ou menina era meio desamparada, sem parentes influentes ou muito numerosos para a proteger, convidava dois amigos que conhecia na faculdade, então outros estudantes de direito, e Analia nos fornecia um lugar favorável. Muitas vezes ela aliciava a garota para perto de nossa casa.

O nosso primeiro alvo foi uma menina, que era tão bonita que foi por todos tratada como uma rainha, mesmo sendo mulata, e ela se comportava também assim, dando a grã-fina. Teve homens que lhe compravam roupas, cerveja, sorvete, tudo sem jamais receber algo em troca a não ser sorrisos, risadas argentinas, abraços ou, se muito, beijinhos nas faces. Assim ela vivia na maior preguiça explorando os homens.

Tive mais de trinta óbitos de escravas jovens das diversas fazendas em que estive, e também tive as respectivas cópias das certidões de nascimento e descrições delas. Achei uma mulata chamada Patrícia da fazenda do coronel, que morreu com quatro anos de idade. Se fosse viva, teria tido 16 anos, o que combinava mais ou menos com a aparência da piriguete vaidosa que escolhemos. Analia conseguiu passar com ela em frente à nossa casa, e foi muito fácil para

mim e meus amigos, pegá-la e puxá-la por dentro da casa sem chamar muita atenção, já que logo fechamos a boca da putinha.

A primeira coisa foi que amordaçamos a criatura, só então tiramos as suas roupas e a estupramos. Depois lhe explicamos que ela seria uma escrava da fazenda do coronel Henrique chamada Patrícia.

Se ela antes parecia preguiçosa conhecemos agora outro lado da putinha. Ela debateu-se sem parar, estrebuchando e se torcendo, não facilitando nada.

Alugara a casa também pelo fato que ela possuía uma cafua cavada na terra, abobadada e com alguns estantes que serviam para guardar vinho.

Já a preparara com antecedência com uma viga para amarrar as mãos da moça para cima. Depois prendemos seus pés em laços que fixamos com pregos grande, que serviam de estacas pequenas cravadas no chão duro de terra. Assim a mulata teve suas pernas levemente abertas, e a gente teve um bom acesso. Peguei seu grelinho e perguntei: “Seu nome é Patrícia?”

Ela fez de não com a cabeça. Puxei o grelinho uns dois centímetros para fora e perguntei de novo. Ela sacudiu a cabeça veementemente em

sinal de não. Puxei mais, prolongando o grelinho a uns quatro centímetros. Mesmo assim ela respondeu a minha pergunta fazendo de não, mas agora o sacudir da cabeça já foi mais frouxo.

Admirei a elasticidade de seu grelinho, pois puxando mais ele se esticou até uns sete centímetros. Toda a parte superior dos lábios acompanhou os primeiros um ou dois centímetros dando à bucetinha o aspecto de uma boca surpreendida e ofendida com algo inesperado. E pela surpresa de meus amigos, que ainda não conheciam a transformação mágica, que se consegue produzir aproveitando-se do grelinho de uma menina, a piranha agora respondeu fazendo de sim com a cabeça.

Soltei o grelinho, dei cafunés e carícias e elogiei a garota. Depois tiramos a mordaça. Como era de esperar ela pediu chorando por misericórdia e explicou que não seria tal Patrícia. Falou seu nome, explicou sua origem, que já nasceu livre da barriga de uma negra que virou concubina de um português e foi alforriada e deu nomes de pessoas que a gente poderia procurar que afirmariam a veracidade de suas palavras. Falei: “Não me interessa quem você era, quero que

confirmes que és Patrícia, escrava do coronel Henrique.”

Ela continuou chorando e pedindo até amordaça-la e esticar seu clitóris novamente a uns seis centímetros, e milagrosamente ela mudou dá ideia e confirmou que ela seria tal Patrícia.

Quando tiramos a mordaça tentou novamente convencer a gente que não seria tal Patrícia e trouxe mais argumentos e falou de testemunhas. Foi necessário repetir o mesmo proceder quatro vezes, e só então ela confirmou realmente, também sem mordaça, que seria Patrícia, uma escrava fugida do coronel Henrique.

Dei lhe novamente cafunés e caricias e falei que agora estaria gostando dela. Expliquei que eu seria um amigo do coronel e por isso teria o direito de estuprá-la. Falei que ela seria levada ao coronel Henrique. Nós três a derrubamos e estupramos. Depois colocaram-na de novo na viga. Aí ela sofria, mas calculou que teria que sofrer uns dias até ser levada até a fazenda do coronel. Depois este veria que não seria a Patrícia e a liberaria.

Diante seus olhos meus amigos assinaram um relato que ela teria confessado ser Patrícia, propriedade de coronel Henrique. Depois

desembrulhei o aparelho, que comprei na ferraria na fazenda do negro, que visitamos. Mostrei aos meus amigos como funciona uma calcinha de ferro e como é gostoso cravar os pinos grossos nas duas bocas safadas entre as pernas. Mas antes de apertar os parafusos do grelinho coloquei a mordaça. Seria divertido para meus amigos ouvir o canto estranho de uivos e ululos, mas temia chamar atenção de pessoas na rua apesar de a cafua ficar bem isolada acusticamente. Assim os amigos só ouviram os ruídos muito abafados pela mordaça e admiraram a dança que a moça apresentou depois de os parafusos serem apertados.

Deixei a puta sozinha com sua vergonha na cafua, fomos jantar, depois meus amigos se despediram e eu me deitei com Analia. Falei: “Amanhã vou anotar seus 10 Mil Réis em sua conta. Você é uma escrava e puta muito boa.”

“Obrigada”, ela respondeu e apertou sua bacia contra a minha. A mulata bonita, que comprei, também estava com a gente, mas hoje pedi para ela dormir no chão, porque queria dormir só com Analia para valorizá-la.

Quando deitei em cima de Analia depois de ter honrado a sua perereca com uma boa ração de leitinho, senti uma harmonia muito grande e pensei por um momento: “Será que o paraíso será assim, de uma harmonia perfeita?”

Perguntei: “Você gosta de viver comigo?”

Ela respondeu: “O senhor é um homem muito bom. O senhor não nos trata como meras mercadorias, mas como bichos de estimação.”

“Você é feliz?”

“Sou.”

“Meu bichinho de estimação.”

Ela sorriu e me beijou. Perguntei: “Porque tantos escravos e até escravas e putas não são felizes?”

“A felicidade não depende do que somos, mas do que sonhamos. Quem é escravo e sonha alto demais, por exemplo sonha da liberdade, vai ficar infeliz por não a alcançar. O mesmo acontece com um conde ou barão, que sonha em tornar-se imperador ou rei. Ele vive infeliz. Por isso um escravo negro, que sonha em tornar-se um ser humano, sempre vai ficar infeliz. Mesmo se fosse alforriado continuaria já que não conseguiria virar branco como queria.”

“E você? Não tem sonhos?”

“Eu era uma mera mercadoria e sonhei em poder ser bicho de estimação. Meu sonho virou realidade, por isso sou feliz. Mais não quero.”

A segunda moça que conseguimos desse jeito foi uma negra jovem, que acabou de comprar sua liberdade. Teve 22 anos e economizara cada moedinha que ganhava desde pequena, se prostituindo, mas também com outras tarefas. Agora procurava uma vida mais tranquila. Vendeu salgadinhos na rua, mas não teve muito sucesso por causa da concorrência acirrada e procurava trabalho em casa. Analia contou-lhe que conheceria um moço, que procuraria uma empregada doméstica. Seria solteiro e se ela seria experta, poderia até namorar com o moço.

Analia a trouxe diretamente em casa, onde eu e meus dois amigos já esperamos. Recebeu o mesmo tratamento. Mas aí se perceberam a vantagem de uma boa educação. Ela foi escrava e foi educada com chicotadas e chibatadas, e por isso não se debateu, mas logo se rendeu e depois de uma breve relutância e uns puxos no seu grelinho ela afirmou ser uma escrava chamada Ludmila da fazenda da senhora Eleonora.

Coloquei-a na cafua. Pelo sim, pelo não ficou uma noite na viga vestindo só a calcinha, depois a acorrentei ao lado da Patrícia.

Recebi também cartas das três putas novas, que chegaram voluntariamente para mim por terem ouvido das condições boas no barzinho de meu pai. As cartas foram dirigidas a amigas ou parentes e eram cheias de elogios das condições no barzinho e da vida boa no interior. A mulata de 30 anos chamou suas duas filhas para virem, que antes deixou em Recife, uma moça de 15 anos, que já também se prostituiu, e uma menina de 8 anos.

Além delas mais três mulheres e meninas perguntaram, se poderiam trabalhar em nossa vila, e eu disse, que as levaria em breve para a minha vila.

Uns dias depois Isidoro apareceu com três capangas do coronel. Eles trouxeram o ferrete do coronel, com que ele grava seu gado e seus escravos. Já que a Patrícia nunca foi escrava, também jamais foi marcada com ferrete. Colocamo-la na viga e ela recebeu esse beijo cruel, e quando ficou toda prostrada pelas dores e a vergonha de se debater e torcer nua em frente

de tantos homens, ela foi arriada ao chão e estuprada por todos.

Avisei às putas, que queriam nos acompanhar, que as levaria no outro dia para o barzinho de meu pai, e cedo da manhã saímos com quatro putas, a mulata, que comprei, e as duas meninas reescravizadas. Essas duas foram devidamente amarradas, o que assustou as putas, mas explicamos que seriam escravas fugidas e não teriam nada a ver com elas. Os capangas de um coronel amigo de meu pai teriam ido buscá-las e eu aproveitaria a carona para levar as outras moças à minha vila e visitar meus pais. Além disso, um dos meus amigos da faculdade me acompanhou. Fiquei feliz por ele ter aceito meu convite, porque assim não precisaria de uma escolta para voltar para Recife, já que viajar sozinho seria impensável, porque levaria também dinheiro e poderia sofrer um acidente ficando sem ajuda.

Resolvi ficar com Ângela, a menina de 8 anos, a segunda filha da mulata de 30 anos, que já estava com meu pai. Queria usá-la para cuidar de minha casa. Deixei-a com Analia, e ela a ensinaria nos dias da minha ausência. Depois ela cuidaria da casa para Analia poder conseguir cumprir suas outras tarefas.

Além disso, a presença da menina em minha casa serviria como incentivo para a mãe e a irmã no barzinho. Meu pai lhes explicaria, que a menina seria tratada bem e educada convenientemente, desde que as duas cooperassem e se tornassem putas boas, dedicadas, trabalhadoras e submissas. Para eu dar morada e educação à sua menina, meu pai podia cobrar das duas uma taxa, que anotava em seu livro e ajudava para as duas jamais saírem de suas dívidas sendo obrigadas a trabalharem igual escravas para nós.

Sempre temos que inventar tais jeitos para manter a disciplina na crescente tropa de putas e incentivá-las a serem dedicadas e trabalhadoras e ajudá-las a serem cada vez melhores. Senão a boa vontade arrefece com o tempo e as putas, que em geral sem educação e cobrança rigorosas tendem para a preguiça, relaxam e não têm mais sucesso. Por isso não só para nós, mas também para elas é uma bênção, se meu pai cada vez inventa meios adequados para garantir o sucesso de nossas putas.

Saímos da cidade com todas as putas nos cavalos. Todo mundo viu que conduzimos duas presas, mas para evitar que alguém as reconhecesse e espalhasse a notícia na cidade,

que poderia gerar eventualmente problemas, colocamos sacos por cima de suas cabeças. Já que fomos seis homens com seis cavalos, mas sete fêmeas, já na periferia da cidade apeamos a Patrícia e ela teve que correr, devidamente nua e atrelada a um cavalo, ajudada por estalos do chicote e também umas chicotadas em sua pele virgem, que até agora jamais conheceu o beijo de uma tira de chicote.

Quando ela sucumbiu toda exausta, pôde subir ao cavalo, mas continuava nua, e em seu lugar a Ludmila teve que correr nua.

Na noite ficamos em uma fazenda grande, outro amigo do coronel. Explicamos às putas, que aqui no interior os costumes ainda não seriam tão estragados como em Recife, e que reinaria mais disciplina e ordem. Por isso, putas teriam que ser humildes e submissas. Para se acostumarem a servir em submissão seriam acorrentadas.

Foram colocadas em fila, nuas e acorrentadas e fixadas com as mãos em uma viga do alpendre em frente de um estábulo. Depois nós e os capangas da fazenda cutucamos, apalpamos e estupramo-las, e depois, para o resto da noite, foram liberadas para cinquenta escravos, que se destacaram pelo trabalho e recebiam como

forma de gratificação a permissão de se divertirem a noite inteira com as putas.

Cedo da manhã recebemos um bom café de manhã opulento, depois liberamos as putas e acorrentamo-las em uma fila de sete. Assim elas seguiram ao meu cavalo. As pernas lhes ficaram exaustas pela noite licenciosa, a porra correu nos lados interiores de suas coxas para baixo e pequenos enxames de moscas voejavam zunindo ao redor de cada perereca, mas algumas chicotadas despertavam-lhes novas forças e já corriam que nem gazelas bonitas e alegres.

Era uma emoção pura rever meus pais e a vila. Como mudou tudo em tão pouco tempo. A nossa casa agora era um hotel, um prédio enorme, e a construção da igreja continuava. Contaram que teria agora uma casa boa em Vargem Alta que ficaria por enquanto sob comando de Verônica, já que meu irmão estava estabelecendo outra sucursal com Anuta e três outras putas perto da fazenda do coronel Aloísio.

Também já fizeram planos para mais uma sucursal mais longe, em outra vila, mas ainda não sabiam quem poderia ser o líder dela. Raimundo se oferecera mais uma vez, mas meu pai não achava que ele seria uma pessoa

equilibrada para lidar com várias putas e levá-las a sucessos em sua profissão.

Também a nossa vila crescera, acho que vi mais de dez casas novas ou em construção.

Os capangas seguiram para frente, levando Patrícia. Ela ficaria uns dias na fazenda, onde o coronel lhe diria que reconheceria nela sua escrava fugida Patrícia. Iriam acostumá-la a que é mesmo tal Patrícia e lhe proibir sob pena de castigos cruéis dizer a alguém que seria outra pessoa. Depois o coronel rasgaria o óbito e ficaria só com a certidão de nascimento, tendo assim sua escrava falecida de volta, mas como combinamos desde o início, ele a mandaria trabalhar em Vargem Alta. Lá ela também teria sua festa de estreio com açoitamento e tudo.

Já a Ludmila esperaria no bar até a senhora mandar alguém para a buscar. Ela ficaria também uns dias na fazenda para reaprender ser escrava, e depois seria devolvida a meu pai. Nos casos de Ludmila e Patrícia o coronel e a senhora receberiam 25% do lucro, a parte que cabe à puta e em caso de escravas cabe ao seu dono.

Meu pai me levou a parte: “Aqui arranjei mais óbitos interessantes. De três fazendas, incluindo

a do coronel Aloísio. Não o conte ao coronel Henrique. Se usar um nome de uma escrava falecida na fazenda do coronel Aloísio, não a mande com capangas do coronel Henrique. Guarde-a em casa ou ache um jeito de levá-la para ele ou para a gente. Vou sempre mandar notícias através de alguém.”

Cedo da manhã acordei, como era meu velho costume quando morara ainda aqui. Encontrei a Amélia cuidando do gado e da índia. Amélia era uma pessoa boazinha e tratou a selvagem sem crueldade. Dei cafunés à índia. Esperara que ela seria feliz de me rever, mas os olhos dela ficaram sem brilho e nem mostrou se me reconheceria sequer.

Apertei os lugares que a fizeram falar e ela falou como um autômato “Sou puta”, “Estupra me” e outras frases. Ela sabia ainda todas, mas provavelmente até agora não sabia significado algum. De repente disse algo para mim que foi diferente: “Que ro vou tá.”

Assim ou parecido soou, o que me falou, por várias vezes. Talvez fosse a língua dela ou português truncado. Pelo menos não consegui entender. Por isso dei só mais uns cafunés e

falei: “Quieta, menina, quieta. És uma puta boa, quieta.”

Aí ela começou a chorar. Não sabia o que fazer e fiquei, dando carícias. Como ela perdeu a sua galhardia e beleza! Estava toda apagada, murcha. Bom, vi algumas mulheres índias e cafuzas em fazendas, a grande maioria envelhece rapidamente. Deve ser a raça. Até as brancas murcham. A gente casa com uma moça bonita de 15 anos e dez anos depois ela muitas vezes já virou gorda, doente, frouxa e sem iniciativa. Quem envelhece menos são as negras e mulatas. Não dá para estranhar que os fazendeiros gostam tanto de transar com as escravas, em detrimento das esposas brancas.

Quis me lembrar das primeiras impressões da índia, quando a vi como uma princesa, uma rainha das matas. Abaixei-me para beijá-la, mas reparei um hálito mau e desisti.

Olhei-a com um sentimento misturado de piedade e nojo. Não, como poderia ter nojo dela? Fui eu que a formei, que a fiz ter sucesso como puta, que a ensinei falar e prostituir-se. “Ela é ainda a mesma moça de antes, uma princesa. Só um pouco malcuidada. Desmazelada. Desleixada. Não tem problema”,

pensei. Peguei suas tetas e apalpei-as. Não foram mais duros e cheios. Uma pena, pensei.

Depois de um tempo apareceu a moleca Aline. Ficou muito feliz por me encontrar. Era neste dia a sua vez de buscar a índia e supervisioná-la na faxina. Enquanto ela colocava a mordaça contou: "Queria dormir em sua cama para te contar novidades, mas você sumiu."

"Estive cansado da viagem. A gente teve que educar e aviltar sete putas ainda rebeldes, crus e sem comportamento com só seis homens. Fui difícil. Também transei muito ontem com elas, aí queria muito dormir sozinho."

"Para mim teria sido ótimo, só queria conversar."

"Mas o que é que queria falar?"

"Várias coisas. Sabe, a Verônica não é mais uma puta normal, ela agora é uma chefe, né?"

"Para dizer assim, sim. Mas ela mesmo assim continua puta. Trabalha como as outras putas. Só que ela manda."

"Pois é. Será que um dia posso chegar lá?"

"Claro. Se você for sempre obediente, boa, dedicada e submissa e agrada aos clientes."

“Mas muitas putas são obedientes, dedicadas e submissas. O que posso fazer para chegar para lá?”

“Bom, a maioria das putas aqui são mulatas ou, ainda pior, negras. Na dúvida qualquer dono de um bar ou puteiro quer uma branca na liderança. Você é branca. Além disso é só obedecer sempre, fazer de tudo para enriquecer seu dono e, se Deus quiser, tudo dará certo.”

“Mas posso pedir a Deus, que ele me ajude?”

“Bom, aí não sei. Acho que sim. Por que não?”

“Porque alguns falam que ser puta é ser pecadora.”

“Se alguém é uma senhora e transa com todo mundo, aí o povo a chama de puta por ser muito safada. Isso é pecado. Mas se você tem puta como profissão, deve ser obediente e fazer, o que lhe cabe. E claro, Deus deve gostar, se você obedece e é humilde e boazinha. Veja, o mesmo vale para outras profissões. Por exemplo o carrasco. Se um senhor é chamado carrasco por ser muito cruel, ele é um pecador, mas se sua profissão é carrasco, deve obedecer e fazer o que lhe cabe, e Deus vai olhá-lo com piedade. Outro exemplo: o barbeiro. Se alguém é chamado de barbeiro, ele é um profissional incompetente e

mau. É errado. Mas se ele tem a profissão de barbeiro, deve trabalhar honestamente e fazer o que lhe cabe, obedecer aos seus superiores e agradar aos clientes.”

Levamos a índia para fazer faxina e colocamos as cinco putas novas nuas na viga para poderem ser examinadas pelos homens da vila, e a venda de chicotadas e bilhetes estava em andamento a partir de dez horas. Mas só foram oferecidas três delas para estrear na festa no outro dia, as outras duas iriam para Vargem Alta e a sucursal na frente da fazenda do coronel Aloísio e lá receberiam seu tratamento tradicional de bem-vindas.

Elas foram apavoradas pela multidão e exaustas e aviltadas pelo tratamento na viagem. Por isso não resistiram, quando tiramos uma após a outra da viga, levamo-las em um quarto e lhes mandamos escrever uma carta a outra puta amiga em Recife, contando da vida boa em nossa vila. Já que uma moça não sabia escrever, outra puta escreveu a carta para ela confirmando que teria sido ditada pela pessoa dita.

À tarde o coronel Henrique apareceu para me ver, e para a minha surpresa foi acompanhado

pela Ana Maria. Ela conseguira convencer o pai para a levar. Ficou toda feliz de me ver e queria ficar o tempo todo comigo, mas o coronel mandou-a embora para conversar comigo sobre os negócios.

Já que não tive notícias do negreiro e as outras coisas iam todas muito bem, não foi uma conversa prolongada, mas o coronel me elogiou e falou que gostaria muito de mim, e inclusive a Ana Maria também gostaria muito de mim. Falou assim e olhou-me levantando as sobrancelhas. Agradeci e fiz uns elogios dizendo que ela seria uma moça muito gentil e bonita, e depois saímos para lanchar com os outros.

Meu amigo teve escolha livre e conheceu em pouco tempo as bucetinhas de cinco putas nossas. Ele, o coronel, os capangas e mais dois outros homens dormiram em nosso hotel. E no outro dia eu e meu amigo já fomos embora para voltar a Recife.

Mesmo assim perdemos alguns dias na faculdade, mas a viagem valeu a pena. Encontrei Analia e Ângela, a menina de oito anos. Ela logo perguntou para onde levei a sua irmã. Falei que ela estaria com a mãe. Ângela quis ir também, mas falei que a viagem seria longa, perigosa e

cara. A mãe estaria mandando beijos e pedindo para ela ser obediente e boazinha. Falei que eu iria sempre contar à mãe, como ela se comportaria, e se ela se comportar bem, a mãe a chamaria um dia e eu a levaria.

Dentro de poucos dias ela tornou-se uma boa empregada, e assim Analia podia cuidar de suas outras tarefas. Entregamos as cartas das putas e com o tempo mais mulheres e meninas se apresentaram. Analia me apresentou também um jovem mulato livre, que vivia fazendo de tudo um pouco. Ele me contou que teria uma irmã toda branca, ainda virgem, e que ele ouviu falar que eu procuraria meninas boas para o interior. Achei o sujeito suspeito e hesitei de falar muitas coisas, mas já que ele insistiu disse, que poderia me apresentar a menina.

Ele a trouxe no outro dia. Foi uma menina de 12 anos, bonitinha, cheirosa e limpinha. Quis ver o cabaço e o mulato me o mostrou. Perguntei, quanto a custaria e ele disse: “Três e meio.”

Falei: “Pode ir. Não tenho interesse.”

Ele se levantou, hesitou e antes de passar a porta disse: “Estou disposto a negociar.”

“Três e meio é muito além do valor da menina no mercado. Aí nem precisamos começar a discutir. Será tempo perdido.”

“Hoje já negras bonitas custam dois contos. Ela é praticamente branca.”

“Negras custam dois contos se são escravas. Se são putas livres, são mais baratas. E a menina só tem doze anos.”

“Qual problema tem a idade? Pelo contrário, quanto mais nova a compra, mais dinheiro tira dela. Claro, que com 15 ou 16 anos ela ganha mais do que agora, mas para que perder a renda dos primeiros anos? Quando ela tiver 15 anos será ainda sua. E ela tem uma avó negra, quer dizer poderia muito bem ser uma escrava.”

“Poderia, mas não é.”

“A mãe foi alforriada, mas o documento não está com a menina. A menina nem entende dessas coisas, na verdade, não entende nada.”

“É demente?”

“Ela é surda.”

“Caramba. E para uma menina deficiente de doze anos quer três e meio. Bem ousado.”

“Se leiloar o cabaço dela, pessoas como o coronel Aloísio ou o coronel Henrique serão capazes de pagar 200 mil ou mais. E o resto a menina ganha em um ano.”

Estranhei que ele conhecia os coronéis. Será que Analia lhe contou deles? Ele mencionou o coronel Aloísio em primeiro lugar, Analia certamente não o mencionaria ou somente em segundo lugar. Respondi: “Se você sabe dessas coisas, porque você não a explora, você mesmo?”

“Aqui na capital a polícia um dia age assim, no outro do contrário. Não queria ficar preso. Também tem muita concorrência e para livrar se de concorrentes alguém poderia passar a perna em mim. Ou se apoderar de minha irmã, e eu, como mulato, teria mais dificuldades para conseguir ajuda da polícia.”

“Vai então ao interior a oferecer.”

“Seria um sonho, mas como iria começar sem nada. Nem conheço os lugares. Seria perdido.”

“Bom, senta-se. Quero-o conhecer melhor, e também sua irmãzinha. Aceita alguma coisa?”

O moço teve 16 anos e seu nome foi Lucas. Lembrei-me como fui quando tive 16 anos. Fui

quando a índia apareceu e toda a nossa sorte de família começou a prosperar. Tudo começou com a índia. Temos que agradecer muito à coincidência ou a Deus, se não foi coincidência, que a gente conseguiu a índia. Bom, não sei se seria imaginável que foi Deus, afinal de contas se trata de algo um pouco nojento, safado, não sei, talvez ele até ache que a gente a trata com crueldade? Mas se não foi ele, então foi coincidência, a não ser – jamais pensei nessa opção – a não ser que fosse o diabo que nos deu a índia.

Seria possível? Mas qual seria seu motivo? Prejudicar a nossa família? Talvez seja um pecado açoitar uma índia todos os dias com cinco chicotadas, embora que ela seja meiga e inócua. E aí o diabo nos deu uma índia para a gente pecar e cair depois no inferno.

Ou, quem sabe, ele nem pensa em nossa família, mas quer destruir as vidas de muitas meninas. Mas a gente destrói a vidas delas? Algumas de nossas putas já foram putas antes, outras eram escravas, e uma escrava tem que fazer o que o dono quer. Uma negra que labuta o dia inteiro no eito, sachando seminua no sol ardente, exposta a chicotadas, certamente não tem uma vida melhor do que uma menina, que tem tempo

para cuidar de sua beleza, cuida de si e somente tem o dever de se deitar com vinte ou trinta homens?

Restam as meninas que sequestrei e reescravizei. Mas aí vou com o subdelegado, que disse que seria uma obra boa tirar meninas ociosas e piriguetes inúteis das ruas e botá-las para trabalhar sob rígida ordem e educação.

Ângela, nossa menina, trouxe o café e biscoitos. Acordei de minhas cogitações e falei: “Queria ver a menina com mais detalhes. Quero ver tudo. Aceita uma caiana, enquanto eu sondar a sua irmã?”

Na verdade, gosto de ver cabaços. Vi poucos na minha vida, mas os que vi eram tão diferentes. Tem os que parecem véus, tem os com um buraco redondo no meio como se alguém o tivesse perfurado com o dedo, tem os que parecem encaracolados. Mas primeiramente queria ver um ouvido surdo.

Investiguei o ouvido, mas não vi nada diferente. Enfiei um cotonete, mas de novo não senti nada diferente. Então sondei todos os outros buracos com muito tempo. Quando a menina não abriu as pernas suficientemente, o irmão lhe deu um sinal e ela logo se assuntou. Por isso comecei a

confiar no jovem e perguntei sobre a sua vida e de onde ele conhecia os dois coronéis.

Ele disse que a mãe dele morreu quando teve 12 anos, e ele teve que cuidar da irmã e de mais dois irmãos ainda menores. De vez em quando resolve uma coisa para o armador, e através dele sabia do coronel Henrique. Puxou conversa com amigos e conheceu um homem que lhe falou do coronel Aloísio.

“E para que queria saber todos esses detalhes?”

“Para me preparar para falar com o senhor.”

“Só para isso?”

“Sempre me preparo da melhor maneira possível.”

“E disse que seria um sonho oferecer sua irmã no interior? Gostaria de viver no interior?”

“Gostaria.”

“Se você for uma pessoa boa e hábil, quem sabe poderia ser ajudante no bar de minha família. E lá ofereceria sua irmã. Receberia 25% do que ela lucrar.”

“Com certeza eu iria aprender as coisas e ajudar muito aos senhores.”

“Eu vou te testar. Certamente conhece muitas pessoas. Procuro de algumas escravas fugidas. Tenho as descrições comigo. Se achar uma, a levo para seu dono, e se ele a reconhece, recibo uma gratificação. Se a menina foi apreendida por engano, a gente a solta. Todas as escravas que procuro, são muito bonitas e trabalhavam como mucamas, foram namoradas de seus donos ou trabalhavam em puteiros. Por tais meninas gostosas os donos pagam bem, se a gente as devolve. Você pode me ajudar, para eu ver, se você é confiável. Claro, que receberia parte da gratificação.”

Ele sabia escrever, e anotou algumas descrições. Tive que adaptar as minhas fichas para a idade, que as meninas falecidas teriam, se fossem ainda vivas, e por isso li as fichas para ele e não lhe as dei.

Recebemos também visitas de meninas, que ainda não foram prostitutas, mas queriam ganhar um bom dinheiro e ouviram da propaganda de boca em boca da possibilidade de ganhar uma fortuna no interior. E realmente, quando as meninas falaram com homens, que já estiveram nos lugares com mineração, eles confirmaram que as putas cobram bem mais em tais lugares, porque o dinheiro rola mais solto.

Algumas mulheres ou meninas nem foram bonitas, mas pensei que nessas regiões com mineração e poucas fêmeas uma puta sempre consegue clientes, e quanto mais putas, mais sucursais meu pai poderia botar. Testei todas as candidatas pessoalmente e aceitei quase todas. O problema era só: Quem seriam os líderes das sucursais. Infelizmente minha mãe só produziu dois filhos. Ainda bem, que não foram duas filhas, mas dois filhos machos. Infelizmente não temos primos no Brasil que poderiam nos ajudar.

Geralmente os líderes das sucursais tentam burlar o dono e ganham o dinheiro sem dividir tudo com o dono. Mas, em nosso caso, se ganharmos as putas quase de graça, não tem risco. Mesmo se um gerente de uma sucursal desviasse três quartos do lucro a gente ainda ganharia e não perderia nada. Eu pessoalmente confiaria mais em uma escrava educada à mão de ferro de nós mesmos como a Analia do que em um sujeito contratado como o Lucas.

Se ele fosse meu escravo eu o poderia educar com mão de ferro, mas também não tenho experiência na educação de machos. Afinal de contas, não posso dominá-los submetendo-os sexualmente. Seria bom, trocar ideia com a

senhora. Talvez ela até teria um bom escravo para a gente, igual ao administrador, que pensa como um branco, mas continua escravo.

Em tudo quatro negras e três mulatas se interessaram por trabalhar com meu pai. Além disso, capturei uma mulata e uma negra, e Lucas trouxe uma mulata bem bonita em casa, que prendemos. Colocamo-la na cafua, procedemos de meu jeito já provado, puxamos seu grelinho até ela “confessar” que seria uma tal Estefânia” da fazenda do coronel Aloísio, aviltamo-la e deixamo-la uma noite na viga vestida com a calcinha de ferro. Lucas gostou muito dessa calcinha. Fomos para a sala jantar, e perguntei, como conseguiu trazer a moça até em casa. Explicou: “Conheço-a desde pequena e consegui sem problemas trazê-la.”

“Conheceu-a? Mas então sabe que não pode ser a Estefânia do coronel Aloísio. Para que então a trouxe?”

“Bom, qual diferença faz? Agora ela é a Estefânia.”

“Se o dono dela, o coronel Aloísio, não a reconhecer, a gente terá que liberá-la sem ter ganho nada.”

“O senhor certamente já combinou tudo com o coronel, já que é um homem inteligente e não bobo. Por isso, podemos ter a certeza de que o coronel Aloísio vai dizer, que ele conhece a menina e que se trata de sua escrava Estefânia. Ainda mais por se tratar de uma cabrocha tão gostosa. Acho que mesmo se os senhores não teriam combinado nada de antemão, o coronel Aloísio diria que reconheceria a escrava.”

Admirei que o mulato quase descobriu sozinho, como funcionava o nosso sistema. Já que ele mostrou mesmo assim fidelidade resolvi confiar mais nele. Ele passou a morar com a gente, trazendo sua irmã bonita e os irmãos menores consigo. Foram um menino de nove e uma menina de sete anos. Foram proibidos de entrar na cafua explicando-lhes que seriam mulheres criminosas e perigosas, que fugiram de seus donos.

Depois de duas semanas apareceu Raimundo com um amigo dele e três capangas do coronel Henrique. Não gostei de jeito nenhum, ver o Raimundo encarregado com o transporte das meninas, não gostei que meu pai lhe incumbisse negócios da nossa família. Mas sabia, que ele se oferece de graça para tais serviços sob pretexto de ajudar, e que meu pai não dispunha de

alternativas. Não seria bom meu pai vir em pessoa para cá, porque meu irmão estava na sucursal e ele tinha que cuidar do bar.

Também estamos a pouco tempo das eleições do juiz de paz, e meu pai queria oferecer festas na vila e nos outros lugares com atrações como música, açoitamentos, danças de putas e escravas nuas, que ele geralmente anunciava como danças africanas, rifões e outros tipos de divertimentos como pequenas competições como aquela em que homens tiveram que acertar uma puta nua com frutas moles ou podres. Com as festas ganhamos muito dinheiro e certamente também muitos votos, mas foi muito trabalho.

Raimundo me entregou mais cartas escritas por putas às amigas aqui na capital, descrevendo a vida maravilhosa delas trabalhando para meu pai. Ele foi muito atrevido e me seguiu na cafua quando fui buscar as presas, e logo perguntou o que seria com a outra moça presa. Não confiei nele e por isso não disse que seria do coronel Aloísio, mas disse que seria do fazendeiro negro, esperando que Raimundo não teria um encontro com ele nas próximas semanas. Ele se ofereceu fazer o pequeno desvio para entregá-la, mas eu disse, que o fazendeiro viria a Recife na outra

lugar secreto. Levantei os cabelos da menina e cheirei seu cangote e adormeci com esse cheiro gostoso.

No outro dia apareceram as mulheres e meninas que queriam trabalhar com meu pai para ganharem muito dinheiro. Já que eram muitas, não deu para levá-las nos cavalos de garupa ou sentadas em frente dos homens. Alugamos um carro para levá-las até para fora da cidade. Quando as mulheres ouviram o que combinamos com o cocheiro, perguntaram: “E depois? Como viajamos depois?”

Falei: “Não tem como passar de carro. Precisam de cavalgar. Um amigo possui uma fazenda perto daqui e ele vai nos emprestar cavalos.”

Assim elas foram embora, muito felizes. Fora da cidade Raimundo despediu o cocheiro, dizendo às mulheres e meninas que teriam que andar um caminho pequeno a pé, mas assim que o cocheiro estava fora da vista tiraram as roupas delas, atrelaram-nas atrás de um cavalo e faziam-nas correr acompanhadas por chicotadas.

Duas semanas depois chegou a notícia de que meu pai ganhou a eleição e era agora juiz de paz. Com isso a gente podia trabalhar com mais tranquilidade, meu pai era agora não somente o

patrão, mas também o juiz de nossas putas. Ele mandou mais cartas e escreveu que mandaria com o próximo transporte dinheiro para eu comprar a casa ou outra adequada. Sabia de Raimundo da cafua e se preocupou com a possibilidade de o dono da casa fazer uma inspeção. Escreveu que a gente agora deve pensar grande e tocar os projetos sem correr riscos.

Sendo eu o dono da casa poderia mudá-la como quiser, por exemplo fazer a cafua ainda mais segura e fechá-la de maneira que som nenhum sair.

Fiquei muito feliz com as notícias e as festejei com a “família”, constituída de Analia, Lucas e as três crianças. Já a Ângela não considero família, já que ela é empregada, mas quando só ela atendeu e as outras crianças sentaram na mesa, achei de repente, que seria uma injustiça, se bem que a cor dela era mais escura de que a cor dos outros. Falei: “Ângela, esse dia é um dia de vitória para toda a minha família, e todos os empregados e escravas devem se alegrar conosco, inclusive porque contribuíram para os sucessos. Senta-se na mesa e janta hoje com a gente.”

Ela, tímida, fez de não, e os irmãos de Lucas envaideceram e não queriam sentar com ela. Fiquei chateado com a atitude deles que em breve também seriam putas escravizadas, pelo menos as meninas, e falei: “Se vocês não querem sentar com a Ângela, ela vai sentar entre mim e a Analia.”

A menina de sete anos perguntou: “E quem vai servir a gente?”

Perguntei de volta: “Quem serviu em sua casa antiga, quando você ainda não morou aqui?”

“Nós mesmos.”

“Viu? E assim vamos nos servir aos nós mesmos também hoje. Entendeu?”

“Entendi. Então o senhor também vai servir a si mesmo?”

Ri e disse “sim”, mas Lucas repreendeu sua irmã linguaruda.

Analia falou logo: “Não, ele é o senhor nessa casa. Eu vou servir a ele.”

A Ângela ficou tão tímida que nem comeu, mas quis dar uma lição às outras crianças e dei cafunés nela e a obriguei a comer isso e aquilo

de meu prato. Também coloquei meus dedos no prato dela como se ela fosse uma amiga. Mesmo assim o clima na mesa ficou constrangido, provavelmente também ninguém deles foi acostumado de comer em uma mesa. Tenho que explicar, que eu sou uma das pessoas que adora sentar em uma mesa.

Por isso quis fazer uma brincadeira e disse: “Vamos fazer de contas que a gente fosse uma família europeia, por exemplo a família do rei da Espanha. Todo mundo senta bem sentadinho e todo mundo deve usar garfo. Analia, a gente tem garfos para todo mundo?”

Tivemos cinco, falta então um e eu falei: “Bom, eu vou usar minha faca.”

Lucas perguntou: “Sou homem já; posso usar também uma faca?”

Respondi: “Você não tem uma faca consigo, então qual faca queria usar?”

“O senhor não tem uma para me prestar?”

Claro que tive facas usadas, mas não quis procurar e falei: “Depois compro uma para você.”

Ninguém sabia usar o garfo, mas as crianças se divertiram muito com o garfo. Falei: “Analia,

me empresta seu. Vou mostrar como se segura o garfo e como se come com ela.

Depois de um tempo vi, que as crianças ficaram mais à vontade, mas aí começaram a gesticular e tive medo que um garfo na mão picasse sem querer no rosto da outra e alertei para segurar as mãos. Perguntei: “Vocês gostam de comer na mesa? Com garfo e chiqueza?”

Eles foram sinceros e falaram que seria muito difícil. Insisti: “A gente vai aprendê-lo. Lembram a imagem na igreja onde Jesus senta com seus discípulos na mesa? Pois é, vocês sabem que devemos imitar a Jesus, né? Não quero mais ver vocês comerem de cócoras ou deitados na esteirinha, comendo com as mãos lambuzando seus rostos e tudo.”

No final do jantar falei: “A Ângela é uma menina muito boa. Acho que ela é muito legal, gostei muito de sentar e de conversar com ela. O que você acha?”

Analia disse que também gosta muito da Ângela, e assim confirmou também Lucas. Aí também perguntei as crianças, uma após a outra, e todas afirmaram a mesma coisa.

Na noite, refletindo sobre meu ato, perguntei-me para que criei essa confusão. Não aprendi da

senhora e de outros que a gente deve estabelecer uma hierarquia nítida entre os súditos, para um oprimir o outro? Agora fiz o contrário, desfazendo a hierarquia.

Mas me senti contente. Talvez por ter sido uma experiência, que um bom líder não só pode estabelecer hierarquias, mas também é capaz de acabar com elas. Realmente, nos próximos dias reparei, que não foi bom, porque as crianças menores começaram a convidar a empregada para brincar com elas, e Analia e eu tivemos que repreendê-la que não estava em minha casa para brincar, mas para trabalhar.

Ainda aconteceu, que as crianças responderam: “Nós vamos ajudar à Ângela, aí vai acabar logo e a gente pode brincar depois. Não pode?”

Não gostei do desenvolvimento, que acaba com a educação à submissão absoluta de uma escrava (neste caso ainda oficialmente empregada, mas na minha mente já a considerei escrava, porque era praticamente minha), mas sabia que as crianças não ficariam por muito tempo com a gente e fiz vista grossa.

No outro dia passei as cartas das putas a Analia e ao irmão de Lucas para serem entregadas. Na cafua já ficavam de novo duas meninas além da

menina determinada para o coronel Aloísio. Já mandei avisá-lo de que teria uma escrava dele para saber, como poderia chegar a sua fazenda, mas ainda não obtive resposta, e assim ela continuava acorrentada na cafua.

Também através da Analia fui chamado à casa de uma senhora. Ela morava com uma escrava velha e caduca em um sobrado velho e gasto, muito grande para ela. Era viúva e teve seis filhos entre seis e quatorze anos. A menina de quatorze anos era o problema, como a escrava tinha confiado a Analia no mercado.

A senhora sentou comigo em um gabinete com estantes de livros vazios e confiou: "Sou viúva faz quase sete anos. Gastei tudo que meu marido me deixou, só ainda tendo a casa e uma última escrava."

"Porque a senhora não aluga quartos?"

"Aluguei, mas justamente foi meu infortúnio. O inquilino, um mulato bem safado sempre andando bem-apessoado buliu com minha filha mais velha e a desflorou e engravidou. Fugiu e está devendo ainda três meses."

"Em qual mês ela está?"

“Não sei por certo, mas ela está sem ter seu incômodo, sabe?”

“E ela está sem hímen?”

“Claro, como poderia ser grávida com cabaço?”

“Só perguntei. A senhora examinou o hímen?”

“Não. Para quê?”

“Sempre acontecem milagres. E como posso ajudar?”

“Bom, a gente está perdida. Ela nem poderá casar assim com homem bom, e estou nessa penúria. Também penso que a menina deve ser castigada de alguma forma. Pensei, para dizer assim, ... se uma menina já vive na perdição, pelo menos a gente poderia tirar nossa casquinha.”

“Quer que eu arranje trabalho para sua filha?”

“Isso mesmo. Somos pobres, preciso fazer algo, é um sacrifício...”

“Posso investigar a sua filha para saber, se é saudável, se o hímen realmente foi perfurado e se ela presta para o trabalho?”

“Pode sim, mas gostaria que o senhor, se for possível, o faz sem minha presença. Pode fazê-lo no quarto da menina.”

“Prefiro fazê-lo aqui mesmo. Quarto de menina não é um lugar bom, anima as meninas à desobediência. Chame a menina, por favor, mas pode ficar de fora, já me viro. Sou muito cuidadoso e gentil com meninas caídas assim. Afinal de contas elas não caíram no pecado por serem pessoas más como os criminosos, mas por mera fraqueza de espírito. Temos que ter piedade delas e ajudar para que elas consigam achar também um caminho para viver.”

Assim consegui uma puta branca. Para não viver com a vergonha, a senhora pediu para eu levar a menina logo. Perguntei, se a senhora queria que eu veria a possibilidade de fazer um aborto, e ela disse: “Fica a seu critério. Ela me traiu como filha, agora quero só seu dinheiro, assim como combinamos. O que for bom para o senhor poder ganhar mais dinheiro, será bom também para mim, já que uma parte dele será meu.”

Ganhei a putinha de graça, mas a gente teria que mandar 25% para a senhora. Certamente a senhora não sabia dos preços no interior, e assim bastariam uns 10%, mas seria bom mandar alguma coisa. Assim, quem sabe, pela propaganda de boca em boca, eu receberia um dia outra oferta assim. Além disso fiz assim uma obra boa, ajudando a uma senhora e seus filhos

famintos. Até ajudei também à negra caduca, porque se a senhora não tem comida, também os escravos e os cachorros passam fome, como diz o velho aforismo. E antes de tudo ajudei à putinha para ela receber uma reeducação, aprender uma profissão e ganhar seu próprio sustento.

Entrei em uma farmácia e perguntei por um médico. Falou o farmacêutico que ele seria também médico. Olhei-o com desconfiança e ele o percebeu, mostrando seu certificado, que confirmou, que teria absolvido quatro anos de trabalho prático na farmácia e passado pela prova diante o juiz comissário.

Sorri e perguntei: “E o juiz comissário entende algo da medicina?”

“Ah, ele sempre ouve as provas, já deve ter aprendido muito.”

“Não tem médicos da Europa daqui, com faculdade?”

“O senhor confia neles, se as doenças são brasileiras?”

“A minha doença é uma bem internacional, tenho uma menina com sementinha na barriga.”

“Ah, quer tirá-la? Mas aí não é comigo.”

sem que elas tiveram muitas chances de gritar e chamar por socorro.

Alguns dias depois peguei uma negra de uns trinta anos junto com um amigo e Lucas. Analia me dera o aviso depois de conhecê-la como vendedora de doces. Recebeu a informação de que ela seria solteira e sem parentes próximos, então uma pessoa ideal para ser reescravizada. Mas quando ela estava na viga, na cafua, e estiquei seu grelo chegou à luz que era amasia de um senhor branco. Este pagou o aluguel para a negra, e ela teve três filhos, os dois menores filhos desse senhor.

Agora já não pôde soltar a moça correndo risco que ela iria chamar a polícia. Mantinha sempre contatos com o subdelegado e já fui convidado duas vezes para a casa dele, mas talvez nem ele poderia garantir que eu sairia incólume de uma devassa em minha casa.

Mandei o irmão de Lucas observar a casa para ver, em que daria.

Poucas horas depois, quando a negra já foi preparada para uma noite em pé na viga, vestida de calcinha de ferro, ouvi um clamor na porta e assustei. Vi capangas na penumbra da rua.

Perguntaram por mim e falei que moraria aqui mesmo.

Foram três capangas com o coronel Aloísio. Ele veio pessoalmente, e eles precisavam de muito tempo para achar a minha casa, já que se atrasaram e chegaram na cidade somente no escurecer. Queria buscar a sua escrava, mas seu objetivo principal foi falar comigo.

Declarou mais uma vez que queria viver em paz com o coronel Henrique. Claro que não podia aceitar como este desrespeitava os limites de sua fazenda, mas ele achava que poderiam achar um compromisso. Queria muito ter boas relações com meu pai, mas apesar de ele ter aceito o convite de abrir um bar com várias meninas perto de sua fazenda, ele ficaria muito sob controle do coronel Henrique: "Lhe fornece até mão de obra para as construções. Daqui a pouco vai virar um criado do coronel Henrique e este iria querer os lucros das putas lindas, que seu pai está criando e oferecendo."

Falou da necessidade de uma família não perder a independência, de ter sempre a escolha e propôs uma aliança secreta, que poderia, por enquanto, ser fechada entre mim e ele, para ser ampliada em momento propício a meu pai.

Queria que eu trabalhasse também para ele, dando lhe informações. Ele queria também receber escravos, seja de um negreiro, seja de outras maneiras, pagaria bem, poderia ajudar para abrir mais duas sucursais no sul de sua fazenda, onde ele teve influência e amigos e inclusive poderia me dar uma filha como esposa.

Como já sabia ele teve duas esposas brancas, não contando as concubinas mulatas, e as duas esposas lhe deram 13 filhos, entre elas sete meninas. Teve atualmente uma casadoura de 14 anos e outra muito bonita de 11 anos, com quem poderia casar logo depois de concluir a faculdade. Convidou-me para conhecer sua fazenda e as meninas.

Fomos para a cafua buscar a mulata Estefânia. Ela ficou muito feliz, quando ouviu que o coronel Aloísio chegou pessoalmente, achando que desta maneira não precisaria ir para a fazenda dele para ser reconhecida. Ele já iria confirmar, que ela não seria tal escrava, e em seguida ela seria liberada e poderia até ver se teria direito a uma indenização por ficar presa e acorrentada neste calabouço por tanto tempo.

Mas como virou brava quando o coronel disse sorrindo, que a reconheceria sendo a sua escrava

Estefânia! Foi necessário amordaçá-la para poupar os nossos ouvidos.

O coronel trouxe o seu ferrete para gravá-la. A cabrocha foi amarrada e segurada e o coronel depilou-a e queimou-lhe sua marca logo em cima da buceta.

Imediatamente abaixou as calças e apoderou-se do corpo em alvoroço, cujos músculos se retesaram em palpites mórbidos pelas chamas de dores e a humilhação. Depois de gozar ficou nela, tirou a mordaça e disse: “Estefânia, minha escrava, bem-vinda de volta ao seu senhor. Vai ser minha escrava obediente?”

Ela falou ofegando, mas meio baixo e mau pronunciado: “Não sou sua escrava Estefânia.”

“Mentirosa! Não sentiu que recebeu uma marca de ferrete? Mesmo se antes não fosse a minha escrava, agora é. A marca o prova sem dúvidas.”

“Fala: Sou Estefânia, sua escrava submissa. Quero servir ao senhor. O senhor é meu amo.”

Ela não o fez, e o coronel colocou a mordaça de volta, dizendo: “Realmente, não percebeu que foi marcada. Temos que gravá-la outra vez.”

Foi amarrada com a bunda esticada para cima. Dois homens abriram a bunda, e o beijo de fogo

foi dado na parte interior da nádega esquerda. Logo em seguida foi estuprada pelos capangas.

Depois ela se rendeu e admitiu que seria a escrava Estefânia, mas mesmo assim não repetiu as outras frases, que queria servir ao coronel e reconhecê-lo-ia como seu amo. “Bom”, disse o coronel. “Vamos então gravá-la mais uma vez.”

Ela logo se rendeu prometendo dizer tudo que queríamos, mas foi tarde demais. Foi amordaçada e o coronel queimou-lhe a letra F de “fugida” ou “fujona” na parte inferior do peito direito. Protestei, já que a menina depois serviria como puta em nossa sucursal, mas o coronel respondeu: “Você não imagina, quantos homens gostam de apalpar tetas queimadas por ferrete em brasas. É um sinal de submissão e tocando nele a puta vira mais escrava deles e eles imaginam em sua fantasia como foi o momento em que a cadela recebeu o beijo de fogo.”

Logo depois o coronel a possuía de novo, e agora evidentemente virou também dono de sua alma, porque ela admitiu que ele seria seu senhor e amo e que ela queria ser sua escrava e também sua puta e que o amaria. O coronel abraçou a escrava e para fazer a posse ainda mais completa enfiou também um dedo no

cuzinho da menina. Nisso a mão dele roçou a pele queimada pela marca no lado interior da bunda. Chamas mordazes de dores fluíram pelo corpo da jovem e ela se contorceu desesperadamente, e esses movimentos fortes contribuíram para fazer o prazer e gozo do coronel ainda mais perfeito.

O coronel grunhiu no êxtase quando encheu a menina com seu leitinho e ficou deitado nela por um bom tempo. Só depois contou a mim como fizera o corpo da menina convulsionar desse jeito: “Deve experimentá-lo também, é muito bom, incrível, edênico, paradisíaco!”

Experimentei a menina também desse jeito, e realmente foi uma experiência única, uma cavalgada em um corcel selvagem, mas muito mais gostosa. Depois deixamos a escrava para os capangas se divertirem e nós dois tomamos um banho, porque ficamos bem suados pela cavalgada exaustiva.

Neste meio tempo nossa empregadinha Ângela já teve preparado um jantar. Infelizmente Analia foi trabalhar, buscando ainda dois ou três fregueses para ganhar um pouco dinheiro para mim. Aos poucos alguns homens também já foram em casa para dormir com ela ou com a

menina grávida, por quem conseguimos cobrar bons preços por ser ela branca. A mãe dela queria que ela virasse puta em outro lugar para não fazer sombra na família, mas não me importei como o problema já que precisava de mais dinheiro para cuidar dela como também das crianças. Para não ofender a mãe abertamente pelo menos não a mandei arranjar clientes na rua, onde muitos a reconheceriam.

Mandei o moleque na rua para ver se poderia chamar a Analia de volta, mas ele não a encontrou e deixou um recado com outras prostitutas. Assim o jantar talvez não foi perfeito, só dependendo da habilidade da Ângela, mas o coronel agradeceu e aceitou o convite de dormir em casa. Ele quis dormir com sua Estefânia, e dois capangas tiraram as duas mulatas irmãs da cafua e o terceiro usou a menina grávida.

Já que a casa foi agora minha, as paredes foram preparadas para tal eventualidade e possuíam argolas de ferro. Pareciam só enfeite, mas serviam para uma necessidade como nesta noite, porque os capangas ficaram dormindo com as presas. Para impedir uma fuga as argolas ao redor de seus pescoços foram acorrentadas nessas argolas, e uma corrente de uns três metros

permitia, que os capangas podiam virar as quengas como queriam. Para completar a segurança as mãos foram-lhes algemadas nas costas. Assim foi excluída a possibilidade, mesmo remota, de elas poderem mexer com a corrente ou fazer um mal aos homens.

A negra ficou na viga, sofrendo com sua calcinha torturadora, e eu me deitei com a irmã surda de Lucas, como já o fiz outra vez, gostando de sua pele e cheiro, mas sem pôr seu cabaço precioso em risco.

Na outra manhã Analia já esteve de volta em casa, dormindo no chão. Tivera um cliente rico; passou o dinheiro para mim e disse que o convidou também para possuir a branquinha. Dei um cafuné e um beijo a ela e a mandei cuidar da negra na cafua.

Na outra manhã o coronel repetiu o convite à sua fazenda e os pedidos a respeito de mais escravos. Ofereceu-se para levar escravas para meu pai, mas não pude aceitar a oferta não sabendo dos planos de meu pai. Pois é, se os coronéis fossem aliados, seria mais fácil para nós... bom, talvez. Talvez fosse o contrário, porque eles estavam lisonjeando a gente e enchendo-nos com favores por buscarem

aliados, e se fossem aliados teriam o poder de dominar a gente, o vilarejo inteiro e também os fazendeiros menores

Eu por minha vez convidei o coronel para leiloar o cabaço da irmã de Lucas, que iria estrear em breve no bar. Como favor especial mostrei ao coronel e a seus capangas o hímen da putinha, e os capangas assoviaram em sinal de admiração. Esperei que a notícia da virgem iria se espalhar e avivar o leilão.

Depois do café o coronel foi fazer algumas compras e depois foi embora. Eu, porém, fui buscar o armador perguntar por notícias de nosso negreiro e lhe contar que eu teria interesse por outra carga. Ele só teve notícias de que o negreiro ficou no Reino do Daomé, onde o administrador podia entrar em um atacado de escravos, um estabelecimento do governo, onde podia escolher entre 4 mil escravos nus. Faltavam meninas jovens e adolescentes, mas prometeram que dentro de uma semana trariam meninas adequadas.

O armador alertou que falar de uma semana poderia significar, que teria que esperar três semanas ou que nunca trariam as moças escravas, e recomendou paciência. Falei que

seria uma maravilha inventar um sistema de pombas de correio transatlântico para comunicar-se de um país para o outro. Claro que não seria possível com pombas, mas talvez com outras aves capazes de ultrapassar o oceano atlântico.

O armador cochichou: “Sabe o que acho? Esses feiticeiros pretos, ao que acho, sabem comunicar-se de alguma maneira só no pensamento. Em vez de proibir essas coisas o governo deveria investigar os casos. Imagine se a gente comprasse dois feiticeiros prendados com esse dom, e um fosse com o navio e o outro ficasse aqui. Desta maneira os dois poderiam se comunicar com pensamentos e passar as respostas do capitão do navio à gente.”

Nessa altura a gente estava sem informações, mas semanas depois chegamos a saber como foi a viagem do administrador negro e de nosso navio negreiro. O navio foi diretamente para o Reino de Daomé, uma vez que o capitão conhecia os portos e o administrador sabia falar a língua Fon, que se fala nesse reino, sobretudo nos portos. Quando se aproximavam do porto o administrador não teve certeza, mas lhe foi como se esse fora justamente o porto onde ele mesmo embarcara há uns 40 anos, um menino

de oito anos, vendido por seu próprio tio, para ser escravo no Brasil.

Venderam as pipas de cachaça e os outros produtos levados do Brasil e sondavam a situação a respeito de escravos. Aí foram informados que o forte oficial do governo para guardar escravos capturados nas guerras estava superlotado, porque a política dos ingleses diminuiu a demanda dos países americanos significativamente. Restavam só os países muçulmanos no norte da África e o Império Otomano como compradores, mas o transporte teria que ser organizado em caravanas, e nessas marchas forçadas pelo deserto muitas vez quase a metade dos escravos morria. Além disso, no interior da África o preço por um escravo girava por volta de 10 Mil Réis, mas na costa os escravos foram negociados por uns 50 Mil Réis.

O rei e os mercantes estavam acostumados que os compradores de escravos foram ao seu encontro. Mas agora, com as atividades dos ingleses contra os negreiros, poucos capitães arriscavam sair com escravos. Por isso, toda a economia do país como a dos países avizinhados sofria, e a oferta de escravos foi grande e os preços baixos.

Quando passou pelas masmorras do forte, infestadas por mormaço e fedor insuportável, ele percebeu o mal estado de muitos escravos. Todos foram nus, alguns acorrentados, outros com as mãos e os pés livres. Eles todos foram capturados porque ninguém imaginara que a demanda iria cair tanto. E os presos, que apodreciam nessa masmorra, até desejavam que alguém os comprasse, porque não aguentaram mais viver nessa situação lastimável, apesar de boatos assustadores como a opinião de alguns, que os presos seriam comidos por canibais brancos.

Por causa da penumbra era difícil examinar os negros e o administrador separou alguns cem homens que lhe pareciam na primeira vista mais idôneos para fazerem a longa viagem e para aguentar uma vida como escravos submissos, incumbidos de trabalhos pesados, e os mandou levar a um pátio iluminado pelo sol. Às vezes era difícil imaginar, como esses negros sujos, exaustos e enfraquecidos seriam depois de se recuperarem em ar livre e com alimentação melhor.

A maioria dos presos não falava Fon e não entendeu nada do que o administrador lhes explicou, mas uns traduziam aos outros, e

finalmente todos ficavam ao par do plano. O administrador, tendo visto os navios hostis dos ingleses, não confiava somente em sua bandeira norte-americana costurada por Analia. Disse que no navio dele teve um acidente e que parte da equipe morreu, e que ele precisaria de homens corajosos, que seriam marujos por no mínimo uma viagem. Receberiam comida e diariamente um pequeno salário.

No início os homens não sabiam, se a oferta seria confiável, mas depois de alguns se oferecerem a grande maioria queria ir com o administrador. Ele explicou, que as regras no mar seriam duras, porque a vida a bordo seria perigosa. Todos seriam ensinados, mas desobediência seria punida com chicotadas. Isso seria assim em qualquer navio. Mas, se alguém trabalharia bem, receberia além de seu salário uma gratificação no final.

Eles iriam levar escravas e óleo de palmas. Seria a tarefa dos marujos cuidarem bem das escravas para elas não morrerem e escondê-las dos ingleses que queriam roubá-las. Se os ingleses as acharem iriam levá-las e assim todos perderiam seu dinheiro. Além disso poderia acontecer, que iriam castigar ou escravizar toda a equipe.

Muitos sabiam que uma vida de marujo acarreta muito perigos, mas de qualquer forma o desejo de escapar da masmorra e de destinos piores fez com que muitos se candidataram e o administrador escolheu 25 homens que foram separados.

Quanto à mulherada a situação foi ainda pior. Em toda a masmorra teve entre 4 mil homens só umas 200 mulheres e meninas acima de dez anos, e algumas delas estavam com filhos, outras grávidas, e todas bem descuidadas.

Levou-as ao pátio, mas investigar suas bocas, bucetas e cus era uma tarefa muito nojenta, já que eram desleixadas e emporcalhadas. Além disso, muitas foram abatidas e murchas pelo estado lastimável na masmorra e pareciam todas velhas. Por isso conseguiu preços muito baixos, mas decidiu-se só por vinte mulheres e meninas, e ajuntou ainda quatro meninas de menos de dez anos, que julgou promissoras.

Falou que queria ver por fardos melhores em outros portos, mas os soldados responsáveis pela masmorra lhe prometeram que em poucos dias chegaria uma carga com belas jovens.

O administrador recebeu convites para umas festas, que frequentou junto com o capitão, e

eles admiravam a cidade africana bem melhor organizada do que as no Brasil e bem mais limpa. O capitão disse, que nem na Europa as cidades seriam tão limpas e bem organizadas.

Os convites serviam para distrair e divertir os dois, porque o pessoal do forte já sabia, que a chegada das jovens demoraria, porque na verdade eles não tiveram mulheres em outro depósito, mas ainda faziam uma cavalgada armada para capturar umas 80 negras jovens. Várias vezes o administrador falou que não esperaria mais e sairia com o navio para outro porto, mas cada vez os anfitriões o convenceram para ficar ainda até outra festa. Para os marujos, que vieram conosco do Brasil, não se aborrecerem tiveram liberdade para ir na cidade. Além disso, das vinte mulheres e meninas compradas colocaram já os dez mais bem preservadas no navio para servirem aos marujos como putas gratuitas. Compraram-nas sem roupas, e nuas assim ficaram também durante toda a viagem. Colocar roupa no escravo cabe ao senhor, que o compra. Todas as meninas eram ainda jovens, adolescentes ou pré-adolescentes, e muitas eram virgens, mas o administrador sabia que seria impossível manter as mercadorias intactas entre as pernas durante uma

viagem longa e difícil assim, por isso não se importava com a preservação dos himens.

Finalmente chegou uma carga de cinquenta jovens e mulheres, que sobreviveram a marcha exaustiva e os maus tratos pelos soldados, e o administrador escolheu 35, pagando a mixaria de quase 1 conto por todo o lote. Em tudo foram 55 mulheres e meninas acima de dez anos, quatro meninas entre cinco e nove anos e 25 homens. O navio teve 25 escaninhos do tamanho de uma mulher para esconder os fardos. As meninas menores foram colocadas sempre duas em um esconderijo, o que ficou muito apertado, mas conseguiram. As outras escravas foram escondidas em toneis de óleo de palmas. Compraram mais de 80 toneis de óleo de palmas, além de 27 toneis vazios. Estes colocaram em baixo, colocando os outros em cima.

Os patamares já preparados para transportar negros deixaram na África, porque o administrador viu que as chances de escapar aos ingleses com um navio assim seriam muito remotas. Por isso transformaram o navio nos dias da espera e construíram acima do assoalho do porão um assoalhado falso e construíram outros esconderijos entre paredes duplos.

Desconfiando que um dos moradores ingleses da cidade poderia ser incumbido para dar sinais aos navios ingleses, informando sobre saídas de navios com escravos, levaram os toneis na noite para o forte, enchiam-nos de mulheres e meninas e rolaram-nos em cima da rua pedregosa e torta até a carruagem alugada. De lá foram transportadas até o depósito, onde se encontravam os toneis de óleo, e de lá foram levados na madrugada, visível para todos, para o nosso navio. Ao que tudo parecia, era um navio que se conformou com a situação chata criada pelos ingleses e queria negociar com óleo de palmas em vez de escravos. Só talvez o número grande de marujos chamasse atenção, se alguém se interessasse tanto por um navio medíocre e reparasse nesse detalhe.

Os escravos comprados receberam roupas de marinheiro e foram muito felizes, sobretudo quando logo no bordo recebiam seu primeiro salário.

Desses detalhes nem o armador sabia, quando o visitei e ele me convidou para uma festa em sua casa. Na noite definida fui lá em presença da irmã de Lucas. Não quis ir com Analia, já que

ela é uma escrava e uma mulata, enquanto a adolescente passa tranquilamente por uma branca. Também ela iria perder a noite e não poderia ganhar dinheiro. Sentei com a menina e outros convidados ao redor de uma mesa com bebidas, mas depois deixei-a para conhecer outras pessoas.

Encontrei pessoas interessantes, funcionários públicos, o subdelegado, que me apresentou ao delegado, até pessoas do governo e padre Pedro, um polonês, cujo nome verdadeiro seria Piotr, o que seria em português Pedro.

Ele foi uma pessoa carismática e muitos convidados sentaram ao redor dele para ouvi-lo. Quando o ouvia falar de longe, me interessei por algumas coisas, que ele disse, e ajuntei-me ao círculo ao redor dele.

Uma senhora perguntou: “Reverendo, será que uma esposa há de obedecer ao seu marido mesmo se ele está errado?”

“Se ele está contra as leis do governo ou de Deus ou outra instância superior, ela deve obedecer à instância superior. Por exemplo, se ele exige que ela pare de dar comida às crianças, é óbvio que seria um pecado obedecer-lhe.”

Um moço perguntou: “O mesmo vale para escravos? Se o senhor por exemplo manda que uma escrava parasse de alimentar uma criança negra.”

“Bom, aí já fica mais difícil, porque um escravo não tem uma bitola de moral, porque não obteve educação moral adequada. Por isso seria impossível ele mesmo decidir sobre o que seria moralmente certo ou errado. Geralmente, parar de alimentar uma criança para quem seja responsável deveria ser um pecado, mesmo se a criança fosse um negrinho ou um cachorrinho. Mas onde estão os limites? Por exemplo, se um fazendeiro manda para não mais jogar comida aos patos? Ou aos peixes num açude? Aí seria a decisão dele. A gente chegaria a uma confusão grande, se cada escravo antes de cumprir o que lhe foi mandado, avaliasse se a ordem combine com a moral. Escravos e animais têm que obedecer sempre, mas ao outro lado, a culpa cairia por cima do dono. Se um homem manda seu cão morder uma criancinha inocente, o cão há de obedecer, mas o dono será punido. Vocês veem, que ser branco tem vantagens e desvantagens. Não é simplesmente melhor. Depende. Cada espécie tem suas vantagens e desvantagens.”

“Pois é”, disse a senhora. “Às vezes gostaria de ser uma gata, ficando na preguiça o dia inteiro, recebendo mimos. Sem se preocupar com as traições e a astúcia dos escravos e a aleivosia de alguns conhecidos.”

“Por isso não é ruim em si ser escravo. Deus dá a cada um seu lugar. O escravo há de trabalhar e amar ao seu amo, a esposa há de amar e ajudar ao seu marido, e o marido há de cuidar de todos eles, dando-lhes uma vida adequada. Na verdade, a tarefa mais difícil é a do marido. Ele tem a obrigação de garantir aos outros uma vida boa e fazê-los felizes em troca de pequenos favores e amor.”

Outra senhora disse: “Mas conheço muitos senhores, que não cumprem a sua parte.”

O padre respondeu: “Claro que existem, assim como existem mulheres ou escravos, que não cumprem sua parte. Mesmo assim, os outros devem cumprir suas partes. Por exemplo, o profeta Oséias teve uma mulher infiel, mas Deus mandou que ele a amasse e cuidasse dela. Assim também uma mulher, que realmente quer ser boa há de agir. Ela ama seu marido, mesmo se ele é infiel ou a maltrata.”

Um senhor brincou: “Vou testar a minha esposa. Quando chegar em casa, vou dar uma surra nela para ver, se ela for uma esposa boa, que continua me amando.”

A esposa dele não deixou por menos: “Vou te amar, sim, mas com a chibata na mão.”

O padre falou sorrindo ao marido: “Meu querido, não precisa surrar sua esposa tão cruelmente para saber se ela é realmente uma pessoa boa que te ama. Existe um método muito menos cruel e infalível.”

“Qual? Conte, Vossa Reverência!”

“Se gostaria saber, quem em sua casa o ama realmente, manda construir uma caixa de um vezes um metro e 50 centímetros de altura. Coloca sua esposa e seu cachorro lá dentro, fecha-a, senta se em cima e joga baralho com seus amigos, come e bebe. Depois de eles irem embora o senhor abre a caixa. Aí vai ver, quem pula todo alegre em seu colo dando mimos e pedindo por mimos.”

Todos riram e um senhor falou: “E como seria se a gente trancasse uma escrava na caixa? Será que ela reage como uma esposa ou como uma cadela?”

Alguns riram, outros responderam: “Deve ser que algumas se comportariam mais como mulheres humanas, outras como cadelas ou cachorros, confirmando nisso mais uma vez, que negras são seres intermediários entre os humanos e os animais.”

Perguntei ao que acabou falando: “Mas o senhor acha, que uma escrava mulata ou até branca reagisse diferente de uma escrava negra?”

“Talvez não.”

Falei: “Viu. Então é resultado da educação é do estado de escravidão e não tem nada a ver com a cor da pele. Um escravo branco reagiria bem da mesma forma como um escravo negro.”

Um senhor exaltou-se: “Posso garantir que eu jamais viraria um animal como os macacos vindo da África, que usamos para trabalhar aqui, mesmo se me fizessem escravo em um país.”

Retruquei: “Certamente agora o senhor pensa assim, mas depois de umas 40 chicotadas pensaria diferente.”

Uma senhora me abordou: “Moço, o senhor é um desses abolicionistas?”

Falei acentuando: “De jeito nenhum. Adoro escravas.”

Todos sorriam sabendo em que aludi. Aproveitei a pausa para perguntar o padre: “A Sua Reverência respondeu com uma piada. Mas como será na verdade? Como se sabe se uma mulher ama de verdade? Como reconheço, se é a esposa ideal para mim? Como se acha a esposa ideal?”

Todos perceberam que agora foi uma pergunta séria e sincera. O padre calou-se por um momento, depois respondeu: “Bom, na verdade, perguntar um padre sobre o casamento é como perguntar um senhor sobre os sentimentos de escravos. Já que jamais casei, também não tenho experiências próprias.”

“A Sua Reverência nunca teve pelo menos uma concubina? Ou uma namorada? Talvez antes de virar padre?”

“Tive uma namorada antes de virar padre, mas depois senti uma vocação para o ministério e tive que explicá-lo a ela. Mas concubina não tenho, sou um desses padres chatos que tomam as coisas a sério.”

Ele sorriu sobre sua ironia, e eu perguntei: “Ouvi falar que importa um padre não casar para não tiver outras obrigações além das com Deus e para não poder ser influenciada por uma esposa.

Mas que poderia tranquilamente deitar-se com uma concubina, meretriz ou escrava.”

“Bom, alguns dizem assim. Mas o apóstolo Paulo escreve muito do comportamento limpo do crente. Descreve um bom casamento, mas destaca que o celibato para alguns, que querem se dedicar mais ainda ao serviço, seria o ideal maior.”

“E como então acho a esposa ideal?”

“Bom, se a esposa ideal existe, só Deus sabe. A vida consiste de compromissos, e a esposa que seus pais te escolherem jamais será a esposa ideal. Eles escolhem-na só considerando certos aspectos como se é do mesmo nível social, se vem de uma família boa etc. Mas eles não conhecem o corpo dela, se ele combina com o do rapaz, e muito menos conhecem o coração dela, se este combina com o do noivo.”

“Meu irmão conheceu uma moça que disse que Deus pode colocar um parceiro de sua escolha em seu caminho, e então poderia ser um parceiro ideal, porque Deus o escolheu pessoalmente, e corpos e almas correspondem mutuamente.”

“Certo. Assim foi com Isaque, o filho do Abraão da Bíblia. Mandaram um servo para procurar uma esposa, e depois de uma reza Deus indicou

a esposa certa por um sinal. Foi um casamento ideal.”

“Sempre a gente tem que orar antes de receber um sinal?”

“Deus pode se manifestar sempre, só que nós muitas vezes não o ouvimos. Depois ou durante uma oração somos mais ligados para ouvir a voz de Deus.”

“E se Deus sinalizar uma moça para a gente saber que é a esposa escolhida por Ele, perfeita para combinar com o marido, mas os pais escolhem outra moça?”

“Isso é o problema. E o moço tem que obedecer aos pais. Por isso muitos casamentos não são ideais como os dos antepassados da época de Abraão e Isaque.”

“E se um homem branco recebe um sinal e Deus lhe indica uma moça mulata ou negra?”

“Se acontecer a gente teria que respeitar a decisão de Deus. Significaria que Deus não se importaria com raças ou pelo menos considera também a respectiva mulata ou negra como ser humano digna de casar com um branco; seja como for, o homem teria que obedecer. Mas se os pais impõem outra coisa, deve comunicar aos

pais, que Deus lhe deu um sinal, mas de qualquer forma teria que obedecer aos pais. Senão também qualquer escravo poderia desobedecer ao seu senhor alegando que Deus lhe tivesse dito outra coisa. Seria uma confusão total."

"E como será um sinal assim? Como o rapaz sabe que é a esposa certa que Deus fez para ele?"

"Bom, os sinais podem variar muito. Mas sempre fica para a pessoa bem claro que é algo sobrenatural. Não basta pedir a Deus em uma oração uma esposa ou um marido bom e depois sair e encontrar uma pessoa bonita em um baile e achar que essa será a pessoa que Deus mandou. Assim talvez funcionem horoscópios, mas Deus sempre faz algo milagroso como, por exemplo, comunicar antes que a moça certa lhe dirá certa frase ou tem um sinal determinado. Quando a coisa acontecer assim como Deus anunciou, ele vai saber que aconteceu uma coisa sobrenatural."

"Mas por que Deus não fala mais claro? Por que não manda um anjo ou anuncia o que ele quer de uma maneira, que fique acima de qualquer dúvida?"

“Deus não gosta de milagres espalhafatosos, porque não quer crentes, que se ajuntam à igreja porque se curvam ao poder de milagres, mas ele quer pessoas, que o seguem porque o amam e tem um coração bom. Também os milagres na Bíblia são bem sutis e não convencem os que não têm fé.”

“Os milagres contados na Bíblia são bem magníficos. Por exemplo, se a gente marchasse por um mar, que se abre e fecha para a gente como aconteceu com os israelitas no Mar Vermelho, qualquer um chegaria à fé.”

“Justamente. Qualquer um tornar-se-ia crente se o milagre fosse espalhafatoso assim como alguns o imaginam. Mas o povo de Israel não virou crente. Entusiasmou na hora por ser salvo, mas poucos dias depois fez uma vitela de ouro e adorou-a. Aí os senhores veem que o milagre não convenceu o povo, mas aconteceu de uma maneira, que só os crentes perceberam a mão de Deus. Os outros acharam que foi coincidência, uma coisa bem natural. Não entendem que tal ocorrência é extremamente rara e aconteceu na hora certa. Pode até acontecer que uma coisa assim ocorra mais uma vez na história da humanidade, mas dificilmente acontece na hora certa. Moisés levantou a mão, e levantou-se um

vento de uma maneira, que causou uma baixa do mar nunca vista, e isso seria coincidência? Ridículo, se julgar sem preconceito, mas quem não quer acreditar agarra-se com teimosia a sua teoria de que todas essas coisas seriam coincidências.”

“Então sua Reverência acha, que os milagres na Bíblia também não convenciam a todos, mas só aos que eram abertas para a palavra de Deus. Mas se eu recebi um sinal, mas não sei se o sinal foi mesmo de Deus ou se foi uma coincidência?”

“Geralmente a gente sabe distingui-lo. Deve sondar sinceramente e sem preconceitos seu coração, aí vai achar a resposta.”

“Mas Deus proporciona a todos uma esposa ou um marido ideal e a gente tem que descobrir, quem é o parceiro ideal?”

“Não sei, certamente não para todos. Por exemplo para os padres não vai criar uma esposa. Mas muitos dizem, que ele cria para muitos ou todos os outros homens uma esposa ideal, e vice-versa, e a pessoa deve orar e esperar que Deus lhe mostre a pessoa certa.”

Fiquei absorto nos pensamentos. Será que Deus queria que eu me casasse com a Rosalina? Será que ela seria minha parceira ideal? Mas por que

ele queria que eu me casasse com uma mulata e prostituta? Seria um castigo? Pode ser, que ele criou uma parceira ideal para ser a minha escrava ou concubina para eu poder casar com uma moça mais digna? Claro que gostaria de casar com a Rosalina. Mas ela é uma puta. Poderia até tirá-la da prostituição, mas seria uma perda grande, já que ela faz muito sucesso na prostituição. Mas se ela continua prostituta, fica debaixo da tutela de meu pai e de meu irmão e eles podem mandá-la em uma sucursal ou vendê-la. Se Deus mandasse um anjo e falasse de um jeito bem claro, então obedeceria, mas como posso agora fazer uma coisa tão absurda e casar com uma puta, ainda contra a vontade de meus pais?

Fiquei tão absorto que nem me dei conta por onde andei. Passava à toa pela sala, e de repente alguém pegou a minha mão. Foi uma velha muito caduca em uma poltrona. Segurou minha mão e a esfregou dizendo: “Moço, por que molesta o padre a respeito de sua esposa? Deus já lhe mandou o sinal.”

“Qual sinal? De que a senhora fala?”

Ela sorriu e disse depois de uma pausa: “O senhor já sabe.”

“Está falando de qual esposa?”

“O senhor já sabe quem será sua esposa. Ela é sua e o amará muito, a vida inteira.”

“De qual esposa a senhora fala. Sou solteiro.”

Senti uma mão nos ombros, a mão de um homem, e ele me conduz ao lado: “Não sei o que a senhora falou com o senhor. Peço desculpas se foi algo ruim, mas minha sogra é demente e não fala coisa com coisa.”

Nem sabia o que responder, na minha cabeça existia uma confusão total, mas a resposta me foi poupada por gritos de uma mulher: “Me solta, seu cafajeste, me solta.”

Chegou a uivar e gritar mais: “Solta!”

De repente os gritos pararam e em vez disso ouvi um grito de um senhor e logo depois a sala entrou em tumulto. Muitas pessoas se apertaram ao redor de uma mesa e não consegui ver nada, mas os outros explicaram que uma escrava negra do armador teria atacado um dos visitantes com uma faca.

Aos poucos cheguei a mais informações. Evidentemente foi um senhor que gostava de bolinar as escravas que não têm o direito de se defenderem contra tais mimos, que senhoras

chamariam de abusos, mas que todo mundo dá a escravas, cachorros, gatos e outros objetos de estimação. Só que este senhor, provavelmente já influenciado por muito álcool, enfiou a mão em baixo da saia da escrava, que trouxe salgadinhos, apertou muito e não quis soltar a escrava mais. Aí ela pegou uma faca para calar frutas e atacou o senhor.

A mulher foi logo imobilizada pela multidão, espancada e na presença do delegado e subdelegado foi logo amarrada e mandada na prisão. O senhor estava sangrando na face e no braço, e o armador mandou um escravo para chamar um médico farmacêutico ou um barbeiro para lhe aplicar um curativo.

Voltei à mesa onde deixei minha companheira. Ela não conseguiu comunicar-se com ninguém por causa de sua surdez e nem sabia o que acontecera. Já me condenei pela ideia de tê-la levado, talvez tudo foi só um constrangimento para ela. Mas não consegui saber de seus sentimentos. Quase foi como com a nossa índia, porque não teve como conversar com ela.

Uma senhora disse: “Alguns simplesmente esquecem que os negros são selvagens. Se alguém tiver um tigre em casa, jamais deve

esquecer que não é um gatinho. Qualquer hora pode acontecer algo e o tigre volta a ser uma fera. Esses senhores acham que as negras viraram gatinhas mansas porque andam vestidas de roupas finas quase como as da gente. E assim eles deixam se enganar pela aparência, e quando são levados pela libidinagem esquecem de amarrar as negras antes de fazer tais coisas com elas.”

Nosso navio negreiro, transformado em cargueiro de óleo de palmas, sob bandeira americana, saiu do porto em plena luz do dia. Não teria feito sentido sair na noite, como fazem os negreiros rápidos para escapar dos ingleses, porque nosso navio, de qualquer jeito, por sua lentidão seria visto deles.

Os marujos africanos começaram a se acostumar com o andamento do navio. Sua tarefa foi principalmente cuidar bem da carga feminina. Iriam passar por todos os esconderijos embutidos nas paredes e no assoalhado falso. A maioria das escravas só poderiam alcançar com muitos esforços braçais. Teriam que tirar no mínimo vinte toneis de óleo de cima para alcançar os de baixo, que abrigavam a carga

humana preciosa (carga humana ou semi-humana, já que os cientistas ainda não sabem, se negros são seres humanos).

Depois podem tirar os toneis com as fêmeas e alimentar as escravas. Poderiam também tirá-las dos toneis para lavá-las e para fazê-las andarem e dançarem ou para fazer outras coisas com elas. Tirados os toneis teriam acesso ao assoalhado, que abririam e teriam acesso a mais escravas.

Mas nos primeiros dias as escravas ficariam nos seus lugares. Era bom, ficar uns dias sem comer para não vomitarem e cagarem muito. Foram todas avisadas que era proibido gritar, gemer, bater na madeira ou fazer qualquer outro ruído; desobediência seria castigada com 40 chicotadas. Contaram-lhes também que iriam anotar o comportamento de cada escrava e que as boas seriam compradas por senhores e senhoras gentis que cuidariam bem delas, e as más seriam vendidas a senhores e senhoras cruéis, perversos e cruentos.

Depois de algumas horas no mar os marujos repararam a aproximação de dois navios da marinha inglesa. Logo os marujos abriram os esconderijos nas paredes e, pelo sim, pelo não, amordaçaram as escravas. Já para as no porão

não seria necessário, já que de lá dificilmente um grito chegaria aos ouvidos das pessoas no convés.

Mas as meninas escondidas nas paredes até poderiam ouvir, o que foi falado a bordo. Presume-se que não entendem inglês nem português, mas poderiam ouvir algumas palavras de marujos africanos e chegar à conclusão de que teria ingleses a bordo. E, quem sabe, uma arriscaria gritar por socorro.

Os navios trocaram sinais, chegaram mais perto a uma distância de 30 metros bordo a bordo e os ingleses perguntaram se seriam um navio americano. O nosso capitão respondeu em inglês rudimentar que sim e se eles queriam falar com o dono.

“Ele se encontra a bordo?”

“Sim.”

Aí apareceu Edward, nosso amigo americano, oficialmente estudante de direito. Ele se apresentou como empresário jovem que queria enriquecer com esse novo costume de negociar com óleo de palmas. Convidou os capitães ingleses para tomar um café a bordo e ver a qualidade pura do óleo, que comprou e que iria vender a preços caros nas capitais do Brasil,

onde teria muita demanda por coisas caras desta maneira.

O comandante inglês teria que se decidir. Aceitar o convite ou investigar o navio. Uma investigação de um navio americano seria contra as leis e iria trazer problemas. Se chegasse à luz, que não fosse um navio americano, tudo seria resolvido. Mas se fosse um navio americano de verdade, não poderia ser investigado. O comandante resolveu aceitar o convite calculando que ele e o capitão do outro navio inglês iriam avaliar as coisas a bordo para depois tomar uma decisão.

Para a sua surpresa o jovem americano trouxe logo os documentos do navio dizendo: “Já sei que os senhores certamente querem fiscalizar os documentos do navio. Meu tio é Graham Leicester, um dos grandes abolicionistas dos Estados Unidos, e ele me contou, que há criminosos, que compram esses negros coitados e singram o mar protegidos por uma bandeira americana de araque, muitas vezes até costurada por escravas que ameaçadas de chicote hão de contribuir desta maneira a esse negócio hediondo.”

A gente mandara falsificar os documentos por um artista de Recife bem hábil, mas desconhecendo de um documento americano, que poderia servir de padrão, só dependendo do armador, que já viu tais documentos e os descreveu, a fantasia do falsificador havia que substituir o que lhe faltou de informações. Não sabíamos, se um inglês iria conseguir ver a diferença entre nosso documento e os de outros navios americanos, que ele talvez já estudou.

Mas a tática do jovem vingou, e depois de ele ter oferecido os documentos ele as colocou em um estante para os ingleses os poderem estudar depois. Todo entusiasmado contou das possibilidades de enriquecer com óleo de dendê, elogiou a elegância das palmas e a gentilidade das pessoas na África. O administrador trouxe um copo com óleo e o jovem experimentou. Embora que o óleo puro seja desagradável, ele elogiou a qualidade e ofereceu o copo aos visitantes para eles também perceberem a diferença considerável em relação a óleo comum.

Os dois só cheiravam, e quando o Edward os convidou para ver os toneis no porão e contou das madeiras especiais que se usam na fabricação delas os ingleses alegaram que teriam

ainda outros compromissos, deram só uma olhada de longe ao porão e voltaram aos seus navios depois de assinar o livro de bordo para sua visita ser documentada nele.

Passada a zona com navios ingleses passaram ao oceano aberto, e depois de três dias começaram a levar as escravas a bordo para despreguiçar o corpo, já que sobretudo as negras forçadamente dobradas nos toneis sofriam de formigamento nas pernas.

Os marujos africanos viram a grande diferença entre eles com suas roupas novas e as negras nuas, famintas, assustadas e nuas e logo se sentiam uma casta bem melhor do que elas e qualquer sentimento de solidariedade ou piedade se dissipou, e quando as negras foram lavadas e andaram e dançaram nuas, viraram objetos de zombaria de seus compatriotas. Na verdade, também nem foram consideradas compatriotas, já que nem eram da mesma região nem da mesma tribo como as mulheres.

E assim também ninguém ficou de fora, quando finalmente as negras foram liberadas para serem estupradas.

Lucas trouxe em casa outros dois rapazes mulatos chamados Fernando e Isaque, que disseram que poderiam oferecer jovens mulatas e negras lindas. Perguntei de onde elas seriam, mas eles não quiseram contar nada sobre suas origens. Falei que não compraria negras roubadas de outros donos ou vindo de outras ações imorais ou ilegais. Fernando disse que não seria nada disso, mas só me contaria depois de eu ter visto as moças.

Lucas quis mostrar-lhes os óbitos e as descrições das negrinhas e mulatinhas falecidas, mas eu chamei o para conversar em particular e o repreendei: "É muito perigoso se outras pessoas sabem como a gente procede."

"Nada disso. É um segredo aberto, já que muitas pessoas lançam mão do mesmo jeitinho para arranjar escravos. Mas se o senhor achar por melhor, só lhes mostraremos as descrições."

Assim fizemos, e Lucas leu para eles os textos, já que os rapazes não sabiam ler. Fernando, o mais inteligente deles, decorou o conteúdo de algumas descrições que lhe pareciam interessantes. E três dias depois ele chamou a gente para a sua casa, onde nos apresentou três jovens lindas, uma negra e duas mulatas.

Perguntei de onde as seriam e ele nos contou que seriam filhas de negros e mulatos livres que vivem na periferia de Recife. Os pais trabalhariam em outros bairros deixando as jovens em casa dando lhes tarefas, mas elas sairiam da casa e eles as conseguiram aliciar para a sua casa prendendo-as em seguida.

A casa deles era do avô, um negro muito velho com uma só perna, que sentou em seu banco e sorriu ouvindo essa história como se ela fosse um conto agradável e divertido. Falei: “Se fossem meninas de rua ou meninas más aceitaria comprá-las numa boa, porque tirar tais sujeitas das ruas significa fazer uma coisa boa para a sociedade. Mas elas são meninas de família. Como vou comprar meninas que depois fazem falta a seus pais?”

Fernando minimizou: “Ah, mas os pais delas têm muitas crianças, ficará até mais fácil alimentá-las quando faltar uma.”

Falei: “Se os pais estivessem aqui e confirmassem que teriam a mesma opinião a respeito, até aceitaria as jovens, que realmente devem ser muito gostosas na cama, mas imagino que os pais ficariam muito tristes e abatidos por causa da perda, temendo até que foram

assassinadas, as suas filhinhas. É um crime reescravizar moças de família.”

Lucas disse: “É um crime de qualquer jeito, mesmo se fossem putas ou ladras. Mas o crime cai por cima desses dois marmanjos. Eles vão ser responsabilizados. De qualquer forma nós só compramos as meninas, não somos responsáveis por verificar a origem delas. Se compro uma banana na rua, também não sei se o vendedor a colheu em seu sítio, comprou de outros, colheu de uma bananeira em terra sem dono ou furtou de seu vizinho.”

Respondi: “Mas neste caso conhecemos a origem das meninas. Se eu soubesse, que a banana fosse furtada, também não a compraria.”

“Se todos pensassem dessa maneira, a gente não teria escravo nenhum no Brasil e o negreiro que mandaram para a África teria que voltar vazio, porque na África existe a mesma situação. Todos os escravos à disposição foram capturados, e a grande maioria são pais ou mães de família ou jovens de famílias, pessoas que fazem muita falta a outras, choradas por seus amigos e parentes que acreditam que seriam mortos. Se partir desse princípio um governo

justo teria que liberar todos os escravos, jogando o país em uma confusão total.”

“Ainda bem que adicionou que deixaria o país em uma confusão total. Sabe, existe injustiça pessoal. Pode ser que nasce em uma família em uma vila um músico igual a Mozart, um gênio. Mas infelizmente não existe piano nenhum nesse lugar, nem violino, nem igreja, nem coral, nada. Aí o menino não pode desenvolver seu dom e fica desconhecido. É injusto, mas ninguém poderia alterar as coisas.

Mas existe injustiça maior: Tem famílias que possuem muitas coisas, terras vastas, ouro, títulos e poder. Mas se uma pessoa possui uma terra, ela a comprou de alguém. Por exemplo, um fazendeiro rico comprou sua fazenda de outro fazendeiro. Os antepassados dele compraram-na de outro fazendeiro, e este a recebeu quando as tropas de um nobre conquistaram a região, escravizaram o dono da terra e a deram a esse fazendeiro por ter participado do assalto. Por isso seria usurpador dessas terras, porque as recebeu por um ato injusto, contra as leis. Seguindo dessa lógica também vender as terras seria legalmente sem efeito. Se ele não é o dono legal, não poderia ter

vendido a posse. Seguindo essa lógica ninguém seria proprietário legal de nada.”

“Caramba! Que teoria!”

Adicionei: “Ainda pior: Também governo nenhum seria legal. Por exemplo o governo da Europa. Antigamente o cabeça da Europa era o imperador. Mas quem é o imperador? No início teve os carolíngios, por exemplo o famoso Carlo Magno. Mas essa estirpe ganhou o poder por um golpe militar, uma simples traição contra seu rei legal, então seria um governo ilegal. Por conseguinte, todas as leis carolíngias seriam ilegais, todos os que herdaram seu poder, todos os reis instalados pelos carolíngios e todos os seus herdeiros seriam ilegais.

Nosso imperador no Brasil herdou o poder de uma casa de nobres europeia, seria então também ilegal.

Já os nossos vizinhos, os argentinos, desobedeceram ao rei de Espanha e em claros atos de desobediência e contra as leis formaram um governo, que seria então todo ilegal. Seguindo dessa lógica, neste país tudo seria ainda mais ilegal.”

“Mas se tudo fosse ilegal não existiria legalidade.”

“Pois é. Já que estudo direito sei, que o direito sempre parte do status quo, da situação em que vivemos. Se de fato os argentinos formaram um governo depois da rebelião, o governo é reconhecido legal, e se esse governo dá uma terra a alguém, ele é o dono legal. Se Napoleão tivesse ganhado a guerra, o mundo hoje seria dele, e ele poderia distribuir as terras aqui no Brasil como quiser, e o ato seria legal. Por isso podemos ficar tranquilos que as terras e outros posses nossos são legais. Se alguém compra uma fazenda do governo da Argentina, torna-se dono legal, embora que o governo no antepassado chegou ao poder por meios ilegais.”

Lucas ficou feliz com a viravolta em minhas explicações: “Que bom! E por isso as meninas tornam se nossa propriedade legal, mesmo se o Fernando e o Isaque as ganharam por meios ilegais.”

“Bom, seguindo dessa lógica...”

“De qualquer forma o nosso proceder não implica danos para a sociedade, mas, pelo contrário, beneficiamos a sociedade, porque o Brasil precisa de mais escravos. Quanto mais escravos tanto mais riqueza no país, e essa

riqueza beneficia com o tempo a todos os habitantes."

Tentei ainda discutir o outro lado: "Bom, pode ser que a sociedade ganha mais do que perde. Ganha escravas boas, mas perdem-se filhas e futuras esposas. Os que poderiam ser os futuros maridos seriam prejudicados."

Aí o Fernando deu a opinião: "As famílias delas têm muitas crianças, para elas uma menina não é uma perda importante. E os possíveis maridos? Se a gente contribuir para o país virar mais próspero, eles podem mandar vir esposas de Portugal, que seriam esposas brancas, melhorando assim o nosso país."

Lucas acrescentou: "É possível que as garotas nem virariam esposas, mas putas. Vejam como são bonitas! Os prejudicados seriam então somente seus fregueses. Mas seria o contrário. Virando escravas já agora, poderiam tornar-se putas mais cedo, beneficiando os fregueses. Ou elas trabalharão como escravas numa fazenda, gerando riqueza ao fazendeiro, ele gasta o dinheiro na cidade e as pessoas da cidade podem comprar com esse dinheiro putas de outros países ou do interior ou podem comprar outros

artigos que dão prazer. Então seria de qualquer forma um benefício para a sociedade.”

Falei: “Bom, então quero investigar as jovens. Têm virgens?”

Fernando respondeu: “A negra confessou que já transou. Aí o senhor vê que são meninas que vivem na perdição. Será muito bom para elas receberem uma educação boa e começar um trabalho útil a favor de outros.”

“E as duas cabritas?”

“Bom, disseram que seriam virgens, mas acho que o veuzinho dessa putinha parece já furado.”

Examinei primeiramente a negra e vi logo que o véu faltava. A primeira mulata teve um cabaço bem claro, uma pele embranquecida como a pétala fina de uma flor branca. Gostei e para prolongar o momento da apreciação dessa coisinha linda mostrei-a aos rapazes e dei explicações. A mulata, obrigada a ficar o tempo todo deitada com as pernas muito abertas, soltou pequenos gemidos, mas não chorou como algumas meninas costumam fazer.

Já com a outra menina era outra coisa. Achei um hímen, mas ele foi solto e aberto de um lado. Supus que alguém tivesse transado com ela com

por uns centímetros ela não demorava e contava que teve o costume de masturbar-se de vez em quando. Perguntei pelos detalhes, e puxando levemente em sua hastezinha ela aprontou-se para contar como costuma esfregar a mão entre as pernas, como massageia a carne até ficar levemente úmido, como ela abre a bucetinha imaginando que um rapaz fosse espiando. Perguntei: “E o que está fazendo com a outra mão? Costuma pegar em seu grelinho, assim como eu o faço agora?”

Ela soltou um soluço e admitiu: “É verdade, às vezes o faço.”

“O que mais costuma fazer, putinha? Enfia o dedo na sua boquinha de puta?”

“Só de leve.”

“Costuma chupar seu dedo antes de futucar a perereca, cadelinha?”

Ela fez de sim com a cabeça, chorando alto. Vituperei: “Fala sim, senhor, bruxa! Ou quer que te ensino falar educadamente com a chibata?”

“Desculpa.”

Dei um tapa nela: “Fala desculpa, senhor, sua caipira brejeira!”

“Desculpa, senhor.”

“Se é uma puta brejeira assim, certamente faz mais safadezas com a outra mão. Para onde a coloca além de na racha?”

Ela não respondeu logo, mas um puxavão em sua carne mais delicada bastou para ela contar: “Coloco-a no peito e esfrego.”

“Está também brincando com os mamilos até eles ficarem durinhos, piranha?”

Chorou mais alto: “Sim, senhor.”

“Demonstra à gente, como se faz. Quero ver, se falou a verdade e consegue fazer seus mamilos duros. Senão vai ter!”

Amedrontada ela apertou os mamilos até virarem erigidos. Perguntei: “Isso funciona com qualquer um? Posso tentar?”

“Sim, senhor.”

Brinquei com seus mamilos e depois exortei os outros para fazer o mesmo. Depois perguntei: “O que mais costuma fazer com sua outra mão? Costuma roçar as partes interiores das coxas, safadinha?”

“Sim, senhor.”

“E costuma enfiar um dedo no cuzinho?”

“Não.”

Puxei outra vez seu grelinho e logo ela mudou dá ideia: “Sim, mas só o fiz umas cinco vezes e só entrei de leve. Desculpa, senhor, desculpa.”

Chorou copiosamente, e eu perguntei: “Por que mentiu?”

“Esqueci. Esqueci que já enfiei um dedo.”

“Esqueceu? Será que é a verdade?”

Puxei mais na carnezinha e sugeri: “Como pode esquecê-lo? Será que não o fez por vergonha, para a gente não saber que você é uma puta tão safada e reles?”

Quando puxei mais a putinha mudou da ideia e admitiu: “Sim, fiz por vergonha.”

“Teve vergonha por ser uma puta tão devassa e suja?”

“Sim. Desculpa.”

“Então admite que é uma puta suja e devassa?”

“Sim.”

“Você quer que a gente te educa para virar uma menina boa?”

Chorou de novo mais alto: “Sim.”

Depois mandei para ela mostrar à gente, como ela se masturba, mas inicialmente ela ficou

tímida e não mostrou tudo. Só depois de uma chicotada revelou toda a sua safadeza, torceu-se ao chão, abrindo as pernas escancaradamente fuçando com os dedos em sua regada. Depois do show falei: “Se você é uma puta escandalosa assim, certamente já cometeu mais atos insolentes ou até criminosos. Masturbou-se com amigas, masturbou-se para rapazes? Chupou? Sonhou que transou com alguém? Com quem? Sonhou de ter sexo com mulheres ou meninas? Furtou algo de sua família, de sua mãe, de seus irmãos, de amigas? Furtou algo em uma loja? Cometeu outras coisas sujas ou proibidas? Quero saber tudo.”

Não quis dedicar-me mais à hastezinha dessa putinha. Estava na hora de os rapazes aprenderem algo útil. Sentei-me, tomei um café e assisti, como os jovens manuseavam o grelinho e desembuchavam ainda vários segredos guardados a sete chaves pela safadinha. E ela confirmou cada vez de novo, que é uma puta suja e queria ser educada por nós.

No final eu mesmo peguei a hastezinha dela entre meus dedos e falei carinhosamente: “No início você disse que não seria uma puta. Agora disse repetidamente que é uma puta e o demonstrou abrindo as pernas, mostrando tudo e

se masturbando cheia de frenesi em frente de nós todos. Agora diga: você é mesma uma puta suja e mentiu então no início, ou você é uma menina boa?"

"Sou uma puta. Desculpa."

"Será que é verdade? Vou verificar esticando sua hastezinha da verdade."

Estiquei o lóbulo mais uma vez, mas ela insistiu que seria uma puta suja. Falei: "Mentiu então no início. Já que te quero educar, vou te castigar, mas quero te dar a chance de mostrar seu arrependimento você mesma definindo o número de chicotadas a receber por mentir para mim, seu futuro dono."

Ela ainda não teve experiências em escolher um número certo e pediu cinco, mas quando a estimulei devidamente, ela chegou a pedir 80 chicotadas.

Fiquei satisfeito, e depois apliquei a minha arte de educar meninas também à terceira moça.

O preço de cada moça foi ainda negociado. Fernando queria 300 Mil Réis por peça, mas falei que por esse preço já se recebe escravas oficiais com documentação e tudo. Fernando

disse, que eu teria as certidões de nascimento e documentos delas, seria só acostumar as presas ao nome que consta de meus documentos. Falei que a documentação não foi trabalho dele, por isso não poderia cobrar um preço como outros cobram por moças com documentação. A moça, no fim, foi reescravizada ilegalmente, por isso a compra dela seria mais arriscada, porque poderia fazer uma queixa na justiça.

Claro que não contei a Fernando, que em nosso distrito seria quase impossível para uma moça, já que o juiz de paz é meu próprio pai, e por se tratando de uma puta qualquer delegado trataria seu pedido com desconfiança. Para que iria sujar sua reputação ajudando a uma puta contra uma família boa, honrada e com bons relacionamentos. Os outros poderiam pensar que ele seria freguês da puta e atuaria em favor dela porque ela o encantou tanto, que ele se pôs do lado dela, começando a ver o mundo com os olhos dela, então com os olhos de uma puta. Certamente uma vergonha para um delegado.

Já consegui negociar com o Fernando da forma, que ele ofereceu as três juntas por 400 Mil Réis, quando fiz uma oferta diferente. Falei que eu iria fazer um contrato com ele para ele me fornecer cada mês duas moças bonitas, e aí ele iria

receber cada vez 100 Mil por cabeça, ou mais consentâneo, por buceta. Se ele capturar mais, eu seria provavelmente disposto a comprar mais, se a qualidade for boa, mas a venda de duas lhe já seria garantida. Claro que o contrato não seria cumprido, se as moças fossem feias, insossas, fedorentas, mutiladas ou doentes.

Ele aceitou, e eu recebi as três putinhas por 300 Mil. Considerando que um professor primário ganha nem 50 Mil por mês, o Fernando ganhou uma fortuna, e isso com um trabalho de poucas horas, que lhe foi ainda muito divertido, sobretudo quanto ao que aprendeu sobre como usar o grelinho de uma puta ou escrava.

Depois da discussão a mulata ainda virgem alegou que teria ouvido por várias vezes a palavra “reescravizar”. Talvez fosse um erro nosso, porque ela jamais foi escrava; já nascera em liberdade. Respondi: “Mas você é negra, e seus antepassados foram escravos. Por isso o chamo reescravização, quando um indivíduo, que saiu da escravidão, embora que seja sua determinação natural ser escravo, é feito escravo novamente. Em seu caso já seus pais saíram da escravidão, e você voltou a ser escrava. De qualquer forma, um negro alforriado é nada, nem carne nem peixe. É livre mas não tem

cidadania certa, na verdade nem é brasileiro, mas é africano. Por isso, se eu fosse o governo, reescravizaria todos os negros vendendo-os a fazendeiros e outras pessoas para equilibrar as finanças públicas. Iria resolver o problema do país com a falta de escravos na lavoura e encher os cofres do governo com verbas.”

Bom, em casa coloquei as três putinhas na cafua e já que sei manobrar os grelinhos das safadinhas consegui em pouco mais de uma hora que todas reconheciam seu nome novo e sabiam de qual fazenda fugiram. Deixei as três na viga, mas já que só possui uma calcinha de ferro, construí mais uma de arame, de um só pino, já que a calcinha foi para a virgem, mas com um negócio para fixar e estender o grelinho. A terceira putinha teve que esperar um dia na viga até poder vestir a calcinha.

Quem recebeu a calcinha original foi a negrinha, e depois de enfiar também um pino pequeno em sua uretra a forcei a beber dois litros de água. Na outra manhã, quando acordei, fui ver a negrinha e ela já tripudiava por sentir a pressão da bexiga cheia. Quando soltei a calcinha e o pino uretral o mijo jorrou em esguichos enchendo a moça com constrangimento e vergonha. Depois perguntei cada puta por seu nome e sua origem e elas

excitou muito e perdeu o tempo. Avisado por mim em mútuo entendimento, Lucas aproveitou para examinar a menina, alegando que ela agora seria nossa. A menina aceitou a argumentação, embora que o dinheiro ainda não fosse pago. Também sabia que estava sozinha contra Lucas e os irmãos dele e se rendeu à força maior. Quando voltei com o tio, a menina estava nua, com as pernas escancaradas, e Lucas abriu logo o jogo: “Não achei pelezinha nenhuma e ela alega que foi o próprio tio que o tirou.”

O tio ficou mudo, mas a menina, quando a xinguei de puta pôs se a chorar e confirmou que foi o próprio tio.

Falei que neste caso não iria comprá-la, mas como cidadão bom teria o dever de proteger a menina, ficando com ela em casa até a polícia chegar. Falei com o irmão de Lucas para sair e procurar a polícia. O homem falou: “Que polícia? Não fiz nada. A menina está mentindo.”

Respondi friamente: “Bom, a polícia já vai achar a verdade.”

“O senhor sabe, que eles julgam como quiserem. Não há justiça. Prefiro deixar a polícia para fora. Até eu seria disposto para dar um desconto maior.”

Claro que jamais tive a intenção de chamar a polícia à minha casa, justamente porque tive a cafua cheia de meninas. Não tive o menor interesse de chamar atenção. Só quis ameaçar e assustar o sujeito para poder negociar a menina a um preço melhor. Chamei-o para conversar a sós: “O senhor estuprou sua sobrinha, sabe muito bem que vai ser preso. Não quero julgar sobre o senhor, porque acho que julgar é coisa de Deus, mas queria proteger a menina, como qualquer cidadão faria.”

“Mas o senhor não a transformaria em uma prostituta? Como então me julga?”

“Se ela é prostituta, exerce uma profissão e ganha com ela seu ganha-pão merecido. É algo honesto. Mas o senhor estuprou sua sobrinha, que deveria proteger. Em vez disso...”

“Na verdade, só a ofereci porque ela é prejudicial para mim. Ela tem um corpo doce que ninguém aguenta. Sucumbi. Mas para acabar com a safadeza em minha casa e para não chatear minha esposa resolvi vendê-la.”

“A policia vai decidir o que acontecer com o senhor e a menina.”

“Ela vai para o reformatório. Aí já deve ser considerado por certo que depois vira prostituta.

As meninas no reformatório são abusadas lá dentro e depois não têm outra saída. Prefiro ela trabalhar para o senhor.”

“Bom, ela pode trabalhar para mim, mas não vou mais pagar nada por ela. Não quero pagar a quem estuprou sua própria sobrinha e não vou ajudar pagando ainda por cima por ato brutal e imbecil assim.”

“Se o senhor não pagar nada posso reclamar na justiça. Vão devolver a putinha para mim.”

“Veja só: não quero gastar dinheiro com um caso duvidoso e criminoso dessa laia. Quem sabe, depois sua esposa reclama a posse da putinha...”

“Posso garantir que ela é feliz que a menina saiu...”

“Se a menina continua contando que o senhor a estuprou, o senhor está em maus lençóis. O máximo que posso oferecer é que fico com a putinha e vou fazer que ela nunca mais culpe o senhor pelo cabaço perdido. Já que percebi, que o senhor gosta de sacanagens, vou permitir que o senhor possa brincar mais vezes com essa escrava negra, sem limites. Pode fazer com ela o que quiser.”

se puta, não tem outra opção, como certamente sabe. Quer ser minha puta para eu te proteger? Senão vai virar puta na rua. Quer ser minha puta?”

“Sim.”

“Então pede por poder virar minha puta.”

“Peço por virar a puta do senhor.”

“Vai obedecer em tudo?”

Ela chorou, mas falou: “Vou.”

“Vai ser submissa, meiga e boa?”

“Vou.”

“Vai ao seu tio, ajoelha-se, beija os sapatos dele e pede perdão por ter mentido e espalhado o boato que ele te descabaçou.”

A menina obedeceu. Mais tarde coloquei-a na cafua, mas sendo ela pequena não apliquei a calcinha de ferro. Mas logo cedo da manhã o tio apareceu para brincar com as presas, e ele encontrou a sua sobrinha na viga. Aplicou, entre outras judiações, a calcinha e ela teve que pedir todos os dias perdão por ter espalhado “mentiras” sobre seu tio.

Uma semana depois apareceu Isidoro com um amigo, dois escravos de confiança da senhora e o filho mais velho de seu capataz, todos bem armados para protegerem o transporte, porque já foram assaltados alguns transportes de escravos por bandas armadas, que roubam e revendem os cativos.

Levaram além de uma penca de putas e escravas o Lucas e sua irmã virgem surda consigo. Iriam levá-los até o barzinho, ele ficaria ajudante de meu pai e ela iria estrear depois de ser leiloado seu cabaço. Recomendei o Lucas a meu pai em uma carta, acentuando que ele seria “um jovem muito esperto que sabe fazer nó em pingo de água”. Confessei que ainda não pôde testar a sua fidelidade e não cheguei a saber se ele sente algum amor por mim ou nossa empresa e nossos alvos. “Pode até ser que ele seja um mero calculista que pensa só na própria vantagem, mas ele é perspicaz e ágil e a sua ambição poderia ser aproveitada a favor da nossa família e para daqui a uns meses montar mais uma sucursal.”

Isidoro contou no café da manhã antes de sair que Raimundo transferiu toda a sua oficina ao campo de mineração que ficou há uns 50 quilômetros além da Vargem Alta, e ao lado da

oficina iria funcionar a nossa sucursal mais nova. Assim poderia continuar no seu ofício e mesmo assim supervisionar o bar. No dia a dia o bar ficaria sob comando de Rosalina, que foi transferida para estes ermos com mais quatro meninas e relatam que transam quase dia e noite porque não tem mulheres neste cafundó.

Senti uma dor no coração. Sempre senti que a Rosalina pertencia de alguma maneira a mim. Agora justamente o Raimundo a teria em seu poder. Sabia que ele é cruel, não de uma crueldade fria e profissional como nós. Claro que na educação de putas e escravas precisamos de certa severidade, mas ela deve ser sempre bem calculada para alcançar um alvo superior: a criação de putas boas e gostosas, o avanço de nossa empresa, a satisfação e a felicidade dos clientes. Ele, pelo contrário, é cruel de uma maneira desequilibrada. Pensei: “Ele vai estragar as meninas.”

Sempre me lembrei das dicas de meu pai como: “Se uma puta te aborrecer ao grau que a queira punir, não puna por impulso, sem refletir. A punição não deve ser um ato de vingança pessoal, mas sempre um meio deliberado para educar as putas e para aumentar direta- ou indiretamente o lucro de nós todos. Na dúvida,

anuncie que punirá a puta, mas durma antes de anunciar o tamanho da pena ou pelo menos antes de aplicá-la. Desta maneira tens ainda a chance de refletir sobre ela e comutá-la, se necessário."

Senti uma dor no meu interior como se ela fosse a minha esposa e eu seria responsável para salvá-la. Fiquei todo irrequieto e depois de o Isidoro sair com escravas e putas fiquei deitado um tempo em minha cama, mas à tarde resolvi andar um pouco. Encontrei o armador. Ele ficou aborrecido e falou que mataram a sua escrava que atacara o visitante. Estava junto com dois homens jovens que me foram apresentados como militantes do partido praieiro, o partido liberal, que há anos faz oposição ao partido conservador, que governava o estado e estava no poder também no país e teve uma influência muito forte sobre o imperador.

"Recebeu sentença de morte? Mas só feriu aquele senhor? Como seria possível? A lei não provê sentença de morte para escravos que ferem um mero visitante, que nem seja seu senhor."

Um dos dois amigos me explicou: "Ela foi condenada a 300 açoites. Rasgaram toda a sua carne, suas costas. Chegou logo depois na

enfermaria da prisão, mas adquiriu uma inflamação espinhal. Nessa agonia nasceu seu bebê, de sete meses aproximadamente, mas ele morreu e dois dias depois a escrava.”

“Sinto muito. É uma perda. Espero que o nosso negreiro chegue bem e traz bastante escravos, aí vai ficar uma para você.”

O armador reclamou: “Não intendo que eles insistem a dar penas de tantos açoites. Já morreram mais escravos por causa disso. Parece que eles querem dar uma lição aos donos para educarem seus escravos. Mas, puxa, qual culpa eu tive que um bêbado enfia sua mão suja no abdômen de minha escrava e não a solta, mesmo quando ela já estava com a faca na mão.”

O amigo falou: “Se fosse uma justiça justa, que só visa a castigar os escravos, iriam dar cada semana 50 açoites, e depois de seis semanas chegariam a 300.”

O armador disse: “Pois é. Em princípio, o estado nem se deve intrometer na questão como um senhor castiga seu escravo. Por exemplo, se meu cachorro morde uma criança, devo indenizá-la, mas juiz nenhum vai castigar meu cachorro nem me prescrever como teria que punir o animal. Não intendo por que se trata os escravos de outra

maneira do que cachorros, gatos, bois, ovelhas e todos os outros animais. É tão injusto!”

O outro amigo acentuou: “Isso mesmo. Castigar um escravo é coisa do dono! O governo deve respeitar os direitos e a liberdade dos indivíduos, e como cidadão devo ter a liberdade de educar meus escravos ao meu modo. Como o governo pretende educar meus escravos?”

O primeiro amigo falou: “A exceção seria que o governo poderia limitar o número de chicotadas para nenhum dono, na fúria, açoitar o escravo até morrer.”

O armador disse: “Exatamente. Porque matar um escravo não faz sentido. Quanto mais escravos, melhor para a economia. Se acha que não consegue educar seu escravo, o dono poderia vendê-lo. Açoitar até matar não faz sentido.”

Falei: “Ouvi que a Bíblia limita o número de chicotadas a 40.”

O primeiro amigo disse: “Bom, 40 para um negro safado é muito pouco. Talvez na época da Bíblia eles tiveram escravos brancos mais sensíveis. Um branco, quando virar escravo, continua a ser um ser humano e deve ser tratado assim.”

O segundo amigo ironizou: “E um negro? Ele vira um animal no dia em que é capturado e escravizado ou ele já é um animal antes?”

Falei: “Assim como um arbusto é um caso intermediário entre uma planta baixa como uma flor e uma árvore alta, talvez até mais perto das árvores, um negro é um caso intermediário entre um animal e um ser humanos, talvez até mais perto do ser humano.”

Respondeu o segundo amigo: “Então, se o nosso imperador casasse com uma princesa africana, ele casaria com um animal ou pelo menos com um ser intermediário?”

Olhei-o estupefato: “Como o nosso imperador iria casar com uma negra? Está doido?”

“Não sabe que para os nobres só existem dois tipos de seres humanos: os comuns e os nobres, de sangue azul, como se diz. E um nobre só casa com mulher nobre, não importando a cor. Para ele uma princesa negra valeria mais do que uma mulher branca comum.”

Ri pensando no absurdo de nosso imperador casar com uma negra, por mais princesa que fosse: “Que absurdo!”

“Absurdo só para as pessoas de hoje que confundem os valores. Na época do rei Salomão de Israel existia a famosa rainha de Sabá, que foi atraída pela sabedoria do rei Salomão, mas ele, apesar de mil mulheres no harém real, se apaixonou pela negra linda. Duzentos anos depois, na época do rei Ezequias de Judá e do temido rei Senaqueribe da Assíria o faraó do poderoso vizinho Egito foi um negro, e as princesas negras do Egito foram cobiçadas por muitos príncipes. Mais tarde os contatos entre reis negros e os reis da Europa acabaram, porque as regiões entre eles foram ocupadas por muçulmanos. Mas na obra Otelo de William Shakespeare o herói é um general negro na cidade Veneza, Itália, que é casado com uma mulher branca.

E vocês certamente sabem, que o rei da Inglaterra tem antecessores negros através da rainha Carlota, esposa do rei George III. E ela descende justamente de um ramo negro da casa real de Portugal.”

Assustei-me: “Do Portugal? Então o próprio rei português e assim também o nosso imperador podem ter sangue negro? E quem me garante que eu mesmo não tenha sangue negro em mim?”

Os outros riram: “Olha seus lábios cheios e sua testa! É mesmo descendente de negros!”

Depois o armador disse: “É claro que nós todos temos antepassados negros. No Portugal com sua miscigenação racial da época da ocupação muçulmana já é muito claro, e os portugueses casaram depois com ingleses, franceses...”

O segundo amigo interrompeu: “Ah, mas toda a Europa já foi misturada com sangue negro na época dos romanos. Acha que os soldados africanos estacionados na Alemanha, França, Inglaterra ou Sérvia não transaram com as mulheres e meninas brancas da região?”

O armador disse: “Com certeza. Como concubinas, escravas, putas ou simplesmente estupradas. Nossa! Há uns 1800 anos! Cada um desses guerreiros hoje deve ter milhões e milhões de descendentes!”

O primeiro amigo disse: “Mas um goto de sangue africano também não faz problemas. Mesmo se um cavalo tivesse um pingo de sangue de jumento, poderia ser um cavalo bom.”

Falei: “Pelos frutos devemos julgar as pessoas. Se alguém planta um arbusto e vê depois, que ele cresce e cresce e vira uma arvore, dando bons frutos, ele não a podará ou arrancará. Eu,

pelo menos, iria comer suas frutas com muito prazer.”

“Se ele tiver frutos.”

Respondi: “Claro, avaliaria a árvore pelas frutas. Se eu fosse dono do bar de meu pai, avaliaria as putas pelas frutas. Se uma negra ganhasse tanto dinheiro como uma puta branca, também não seria espancada ou chicoteada mais do que a branca, a não ser, um pouco mais por levar em conta o fato que a pele branca é mais sensível que a pele negra.”

O armador voltou a reclamar: “Uns poucos a mais, sim. Mas 300 de uma vez? É um homicídio deliberado. Sancionado pelo governo.”

O primeiro amigo disse: “No governo têm todos os grandes fazendeiros que possuem centenas ou milhares de escravos. Para eles um escravo não vale. E a nós, que possuímos poucos escravos, eles destroem a nossa propriedade. E agora já tem pessoas, que são contra a escravidão em geral. Mas esperem só. Se tudo vai bem, os dias do governo conservador são contados. E depois vai chegar o dia da vingança, nós vamos vasculhar as fazendas deles e tirar todos os negros dos quais se apoderaram ilegalmente, e

tem muitos! Nesse dia vou vir para você com duas escravas atreladas atrás de mim e dizer: Eles mataram uma escrava sua, agora tome de recompensação duas deles."

A conversa com o armador contribuiu mais ainda para eu ficar numa depressão sorumbática. Entramos em uma boate, bebemos uma cachaça e observamos um grupo de quatro dançarinas lindas. Elas dançaram de um jeito bem diferente do que vi, quando nossas putas são forçadas para dançar nuas. Animei me um pouco, e quando o gerente nos perguntou, se queríamos uma, falei: "Hoje não, mas o senhor me empresta uma por um mês, que lhe vou emprestar duas outras putas na troca?"

Ele achava que seria uma piada, mas quando percebeu, que falei sério, ele disse, que teria que ver minhas putas para saber da qualidade. Disse que queria que ela ensinasse as putas de meu pai.

O dono disse que um mês seria pouco, e finalmente ofereci três negras novas chegando direto da África em troca por uma dançarina. Ele se interessou: "Negras que ainda não são putas? Que eu teria de educar desde a estaca zero?"

Parece que gostou do desafio e a gente ficou na conversa. Voltei em casa meio bicado, acordei a irmã de Lucas e deitei com ela como boneca para me equilibrar e consolar com o cheiro da sua pele, sem bulir com ela já que não sou um desses perversos que transam com crianças, como já expliquei. Orei a Deus e pedi um sinal o que eu deveria fazer a respeito da Rosalina, mas quando o falei na oração tive todo o tempo a impressão que cometeria algo errado, porque estava pedindo um sinal, que na verdade já recebi. Não sei se foram meus pensamentos, parecia que essa ideia veio de outro lugar e invadiu minha cabeça. Assim senti uma culpa pesada e minha oração saiu frouxa e tímida. Comecei a negociar com Deus e disse, que se Ele quisesse, que eu casaria com a Rosalina enfrentando até meu pai, ele deveria fazer com que a menina em meus braços falasse algo sobre casamentos. Aí, por esse sinal, eu saberia que Deus queria realmente que me casasse com Rosalina e faria de tudo para obedecer a Deus. Claro, não poderia fazê-lo sem mais, porque meu pai jamais o deixaria, mas se eu soubesse claramente, que ela seria minha esposa ideal, feita e escolhida para mim por Deus, eu faria com que ela saísse do poder de Raimundo e

ficasse mais perto de mim para eu a proteger e pelo menos tê-la como escrava de estimação, e com o tempo viraria minha concubina ou até esposa.

A menina contou-me que o tio da menina de 11 anos chegara à tarde e achara a cafua vazia. Esqueci avisá-lo que teria que esperar alguns dias para eu encher a cafua de novo. Claro que os dias perdidos seriam adicionados depois para ele tiver realmente 30 dias para brincar com as escravas na cafua.

No outro dia fui aos cais e olhei o mar. Não era só para olhar pelos navios e pensar no negreiro, mas sobretudo para pensar sobre a noite passada e as palavras do padre e da velha maluca. Recebi sinais, sim, mas sinais meio estranhos. As palavras da Rosalina, meu sonho, as palavras de uma maluca, o sinal da cruz na bucetinha. Em sonho e palavra de uma maluca não podia basear uma decisão dessa importância. E o sinal da cruz na bucetinha? Talvez nem fosse uma cruz. Talvez sejam umas pintas que na minha fantasia viraram uma cruz, assim como a gente às vezes vê um sinal, uma figura ou um rosto nas nuvens ou em um arbusto ou em uma pedra.

Houve ainda a evidência que seu corpo, seu cheiro, tudo combinava comigo em uma perfeição tão grande como se alguém tivesse a planejado sob medida justamente para mim, mas poderia também ser coincidência. Sempre vamos um dia calar em uma puta que parece se encaixar mais do que as outras. Talvez ela se adaptou melhor aos meus trancos para convencer-me para levá-la comigo.

Realmente, não podia ter certeza. Casar com ela significaria perder a oportunidade de casar com uma filha do coronel Henrique, garantindo para mim um futuro como pessoa importante, quem sabe, um político.

Bom, poderia casar-me com a Ana Maria, mas levar a Rosalina como concubina. Mas por que teria que ser ela? Ela se considera algo especial, como se fosse minha esposa. Iria gerar problemas com minha esposa. Poderia levar a Analia como concubina. Ela já provou que sabe ser fiel, obedece em tudo, topa tudo. Quem me garante que a Rosalina tivesse conseguido o mesmo, se estivesse comigo em lugar da Analia? Pelo menos precisaria de um sinal claro. Por isso pedi um sinal a Deus, que eu defini bem claro. Se a menina me tivesse falado algo sobre um casamento como, por exemplo, que um vizinho

iria casar, eu tivesse tomado uma decisão em favor da Rosalina. Mas Deus ou me deixou na mão (talvez Ele acha que já fez a parte dEle e já mandara sinais suficientes) ou quer dizer que eu não devo fazer nada com a Rosalina. De qualquer forma não me deu o direito de pôr em risco meu relacionamento com o coronel e meu pai.

À tarde Sebastião, o irmão de Lucas, o moleque, que morava com sua irmã agora com a gente, avisou-me que o amado branco da negra, que prendara para ser reescravizada, evidentemente fechou a casa dela, pegou os dois filhos que foram dele e deixou o outro na rua. Sebastião trouxe o menino para mim. Teve 12 anos e acudiu ao nome Francisco. Contei-lhe que sua mãe agora estava trabalhando para meu pai e que gostaria que eu cuidasse de seus filhos, caso o seu amásio não cumprisse esse papel. Perguntei pelos outros dois filhos, duas meninas gêmeas, e ele confirmou que o pai delas virara buscá-las, mas que ele não sabia se seriam bem tratadas, já que a esposa do senhor certamente não iria aceitar filhos de uma concubina clandestina de seu marido. Bom, pedi a ele verificar de vez em quando a situação delas para

ver, se tudo estava bem com elas. Além disso disse que poderia me ajudar em minhas tarefas. Falei que deve, na minha ausência, obedecer a Analia.

Na noite bebi cachaça para afugentar os pensamentos macambúzios que me infestaram o cérebro e conversei com o Francisco. Dei um pingo a ele, mas ele não o gostou muito. Analia chegou mais cedo, dando-me o dinheiro que arrecadou com sua bucetinha linda nas ruas. Senti-me de repente arrependido por ter dito que o Francisco teria que obedecer a Analia, uma escrava e puta. Ele deve se sentir desprezado. Por isso mandei que a Analia dançasse nua para nós. Lembrei-me da dançarina na boate e queria ver algo semelhante em casa. Corrigi minhas palavras anteriores e especifiquei: “Quando eu estar em casa, você está em cima de Analia, porque ela é uma escrava. Pode tocar e bater nela e mandar por cima dela. Mas quando eu estiver para fora, por enquanto ela vai me substituir já que ela conhece as coisas e eu conheço o coração dela.”

Uma semana depois o presidente do partido liberal, o chamado partido praieiro, Antônio Chichorro da Gama, foi nomeado o novo presidente de Pernambuco. Não era novidade ter

um presidente liberal, porque tivemos já um presidente liberal por algumas semanas havia três anos. O imperador jovem Pedro II queria evidentemente ser moderno e acabar com o monopólio do partido conservador. Claro, para mim não foi uma notícia boa, já que meu pai recebe seu apoio do coronel Henrique e os amigos dele, que são todos do partido conservador. No partido liberal tem até pessoas abolicionistas, que querem tirar todos os escravos de seus donos legítimos e alforriá-las. Imaginem, o que aconteceria! Os negros, sem trabalho, teriam que viver nas ruas furtando e roubando.

Falam que o Antônio Chichorro, chamado por seus inimigos Antônio Cachorro, quer mudar muitas coisas. Mas não tive medo da possibilidade de os praieiros acabarem com a escravidão, porque é bem conhecido que o presidente Chichorro mesmo possui centenas de escravos, alguns falam em milhares. E, de qualquer forma, putas continuam putas, sendo elas escravas ou livres. Só as técnicas de as submeter são diferentes. As livres são submetidas pelas dívidas, que chefes inteligentes acumulam nas contas delas. Por isso donos de putas não precisam temer a abolição. Tenho

também amigos liberais como o armador que me poderiam proteger contra ataques do lado dos liberais extremistas.

Quando Frederico, o administrador negro da senhora Eleonora, viu a primeira gaivota, seu coração fez um pulo de emoção. Finalmente chegariam ao Brasil, depois de uma viagem cheia de aventuras incríveis, que ele não fez em sua condição de escravo, mas de um administrador. Inclusive, durante toda a viagem ninguém sabia que ele era ainda escravo, mas o tratavam como um livre. Foi ele, quem conseguiu os negócios, foi ele, quem pagou, foi ele, quem foi responsável pelo sucesso da viagem. Conseguiu escravas muito bonitas por preços bem menores do que calcularam antes. E das 59 mulheres e meninas só morreram 3 durante a viagem, um porcentual muito bom. Já dos 25 marujos negros determinados para serem escravizados no Brasil morreram também três, um por doença e dois em acidentes no convés durante uma tempestade. Não tiveram experiência e foram lavados por ondas no mar. Não tiveram chances de resgatá-los.

Dos 20 marujos brancos morreram dois já na ida e não foram substituídos, e na volta morreu mais um. Bom, três a menos para pagar com salário e bônus pelo fato que conseguiram levar tantos escravos vivos.

Ele ficou muito feliz de ter tido a ideia de colocar escravas nos toneis. O capitão era mais cético imaginando que não caberiam. Mas o administrador sabia, que negras novinhas são flexíveis e podem ser dobradas. Claro que era muito incomodo para as coitadas, mas não iriam morrer, como pensou. E o resultado lhe deu razão.

Depois dessa viagem seria um homem rico, mesmo sendo escravo. E a senhora foi lhe sempre muito boa, mas mesmo assim ele compraria a sua liberdade. Iria oferecer à sua senhora continuar em seu posto. Nem queria muito dinheiro. Queria o poder de um administrador. E sendo alforriado seria mais seguro para a eventualidade de seus senhores morrerem e ele ser herdado por outro senhor. Iria casar-se com uma mulata bonita e fundar uma família, construir uma casa de administrador na fazenda.

Todos os dias tiraram as escravas dos toneis e esconderijos embutidos. Menos nos dois dias da tempestade. Depois os marujos tiveram um dia de cão para tirar as escravas de toneis e esconderijos emporcalhados por vômito, mijo e às vezes também diarreia.

As jovens tiradas dos toneis arrastavam-se pelo chão gemendo e chorando, muitas delas incapazes de mexer as pernas em formigamentos fortes por causa da posição apertada e demorada nos toneis. Nem com chibatadas conseguiam se levantar, só depois de muitos minutos e gemidos e gritos dilacerantes elas manquejavam ou rastejaram ou engatinhavam até a escada e para cima ao convés.

O administrador prometeu a todos os marujos negros generosamente um salário triplo nesse dia por terem de lidar com a sujeira e ofereceu lhes cachaça, e assim o humor deles melhorou muito e eles começaram a lavar as escravas. Colocaram-nas acorrentadas entre os mastros e, já bêbados, lavaram-nas com muito fervor e alegria, lavando-as até várias vezes, cada vez esfregando-lhes as partes pudicas com mãos escorregadias cheias de sabão. Foi uma generosidade que lhe saiu fácil, porque no fim da viagem todos os marujos africanos seriam

escravizados e eles sairiam nus e sem seu dinheiro.

Os marujos brancos ficaram ao redor, assistindo e rindo. Era uma festa alegre para todos, dando vazão aos temores e angústias sofridos na tempestade, que era sobretudo para os marujos negros desacostumados com os perigos do mar um horror. Eles colocaram cada vez mais sabão nas bucetas das mulheres e o espalharam nos peitos e depois no corpo inteiro, inclusive esfregando-o rudemente nos rostos. Evidentemente até enfiaram dedos cheios de sabão nas bocas, já que um negro foi mordido nisso.

Foi um bom pretexto para açoitar a escrava, uma pena muito comum a bordo, que, no entanto, em toda essa viagem só uma vez foi aplicada a um marinheiro, um marinheiro do Brasil, que furtara duas garrafas de cachaça.

Já a escrava recebeu 40, sem piedade, e a aplicação fez a festa ainda mais animada. Os marujos amarraram a negra nua com os braços estendidos entre o mastro e das cordas grossas que o seguram e o barulho feio e a balbúrdia dos homens contrastaram com o dia lindo, a brisa

amena e o céu azul desse dia depois da tempestade.

Em seguida ela foi estuprada em cima do entabuamento do convés, mas os marujos não queriam fazer só fila para a negra açoitada, mas apoderaram-se também de outras negras. Nessa confusão ninguém prestou mais atenção na moça açoitada, e depois de uns oito ou nove se esvaziarem nela ela conseguiu se afastar e jogou-se no mar.

Aí a festa acabou, e os marinheiros aproveitaram o mar calmo para soltar um barco de resgate e conseguiram tirar a moça ainda viva das águas. Embora que quisesse morrer não conseguiu afogar-se, a vontade impulsiva de respirar era mais forte, e ela sabia nadar um pouco.

Tentaram continuar com a festa depois, mas já não era a mesma coisa. Pelo menos as escravas ficaram quase o dia inteiro no convés, e o administrador conseguiu desta maneira quatro objetivos de uma vez: divertir ao marujos para eles ficarem mais motivados, tirar o sarro deles para eles serem menos rebeldes e mais mansos, colocar as presas ao ar livre e fazê-las se mexerem, o que é muito importante para a

saúde, e humilhar e aviltá-las para escravizá-las e fazê-las mais mansas e submissas.

Quando, no fim desse dia, os marujos colocaram as meninas de volta em seus toneis e esconderijos, o administrador sorriu muito contente. Venceram a tempestade, conseguiram limpar as escravas, os marujos se divertiram e foram felizes, conseguiram resgatar a doida que se jogou nas águas. Até agora a viagem foi um sucesso total. O administrador elogiou a si mesmo e achava que mereceria um prêmio: escolheu uma jovem que lhe parecia muito gostosa e mandou acorrentá-la em sua cabina, que era minúscula, mas era só para ele, um luxo que além dele só o capitão tinha.

Uns anos atrás ainda muitos capitães ou outros oficiais viajaram o tempo todo com uma negra nua acorrentada em seu camarote, até no dormitório dos marujos ficaram às vezes algumas escravas acorrentadas. Esse hábito não era só divertido, mas permitiu também que podiam levar ainda mais uns fardos além da capacidade do porão.

Mas o risco hoje era que o navio fosse surpreendido na noite pela marinha inglesa e eles poderiam invadir o navio antes de poderem

desacorrentar e esconder as negras. Mas nesta noite não queria pensar nos perigos, mas queria relaxar.

Já que a maioria das meninas era de outra tribo não conseguiram entender os marujos africanos, e assim ficavam bastante desinformadas quanto ao seu destino. Nem sabiam por onde a viagem iria. As que ficaram presas no forte por muito tempo ficavam assustadíssimos com as atitudes dos marujos africanos, porque nas masmorras os homens foram solidários, e agora eles mostravam desdém e desprezo, zombavam das meninas, bateram nelas, chibatavam e estupravam. Parecia que todo o mundo as odiava por sua nudez e por serem escravas.

Na solidão escura dos toneis e esconderijos o tempo não passava e cada hora se arrastava enquanto as pernas começavam a doer e formigar cada vez mais forte. Muitas vezes já não sentiram seus pés quando de repente, depois de horas intermináveis, sentiram ruídos, e depois os toneis foram tirados do lugar, rolando por cima do assoalhado, deixando as meninas tontas e jogando esse poço de mijo e outros produtos no lugar mais baixo do tonel muitas vezes por cima da respectiva menina.

Elas não sabiam da alegria dos homens, que viram as primeiras gaivotas, uma ilha e depois a praia. Seguiram a costa até acharem a enseada destinada para o desembarque. Fundearam as âncoras na enseada, onde ficavam até um pouco escondidos, e o administrador foi com seis marinheiros à praia em um barco. Lá ele teve que andar a pé com um dos marinheiros, já que não dispunham de cavalos. Mas tiveram a sorte de encontrar um grupo de negros e um capataz do fazendeiro a cuja posse pertenciam os arredores da enseada. Este amigo do coronel Henrique foi informado pelo capataz e três horas depois chegaram escravos e capangas trazendo alimentos e cavalos. Como combinado mandou logo capangas para avisar o coronel Henrique e os outros que tinham participação no negócio, inclusive a mim.

O fazendeiro mandou os capangas e eles foram emboscar se uns 500 metros da praia. Algumas escravas e escravos montaram uma mesa com frutas, bebidas e alimentos em uma colina pequena onde podiam ser vistos do navio. Assim que os perceberam os marujos africanos e brasileiros saíram em grupos mistos de barco para a praia. Dentro da enseada as ondas foram bem menores e eles passaram a zona de

arrebentação sem problemas. Dois marinheiros brasileiros remaram o barco de volta, e os outros, uns dez, andaram em direção à colina. Antes de chegarem à colina viram uma tenda em um lugar mais baixo protegido por arbustos, e duas negras falaram para cumprimentar primeiramente o fazendeiro. Eles seguiram para frente, e foram forçados pelos capangas para levantar as mãos. Os africanos seguiram o exemplo dos brasileiros e se renderam, e um após o outro foram amarrados.

Quando todos os africanos ficaram bem amarrados, perceberam que os brasileiros abaixaram as mãos e continuaram livres. Para alguns foi um sinal de esperança, outros já sentiram a traição.

Enquanto os brasileiros subiam à colina para se alimentarem, os africanos foram tirados da vista, e quando a segunda leva apareceu, procederam do mesmo jeito até que todos os africanos foram amarrados. Já os primeiros marinheiros brasileiros voltaram ao navio para dar também aos outros a chance de ir à praia. Alguns ajudaram também aos capangas, que juntos com alguns escravos de confiança desamarraram um africano, tiraram-lhe a roupa de marinheiro, seu maior orgulho, e amarraram-no de novo, agora

nu. Assim procediam com um após o outro, até que todos estavam nus. Embora que o administrador tivesse dito que voltariam ao navio, alguns desconfiados tiveram todo seu dinheiro consigo, que foi recolhido com as roupas e devolvido ao administrador que o pagara tão generosamente durante a viagem.

Depois levaram todos os escravos amarrados e acorrentados sob chicotadas à fazenda. Vendo que evidentemente eram homens maus os cachorros latiram e ameaçavam agredir os africanos. Amarraram todos com as mãos para cima em uma viga, duas filas como soldados, mas todos amarrados e nus. Deixaram-nos deste jeito durante a noite.

Pela manhã foram cumprimentados por algumas chicotadas até que todos ficaram bem aprumados como soldados, dando a honra aos capangas e ao administrador. Este leu de voz alta o texto do governo do Reino de Daomé, que definiu que os homens fossem liberados apenas por três semanas, revogando o que fosse dito antes, para ajudarem na viagem como marujos. Depois voltariam a ser escravos. Por isso já seriam escravos há quatro semanas sem saber disso. O administrador e o capitão, por misericórdia e generosidade, não lhes contaram

antes, que viraram escravos de novo, mas, pelo contrário, os trataram bem e como homens livres, porque quem manda em um navio seria o capitão. Mas agora, na terra, valeriam as leis do país Brasil, e por isso deveriam manter a ordem e tratá-los como escravos.

O texto foi traduzido em duas outras línguas, e finalmente todos conheciam seu conteúdo e soltaram protestos veementes, que foram brutalmente sufocados com chicotadas e pelos cães agressivos que ameaçavam atacar os negros que gritaram mais alto, e estes temiam pela integridade de seus paus que pendiam justamente na altura certa para um cão que teria fome de uma linguiça.

O administrador declarou que ele não seria o responsável pela questão se seriam escravos ou não, mas que sobre seu destino foi decidido no Reino de Daomé. Ele simplesmente os comprou e iria revendê-los. Seria a decisão de cada um colaborar voluntariamente e virar um escravo bonzinho ou ser esforçado a chicotadas para trabalhar.

Em seguida o administrador pediu a cada um, que declare diante de todos que reconheça ser escravo. O primeiro se recusou e recebeu dez

chicotadas, depois se recusou de novo e recebeu outras dez chicotadas, recusou-se de novo, recebeu 20 chicotadas e concedeu a declaração, Dos outros muitos não resistiram e faziam a declaração desejada logo, outros depois de experimentarem dez, vinte ou mais chicotadas, mas seis homens, mesmo depois de terem recebidos 60 chicotadas, resistiram.

Os que tinham feito a declaração foram acorrentados e levados até uma mesa com alimentos e recebiam um café de manhã. Depois foram levados para um treinamento: tiveram que cavar um buraco do tamanho de dois sobrados para um pequeno lago com futura criação de peixes. Foram estimulados com chicotadas para aprenderem trabalhar sem fazer pausas, mas além disso foram tratados sem crueldade desnecessária.

Já os outros seis foram marcados no peito pelo ferrete incandescente com a letra R de rebelde, forçados a correrem por uma hora, sob chicotadas e acompanhados de cachorros, e depois aplicaram os anjinhos em seus dedões. Dois cederam e fizeram as declarações desejadas, os outros foram submetidos a mais torturas.

No entanto os marinheiros do navio acabaram de tirar as escravas dos esconderijos e toneis, lavaram, acorrentaram e levaram-nas até a fazenda. Elas foram colocadas na viga, que antes servia para os homens, e podiam ser investigadas pelos capangas, capatazes, a família do fazendeiro e até pelos moleques negros e pardos que corriam pela fazenda e satisfaziam sua curiosidade. Sendo eles crioulos se achavam muito superiores a essas selvagens nuas que nem conseguiam falar a língua da gente.

Um dia depois chegaram um capanga e um escravo do fazendeiro para me informarem. Eles também avisaram o armador, que iria junto conosco à fazenda. Sabendo que meu pai ou um incumbido dele iriam chegar à fazenda, assim como o coronel Henrique, resolvi aproveitar a presença do capanga para conduzir as duas presas novas da cafua até a fazenda, duas negras que recebi uns dias antes. Convidei o capanga e o escravo para dormir em casa. Divertimo-nos com as presas. Depois deixei a casa sob comando de Analia. Podem chamar me de louco que deixei tudo com uma escrava e puta, mas confiei mais nela do que em Francisco. Ele foi

muito novo e mesmo se fosse mais velho ainda não confiaria nele.

Nem comuniquei a Francisco nem às outras crianças a finalidade verdadeira de minha viagem, já que nosso negócio não somente foi tachado de ilegal pelos ingleses, mas por pressão deles até o nosso próprio governo abaixou uma lei bastante duvidosa. A lei já foi do 7 de novembro de 1831 e o artigo 2° dele diz: “Os importadores de escravos no Brazil incorrerão na pena corporal do artigo cento e setenta e nove do Codigo Criminal, imposta aos que reduzem á escravidão pessoas livres, e na multa de duzentos mil réis por cabeça de cada um dos escravos importados, ...”

Para mim, que já estudo as coisas jurídicas, é bem claro, que a lei não pode ser aplicada a nosso caso, já que não reduzimos pessoas livres à escravidão. Nossos escravos já foram escravos antes e podem agradecer a Deus, ou seja, aos deuses deles, que nós os tiramos das masmorras do forte na África, possibilitando-lhes uma vida melhor, conhecer uma religião melhor, quem sabe, aprender uma profissão, desde que cooperem e obedeçam. Mas a própria lei deixa a maior confusão, porque no artigo 1° define que todos os escravos que entrarem no território ou

portos brasileiros ficariam livres, com exceção de escravos brasileiros que viajaram e voltam para o Brasil ou escravos, que trabalham como marujos em uma embarcação. Segundo este artigo todos os nossos escravos trazidos com tantos sacrifícios poderiam ser liberados por um juiz exagerado, e quem já confia na lógica de um juiz? Ainda o artigo 5° promete a cada um, que delata um caso assim, uma quantia de 30 Mil Réis por escravo. Se tomar essa lei à sério, o Francisco poderia ir a um juiz e denunciar o nosso negreiro e ganharia a fortuna de três contos! Já era difícil, sob tais condições, confiar pelo menos na fidelidade de Analia. Mas era necessário ela saber de muitas coisas, mas não queria correr risco que a notícia chegasse aos ouvidos de mais pessoas.

Jamais ouvi de um caso em que a lei foi aplicada, mas sempre um juiz arrivista ou mal-intencionado poderia exemplar e multar a gente e liberar os escravos.

Quando chegamos à fazenda na noite do outro dia, todos os escravos já se encontraram na fazenda. Os quatro rebeldes ficaram em um tronco com os pés e mãos presos entre as duas

partes de madeira, sofrendo muito já que o corpo começa a doer nessa posição incômoda, e nisso os homens naturalmente sofrem muito mais do que as meninas com corpos mais flexíveis e leves.

As meninas ficavam durante a noite na viga, intimidadas pelos cães e picadas pelos mosquitos, e podiam ser usadas pelos capangas, marinheiros e outros interessados. Na fazenda se encontraram o fazendeiro negro, cuja fazenda ficou à distância de um dia, e eu, além de outros três visitantes. Recebemos um jantar suntuoso e depois fui dormir cedo. Não me interessei pelas escravas africanas já conspurcadas pelos capangas, mas escolhi uma mucama linda e calipígia (i.e. de uma bunda bonita) de uns trinta anos. Pedi que deitasse sua carne preto de bruços por cima de meus lençóis brancos e gastei meia hora acariciando sua bunda de globos perfeitos, macia, mas não mole demais, mantendo a forma certa. Coloquei minha cabeça nela como se fosse um travesseiro e inalei o cheiro de mulher. Mas já que minha cama era uma cama de solteiro mandei-a dormir no chão depois de ter acabado com ela.

Cedo da manhã as negrinhas novas foram lavadas por uns escravos e depois eu, o

fazendeiro negro, o administrador, o armador, o fazendeiro anfitrião, dois filhos adolescentes e dois dos visitantes examinamos as meninas, ajudados por uma negra velhinha conhecedora de doenças e de um negro, que sabia falar o idioma que a maioria das meninas entendeu. As outras falaram Fon como o administrador ou outras línguas. Como era de esperar: só achamos duas virgens, negrinhas pré-adolescentes mirradas e não muito atraentes, que evidentemente foram poupadas pelos marujos em todos os dias a bordo. Não conto aqui as quatro meninas entre 4 e 9 anos, que o tempo todo foram protegidas e nunca liberadas para serem usadas pelos homens.

Quanto a outras doenças não achamos nada além dos problemas na pele devido ao fato que deitaram por muito tempo, muitas vezes em madeira úmida por seu próprio mijo, e feridas leves em cuzinhos devido ao fervor de alguns homens que enrabaram as jovens, que muitas vezes têm ainda bundas muito pequenas em comparação a muitas negras adultas culatronas.

Destacou-se uma negra briosa. Embora amarrada como todas as outras não teve aparência de uma escrava. Seu olhar foi reto e claro, como o de um cavaleiro, que sabe o que

faz, e ela me olhou diretamente nos olhos quando investiguei sua face. Abriu a boca quando a examinei, mas era como se o ato foi antes uma humilhação para mim do que para ela. Peguei suas tetas e sacudi-os, puxei e apertei os mamilos, mas ela não abaixou os olhos envergonhada, como qualquer outra menina o faria. Queria me desafiar, e por isso sorri e belisquei seus mamilos. Vi como seus olhos ficaram mais estreitos, escondendo as dores, mas ela não abaixou os olhos. Fiz algumas notícias e depois examinei a região entre as pernas. Desta maneira ela não podia mais ver meus olhos e ela abaixou seus olhos um pouco até os peitos dos homens sorridentes ao redor dela, e quando abri suas rugas e coloquei meus dedos, seus olhares percorreram irrequietos os peitos e rostos dos outros. De vez em quando levantei o rosto para observar, se meu tratamento acabaria com o orgulho da jovem negra, e também quando abri suas nádegas para testar a consistências da carne e de seu cu, ela não abaixou envergonhada o olhar. Abri sua buceta de detrás com as duas mãos, e aí, por uns segundos, ela abaixou os olhos, mas quando fiquei novamente em frente dela, seu olhar virou de novo galhardo e sereno.

Coloquei meu dedo diante de seu nariz para ela cheirar sua própria vergonha, mas ela não mudou a impressão. Seu olhar me lembrou ao da minha mãe, quando olha as meninas menores no bar fazendo travessuras. Um ar que mistura repreensão com o entendimento pelas brincadeiras infantis delas.

Coloquei meu dedo entre seus lábios da boca para provocar uma reação, mas ela não se mexeu. Era assim como a índia, quando a capturamos. Uma princesa nata. Pedi para traduzir minhas perguntas e perguntei por sua origem, mas ela não respondeu. Ou não entendeu nada ou não queria falar comigo. O administrador falou que ela se comunicava com outras meninas, e elas entenderiam o escravo da fazenda, que trouxemos, por isso deve ter sido birra de não responder. Recebeu algumas chibatadas e depois fui para a próxima candidata, mas sempre os outros homens, pelo menos em parte, faziam depois suas próprias investigações, fazendo suas próprias notícias. Assim as bucetas das meninas foram abertas e fechadas continuadamente como uma caixa em uma venda bem frequentada.

As investigações demoraram até o almoço. Ganhamos muito com a expedição bem-

sucedida, mas não era só aplicar dinheiro e pôr as mãos a abanar; tivemos também um trabalho vasto com a educação e formação das novas escravas e putas. E inspecionar bucetinhas e cuzinhos, mesmo de jovens escolhidas, nem sempre é tão agradável como se imagina, às vezes se veem coisas que a gente não gostaria de ver. Bom, sei que em certos países existem veterinários e médicos, mas aqui fazem falta. Também não seria prudente envolver muitas pessoas no negócio. Chegados salvos à nossa terra estávamos fora do alcance dos ladrões ingleses, mas o navio deveria fazer mais viagens, e por isso não deve ser reconhecido pelos ingleses. E sempre tem pessoas bem diferentes. Assim como existem cristãos que nas guerras contra os muçulmanos lutaram com eles existem também brasileiros que ajudam aos ingleses contra seus próprios compatriotas, delatando os nossos navios negreiros aos ingleses. Avisam o cônsul inglês ou outras pessoas inglesas e estes informam os navios bélicos ingleses no porto ou avisam na noite os navios no mar com sinais de fogos. E o governo brasileiro tímido não prende tais traidores, e muito menos os ingleses.

O filho mais velho do fazendeiro se divertiu muito abrindo todas essas bucetinhas e nádegas pretas, tocando nos peitos e batendo nas bundas com uma chibata fina. Já o irmão menor dele parecia que sentiu piedade com as peças. Nessa idade tenra ainda não conseguiu trata-las simplesmente como mercadorias quaisquer, de cabeça fria e mercantil, mas deixou-se inspirar pela semelhança aparente com seres humanos a sentimentos normalmente exclusivos para com nossos próximos, então para com nossos concidadãos ou outros seres humanos que precisam de nossa ajuda, sentimentos como misericórdia, simpatia e amor.

Seguiu ao seu irmão mais velho meio encabulado, mas com o tempo aprendeu, como é divertido brincar com as negras nuas, e depois de duas horas não quis mais parar de puxar mamilos e de bater com sua chibata fina nas bundas para as negras se curvarem, contraindo e encolhendo a padaria e empurrando a perereca para frente como se quererem oferecer essa boca safada aos homens. Acabou ironicamente com uma chamativa de seu pai, que o repreendeu por bater forte demais.

Na tarde, o administrador exigiu de cada escrava uma declaração semelhante à dos homens. As

que se recusaram receberam chicotadas iguais aos homens, mas a pele delas, já ferida por terem deitado muito tempo nos navios, começou a sangrar e eu protestei, porque nos barzinhos precisamos de meninas com pele lisa e macia. Expliquei que tem métodos mais sutis, modernos e efetivos e mostrei, como a gente consegue quase tudo apenas puxando o clitóris das entrevistadas. A “princesa” negra disse logo o que devia, sem me dar a chance de testar a elasticidade de sua hastezinha linda, mas todo seu olhar exprimiu desdém e soberania de uma maneira que fez que em vez dela eu mesmo me senti envergonhado de tratar uma suposta princesa tão mal.

Todas menos duas faziam a declaração. Não quis arrancar os grelinhos dessas duas birrentas, porque vim preparado com algo melhor: Trouxe as duas calcinhas, o original de ferro e a improvisada de arame.

Nessa fazenda tais calcinhas foram desconhecidas e todos os homens presentes, toda a família do fazendeiro e do capataz e os moleques, que andaram por todo o lugar admiraram o funcionamento interessante do

mecanismo que se encrava profundamente na carne da delinquente e a submete na maioria das vezes já durante uma só noite, amolecendo lhe o espírito de birra e rebeldia, tornando-a mansa, meiga e dócil.

Depois de colocar as duas calcinhas, enfiar os pinos e apertar os parafusos no clitóris, as outras escravas foram levadas para o buraco enorme, que os negros abriram. Os negros foram trabalhar em outro lugar, e as meninas nuas desceram na lama para aumentar o buraco com enxadas, picaretas e pás. Foi algo impressionante ver todos os corpos nus mexendo-se nesse buraco. Visto da colina pequena ao lado dele pareciam formigas em um formigueiro. Fiquei emocionado porque sabia que tive parte importante no fato que todas essas jovens bonitas agora estavam aqui no Brasil para servirem a nosso país e à gente.

Quando fiquei muito mais velho ouvi de uma invenção que permite filmar tais cenas para também os posteriores poderem se deleitar na beleza ou satisfazerem a sua curiosidade. Neste momento pensei que alguém deveria inventar um negócio assim que permitiria guardar algo, da mesma maneira como a gente guarda tais cenas emocionantes na cabeça.

Ao redor da cavação corriam cães que latiam o tempo todo, ameaçando as meninas, sentindo que eram ainda meninas boçais e más, e os capangas e capatazes usaram bastante os chicotes para manter as putinhas sempre em movimento, trabalhando com ardor e fervor. De vez em quando foram interrompidas para aprenderem ordens simples na língua portuguesa como “Levantem as mãos”, “De joelhos”, “Levantem-se”, “Sentem”, “Deitem no chão”, “Abram as bucetas” e “Abram as bundas”.

Primeiramente o capataz falou em português, depois alguém traduziu. As meninas que não entenderam nenhuma das línguas faladas imitavam simplesmente suas companheiras. Com o tempo as ordens só foram dadas em português e as negrinhas e negras começaram a reconhecê-las. Os chicotes jamais davam trégua, e quando não se ouviram estalos das tiras na pele negra pelo menos se ouviu o ruído sibilante que as tiras fazem no ar, quando são sacudidas para ameaçar e intimidar. Por isso, as putinhas aprenderam muito rápido e depois de algumas horas todas sabiam as suas primeiras palavras em português.

Depois de algumas horas escravos trouxeram três bacias com água, três copos e três samburás

grandes de taquara cheios de bananas. As negras na escavação fizeram três filas em frente às três bacias. Cada bacia foi armada com dois homens, e eu participei voluntariamente em uma dessas duplas. Cada menina recebeu um copo de água.

Já que elas tiveram mãos sujas de terra e para acostumá-las a se sentirem dependentes não deram o copo em suas mãos, mas demos o copo a elas. O cabelo das putinhas foi raptado antes da viagem, mas agora já deu para pegá-lo na nuca e segurar a cabeça e colocar o copo na boca delas. Era quase como dar leitinho a um bebê e teve algo que me tocou no coração. Senti-me mais perto dessas almas jovens e vulneráveis, embora que animalescas e boçais.

Depois cada negra recebeu metade de uma banana. Descasquei uma banana só até a metade para a primeira menina não poder devorar tudo e lhe dei a banana na boca. Depois de ela ter abocanhado a metade mandei-a embora, tirei a casca e dei o resto da banana na boca da próxima putinha. Quando dei as bananas às africanas, senti-me lembrado da eucaristia, quando o padre coloca na boca de cada crente um pedaço de pão. Ao que contou aquele padre falso existem igrejas em outros países cujos sacerdotes dão também o vinho a todos os

crentes. Será que os padres e sacerdotes sentem a mesma emoção quando dão o pão e o vinho a cada um de seus sequazes?

Por mais estranho que parece, mas acho que comer das mãos de alguém solda uma reunião entre eles. Acho que todos os escravos e todas as putas devem comer, pelo menos de vez em quando, das mãos de seus senhores.

Depois fizemos as meninas correr para buscar suas ferramentas e continuar com o trabalho. Por falta de ferramentas nem todas tiveram algo na mão, mas já que sabiam que inércia atraía a tira do chicote como um imã, cavaram com as mãos desprotegidas e corriam de um lado para o outro para colocar a terra nas esteiras, que foram tiradas para fora da escavação.

Quando uma menina teve que mijar ou até que cagar, teve que correr a um cantinho logo em frente aos homens que as vigiavam, e mijar vista por todos e ameaçada pelos latidos e rosnados dos cães e o assovio dos chicotes, e quem demorava muito agachada sem conseguir mijar ou cagar, foi despertada de sua morosidade por um golpe mordente de um chicote na sua pele.

Foi um verdadeiro inferno para elas, mas não o fizemos por sermos cruéis, mas para educá-las,

quebrantá-las, submetê-las e para adequá-las às necessidades em nosso país. Assim elas teriam depois menos problemas para adaptar-se ao trabalho como escrava no eito ou em uma casa ou como prostituta-escrava. Depois desse inferno elas apreciariam a sua situação, quando estiverem em seus prostíbulos, barzinhos ou fazendas, sendo gratas por terem uma vida mais regular, e assim seriam mais felizes. Nós queremos que virem felizes, porque putas felizes mantêm melhor sua formosura e têm muito mais clientes, mas a felicidade é também um benefício para elas mesmas. Por isso o tratamento duro e aparentemente cruel na verdade beneficia as escravas em vários sentidos.

Não é só tratamento para putas e escravos que segue desse princípio. Como se sabe, também grumetes novos ao bordo dos navios, soldados novos no exército e muitos outros novatos são submetidos a um tratamento duro no início de suas vidas profissionais, e muitos são também chicoteados. Quanto melhor a educação, maiores as chances de fazerem carreira por virarem feras em suas respectivas profissões. Por isso não vejo nada errado em nosso procedimento.

Mais tarde chegou a senhora Eleonora com quatro escravos de confiança. Também ela admirou as duas calcinhas, abriu as nádegas e as dobras pudicas pretas e já bem suadas pelas dores e medos sofridos e por causa da dança virtuosa que as duas nos apresentaram até ficarem exaustas, de pernas bambas, quase pendurando como desmaiadas na viga.

Admirei o contraste entre a senhora dessa fazenda que foi como muitas senhoras uma balofa mole e com o corpo todo fora das formas que Deus lhe concebera, enquanto a senhora Eleonora, mesmo sendo a mais velha, manteve a boa forma do corpo e uma certa beleza mesmo nos anos avançados, cavalgando garbosamente em seu cavalo em frente aos seus escravos. E enquanto a Eleonora trabalhava e construía uma fortuna, a outra vivia reclamando dos escravos preguiçosos, do calor abafador, dos mosquitos pertinazes, do marido estuprador de negrinhas e mulatas e até de Deus.

Jantamos e discutimos sobre tais calcinhas e como se domina escravas e putas através do clitóris. Um dos visitantes, um marceneiro, que estava na fazenda por algumas semanas para fabricar moveis para o fazendeiro e ensinar a sua arte a dois negros, disse: “Já que não vejo outra

função ou utilidade desse órgão ele deve estar justamente nas mulheres e meninas para facilitar a educação delas.”

A senhora riu e contestou: “O senhor acha, que Deus o fez para esse fim? E por que as meninas brancas também possuem essa hastezinha?”

“Bom, aí não sei. Talvez já foi preparado para a eventualidade de elas se tornarem escravas também. Ou para os maridos e pais que têm mulheres e meninas muito rebeldes.”

Falei: “Também na Europa os nobres têm servas, e elas são brancas.”

Outro visitante que trabalhava como barbeiro viajante cuidando dos penteados das senhoras e senhoritas nas fazendas e cuidando de doenças de seres humanos, escravos e animais inclusive pequenas cirurgias, opinou: “Sei que também brancas podem virar escravas, por exemplo na África. Mas certamente não é a vontade de Deus que as brancas, que geralmente são cristãs, sejam capturadas pelos muçulmanos e vendidas na África. São estupradas sem fim, espancadas, e muitas, no seu desespero e para melhorar sua condição perdem a fé e viram muçulmanas. Aí certamente Deus não forneceu grelinhos às mulheres brancas para os muçulmanos poderem

dominá-las mais fácil. Mas como médico tenho que supor, que a raça branca possui grelos em seus espécimes fêmeos para não gerar problemas na miscigenação. Se as brancas não tivessem grelinhos, também muitas mulatas herdariam através de seus produtores brancos essa tendência."

Completei o discurso: "E justamente as mulatas tendem a ser mais vaidosas e rebeldes e precisam de uma educação refinada, e nessa a existência desses lóbulos piegas é muito útil."

A senhora perguntou: "E será que os negros machos não têm um órgão semelhante? Afinal de contas são justamente os machos que fazem mais problemas. Meu vizinho o capitão Hermes foi atacado por um escravo negro e levou uma facada no braço. Sorte dele que o capataz estava por perto e derrubou o criminoso."

Os outros ficavam com curiosidade e a senhora teve que contar mais detalhes: "Foi nada de grave. O negro recebeu do senhor uma negra como esposa, e eles viveram como em família. A negra já tinha três filhos mulatos, e pariu para ele mais oito filhos negros, a mais velha uma menina que na época teve 11 anos e era bonita. Certa vez chegou um visitante à fazenda e

pediu-a para aquecer-lhe a cama. Bom, o pai da negrinha se arvorou em protetor dela, como se ela fosse dele e não propriedade do capitão, e o atacou com uma faca. Sempre foi um negro bom, mas de repente virou criminoso.”

“E o que faziam com ele?”

“A pena foi que lhe cortaram o pau, mas não de vez, mas cortando sempre uma posta, mais ou menos como quando cortar uma banana em pedaços. E sua esposa foi dada a outro escravo e os filhos dele foram vendidos. E justamente a menina de onze anos, que queria proteger, foi vendida a um prostíbulo, para os escravos aprenderem que rebeldia causa o contrário do que querem alcançar.”

O fazendeiro negro disse: “Meninas de onze anos ainda não são preparadas para transar. O governo deveria abaixar uma regra que regula que meninas podem ser defloradas só com 12 ou 13 anos.”

A senhora respondeu: “Mas cada menina é diferente. Algumas entram mais cedo na puberdade, outras mais tarde. Melhor não falar tais coisas. O novo governo liberal no Rio vai ainda pôr em prática tais ideias que acabam com

os direitos dos cidadãos por cima de suas propriedades.”

O fazendeiro disse: “Se um homem possui uma árvore mangueira, é decisão dele se ele espera até as frutas sejam maduras para ele as comer ou se ele prefere comer algumas frutas ainda duras e verdes. O mesmo vale para as galinhas e porcos. Depende só dele se ele os abate ainda novinhos ou se ele espera eles crescerem mais. Por que teria que ser diferente com as negrinhas dele?”

O barbeiro disse: “Mas essa história com o pau cortado que nem bananas me deu uma ideia. Não tem esses quatro negros que até agora não se submeteram à declaração? Já foram chicoteados algumas vezes, mas insistem em sua caturrice. Quem sabe a gente corta pedacinhos do pau deles. Acho que qualquer homem com inteligência mínima se submeteria logo.”

O fazendeiro refutou: “Mas eles não são inteligentes. Cortar o pau não quebra a rebeldia, muito menos se cortar só um pedaço. E, quem sabe, instiga até a vingança desses animais.”

Falei: “Acho também. Se cortar um pedaço, a gente deveria cortar tudo e capar o sujeito, tirando os testículos e tudo, como se faz também

em certos outros animais, aí eles viram mais mansos. Mas como se sabe, muitos morrem depois da castração. Mas o senhor não tem um moedor de carne? A gente mostra-lhes como ele funciona e aí, com certeza, eles viram cabresteiros como cordeirinhos.”

A senhora aplaudiu: “Nossa, você é um gênio. Um moço tão inteligente! Vai virar ainda ministro do governo!”

O fazendeiro negro adicionou: “Mesmo se o primeiro tardar a se submeter e a gente moer a ponta do pau, iria ceder logo, e essa lição sanguinolenta bastaria para os outros se submeterem logo. Assim pelo menos os três sairiam sem ferimentos.”

O barbeiro falou: “Acho que não vai chegar a esse ponto. Mesmo sendo negros boçais devem ter tanta inteligência para se submeterem neste caso o mais rápido possível. Mas caso que for necessário moer a ponta do pau do primeiro, depois se deve cortar o pedaço moído para sarar melhor.”

Falei: “Claro que sim. Mesmo assim deve ser uma chaga grave. A gente vai escolher o negro que parece o mais barato entre os quatro, de menos valor para o dono.”

O barbeiro prometeu: “Sei lidar com pau cortado. Já capei negros que se apaixonaram de moças brancas e foram capados pelos donos. A gente estagna o sangue com fogo e pez. O importante é enfiar um pedaço de palha ou outro tubozinhos fino na uretra, senão o sangue seca e a crosta fecha a uretra e o delinquente não consegue mais mijar e morre por intoxicação interna.”

Na outra manhã colocamos o moedor em frente dos quatro negros teimosos e um escravo começou a moer carne. Os negros estavam famintos e abriram as ventas na maneira deles cheirando a carne. Depois de moer bastante carne, que depois faria parte do almoço e jantar, exigimos dos negros de novo a declaração, com chicote em riste, mas mesmo assim eles se recusaram. Aí mandei o escravo pegar o moedor e segurá-lo em frente do pau do negro mais baixo e mais feio. Outro escravo pegou o pau do delinquente e o segurou e passou por dentro do moedor. Quando o criminoso percebeu o que lhe fariam gritou alto, e o tradutor explicou que pediria por piedade e faria a declaração e qualquer outra coisa que a gente queria.

Vendo essa rendição rápida, também os outros não resistiam e se renderam. Claro que foram só palavras e a rebeldia e falsidade deles ainda não foi extirpada. Mas era um início.

Na verdade, submeter escravos machos no mesmo grau como as fêmeas deve ser impossível. Não sei, se os cientistas ainda inventam algo no futuro. Já com as fêmeas meu pai desenvolveu um sistema para submeter-lhes não somente o corpo, mas também o espírito, o coração e a alma, cortando o mal como a rebeldia, a falsidade, a preguiça ou a morosidade pela raiz.

Mas fiquei feliz com o sucesso que obtive com o moedor de carne. Mais uma vez venci a pertinaz obstinação dos pretos sem os ferir, mutilar nem matar. Sempre já expliquei que a educação boa e inteligente de escravos e putas serve também para seu próprio bem, para eles virarem trabalhadores ou putas bons, submissos, que fazem sucesso, e para poupá-los de danos maiores. Foi esse um exemplo bem claro, porque pelo proceder inteligente com o moedor como antes com os grelinhos evitamos excesso de chicotadas, que em muitas fazendas, pelourinhos e prisões causam ferimentos graves e feios e causam até muitas mortes.

No almoço meu pai e o coronel chegaram, acompanhados por capangas e mais dois fazendeiros aliados do coronel e alguns capangas, escravos de confiança ou outros acompanhantes deles. Primeiramente eles inspecionaram as mercadorias e se mostraram contentes. As meninas já rejuvenesceram nesses dois dias ao ar livre e com as boas comidas e o trabalho útil e saudável, e sua pele já começou a sarar. Foram colocadas de volta na viga. Perguntamos as duas capetinhas rebeldes e diante de todas as companheiras fizeram a declaração desejada. Como retribuição foram liberadas das calcinhas, mas quando tiramos os pinos, as duas mijaram descontroladas e uma até cagou sem querer, ficando de tanta vergonha que até choraram.

Chorar é sempre um sinal bom, significa que a obstinação dura e tão feia, sobretudo em meninas e mulheres, começa a ceder lugar para sentimentos mais decentes como amor, submissão, boa vontade, dedicação e humildade.

Demorava até o coronel, meu pai e os principais capangas, que teriam que aconselhar o coronel, investigaram todas as meninas. Vi que a maioria

das meninas lhes ajudou abrindo a boca e as pernas e esticando a bunda para serem investigadas, mais um sinal de que já começaram a melhorar e entender que será muito mais saudável para elas cooperar para evitar chibatadas e outros corretivos.

Observei com certa comoção aquela “princesa” negra garbosa e bonita, com o olhar franco e sincero. Ela fitou todos os homens nos olhos, mas queixa nenhuma nem gemidos saíram de sua boca, nem lágrimas brotaram de seus olhos. Mesmo as meninas que estavam de boa vontade, só abriram as pernas um pouco para não perder o chão. Para abrir mais teriam que abaixar-se, mas suas mãos estavam presas na viga. Mesmo assim percebi grandes diferenças, que anotei logo em meu caderno. Teve meninas que fecharam as pernas veementemente e levaram chibatadas ou puxadas no clitóris. Outras fizeram nada, mas retesaram-se quando um homem queria afastar-lhes as coxas. Outras cediam à pressão das mãos masculinas. Outras abriram as pernas logo voluntariamente, algumas de leve, outras mais e algumas se esforçaram tanto, que os músculos e tendões se destacaram e elas alcançaram o chão só com as pontas dos pés.

A “princesa” abriu as pernas somente levemente e com um gesto, como se fosse um favor que um soberano concede aos súditos. Seu rosto não se contorceu pela vergonha, mas continuou sereno e ilegível. Seria um prazer muito grande submeter essa égua briosa e guapa transformando-a em uma puta submissa e dedicada. Mas infelizmente tive que ficar na capital, fora as férias. Mas pelo menos a viria nas férias, e por isso a recomendei ao meu pai.

Chegou a hora de dividir os “fardos”. Os homens e a senhora tiraram a sorte. Cada um dos consignatários receberia primeiramente o número de escravas consignadas, depois o resto seria vendido a quem quiser ou levado ao mercado. Eu fui incumbido para desenvolver um sistema justo. Se todos tivessem o direito ao mesmo número, iriam escolher um após o outro uma escrava. Depois cada um teria escolhido sua segunda escrava, depois uma terceira e por aí iria. Restaria tirar a sorte para saber quem começaria a escolher.

Mas nosso caso foi mais complicado, já que o número de escravas que cabia a cada um variava; tive que desenvolver um sistema mais complicado. Apresentei-o e todos me elogiavam. Depois tiraram a sorte, e meu pai ganhou. Pedi

para ele escolher a princesa, mas ele não quis e escolheu outra menina.

Parece que todos sentiram que ela seria uma escrava difícil para submeter, porque ninguém a escolheu no primeiro turno. Eu vi no seu jeito galhardo justamente um desafio e meu espírito esportivo acordou. Queria achar um jeito para a quebrantar, transformá-la em uma escrava bem mansa e dócil e uma puta submissa e dedicada. Mas sabia também, que eu estaria na capital e ela na vila, e assim não poderia ter parte na educação dela.

Quando chegou a vez de meu pai pela terceira vez, ele cedeu aos meus pedidos e escolheu a "princesa". Quando fui para ela para desprender suas mãos da viga olhei em seus olhos e ela não desviou o olhar. "Sua princesa safada", pensei e sabia que queria ser dono dessa criatura, fazer dela meu animal de estimação. Mandá-la-ia deitar de bruços transversalmente na cabeceira de uma cama de casal larga, e eu iria usar sua bunda régia como travesseiro, e se dormir de lado minha face sentiria a pele de sua bunda, e uma mão ficaria enfiada de trás entre suas coxas gulosas. Ou eu teria uma cama bem comprida, e deitaria com a cabeça entre as pernas abertas dela, ou na bunda ou no colo negro cheiroso,

dependendo se ela deitaria de bruços ou de costas. Estimulá-la-ia até que seria perdida, toda apaixonada, me amando como seu senhor, educador e namorado.

Depois de termos divididas as escravas consignadas, fizemos um leilão entre nós para vender o encalhe. Quando uma ou outra menina não achou um dono, eu ou o armador as comprávamos para revendê-las na capital. Recebi também três meninas de meu pai para trocá-las por uma dançarina na boate, que cheguei a conhecer, e mais três para tentar trocá-las por uma puta de cor mais clara. Meu pai recebeu, em tudo, 23 escravas, mais as presas que eu trouxe. Daria para abrir novas sucursais, assim que tiver homens confiáveis e dispostos a liderar um bar e as respectivas putas. Por sofrermos esse problema meu pai já tinha negociado com a senhora, e um dos negros de confiança, que ela trouxe, foi destinado a meu pai. Ele gastou a fortuna de 3 contos, mais do que para uma puta linda. Mas o que valem putas lindas se não tiver homens confiáveis e sinceros, que as educam, instigam, promovem e lideram.

O valor de um escravo assim foi provado pela façanha do administrador. Através dele a senhora ganhava uma fortuna bem maior, já que

parte da gratificação do administrador cabia a ela como dona do administrador, e além disso comprava escravos por consignação por um preço muito baixo.

Em seguida, todos os homens africanos foram colocados nas vigas. Apesar de um tratamento duro que deixou as peles deles com manchas bem visíveis pelo chicote, muitos ainda não mostraram a devida submissão. Três deles até ficaram de pau duro quando o sol e o vento curtiu sua pele e eles se viram expostos aos olhares curiosos dos brancos, incluindo duas senhoras e a negra que sabia reconhecer doenças. Foram esbofeteados por esse ato de insolência pelos escravos da fazenda que estavam conosco para ajudarem.

Fiquei feliz que nossa família não tinha muito a ver com os escravos, já que meu pai só consignara fêmeas e só consignamos três homens destinados para certos amigos na vila, que deram dinheiro e pediram ao meu pai comprar escravos. Não gosto de comprar homens porque não gosto de apalpar sacos e membros dos negros e muito menos de abrir-lhes as bundas para inspecionar o cu. Já era outra coisa para a senhora. Para ela um saco de um africano jovem parece um doce, que ela

apalpa em mão em concha como uma coisa deliciosa. Ou como uma fruta madura que se colhe de uma arvore, talvez ainda apertando-a um pouco para verificar se ela já está madura. Como se esses homens fossem putas que os compradores apalpam para testar sua habilidade e idoneidade para esse destino. Senti-me envergonhado, não sei por que. Deve ser que me senti ofendido como homem pelo fato que ela estava tratando os negros como putas.

Aí percebi que me faltava ainda a profissionalidade de homens como meu pai. Se eu tivesse visto um veterinário apalpar os testículos de um boi ou de um porco, certamente não me tivesse envergonhado. Mas já que os negros pelo feitio têm muita semelhança com os seres humanos comecei a sentir uma empatia com eles que fez com que me senti também ofendido pelo fato que eles foram tratados como putas. Para arrefecer meus sentimentos ridículos obriguei-me a ir ao negro que acabou ser apalpado pela senhora, o que o deixou com o pau em pé, xinguei-o de safado e lhe dei bofetadas.

No lanche perguntei ao meu pai pelo andamento dos negócios. Meu pai contou que estava abrindo mais duas sucursais, uma seria liderada pelo negro que comprou da senhora, a outra por um homem que chegou recentemente à vila à procura de trabalho. Teve também uma tentativa ousada de furtar escravas do bar. Chegaram na noite quatro sujeitos. Um deles, ao que parece, escondeu-se no bar, e quando fecharam o bar, estava provavelmente escondido atrás do sofá ou em baixo da cama em um dos quartos. Depois abriu uma janela para os cúmplices e eles amarraram a negrinha; Joana, a cafuza de agora 15 anos; e mais três escravas. Assim que saíram outra puta acordou logo meu pai e contou o que acontecera. Na noite não deu como perseguir os criminosos, mas cedo da manhã meu pai partiu com dez homens armados da vila. Graças a Deus meu pai é agora juiz de paz e consegue acionar voluntários da vila como também guardas e policiais, só que não tem guardas nem policiais na vila nem perto dela.

Meu pai e os homens perseguiram os malfeitores com cães, que antes cheiravam peças das escravas roubadas e seguiram os vestígios, mas eles se perderam uns quilômetros após a vila: “O delegado e a polícia foram informados, e os

malfeitores foram delatados por um capanga do coronel Aloísio. Aí se viu que foi bom manter boas relações também com esse coronel.”

“Eles levaram também a índia? Seria o mais fácil porque ela fica fora da casa.”

“Mas ela fica acorrentada. Demora tirar as correntes, mesmo com ferramentas adequadas. Além disso, ela fica cada dia mais feia. Parece que você cuidou bem dela, agora as meninas cuidam dela, cada dia uma outra, e assim nenhuma cuida direitinho. Parece que ela não gosta de ser puta, fica macambúzia o dia inteiro. Quem sabe, essas selvagens sentem banzo da mata.”

“E como anda a Rosalina. Consegue liderar as meninas em sua sucursal?”

“Está falando da sucursal de Raimundo? Bom, parece que ela não coopera muito com o Raimundo. Ele já a deixou açoitar três vezes. Sempre aproveitando o castigo para dar uma festa boa para a população, assim como aprendeu de nós. Está dando um bom lucro. Ele está ordenhando as putas direitinho.”

“Pai, o senhor sabe que o Raimundo tende a perversões. A Rosalina é uma puta muito linda, ele vai estragá-la. Deve ser melhor a Rosalina

liderar a sucursal sozinha e o Raimundo só cuidar da segurança.”

“Que ideias você tem, filho. Uma putinha jovem liderar uma sucursal sozinha? Bom, se fosse uma puta velha e provecta como a Anuta ou a Verônica. Mas Rosalina é uma jovem. Quase ainda adolescente. E justamente ela pisou para fora desta maneira que teve que ser açoitada três vezes.”

“Gostaria de ter observado de secreto a sucursal. Talvez o Raimundo provocou as supostas falhas da Rosalina. Não confio nele.”

“Ela recusou-se a transar com ele. Mas é o direito dele transar com as putas da sucursal quantas vezes quiser. Toda puta sabe disso.”

“Ela se recusou ou ele disse que ela se recusou?”

“Qual diferença há nisso? Já que só tem um homem na sucursal, a palavra dele vale, a não ser que homens veem algo e testemunham contra ele. Se Rosalina dizer o contrário não posso levá-lo em conta sendo ela uma escrava.”

“Sei que um escravo não vale como testemunha, mas mesmo assim os juízes ouvem os relatos deles.”

“Também a ouviria, mas ela não se queixou. Disse que tentaria melhorar.”

“Ela é ainda líder da sucursal?”

“Ela lidera as meninas da sucursal, sim. O Raimundo não pediu para trocá-la.”

“Aí o senhor já vê que tem algo errado nisso. Se ela realmente cometeria coisas erradas, ele iria propor outra líder ou pedir ao senhor para trocar a puta.”

“Como já disse, o Raimundo conseguiu um bom lucro. Mesmo se ele estragar a puta, ele ganha o suficiente para nós comprarmos outra mulata linda.”

“Isso não é justo.”

“Filho, quando vai ficar adulto? Com objetos não tem justiça. Se um homem ganha duas bolsas, e ele leva uma consigo e guarda nela seus pertencentes, mas a outra ele perfura e usa como rede para pescar, não pode dizer que ele seria injusto para com a segunda bolsa. Pela mesma razão também não existe justiça em relação a uma escrava, muito menos a uma escrava que é puta.”

A senhora ouvira nossa conversa com atenção e disse agora, que terminamos o assunto: “A gente

não deve esquecer que não são somente mercadorias comuns como bolsas, mas seres vivos. Acho que temos uma grande responsabilidade, assim como com os negros como com cachorros ou outro gado. E justamente o negro, que é um anfíbio, depende de nossa educação civilizadora. Sendo ele uma mistura exótica de humano e animalesco depende de nossa ajuda para nele a qualidade humana sobrepujar a qualidade animalesca. Acho que essa é a função da raça branca, e o destino dos pretos é aprender que justamente viram mais humanos quando se submetem aos brancos."

Quando o coronel e os outros fazendeiros terminaram dividindo todos os escravos machos também chegaram à mesa e os escravos da fazenda trouxeram-lhes bebidas e o lanche. O coronel começou a elogiar a minha participação em todo o trabalho e disse que ficou muito feliz pela aliança entre nossas famílias. A sua filha Ana Maria também gostaria muito de mim: "Já falei com seu pai a respeito, e pensando bem cheguei à conclusão que você é digno de virar meu genro. Quero te convidar para ser noivo de minha filha."

Sabia que foi uma honra imensa. Não senti muito pela Ana Maria. Se a provoquei nas minhas visitas foi mais para brincar e para me divertir, não senti me sexualmente excitado pela presença dela como o sinto com várias escravas, mas ela me agrada. Com certeza jamais conseguiria me ajudar de uma maneira semelhante à da Analia, mas como poderia esperar tanta coisa de uma esposa? Sabia muito bem que uma esposa serve principalmente para a gente criar filhos legítimos, filhos que têm avós, que são amigos da gente, no ideal, pessoas, que têm a influência ou o conhecimento para poderem ajudar a gente na carreira profissional e nos outros avanços da vida. E para esses fins o coronel foi a pessoa ideal, não poderia sonhar mais alto.

Por isso agradeci muito, e nós bebemos ao nosso noivado. Meu pai e o coronel me deram dinheiro para eu comprar um anel muito especial para o nosso casamento e planejaram o casamento para o Natal.

Depois do lanche tivemos que gravar os escravos. Cada proprietário trouxe seu ferrete e aqueceu-o em um pequeno fogareiro, que os escravos da fazenda já prepararam durante o lanche. Meu pai mostrou-me o ferrete novo, que

o Raimundo lhe fizera, já que ele antes ainda não teve a necessidade de gravar escravos. Agora, porém, recebemos escravos sem marcação. Para identificar um fujão ou um escravo roubado e para provar a propriedade em casos duvidosos os que vêm diretamente da África recebem a marca logo no desembarque.

Em outros negreiros eles marcam os escravos muitas vezes já na África. Para o fazendeiro e comprador teria a desvantagem que não poderia escolher a mercadoria, mas dependeria da escolha do que compra os escravos na África. Também comprasse talvez 20 escravos, mas se tiver azar, morrem quatro na viagem e ele ficaria com o prejuízo.

Em nosso caso já era impossível marcar os homens antes de cruzar o mar, já que eles fizeram a viajem como homens livres, e também para futuras putas é melhor fazer a gravação no Brasil, porque as marcas inflamam sob as condições péssimas no negreiro e deixam cicatrizes maiores, as marcas tornam-se ilegíveis e algumas meninas morrem só por causa da inflamação, talvez em combinação com outros fatores que enfraquecem a saúde a bordo.

Já que não somos a favor de destruir a beleza das putas com marcas grandes e bem visíveis, rapamos os pelos púbicos das mercadorias e elas recebiam uma marca queimada na carne logo em cima da bucetinha, beirando o lábio superior. Essa marca ficaria bastante decente, porque ficaria, com o tempo, escondido em um tufo de pelos.

A gravação de fêmeas serve também, segundo meu pai, para ferrar a submissão e amor ao dono no coração e na buceta da escrava e fincar o fato na sua memória, que ela é agora a propriedade de alguém. Por isso uma escrava deve ser penetrada logo em seguida pelo dono ou um de seus substitutos. Já que teve só meu pai e eu, os capangas nos ajudaram. De qualquer forma, as meninas não sabiam, de quem seriam os capangas, já que meu pai chegou com o coronel, e provavelmente achavam que seriam nossos empregados.

De qualquer forma, meu pai e eu estávamos presentes durante cada estupro, para a menina saber, que somos nós quem manda, e os capangas atuavam só cumprindo nossas ordens. Sempre gravamos uma menina, que deitava pelas costas numa mesa, afivelada com os membros nas pernas da mesa, e logo depois ela

foi solta, deslizada ao chão e penetrada e possuída para marcar a nossa presença nela e revelar a propriedade e autoridade por cima dela.

Meu pai e eu recebemos cinco mesas pequenas, por isso podíamos afivelar nelas cinco negras simultaneamente. Os marujos do negreiro ofereceram sua ajuda lembrando-se como foi divertido toscar as negras antes da viagem. Assim cada menina foi afivelada na mesa pelos marujos e três de uma vez foram depiladas, sempre por dois ou três marujos, que realmente se divertiram muito nisso. Algumas meninas realmente tiveram umas cerdas bem resistentes e os marujos tiveram que afiar bem as facas.

Quando chegou a sua vez de ser gravada, mostramos à respectiva escrava o ferrete com o nosso símbolo, e para amedrontá-la apertamos o ácido contra suas bochechas, testa, nariz, peitos, barriga, lábios da buceta e clitóris. Depois o ferrete foi aquecido no fogo. Se conhece a temperatura certa pela cor, que deve ser de um vermelho tocando ao alaranjado. Quando o ferrete chega a essa cor mostramos a ferramenta em brasa à menina, segurando-a diante de sua face para assustá-la mais, e depois passamos o ferro lentamente até sua buceta e apertamos o aço logo em cima da buceta.

As reações das negras são muito violentas, e apesar de serem afiveladas conseguem convulsionar com tanta força que a mesa às vezes parece um cavalo dando pinotes. A maioria grita de um jeito animalesco, deitando a língua para fora e mostrando a úvula tremendo, realmente são animais ainda bem selvagens. Ainda nessas convulsões são estupradas e dominadas por seu dono ou um substituto dele, qual procedimento contribui para amansá-las e impregná-las pela consciência que agora pertencem com corpo e alma a esse senhor.

Em mais de dez meninas eu fui o primeiro a tomar posse depois da gravação, mas só enchi três com minha semente. Nas outras só soquei uns minutos para ceder o lugar a um capanga, que concluiu a empreitada. Em tudo demorava quatro horas. Depois jantamos, deixando as meninas na viga.

Já que essas marcas daqui a umas semanas só ficariam acessível a quem conhecer o segredo e procurar entre os pentelhos, depois todas receberam mais um beijo quente do ferrete em brasas no lado interior da nádega esquerda. Para esse fim deitamos as peças de bruços por cima da mesa, outra vez afiveladas com os quatro membros. E neste caso nem foram

desafiveladas, mas imediatamente estupradas nessa posição favorável para enrabar uma fêmea.

Não se imagina, quantas negras tem essas cerdas desagradáveis até no rego, chegando até o cuzinho. Sendo esses pelinhos no rego desagradáveis e maus para a higiene os marujos não depilaram as bundas com facas, mas arrancaram os pelos com os dedos, pinças ou alicates. Esperamos que depois não voltariam ou pelo menos brotariam em menor escala.

Observei sobretudo os olhos da “princesa” negra durante a gravação e percebi com satisfação, que sua vaidade deu lugar a medo e à vontade de se submeter para escapar da tortura. Mas foi a menina que gemeu e gritou menos do que todas as outras, nem chorou depois, mas aturou tudo com certa dignidade admirável. Claro que fiz questão estuprá-la pessoalmente, e na noite amarrei e acorrentei-a bem e levei-a para a minha cama. O trabalho demorou até a meia noite, e permitimos que os escravos se deitassem para dormir, mas dentro de um curral cercado dos cães e sempre um capanga montando guarda.

Depois de termos marcado as primeiras cinco peças chegou o mestre de reza que conhecemos

já na fazenda do primo do coronel. Já o esperamos o dia inteiro, mas ele disse que atrasou por causa de uma briga entre índios e os moradores de um povoado.

Rapidamente ele preparou sua bacia com água e aspergiu água em todos os recém-chegados da África, porque presumia-se que ninguém deles foi batizado. O fazendeiro disse que o mestre de reza geralmente gosta de batismos mais cerimoniosos, em que ele coloca a mão em cada escravo, até fazendo orações e falando a bênção, mas por causa do horário ele só molhou todos e falou o nome deles. As meninas que estavam neste momento afiveladas nas mesas para serem marcadas e estupradas por seus respectivos senhores, foram batizadas nesta posição.

Os nomes já definimos durante a tarde. Meu pai deixou a escolha comigo e eu escolhi os nomes considerando vários fatores. Primeiramente olhei o visual de uma escrava e o comportamento, consultando também minhas notícias do primeiro dia. Já na chegada dei apelidos a algumas para poder diferenciar entre elas. Por exemplo, uma menina teve um clitóris bem visível, por isso deveria ser chamada Clitória, mas já que não seria um nome bem visto por um padre ou mestre de reza, chamei-a Climéria.

Gostei de ser responsável por escolher os nomes, porque senti que dessa maneira eu ficaria para sempre fixado no âmago dessas criaturas, criaturas tão fascinantes por serem fêmeas destinadas ao sexo e ao divertimento e por serem da raça negra que reúne elementos animalescos com elementos humanos em uma miscigenação exótica e muito interessante.

Mesmo depois de todo o trabalho e dos estupros cansativos fiquei o tempo todo dominado por uma excitação eletrizante por saber que dormiria junto com a rainha negra. Quando marcamos e estupramos as últimas putas, escravos da fazenda já prepararam a negra para a minha cama, onde me esperava devidamente amarrada. Só pensando nessa pantera negra virei sempre duro e estuprei as putas em série, mas na maioria das vezes nem me esvaziava.

Perguntei pela Anuta, já que meu pai mencionou o nome dela antes do jantar. Sabia que estava em frente da nossa primeira sucursal junto com meu irmão, mas este já se desvencilhou para fundar outra sucursal, deixando-a muitos dias sozinha.

Meu pai contou: “Imagina. Ela chegou recentemente com um sujeito pago por ela para

acompanhá-la, colocou um conto na mesa e quis comprar a si mesma. Queria ser livre, a cretina.”

“O que fez? Cedeu?”

“Claro que não. Quem a substituiria? Primeiramente falei que uma negra bonita e com profissão certa valeria dois contos. Se tiver tal divergência, os negros nas cidades grande apelam ao juiz de paz para ele estipular o preço certo, mas felizmente eu mesmo sou o juiz. Mas, imagina: sem hesitar ela colocou mais um conto na mesa. Veio toda preparada. Sabia que não pôde apelar ao juiz, mas agora teve minha palavra que ela custaria 2 contos e pagou.”

“Ficou livre? Saiu do serviço?”

“Saiu nada. Mandei a negra Lídia com o homem para a sucursal para liderá-la e falei com Anuta: Falaram que você cometeu certas fraudes.”

“O senhor sabia de fraudes? Que bom.”

“Sabia não. Mas nessa penúria tive que inventar algo. Por sinal, tive quase certeza, que acharia algo, já que quase não existe puta que seja sempre sincera e jamais engana seu dono ou os clientes. Já que conheço o ponto mais fraco de uma puta não demorava e ela confessou chorando.”

“Confessou o que?”

“Nada de importante. Insistiu em que jamais escondeu gorjetas, já que sabia muito bem que eu iria fiscalizar tudo e descobrir cada fraude. Mas finalmente confessou que recebeu dinheiro por vender pentelhinhos de putinhas novinhas a um senhor sem contar nada. Ela disse que não era a intenção dela de fraudar, mas o comprador pedira para ela não contar a ninguém da barganha. Achado essa brecha pequena comecei a abrir a chaga, puxando mais no grelo da preta e aos poucos ela confessou, que às vezes iludia seus clientes prendendo um pau entre suas coxas em vez de recebê-lo devidamente na buceta, e que alguns homens sem perceber o engano gozavam entre suas coxas sem nunca a penetrar. Perguntei se ela não se dá conta que os homens pagam seu dinheiro suado e ganham assim a custo o direito de penetrá-la e foram assim defraudados de seu direito, embora que pagassem devidamente. Além disso só confessou ainda uns delitos chinfrins que cometeu quando ainda pequena.

Falei que não seriam crimes graves. Se fosse uma escrava comum, seria açoitada e depois perdoada. Mas sendo ela uma líder de uma sucursal, que deveria ser de confiança de seu

dono e um exemplo a seguir para as outras putas, confiscaria todo o dinheiro, além de prover 40 chicotadas.”

“Confiscou tudo?!”

“Claro. É uma pena muito dura. É porque não se sabe, se cometeu possivelmente mais enganos. Quem burla seu próprio dono é capaz de tudo. Se ela quiser, pode recorrer ao juiz de paz, que seria eu mesmo.”

“Ainda bem que o senhor é o juiz. Mas será que a negra Lídia dá conta da sucursal?”

“Anuta já voltou ao seu posto.”

“Como assim? Desistiu da punição?”

“Pelo contrário. Confisquei tudo o que ela possuía, 2 contos e 300 Mil. Imagine! Só com gorjetas, bibelôs e outras miudezas! Em poucos anos! Ela foi açoitada e depois, quando ela estava toda no chão, falei que a alforraria se me servir fielmente por cinco anos, liderando a sucursal, ensinando putas novas, influenciando-as para virarem putas boas e submissas, angariando meninas e contando sempre tudo. Dei-lhe por escrito que receberia a liberdade se cumprir sua parte.”

“O que? Está querendo liberá-la de verdade? Ou está fazendo só de contas para explorá-la ao máximo?”

“Se ofereci a liberdade, é claro que vou fazê-lo. Acha que vou desonrar minha própria palavra?”

“Mas ela vai pagar o preço? Não vai?”

“Se ela trabalhar mais cinco anos fielmente, vai ganhar a liberdade de graça. Se conseguir economizar outra vez dois contos, pode usar o dinheiro para começar um negócio.”

“Mas por que está jogando dinheiro para fora?”

“Quero que ela trabalhe a favor da gente com fervor. Ela ganha cada mês quase dois contos para nós. E se ensinar outras meninas será um serviço impagável. Vamos ganhar o dinheiro de volta vinte ou trinta vezes.”

“Mas não tem jeito de proceder outra vez assim como fez, para ela ficar mais tempo com a gente.”

“Acho que podemos ser gratos por tivermos uma escrava tão boa. Ela merece um prêmio. Em muitos sentidos ela é um ser humano. Às vezes acho, que as nossas putas são mais humanas do que os homens da vila, que transam com elas. E mesmo se Anuta fosse uma burra ou égua ou

cachorra mereceria um prêmio. Em tudo vamos ganhar uns 100 contos através de sua bucetinha. Sou grato por ter uma escrava boa assim e vou mostrar minha gratidão. De qualquer forma, daqui a cinco anos vai ser velha. Claro, se quiser pode continuar liderar uma sucursal como prostituta livre, como Verônica. Mas espero que daqui a cinco anos tenhamos mais escravas treinadas para liderar uma sucursal."

Depois de mais algumas conversas pedi licença e me retirei. Minha curiosidade foi muito grande para saber, como a princesa negra se comportaria na cama e como seria possuir-lhe o corpo divino. Entrei no meu quarto. Ela estava com as mãos atadas nas costas, uma trela com corrente presa em um dos pilares da cama e um pé também preso em outro pilar. Deitava nas costas e olhou me aparentemente sem medo, o que não foi ao meu agrado, porque acho que é natural que uma menina morre de medo em tal situação.

Gosto até de pascer-me nesse temor, que também faz parte do respeito de uma escrava diante de seus donos e facilita sua sujeição. E depois gosto de consolar a menina mostrando-

lhe aos poucos, que sou bonzinho. Acho gostoso observar o desenvolvimento de tais meninas, como elas ficam cada vez menos arredias e mais domesticas e confiantes. O medo descontrolado desaparece e dá lugar a um respeito fundo, e o dono repara que pode tocar em qualquer lugar da putinha sem que ela logo começar a tremer. Já que não vi nada disso na princesa, fiquei um pouco inseguro, mas logo escondi esse sentimento e progredi.

Deitei minhas mãos em seus peitos magníficos e passei-as pelo seu corpo todo para ela entender que ele pertencia agora a mim. Logo me lembrei de como o fizera pela primeira vez na índia. Colocara minhas mãos em seus peitos logo depois de termos capturada o bichinho, mas para apalpá-los com calma tive que esperar alguns dias. Lembro-me até hoje como foram gostosos, talvez até melhor do que os que tive agora em minhas mãos, mas sabia que os peitos da índia já murcharam um pouco.

Estranho. A raça índia, ao que dizem, é mais perto dos humanos do que os negros, e mesmo assim as índias murcham tão rápido. Mas, refletindo bem, também os peitos das brancas murcham bastante. As senhoras usam vestidos bem costurados para compensar o efeito, mas já

sei, que a qualidade dos peitos de algumas senhoras brancas é bem ruim. Será que, pelo contrário que pensei, justamente o peito se mantém em forma tanto melhor quanto mais animalesca for a sua portadora?

Apalpei e sondei a maciez das tetas com calma. Quando apalpei os peitos da índia pela primeira vez fui ainda um menino, senti timidez, vergonha e insegurança. Percebi que me tornei muito mais seguro, maduro e profissional nos últimos meses, porque desta vez examinei a puta com toda a calma, sem emoções perturbadores, como um perito que examina um cavalo ou um pedaço de queijo ou uma arma ou qualquer outra mercadoria. Gostei, porque sabia que agora virei homem mesmo.

A negra aguentou os toques sem tremer, como se já soubesse de tudo o que aconteceria e se conformasse por saber que não teria outra escolha. Falei meu nome e o nome Francisca dela e os nomes das partes de seu corpo, que agora foi meu corpo e o de meu pai e de meu irmão, uma mercadoria, que compramos para usá-la em nosso favor.

Todas as vezes, que ensinei o nome de uma parte do corpo, apoderei-me dela com as mãos, e

desta maneira já aqueci-lhe a perereca com uma massagem atrevida até que se ouviu o chapinhar da buceta negra-rosado no ritmo de meus dedos.

Ela não abriu as pernas, mas também não as fechou, como algumas meninas o fazem, apertando as coxas, recusando qualquer cooperação. Depois de ter socado por alguns minutos na vulva umedecida me deitei em cima da escrava.

Sempre é esse o momento que mostra muito sobre o caráter da peça. Imagino que também as negras boçais e selvagens sentem nessa situação que chega um momento decisivo em suas vidas, um busílis, um momento chave, que dividiria a vida no tempo antes e depois do ocorrido.

Tem meninas que fecham obstinadamente as pernas, rolam, se torcem, choram e tentam impedir a penetração, mas a princesa negra evidentemente não foi uma selvagem tão estúpida a ponto de estragar o primeiro momento íntimo com seu novo dono e senhor. Ela abriu as pernas e me recebeu.

Gostei muito desse gesto de sujeição, que me deu a esperança que, com o tempo, dessa menina linda sairia uma escrava e puta submissa e dedicada. Do nosso lado faríamos de tudo para

lhe dar qualquer ajuda para tornar-se uma menina boa e civilizada, uma escrava dedicada e obediente e uma puta gostosa. Desejei que ela tenha muito sucesso e agrade aos homens.

Mas a submissão dela não foi assim como a de outras escravas quebrantadas, mas teve algo da complacência de um soberano para com seus súditos. Como se eu fosse um pedinte e ela me concederia generosamente um favor. Talvez fosse mera imaginação, mas tive a impressão que o estupro não a humilhava. Ela não mostrou vergonha e sofrimento, mas parecia ter o controle do que aconteceu. Essa sua atitude me incomodou um pouco, mas seu corpo foi uma delícia e por isso continuei sem tomar providência.

Mas o fato de ela me abrir as pernas talvez resultasse também do fato, que as meninas sentem que sou um homem bom. Se ela é inteligente deve saber que não foi acorrentada por minha maldade, mas porque existem negras tão estúpidas e teimosas que fogem na primeira oportunidade, mesmo em um país estranho onde não têm chances de se orientarem. É uma simples necessidade acorrentar os escravos novos, assim como é uma simples necessidade educar, castigar ou até açoitá-los. Isso não

significa que os brancos não gostam de seus escravos. Gosto também de cavalos, mas às vezes a gente tem que usar o relho ou as esporas.

Lembrei-me das palavras de meu pai que me alertou: “Você não trata as putas como mercadorias, mas como bichos de estimação.” Ele dissera que não seria proibido tratar negros como bichos de estimação, mas que deveria ser consciente do perigo que negros, ao contrário de cachorros e outros animais, tornam se vaidosos e soberbos, se a gente as trata bem até que um dia quererem ser humanos igual à gente.

Muitos homens querem, que os escravos tremem a vida inteira de medo deles. Mas tenho que confessar que gosto da ideia, que as meninas não tremem de medo de mim, mas sentem que sou um homem justo e bom. Muitos homens em meu lugar teriam começada uma relação com uma escrava nova e indomada como essa com uma boa surra para fazê-la mais mole e mostrar-lhe, quem é o chefe. Eu, pelo contrário, dei afagos, falei com a escrava e tratei a bem, na medida do possível. E as meninas, na maioria das vezes, sentem-no e se dão voluntariamente.

Já transei muito naquele dia, por isso me mexi pauladamente, dando lhe trancos fundos e

gostosos. Ela continuava me fixando. Ainda não sabia que uma escrava há de abaixar os olhos. Sorri da ignorância boçal dela e enfiei um dedo em seu cu para ver, se ela mesmo assim mantivesse o olhar seguro, e realmente, ela começou a desviar os olhos.

Ao enfiar o dedo médio em sua bunda senti as duas mãos dela. Teve que deitar em cima das mãos amarradas nas costas e poderia até aproveitar as mãos para defender seu cu, tapá-lo ou segurar minhas mãos, mas ela não o fez. Provoquei-a socando com força em seu cu, mas ela sabia evidentemente que não seria prudente fazer uso de suas mãos.

Admirei a inteligência dela. Para ela será uma bênção ser a nossa escrava. Vai sofrer um pouco nas primeiras semanas, mas depois se adaptará a ser puta e escrava, e uma vez aceitada seu destino vai viver normalmente e tirar sua felicidade do sucesso e do progresso profissional e do benefício que faz aos seus donos. E com tamanha beleza seu sucesso deve ser garantido.

Negros boçais vindos da África têm a cabeça cheia de ideias erradas. Lembram-se de sua vida na África e sonham de uma vida livre também aqui. Tais ideias são instigadas por negros

resmungões e rebeldes, que contam aos outros, que estavam livres na África e seriam injustiçados pelos brancos. Eles não se conformam com a ideia que são escravos e nem com a ideia que são negros e por isso já pela raça destinados a servirem aos outros.

Já as nossas meninas sabem muito bem, que são putas, não pela cor da pele, nem pelo fato que foram capturadas e escravizadas, mas simplesmente pelo fato que transam com centenas de homens. É um argumento objetivo e inegável. São objetos sujos e devem ser felizes, se alguém as trata com clemência. Existem muitos países nos quais elas simplesmente seriam mortas por serem putas.

Por isso é mais simples fazer delas escravas absolutamente submissas, que só colimam o bem-estar e a boa vida de seus donos e fazem disso a razão de suas vidas. Já nas fazendas os crioulos, que não conhecem a liberdade e a África, são mais domésticos e muitas vezes acreditam, que é normal que negros servem aos brancos como escravos. Acontece sobretudo em fazendas bem no interior, onde os negros nunca saem da fazenda e onde só tem crioulos submissos e não africanos boçais que os

contaminam com suas lembranças de liberdade e sua tendência a rebeldia.

O nosso país tem uma chance histórica, já que todos os escravos são negros ou descendentes de negros como os mulatos. Se ficasse uma vez claro para todos, que um preto sempre é escravo, eles se conformariam com seu destino. Infelizmente temos essa confusão com negros livres no país. Seria muito mais fácil, se todos os negros fossem escravos. Assim eles se conformariam, porque sabem muito bem, que são mais pretos do que os brancos.

Um cachorro sabe que ele é um cachorro. Ele não sonha de virar um ser humano. A solução para os negros seria tão fácil: O governo precisaria declarar, que não podem existir negros livres. Os negros livres seriam reescravizados pelo governo ou pagariam uma taxa e receberiam a permissão para voltar à África. Assim todos os negros e pardos teriam que se resignar com seu destino de serem escravos e ninguém fugiria ou sonharia da liberdade. Seriam mais submissos, porque entenderiam que a razão de suas vidas seria o bem-estar de seus senhores, e em consequência seriam menos castigados e teriam uma vida bem mais feliz, sem ambições erradas e egoístas.

Todas as crianças negras deveriam ficar em um educandário para escravos, onde seriam educadas longe da influência perniciosa de negros boçais que as enchem com ideias erradas, rebeldia e ambições falsas e ilusórias. Assim elas acreditariam desde pequenas que são seres intermediários entre animais e seres humanos, praticamente o mais inteligente dos macacos, que servem para trabalhar a favor de seus respectivos donos, assim como bois, cavalos e outros animais domésticos. Ninguém fugiria, assim como cachorros não fogem. E se excepcionalmente alguém fugir, será reconhecido logo pela cor da pele.

Olhei a escrava. Talvez ela fosse realmente uma princesa. Será que ela sente, que até uma princesa negra é feita para servir aos brancos? Sente, que é uma honra receber um homem branco, sobretudo seu dono, entre suas pernas selvagens?

Ela deve ser grata por poder ser uma escrava. Um cavalo silvestre corre nos campos, mas um cavalo domesticado, que foi tão prudente de se submeter ao seu dono, conhece lugares muito mais interessantes. É levado por dentro das cidades maravilhosas, conhece até pessoas importantes. Tudo isso vale também para

escravas, escravos e putas. Muitas putas nossas já tiveram a honra de falar com pessoas ilustres como coronéis, padres, homens ricos, capangas famosas, e elas podiam até abriga-los entre suas pernas e recebiam sua semente em sua barriga, demonstração maior de afeto interracial.

Infelizmente hoje em dia os escravos maus influenciam os escravos bons e não vice-versa. Se uma das meninas boas, educadas por nós ou pela senhora Eleonora, fosse abordada por um negro rebelde que lhe insinuaria ideias erradas, talvez ela depois, ficando novamente sozinha, rejeitasse as ideias. Mas dificilmente ela tentaria por sua vez convencer o negro desviado dizendo algo positivo e moralmente bom como: “Eu gosto de ser escrava. Quero fazer meu dono feliz. Sou feliz se posso contribuir para o bem dele. Por isso rejeito as suas ideias. Deve cair em si e mudar a atitude para virar um negro útil, honrado e bom.”

Meditando aproximei-me paulatinamente ao clímax e mergulhei gostosamente no corpo delicioso da princesa preta. Agarrei-me nela ofegando para descansar, mas ela começou a se mexer e dizer: “Maus.”

Fiquei revoltado. Será que falei alguma coisa ou será que sabe ler pensamentos? Mas ela se referiu aos brancos? Será que ela acha os brancos maus? Ou os pensamentos maus? Os negros rebeldes maus? Certamente os brancos! Mostrei a mim e falei os nomes de meu pai e dos fazendeiros e ela repetiu por várias vezes: “Maus.”

Aí pensei que deveria imediatamente começar com a educação e lhe dei algumas bofetadas. Depois tentei estuprá-la de novo, mas minhas forças já foram esgotadas. Por isso procurei a boca dela e a obriguei a entregá-la para um beijo prolongado para ela poder mostrar sua gratidão.

Mesmo assim ela disse ainda às vezes “maus”, quase um pouco choroso. Por isso dei lhe mais bofetadas, mas depois achei por melhor, não deixar manchas nesse rosto tão lindo e optei por virá-la e dar-lhe uma boa lição em sua bunda escura.

Aos poucos ela conseguiu mexer as mãos e começou a dobrar os dedos para o sangue voltar. Aí entendi que ela queria dizer “mãos”, uma palavra, que já aprendera, porque elas formigavam muito pelo peso de dois corpos deitados nas mãos e antebraços. Bom, umas boas

bofetadas e uma surra a mais nunca fazem mal a uma negra, por isso não tive remorsos. Sabia que sou um homem bonzinho e certamente a maioria dos homens daria uma surra maior a uma negra nova antes de cavalgá-la.

Coloquei-a de quatro, com a cabeça mergulhada no colchão por falta de apoio pelos braços atados, e estuprei-a de novo. Mas não tive mais porra e encerrei a tentativa, virei-a de novo e deitei me entre suas coxas abertas para descansar depois de um dia sobrecarregado de trabalhos importantes e bem-sucedidos.

O assalto ao nosso bar não foi a única tentativa de roubar escravos. Contaram da existência de bandos de capangas demitidos e malfeitores que atacam caravanas de escravos para roubar a mercadoria preciosa, o “ouro preto”. Por isso meu pai e os fazendeiros ficariam juntos e passariam todas as fazendas para cada um chegar em segurança em casa, e da fazenda do coronel até a fazenda do fazendeiro, que vivia o mais longe, o coronel mandaria ainda uma parte de seus capangas para cobrir o transporte.

Nas aldeias e povoados, por onde passaram, o transporte de negros acorrentados e nus é sempre

um espetáculo e um gáudio que alegra a população. E em nosso caso com tantas meninas e moças lindas o regozijo das pessoas foi exuberante e contribuiu certamente para a fama e popularidade do coronel e de meu pai.

Para eu e o armador chegarmos com segurança até Recife, o fazendeiro local nos emprestou alguns capangas. A gratificação por cooperar e oferecer sua terra para o desembarque foi pago por dois escravos de graça, além de ter a possibilidade de comprar mais por preços bem acessíveis em nosso leilão.

Já que tive nove fardos e o armador três, a nossa caravana não avançava rápido, embora que forçássemos as negras a correr com chicotadas, a única linguagem que entenderam, já que em português só sabiam umas trinta palavras aprendidas no treinamento na escavação. Quando passamos povoados andamos mais lento para as escravas tiverem como arquejar e respirar e a população tiver tempo para pastar-se em seu sofrimento e deliciar-se em seus corpos nus. As mulheres xingaram as negras de putas safadas e sem vergonha, cachorros corriam ao lado delas latindo com raiva, homens passaram as mãos e moleques jogaram sujeiras e pequenas pedras nelas ou picaram suas bundas com galhos

secos ou varas, e muitas vezes os capangas tiveram que intrometer-se e proteger as meninas contra maior violência.

Assim cheguei com minhas mercadorias pretas na cidade. A uns quilômetros da cidade tirei das minhas bruacas cordas velhas, e delas fizemos cintos ao redor das cinturas das negras e negrinhas e passamos cordas por entre as pernas, deixando as cordas bem apertadas para elas se aprofundarem na carne preciosa entre as pernas. Também os peitos foram amarrados com cordas. Não dispondo de roupas femininas fizemos das tripas coração e improvisamos roupas desta maneira.

Serviram para humilhar, submeter, dominar, amansar e torturar as potrancas, mas a razão principal foi outra: é proibido para os negros andarem nus nos logradouros de Recife e não queríamos problemas com a polícia, embora que fossemos amigos do subdelegado e conhecidos do delegado.

Porém, o delegado e também o subdelegado ficaram um pouco decepcionados e distanciados para com o armador quando descobriram que simpatizava com o partido praieiro, que é mais liberal. Eu, no entanto, sou como o coronel

Henrique e os amigos dele considerado um elemento aliado ao partido conservador, do governo. Os “praieiros” tem esse nome somente, porque a sede do partido fica perto da praia, e eles xingam os conservadores de guabirus porque muitos andavam de roupa preta como esses ratos.

Analia foi muito feliz quando cheguei salvo e lhe contou do sucesso maravilhoso de nossa empreitada. Beijei-a na boca como se ela fosse a minha esposa. E ela teve uma grande surpresa para mim: mais uma mulata na cafua.

Ela contou que a conhecia na rua. Ela contou que foi alforriada no interior e chegou para Recife em busca de oportunidades e sendo ela bonita vendeu seu corpo na rua. Mas seu sonho foi viajar até o Rio de Janeiro onde ganharia bem melhor, como achava. Um dia ela contou que teria a oportunidade de viajar de graça com um navio, só tendo o dever de transar com a equipe.

Analia teve a suspeita que ela não seria alforriada, mas fugiu de uma fazenda. Além disso, ela se pareceu muito com uma menina descrita em minhas fichas, e por isso Analia sabia, que a mulata poderia ser de muito

interesse para mim. Instruiu o Francisco e as crianças e convidou a moça em casa para um jantar de despedida.

Nisso Francisco, Analia e as crianças a seguraram, amarraram e levaram à cafua. Era uma prova incontestável de sua fidelidade e de seu amor. Uma escrava, que na ausência do dono prende outra mulata para escravizá-la para seu senhor! Algo fantástico. Agora sabia realmente, que ela foi uma menina boa, que não somente submetemos seu corpo, mas também sua alma e seu espírito e conquistamos seu coração.

Acorrentei e tranquei a mercadoria na cafua, dei algumas chicotadas em cada uma pela resistência e relutância que mostravam algumas vezes na marcha, coloquei calcinhas de ferro nas duas mais rebeldes e sentei me na mesa, que Analia e as crianças aprontaram rapidamente. Agradeci a Analia mais uma vez pela surpresa boa e a todos por terem guardado da casa. Analia também me deu o dinheiro que ganhara nesse meio tempo vendendo-se na rua.

Comemos e ela sorriu tão bonita e feliz por ter sido elogiada. Reparei que ela é uma moça muito gostosa, uma mulher com quem um

homem poderia viver feliz a vida inteira. Só na cama ela não calhava tão perfeitamente em mim como Rosalina, mas ela teve fogo e dedicação. Gostaria muito de saber como seria viver com Rosalina. Imagino que ela seria confiável, dedicada e amorosa igual à Analia, e na cama seria para mim uma guloseima sem comparação.

Pensei: Quem me dera que eu fosse um rei e poderia casar-me com uma princesa africana! Ou com uma menina qualquer, mesmo se fosse escrava. Mas nem o imperador tem essa liberdade. Só os soberanos muçulmanos, que casam com muitas mulheres e escolhem as éguas e potrancas para suas coudelarias principalmente pela beleza e gostosura, tendo ao lado de princesas também meninas comuns. Falam que um ditador absoluto como o czar russo teria essa liberdade e que o czar Pedro I, chamado “O Grande”, casou até com a serva de um amigo, fazendo dela sua amante e depois a imperatriz Catarina I.

Além do czar russo também as pessoas pobres, desorganizadas e sem famílias estruturadas tem essa liberdade. Tem até mercantes abastecidos de Portugal e outros países, que vivem sozinhos no Brasil e acabam casando com escravas, negras livres, putas ou índias, assim como lhes

convém. Mas pessoas de famílias boas como eu têm que pensar na carreira e no que traz mais vantagens para a família.

Afugentei os pensamentos melancólicos e xinguei a mim mesmo de ingrato. Recebi uma oportunidade única. Quem dissera uns dois anos antes que eu iria casar com a filha de um coronel? Ainda por cima pude escolher entre três filhas de dois coronéis, pelo menos na teoria. Na prática, certamente seria uma afronta para o coronel Henrique e meu pai se eu casasse com uma filha do coronel Aloísio, por mais bonitas que sejam. Mas pelo menos queria conhecê-las antes de casar, mesmo se na verdade provavelmente não teria escolha livre. Assim ficaria preparado para uma eventualidade, por exemplo que o coronel Henrique ou até a Ana Maria morrer ou que meu pai mudar de ideia, sei lá, sempre devemos contar na vida com mudanças surpreendentes.

De qualquer jeito teria um sogro rico, terei escravas e putas para ter uma vida boa. O único preço será que terei que satisfazer as veleidades de uma menina rica e mimada que é filha de um coronel e pode reclamar com seu pai, se eu não cumprir a minha parte e cuidar bem dela.

“Deve estar muito cansado, meu amor.” Ouvi a voz amorosa de Analia como vindo de longe, porque fiquei absorto em minhas cogitações. Acordei e sorri para ela. Peguei uma comida no prato dela para mostrar meu afeto e ela acariciou minha bochecha com seus lábios. Passamos para a sobremesa e depois levei a Analia para a minha cama, enquanto a Ângela tirou a mesa. Tudo me parecia tão agradável. Todos cuidaram de mim, todo o dia com o transporte das negras foi bem-sucedido, as peças jaziam bem acorrentadas na cafua, que com o tempo virara um cárcere fortificado e equipado com correntes seguros. O negreiro já estava de novo cruzando o oceano para trazer-nos ainda mais riquezas, bem-estar e lindas bucetas negras. Pude dormir em paz, feliz com todos os sucessos pessoais e o que consegui a favor da minha família e do progresso do país.

No outro dia lavamos e enfeitamos as nossas negras, cuidamos dos cabelos e esperamos a visita do dono da boate. Ele escolheu três negrinhas que nos daria em troca por uma dançarina. Já sabia qual dela eu queria, e ele a trouxe consigo para eu a ver. A partir de hoje seria minha, mas ela iria trabalhar na boate até o

próximo transporte à vila do meu pai. Assim eu não precisava cuidar dela e ganhei através dela dinheiro. Para experimentá-la na cama passei às vezes para a boate pela manhã e transei com ela em seu quarto. Ela dividiu o quarto com outra dançarina, mas a presença de outra mulata não me atrapalha mais quando me apodero sexualmente de uma fêmea, sobretudo se é minha.

Passei também por outras boates, prostíbulos e barzinhos, mas já conhecia a situação mais ou menos. Meu pai pediu para eu arranjar mais uma puta branca, oferecendo uma ou mais negras em troca. Claro que uma escrava branca valeria três negras, mas as brancas não são escravas, mas putas oficialmente livres como a Verônica que a gente só consegue submeter enquanto tiverem dívidas. Já no caso da Verônica não o conseguimos porque com tantas meninas meu pai não podia dar a devida atenção ao fato de que ela estava pagando a dívida. Agora tivemos que dar-lhe boas condições para ela chefiar as meninas, influenciar, educar e ensiná-las assim como quisemos e para seu namorado concordar com tudo, porque ele poderia simplesmente casar com ela e mantê-la em casa. Bom, sendo meu pai juiz de paz poderia criar-lhes alguns

problemas para se vingar, mas seria um proceder imoral, que ele provavelmente rejeitaria. E nem assim teríamos a puta de volta.

Escravas brancas não existem, só existem escravas mulatas com pele tão clara que parecem brancas. Mas as crias delas podem receber a pele mais escura de seus avós mulatos. Os prostibulos dariam três ou quatro negras para ter uma escrava branca dessa laia, mas elas são muito raras e as poucas, que existem nas fazendas ou no serviço doméstico, muitas vezes são desperdiçadas por donos que as alforriam em vez de vendê-las a prostíbulos onde seriam um destaque e serviriam como recreio para muitos homens.

Ouvi de um dono de um prostíbulo do plano de trazer judias para Recife. Fiquei logo interessado. Seria por consignação e as meninas chegariam diretamente da Europa, assim como elas costumam chegar para o Rio de Janeiro e outras capitais no Sul e também para as cidades ricas da Argentina e de certos outros países. O proxeneta perguntou se eu faria questão que seriam judias ou se as judias poderiam ser também meninas cristãs.

Perguntei meio confuso: “Como uma judia pode ser também cristã? Está falando de novas-cristãs, então judias convertidas? Mas ao que saiba elas não se convertem mais tão fácil.”

“Falei de meretrizes do Leste da Europa em geral. Se os agentes acham meninas cristãs interessadas para trabalharem como empregadas ou criadas no Brasil para ganhar um bom dinheiro, levam as juntas com as judias. Os agentes na melhor rede de tráfico de prostitutas hoje em dia quase todos são judeus, mas eles traficam também meninas cristãs, porque a demanda cresceu muito. E todas essas putas bem brancas do Leste da Europa chamam no Rio de judias.”

Respondi: “Bom, para mim as judias podem ser judias ou cristãs ou pagãs, o que importa é que são bonitas, cheirosas, trabalhadoras, obedientes e têm peitos e bundas firmes e bucetas doces.”

Vendi uma negra ao cafetão e dei mais um conto em dinheiro para ter o direito a duas judias. Tornando-me parceiro desse homem ele me permitiu também para estacionar minhas negras por enquanto em seu prostibulos, para elas não me causarem custos, mas para eu ganhar dinheiro através de suas bocas, bucetas e

cuzinhos. Depois dos sustos da captura, das marchas em caravana, das semanas infernais no navio, da gravação e do treinamento na fazenda e de ficarem por alguns dias acorrentadas na cafua, maltratadas, chicoteadas e disciplinadas pela calcinha de ferro ficavam muito felizes de poderem ficar no prostíbulo e se conformaram com o fato de que tiveram que abrir as pernas a todos. Espero que meu pai teve o mesmo sucesso com suas peças.

À noite saiu a notícia que o presidente Chichorro trocou quase todos os delegados e subdelegados e comandantes da guarda nacional do estado, em tudo mais de 600 pessoas, entre eles também o nosso amigo subdelegado e o delegado que conhecíamos. Eles foram substituídos por pessoas ligadas ao partido praieiro. Bom, não me preocupei porque o armador é meu amigo, e ele entrou no partido praieiro e tem influência, mas para meu pai deve ficar mais complicado. Ele é eleito, então não depende do presidente, mas os delegados podem mandar por cima de meu pai e anular decisões dele, pois ele é considerado um aliado do partido conservador.

Certo dia o adolescente Francisco, que morava agora comigo, trouxe a notícia que suas irmãs gêmeas seriam maltratadas pelo pai e pela madrasta e viveriam como escravas. Ordenei que ele as convidasse para morar com ele. Ele lhes disse que poderiam morar com ele e seriam bem tratadas, não receberiam pancadas, mas que teriam que deitar com o senhor moço.

Falei-lhe que eu não deitaria com meninas de 9 anos, mas ele disse que teriam completado dez anos há duas semanas. Mas quando ele as trouxe, investiguei-as e vi que ambas já perderam o cabaço. Como confessaram em seguida fora seu próprio pai.

Falei que uma vez perdidos os cabaços não poderiam mais casar e deveriam virar putas. Falei que poderiam trabalhar como putas mais ou menos daqui a um ano, mas Francisco perguntou por que teriam que esperar tanto. Falei: “Porque são muito novas.”

“E o que vão fazer até lá?”

“Bom, aqui não podem ficar, o pai e a madrasta as procurariam. Poderiam ficar numa fazenda aprendendo a trabalhar.”

“Elas já sabem trabalhar. Será que vão ganhar algo? E eu poderia receber a minha parte?”

“Bom, na fazenda não vão ganhar nada, só quando depois trabalham como putas.”

“E por que não logo começam como putas? Não seria bom calejá-las já um pouco para serem putas muito boas quando crescerem?”

“Como já expliquei, acho que são muito novinhas. Deve doer ainda quando elas transam.”

“Meninas, vocês sabem que eu receberia uma parte do que vocês ganhariam. Não acham que já poderiam agora trabalhar como putas? Será que dói mesmo?”

Uma delas respondeu: “Dói. Já dói menos do que na primeira vez, mas dói.”

“Mas se doer um pouco, não tem problema. Preciso de dinheiro para poder cuidar de mim e de vocês. Não querem tentá-lo? Quanto mais se transa, mais se caleja e acostuma, e com o tempo não dói mais. Querem?”

Uma das duas ficou em silêncio e a outra só disse: “Não sei.”

Aí Francisco disse que iria falar com as duas a sós e as levou para um quarto. Depois os três voltaram e ele pronunciou que elas queriam ser putas logo. Falei: “Bom, para mim parecem

ainda crianças. Não quero forçá-las. Se querem, devem vir hoje na noite ao meu quarto e mostrar, que são aptas para serem putas. Entenderam? Eu não vou tomar iniciativa. Vou deitar na minha cama, mas se quiserem, fiquem em cima de mim e cavalguem que nem putas verdadeiras.”

As meninas falaram que entenderam, mas mais tarde Francisco as levou de novo ao quarto e falou com elas. Depois do jantar deitei-me em cima de minha cama, e as duas cabritas vieram e conseguiram dar conta da tarefa. Aí expliquei que receberiam a chance de ganhar um dinheiro com sua arte, que seriam treinadas por um tempo, mas depois iriam receber uma porcentagem entre 10 e 25% do que ganhariam. Desse dinheiro pagariam seu quarto, comida e outras despesas, e o que sobrasse de sua parte receberia seu irmão Francisco, por cujo mérito elas receberiam seu lugar de trabalho. Não mencionei que o tempo inicial, em que seriam treinadas e os dias, em que esperariam um transporte em minha casa, também já lhes seriam cobrados. Assim começariam logo com dívidas e teriam que pagar juros. Não quis assustá-las, essas coisas iriam aprender com o tempo. Na verdade, para elas também não terá

importância, já que tudo que sobrar será mandado ao Francisco, porque crianças não precisam de dinheiro.

Meu pai conseguiu estabelecer relações comerciais com prostíbulos e bares maiores em outros lugares mais distantes e começou a vender putas a bons preços. Por isso, fiquei sempre disposto a comprar mulatas e negras baratas capturadas por Fernando e Isaque, embora que sempre desconfiei que eles são calhordas sem moral nenhuma, capturando qualquer menina parda ou preta que lhes parece conveniente, mesmo se são meninas de famílias boas ou que fazem um trabalho útil. Não concordo com barbáries assim, que entristecem mães e pais de famílias, mesmo se fossem só negros. Minha ideia foi capturar só sujeitas rueiras e molecas de rua. Afastando mulatas e negras dessa laia da sociedade e fazer passá-las por uma reescravização, que implica uma educação boa e rigorosa é uma limpeza da sociedade, com a qual todos concordariam. Já o expliquei aos dois rapazes, mas não tenho as condições de verificar a origem de todas as meninas e mulheres, que eles capturam e me vendem. As meninas sempre dizem que são de

famílias boas, e eles sempre dizem o contrário, e já que são dois, o testemunho deles vale mais. Por isso acabei comprando as meninas. Em todo o caso, se capturar e reescravizar certa menina fosse um pecado, a culpa cairia por cima deles. De qualquer forma mando as meninas ao meu pai, e lá elas alegram a vida de muitos homens. Em soma: estou fazendo uma obra boa, porque as meninas novas deleitam os corações de centenas de homens.

Uma vez eles capturaram uma negrinha, cuja mãe dá aulas para outras crianças negras de pais alforriados, para elas poderem aprender ler e escrever e certas outras coisas. Achei a iniciativa boa, porque se um negro sabe ler, pode exercer uma profissão digna como marceneiro ou ferreiro com mais facilidade, e negros que trabalham sinceramente não ficam à toa nas ruas, molestando pessoas, mendigando, furtando e roubando. Ela teve três filhos, e eles ajudavam à mãe ensinando as outras crianças, duas meninas de 13 e 15 anos e um menino de 11 anos.

Fernando e Isaque capturaram a menina de 13 anos e a trouxeram a mim junta com outra

negrinha de 14 anos, que vivia prostituindo-se na rua. Falei com os dois rapazes que seria um caso muito sério sequestrar meninas como a filha da professora. Embora que seja só uma negra pobre conheceria certas pessoas e poderia gerar problemas sérias, se alguém descobriria onde ficaria a filha sequestrada. Não poderia ficar no bar de meu pai, porque sabe ler e escrever e teria mil oportunidades de dar uma carta a alguém pedindo sua mãe ou até um delegado por ajuda. Falei que queria proteger os dois rapazes por nossa amizade e que iria esconder a menina em minha cafua, mas que não pagaria nada por ela porque ela não teria valor para nós.

Os dois aceitaram, intimidados por minhas palavras. Assim ganhamos a putinha de graça. Como todas as meninas capturadas foi forçada a confessar como se masturba e quais outros atos sórdidos e delitos já cometera, depois foi devidamente punida com a calcinha de ferro, transformada em uma puta e escrava submissa e teve que assumir a identidade de uma menina chamada Bianca de 14 anos, da fazenda do coronel Henrique. Foi com o próximo transporte para a nossa vila, e depois de um breve tirocínio em uma sucursal foi vendida a um prostíbulo

que fica a 2 mil quilômetros daqui no interior. Lá dificilmente acharia uma pessoa que poderia levar uma carta a Recife.

De qualquer forma, o novo dono sabia do perigo e ficava de vigiar a putinha. Depois de umas semanas apareceu um homem, que alugou a menina várias vezes e se apaixonou por ela. Aí ela lhe contou que na verdade não seria Bianca, mas uma menina livre capturada e escravizada em Recife. O homem prometeu ajudá-la e ela lhe forneceu mais detalhes, mas na verdade o homem foi um amigo do cafetão, especializado em conquistar o coração de putas para testar a sua fidelidade e submissão. Tais homens muitas vezes são caixeiros viajantes ou outras pessoas, que gostam de viajar. Eles fecham um acordo com donos de putas e podem usá-las de graça. Em contrapartida eles se insinuam no coração das putas e lhes arrancam segredos e testam sua fidelidade. Seu galardão é que podem usar as putas de graça e muitas vezes podem também participar, quando a puta é torturada para ela confessar tudo, mas alguns homens recebem além disso um dinheiro por cada delação.

Delatou a pequena ao seu dono e ela foi exemplada da maneira que nunca mais confiou em um cliente, resignou e se conformou com seu

destino, submetendo-se completamente ao seu dono virando uma puta boa, agradável e submissa.

Umas semanas depois chegou o negreiro com uma nova carga preciosa. Seguiram o mesmo esquema, mas quando o negreiro ficou ancorado na enseada do fazendeiro, amigo do coronel, ele avisou que sua fazenda foi invadida recentemente pela polícia praieira confiscando todos os escravos mais novos cuja origem não podia ser documentada, alegando que seriam possivelmente escravos contrabandeados da África. Levaram-nos para verificar os fatos, mas levaram até duas mucamas bonitas, que falam português sem sotaque, o que já provaria que seriam crioulas, nascidas no Brasil. Bradou: "Falam um português até melhor do que os policiais bajuladores dos praieiros!"

Sentindo que sua fazenda não estava mais segura recomendou ao negreiro buscar outra fazenda bem mais no Norte, de um fazendeiro politicamente ligado aos praieiros, mas compadre dele, que ajudaria, se recebesse alguns escravos de graça.

Dessa maneira meu pai, o coronel e os outros consignatários receberam seus fardos encomendados. Teve mais consignatários e assim eu não levei escravas para Recife. Pelo contrário, algumas negras da primeira carga estavam ainda comigo, trabalhando em prostíbulos. Mas fui até a fazenda, onde o negreiro finalmente realizou o desembarque, mais de cem quilómetros ao norte, para ajudar ao meu pai, trocar ideias com ele e conhecer as negras novinhas chegadas da África, presenciar seu primeiro quebrantamento, sondar suas bucetinhas, provar peitos e bundas, marcar as peças que escolhemos e cavalgar pessoalmente o maior número de potrancas possível. Realmente, o administrador tinha feito outra vez bons negócios, chegando com meninas de primeira classe.

Ele já tinha comprado a sua liberdade, pagando a fortuna de 7 contos por ele ser um negro com habilidades muito preciosos, e viajava acompanhado pelo escravo dele. Na África comprou mais um escravo e uma escrava bonita para si. Seu plano foi ficar na fazenda da senhora como administrador e mandando seus escravos para a África incumbidos a realizarem os negócios. Receberia destarte além do salário

de administrador uma fortuna com cada viagem bem-sucedida do navio.

Informei ao meu pai que eu teria novas putas e iria mandar algumas das negras da primeira carga do negreiro a ele, já que ganhariam no interior mais e eu não as precisaria mais para trocar por judias ou outras brancas. Mas ele disse que acabou de comprar vinte escravas negras de fazendas cujas colheitas de algodão foram aniquiladas pela seca, que já fustigava a região há quase dois anos. Venderiam escravos em grande escala, principalmente para as fazendas no Sul do Brasil, mas ele podia dar uma olhada antes nas fazendas e escolher meninas.

Geralmente venderiam as trabalhadoras dos campos e não as mucamas, mas meu pai vê em cada menina um lado bom e aproveitável, que um homem bom como ele pode promover e ressaltar para que ela tenha seu sucesso no mercado da prostituição. Por isso ele compra meninas jovens, em quais reconhece talentos e um corpo, que pode virar bonito dando algum tratamento aos cabelos, à pele e aos calos nas mãos e pés. Muitas vezes uma menina suja, com cabelos curtíssimos, quase calva, com as mãos grossas e unhas quebradas pelo trabalho no eito,

os pés cheios de calo e a pele ressecada por ficar nua ou quase nua no sol o dia inteira vira dentro de poucas semanas uma princesa linda que delicia muitos homens trabalhadores com os frutos de seu corpinho. Deveriam ser muito gratas ao meu pai por essa transformação maravilhosa.

Meu pai pediu para não comprar mais escravas por preços elevados em Recife. Meninas reescravizadas e putas “voluntárias”, principalmente de cores claras, seriam, porém, sempre bem-vindas, já que seriam baratas ou de graça na aquisição.

Poucos dias depois a Analia encontrou duas negras que corresponderam pela idade e o visual com duas negrinhas falecidas há alguns anos na fazenda do coronel Aloísio. Convidou-as em casa e prendemos as duas para escravizá-las, tratando-as como sempre puxando em seus grelinhos até elas dizerem que aceitariam sua nova identidade e confessarem algumas outras coisas vergonhosas, estuprando-as devidamente e deixando-as uma noite na viga vestidas só de calcinha de ferro. Foram negras livres que antes já se venderam na rua, por isso não me

preocupei com a nova situação política, que poderia me causar problemas transportando escravas diante dos olhos de todos para fora da cidade. Sabia que a polícia não ajudaria a putas. Mas o que mais me deu segurança foi o fato de que as escravas seriam aparentemente do coronel Aloísio, que é um grande aliado do partido praieiro, e se a polícia me controlasse, apresentaria as certidões de nascimento das negras. Vendo que elas seriam propriedade do coronel Aloísio a polícia nos deixaria em paz.

Para valer a pena prendemos ainda uma mulata que correspondia grossa vista a outra escrava falecida do coronel Aloísio, e depois convidei meu melhor amigo da faculdade e partimos para levar as três peças pessoalmente ao coronel Aloísio. Foi uma missão secreta, já que nem a comuniquei ao meu pai, só a Analia sabia do destino da minha viagem. Os outros em casa pensavam que eu as levaria ao meu pai para o coronel as pegar lá. Era necessário manter segredo para o coronel Henrique não saber dessa visita. Ele poderia desconfiar de nós. Sabia muito bem que o relacionamento com ele foi de longe o mais importante para meu pai. Brigar com o coronel Henrique poderia significar não

somente o fim de meu noivado, mas também de nossa empresa e até de toda a nossa família.

Como sempre desnudamos as moças quando já estávamos longe da cidade e fizemo-las correr impulsionadas por chicotadas estalantes e humilhamo-las de todas as formas concebíveis. No terceiro dia chegamos à fazenda e fomos muito bem recebidos. Enquanto os capatazes cuidavam das três escravas exaustas estuprando-as a noite inteira, tomamos um banho atendidos por duas mulatas bonitas e cheirosas, e depois recebemos um jantar suntuoso na presença dos filhos e filhas que ainda moravam na fazenda.

As três escravas seriam estupradas e maltratadas sem pausa por uns três dias e depois levadas nuas pelos capangas a nossa sucursal perto da fazenda do coronel Aloísio. Com certeza a vida como prostitutas lhes parecia o paraíso em comparação ao inferno que passaram antes, e depois da festa de açoitamento e inicialização iriam virar putas dedicadas, submissas e em certo grau até felizes por terem saído do inferno desfrutando de uma vida melhor do que antes.

O destaque na mesa de jantar foram as filhas mais velhas (não contando as que já casaram e não estavam): Madalena, de 14 anos, e Hilda, de

11 anos. Foi evidente, que já foram informadas sobre a proposta do coronel que uma delas casaria comigo, e as duas evidentemente gostavam da ideia. Na mesa sentaram ao meu lado. As duas são morenas bonitas, mas a menor tem um quindim como uma mulata e um comportamento muito coquete e não perde em nada da irmã mais velha e desenvolvida. O coronel e sua esposa sentaram ao lado oposto de mim e conversavam amigavelmente sobre a minha faculdade, a política atual, a seca, a corte imperial, viagens, comida e o desenvolvimento próspero de nosso hotel e de nossos bares novos, envolvendo as meninas de vez em quando. Faziam de tudo para nós tivermos uma noite muito agradável.

Depois da sobremesa um escravo ofereceu cachaça, conhaque e outras bebidas e uma escrava ofereceu chá e café. O coronel perguntou diante de todos, se nós gostaríamos de dormir sozinhos ou acompanhados. Fiquei com vergonha diante das duas moças casadouras, mas também não quis perder a oportunidade para conhecer mais escravas lindas, e por isso falei de sim, assim como também meu amigo. O coronel chamou as mucamas da casa-grande. Falou que poderíamos também dar uma olhada às escravas

da lavoura, mas ele já teria escolhido as melhores para servirem de mucamas.

Já que teve 14 mucamas e mais algumas arrumadeiras e outras meninas da casa-grande, dissemos que não seria necessário inspecionar também todas as outras escravas, o que demoraria muito, já que uma fazenda grande tem centenas de escravos, podem até ser mais de mil.

Pela minha surpresa as duas filhas ao meu lado cochicharam ao meu ouvido quase uníssonas: “Aquela no vestido com a cinta dourada é a mucama de Madalena. Ela é a mulata mais gostosa.”

Admirei a franqueza com que as meninas tratavam de um tema safado assim, pouco idôneo para ouvidos de mulheres, muito menos de meninas ainda menores de famílias boas.

Claro que segui o conselho das duas, já para elas ficarem felizes, e realmente passei uma noite muito boa com a jovem Miriam.

Na outra manhã as meninas disseram que iriam mostrar-nos a fazenda. Os escravos trouxeram seis cavalos para mim, meu amigo, as duas filhas e as duas mucamas delas. A função das mulatas foi serem damas de honra, mas não cumpriram sua função ao pé da letra, porque na

pausa de lanche as duas filhas perguntaram francamente, de quem das duas eu gostava mais, até esse momento. Quando falei que ainda não sabia porque as conhecia por pouco tempo perguntaram se eu pelo menos cheguei a conhecer a mulata Miriam e se eu saberia dizer se gostava da noite com ela. Ri e falei de sim. Madalena perguntou: “Por que gostou dela? Ela fez o que?”

Respondi: “Ah, ela beija muito bem.”

Madalena disse: “Mas Miriam diz que eu beijo melhor do que ela.”

Claro que uma escrava fala assim para agradar. Mas mesmo assim perguntei: “E como Miriam sabe como você beija?”

“Nós treinamos juntas.”

“Vocês treinam? Está mentindo...”

“Claro que treinamos. Acha que a gente queria pagar mico se em um baile um moço quisesse beijar a gente?”

“E vocês treinam beijando uma a outra?”

“Claro. Não poderia ser diferente, né?”

“Não acredito. Mostrem.”

Madalena mandou nas mucamas e as duas se beijaram com língua e tudo. Falei: “Acredito que elas o fazem, elas são mulatas, mas não acredito que vocês também já sabem beijar tão gostosas. Queria ver vocês duas beijarem.”

As duas irmãs riram e sacudiram as cabeças em sinal de não. Falei que assim não daria a acreditar. De repente a pequena Hilda disse: “Só beijaremos se os senhores também beijarem.”

Não foi algo difícil, e já peguei a mucama da Hilda e a beijei gostosamente, e ela logo me cedeu submissamente sua boca inteira. Aí a Madalena pegou a Miriam e as duas se beijaram. Sobraram meu amigo e a Hilda, e ela, quando reparou que só ficaram eles, foi ao encontro do rapaz e ele reagiu, abaixou-se e a beijou intimamente.

Demorando o beijo ele se sentou no mato sem soltar a pequena, e eu segui o exemplo dele. Mas nisso a mucama se soltou e de repente a Madalena começou a me beijar, e depois entramos em uma orgia de beijos na qual todas as meninas nos beijavam copiosamente.

Nisso as meninas riram muito e quando tudo acabou perguntavam bem faceiras se eu agora acreditaria. Ri e disse que não, e logo me

enchiam de mais beijos para provar o seu talento mais uma vez.

Virei excitado e duro e senti uma comichão para colocar meus dedos em certas partes de seus corpos, mas consegui vencer a tentação e nem mexi com as filhas nem na presença delas com as mucamas. Mesmo assim já todo esse beijar foi muito gostoso.

Já meu amigo não foi tão hesitante e aproveitou para enfiar uma mão entre as pernas de Miriam e brincar com ela até a buceta virar escorregadia, mas quando ele depois quis fazer o mesmo com a Madalena chamei a atenção dele e ele caiu em si e parou.

Até a Hilda, quando viu as outras meninas, apertou sua bacia contra mim querendo evidentemente o mesmo mimo, mas eu ignorei-a. Aí ela colocou com todo o carinho sua mão em frente da minha calça onde uma pequena protuberância indicava a quem conhecia de segredos de homem a minha excitação e como gostara dos beijos com as quatro jovens. Levantou seus olhos para mim, sorriu mostrando todo o seu quindim e sua natureza airosa e disse: “Seu lobinho gosta de mim.”

As meninas ouviram a frase, riram e repreenderam a pequena: “Sua bobinha, ele está assim por causa de nós todas, e não somente por sua causa!”

Admirei a franqueza e inibição das meninas. Claro, de mulatas não espero nada diferente, elas são em quase todas as fazendas e casas educadas para serem objetos de sexo. Provavelmente sua natureza safada coloriu também o comportamento das duas irmãs, certamente sem os pais delas saberem. Dificilmente eles tivessem permitido as meninas saírem conosco se soubessem que elas ofereciam as bocas para beijos e roçavam suas bucetinhas em nossas pernas, e que as mucamas não faziam nada para proteger a pureza das meninas, mas, pelo contrário, participavam das safadezas.

As meninas são também bastante inteligentes e nos impressionaram com detalhes sobre a fazenda e a produção. Com certeza as duas dariam para esposas muito boas para mim. Seriam inteligentes para me ajudarem em muitas coisas e partindo desse jeito como elas envolviam as suas mucamas no sexo provavelmente não atrapalhariam meus relacionamentos com escravas. Muito pelo contrário, quem sabe, a gente teria sempre uma

mucama deitando conosco na cama do casal. Mas infelizmente teria que honrar em primeiro lugar o convite do coronel Henrique para casar com sua filha Ana Maria.

Madalena até entendeu de política e falou abertamente que seu pai seria do partido praieiro, que estava governando, e que seria muito bom para os negócios de mim e de toda minha família se eu casasse com uma filha de um coronel praieiro.

Depois conversou sobre as três escravas que eu trouxe comigo. Ela adivinhou evidentemente a verdade e estranhou somente, como eu consegui saber detalhes sobre as meninas falecidas, já que eu nunca antes tinha feito uma visita na fazenda. Falei que seria meu segredo. Madalena respondeu: "Ainda não confia em nós, né? Saiba que acho muito bom o senhor reescravizar essas negras e mulatas. Vi-as ontem à noite. Logo se vê que são putas, pessoas ruins. Não é certo que o governo permite que elas são alforriadas e pululam nas ruas de nossas cidades fazendo o que quiserem. É uma vergonha para nosso país e perigoso. Minha mãe disse que ficou com nojo quando ela ficava no Rio de Janeiro ou Recife e viu tantos negros alforriados infestando as ruas. É uma vergonha. Nas cidades civilizadas como

Paris ou Londres não se vê nada disso. Só pessoas dignas e brancas andam nas ruas. Se eu fosse sua esposa, com certeza ajudaria ao senhor.”

E Hilda logo ajuntou: “Eu também ajudaria ao senhor. Com certeza não faria nada que seria contra os planos do senhor. Já sei que mulatas e negras precisam de um dono severo e justo, que as educa e castiga. Não é verdade?”

Ela olhou para as duas mucamas e elas prontamente fizeram de sim com as cabeças bonitas e confirmaram obedientemente: “Com certeza.”

Algumas semanas depois a Analia me contou que teria várias escravas boçais nas ruas que foram apreendidas em certas fazendas. E com o tempo apareciam notícias nos jornais do partido conservador que a polícia submissa ao partido praieiro invadiu várias propriedades de fazendeiros conservadores sob o pretexto de apreender armas do Estado, escravos furtados e assassinos, a mando de proprietários rurais. Mas na verdade apreenderiam escravos arbitrariamente levando todos cuja origem não seja cem porcento documentada e provada. Mas

os escravos confiscados não foram alforriados, como a imprensa liberal se gabava, mas acabavam distribuídos entre adeptos do presidente Chichorro, e segundo alguns até ele mesmo estaria se servindo dos escravos roubados nas fazendas de adversários políticos. Evidentemente muitas pessoas em Recife, que receberam novas escravas, mandam-nas nas ruas para se prostituírem e fornecerem o dinheiro aos seus senhores ou senhoras.

Não demorava e tivemos a cafua cheia de tais putinhas, mas o problema foi: como levar as cativas para a vila diante do nariz da polícia que acabou prendendo-as em outra fazenda trazendo-as para Recife. Uma vez passadas pelos cadastros da polícia poderiam ser identificadas com mais facilidade.

Falei com o armador se ele poderia me ajudar para fazer amizade com o novo delegado, mas não conseguimos o objetivo.

Duas semanas antes de Natal chegaram em um navio da Europa doze judias que depois foram sorteadas entre os consignatários. Cada consignatário participou em uma rifa, e eu tirei os bilhetes com os números seis e onze.

Não foi uma posição muito boa, e quando cheguei a escolher a minha primeira judia, as cinco mais bonitas já foram escolhidas por outros, pelo menos na teoria. Na prática se mostrou, que os gostos são diferentes. A maioria dos cafetões e taberneiros tende a escolher primeiramente as meninas mais altas e mais brancas. Eu pessoalmente levo muito mais em consideração a qualidade dos peitos, bucetinhas e nádegas. Talvez seja errado, porque tenho que pensar no que atrai os clientes, mas acho que uma menina alta e branca realmente chama mais atenção, mas se o dono quer, que os clientes voltem sempre a usar a puta, ela deve ter mais qualidades. Escolhi uma polonesa com excelente bucetinha e peitos firmes, de estatura média e uma face um pouco insossa, mas que poderia ser melhorada com pincel e batom inteligente. Já a outra escolha tive que fazer quando restavam ainda só duas moças. Uma russa muito pequena e com peitos pequenos e muito afastados um do outro, então sem beleza nos padrões comuns, e uma moça austríaca com uma pele de laranja sem firmeza e uma bunda flácida. Escolhi a russa.

Na noite, de volta em casa, mandei as duas judias sentar nuas na mesa, jantando com a

judias bem, prometendo mundos e fundos, para elas pensarem que ficariam na prostituição só por pouco tempo até pagar o preço da viagem com o navio e depois poderiam casar com um herdeiro bonito de uma fazenda. Se soubessem de seu verdadeiro destino ficariam desesperadas e tramariam uma fuga. Já que não podia trancá-las na cafua só me restavam as alternativas de acorrentá-las na casa ou prendê-las pintando-lhes um futuro maravilhoso.

Acorrentá-las em casa seria um risco, porque se alguém reparar na circunstância e delatar-nos à polícia, poderia provar que elas são putas e provavelmente nada aconteceria. Talvez custasse uma propina. Mas não queria policiais na casa, porque eles iriam vasculhar os cômodos e descobrir a cafua cheia de negrinhas e cabritas, em boa parte sequestradas por Fernando e Isaque.

Quando a festa de Natal ficou perto e a faculdade entrou nas férias, meu pai mandou homens da vila e capangas para me buscar. Chamei todas as putas, que queriam andar voluntariamente com a gente, porque leram ou ouviram de cartas de amigas e colegas que

contaram da vida maravilhosa na vila, e ajuntei as presas, vinte e duas meninas que viviam na cafua apertadíssima, algumas já por oito semanas. Também as gêmeas foram comigo. Saímos na noite carregando estrelas e velas como em uma procissão natalina, e as putas cantaram cânticos de Natal.

Assim saímos protegidos pela escuridão sem chamar a atenção da polícia. O único problema foi, que algumas pessoas se ajuntaram à "procissão", cantando os hinos e orando. Mas depois espalhei a notícia que estaríamos em uma peregrinação séria de mais de 200 quilômetros, e desta maneira todos menos um mendigo desistiram e voltaram a Recife. Marchamos até alta noite, iluminando o caminho com fachos e dormimos algumas horas à beira do trilho.

O mendigo estava ainda com a gente, por isso ainda não comecei com a educação das escravas, porque não queria que ele percebesse que não seriam peregrinas, mas um transporte de escravas. Não queria que ele espalhasse boatos no Recife. Comecei a oferecer-lhe cachaça e a embebedá-lo na espera que na outra manhã ele desistiria da marcha por ficar com a ressaca.

Um dos nossos homens descobriu um túnel furado no pé de um morro, provavelmente uma mina. Fui examiná-la. Evidentemente não estava mais em uso, só teve algumas ferramentas velhas. Teve um portão improvisado, mas deu para abri-lo um pouco para conseguir entrar. Mesmo iluminando com uma candeia não achamos nada de interessante, mas ao que parecia o túnel foi bem longe. Não queria investigá-lo, mas teve uma ideia boa. Voltamos e cochichamos para chamar a atenção do mendigo. Alguns tiveram pequenas pepitas de ouro consigo para poder comprar algo, e eles tiraram-nas dos bolsos e falamos como se fossem achadas nessa mina. Claro que o mendigo ficou curioso. Falamos que a mina evidentemente seria muito boa, mas que o dono não a fechou bem.

Logo o mendigo tratou de emprestar uma candeia, mas eu disse que só teríamos poucas mas que poderia ter uma vela. Já antes da conversa tinha a preparada. Cortara a vela um centímetro em baixo da altura máxima e colei-a com cera. Assim ficou inteira de novo, mas o pavio continuava cortado, e dessa maneira ele iria cair depois de uns cinco ou dez minutos.

Emprestei a vela ao mendigo. Ele me convidou para ir com ele, mas eu aleguei que já fui uma vez e teria que cuidar dos peregrinos e seria cansado: “Acho que vou amanhã cedo. Mas se quiser, vá agora. Tem que andar até o fim do túnel e verá o brilhar forte do veio de ouro.”

Ele foi. Se a vela se apaga dentro de uma mina a pessoa fica totalmente perdida. A única chance seria esperar até o dia e vaguear pelos túneis até ver um laivo de luz. Então se sabe que chegou perto da entrada. O plano deu certo e o mendigo não voltou. Cedo da manhã, antes do sol nascer, fomos embora. Para ele ainda precisar de mais tempo para sair da mina depois de ter achado a saída, travei o portão com uma estaca.

Só a partir dessa manhã começamos a tratar as escravas com chicotadas, mas as nove putas, que foram voluntariamente com a gente, tratamos bem para não gerar ainda mais problemas, porque sentimos que a estabilidade política foi prejudicada pelas mudanças na polícia. Uma vez chegadas à vila meu pai já as transformaria em putas submissas, e depois de sua primeira festa de açoitamento com elas como protagonistas certamente seriam mansas e dóceis como cordeiras.

Na festa do Natal, assim como no ano anterior, fiquei já para o jantar na fazenda do coronel. Ana Maria ficou um pouco apaixonada, um pouco mais espirituosa, e não largou meu pé, praticamente se oferecendo já antes do casamento. Mas não fui tão estúpido de cometer esse erro.

No dia de Natal chegaram meus pais e também meu irmão, deixando tudo nas mãos de pessoas de confiança. Isidoro veio até acompanhado de sua judia, como se fossem um par, e com ele vieram mais pessoas da vila e padre Rogério, o novo padre que se instalava na vila depois da construção da igreja. O padre e a maioria das pessoas participaram ainda da missa festiva de Natal e saíram em seguida da vila, chegando na fazenda já na escuridão.

Também chegaram outros fazendeiros amigos do coronel, o armador, mercadores e um dono de uma taberna com prostíbulo para 16 garotas, que acabou negociando com meu pai, recebendo e trocando putas. Mas o destaque foi a visita do último presidente de Pernambuco do partido conservador, Manuel de Sousa Teixeira, o barão

de Capiberibe. Foi uma honra imensa para o coronel e abrilhantou meu casamento.

O coronel tinha colocado negros com fachos nos três últimos quilômetros para iluminar os trilhos para os que chegaram. No outro dia, depois do almoço festivo o padre celebrou o casamento, e na noite o nosso músico tocou com Amélia e três escravos do coronel e mais um trazido pela senhora.

O coronel nos presenteou com uma faixa de terra, a senhora Eleonora nos deu uma linda negrinha, o fazendeiro negro nos surpreendeu com uma coleção de louça da Itália, e também dos outros convidados, alguns deles grandes fazendeiros, vieram muitos presentes.

Já a noite foi uma pequena decepção. Embora que Ana Maria parecia apaixonada por mim, o que já é uma sorte rara em casamentos de famílias boas, ela simplesmente só deitou e aguentou a dorzinha quando eu a deflorei. Ela não é feia, como já disse. Com certeza é mais bonita do que a pequena judia russa, e esta também foi ignorante e sem habilidades na cama. Mas com ela pude progredir de maneira diferente. Falara com a russa: Faça isso, senta em cima de meu pau, chupa, chupa sua colega,

deita na mesa e deixa-se chupar por nós todos de uma vez e por aí vai, mas com Ana Maria não posso falar como com uma puta.

Por isso só posso transar na posição tradicional, mas descobri logo, que nossos corpos não combinam muito bem. Com a maioria das putas e escravas, que transei, consegui um engate melhor, resultando em uma união mais perfeita, literalmente o "virar uma só carne". Nem quero mencionar essa perfeição divina de harmonia como aconteceu quando transei com Rosalina, mas também a Analia me traz muita felicidade, sendo ela dedicada, fogosa e amorosa. A filha do coronel teve também saudade e quis mostrar seu amor, mas estava desajeitada. Mas a uma filha de um coronel não posso dizer que ela é desajeitada e tem que aprender técnicas na cama como se fosse uma puta.

Bom, pelo menos é limpinha, tem um corpo jovem, não é feia e tem boa vontade. Espero que seja o suficiente para um casamento estável.

Na outra manhã meus pais e as outras pessoas voltaram em casa, só alguns fazendeiros ficaram por mais um dia. Cavalguei com minha esposa pela fazenda para termos um dia amoroso só para nós, e comecei a gostar mais dela. Amei-a

na natureza em baixo de uma mangueira e ela o deixou, gostando até, e depois visitamos a faixa de terra que seria agora nossa. Para minha surpresa encontrei nela uma chácara nova, em que alguns escravos e escravas preparavam uma comida para nós. Ouvimos deles que o coronel construira a casa para nós. Serviria para a gente morar de vez em quando e para botar um meeiro na terra para tiver alguém, que cuide dela e pague a metade do lucro à gente.

Ficamos nessa casa em meio á natureza, só nós dois, sem mucamas, nada. Transamos e ela já se soltou um pouco mais, e até pensei em ensiná-la, mas recuei antes da possibilidade que ela poderia contar aos seus pais que eu a trataria como puta.

Analia, no entanto, teve muito trabalho nesses dias. Junto com as crianças e com artesãos preparava minha casa para a recepção de minha esposa, sua nova senhora. Pensamos na opção de Ana Maria ficar na fazenda até eu terminar os estudos, mas ela não se importava com a casa menor e ficou feliz por ter a chance de me acompanhar e conhecer a capital. Foi tudo uma surpresa elaborada pelo coronel e meu pai, que queriam arrumar minha casa para garantir o conforto à minha esposa. Quando o armador

chegou de volta a Recife teve nas bolsas dinheiro de meus pais, do coronel e de alguns outros para pagar novos móveis e os artesãos.

Fiquei mais um dia inteiro em nossa chácara. Tomamos banhos nus no riacho e fizemos amor no mato. No outro dia cavalgamos no riacho, tomamos outro banho, fizemos amor e voltamos por trilhos que só ela conhecia para a casa-grande. Já passou o horário do almoço, mas Ana Maria disse que a gente entraria a capela para agradecer a Deus pelos dias maravilhosos. Mas quando chegamos por perto da capela ouvi uns tiros. Ela se assustou demais e eu ri do medo infantil dela. Não me preocupei muito, já que não é nada incomum em uma fazenda com muitos capangas ouvir tiros. Poderia significar que caçam um animal, pode ser, que os capangas ameaçam negros insubmissos, pode ser que atiraram simplesmente para treinar; também tem coisas piores como brigas entre os capangas sob influência de cachaça. Zombei da Ana Maria. Fi-lo com amor, sem querer feri-la, mas ela ficou um pouco chateada. Entramos na capela. Oramos um rosário como fizemos no outro ano, quando a conheci pela primeira vez, mas ela estava irrequieta e nervosa.

Talvez ela pressentisse algo, pois quando subimos à casa-grande tudo estava cheio de policiais e militares, que vasculhavam a casa. Os escravos ficavam em um canto, encurralados, os capangas e familiares no outro, também sob custódia.

Dois capangas deitaram mortos na praça em frente da casa. Segurei o braço de Ana Maria, que ficou ainda mais nervosa, e falei: “Ande reta, não mostre medo.”

Fomos andando ao encontro da casa-grande e quando dois policiais nos queriam deter perguntei como se eu fosse um transeunte passando por acaso pela fazenda: “O que está acontecendo aqui? Leve-me ao comandante.”

Falando assim como se eu tivesse o poder de dar ordens os policiais nos levaram ao comandante. Ele ficou em uma distância segura da casa, circundado por homens e ao lado de dois policiais feridos. Falei o nome do armador e de mais amigos dele, falei meu nome e disse que seria amigo deles. Evidentemente os nomes citados fizeram certo efeito e o comandante perguntou mais coisas, mas depois ele disse, que estariam aqui para procurar por negros fugidos, armas e produtos de contrabando. Ana Maria

disse que não teria nada disso na fazenda. Cutuquei-a com o cotovelo para ficar quieta e disse: “Sempre somos felizes se a polícia cumpre seus deveres. Fiquem à vontade. Se posso ajudar de alguma forma, estou à disposição.”

Ana Maria cochichou: “Cafajeste.”

Cutuquei-a de novo e adicionei em direção do comandante: “Tenho toda a certeza que também meu sogro, o coronel Henrique, ajudaria com muito prazer. Deve ter sido um desentendimento lamentável que não foram recebidos devidamente.”

“Infelizmente o coronel recebeu as autoridades com balas.”

“Ultimamente passaram bandos de ladrões pela região, por isso os capangas são nervosos, quando desconhecidos entram a fazenda.”

“A polícia nunca é desconhecida. Para isso usamos fardas.”

“Alguns ladrões também usam fardas parecidas para enganar as pessoas. Se o senhor comandante deixar, posso falar com o coronel para o senhor comandante falar com ele de homem a homem.”

“O coronel Henrique foi ferido e está preso.”

“Onde ele está?”

“Ali. Recusou-se de falar comigo.”

Aí avistamos o coronel deitado mais atrás e vigiado por dois policiais. Ana Maria perguntou: “Sou a filha dele, posso falar com ele?”

“Agora não.”

O comandante da guarda virou as costas a nós e recebeu o relato de um policial e deu ordens. Depois de um tempo todos os escravos da fazenda fizeram fila e foram avaliados. Todos de origem incerta foram separados, inclusive tiraram algumas meninas bonitas de seus pais, embora que não podem existir dúvidas sobre sua origem se elas têm os pais na própria fazenda. Falei isso ao comandante, mas ele disse: “Muitas meninas carambolam inventando histórias e pais falsos por ter medo ir embora com a polícia. Não acreditam que estamos aqui para as liberar.”

Teria tido muita vontade de perguntar a respeito das meninas apreendidas em fazendas que agora têm outros donos e se prostituem em Recife. Para não chatear o comandante, iria dizer que gostei da ideia de mandar as meninas apreendidas para se prostituírem, mas mesmo

assim teria sido muito ousado. Por isso calei a boca e virei assim testemunha como eles tiraram mais de um quarto dos escravos do coronel.

O delegado falou com o coronel que ele teria ocupado uma parte da terra de seu vizinho coronel Aloísio e que estariam também aqui para acabar com a ocupação da terra. Confiscaram documentos do coronel e tentaram identificar capangas que teriam atirado em capangas do coronel Aloísio nessa faixa de terra em questão. Mas embora que dois capangas do coronel Aloísio estavam com eles não conseguiram identificar alguém.

Quando os policiais abandonaram a fazenda, a casa-grande foi bastante devastada, o coronel ferido, dois capangas mortos, três capangas feridos, oito escravos feridos e duas escravas estupradas. Ana Maria ficou furiosa porque eu teria ficado do lado dos cafajestes que causaram tudo isso. Defendi-me e expliquei que o fiz para acalmar os policiais para as coisas não agravariam mais ainda e para usar os nomes de meus amigos para eles tratarem a gente com mais respeito, mas ela argumentou que eu deveria ter ido bem mais cedo em vez de ficar por tanto tempo na capela se eu achasse que poderia salvar algo com minhas relações.

Quando falei que não podia saber que seria uma coisa séria ela disse que ela logo sabia através dos tiros, que seria algo grave e ainda por cima me atacou por eu ter amigos em um partido que quase assassinou seu pai. O próprio coronel me defendeu e disse a Ana Maria que eu seria um moço bastante inteligente e perspicaz e que ela faria bem me ouvindo.

Aí ela se rendeu e parou de reclamar, mas se retirou ao seu quarto, e quando eu fui dormir disse que teria dores de cabeça e queria dormir no seu quarto de criança. Fiquei chateado e com vontade de colocar uma escrava em minha cama, mas, é claro, não sou tão grosso que o faria logo no segundo dia do casamento e na casa de meus sogros. Tenho certeza que o coronel o acharia normal, se eu usasse uma escrava em outra ocasião, mas agora seria realmente uma provocação. De qualquer forma com toda a confusão também não era a hora para tais extravagâncias.

No outro dia a gente queria cavalgar mais um pouco e se divertir, mas Ana Maria não teve mais vontade e disse que não se sentiria bem e que queria ficar em seu quarto. Já combinamos antes de cavalgar até uma sucursal nossa e dormir lá, se o tempo tiver bom. Fui conversar

com ela, mas ela não deu bola. Pensei que o melhor seria esperar, porque com o tempo ela iria se acalmar e julgar diferente a respeito de minha atitude diante da polícia.

Peguei o mesmo cavalo que recebi no dia anterior e fui cavalgando sozinho. Queria visitar a sucursal na Vargem Alta, que ainda não conheci, mas quando vi que cheguei para lá já no horário do almoço, fiquei só meia hora e segui em frente para ver também a sucursal de Raimundo. Senti saudade de rever a Rosalina. Cheguei para lá à tardinha. Claro que o Raimundo achou que meu pai me tivesse mandado para visitar a sucursal e me mostrou tudo. Os resultados foram bons, e na noite o bar foi bem frequentado.

Raimundo ficava às tardes normalmente na oficina, mas na noite fica no bar. Durante o dia o comando seria de Rosalina, mas ele evidente não lhe deu autoridade e a punia muito. Ela foi bem mais magra e o brilho em sua face foi apagado e só se incendiou de novo, quando ela me viu. Falei que ficaria na noite e que queria dormir com Rosalina. Raimundo disse que eu a receberia se ela fosse livre na noite, mas pedi para ele me reservar a puta. É incomum alguém da família ou dos funcionários fazer algo assim,

porque os negócios têm sempre preferência, mas Raimundo cedeu ainda brincando: “Como você pode estar com tanto tesão só três dias depois de seu casamento. A filha do coronel não dá?”

Olhei chateado para ele sem responder a grosseria.

Apesar do Raimundo o clima no bar foi amoroso e as putas trataram a mim e os outros fregueses muito bem. A gente se sentiu logo em um outro mundo, como um pequeno paraíso. Conheço um bar em Recife que se chama de “Paraíso”, mas ele não tem nada de paraíso. Aqui, porém, senti reinar um espírito de amor, dedicação e submissão natural.

Rosalina explicou: “Quase todas as meninas cresciam sem família, foram arrancadas de suas famílias ou já são mães, e os filhos foram lhes arrancadas. Carecem muito de amor familiar e quero que elas tenham uma família aqui. Somos uma família.

São os costumes e sinais pequenos. Por exemplo, tomamos o café da manhã e, se der, também o almoço juntas, fazendo sempre uma oração de mesa como em famílias boas. Faço assim, que a moça, que no dia anterior teve o

maior número de clientes, pode falar a oração e recebe o copo com o anjo."

"Qual copo com anjo?"

"Veja, temos copos simples, mas esse copo com o lindo anjo eu trouxe da vila. Recebi-o de presente de um cliente. As meninas o adoram. Por isso faço assim, que a menina, que trabalhou mais, o recebe como galardão no dia seguinte. As meninas adoram tais gestos. Veja, são todas meninas boas. Para ser franca, seu pai não mandou meninas boas, porque ele tem medo que Raimundo as estrague. Mas eu já as converti em meninas muito boas."

"Talvez se comportem bem por medo do Raimundo."

"Elas têm medo, sim. Mas medo bruto não faz de uma menina tímida e tosca uma puta desenvolvida. Para ser irradiante e espalhar amor tem que receber amor também. O Raimundo, na verdade, só atrapalha nisso. É uma pena, que sempre precisamos de um homem por causa da segurança. Senão iria pedir liderar o bar sem presença de um homem."

"Como vejo receberam também negrinhas boçais. Elas vieram diretamente do negreiro para cá ou fizeram seu tirocínio na vila?"

“Foram muitas meninas, por isso seu pai teve que espalhá-las. Chegaram para cá cruas e toscas, só quebrantadas pela viagem e a marcha para cá. Fui eu quem lhes ensinei tudo como uma mãe. Depois de serem açoitadas publicamente em uma festa como as que conhece da vila, só que com 70 chicotadas, foram estupradas por dezenas de homens, seguindo o esquema que conhece. Depois tratei-as com amor, ensinei-lhes serem prostitutas boas e amorosas. Expliquei que uma puta há de se dar toda e que o corpo dela existe somente para divertir e dar prazer aos homens. Muitas vezes fiquei ao lado delas, quando ficavam com clientes, ajudando e aconselhando.”

“Os homens deixaram?”

“Claro que perguntei cada homem e só fui junta quando ele concordava. Mas assim elas aprenderam tudo. Veja como elas agora são. Ganham muito dinheiro para vocês.”

“E como o Raimundo avaliou seu sucesso? Ele o percebeu?”

“Ele disse nada, mas quando eu, depois de ajudar muito às novinhas, teve nessas duas semanas menos clientes do que antes ele me açoitou por preguiça. Na verdade, mesmo não

ajudando às novinhas teria tido menos clientes, porque eles procuram no início sempre as putas novas.”

Quando fiquei cansado peguei o braço de Rosalina e falei: “Vamos dormir.”

No quarto ela falou: “Esperei todos os meses que um dia chegaria. Sabia que um dia chegaria. Vou sempre o esperar, o senhor sabe.”

“Como está, minha pombinha? Está sofrendo muito?”

“Sei que tenho que sofrer para os negócios andarem melhor. Aguento tudo por sua causa.”

“Há de aguentar tudo por ser uma escrava e puta. Se quer ser uma escrava e puta boa tem que aguentar tudo. Esqueceu?”

“Senhor, não esqueço que sou só uma puta e escrava. Mas também o aguentaria se não fosse uma escrava porque amo o senhor e sei que somos destinados um para o outro.”

“Você é muito petulante e enfatuada. Você é uma escrava e eu sou livre. Além disso sou casado.”

“Sei que o senhor se casou e desejo que será feliz com sua esposa. Mas sei que sou destinada para o senhor, talvez não como esposa, mas de

concubina ou só de escrava, não me importa. Quando o senhor transou comigo pela primeira vez logo sabia que o senhor é o homem da minha vida, porque o meu corpo foi feito para o senhor.”

“Se você não vivesse falando tais coisas até te tivesse levado comigo para Recife. Mas não gosto de escravas que querem ser mais do que uma escrava.”

“Eu só quero ser o que o senhor quer que eu seja. Posso ser sua escrava e seria feliz. Não perturbaria o senhor para exigir mais. Cuidaria muito bem do senhor e o ajudaria em todos os seus negócios, assim com a Analia o faz.”

“Como sabe se Analia o faz? Ela não me ajuda em meus negócios, só limpa a casa.”

“Uma vez ela ficou sozinha em casa com algumas crianças por vários dias e ela capturou uma escrava para o senhor e a trancou em um socavão atrás de sua casa. Não há muitos escravos que o fariam par seu senhor. Eu o faria porque quero fazer tudo que traz vantagens para o senhor.”

“De onde sabe da menina capturada e da cafua?”

“Sonho muitas vezes de você e da Analia. Por isso sou feliz porque sei que ela cuida bem do senhor. Mas seria mais feliz ainda, se eu poderia ficar com o senhor.”

“Tira a roupa que te quero ver e tocar.”

Ela desvestiu-se e vi cicatrizes de chicotadas nas costas, sinais roxos de pancadas e duas queimaduras nas partes interiores das coxas: “Quem o fiz?”

“O Raimundo me castiga muito. Sob qualquer pretexto.”

“Sinto muito. O que foi que cometeu?”

“Se uma menina não transa bem, responsabiliza-me e me pune, mas se eu punir a menina para educá-la, ele muitas vezes cede às reclamações dela e me pune por ter maltratado a menina. E se eu falar alguma coisa, que ele acha errado, ele me pune. Quando perguntei quando seria o casamento do senhor com Ana Maria ele me puniu por ser curiosa e metida.”

Beijei a menina em todos os lugares e vi, que teve um corte na bucetinha. Perguntei e ela disse: “Tive que cavalgar uma garrafa em cima de uma mesa. Ela caiu da mesa e quebrou o gargalo. De castigo tive que cavalgar a garrafa

mesmo assim, até o sangue pingar na mesa. Só aí ele parou porque os outros visitantes se assustaram com o sangue. Eles gostam ver uma puta ou escrava sofrer, mas a maioria não gosta de sangue.”

Beijei as cicatrizes na buceta com muito carinho, como se quisesse apagar as dores sofridas e o terror com meus afagos. Tudo dela era tão gostoso. Só quando procurei o sinal, aquele sinal em forma aproximada de uma cruz, que vi no sonho e depois no lugar mais secreto da Rosalina, quase não era mais reconhecível. Será que no ano passado vi as formas mais claro porque fiquei entusiasmado? Será que tudo não foi um milagre, quem sabe, um aviso de Deus, mas só minha fantasia fustigada pelo entusiasmo? Acho que não. Lembro-me que o sinal ficou bem claro. Talvez parece mais apagado por causa dos ferimentos que formaram cicatrizes, ou por outro fenômeno natural. Perguntei: “Ele trata as outras meninas também tão cruel?”

“Não todos, mas a maioria. Ele não prossegue seguindo um plano, como seu pai. Este também me mandou açoitar, mas foi para submeter-me logo no início e para ganhar dinheiro. Ele sempre tenta ser justo. Duro, mas justo. Já o

Raimundo destrói as meninas. Foi por isso que a Francisca se suicidou.”

“Qual Francisca? Qual suicídio?”

“Uma negra muito bonita que chegou com a primeira carga que seu pai comprou diretamente de um negreiro. Era uma menina que não abaixou os olhos como se fosse uma princesa africana. O Raimundo torturou-a com coisas tão perversas, até ela se suicidar.”

Assustei. Ele matou a nossa linda “princesa” africana? “O que ele fez com ela?”

“Não quero falar disso. O senhor vai sentir nojo e ter pesadelos, não quero que o senhor tenha pesadelos.”

“Não, conta tudo, quero saber tudo.”

“Não quero que o senhor tenha pesadelos. Também vai sentir nojo e a gente não vai ter uma noite agradável.”

“Conta.”

“Não.”

“Está se recusando a fazer o que mandei? Quer ser chicoteada?”

“Prefiro ser chicoteada, se fosse pelo senhor.”

“Vou pedi-lo ao Raimundo.”

“Por favor, podemos falar de outra coisa?”

“Conta pelo menos um exemplo, talvez uma das coisas menos nojentas que ele fez com ela.”

“Por exemplo queria que ela sempre olhasse humildemente para baixo. Já que ela não o fez quando torturada, de castigo, costurou-lhe as pestanas nas sobrancelhas e assim ela não podia mais fechar os olhos.”

“Mas se ele queria que baixasse os olhos, o que tem a ver que ele não quer que feche os olhos? A sua história não tem lógica.”

“Acho também. Mas não é minha culpa, o senhor teria que perguntar o Raimundo a respeito da lógica de seu sistema educacional e corretivo.”

Fiquei broxo após essa história e Rosalina disse: “Por isso não queria contá-lo.”

Mas ela tratou-me com muito carinho sincero, igual ou ainda mais do que a Analia. E quando a possuí foi tão perfeito como na primeira vez. Seu corpo, sua voz, seu cheiro, tudo foi tão maravilhoso para mim. Não sei se só eu o sinto dessa maneira. Parece sim, porque os clientes já não sentem a mesma harmonia com ela, senão todos queriam só dormir com ela.

Mas para mim ela é uma moça ideal. Tudo me agradava, o gosto de sua boca, o cheiro de suas axilas, os dedos dos pés e da mão. Chupei todos seus dedos, dos pés e da mão. Foram como doces para mim, gomos de uma mexerica ou outra fruta deliciosa. Também ela chupou meu dedo. Falou: “Enfia o mais.”

Enfiei o dedo médio aos poucos, passando sua úvula com cuidado, e senti sua garganta apertada ao redor da ponta do dedo. Quando engoliu saliva, por reflexo, senti o palpite ao redor de meu dedo e me emocionei. Enfiei mais um pouco, e vi pelos seus olhos que não foi confortável para ela. Afastei o dedo com cuidado e perguntei: “Por que queria que enfiasse o dedo?”

“Para me sentir sua escrava e puta.”

“Não sente vontade de vomitar quando enfiar assim?”

“De pequena senti, mas depois fui treinada para aguentar algo na garganta. É um símbolo para a mais profunda submissão e amor, porque é fácil dominar uma menina e estuprar sua bucetinha ou seu cuzinho, mas na boca ela tem dentes, e se ela abre a boca para o cliente e até aguenta que ele avance fundo...”

Fechei sua boca com um beijo. Quando a soltei falei: “Você é um doce. Quero que seja minha escrava e namorada. Agora enfia seu dedo também em minha garganta.”

Ela olhou me surpreendida, mas expliquei: “Quero sentir o que você sente, quando eu o faço com você.”

Tive que relaxar bem minha garganta para ela poder entrar, e mesmo assim algumas vezes os músculos se contraíram em sinal de enjoo. Mas ela foi muito cuidadosa e assim me acostumei e senti seu dedo em minha goela. Realmente, senti que o gesto significa submissão total, a demonstração que não me vou mais defender, que sou uma pessoa toda aberta para ser violada; senti-me realmente como uma puta escrava, senti-me como Rosalina e isso me trouxe ainda mais empatia e amor para com ela.

Mais do que nunca tive certeza, que Deus por alguma razão queria que ela fosse minha. Não sei por que ele o quer. Também não entendo, por que ele usa meios tão indiretos para comunicar o que ele quer. Se ele tivesse mandado um anjo com asas e tudo eu tivesse feito tudo que ele mandaria. E se tivesse mandado um anjo

também ao meu pai, seria melhor ainda. Por que ele não o fez?

Ao outro lado, para Deus poderia ser sem importância se eu achar uma esposa que me faz feliz. Para que ele teria que mandar um anjo ou fazer outra coisa espalhafatosa para eu o entender? Não deveria ser o meu interesse viver da melhor forma e pedir o conselho dele para eu achar o caminho da minha vida, inclusive achar a parceira a caminhar ao meu lado? Parece que ele quer nos desafiar. Preparou um caminho a trilhar para nós, que ele planejou e que nos garantiria uma vida certa, mas a gente tem que descobrir o caminho seguindo os sinais meio escondidos que ele espalha.

Deveria ter buscado a vontade de Deus lendo na Bíblia e falando com Ele na oração? Perguntei:

“Você acredita em Deus?”

“Não entendo a pergunta.”

“Você acredita que Deus age em nossas vidas, criou o mundo, fala a nós nos sonhos ou no coração?”

“Não sei se ele criou o mundo, não sei nada. As poucas coisas, que os padres viajantes me falaram ou que alguns negros na fazenda

contaram de divindades africanas ouvi, mas não posso julgar o que seja certo e o que errado. Só sei que Deus existe e evidentemente quer nos ajudar e tenta falar conosco. A gente o percebe, quando tiver um sonho ou uma visão que depois vira fato. Tal sonho não pode ser produto de minha fantasia, né? Mas todas as outras coisas... sou uma menina sonhadora. Por exemplo sempre sonho que possa viver com o senhor, achando que o senhor é destinado para mim. Mas não sei se essa certeza, que sinto, vem de mim por ser uma menina apaixonada por alguma razão ou se é algo que Deus me cochichou no ouvido.”

“E quando sonhou comigo pela primeira vez?”

“Acho, quando tive 9 anos e fui pela primeira vez apalpada entre as pernas por muito tempo, por meu senhor, o marido da senhora Eleonora. Fiquei muito assustada e angustiada porque já sabia das outras negras o que os brancos fazem conosco. Aí sonhei que um dia conheceria um jovem com quem seria todo diferente e a quem abriria as pernas voluntariamente e me sentiria bem nisso. No sonho vi o senhor assim como o vi depois quando chegou pela primeira vez à fazenda. E depois sempre quando abrir as pernas para alguém fechei os olhos e imaginei que fosse o senhor. Assim sofri bem menos. Orei todos os

dias para esse moço chegar me salvando e para eu virar bonita para ele me perceber e escolher. E quando apareceu de verdade, meu coração quase estourou.”

“Coitadinha, e em vez de salvar te levei a um lugar bem pior.”

“Não pode ser pior se é o lugar no que sirvo ao senhor, que me é destinado. Os momentos com o senhor já me bastaram para eu me sentir consolada e grata.”

Foi uma noite muito gostosa, e na outra manhã fui convencido que eu teria que falar com meu pai seriamente e pedir que a Rosalina morasse comigo. Já estive responsável por negócios importantes e poderia até pressionar meu pai um pouco, se ele não ceder. Acordei Rosalina com um beijo: “Tenho que levantar-me cedo para voltar à fazenda. Sonhou de novo de minha casa? Queria saber notícias de lá.”

Falei na brincadeira, mas ela virou séria e disse: “Hoje não sonhei nada, mas ontem. Não contei nada para não destruir o momento mágico que eu pude dormir mais uma vez com o senhor. Mas a Analia não está em sua casa. Sonhei que chegaram homens e a levaram. Os homens

também abriram seu socavão. Sinto que a Analia está em perigo.”

“Rosalina, você é uma moça muito especial para mim. Tenho certeza que um dia, quem sabe já em breve, vai ser minha escrava. Quero que saiba que gosto muito de você.”

“Quero que saiba que também gosto muito do senhor. Vou ser sempre uma escrava fiel. Mas seria muito grata se o senhor me tirar daqui, porque o Raimundo ainda vai me machucar muito, quem sabe me matará. Se um dia falam que eu fugi ou fiz suicídio, não acredite neles. A Francisca não teve esperança, mas eu sei que um dia tenho que viver com o senhor, e vou viver um dia com o senhor e o fazer muito feliz. Não vou me suicidar mesmo se Raimundo fizer comigo o mesmo como com Francisca. Se falam que me teria suicidado ou que teria fugido saberá que for mentira e que morri por maltrato ou por assassínio ou por outra razão.”

“Não fala tais coisas agourentas. Você não vai morrer, você vai viver para mim, vai ser minha namorada eterna, minha boneca, minha escrava e minha puta, minha potranca, minha cadelinha, minha gatinha. Já, já vou te buscar.”

Todas as africanas novas que passavam pelo bar de meu pai sofriam também muito até elas se adaptarem ao serviço, mas o tempo todo seu consolo foi, que elas mesmo sendo putas e escravas ainda estavam em cima da índia. Passado pela fase inicial até ficaram em cima de Pídia, que foi maltratada a pedido da senhora que a vendera, mas Pídia conseguiu relacionar-se com elas de alguma maneira. A índia, porém, que não tinha como aprender a língua portuguesa e não teve tradutor nenhum, não se relacionou com ninguém. Também foi sempre trancada no estábulo, fora das duas horas nas quais ela fazia a faxina.

Por isso ela era o objeto preferido de todas as putas para descontar seu desgosto. As negras novas aprenderam desde o início maltratá-la. Viram na índia um estorvo, porque tinham o trabalho, de vez em quando, de cuidar dela, e algumas que pretendiam acumular gorjetas para comprar a liberdade ficavam aborrecidas porque alguns homens, em vez de contratar uma negra, estupravam a índia pela metade do preço.

Sempre inventaram coisas novas para humilhar a índia divertindo assim também os homens que tomavam café pela manhã no bar para ver o

espetáculo, e as meninas ganharam o aplauso deles.

Certo dia uma negrinha enfiou uma colher de pau com o cabo no cu da índia e ela teve que limpar o chão de quatro dessa maneira. Quando o repetiam mais vezes, um brincalhão trouxe duas sinetas pequenas e um chocalho e pendurou tudo na colher para desde então um ruído acompanhar cada movimento da faxineira nua como se ela fosse um bobão de uma corte.

Outra vez um homem trouxe uma bandeira inglesa. Os ingleses não tinham boa fama por causa de seus atos de pirataria contra os nossos navios negreiros, às vezes também sob esse pretexto contra outros navios. Enfiou a bandeira no cuzinho da índia e entre risadas teve que limpar o chão assim embandeirada.

Já que eu não estive mais na vila, as putas ficavam sozinhas, cedo da manhã, e exerceram a supervisão sobre a índia sem que me pai os controlasse, e os fregueses muitas vezes participavam nisso. Muitas vezes a moça recebeu mais chicotadas do que cinco ou foi picada ou chibatada.

Certa vez amarraram-lhe os antebraços nas canelas e deram lhe uma escova na boca. De

joelhos, praticamente de quatro, mas sem poder usar os braços, teve que escovar o chão com a boca.

Quando não chegou muito para frente mesmo instigada por algumas chicotadas, um homem se sentou na sua cabeça, apertando-lhe a face impiedosamente contra o chão e cantou uma música, batendo com as palmas das mãos na bunda da índia como se fossem tambores. Acompanhado pelos baques cantou uma música bem safada, cujo estribilho foi repetido pelos outros.

Dois dias depois fui com minha esposa para Recife, acompanhados por capangas, a mucama dela e a negrinha que recebemos da senhora. Essas duas ficariam com a gente. Passamos a vila e dormimos em casa, mas nem cheguei a ver a índia, porque partimos bem cedo. Em casa todos ficaram preocupados com o coronel e também conosco. Chegaram jornais da capital e o “assalto” à fazenda do coronel ganhou destaque. O jornal conservador escreveu que saquearam a fazenda roubando mais de 200 escravos, enquanto o jornal liberal escreveu, que liberaram 200 negros que seriam vítimas de

escravização ilegal, principalmente negros contrabandeados da África.

Meu pai ficou furioso e decidiu ir conosco à capital para falar com as autoridades, reclamar que ele como juiz de paz não foi envolvido nem antes ouvido, e exigir a devolução dos escravos confiscados.

Por causa das mulheres a cavalgada até Recife foi mais lenta, e depois de um dia eu disse, que iria com meu pai para frente para verificar se a minha casa estava pronta para receber a Ana Maria dignamente.

Chegamos para Recife já na escuridão depois de uma cavalgada forçada. Fiquei absorto pensando nos problemas e preocupado, mas de repente uma cena na rua chamou a minha atenção. Foi um casal, um homem branco com uma linda mulata no braço. Levei um susto, porque no primeiro momento achei que seria Rosalina, mas logo me disse que seria quase impossível ela ficar no Recife. Quando chegamos por perto vi que não foi ela, mas por alguma razão a moça lembrava muito a Rosalina. Mas o que mais me assustou foi o homem. Me fui como se eu visse a mim mesmo daqui a uns anos. Talvez ele foi um dos pequenos mercantes portugueses, que casou

com uma linda mulata. Os dois pareciam muito felizes. Não eram ricos, senão iriam de liteira. Andavam a pé para a missa, seguidos de duas crianças e de uma escrava negra.

Por um momento os nossos olhos se cruzaram e absorto em pensamentos cumprimentei o homem com um sinal e ele respondeu. Sabia que minha vida não seria assim, porque me decidi por outro caminho. Mas será que a minha decisão der certo? Será que eu conseguiria ficar não só rico, mas também feliz? Sacudi-me para perder os pensamentos melancólicos e falei alguma coisa fútil ao meu pai para poder pensar em outra coisa.

Realmente fiquei preocupado por causa do sonho de Rosalina. Não acreditei muito no sonho, mas pelo sim pelo não quis cuidar de possíveis complicações antes de Ana Maria chegar para não a envolver.

Achei a casa muito bem preparada, com moveis novos e tudo e fiquei emocionado. Mas Analia não estava. Francisco contou, que teve uma devassa da polícia. Por sorte, a cafua estava vazia, faltava isso! Mas eles levaram a Analia dizendo que ela seria uma escrava ilegal e seria liberada.

Se ela fosse liberada, ela poderia mostrar, se realmente é uma puta submissa voltando voluntariamente para me servir, pelo menos poderia contar com a possibilidade. Mas eu temia que eles a simplesmente entregassem a um dos fazendeiros poderosos do partido liberal, então praieiro. Por isso fui logo pedir ajuda ao armador e juntos com mais um amigo dele do partido praieiro fomos procurar o novo subdelegado, enquanto meu pai foi logo ao ministério de justiça cuidar dos negócios do coronel Henrique.

Foi minha sorte que Analia ainda estava na delegacia, e assim meus amigos conseguiram que eu podia recebê-la de volta. Levara 30 chicotadas na prisão, ninguém lhe explicou, por que, já que na versão oficial da polícia ela seria uma vítima que foi prendida para ser liberada de escravidão ilegal. Além disso foi estuprada, mas que uma negra bonita é submetida à violência sexual na prisão já é considerado uma coisa natural, porque os guardas também só são homens e sucumbem diante as formas exuberantes das bundas e peitos negros e diante da gostosura de certas negras e mulatas.

O subdelegado perguntou para que eu teria uma cafua cheia de correntes e grilhões e eu disse que

comprei a casa recentemente e deixei a cafua assim como era.

O armador disse: “O pai dele tem um barzinho onde trabalham várias putas. Às vezes, a gente vê uma puta gostosa aqui na capital e consegue trocar uma puta por outra ou arranja uma nova. E algumas são bastante rebeldes ou fogem, o senhor sabe, como algumas meninas dessa laia são. Por isso achamos por útil, manter a cafua.”

Tomei um susto danado com essas palavras; pensei que ele me trairia. Mas depois o armador me explicou: “Veja, se você quer pespegar mentiras a um delegado, deve pelo menos inventar uma história interessante e não vir com um pretexto mole como que não ainda não teve tempo para mudar o ambiente. Se você conta, que as meninas são putas, eles perdem o interesse. Eles mesmos prendem putas na rua, se elas brigam, e sabem muito bem, que elas são uma praga. O delegado é feliz, se pessoas como seu pai abrigam as putas e disciplinam-nas. Ele jamais teria apreendido a Analia se soubesse que é uma puta.”

E o amigo adicionou: “Também jamais iriam confiscar escravas de seu pai. Se eles prendem escravos do coronel Henrique e de outros

caciques dos guabirus, eles enfraquecem o poder econômico dos adversários. No jornal a população pode ler, que eles liberam escravos ilegais. A população, na maioria, concorda e aplaude porque a polícia alega que todos seriam africanos livres escravizados ilegalmente e que seriam devolvidos à África. Na verdade, não têm verbas destinadas para transportá-los à África. Chegaram 300 negros de uma vez em um navio, apertando os fardos como se fossem sacos de café. Agora o governo precisaria de cinco navios para levá-los de volta de um jeito mais humano e confortável. Claro que não podem e nem querem gastar tanto dinheiro só por causa de negros que ainda por cima são cidadãos africanos e não brasileiros. Por isso eles acabam distribuindo os negros capturados simplesmente entre pessoas do partido liberal.

Mas jamais poderiam confiscar putas para supostamente liberá-las, porque a população jamais iria concordar. Temeriam que as meninas dessa laia infestariam os logradouros da cidade ou que seduziriam os maridos das mulheres honradas. Ninguém ajudaria a putas, e por isso também ninguém queria que a polícia lhes ajude. Por isso é sempre bom dizer, que a escrava é uma puta.”

Agradeci a Analia e aos amigos pela ajuda e por terem arrumado e preparado a casa tão bem para minha esposa.

Ana Maria chegou à noite e tomou logo conta da casa. Evidentemente sentiu que toda a casa respirava o espírito de Analia, e começou desde o início de redimir a influência dela. Mudou todos os arranjos de moveis e enfeites, que a Analia tinha feito, trocou até alguns móveis, reclamou a presença de crianças alheias na casa e ralhou muito com a Ângela e alegou que seria indigno ter só uma criança cuidando da faxina e da cozinha. Falei que recebemos uma negrinha da senhora, além da mucama, mas Ana Maria acha, que uma mucama não trabalha na cozinha, mas senta com a senhora para conversar e ficar à disposição dela, e que uma negrinha, que foi presente de casamento, também teria que virar mucama.

Achei-o todo exagerado, mas fiquei na minha e prometi arranjar mais uma escrava para a cozinha. E em Analia minha esposa viu desde o início uma rival e a tratou com hostilidade. Por isso tentei afastá-la o mais possível da casa, mandando a trabalhar na rua, prostituir-se e cuidar de nossos negócios. Mas Analia teve que dormir em casa. Chegou alta noite e cedo da

manhã Ana Maria a mandou acordar para ajudar na limpeza. Tentei falar com minha esposa, mas ela me disse com frieza, que eu, se precisaria de uma negra de estimação, poderia usar sua mucama, mas quanto à Analia ela gostaria que eu a mandasse embora. Falei que precisaria dela para certos negócios, embora que paramos atualmente os sequestros, porque depois de a polícia tiver conhecimento da cafua tive que ser ainda mais cuidadoso. Mas Ana Maria não quis ceder.

Meu pai, no primeiro dia aqui em Recife, não conseguiu encontrar as pessoas certas, mas no segundo dia ele teve marcado um encontro com o delegado que mandou vasculhar a fazenda do coronel. Esperei o meu pai voltar para aconselhar-me com ele a respeito do impasse com Analia.

Vi três alternativas: falar com Ana Maria ou até insistir em minha opinião, defendendo meus interesses, ou mandar Analia para a vila ou alugar um quarto para Analia em outra casa aqui no Recife.

Meu pai voltou muito revoltado porque o delegado tinha desmarcado o encontro. Ele teria que voltar no outro dia. O delegado o tratou

como um pedinte qualquer, não como um juiz de paz que veio com um assunto profissional.

Depois do jantar, quando se acalmou, fomos para a rua passeando um pouco e eu o consultei. Aí meu pai fez mais uma proposta: “Não é bom insistir simplesmente com as mulheres. Você é o homem e deve ter todo o direito de mandar, mas se um homem manda uma vez, a mulher fica chateada e o mostra. Algumas mulheres ficam ofendidas por algumas semanas, outras pela vida inteira.

Vá para ela e dize que refletiu a respeito do caso e entende, que ela se preocupa com a situação. Por isso resolveu mandar a Analia de volta ao seu pai pedindo dele outra escrava, que entenda um pouco dos negócios, para a substituir. Aí te mandarei outra escrava que saiba fazer o mesmo.”

“Em quem o senhor pensou?”

“A Amélia ou a Rosalina. Mas estou aberto para outras propostas.”

“Prefiro a Rosalina.”

Ele sorriu: “Imaginei. Mas eu o prefiro também, porque a Amélia toca também músicas no barzinho. O Raimundo, como você me disse,

não se entende com Rosalina. Por isso vou mandar outra puta para o Raimundo e mandar Rosalina para você.”

Agradeci ao meu pai e comecei a sonhar. Finalmente teria a Rosalina comigo. Seria só minha escrava, mas ela disse, que seria contente com sua situação. Será que ela realmente conseguiria substituir Analia também nos negócios? Certamente, sempre foi uma puta dedicada, só não a levei antes por ter medo de ela ser exigente demais, querendo ser mais de uma puta e escrava de estimação.

Falei cordialmente com Ana Maria, e ela ficou feliz, e nós falamos bem gentis entre nós e dormimos juntos e transamos. Ela falou que queria engravidar logo. Fiquei feliz porque vi um caminho para tudo ficar bem.

No outro dia meu pai não voltou da audiência com o delegado, e alta noite fomos buscá-lo. Não era para acreditar, ele foi preso por corrupção, tentativa de dar testemunho falso e tentativa de encobrir crimes. Fiquei consternado e logo no outro dia fiz de tudo: falei com os amigos do partido liberal, visitei meu pai na delegacia, perguntei com quem poderia falar no governo e o que mais teria que fazer para ele.

Ele me deu nomes no ministério da justiça, mas já que era sexta-feira já não contou com a possibilidade que algo seria feito antes da segunda-feira e disse, que eu deveria mandar alguém para avisar o pessoal na vila. Meu irmão teria que ficar na vila deixar a sucursal dele sob comando de uma puta.

Ofereci mandar o Francisco para ficar em lugar de meu irmão na vila, mas ele só poderia ajudar a minha mãe, porque seria ainda muito novo para liderar um barzinho com putas. Quando fui ao ministério, o armador me avisou que o negreiro chegou. Ele disse que não veria mais a chance de entregar os negros ao coronel, nem aos aliados dele nem ao meu pai. A polícia estava de alertas e confiscaria todos os negros. Para não perder seu dinheiro o negreiro iria fazer o desembarque na fazenda de um amigo, que também seria do partido liberal, e ele iria chamar amigos e fazer um leilão. Mas o armador poderia pelo menos pegar umas três escravas para mim para minha casa ou para o bar. Mas, para ter segurança em minha casa e para eu conseguir algo em favor de meu pai ajudaria muito se eu me tornasse um membro do partido liberal. Gritei: “Eu um praieiro? E acha que me aceitam, sendo eu o genro do coronel Henrique?”

“Você explica a Ana Maria que seria uma manobra necessária. Muitos o fazem agora. Por exemplo o coronel Manuel e o embargador José. Se algo facilita a vida, temos que usar o recurso.”

Assim virei praieiro, mas como já temi não consegui mais falar com pessoas importantes neste mesmo dia. Resolvi então sair ainda nessa tarde de sexta-feira para avisar o pessoal na vila.

Para minha surpresa Ana Maria disse que iria comigo. Queria estar ao meu lado e ajudar para tudo ficar bem. Também não queria ficar sozinha tendo medo de uma ação dos praieiros, mesmo eu sendo agora membro desse partido. Falou que entendeu a minha intenção de proteger a mim e a minha família, mas temia por si mesma por ser a filha do coronel Henrique. Além disso, ainda ninguém sabia que eu virei praieiro e também todos desconfiariam que fosse uma manobra apenas para conseguir vantagens. Mas ela disse, que talvez no futuro nós garantisse mais segurança e bons frutos de “nosso” trabalho. Fiquei feliz por ela ter dito “nosso”, o que indicava que ela começou a se identificar com meu trabalho.

Ana Maria não quis cavalgar com seu silhão, a sela grande para ela poder cavalgar de saia ou vestido sem precisar escanchar as pernas. Na fazenda jamais usava o silhão, mas cavalgava sempre com sela normal, mas aqui na cidade, onde uma senhora boa nem anda a pé, muito menos de cavalo, mas é carregada por escravos, seria um escândalo ela cavalgar escanchada. Pelo menos todos a considerariam de caipira e matuta, senão de puta.

Por isso ela se vestiu de homem. Assim ficamos também em maior segurança, já que só fomos um grupo pequeno constituído de mim, Ana Maria, Francisco e Analia, que ficaria depois na vila e também viajava camuflada de homem. Também as duas mulheres levaram armas e assim o nosso grupo já não parecia tão vulnerável e nem se assemelhava com um grupo que transportaria coisas de valor interessantes para assaltantes.

Mesmo assim as mulheres e Francisco cavalgaram mais lento do que eu se fosse sozinho ou com outro homem que cavalgasse bem. Além disso demorou até minha esposa separar algumas coisas para levar. Eu mesmo não levaria quase nada, mas ela achou por importante levar certas coisas. Por isso só

saímos na tarde e não demorou muito e o anoitecer começou com sua hora mística, quando uns animais e flores se retiram enquanto outros acordam para uma vida na escuridão. Quando não conseguimos ver mais nada quis parar para fazer uma fogueira e passar a noite ao ar livre, mas Ana Maria brigou e queria que eu arranjasse pelo menos uma casa por mais pobre que seja para dormir. Cedi para não brigar e chegando a uma casa modesta batemos a porta e as pessoas nos ofereceram suas camas, dormindo eles mesmos no chão. Mesmo assim Ana Maria, no outro dia, reclamou da noite desconfortável e tive que brigar com ela para a gente se apressar. Por isso só chegamos domingo pela manhã à nossa vila.

Antes de chegar ao barzinho passamos a casa bonita que o coronel Henrique mandara construir, e pela minha surpresa vi a nossa judia na janela. Só agora cheguei a saber, que ela já vivia há mais de um mês nessa casa.

O coronel fora ao Isidoro e lhe deu duas mulatas e uma negrinha e levou a judia. Isidoro não quis abrir a mão de sua judia, porque sonhou em um dia viver com ela e queria uma família boa, que seria uma família branca. Mas opor-se ao coronel seria arriscar a vida, por isso ele só

negociou e acabou ganhando mais um escravo, que lhe ajudaria na mina. As meninas ele iria alugar ao meu pai, mas pensando melhor ele pegou o resto de seu capital da venda do diamante grande, suas três meninas e o escravo e pediu ao meu pai para virar sócio, abrindo sua própria sucursal. E assim transferiu-se para uma cidadezinha há uns 150 quilômetros abrindo um bar com suas meninas e mais duas de meu pai, seguindo o exemplo bem-sucedido de meu pai. Assim teve sempre cinco meninas lindas à sua disposição, todas escravas submissas que não podem criar problemas como esposas. Para ele certamente muito bom, só deste jeito jamais teria uma família respeitada na sociedade, como sonhara antes, só se ele investir o dinheiro que ganha para mandar vir outra vez uma mulher da Europa.

A judia ficou muito feliz a rever Analia e convidou-a para tomar um café com ela, "se o dono deixar". Nisso ela sorriu para mim, toda feliz de ser agora dona de casa e amante do coronel. Disse: "Não sou dono dela, o dono é ainda meu pai, que está em Recife. Mas vou falar com minha mãe de seu convite, senão passa lá e fale com ela. Sou feliz por você tiver conquistada o coração do coronel. Aproveite."

Aproveite bem, pensei. Para você teria sido bem melhor ficar com Isidoro para tentar virar sua esposa. Agora você tem uma vida boa, mas quando o coronel se cansar de ti ou se ele morrer, vai ficar sem futuro, teria que entrar outra vez em um prostíbulo e ficaria lá para sempre, morrendo pobre e infeliz.

Pedimos licença e seguimos caminho chegando ao bar.

Ouvimos as risadas de homens que saíram do bar e o som fino de sinetas. Pulei do cavalo e entrei no bar sem ajudar a Ana Maria para descer do cavalo, porque quis poupar minha esposa dessa cena indigna. Mostrei a índia no chão, com escova na mão e uma colher de madeira com sinetas no cu e ordenei: “Tirem isso, vai ter visita de senhoras. Joana! Va em casa chamar a minha mãe.”

Pela vista a índia já estava terminando a faxina. Quem sabe, já a terminara, mas as meninas a mantinham ainda por um tempo no bar, para alegrar os fregueses, mostrando lugares que ainda não achavam por bem limpados e forçando a índia para esfregá-los de novo.

As meninas se intimidaram diante de mim, mas os fregueses, sem vergonha, continuavam

brincando: “Tirar o quê? A macaca que sabe limpar o chão?”

Já que as meninas não o resolveram logo fui com três passos ao lado da índia e afastei a colher ridícula, mas já ouvi um gritinho. Foi a Ana Maria, que apertou as mãos em frente da cabeça.

Os homens não viram que foi uma mulher, muito menos uma senhora de destaque e zombavam: “O que ele tem? Nunca viu índia nua?”

Ela se recuperou, tirou o chapéu e deixou seus cabelos longos descer. Alguns homens ainda não sabiam o que aconteceu e continuavam falando asneiras e gracejos maldosos até um deles a reconhecer: “Caramba, é a filha do coronel!” E todos, sem saber como se comportar, envergonhados, se levantaram com os chapéus na mão.

Chegou minha mãe e cumprimentou a Ana Maria na porta, que lhe disse: “Dona Emília, o que é isso? Quem é esse animal?”

Levaram a índia para o estábulo, e informei a minha mãe sobre o que aconteceu com meu pai. Perguntei, onde estaria meu irmão e ouvi que ele

ficou na sucursal mais nova, já que meu pai só pretendia ficar por pouco tempo ausente.

Resolvemos informá-lo mandando um rapaz da vila. Que ele mesmo decidisse se preferiria deixar a sucursal e voltar à vila ou se ficaria na sucursal, deixando minha mãe se virar, que ainda teria a ajuda de Francisco e do músico.

Quando estava explicando e organizando as coisas, a índia começou a cantar. Desde a primeira noite, em que ela cantou várias vezes e foi emudecida com ajuda do chicote nunca mais cantara. Não sabia por que resolveu cantar justamente agora. Talvez queria a minha atenção, mas não fui para o estábulo, mas mandei a negrinha Luiza calar a índia. A negrinha pegou um chicote e foi.

Falei com minha mãe, que meu pai queria que a Analia ficasse no bar, sendo ela uma escrava e puta totalmente fiel e hábil. Poderia até liderar uma sucursal ou ajudar a minha mãe. Em contrapartida levaria a Rosalina comigo. Para Raimundo daríamos outra menina; ele se virasse aceitando-a como líder das meninas ou nomeando outra líder entre elas.

Minha mãe disse: “Mas por que não leva uma menina daqui? Tem que ser a Rosalina? Vai

ainda por cima subir ao barzinho de Raimundo hoje? Pensei que ficaria pelo menos hoje comigo?”

“Vou subir. Tem que ser a Rosalina. Meu pai o decidiu.”

O canto da índia acabou depois de a gente ter ouvido através da parede fina os estalos de duas chicotadas, mas depois de alguns minutos recomeçou. Repreendei a negrinha, ela pegou o chicote e foi de novo. Ana Maria a seguiu atraída pela curiosidade e a comichão de algo constrangedor ou horripilante. Quando voltou indagou a mim e a minha mãe: “Para que vocês guardam esse animal nojento?”

Fiquei acanhado com a pergunta: “Bom, no início ela foi muito bonita. Teve muitos fregueses.”

“E desde quando fica acorrentada no estábulo?”

“Desde o início. Ela não entende nossa língua e..., bom, às vezes morde também.”

“Você disse que ela teve fregueses. Então no início ficou no bar?”

“Não, os fregueses foram para o estábulo.”

“Imagino que foram bem poucos. Qual homem queria deitar-se com um animal acorrentado e sujo em um estábulo de bode fedorento.”

Não falei nada, mas mexi a cabeça como em sinal de aprovação, embora que sabia que na verdade quase todos os homens foram ao estábulo. Mas não queria aprofundar o assunto. Ana Maria disse:

“Por que não a mandam embora? Pode viver na mata com os outros animais.”

“Bom, ela fica também responsável pela faxina.”

Minha mãe alegou: “Temos outras meninas suficientes para dar conta de tudo. Já falei com seu pai para mandá-la embora.”

Ana Maria falou: “Esse é um hotel, não um zoológico. Acho que pessoas de bem não aqui dormiriam se soubessem da existência da selvagem no estábulo. É perigoso.”

Não contei a Ana Maria, que seu pai sabia de tudo e cedi: “Um dia a gente a manda embora.”

Minha mãe adicionou: “Quem sabe ela tem doenças com toda a sujeira. Acaba que os fregueses a frequentam e depois contaminam as nossas meninas boas. Não acha que temos agora meninas suficientes? São todas meninas boas,

até as africanas já se adaptaram. Para que precisamos ainda da selvagem? Ela só serve para bêbados que não querem gastar nada com mulher.”

Falei: “Meu pai sempre pensa também nos que têm poucos recursos.”

Minha mãe reclamou: “Estou cansada de pensar sempre nos outros. Para que ajudar a esses bêbados? Eles têm dinheiro para pagar uma menina educada, mas querem ficar com a grana para encher-se de cachaça. É muito chato ter uma selvagem assim em casa. Ela estraga as meninas boas.”

Falei: “Bom, no início ela nos ajudou bastante. Mas tudo bem, se quiserem, mandem-na embora. Mas deveriam pelo menos esperar a volta de meu pai.”

Ana Maria disse: “Manda-a embora, para que precisa de seu pai para jogar lixo para fora?”

Minha mãe concordou: “Para mim pode ser, vou com a Ana Maria.”

Encolhi os ombros: “Para mim tanto faz, vivo em Recife. Então, vamos soltá-la?”

Minha mãe concordou: “Solta, mas não aqui, solta-a na rua para ela não ainda atacar alguém aqui dentro.”

Chamei a negrinha e mais duas putas e mandei levar a selvagem até a rua em frente da casa.

Ela certamente pensava que seria levada para ser açoitada outra vez, e andou profundamente abatida. Não deu mais como reconhecer uma princesa das matas nela. Andava curvada, a carne murcha, os olhos vazios, a boca apertada pelo desgosto e a solidão.

Logo alguns curiosos pararam na rua, esperando chicotadas ou outro espetáculo interessante. Quando ela estava na rua, saí do portão e tirei suas correntes. Mostrei em direção da mata, de onde ela veio dois anos antes, mas não deu para ver mata nenhuma, só casas em uma rua torta. Gritei “xó” para enxotá-la, e quando o repeti sem que ela se mexesse, um moleque também começou a gritar “xó” para ela. Fechei o portão ficando por dentro e ela ficou na rua. Gritei de dentro xó, mostrei na direção em qual teria que correr e gesticulei, mas ela se agarrou ao portão. Bati em seu rosto e ela largou o portão, ficando no meio da rua, circundada por transeuntes e o moleque a ameaçando com seus gritos “xó”.

Disse para a negrinha : “Leva-a em direção à mata.”

A negrinha pegou um chicote e uma chibata, estendeu a chibata e falou à moleca Aline: “Vem me ajudar.”

Aline pediu licença e eu cedi, e logo a negrinha Manuela, a Zaininha, aquela potranca que peguei em uma fazenda há um ano, pediu também para poder ir com as amiguinhas. Permiti-o e ela se armou de outra chibata e correu atrás. Quando as três meninas começaram a bater na selvagem e gritar xó, o moleque não quis ficar para trás, arranjou uma vara que lhe serviu de chibata e ajudou expulsar a índia da vila. Ela começou a se locomover na direção desejada, e quando percebeu que a multidão deu espaço começou a correr para escapar das crianças. Mas suas pernas desacostumadas de andarem, muito mais de correrem, já não aguentaram a corrida e já depois de cinquenta metros ela teve que parar, andando com dificuldade, e foi logo alcançada e acompanhada pelos moleques, seus gritos e chibatadas. Já teve mais dois moleques e quando chegaram á esquina, mais dois rapazolas se ajuntaram. Em pânico a selvagem olhou para traz, refletindo certamente se não voltaria para nossa casa; quem

sabe a deixariam entrar desta vez, mas os dois meninos maiores começaram a bater nela e força-la na direção desejada, e assim ela desapareceu na esquina.

Já estive colocando minha sela no cavalo descansado que estava em sua baia atrás da casa, ou, melhor, atrás do hotel. Com ele iria ainda hoje até o bar de Raimundo. Minha mãe escolheu uma escrava para ir comigo para ficar com o Raimundo em lugar da Rosalina. Ela chorou e pediu para poder ficar, mas eu bati nela porque tive pressa e mandei: “Pega sua trouxa e esteja de volta já, senão levará chicotadas.”

Francisco preparou outro cavalo para ela, e dentro de pouco tempo saímos, eu e a puta, que me era desconhecida. Seria até melhor para mim, porque não queria fazer graça com ela, mas só levá-la o mais rápido a Raimundo, não me preocupando com o destino provavelmente duro dela, sendo o Raimundo um algoz perverso, ao meu ver.

Neste meio tempo o número de moleques acompanhando a moça nua cresceu cada vez mais. A vila crescera nos últimos dois anos, e chegaram famílias inteiras trazendo moleques e gurias. O barulho chamou a atenção, e chegando

à beira da vila já um cordão de uns vinte ou mais foliões acompanhou a índia, a maioria moleques armados com chibatas ou outras coisas que servem para enxotar animais indesejados, e todos gritaram “xó”, “fora” e “pra mata” e ainda outros vieram correndo para participar do evento.

Alguns adultos seguiram à distância, rindo e conversando descontraídos. Na beira da vila moravam alguns sujeitos desleixados em barracas bem precárias, dois deles até costumavam mendigar em frente da igreja. Esses sujeitos degradados e em parte bêbados não tiveram vergonha de se ajuntarem às crianças, instigando-as ainda.

No campo deserto em frente da vila a índia viu finalmente a mata, que a salvaria de seus perseguidores, e eles mesmos começaram a cadenciar os gritos “pra mata, pra mata”, mas quanto mais alto gritavam, mais se pareciam com “pra matar, pra matar”. Não se sabe se foi por intenção deliberada pelos menos de alguns, que o gritavam, ou se foi só um engano dos que ouviram o coro de longe.

Não demorou e alguém empurrou a índia, outro passou a perna, e ela caiu, e logo dois ou três

rapazes a viraram nas costas, abriram seus braços e seguraram-nos pisando por cima. As pernas ela já abriu como por instinto, como uma cadela ou até também um cachorro, que se joga ao chão nas costas abrindo as pernas, se aprontou algo e quer pedir desculpas, se render e submeter. Os moleques fixaram logo as pernas abertas pisando nos joelhos, e por um momento todos ficaram ao redor da vítima, olhando-a. Alguém pegou o chicote da negrinha Luiza e deu uma em cima da moça indefesa, mas logo em seguida um dos homens miseráveis bêbados se deitou em cima da índia sem vergonha e estuprou-a diante todas as crianças. Seguiu outro bêbado e depois os dois mendigos também aproveitaram a prenda gratuita.

Quando ninguém mais estava em cima da menina, o moleque deu outra chicotada nela, sem se preocupar com o fato, que a tira alcançou até o rosto desprotegido. A negrinha abaixou-se à índia, levantou o dedo para chamar a atenção e apertou o peito e logo a índia obedeceu falando: “Sou puta.”

Nisso os moleques acharam muita graça e a negrinha demonstrou a ampla gama de expressões que a selvagem aprendera nos dois anos, todas safadas e degradantes. Os moleques

não hesitavam em testarem também os “botões” dessa boneca falante, mas depois de pouco tempo apertaram ou puxaram muitos “botões” ao mesmo tempo, e já que não pôde falar várias frases simultaneamente a selvagem emudeceu. Continuaram a apertar e puxar nela com mais força para reiniciar o “mecanismo”, e um moleque logo lhe enfiou a mão inteira na buceta, e outros moleques e até uma das duas molecas, que além das três putas nossas estavam entre os moleques, imitaram o ato indecente.

Aí a índia começou a cantar. Os moleques pararam irritados e a negrinha mandou ao com o chicote: “Dá uma chicotada nela, mas cuidado para não bater no rosto.”

Respondeu: “E o que tem se eu bater no rosto?”

“Poderia ferir um olho.”

“Pra que ela precisa de olhos? Vou açoitá-la até morrer.”

Deu uma chicotada e logo outra, mas a negrinha estendeu a mão por cima do rosto da índia e outros seguraram o moleque furioso: “Espera que vamos fazer outra coisa com a índia.”

Confirmaram: “Vamos dar uma lição à besta e mandá-la na mata para os índios a acharem assim como uma bruxa feia.”

Logo todos se entusiasmaram pela ideia e falaram: “Vamos dar uma lição aos selvagens para eles saberem que a gente não aceita putas safadas assim em nosso vilarejo.”

Já durante os estupros alguns acharam ao redor carrapichos e pegaram os maiores. Agora eles colocaram-nos no cabelo da índia e os enrolaram no cabelo até a cabeça parecer de uma mulher maluca ou até encapetada com bobes bem esquisitos no cabelo para fazer cachos. Todos riram e caçoaram da selvagem.”

Perto do lugar teve uma rocha, e ao pé da rocha cresceram uns cactos com espinhos longos como agulhas de costurar. Um moleque bem safado quebrou cuidadosamente uma agulha e segurou-a sorrindo diante dos olhos da índia. Ameaçou picá-la. Alguns gritaram: “Pelos mamilos. Enfia-a nas chupetas da bruxa.”

Ele escolheu um mamilo, segurou-o entre dois dedos e tentou traspassá-lo, mas não o conseguiu logo. Vendo a dificuldade do colega outro moleque mais velho ajoelhou-se, segurou o mamilo com as duas mãos e assim o colega

conseguiu seu objetivo. Vendo o sucesso outros também quebraram agulhas, tarefa que causou logo uma vítima que começou a deitar sangue da mão, reclamando com voz alta e maldiçoando a selvagem, já que a presença dela lhe causara o infortúnio.

Atravessaram cada mamilo com três agulhas, que formaram estrelas, como se fossem um enfeite exótico dos índios. Na minha memória guardei ainda bem a cena semelhante do primeiro dia que vi a índia deitada no chão, quando ela era ainda uma princesa e eu coloquei as minhas mãos nos peitos dela querendo protegê-los das agressões dos outros.

Uma moleca trouxe flores brancos com talos altos, e a moleca Aline e a negrinha cortaram os talos e passaram-nos nos cachos malucos da cabeleira, entrelaçando-os para formar uma coroa esquisita. A terceira moleca ficou entre os rapazolas trazendo espinhos aculeiformes, e a nossa negrinha Manuela, chamado de Zaininha ou simplesmente Potranca, ficou observando a cena perturbador de uma distância de uns metros. De repente um rapaz pegou a mão da Zaininha dizendo: “E aí, como está a bucetinha dessa potranca linda?”

Ela assustou, embora que já fosse uma puta acostumada com as atitudes do sexo masculino, e tentou retirar a mão. O rapaz falou: “Não seja rebelde, pequena potranca, imagino que sua bucetinha já virou um paul, vendo tudo aqui. Acertei?”

“Acertou não.” Ela novamente tentou ganhar sua mão de volta.

O amigo do rapaz, vendo a negrinha barafustando, pegou a outra mão dela para ajudar o colega e segurou-a. O primeiro ajoelhou-se ao lado da pequena e colocou uma mão em baixo de sua saia: “Deixe me ver como está seu jardim? Ah, bem regado!”

Quando a potranca se estrebuchou e esperneou, sua agitação chamou a atenção de outros e vários moleques a seguraram e lhe tiraram as roupas escassas do corpo, apalpando-a sem dó.

Vendo a negrinha nua e o procedimento dos rapazes e moleques, outros pegaram nos braços da outra negrinha, que estava formando das flores uma coroa esquisita para a índia, e queriam fazer o mesmo com ela, mas Aline pegou o braço da menina falando categoricamente: “Ela é minha amiga.”

Sendo Aline uma branca, os moleques desistiram de um ato violento que a envolveria, e as duas meninas ficavam em pé, se segurando, enquanto a outra moleca trouxe mais flores.

Os moleques com mais espinhos duros e longos na mão, no entanto, resolveram não colocar mais nos mamilos. Em lugar disso puxaram os lábios da bucetinha para fora e traspassaram-nos com vários espinhos. E no final puxaram também o grelinho para fora.

Quando passei com minha escrava o lugar, cavalgando em dois cavalos, fiquei aborrecido com a cena grotesca. Meu primeiro pensamento foi de vituperar seriamente os malfeitores, mas pensando melhor desisti de passar broncas na molecada e fiquei na minha, observando tudo só da distância.

Meu pai estava preso e talvez a gente ainda precisasse do apoio do povo. Seria pouco prudente, brigar com as pessoas nessa situação. Mas para descarregar minha raiva em alguém dei uma bronca em nossas putas: “O que estão fazendo aqui no campo? Por acaso receberam permissão de sair? Voltem logo ao trabalho!”

Aline e a negrinha obedeceram logo. A negrinha pediu o chicote de volta. O moleque não o quis

entregar, mas ele mostrou a mim e logo o moleque rendeu o objeto. Gritei de novo para as putinhas e elas meteram os pés, perseguidas por uma chicotada que acertou as pernas delas. Nisso descobri a Zaininha em baixo de um rapaz ou homem jovem, que a estuprou. Cutuquei-o com o cabo do chicote: “Pagaste o valor, rapaz? Senão depois vai ao bar pagar a sua dívida. Essa buceta é de graça não.”

O rapaz levantou-se. Gritei com a Zaininha: “Não tens quarto para receber seus clientes, malandra? Em casa, ao trabalho, e já!”

Bati com o chicote no chão logo ao lado dela e ela fez um pulo, pegou suas duas peças de roupa e correu nua. Era uma imagem bonita ver a potranca galopear pelo campo. Lembrei-me como acabadas as negrinhas chegam da África, saindo sujas, doentias e fedorentas do navio. Quão diferente é a visão, quando ela corre agora! O contraste foi muito grande. Agora a pele da negrinha brilhava, a carne era firme e gostosa e os olhos brilhantes, embora agora assustados e cheios de medo. Consegui alcançá-la pelo menos ainda com uma chicotada, mas depois ela disparou como uma gazela negra, esbelta e linda. Pensei: “Como a vida aqui no Brasil, o trabalho, sobretudo a prostituição e a

boa educação na escravidão fazem bem a essas africanas. Chegam como animais sujos, murchos e doentes e viram potrancas lindas e apetitosas.”

Quando os moleques perfuraram também o grelinho com três espinhos aculeiformes, a índia soltou ululos sorumbáticos que me ecoavam no ouvido, quase causando-me dores de cabeça. A moleca ficou indecisa com suas flores na mão, já que a negrinha e Aline não estavam mais as recebendo. Algumas flores, na pressa, retirou até junto com as raízes.

Aí um rapaz teve outra ideia. Provavelmente já viu ou ouviu, como a índia costumava fazer a faxina, com algo enfiado como um rabo na bunda. Dobraram as pernas da índia em direção ao peito, sacudiram a raiz de uma flor para liberá-la da terra e enfiaram a raiz no cu da selvagem. Era como se a flor nascesse do ânus da moça, saindo meio metro e acabando em flores brancos. Gritaram: “Um rabo! Um animal com rabo!”

Logo inseriram mais raízes de flores, até que um tufo de umas dez flores parecia crescer do interior da índia. Soltaram-lhe as pernas e fixaram-nas escancaradas na posição anterior,

admirando sua obra, o corpo de um ente feio e monstruoso, de um fantasma assustador.

Um rapaz segurou um pedaço de pau na mão, um pedaço de um caule quebrado de uns cinco centímetros de largura e quase meio metro de comprimento, e quando os outros o olharam estranhados, explicou: “Para entupir a perereca.”

Seis rapazolas se ajoelharam ao redor do colo da moça e seis dedos de seis mãos diferentes enfiaram-se na buceta da vítima e a abriram com força, puxando para os diversos lados até que o colega podia enfiar o pau.

Mas o resultado não agradou a todos e um disse: “Se ela correr na mata o pau vai sair.”

Um rapaz tirou uma corda de seu bolso para segurar o pau, mas outro disse: “Não vai dar, se ela correr, o pau vai se soltar. Além disso, ela poderia tirar tudo com as mãos. Por isso deveria usar a corda para atar as mãos.”

Cresceu ao lado da rocha um cacto xiquexique empertigado, e um rapaz com sorriso maldoso quebrou um galho de meio metro, um dos mais finos de talvez nem 5 centímetros de diâmetro.

Tiraram o caule da barriga da menina e novamente os seis jovens ajoelharam-se ao redor

do colo, enfiaram um dedo e abriram a buceta com força. Outros dois rapazolas quebraram do pé do galho do cacto os espinhos maiores sobrando apenas tocos de um ou dois milímetros e o enfiaram na buceta tendo muito cuidado para não ferir os dedos dos companheiros com os restos dos espinhos. Depois os companheiros retiraram seus dedos, mas apesar de todo o cuidado logo dois colocaram os dedos em suas bocas para sugar o sangue e diminuir as dores. O galho espinhoso ficou firmemente enraizado na barriga da índia. Pelo peso uma parte do galho tocou o chão, mas o fim ficou arrebitado, virado safadamente para cima como um pênis parcialmente ereto.

Ao lado de mim, um pouco afastado dos outros, ficou um menino de uns 12 anos, observando tudo sem participar. Agora ele percebeu que eu ficava ao seu lado e ele me olhou e perguntou: “Por que eles odeiam a índia?”

Engoli e respondi com voz rouca: “Também não sei.”

Depois de uma pausa o menino perguntou de novo: “E o senhor a odeia também?”

Respondi: “Não. Jamais a odiamos. Sempre a tratamos bem, como a qualquer outra mercadoria.”

Em seguida ataram as mãos da moça e amarraram-nas em seu pescoço para ela não poder alcançar nada com as mãos. Um menino arranjou um pedaço de arame, e com ele fortificaram a amarração, para a selvagem não a lixar e esfacelar em uma rocha ou árvore áspera ou aguda.

Um rapaz segurou mais um espinho bem grande: “Falta ainda uma coisa.”

Abriu sem dificuldade a boca da moça, pegou a língua com ajuda de um lenço e puxou a para fora. Outros ajudaram e quando ele segurou a língua com as duas mãos um companheiro perfurou-a com o espinho, que, porém, quebrou. Pegaram outros espinhos grandes e firmes como agulhas, e com o tempo conseguiram traspassar a língua com três agulhas. Desta maneira a língua teve que ficar estendida para fora, era impossível colocá-la de volta na boca. Tampouco foi lhe possível fazer uso dos dentes.

Os jovens ficaram ao redor de sua obra, admirando a feiura do ente que seguraram com seus pés no chão. De repente um deles tirou seu pau para fora diante de todos, inclusive das duas molecas e de minha escrava, e mijou por cima da índia, e logo outros moleques e rapazes o imitaram nisso. Por final, um dos mendigos se colocou assim que pode ser visto muito bem pelas molecas e minha escrava, tirou seu pau grande, murcho e feio de seu lugar e também mijou por cima da moça, espalhando como os outros sua água por cima do corpo inteiro inclusive a face: “Agora todos os índios vão saber o que acontece com putas índias que acham que podem se prostituir em nossa vila.”

Colocaram a jovem feita bruxa ou fantasma horripilante em pé e começaram a enxotá-la em direção à mata, mas ela ficou imóvel em meio deles, olhando para o chão. Aí um rapaz pegou a índia pelo septo nasal, colocando polegar e dedo médio assim como se fossem um anel passado pelo septo. Não teve medo de mordidas, porque a menina não podia mais morder, mesmo se quisesse, por causa da língua travada, e assim ele a puxou para frente uns metros. Ela manquejava desajeitada para frente, a gente viu suas costas cheias de lama do chão mole pelo

mijo, e o rabo grotesco brotando na sua bunda. Um menino disse: “Espera.”

Com o dedo ele escreveu com grandes letras nas costas da moça a palavra PUTA. Mas o resultado não agradou a todos, já que os garranchos tiveram quase a mesma cor como a pele, e para melhorar a legibilidade fizeram fogo e queimaram algumas plantinhas secas para ganhar cinzas, e assim as letras nas costas foram reforçadas com cor negra. Aproveitaram o resto das cinzas para escrever o mesmo palavrão também na testa e na barriga da selvagem. Depois outro rapaz a segurou pelo septo nasal e a arrastou para frente como um boi emperrado puxado por um aro no nariz.

Aí um menino pegou um tufo de plantas secas como feno ou palha e o incendiou como uma tocha. Outros fizeram o mesmo e eles se aproximaram à moça. Quando chegaram por perto da pele da moça ela começou a andar para evitar o contato, abrindo as pernas para o cacto pendurando de sua vagina não picar os lados interiores das coxas, manquejando e bamboleando desajeitadamente. Assim os moleques a impeliram até a beira da mata e depois ela desapareceu.

Foi como se eu acordasse de um pesadelo. Repreendi a escrava: “Para que está olhando? Vamos logo!”

Cavalgamos rápido e só depois de três horas fizemos uma pausa. O tempo todo não consegui tirar as imagens horríveis da minha cabeça. Por que esses moleques o fizeram? Eles odiavam a índia? Certamente não. Eles queriam dar uma lição aos índios? Certamente era um pretexto. Por sinal, qual mensagem mandariam? Mandavam a mensagem que aqui moram pessoas perversas, doentes, doidas...

Mas o pior foi a pergunta: por que eu não ajudei à índia? Senti me mau, com remorsos, embora que sempre me dissesse que não pude fazer nada. Ela foi liberada, então não era mais nossa escrava. Era livre como qualquer animal da mata e eu não fui mais responsável por ela.

Mas se meninos capturam um macaco e o maltratam, acontece que um adulto os repreende. Não tem esse direito, mas repreende por achar a ação dos moleques imoral. Por que eu não intervim? Será que eu teria me intrometido se a índia fosse ainda uma princesa bonita como no primeiro dia? Quando a vira pela primeira vez, quisera a proteger dos outros, só não criei

coragem por ser mais novo do que os outros. Agora teria tido uma posição melhor. Talvez os moleques não obedecessem, mas se eu teria tentado proteger a índia, agora me sentiria melhor.

De novo me disse que não fora da minha conta repreender os moleques e proteger a índia, já que é uma selvagem e pertence a todos, como um animal da mata, que qualquer um pode matar ou capturar.

Mas se a igreja tiver razão? A maioria das ordens religiosas alegam que índios são seres humanos. Dizem, que até há cem anos os jesuítas tiveram missões, onde os índios viviam em aldeamentos, construindo igrejas, cantando em corais, trabalhando e estudando como outros seres humanos. Aprenderam latim, espanhol, português e outras línguas nas escolas. Se Deus considerar uma índia um ser humano, eu seria julgado por não lhe ajudar quando os moleques a torturavam. Se Deus realmente existir, ele me odiaria por não ajudar à índia quando ela mais precisava de mim.

Se Jesus tivesse sido presente ao ato de violência contra a índia? O que ele teria feito? Não sabia. Mas com certeza não ficaria inerte como eu.

Talvez tivesse sido aquele menino, que ficou distante dos outros, observando tudo com tristeza, tendo dó da vítima. Talvez Jesus tivesse chorado. Chorado por nossa maldade incrível. Mas talvez tivesse encontrado um meio inteligente para salvar a índia, conversando com os outros.

Lembrei-me da história de Jesus e da mulher adúltera, que pegaram em flagrante, bateram nela e a arrastaram nua pelas ruas para empedrá-la na praça. Passaram em frente de Jesus e aproveitaram para ouvir a opinião do mestre. Será que a julgaria também, concordando com o ato violento, ou será que defenderia uma adultera desafiando dessa maneira a lei? Jesus deve ter sentido a opressão, assim como eu tive medo de intervir em favor da índia. Mas ele achou um caminho prudente, dizendo simplesmente: “Quem de vocês não tiver pecado atire a primeira pedra.”

Será que existia também um caminho semelhante para eu salvar a índia? Como eu gostaria de ser um salvador de uma menina injustiçada! Mas como conseguiria achar as palavras certas que calhem como as palavras de Jesus? O que ele diria se ele estivesse agora

cavalgando com a gente e eu o pudesse perguntar?

Bom, provavelmente diria: “Eu estive na terra, sacrificando-me para você e as outras pessoas terem um bom exemplo em meus atos e minhas palavras. Realmente queria que vocês aprendessem de mim. Mas como você pode aprender, se você não lê, como eu resolvi as coisas? Você tem a sorte de ter uma Bíblia em casa, mas você não a lê. Seria pelo menos o primeiro passo. E se você não a entender, fale comigo, ore e me diga seus problemas para eu te ajudar entender a Bíblia, para você aprender de mim. E se tiver um problema que, mesmo assim, não sabe resolver, já que não tudo está descrito na Bíblia, fale de novo comigo e seja aberto para eu te cochichar a resposta em seu coração.”

Fiquei pensativo e triste e na minha meditação tive de repente a impressão, que tivesse realmente um terceiro cavaleiro entre mim e a escrava. Não olhei para o lado para não destruir a ilusão. E o cavaleiro falou: “Para onde está levando essa menina?”

“Para a sucursal de Raimundo.”

“Você quer entregar a menina nas mãos de Raimundo? Você não sabe, como esse homem trata as meninas?”

“O que posso fazer? Meu pai foi quem contratou esse sujeito. Tenho que trocar essa escrava por Rosalina. Sim, justamente por Raimundo ser cruel tenho que salvar Rosalina. O senhor vê, que tento fazer o bem, mas para consegui-lo tenho que entregar essa escrava...”

Senti que a impressão se dissipou. Olhei para o lado. Não teve ninguém a não ser a escrava, que me olhou surpreendida. Evidentemente falei de voz alta e ela não entendeu nada: “Desculpa, senhor, não entendi?”

“Foi nada não.”

Com essas palavras voltei a mim mesmo e depois de pouco estive novamente abismado em cogitações tétricas e agourentas. Imaginei a índia, que foi a nossa escrava, errando na mata, tropeçando nas plantas rasteiras.

Como ela agora pode chegar à sua tribo? Mal consegue andar. Não possui mãos para se defender e abrir o caminho. Muito triste. Que coisa horrível. Como eu pude deixar acontecer uma coisa terrível assim?

Tentei pensar em outras coisas. Tentei pensar em Rosalina ou em Analia, mas quando recordei os seus lindos corpos nus vi os cheios de espinhos perfurados nas partes mais sensíveis. Será que nunca mais poderia brincar com o corpo de uma menina nua sem me lembrar dessa cena tétrica e aterrador?

Achei que só a Rosalina poderia me salvar: “Ela, quem sabe, é a mulher que Deus fez para mim. Não posso casar com ela, mas posso cuidar dela e a amar. Quem sabe, ela irá me reconciliar com Deus. Ela, ao que parece, tem uma fé bem mais forte do que eu... Bom, o que importa agora é que eu pelo menos salve a Rosalina desse algoz perverso Raimundo. Pelo menos ela deve ser salva e ter uma vida melhor.”

Senti-me exausto e doentio. O sol ardeu e quando vi uma pedra em baixo de uma árvore mandei fazer uma parada. Sentei-me na pedra, que teve justamente o tamanho de uma cadeira e mandei a escrava ajoelhar-se entre minhas pernas. Não podia estuprá-la, porque a sua buceta nua me enjoaria evocando as imagens horríveis que vimos na manhã. Mas quis que ela me consolaria com sua língua e me refrescaria a mente. Precisava urgentemente de um refrigério

para ganhar novas forças. Meu pai estava preso, não podia me dar ao luxo de sentir me doentio.

Ela conhecia seus deveres de uma escrava e puta educada por meu pai e atendeu ao meu pau e aos meus testículos com carinho, dedicação e devida submissão, conseguindo esvaecer as imagens nojentas em minha cabeça. Demorou até meu pau reagir e subir. Ela já ficou preocupada, porque meninas, que não conseguem fazer um pau subir, quase sempre são castigadas. Mas eu sabia que desta vez não foi sua culpa e comecei a acariciar as bochechas e a nuca da jovem.

Logo percebi como o constrangimento e o medo nela diminuíram, ela se soltou grata e continuou lambendo e chupando, mas quando senti que estive perto de gozar peguei a cabeça pelos cabelos crespos e disse: “O leite hoje não é para você, vou deixar tudo para Rosalina.”

Falando assim senti a barriga lisa de Rosalina apertada em minha barriga, e seu colo tão gostoso ao redor de meu pau. Encostei a cabeça da escrava com a bochecha contra minha coxa e continuei dando-lhe afagos, e meus pentelhos fizeram-lhe cócegas na face e em sua alma inocente de escrava e puta submissa desde bem pequena. Meu pau erigido ficou em cima de seu

semblante como se queria protege-la ou como se seria adorada pela menina. De repente senti dó da jovem, que seria entregue a Raimundo, um homem brutal e perverso, sem que ela tiver feito mal nenhum.

Estávamos na sombra da árvore, mas o mormaço foi cansativo e tive a vontade de dormir, mas sabia que tivemos pressa. Meu pau começou a relaxar e desceu aos poucos até bater no nariz da menina. Animado pelo contato subiu de novo dois centímetros, mas depois relaxou de vez, deitando-se como uma serpente na face da escrava, dando ainda algumas palpitações, mas sem subir de novo, e depois ele deslizou aos poucos. Dei mais cafunés e carinho à menina e disse para a consolar, embora que ela nem soubesse que tinha um futuro difícil e doloroso na sucursal: “Você é uma puta muito boa. Gosto muito de você.”

Ela não respondeu e dei mais cafunés, mas de repente perguntei: “Quantas vezes já foi açoitada?”

Parece que ela esteve mentalmente ausente, talvez viajava em seu passado ou sonhava de um futuro, sei lá o que uma puta e escrava espere para o futuro. Perguntou: “Senhor?”

“Quantas vezes já te colocaram no posto ou na viga e te açoitaram direitinho?”

“Amarrada? Foram quatro vezes. Mas chicotadas... na fazenda recebemos todos os dias uma, duas ou até mais para trabalharmos mais rápido.”

“Sei, mas quatro vezes foi chicoteada de castigo?”

“Não sei se foi castigo. Na fazenda, sim, falaram que foi falta de respeito e a outra quando não alcancei a meta no trabalho. Também a última vez seu pai disse que eu seria castigada por não atender a todos os clientes com amor e dedicação devida. Mas logo quando cheguei ao seu pai foi açoitada na praça sem me explicarem por que. Acho que só foi para eu logo saber quem é meu dono e para eu o respeitar.”

“E após os açoitamentos foi estuprada?”

“Aqui na vila fui.”

“E como se sentiu durante os estupros? Eles mudaram algo em você?”

“Eu...eu...eu queria sempre ser uma escrava boa. Mas não tive como mostrá-lo. Fiz tudo que me disseram. Amo meu senhor e tentei amar os clientes e dedicar-me ao trabalho. Durante as

chicotadas e os estupros senti me tão vulnerável. Pensei: Por que tenho que sofrer tanto? Meu senhor não sabe, que eu o amo e sou sua escrava fiel e submissa?”

“Mas os homens gostam de você ainda mais, quando veem você chicoteada. Assim como às vezes dói, quando uma menina cuida de sua beleza, arrancando pelinhos, mordendo os lábios para eles ficarem vermelhos e gostosos ou forçando os cabelos em trancinhas muito apertadas, tipo rastafári. Assim você deve também ser feliz e grata por ser açoitada de vez em quando. O fato que depois dezenas de homens fazem fila para poderem dormir com você é a prova de sua valorização pelo açoitamento. Além disso, meu pai ganha dinheiro com um açoitamento que contribui para alimentar você e as outras putas e garantir uma morada boa para vocês. Também deve saber que as chicotadas contribuem para fazer de você uma menina cada vez melhor, mais suave e dedicada, e contribuem assim para você tiver sucesso na vida e poder agradar ao máximo ao seu dono, que ganha através de seu desempenho bom. Se você é açoitada, sabe que seu senhor se preocupa com você, querendo uma educação boa para

você, pensando no melhor para você. Está entendendo?”

“Sei, senhor. Sempre tentei sentir gratidão por ser açoitada. Sei que meu único dever é agradar aos meus senhores e os clientes e que tenho que pensar sempre no que é melhor para o meu senhor.”

“Diga a verdade. Depois de ser chicoteada até a sangue, preferiria ficar sozinha ou ser estuprada?”

“Não posso responder, senhor.”

“Não quer responder ou não pode?”

“Como o senhor já disse, sou feliz se sou estuprada por muitos, porque meu senhor ganha muito dinheiro desta maneira.”

“Na fazenda certamente ficou depois do açoitamento sozinha no cepo ou pendurada na viga. Não significa um certo consolo ficar nos braços de homens, que gostam de você? Não é um alívio, sentir nesse momento um homem gozar em você? Ou preferiria ficar na solidão como na fazenda?”

“Senhor, desculpe, mas jamais fiquei sozinha. A primeira vez que fui chicoteada assim, com dez anos, depois fui liberada para as escravas velhas

e da mão. Uma vez, quando uma colega foi açoitada e ficava na viga durante a noite, ouvi no outro dia os meninos contarem e se gabarem cheios de alegria e orgulho do que fizeram com a moça indefesa durante a noite. Foi horrível só ouvir as palavras deles, imagine ser a própria vítimas. Aí prefiro dez vezes ser estuprada por um homem, que se apaixonou por mim, mesmo que se apaixonasse através de chicotadas e não por realmente gostar de mim como pessoa."

"Pessoa?"

Ela não disse nada. Perguntei: "Você está se arvorando em uma pessoa?"

"Desculpa, senhor, queria dizer que prefiro dez vezes ser estuprado por um homem, que se apaixonou por mim, mesmo que se apaixonasse através de chicotadas e não por realmente gostar de mim como animal."

Dei um cafuné à menina e sorri: "Não, também não é um animal. Animais não podem aprender a língua portuguesa. Não exagere. Você é algo entre ser humano e animal, você é justamente uma escrava negra. Deve dizer que os homens gostam de você como negra ou como escrava."

"Desculpa."

Já fiquei mais calmo, parei de ver o tempo todo a índia torturada na minha mente. A cena espraiada pela puta diante meus olhos para ela certamente evoca lembranças horríveis, mas para mim não era nada. Moleques que fazem sacanagens com a buceta de uma escrava ou puta não me podem assustar. Como parte de meu serviço tenho que fazer quase as mesmas coisas com as meninas e não as considero exageradamente cruéis. Bom, eu as faço por necessidade, e esses moleques irresponsáveis, em parte meninos mimados de pais ricos, que não precisam lutar para ganhar a vida, mas só pensam em folias e farras, só molestam as escravas para se divertirem. Mas não vejo problema maior nisso; afinal de contas escravas e putas existem para isso. Os moleques devem satisfazer sua curiosidade e sua tendência natural para sacanagens com elas. Se não fossem as escravas e putas, quem sabe, eles iriam molestar meninas boas e muitas filhas consagradas de fazendeiros iriam perder seu cabaço antes do casamento, acabando em vinganças sanguinolentas e expulsão das filhas danificadas. Quem sabe, restariam poucas moças de famílias boas com cabaço intacto. Já que só virgens podem se casar, o povo brasileiro iria diminuir

em número, pelo menos em número de brancos e famílias boas, já que os pretos e favelados até transam com qualquer mulher e geram filhos sem se casarem sequer. Significaria, então, o fim da civilização, de tudo, que os colonizadores europeus geraram aqui no Brasil.

Tirei os dois peitos pardos da blusa e os apertei com carinho. Como alguns gostam de beliscá-los? Por que sentem uma comichão para fazer uma menina sofrer assim? Nem falando de trespassar mamilos com agulhas...: “Sabe, a Analia ficou comigo por um ano. Sabe que jamais bati nela? Acredita?”

“O senhor deve ser um homem muito bom.”

Sou um homem bom? Queria ser um homem bom, sim. Com certeza não vou bater na Rosalina. Vou provar que será possível educar uma menina sem violência. Só terei que acostumar minha esposa à presença de Rosalina. Ela poderia ficar em um escritório separado da casa para evitar atrito, mas o ideal seria ela ser um tipo de mucama íntima, que vive no quarto do casal, servindo aos dois. Vou animá-la para seduzir também minha esposa. Ficaríamos na cama nós três, amando uns aos outros, a Rosalina também chupando minha esposa.

Quem sabe, Ana Maria começará a gostar. Quem sabe, uma esposa pode virar também uma puta gostosa?

Três horas mais tarde chegamos à sucursal e chamei logo pela Rosalina. Raimundo saiu com mãos sujas pelo trabalho da sua oficina e disse: “Sinto muito, a Rosalina não está mais. Ela fugiu.”

Dados históricos: Depois da lei antitráfico, do dia 7 de novembro de 1831, o tráfico atlântico de escravos acontecia nos portos naturais da costa brasileira, cujos proprietários participavam da política local e provincial. A lei foi feita “para inglês ver”, para os ingleses verem que o próprio governo brasileiro coíbe o tráfico e desistirem de perseguir os navios brasileiros. Os grandes traficantes, com relações ótimas com o governo, não temiam ações da polícia contra o desembarque dos negreiros, mas evitaram os portos grandes para não provocar o governo e os abolicionistas com tamanha ousadia, e passaram a desembarcar em enseadas apropriadas de fazendas ao litoral.

Durante o quinquênio liberal (1844-48), o partido no poder em Pernambuco, o partido praieiro, enviou a polícia para apreender a carga dos navios negreiros consignados aos seus adversários na política local do partido conservador. A repressão ao tráfico serviu como instrumento político e econômico na luta contra o partido conservador, que se armou contra a polícia praieira, composta por proprietários rurais adeptos do partido praieiro, que ficavam com os cativos apreendidos.

Assim o tráfico com escravos, que alcançou os maiores números no século XIX, recebeu em Pernambuco um revés sério, já que os navios negreiros temiam a confiscação de todo o cargo, o que arruinava os capitães, armadores e também os consignatários. Logo depois do fim do governo praieiro o tráfico começou a se recuperar, mas foi por pouquíssimo tempo, já que em 1850 a rígida lei Eusébio de Queirós entrou em vigor, que acabou com o tráfico de vez, fora alguns poucos navios, que mesmo assim se arriscavam ainda aos transportes clandestinos.

Em 1871 o governo abaixou a Lei do Ventre Livre, e em 1889 a escravidão africana acabou de vez.

Sobre a autora: Petala Parreira vive no Estado Espírito Santo perto da capital Vitória. Começou a se prostituir regularmente com 14 anos, incentivada por “amigos“ e primos, principalmente para pagar dívidas deles com o tráfico. Jamais considerava sua profissão um mero bico ou suplício, mas sempre procurava um desempenho bom, trabalhando com dedicação e amor, e sempre travou muitas amizades com outras prostitutas, também através da internet. Compartilhava das ONGs APROSMIG (Associação de prostitutas Minas Gerais) e “Hookers for Jesus” (Piranhas de Jesus) e conheceu biografias comoventes, lancinantes e cruciais de prostitutas de vários países e se interessou por seus destinos muitas vezes cruéis e tristes, mas às vezes também encorajadores. Publicou os relatos em comunidades de prostitutas na rede Orkut para dar voz a quem não tinha voz. Escreveu também sobre meninas sequestradas por milícias muçulmanas (Nuas nas mãos do Boko Haram) e sobre uma menina brasileira que foi forçada a ficar na prisão masculina e torturada e abusada com conivência e permissão da polícia (Sozinha na prisão masculina). Seu primeiro livro “Contos de Prostitutas” é uma coletânea com histórias de prostitutas forçadas e meninas prostituídas de todo o mundo.

Sempre tenta mostrar que prostitutas também são seres humanas com coração, sentimentos, desejos, sonhos e esperanças por uma vida

melhor para si e principalmente por seus familiares. Outros temas são a violência, os abismos psicológicos na mente do ser humano e o sofrimento e a submissão das vítimas.

Livros e contos de Petala Parreira:

Contos de prostitutas

Meninas novinhas, obrigadas a se venderem, contam as coisas mais incríveis de suas vidas. Prostitutas e putas de vários países contam como foram seduzidas, exploradas, estupradas, escravizadas, abusadas e castigadas sem dó e relatam como viraram escravas e putas totalmente obedientes. Essa coletânea publica material confidencial de meninas presas no comercio do sexo e de organizações mafiosas. Você vai ler coisas, que você jamais imaginou. Com 147 páginas e mais de 50 fotos que ilustram como meninas novinhas são sacrificadas e exploradas na prostituição. Conheça um mundo que é fechado à maioria das pessoas. Muitos usam prostitutas, mas não conhecem seu coração, sua alma e a luta da vida delas. Entre centenas de relatos e destinos Petala Parreira escolheu os melhores para essa coletânea.

Puta

Uma jovem tailandesa tenra, frágil, bonita e submissa nas mãos da organização mais dura e rigorosa do mundo: a máfia russa. Leia como na Tailândia as meninas, desde pequenas, são preparadas para a prostituição, como elas são defloradas, vendidas, prostituídas, exploradas, endividadas, torturadas e vendidas e como a máfia

russa as trafica, treina, explora e tortura até alcançar a submissão absoluta de suas putas.

Nua nas mãos do Boko Haram
(Com fotos explícitas) Conheça o inferno incrível das meninas cristãs caçadas e capturadas pelo Boko Haram e outras milícias e grupos muçulmanos. Estupros em massa, humilhações, prostituição, açoitamentos, fome, tortura, crucificações e outras coisas horríveis acontecem a essas jovens infelizes, que caem vivas e nuas nas mãos do Boko Haram. Um livro que você jamais esquecerá.

Sozinha na prisão masculina
Policiais vingativos colocam uma jovem em uma cela lotada com vinte homens...

Escrava de favela
Petala Parreira, prostituta, puta e membro de “Piranhas para Jesus” publicou seu novo livro “Escrava de favela”, em que ela narra a vida horrível de uma menina vendida por seu pai em troca de drogas ao traficante local. O fenômeno de vender filhas a traficantes já bateu na justiça por várias vezes, mas raramente alguém foi preso por escravidão e prostituição forçada. Petala quer confrontar os leitores com o destino dessas meninas boazinhas e obedientes, que são vendidas por pais

irresponsáveis e transformadas em putas e escravas para divertirem os homens do tráfico.

Gramática portuguesa para putas
Gramática portuguesa para putas, prostitutas e outras garotas expertas e seus fãs e admiradores. Com esse livro atrevido, divertido e safado a leitura vira um prazer e a gramática aprende-se na diversão. Tudo sobre a língua portuguesa, aprovado por uns dos melhores gramáticos do Brasil, mas aplicado em exemplos engraçados, cheios de safadeza e apimentados com sexo e malícia. Assim aprender as regras complicadas vira um passatempo divertido e estimulante. 344 páginas com textos e fotos escolhidos por Petala Parreira, segundo muitos a prostituta mais gostosa do Brasil.

Puta perfeita
(Livro autobiográfico) Desde pequena me acostumei que prostituição é uma coisa normal e bacana, e que meu futuro poderia ser puta ou prostituta. Já com cinco anos colocavam às vezes roupas bonitas em mim e me elogiavam: “Que putinha bonitinha!” Assim imaginei que putinha é uma coisa gostosa, boa e elogiável. Aprendi ser puta já brincando com bonecas e com minhas amigas.

As melhores enquetes do Orkut
As melhores enquetes, comentários, relatos e confissões íntimas da internet. Salgadas, safadas, atrevidas. Sobre putas, sexo, meninas, mulheres, negras, mulatas, políticos, escola, gatas, cadelinhas, piriguetes, sociedade, evangélicas, buceta, submissão e muitos outros assuntos polémicos.

Contos avulsos:
Confissões forçadas de empregadas evangélicas novinhas
Amealhando uma novinha negra evangélica
Abraão e Isaquinha – versão moderna de um episódio bíblico

Desenhos animados:
Estado Islâmico (ISIS) Volume 1 até 16
O sofrimento das meninas cristãs, yazidis e de outras minorias nos Estado Islâmico

Livros de Petala Parreira se encontram em grande parte gratuitos na internet, por exemplo em:
https://portugues.free-ebooks.net/search/petala+parreira

https://www.google.de/search?hl=pt-BR&tbo=p&tbm=bks&q=inauthor:%22Petala+Parreira%22

http://portuguesparaputas.wordpress.com

https://openlibrary.org/authors/OL7283999A/Petala_Parreira

https://portuguesparaputas.wordpress.com/2015/04/13/contos-confissoes-de-putas/

http://petalap.blogspot.com